JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 18 de outubro de 1981 | Ano XCI — Nº 193 | Preço: Cr$ 40,00

TEMPO

RIO — Nublado com chuvas esparsas. Temperatura em declínio. Ventos Sudoeste fracos a moderados. Máxima de 26.9 na Praça XV e mínima de 17.5 no Alto da Boa Vista

O Salvamar informa que a temperatura da água é de 20 graus fora e dentro da barra. O mar está calmo com águas correndo de Sul para Leste

* Temperaturas referentes às últimas 24 horas

(Mapas na página 36)

O JORNAL DO BRASIL de hoje circula com dois cadernos de **Classificados**, Noticiário, **Cad. Especial, Cad. B, e Cad. de Quadrinhos**, mais **Revista do Domingo**.

PREÇOS, VENDA AVULSA:

Rio de Janeiro/ Minas Gerais
Dias úteis .... Cr$ 30,00
Domingos .... Cr$ 40,00

São Paulo/Espírito Santo
Dias úteis .... Cr$ 35,00
Domingos .... Cr$ 40,00

RS, SC, PR, MS, MT, GO, DF, BA, SE, AL, PE
Dias úteis .... Cr$ 50,00
Domingos .... Cr$ 50,00

Outros Estados e Territórios
Dias úteis .... Cr$ 60,00
Domingos .... Cr$ 60,00

Las Vegas, EUA/AP

Piquet não ligava para ser campeão mas ontem foi e gostou muito

Piquet ganhou título lutando contra todos

— Nunca tinha dado importância a ser campeão do mundo. Mas, agora que sou, sinto-me fantasticamente bem — disse Nelson Piquet Souto Mayor, 29 anos, o campeão mundial de Fórmula-1, que, ao tirar o 5º lugar na prova de Las Vegas (EUA), derrotou por um ponto (50 a 49) o argentino Carlos Reutemann, que ontem foi o 8º. Alan Jones chegou em primeiro.

Piquet fez sua melhor corrida da temporada — não correu para ganhar, mas para ser campeão. Ele mesmo explicou a Sílio Boccanera: "Quando eu estava atrás de Reutemann, senti que ele freava muito antes das curvas. Só podia ser para me enganar, dar a impressão de que havia um acidente pela frente. Mas, fiquei calmo. Ultrapassei Reutemann na hora certa."

Essa foi, diz Piquet, a única manobra estratégica — não se impressionar com o despistamento de seu principal rival — que lhe ocorreu, durante a corrida. No mais, tinha certeza de uma coisa: era ele contra todos os outros. Piquet agradeceu a Emerson Fittipaldi (o campeão de 1972 e 74) e a Chico Rosa, o administrador do Autódromo de Interlagos. O campeão só volta ao Brasil no final de novembro: ontem mesmo embarcou para a Inglaterra, onde testará o Brabham-Turbo. (Páginas 38 e 39)

Sadat queria evitar conflito com extremistas

Em sua última entrevista — cinco dias antes de morrer, dada à revista **Der Spiegel**, da Alemanha Ocidental — o Presidente Anwar Sadat justificou a campanha de repressão contra religiosos e políticos extremistas, que resultou na prisão de mais de 1 500 pessoas: era a única saída para evitar um conflito "como o Egito jamais tivera em sua longa história".

O JORNAL DO BRASIL divulga com exclusividade no Brasil a entrevista em que o Presidente assassinado em 6 de outubro revela que negociaria "incansavelmente" com os israelenses e americanos para conseguir a paz no Oriente Médio. Mas, qualifica o líder da OLP, Yasser Arafat, de "um homem desleal, que diz uma coisa agora e outra daqui a pouco". (Página 12)

Japão toma do Brasil mercado automobilístico

Apesar da proximidade geográfica, a indústria automobilística brasileira está perdendo para o Japão a batalha pelo mercado latino-americano, que poderia absorver parcela muito mais expressiva dos veículos que os brasileiros não estão comprando. O Japão já domina no Chile, no Paraguai e na Bolívia, enquanto Brasil só lidera no Uruguai.

Para recuperar o mercado chileno, onde já dominou, a indústria brasileira teria de melhorar a qualidade de seus veículos, resolver problemas de frete — que é mais caro que o japonês — e oferecer melhores condições de financiamento. Na Argentina, porém, a crise é tão forte que todos foram derrotados: os japoneses, os brasileiros e a própria indústria local. (Página 34)

Seqüestrador é preso com Cr$ 15 milhões

O DOPS confirmou a prisão do seqüestrador de Leonardo Carolo, 10 anos, filho de Laerte Carolo, usineiro de Pontal (SP), resgatado no início do mês por Cr$ 20 milhões. Ivã Marcos Maggio foi preso com Cr$ 15 milhões em sacos de lixo plásticos, na mala do carro. Ele se rendeu depois que a polícia disparou três tiros quando tentava fugir num Volkswagen vermelho.

Ivã Maggio confessou ter comprado imóveis no litoral paulista e em Campinas com os Cr$ 5 milhões que faltavam. Para prender Maggio, de quem já desconfiava, a polícia fez divulgar que o principal suspeito era Moisés do Nascimento Cabral, conhecido por **Tenente Cabral**. Com isso, Ivã voltou a Ribeirão Preto, de onde fugira após receber o resgate. (Página 36)

Um carro sempre fica melhor com um bom som

Seja você um fanático por som, seja uma pessoa que gosta de ouvir música ao dirigir, seu carro estará sempre mais bem-vestido se tiver um bom rádio ou toca-fitas, equipamentos de bom material nacional que podem custar de Cr$ 8 mil a Cr$ 60 mil. A ginástica e o exercício fazem bem e, bem aproveitados, podem arrumar o corpo suavemente, propiciando a conquista do perfil ideal, se você conhecer os limites do seu físico.

Caderno B

Tendências da moda se incorporam aos "jeans"

O conforto continua sendo o mais importante, porém, em suas muitas variantes, o jeans já não é apenas a calça em brim tinturado de azul-índigo desbotável. Depois da voga dos modelos assinados por grandes estilistas, as tendências da moda se incorporam ao jeans: calças largonas ou justas, minivestidos ou saias largas, shorts e blusões se adaptam ao neo-romântico, ao punk, ao estilo cowboy e ao folclórico.

Revista do Domingo

Desesperança domina vésperas de Cancún

Desesperança e ceticismo são os sentimentos dominantes nas vésperas da reunião que se realiza esta semana em Cancún, México, onde 22 países debaterão a situação e as divergências econômicas dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, dentro do Diálogo Norte-Sul. Na pág. 14 do 1º caderno, o Chanceler Saraiva Guerreiro, que representará o Brasil em Cancún, aponta a cooperação internacional como prioridade no diálogo.

Especial

Inflação gera infidelidade no consumidor

O aperto no poder aquisitivo do consumidor, por causa da inflação, provocou mudanças nos hábitos de consumo e infidelidade às grandes marcas: hoje, compra-se o produto mais barato, revela pesquisa da Santos Diniz Consultoria de Marketing. Pesquisa da A. C. Nielsen mostra queda geral na compra e venda de alimentos.

O consumidor revê seus pontos-de-vista a cada nova compra, o que torna difíceis e vulneráveis as marcas mais conhecidas. O setor mais afetado pelas mudanças dos hábitos são os supérfluos — perfumaria, enlatados e laticínios. Não sofreram alteração os mais essenciais na alimentação — cereais, óleos e massas alimentícias. (Página 31)

Transporte no Grande Rio é o pior do Brasil

O sistema de transportes coletivos do Grande Rio é o mais desorganizado do Brasil: as passagens são as mais caras (Cr$ 39,50, em média); maiores os gastos em relação ao salário mínimo (23%) e maiores os aumentos (875% desde janeiro de 79). É onde há mais empresas (126) e onde ocorre a maior diferença entre a elevação dos custos das empresas e a das tarifas.

Esses dados constam do estudo **As tarifas dos ônibus urbanos**, do Ministério dos Transportes, que aponta como principais causas dessa situação a desorganização das empresas e a falta de controle sobre as tarifas. Por isso, o Ministro Eliseu Resende só pensará em subsídios quando forem eliminados os custos excessivos do transporte. (Página 24)

Cleveland/Camponella Neto

Figueiredo chega à clínica entre os médicos William Sheldon (grisalho) e Aloísio de Salles (mão no bolso)

DPF pede missa, prende padre e três freiras

Por se recusarem a comparecer à missa que a Polícia Federal mandou rezar em São Geraldo do Araguaia, Pará — para aliviar a tensão na cidade desde a prisão ali de dois padres franceses — três freiras vicentinas e um padre redentorista irlandês foram presos pelo DPF, segundo comunicação recebida da diocese de Conceição do Araguaia pela CNBB.

Um destacamento especial da Polícia Federal foi designado para efetuar as prisões. O religioso irlandês, Padre Peter, é assessor de Dom José Patrick, Bispo de Conceição do Araguaia, que está em Brasília acompanhando o caso dos padres franceses. A identidade das irmãs vicentinas não foi revelada. (Pág. 18)

Figueiredo já nos EUA decide hora do exame

O Presidente Figueiredo, internado desde ontem à noite na Cleveland Clinic, decide na manhã de hoje se iniciará imediatamente os exames que definirão se a operação de ponte de safena será necessária. A partida de Brasília foi retardada, porque os passaportes da comitiva estavam nas malas, o que causaria problemas na chegada aos Estados Unidos.

Antes de viajar, Figueiredo enviou mensagem ao Comitê de Imprensa da Presidência da República, em que diz estar deixando o país certo de poder continuar a obra de democratização. E acrescenta: "A manifestação muito me honra e me comove, sobretudo partindo de profissionais do jornalismo, cuja missão é usar a liberdade em benefício da verdade democrática. (Pág. 18)

Coluna do Castello

Condicionantes da sucessão

Brasília — *Embora ainda se deva trabalhar com a hipótese de uma nova sucessão militar na Presidência da República, em 1984, há indícios da viabilidade de outras hipóteses. O primeiro desses indícios decorre da eleição de 1982, em que se elegerão por voto direto todos os governadores de Estado e da qual sairá uma representação parlamentar bastante fragmentada, a ponto de ser previsível que não haja mais Partidos com a maioria absoluta na Câmara dos Deputados.*

O Governo poderá continuar a ter maioria no Congresso, mas provavelmente terá que tê-las mediante negociação, logo mediante participação efetiva no Governo dos Partidos que o apoiarem. Esse novo preço da maioria altera em substância o pacto político e dilui as bases de sustentação do Poder. A manutenção da eleição indireta do Presidente e do Vice-Presidente da República torna-se problemática. Para o próprio sistema, se perdido estiver o controle do Colégio Eleitoral, a eleição direta poderá ser a melhor hipótese, pois numa situação de normalidade democrática teria candidatos aceitáveis numa coligação solidamente implantada nos Estados.

Tal colocação do problema não exclui necessariamente a candidatura de um militar, mas não a torna compulsória. Para disputar eleições os candidatos civis são mais flexíveis. Na República de 1946 os militares perderam todas as eleições, salvo no primeiro mandato, quando os dois candidatos eram oficiais-generais das Forças Armadas. Perderam o Brigadeiro Eduardo Gomes (duas vezes), o General Juarez Távora e o General Teixeira Lott.

Mas se for mantido o statu quo, *isto é, se o Governo fizer por intermédio do PDS a maioria parlamentar e conseguir o controle do Colégio Eleitoral por seus próprios meios, aí não se deverá pensar em eleição direta do Presidente, salvo pressões ainda imprevisíveis. A escolha indireta de um Chefe do Governo Federal também não exclui por si mesma a hipótese da candidatura civil. Hoje há mesmo uma tendência para fazer listas de civis presidenciáveis, sempre encabeçadas pelo Vice-Presidente Aureliano Chaves, mas comportando alternativas.*

A candidatura militar, que estaria na lógica do sistema, encontra dificuldades crescentes. Em primeiro lugar a rotatividade na alta hierarquia militar produziu os efeitos a que visava — a eliminação de lideranças políticas nos quartéis. Há comandantes prestigiosos mas não há líderes distinguíveis. Em segundo lugar, agravou-se a dualidade entre os grupos militares representativos e sua presença política no sistema. Referimo-nos ao crescimento da chamada comunidade de informações e segurança, que se constituiu num aparelho à parte, dominado por militares mas não representativa das Forças Armadas.

A consolidação desse aparelho, criado ainda em 1964, produziu uma força nova constituída pelos oficiais especialistas em informações. A natureza do regime político em que vivíamos ou em que até certo ponto ainda vivemos, possibilitando o exercício sem controle de atividades desenvolvidas em nome da segurança nacional, contribuiu para desvirtuar no seu objetivo inicial o SNI, criado pelo General Golbery do Couto e Silva. De órgão de assessoramento do Presidente da República, essa instituição, ampliando seus quadros, hoje quase permanentes, e instalando-se no interior de toda a administração civil e militar, transformou-se numa espécie de polícia política e uma polícia que age intimamente vinculada aos órgãos de repressão criados no período de exceção e ainda não desativados. Com quadros estabilizados e atuando à sombra do sigilo, tornou-se uma espécie de autarquia no sistema.

As divisões de segurança e informação, implantadas em todos os Ministérios com ramificações nos demais órgãos e empresas ligadas ao Governo, mantêm sob controle ideológico e político a administração e fiscaliza a vida de todos os cidadãos vinculados ao Estado, seja qual for a natureza da sua função ou a origem da sua formação. Ora, há de compreender-se que oficiais superiores das Forças Armadas sintam o incômodo de uma atitude suspeitosa, que é naturalmente a daquelas pessoas que vivem de receber e apurar denúncias e "informes" e de desconfiar por princípio da lealdade de todos.

Para dar idéia do que ocorre, vou contar pequena história edificante. Certa vez um general de quatro estrelas, no exercício de destacado comando, convidou-me para uma conversa. Acertados dia, hora e local, o general mandou pedir-me que, na data aprazada, pela manhã, eu desse um toque de telefone para ele, contanto que não usasse o telefone da minha casa. Ora, fui visitá-lo em área militar, no Setor Militar Urbano, de acesso controlado. A placa do meu carro foi anotada e anotados foram os números da minha carteira de identidade e da carteira do motorista. Logo, não havia problemas com o Exército. A visita não era sigilosa para o Exército, mas provavelmente o general não gostaria que alguém mais estivesse informado de tão inesperado encontro.

Todos os brasileiros, mesmo que não tenham razão para isso, se sentem vigiados. Os militares não são uma exceção. E essa pode ser a fonte de dificuldades para fazer de um homem da comunidade de informações e segurança o futuro Presidente da República. E vice-versa.

Carlos Castello Branco

Jurisprudência do TSE é desfavorável a Jânio

Brasília — A jurisprudência do Tribunal Superior Eleitoral é inteiramente desfavorável às prentensões do Sr Jânio Quadros de recorrer à Justiça no caso de ter rejeitada a sua filiação ao PMDB, muito embora o ex-Ministro Victor Nunes Leal, contratado como advogado pelo ex-Presidente, considere o caso "uma boa causa".

Julgando reclamação do jornalista Francisco Assis d'Veras — o Jeff Thomas — que teve sua filiação ao PDMB recusada, o TSE acolheu voto do então Ministro Leitão de Abreu e decidiu que caberia, unicamente, à hierarquia partidária, apreciar recurso contra o indeferimento de filiação nos quadros de agremiação política.

Jeff Thomas, em 1977, teve denegada sua filiação perante o diretório metropolitano do MDB de Natal, Rio Grande do Norte, por ter sido julgada procedente a impugnação. Procurou filiar-se no diretório nacional do MDB, mas o pedido foi novamente indeferido. Para o TSE, a Justiça somente intervirá em casos dessa espécie, quando o eleitor for impedido de assinar a ficha, ou o diretório deixar de afixar o aviso para impugnação ou, de qualquer forma, impedir ou dificultar a filiação.

A reclamação do jornalista não foi conhecida, por não caber à Justiça Eleitoral deferir a filiação nem apreciar recurso de decisão indeferitória.

O caminho do mandado de segurança, lembrado pelo próprio ex-Presidente Jânio Quadros, também não encontra acolhida na jurisprudência do TSE. Seguindo vários precedentes, o Tribunal, em recente acórdão, de autoria do Ministro Souza Andrade, decidiu ser incabível mandado de segurança contra ato de Partido político. Isto porque, embora com personalidade jurídica de Direito Público, essa agremiação não é pessoa administrativa, não podendo assim ser considerada órgão do Estado.

Tratava-se no caso de recurso ordinário contra a cassação pelo TRE de Mato Grosso, de mandado de segurança impetrado contra ato do presidente da Comissão Executiva Municipal do PDS de Mirassol do Oeste, visando à nulidade de convenção. O TSE, por unanimidade, não deu provimento ao recurso.

Há juristas, porém, que entendem ser a filiação partidária uma espécie de contrato de adesão na espera do Direito Público. Assim, tendo em vista o Artigo 3º do Estatuto do PMDB, essa agremiação estaria obrigada a aceitar "todos os cidadãos que aceitem o seu programa e o seu estatuto e estejam dispostos a lutar pelo estado de direito democrático". Para esses juristas, a impugnação de filiação não teria o sentido e a amplitude que lhe atribuem os opositores ou adversários do ex-Presidente Jânio Quadros, sendo antes um ato de natureza formal.

Mas, mesmo na hipótese de ser correta a tese defendida por esses juristas, a matéria dificilmente poderia ser discutida em outro foro — como se pretende — a não ser o da Justiça Eleitoral, onde deveria ter pouca receptividade. O debate em torno do assunto dificultou-se a partir do Código Eleitoral de 1950, pois anteriormente, na vigência do decreto nº 21 076/32, os Partidos políticos ainda tinham as características de pessoas jurídicas de Direito Privado, com registro obrigatório no cartório respectivo e não no TSE, como hoje ocorre. Não tendo então personalidade jurídica de Direito Público interno, como lhe atribuiu o Artigo 2º da vigente lei nº 5 682/71, os Partidos políticos podiam, antigamente, resolver seus problemas no âmbito da Justiça comum. Agora não.

Achoa compara veto ao AI-5

São Paulo — O Deputado Samir Achoa (PMDB-SP), o mais votado em São Paulo nas últimas eleições, considerou ontem que os pedidos de impugnação apresentados e o provável veto da Comissão Executiva Nacional do PMDB à filiação do ex-Presidente Jânio Quadros constituem "algo pior que o extinto AI-5".

O Sr Samir Achoa acusou o Senador Franco Montoro (PMDB-SP), visto como principal articulador do veto ao ex-Presidente, de "gerador de picuinhas" que, segundo ele "podem destruir o PMDB". Dirigentes nacionais do PMDB asseguraram ontem, em São Paulo, que se o ex-Presidente Jânio Quadros recorrer, diante do eventual repúdio da Executiva, ao Diretório Nacional, este aprovará a sua filiação ao Partido. Segundo esses dirigentes, se dependesse do Diretório Nacional, o Sr Jânio Quadros já estaria com sua filiação ao PMDB aprovada.

Ao falar ontem, solidário com os parlamentares de diversos Estados que está esboçando uma reação para reverter a expectativa de rejeição da filiação do ex-Presidente, o Sr Samir Achoa anunciou que vai "exigir" do PMDB a definição das regras para aceitação ou rejeição de filiados.

Ulysses explica ausência

Salvador — O presidente do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, negou ontem que a ausência da bancada do Partido, na sessão em que foi arquivada a emenda de autoria do Senador Orestes Quércia, convocando a Assembléia Constituinte, tenha ligação com o empenho do parlamentar em trazer o ex-Presidente Jânio Quadros para a agremiação.

— Temos o maior respeito pelo Senador Orestes Quércia — afirmou Ulysses — mas é preciso esclarecer que a emenda era dele, e não do Partido como um todo. Ele chegou a levar a proposta à direção do PMDB, mas como houve opiniões divergentes quanto à formulação da emenda, ela ficou como uma iniciativa pessoal, não partidária.

DECISÃO POLÍTICA

Ulysses Guimarães acentuou que a comissão executiva nacional do PMDB, que se reunirá terça-feira para apreciar o pedido de filiação de Jânio Quadros, tomará uma decisão política. "Qualquer um", explicou, "tem o direito de pedir ingresso no PMDB, mas o Partido tem o direito de aprovar ou rejeitar."

Explicou que a direção nacional levará em consideração as manifestações de parlamentares favoráveis à entrada de Jânio no PMDB, mas também as contrárias, apresentadas pelos diretórios de São Paulo, Santa Catarina e Espírito Santo.

Lembrou que o ex-Presidente é uma personalidade polêmica, embora reconheça que a discussão sobre seu ingresso é "salutar" para o Partido. "Somos um Partido democrático que busca o consenso, não a unanimidade", disse Ulysses Guimarães, que encerrou ontem à noite em Salvador o 1º Encontro Nacional sobre o Nordeste, promovido pelo PMDB.

PDT gaúcho procura coligações

Porto Alegre — A iniciativa anunciada pelo presidente em exercício da Assembléia Legislativa, Deputado José Albrecht, de aliciar os participantes da pré-convenção regional que formalizará hoje a candidatura do Deputado federal Alceu Collares ao Governo estadual — para obrigar o ex-Governador Leonel Brizola a concorrer ao Senado pelo Rio Grande do Sul — irritou as principais lideranças do PDT gaúcho.

A reação se deve ao fato de que, de comum acordo com Brizola e Collares, os dirigentes do Partido e os membros de suas bancadas federal e estadual se comprometeram a manter em aberto as candidaturas a vice-governador e ao Senado, para dar seguimento às conversações que o PDT iniciou com o PP e o PT gaúchos, com vistas a uma coligação eleitoral, em 1982.

A pré-convenção será aberta às 9h, na Assembléia Legislativa, com a chegada festiva do Deputado Alceu Collares e terá a presença de Leonel Brizola.

Prisco não quer muita campanha

Salvador — O secretário-geral do PDS, Deputado Prisco Viana, disse ontem que a campanha eleitoral do seu Partido deve ser de curta duração, "a fim de evitar desgaste". Ele condenou a realização de convenções para escolha de candidatos desde agora.

O Sr Prisco Viana não teme que o lançamento de candidatos oposicionistas, desde já, venha a significar para o Partido do Governo perda de votos nas eleições do próximo ano. Entende que, sem precisar lançar candidaturas oficialmente, os Governos federal e estaduais já trabalham indiretamente a favor de futuros candidatos do PDS.

Nélson prefere trabalhar pela candidatura Saturnino

O Senador Nelson Carneiro negou ontem que seja candidato a uma sublegenda para disputar o Governo do Rio de Janeiro e acentuou que lhe parece "desnecessário afirmar que o PMDB só tem um candidato ao Governo do Estado, o nobre Senador Roberto Saturnino Braga."

"Não creio nem desejo", acrescentou, referindo-se à possibilidade do proejto que estende a sublegenda às eleições de governadores ser aprovado pelo Congresso. "Meu esforço, no momento, é para fazer da candidatura Saturnino uma candidatura vitoriosa", declarou Nelson Carneiro.

Conjecturas

Disse compreender que "no campo movediço das possibilidades" haja conjecturas e ilações em torno do lançamento de seu nome para a sucessão fluminense. O Senador Nelson Carneiro admitiu que tem recebido "de um ou outro amigo" apelo para que dispute o Governo estadual. "Mas é tudo na base da conversa, sem nenhuma mobilização", ressaltou.

— Eu afasto a possibilidade de ser candidato — continuou Nelson Carneiro — pela preliminar, porque acredito que o Governo vai perder a batalha da sublegenda no Congresso. No Senado, além dos votos das oposições, há quatro representantes do PDS que já se declararam publicamente contra a sublegenda.

Nelson Carneiro acha "muito difícil" que o Governo consiga que esses quatro senadores pedessistas não compareçam no dia da votação, "pois eles já assumiram publicamente o compromisso de votar contra a sublegenda." Restaria, assim, a alternativa da aprovação do projeto por decurso de prazo, hipótese que levará o PMDB "a valer-se também da sublegenda, nos Estados onde tenha mais de um bom nome para concorrer".

— No caso do Estado do Rio — afirmou — espero que o crescimento da candidatura do Senador Roberto Saturnino torne a sublegenda desnecessária.

Segundo Nélson Carneiro, seu correligionário Roberto Saturnino tem a desvantagem de ser "um homem do antigo Estado do Rio, mais conhecido no interior do que na Capital". Acentuou que " se ele fosse da antiga Guanabara seria melhor, porque é mais fácil penetrar no interior".

Afirmou que, até o início do próximo ano será possível avaliar o crescimento do candidato do PMDB no conjunto do Estado. "Com a penetração que ele vai tendo e se lhe concederem a televisão, acredito que Saturnino se afirmará como grande candidato", disse o Senador Nélson Carneiro.

Com Ulysses

Ao argumento de que a amizade pessoal com o Senador Amaral Peixoto, antigo companheiro do PSD e MDB agora no PDS, recomendaria seu lançamento, para captar votos do Partido do Governo, Nélson Carneiro opôs uma objeção: "O PDS tem vários candidatos e também pode entrar no páreo da sucessão, dependendo do nome que lance."

Ele falou da "admiração e amizade que me unem ao eminente Senador Amaral Peixoto, um dos melhores homens públicos com quem convivi durante os 52 anos de minha carreira política", mas esclareceu que "meu companheiro de apartamento em Brasília, há 10 anos, é meu querido amigo Ulysses Guimarães, ilustre presidente do PMDB", retificou.

Afirmou ainda que não esteve recentemente nos Estados Unidos para ser operado. "Fiz apenas diversos exames, que constataram a perícia e o êxito das operações a que me submeti ano passado em São Paulo."

Prefeitos contra

O Prefeito de Resende, Noel de Carvalho, divulgou nota assinada por ele, Jarbas Stelman (Paraíba do Sul), Carlos Emir (Macaé) e José Bonifácio (Cabo Frio) — os quatro Prefeitos do PMDB fluminense — criticando o Deputado Paulo Rattes que defende a candidatura Nelson Carneiro. "Estranhamos e lamentamos o pronunciamento de um membro da executiva nacional do PMDB em favor da utilização da sublegenda na eleição para o Governo do Estado do Rio, às vésperas da votação do projeto do PDS, contra o qual o PMDB vai fechar questão", diz o documento.

Segundo os Prefeitos, "o argumento de que o Senador Nelson Carneiro atrairia o apoio do grupo ligado ao Senador Amaral Peixoto é ainda mais absurdo, porque a absoluta maioria do PMDB repudia qualquer aproximação com correntes representativas do Partido do autoritarismo". A nota conclui reafirmando "apoio integral" à candidatura do Senador Roberto Saturnino ao Governo fluminense.

Itamar lamenta lançamento de Tancredo

Belo Horizonte — "O nosso mal é pensar que, depois de 17 anos de regime fechado, o Governo é fraco", declarou ontem o Senador Itamar Franco, presidente regional do PMDB, ao lamentar a candidatura do presidente nacional do PP, Senador Tancredo Neves, ao Governo de Minas Gerais. Embora considere a candidatura Tancredo Neves como "das mais responsáveis", desabafou: "Não houve quem buscasse a união das oposições mais que eu."

Itamar Franco discordou, também, do presidente nacional do PT, Luís Ignacio da Silva, para quem as bases partidárias não querem a coligação das oposições. O Senador reafirmou sua proposta de exame de um programa comum para os Partidos da oposição, mas não aceita discuti-lo somente em maio, conforme deseja Lula, para coincidir com a convenção do PT. "Em maio, será tarde demais para as oposições se unirem", advertiu.

— A oposição brasileira, num todo, esqueceu a grande medida casuística adotada pelo Governo, que foi a prorrogação dos mandatos para prefeitos e vereadores. Esqueceu que neste país vamos ter eleições coincidentes e que a Oposição tem poucos prefeitos, principalmente em Minas. Estamos esquecendo a máquina estatal, o poder econômico. O povo está na Oposição, mas em qual Oposição? — perguntou.

O presidente do PMDB mineiro participou ontem, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, de um debate com representantes do PP, PDS, PDT e PT, para o lançamento de **As Lutas Camponesas no Brasil**. O livro é edição conjunta da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais e da editora Marco Zero.

Opção partidária determina tratamento de prefeitos

Carlos Absalão

A nova realidade partidária já produziu reflexos profundos no relacionamento entre o Governo federal, o Governo do Estado e as Prefeituras municipais. O Prefeito de Nilópolis, João Baptista da Silva, do Partido Popular, não consegue obter nenhuma ajuda do Governo federal desde que o grupo do Governador Chagas Freitas decidiu organizar o PP.

Até mesmo a compensação da diferença da cota do ICM que o Governo federal havia-se obrigado a dar aos municípios, por força da Lei Complementar nº 20 que ele próprio instituiu em 1974 para promover a fusão entre os antigos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, não é repassada pela União há dois anos, segundo o Prefeito de Nilópolis.

Ele julga natural tal procedimento do Governo federal, ponderando que afinal não pertence aos quadros do Partido Democrático Social o Partido do Governo. O Prefeito de Nilópolis tem cobertura financeira do Governo do Estado, do PP, e revela que como não ganha nada do Governo federal o Governo do Estado não dá nada para os Prefeitos do PDS.

O Prefeito de Niterói, Wellington Moreira Franco, do PDS, confirma que há uma discriminação partidária no relacionamento do Governo estadual com as prefeituras, mas se queixa da campanha de sabotagem que sua administração vem sofrendo, por parte do Governo do Estado, com o objetivo de desmoralizá-lo e indispô-lo contra a população niteroiense.

Nem o próprio vice-Governador, Hamilton Xavier, do PDS, escapou das escaramuças. Sua casa, no Ingá, em Niterói, é abastecida agora regularmente por um caminhão-pipa da Prefeitura porque começou a faltar água no seu bairro de repente.

O Prefeito de Resende, Noel de Carvalho, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), também não obtém nenhuma ajuda do Governo do Estado mas conseguiu levantar na esfera federal financiamentos no valor de Cr$ 2 bilhões e 900 milhões só para projetos de natureza social.

Noel de Carvalho não esconde que a Academia Militar de Agulhas Negras "ajuda a influir positivamente" no relacionamento da Prefeitura de Resende com os órgãos federais, mas argumenta que as condições de localização excepcionais do município, no centro do eixo Rio—São Paulo, são fatores de atração para os investimentos federais na região.

Pemedebista reclama do Estado

O Prefeito de Resende, Noel de Carvalho (PMDB), vai dar um prazo para o Governo do Estado inaugurar o Colégio Estadual Antonina Ramos Freire, no bairro proletário de Cidade Alegria, antes de ocupá-lo pacificamente com alunos e professores contratados pela Prefeitura.

O colégio está praticamente concluído há um ano e sua inauguração vem sendo retardada, segundo Noel de Carvalho, por motivos políticos. O Prefeito do PMDB reclama do Governador do PP, mas não tem queixas do Governo federal, de quem já obteve, através do Ministério do Interior e do BNH, financiamentos de Cr$ 2 bilhões e 900 milhões só para projetos de natureza social.

Resende-RJ/Basilio Calazans

Noel de Carvalho está construindo três conjuntos habitacionais com apoio federal

Rivalidade política

Quando fala do Governo Chagas Freitas, o Prefeito Noel de Carvalho sente saudades do Governo anterior, do Almirante Faria Lima, com quem sua Prefeitura conseguiu manter um relacionamento elevado, voltado para o interesse da comunidade. Embora integrasse na época o chamado grupo Autêntico do antigo MDB, isto não foi empecilho para que o Governo Faria Lima, da antiga Arena, firmasse três convênios com a Prefeitura de Resende.

O primeiro convênio foi para a construção do Quartel do Corpo de Bombeiros; o segundo resultou na construção do Balneário popular Boca do Rego, na margem do Rio Pirapitinga, com financiamento total de Cr$ 22 milhões pagos pela Flumitur; o terceiro, feito por intermédio da Secretaria de Educação da época, professora Myrthes Wendzel, foi para construção do colégio da Cidade Alegria, equipado com 10 salas de aulas e laboratórios de física e química.

Os três convênios foram obtidos da mesma forma: a Prefeitura cedia o terreno e o Estado custeava as obras. Quando o Almirante Faria Lima deixou o Governo, em março de 79, a obra do colégio já estava adiantada e a verba de Cr$ 22 milhões, para a construção, empenhada. Noel conta que depois disto a empreiteira começou a reclamar dos atrasos nos pagamentos das parcelas e a obra parou quando faltava a instalação de maçanetas nas portas.

O colégio só não foi ainda inaugurado, segundo o Prefeito, por que o Governo do Estado quer impedir sua participação na solenidade. Noel conta que já haviam tentado isto antes, quando o Secretário de Obras, Emílio Ibrahim, esteve nos distritos de Fumaça e Vargem Grande para inaugurar o sistema de distribuição de energia elétrica à região.

Noel de Carvalho havia preparado um palanque e o Governo do Estado preferiu encomendar outro ao Prefeito Marcelo Drable (PP), do município vizinho de Barra Mansa. O Prefeito de Resende foi assistir à inauguração mas, por precaução, levou um carro com sistema de som. Misturado aos moradores da região, ouviu os discursos dos líderes pepistas locais e decidiu pedir a palavra, depois que o Secretário de Obras discursou, para "restabelecer a verdade dos fatos". Seu gesto criou mal-estar e acabaram cedendo-lhe a palavra quando já se preparava para falar no seu próprio sistema de som.

Fez os agradecimentos que julgava adequados mas excluiu o Governo do Estado das homenagens "porque a única despesa que o Governador Chagas Freitas fez foi a da compra da placa de inauguração".

O Prefeito conta que no caso do colégio, o Secretário de Educação, Arnaldo Niskier, chegou a mandar-lhe um recado pedindo para que fizesse o favor de não comparecer à inauguração. E acha que a inauguração "michou porque respondi que iria, que ia levar um carro de som e que falaria se eles dissessem mentiras".

Em Resende, a demanda de alunos do primeiro grau tem crescido em proporções geométricas, obrigando a Prefeitura a improvisar recursos para atender aos excedentes. Em Itatiaia, por exemplo, há turmas instaladas numa igreja. No próprio bairro Cidade Alegria, a Prefeitura tenta obter por empréstimo um galpão que serviu antes de abatedouro de aves para acomodar novas turmas.

O Prefeito garante que tem condições de contratar amanhã 30 professoras e uma diretora para colocar o colégio em funcionamento.

Rodoviária

Nem só de rosas, porém, foi o relacionamento da Prefeitura de Resende com o Palácio Guanabara, na época do Governador Faria Lima. O Prefeito conta que em 78, quando o Almirante Faria Lima já se comportava como cabo eleitoral dos bezerros de ouro da antiga Arena, teve que travar uma luta difícil para conseguir firmar um convênio com a Coderte, para a construção de uma nova rodoviária na cidade.

A verba, de Cr$ 12 milhões, seria repassada pelo DNER mas o convênio só se viabilizou depois que o Prefeito de Resende arranjou também recursos para a construção de uma rodoviária no município de Campos, no Norte fluminense, governado na época pela Arena.

Assinado o convênio, comprou-se o terreno, iniciou-se o trabalho de terraplenagem, com toda a verba empenhada. Foi quando o Governador Chagas Freitas assumiu o Poder e mandou suspender a obra, decisão que o Prefeito compara a um crime contra "a maior ansiedade do povo resendense, que era uma nova rodoviária". Campos, porém, ganhou a rodoviária nova.

ICM

A maior preocupação do Prefeito de Resende no momento é com a lei aprovada pela maioria chaguista da Assembléia Legislativa, que dá poderes ao Governador Chagas Freitas para determinar a aplicação de um quarto do ICM dos municípios em obras estaduais. Noel de Carvalho julga que esta lei é inconstitucional.

Pela lei anterior, o Estado retinha 80% do ICM arrecadado e repassava ao município os 20% restantes. Pela nova lei, o Estado conserva os mesmos 80% e ainda fica com o direito de estabelecer a prioridade para a aplicação de 5%, só repassando efetivamente para o município 15% do ICM.

Autogestão

Noel de Carvalho pretende deixar em Resende, ao final de seu mandato, a marca de administração mais operante e eficiente que o município já conheceu. Em 180 anos de existência, foram construídos em Resende 28 kms de esgotos. Nos cinco anos de sua administração, o município ganhou mais 60 kms de esgotos. Todos os Governos municipais passados juntos calçaram 300 mil metros quadrados de ruas, exatamente a metade do que Noel calçou em cinco anos.

Todas as obras que realizou ou está realizando estão em bairros pobres, na periferia da cidade. A primeira obra do seu Governo no centro da cidade será a reforma da Praça Oliveira Botelho e custará Cr$ 15 milhões. Já inaugurou 14 postos de saúde, que funcionam em tempo integral com médicos, dentista e remédios de graça. Segundo o Prefeito, os postos de saúde atendem mais gente do que os postos do INPS, sem os atropelos de filas. A Prefeitura paga salários de Cr$ 55 mil aos médicos.

Sua meta é deixar pelo menos uma quadra de esportes em cada bairro ou distrito. Agora, ele se prepara para uma etapa mais ambiciosa, de transferir para a comunidade a gestão do próprio bairro. A primeira experiência vai ser feita no Bairro do Manejo. A associação de moradores vai gerir o bairro do galpão desapropriado para tal fim pela Prefeitura.

Academia Militar

O Prefeito Noel de Carvalho não esconde que a Academia Militar de Agulhas Negras "ajuda a influir positivamente" no relacionamento da Prefeitura de Resende com os órgãos federais. Ele destaca também as condições de localização excepcionais de Resende, no centro do eixo Rio—São Paulo, como fatores de peso para o investimento federal na região.

No momento, a Prefeitura do PMDB tem três convênios com o Ministério do Interior, dois dos quais através do BNH, para a construção de casas populares. O maior é o da Cidade Alegria, com 3 mil 501 unidades, ao custo de Cr$ 2 bilhões, financiados pelo BNH. Também pelo BNH foi feito o convênio Porto Real para a construção de 445 casas populares no valor de Cr$ 500 milhões. O terceiro convênio é para a construção de 291 casas populares no distrito de Engenheiro Passos, com o valor total de Cr$ 400 milhões.

A Prefeitura também teve sucesso na estratégia de aproximação com a iniciativa privada e conseguiu firmar três convênios, um para a construção da escola do Senai, outro para a construção do Centro de Formação Profissional do Senac e o terceiro para a construção do Centro de Atividades de Resende do Serviço Social da Industria (Sesi). As três obras já estão prontas e em pleno funcionamento.

O segredo do êxito com os órgãos federais, segundo o Prefeito, é estar em dia com as obrigações trabalhistas e não dever nada ao FGTS e ao INPS. Além disso, é preciso apresentar propostas concretas e exequíveis.

Nem sempre, porém, o Prefeito levou a melhor com o Governo federal. No caso do sistema produtor de água para Resende, o Prefeito teve que assinar um decreto passando todo o patrimônio de água do município para a Cedae, "por coação irresistível do Governo federal". O BNH condicionou a aplicação de Cr$ 2,5 bilhões para as obras do sistema produtor à cessão do patrimônio de água do município à Cedae.

Noel de Carvalho, por precaução, colocou uma cláusula pela qual o patrimônio de água do município de Resende só passará efetivamente para a Cedae depois de concluídas as obras do sistema produtor, com as adutoras-troncos e anéis de distribuição, que vão elevar em cerca de 1 mil metros cúbicos de água por hora o abastecimento da cidade.

No caso da instalação do complexo nuclear de Resende, com a construção de uma usina de conversão e outra de enriquecimento isotópico, todos os esforços do Prefeito foram em vão. Sua preocupação era saber por que razão haviam escolhido construir as usinas a 10 metros da margem do rio Paraíba, principal manancial do abastecimento de água do Rio de Janeiro. Sua pergunta até hoje não teve resposta adequada. Nem ele tampouco foi convencido de que não há risco de contágio da água do rio.

Pepista reclama da União

O Prefeito de Nilópolis, João Baptista da Silva (PP), está estudando a possibilidade de cancelar o convênio do Hospital Municipal Juscelino Kubitschek com o INAMPS porque as tarifas dos serviços de atendimento médico da previdência social não são reajustadas há dois anos.

A Prefeitura pediu o reajuste das tarifas no final de 1979 e até agora o seu ofício é empurrado de repartição para repartição dentro do INPS. O Prefeito não vincula uma coisa à outra, mas acha estranho que tudo tenha começado depois que o Governador Chagas Freitas decidiu organizar com o seu grupo o Partido Popular.

COINCIDÊNCIAS

Eleito pelo antigo MDB em 1976, o Prefeito João Baptista da Silva sempre permaneceu fiel ao grupo do Governador Chagas Freitas, mas desde que optou pelo PP as coisas mudaram para a sua administração em relação ao Governo federal. Nunca mais obteve nenhuma ajuda das repartições federais e até a compensação da diferença da cota do ICM que o Governo federal se havia obrigado a dar aos municípios, por força da Lei Complementar número 20, que instituiu a fusão dos antigos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, não é repassada pela União há dois anos.

Irônico, o Prefeito do PP estranha estas coincidências e diz que tem muito medo delas. "Afinal, isto aqui é um caldeirão" — comenta, referindo-se à situação social de Nilópolis, município mais pobre da Baixada Fluminense, com uma população de 150 mil habitantes espremida numa faixa de apenas 9 quilômetros quadrados de área territorial, o que dá uma densidade de número de habitantes por quilômetro quadrado talvez superior à de Copacabana.

Pensando nisto foi que o Prefeito procurou pessoalmente o Departamento Nacional de Obras e Saneamentos (DNOS), diversas vezes, para pedir ajuda para o saneamento básico da região. Não obteve resposta. Procurou depois a Empresa Brasileira de Transportes Urbanos (EBTU) para pedir recursos para saneamento, calçamento de ruas e construção de pontes, mas também não obteve sucesso.

Agora, o Prefeito não procura mais ajuda junto ao Governo federal porque já viu que não adianta. Conformado, ele se remexe na cadeira, coça a cabeça e comenta:

— Eles (o Governo federal) estão certos também. Não sou do PDS, sou do PP.

João Baptista da Silva acha natural que o Governo federal proceda consigo desta forma e comenta que o Prefeito de Niterói, Wellignton Moreira Franco, do PDS, recebeu da União Cr$ 1 bilhão.

— Não tenho nada contra o Moreira não — apressa-se em esclarecer o Prefeito do PP, assinalando: "Também ele não recebeu nada do Chagas". E, depois de uma breve pausa, acrescenta: "O Governo do Estado vai me dar mais do que isto".

PREVIDÊNCIA PARTIDÁRIA

O Hospital Juscelino Kubitschek é o único pronto-socorro municipal de toda a baixada fluminense e custa à Prefeitura de Nilópolis, mensalmente, Cr$ 9 milhões. O INAMPS paga apenas Cr$ 1 milhão e 800 mil, montante inferior a um terço da despesa real com o atendimento conveniado pela previdência e o prejuízo da Prefeitura tende a aumentar com as despesas relativas ao processamento das faturas.

— Este caso do INPS é o mais gritante — inflama-se o Prefeito, revoltado: "O hospital não é para mim não, é para atender a população" — declara, levantando-se da cadeira para apanhar um exemplar da revista **Municípios em Destaque**, da edição especial sobre o aniversário de Nilópolis.

Apenas no primeiro semestre do ano passado, o hospital atendeu a mais de 185 mil casos diferentes, dos quais apenas 60% eram moradores de Nilópolis. O Prefeito estima que hoje o atendimento para a população local será em torno de 50%, sendo o restante de moradores do município vizinho de Nova Iguaçu e até dos bairros cariocas de Anchieta e Deodoro, com 3,42%.

Quando o pedido de reajustamento das tarifas do serviço de atendimento médico da previdência foi para a Superintendência do INPS no Estado do Rio de Janeiro, o Prefeito julgou que a protelação iria acabar. "Afinal, o superintendente, Yassuchi Yonsshegi, foi criado aqui em Nilópolis, foi acadêmico no Hospital e chegou até a dirigi-lo". O quadro porém não mudou e o Prefeito disse que quis então dar o hospital mas o INPS não aceitou.

Outra decepção que guarda do Governo federal foi em relação à construção do Centro Cultural de Nilópolis, obra que daria à cidade um teatro, uma concha acústica para espetáculos ao ar livre, biblioteca e local para exposições de arte. O projeto preparado pela Prefeitura se ajustava como uma luva às linhas da política do Ministro da Educação, Eduardo Portella, de descentralizar os centros culturais.

— O secretário de assuntos culturais do MEC chegou a me garantir que estava tudo aprovado e que a verba sairia... — conta o Prefeito.

SUPORTE ECONÔMICO

De cada 10 pessoas que o Prefeito atende, oito ou nove vão lhe pedir emprego. O município forma anualmente 500 professores mas só tem condições de absorver 20. De todos, o emprego mais solicitado é o de "eu-faço-tudo". Segundo o Prefeito, 70% da população economicamente ativa de Nilópolis ganha um salário mínimo, dado que julga suficiente para mostrar a realidade social da região.

— Nas condições sub-humanas em que vive, esse povo é até calmo demais — comenta o Prefeito.

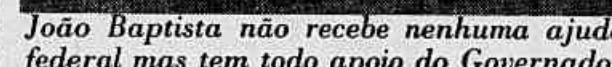
Para enfrentar esta realidade a Prefeitura dispõe de um orçamento de Cr$ 450 milhões para este ano, com a previsão de um pequeno superávit, recursos porém insuficientes para diminuir o volume de problemas e carências de Nilópolis.

A presença da administração municipal é visível pelo calçamento de 59 ruas e a construção de três praças, obras custeadas com recursos próprios. Só com este trabalho, a administração do Prefeito já conseguiu o título de recordista de Nilópolis, com o calçamento de 110 mil metros quadrados de ruas.

O Prefeito espera elevar mais ainda sua marca, com a promessa da ajuda do Govero do Estado no calçamento de mais 40 ruas e no asfaltamento de 1 mil e 500 metros de avenidas. No momento, o Governo do Estado está construindo uma escola da 1ª a 8ª série e o prédio do Fórum regional da baixada, obras que serão concluídas no ano que vem.

Também para o início do ano que vem está prevista a conclusão da adutora da Baixada, que vai solucionar o problema de abastecimento de água de toda a região da Baixada.

— O Governador tem-nos ajudado bastante, mas ele também tem os seus problemas — comenta o Prefeito de Nilópolis. Ele calcula entre Cr$ 800 mil e Cr$ 1 bilhão a ajuda direta que receberá do Governo estadual no ano que vem e só está esperando a definição dos recursos para combinar com o vice-Prefeito, Zélio Barbosa, o plano de obras para 82 e a estratégia eleitoral, pois pretende se desincompatibilizar em maio para concorrer à Câmara dos Deputados.

A única obra já definida, para o ano que vem, é a colocação de 20 Kms de manilha para completar o saneamento básico do bairro denominado Nova Cidade.

Nilópolis-RJ/Luiz Carlos David

João Baptista não recebe nenhuma ajuda federal mas tem todo apoio do Governador

Niterói/ RJ Cynthia Brito

Moreira Franco recomendou à empreiteira que preservasse o jequitibá na abertura da estrada

Prefeito de Niterói queixa-se da discriminação de Governador

Entre todos os 23 prefeitos que o PDS possui no Estado do Rio de Janeiro, talvez o de Niterói, Wellington Moreira Franco, seja o que coleciona o maior número de queixas e reclamações contra a administração estadual comandada pelo Partido Popular.

Sem qualquer apoio ou contato no Palácio Guanabara, Moreira Franco revela que em duas ocasiões teve que recorrer diretamente ao Governo federal para remover barreiras estaduais do caminho da Prefeitura. A primeira vez, no início da campanha de vacinação contra a poliomielite e, da outra, para garantir a distribuição da merenda escolar na rede municipal oficial.

POLIOMIELITE

O Prefeito Moreira Franco conta que no lançamento da primeira dose da campanha de vacinação contra a poliomielite, o estoque de vacinas em Niterói acabou antes das 15 horas, quando ainda havia filas nos postos de atendimento à população. "Teve que telefonar diretamente para o Ministro da Saúde, Waldir Arcoverde, reclamando, porque não queriam dar mais vacinas" — conta.

Segundo o Prefeito Moreira Franco, a remessa das vacinas só chegou a Niterói depois de um telefonema do Ministério da Saúde para o Palácio Guanabara. Ainda no setor de saúde, outra queixa do Prefeito foi em relação à distribuição dos medicamentos da Ceme, que é feita normalmente pela Secretaria Estadual de Saúde. Moreira revela que teve que fazer um convênio diretamente com a Ceme porque a Secretaria Estadual de Saúde não remetia os medicamentos para os postos de saúde mantidos pela Prefeitura de Niterói.

Na área de educação, o Prefeito de Niterói conta que teve que fazer um convênio diretamente com o Ministério da Educação e Cultura, na gestão do Ministro Eduardo Portella, porque a Secretaria Estadual de Educação não repassava para a sua Prefeitura a verba remetida pelo MEC para financiar a distribuição da merenda escolar na rede oficial do município. Depois do convênio, a Prefeitura distribuiu 1 milhão e 400 mil merendas, nos últimos quatro meses de 80.

RETENÇÃO DE VERBAS

Eleito pelo antigo MDB em 1976, com o apoio do sogro, Senador Amaral Peixoto, o Prefeito Moreira Franco aliou-se em 1978 ao grupo **chaguista** para preservar a unidade do antigo Partido de Oposição e garantir assim a eleição do sucessor do Governador Faria Lima. O MDB detinha então a maioria do colégio eleitoral indireto.

Foi nessa época que o Prefeito Moreira Franco, ainda no antigo MDB, conseguiu uma linha de crédito junto ao BNH no valor de Cr$ 800 milhões. O BNH daria o empréstimo pelo CURA, programa destinado à renovação urbana, e faria os depósitos no agente financeiro escolhido pelo Prefeito.

Moreira Franco escolheu o Banerj, para prestigiar o Banco do Estado, que nestas operações de repasse cobra 2%. Depois do rompimento político entre os grupos **chaguista** e **amaralista**, os repasses continuaram a ser feitos normalmente. Com a saída de José Luís de Magalhães Lins da presidência do Banerj, porém, os atrasos começaram a se suceder até que foram suspensos.

Depois de 10 meses de espera, e de manter um contato pessoal com o novo presidente do Banco, Israel Klabin, o Prefeito de Niterói resolveu denunciar o contrato e escolheu a Caixa Econômica Federal, como seu novo agente financeiro, para resgatar os Cr$ 250 milhões em parcelas que estavam retidas pelo Banerj.

Outra obra que teve recursos retidos pelo Estado foi a construção do Túnel Icaraí—São Francisco, que custou há dois anos Cr$ 110 milhões. Os recursos para a construção do túnel foram dados pela Empresa Brasileira de Transportes Urbanos (EBTU) e eram repassados pela Fundrem, órgão do Estado. Moreira Franco revela que foi preciso a EBTU passar um telex, ameaçando suspender a remessa de dinheiro para as obras mantidas pelo Estado, enquanto a Fundrem não liberasse os recursos destinados à Prefeitura de Niterói. Até que isto enfim ocorresse, segundo o Prefeito, o dinheiro ficou retido um ano e meio.

BURACO PIRATA

Com a cobertura financeira do Governo federal, o Prefeito Moreira Franco já obteve Cr$ 1 bilhão 400 milhões para aplicar em obras de renovação urbana de Niterói. A metade destes recursos é a fundo perdido, sem qualquer ônus para a Prefeitura. Moreira Franco acredita, porém, que a sua administração vem sofrendo uma intensa campanha de sabotagem, sob a inspiração da administração estadual, para desmoralizá-lo e indispô-lo contra a população niteroiense.

Conta que na véspera da inauguração da urbanização da praia de Icaraí, funcionários da Cedae começaram a esburacar o asfalto com britadeiras, sem qualquer indício de vazamentos no local e sem a necessidade de nenhum conserto na área. O Secretário Municipal de Obras, Álvaro Santos, foi pessoalmente ao local e ameaçou chamar a polícia. Os funcionários da Cedae pararam e a Prefeitura fechou o buraco.

Moreira reclama do abandono de Niterói pelo Governo do Estado e enumera ainda diversos setores para ilustrar suas queixas. Uma delas é de que o Vice-Governador Hamilton Xavier, que pertence igualmente ao grupo **amaralista** e está no PDS, não tem água em casa desde o rompimento entre os dois grupos. Ele mora no bairro do Ingá, no Centro de Niterói, e nunca teve antes problemas com abastecimento de água. Agora, a Prefeitura abastece regularmente sua casa com um caminhão-pipa.

O prefeito critica "a total falta de compromisso social do Governador Chagas Freitas" e acusa-o de ter impedido que Niterói tivesse um programa próprio para a construção de casas populares.

— Nestes dois anos e meio de mandato, o Governo Chagas só construiu 800 casas populares. Por isto, resolvi criar uma cooperativa habitacional no âmbito do município mas o Chagas vetou e não permitiu que a Secretaria de Obras autorizasse a criação da cohab de Niterói.

Com isto, o prefeito foi obrigado a negociar com o BNH um programa especial para a construção de casas populares, do qual só podem participar os servidores municipais.

Prefeitura do PDS obtém Cr$ 1,4 bilhão

O programa de obras viárias da Prefeitura de Niterói conta com o apoio financeiro do Ministério dos Transportes, do Ministério do Interior, do BNH, além de recursos a fundo perdido e de empréstimos no exterior. O prefeito conseguiu levantar também recursos no BNDE, para a compra da nova usina de asfalto da Prefeitura e o reequipamento do serviço de recolhimento domiciliar de lixo, num total de Cr$ 87 milhões, e da Finepe, que financiou uma pesquisa sobre padrões de comportamento habitacionais.

O volume de recursos que obteve do Governo federal gira em torno de Cr$ 1 bilhão 400 milhões e já custearam a urbanização da maior parte da orla marítima de Niterói (o projeto estará pronto no ano que vem), a construção de sete unidades de saúde, a reforma do Parque metropolitano do Barreto, com 30 mil metros quadrados.

No momento, a Prefeitura de Niterói mantém nove canteiros de obras: construção da estrada Sape—Caramujo; ligação de Itaipu com a rodovia Amaral Peixoto; ligação Gragoatá—Boa Viagem; urbanização da Praia das Flexas; ligação Santa Rosa—Rodovia Amaral Peixoto, passando pelos bairros de Cubango e Caramujo; urbanização da Praia de Charitas; urbanização da Praia de Piratininga; construção da estrada de Ititioca, e o anel rodoviário em torno do Largo da Batalha.

Além disso, a Prefeitura realiza no momento a reforma do Teatro Municipal de Niterói, começou na quinta-feira a reurbanizar a Alameda de São Boaventura e já abriu mais de cem campos de futebol nos bairros periféricos. Estão ainda em construção mais seis unidades de saúde, para assistência médica, odontológica, social e pedagógica à população.

Já construiu sete escolas e reformou seis e está executando um programa cultural denominado **Barca das 7**, pelo qual toda quinta-feira a Prefeitura contrata um cantor popular para cantar na Praça de Araribóia, defronte a estação das barcas de Niterói.

Informe JB

Um embuste

Engenheiro norte-americano que trabalha para uma companhia de ônibus da Califórnia ficou surpreso, e até irritado, com o péssimo serviço que as empresas de ônibus do Rio oferecem aos usuários; e o desserviço que prestam aos que são obrigados a conviver com eles, nas ruas da cidade. O engenheiro americano sugere que a situação é ruim, porque o poder concessionário é omisso. Não toma providências para resolver o problema. Nos Estados Unidos, sob a égide da iniciativa privada, os interesses do contribuinte e do usuário são a meta de qualquer negócio ou serviço concedido. Por isso mesmo, o capitalismo funciona: é um sistema pujante.

■ ■ ■

Aqui, só o descaso ou a cumplicidade justificam a inércia do Poder Público, quando este não obriga as empresas de ônibus a regular bem os motores de suas máquinas — para abordar apenas um detalhe do problema. A desregulagem dos motores transforma o trânsito do Rio no mais barulhento do mundo, alcançando índices de decibéis que paulatinamente destroem a audição humana. A continuar assim, em pouco tempo esta será uma cidade de surdos.

Por outro lado, o ar da cidade é diariamente envenenado com farta liberação de monóxido de carbono pelos canos de descarga dos ônibus. E essa manifestação negra, fétida e cancerígena não é, absolutamente, produzida pelo óleo diesel. Um motor bem regulado quase não solta fumaça. E se alguém obrigar as empresas a instalar filtros, o problema desaparecerá.

■ ■ ■

Mas obrigá-las, quem há-de? Os ônibus barulhentos, resfolegantes, poluentes, bólidos devastadores ameaçando tudo e todos são os donos da cidade. O contribuinte, a população toda, não recebe, do Poder Público, o respeito que lhe é devido em troca do que paga para viver nesta cidade. Anos de arbítrio e autoritarismo acostumaram mal as autoridades. Elas, sim, não estão preparadas para gerir uma sociedade que se democratiza e faz da democracia o apanágio do seu futuro.

■ ■ ■

O Departamento de Transportes Concedidos está no dever de ordenar definitivamente o serviço de ônibus da cidade. E cassar a concessão de quem não cumpre seus deveres para com o público.

Numa economia de mercado, própria de sociedade democrática, outra empresa, mais bem dirigida, imediatamente tomará o lugar daquela que faz da concessão um ultraje ao público e um embuste para enriquecer rapidamente.

Destemor

Há no PDT quem não tema o ex-deputado Lisâneas Maciel. E justifica:

— Lisâneas é produto das vacâncias políticas.

Política e amigos

O Senador Passarinho ficou magoado com o que teria dito, fora do plenário, depois da sessão noturna de ante-ontem, o Senador Dirceu Cardoso quanto à postura do Presidente do Senado com relação à aprovação de pedidos de empréstimos por municípios.

Ao justificar sua isenção no encaminhamento dos pedidos de empréstimos, o Senador Passarinho afirmou que está há oito anos no Senado — o primeiro mandato, ele passou no Ministério do Trabalho e no da Educação e Cultura — e jamais patrocinou a aprovação de qualquer pedido de empréstimos em favor do seu Estado.

O Senador Dirceu Cardoso teria dito que o atual Presidente do Senado é inimigo do Governador Alacid Nunes, e por isso não tem interesse em favorecer a sua administração.

Para sublinhar sua isenção, o Senador Passarinho lembra que se é adversário político do Governador Alacid Nunes, tem pelo menos 60 prefeitos paraenses como amigos.

Le roi s'amuse

A bela montagem do *Rigoleto* no Municipal do Rio lembra-nos não só a trágica história do amaldiçoado bufão, mas também a difícil trajetória da ópera de Verdi; por pouco a censura não acaba com ela, assim como o sicário Sparafucile apunhalou a desditosa Gilda.

Os censores italianos de 1851, tão parecidos com os censores de todas as épocas, acusaram a obra de obscena e libertina. Na realidade o moralismo farisaico escondia razões áulicas: a coroa austríaca dominava a Itália e a ópera, assim como a peça de Victor Hugo, *Lei Roi s'amuse* em que se baseia, disparam flechas de ironia e veneno contra o poder real absoluto.

Verdi cedeu: o Rei Francisco I e seu bufão, Triboulet, transformaram-se no Duque de Mantua e Rigoleto; a ação retrocedeu para o ano de o século XVI. E só assim a censura, relutante, deu o seu *nihil obstat*

■ ■ ■

Hoje vale a pena ver a ópera, não só pelo espetáculo, como para avaliar a obtusidade da censura, de qualquer censura, de qualquer tempo.

Jogo legal?

Subiu à apreciação do Governador Chagas Freitas projeto de lei do Deputado e delegado Péricles Gonçalves oficializando o jogo-do-bicho.

Pode-se adiantar que o Governo federal é contra qualquer proposta de legalização de qualquer espécie de jogo que não sejam as loterias.

E a razão é razoável: o Governo federal não quer criar, de espontânea vontade, área de atrito com a Igreja. A legalização do jogo, notadamente, atritaria o Governo com setores moderados da Igreja, setores com os quais o Governo dialoga toda vez que, *sponte sua* ou não, surgem problemas com o clero católico.

■ ■ ■

Na área da Justiça também não há simpatias por legalização de contravenções.

Alega-se que a oficialização do jogo-do-bicho não evitará que ele seja *bancado* paralelamente, pois o jogo legalizado terá que pagar impostos, altos impostos.

Portinari

A Funarte assinou convênio com o Projeto Portinari de apoio ao subprograma Depoimentos, cujo objetivo é recolher 100 testemunhos de personalidades sobre o artista. Ao mesmo tempo, a Funarte apóia o projeto Difusão, para promover a obra, a vida e a época do artista junto às diferentes faixas de público, desde especialistas até a rede escolar.

O Projeto Portinari teve início em abril de 1979 e já fez o levantamento de 3 mil 200 obras do artista, além de 15 mil documentos, entre cartas, fotos, gravações, filmes e recortes de periódicos.

O Projeto é dirigido por João Cândido Portinari, filho do artista, que destaca o apoio recebido do atual diretor da Funarte, Mário Machado: "Mário vem ajudando o Projeto desde o início, em 1979, quando era diretor da Finep."

Diplomados

Os médicos Hélio Pellegrino, Eduardo Mascarenhas e Ernesto La Porta receberam diplomas de psicanalistas concedidos pela IPA, a International Psychoanalytical Association, fundada por Freud, com sede em Londres. Os documentos chegaram em canudos, expedidos na Capital britânica no último dia 7 e assinados por Edward D. Joseph, presidente da instituição, que esteve no cargo até julho passado.

■ ■ ■

No texto dos diplomas, confirma-se, para cada um deles, sua filiação à IPA, "em virtude de ser membro associado da SPRJ, a qual aprovou sua qualificação para a prática da Psicanálise". A concessão dos títulos foi interpretada pelos analistas brasileiros como um gesto de boa vontade da IPA, uma tentativa de desarmar os espíritos, depois que Pellegrino e Mascarenhas foram expulsos e LaPorta punido pela SPRJ. Para todos os efeitos, a IPA não tomou conhecimento da exclusão.

■ ■ ■

E há quem veja, no gesto, o desejo de a IPA abolir as punições, a poucos dias da chegada, prevista para o próximo dia 25, de uma comissão de sindicância encarregada de apurar as causas da crise que envolveu a SPRJ.

Mensagem

No encontro que o Presidente Ramalho Eanes manteve ontem com o Ministro-Chefe da Seplan, Delfim Neto, no Palácio de São Bento, presente o Embaixador Dario Castro Alves, o Chefe do Estado português, depois de conversar durante meia hora sobre as relações entre os dois países, pediu ao Ministro Delfim que fosse portador de uma mensagem: que transmitisse ao Presidente João Figueiredo os seus votos de pronto restabelecimento de saúde.

Como se sabe, o Presidente Eanes foi dos primeiros a enviar telegrama a Brasília, ao saber do enfarte do Presidente Figueiredo.

Lance-livre

- Os principais assessores do Chanceler Saraiva Guerreiro, que auxiliaram o Presidente em exercício Aureliano Chaves nas negociações com o Vice-Presidente George Bush, ficaram impressionados com a capacidade do Presidente de assimilar e entender detalhes de negociações que lhe eram apresentadas pela primeira vez. Para os diplomatas, Aureliano Chaves não fica nada a dever às mais ladinas raposas que atuam no palco da política internacional. Não fosse ele diplomado pela escola de Minas.
- **De Régis Debray, em entrevista ao** Nouvel Observateur: **"A infelicidade do grupo é uma constante e a política seria a ciência de sua gestão. Neste terreno, a própria noção de progresso é ilusória: ninguém, hoje, é melhor político do que Demóstenes poderia ter sido no século IV antes de Cristo, ou os assírios três milênios antes de nós. O tempo da política é um eterno presente". E no Brasil está atrasado em pelo menos 17 anos.**
- Há uma cratera no asfalto da Rua Cosme Velho, em frente ao Colégio São Vicente de Paula, que já provocou três acidentes. Nenhum morto, mas vários feridos e carros destroçados. Num país civilizado os responsáveis pela cratera, por ação e omissão, seriam obrigados a pagar uma fortuna pelos males e prejuízos que causaram. No Brasil, fica tudo na mesma. Esperam-se novos acidentes para este domingo.
- **Definidas as duas sublegendas que irão compor com o Deputado Miro Teixeira a chapa do PP que concorrerá, em 82, à sucessão do Sr Chagas Freitas. Uma será entregue ao Secretário de Obras, Emilio Ibrahim. A outra ao empresário Mauro Magalhães, presidente da ADEMI.**
- Começa amanhã a Semana de Arte da UERJ que discutirá o tema arte e educação. Promovida por alunos do curso de licenciatura em História da Arte da UERJ, terá a participação de professores da Universidade, críticos e artistas plásticos como Ana Bella Geiger, Ferreira Gullar, Adriano de Aquino e outros.
- **Promessa de paz no Ceará: os caciques César Cals, Virgílio Távora e Adauto Bezerra acertaram que o PDS partirá para o pleito de governador, em 1982, unido, sem utilizar-se do recurso da sublegenda. Pelo pacto cearense, o candidato só será conhecido no dia 31 de janeiro do próximo ano.**

PT adia o registro definitivo

São Paulo — A Comissão Executiva do PT, ao término da reunião de dois dias que manteve em São Paulo, decidiu não mais apresentar, amanhã, como estava programado — e fora anunciado na última quinta-feira — o pedido de registro definitivo do Partido no TSE. A direção do PT acertou que o registro definitivo só será pedido nos últimos dias da primeira quinzena de dezembro, às vésperas do recesso de final de ano no TSE.

Na reunião, iniciada na manhã da quinta-feira e concluída nas últimas horas da noite de sexta-feira, os dirigentes pretendiam definir a estratégia do Partido quanto à questão de eventuais coligações nas eleições do próximo ano. O assunto, contudo, não chegou a uma conclusão e a direção do PT considera impossível obtê-la antes da definição, pelo Governo e pelo Congresso, das regras do jogo eleitoral. O PT mantém, assim, a sua posição de sair com candidatos próprios, para todos os postos, em todos os níveis, no pleito de 1982.

O PT decidiu não pedir o seu registro definitivo amanhã, porque tem esperanças de receber novas adesões, de lideranças populares, no momento ainda engajados em outros Partidos sem registro definitivo, entre estes o PDT.

Irmão de Dom Aloísio é candidato pelo PP

Porto Alegre — Candidato à Assembléia Legislativa pelo PP, Rudy Lorscheider, irmão de Dom Aloísio Lorscheider, bispo de Fortaleza, e primo do presidente da CNBB, Dom Ivo Lorscheider, ao comentar, ontem, a orientação de alguns setores da Igreja que apóiam o PT, o PDT e o PMDB, em tom de brincadeira, afirmou: "Acho que os bispos da minha família estão esquecendo do meu Partido. Vou cobrar isso deles, pois, com este apoio qualquer campanha sai vitoriosa".

Segundo ele, até o momento, nenhum dos dois parentes se manifestou sobre sua candidatura. "Dom Aloísio, quando eu comuniquei a ele minha intenção, apenas me disse para ser coerente com a justiça e com os princípios de humanidade cristã e me desejou boa sorte. Mas nem se preocupou em perguntar a que legenda eu estava ligado."

PRIMEIRO POLÍTICO

"Na verdade", disse Rudy Lorscheider, "a família não gostou muito da idéia de eu entrar na política." A começar por sua mulher, Elda. Ela até agora não se conforma e acha que só vou me incomodar e viver longe de casa. Dos seis irmãos vivos (três homens e três mulheres), Rudy Lorscheider diz ser "o único que gosta de política. Os outros preferem a vida mais tranqüila, por isso minha decisão surpreendeu a toda a família".

PDT gaúcho estrutura campanha contra a candidatura de Simon

Porto Alegre — A indefinição oficial quanto à reforma da Lei Falcão não está impedindo que os Partidos políticos gaúchos tomem suas primeiras providências para o período de propaganda eleitoral gratuita nos 14 canais de TV e 175 emissoras radiofônicas do Estado.

O PDT é o que está mais adiantado: já começou a gravar **jingles** e prédefiniu, entre seus temas, a crítica ao PMDB e ao "abandono do trabalhismo pelo Senador Pedro Simon (PMDB)". Para as apresentações na televisão, o Partido já escolheu até a vinheta: "Lugar de trabalhista é no PDT". Como ilustrações, vai mostrar fotos de Getúlio Vargas, João Goulart, Leonel Brizola e do Deputato Alceu Collares, seu candidato a governador.

Disputa de espaço

No novo quadro partidário, a disputa pelo eleitorado oposicionista se refletirá, na campanha pelas televisões e rádios, numa alinhada barragem de fogo do PDT sobre o PMDB. A lealdade, de grande significado para a tradição dos gaúchos, será uma das palavras-chaves do PDT. O Partido se apresentará como o único representante autêntico do trabalhismo, e vai apontar o PMDB como uma frente integrada por libertadores, conservadores, progressistas, membros do PC, PC do B, MR-8 e outras correntes, conforme informou o Deputado João Satte, presidente do PDT gaúcho.

O PMDB, por sua vez, segundo seu 1º vice-presidente, Deputado César Schirmer, "não gastará um segundo dos espaços nos meios de comunicação para responder ao PDT, pois nossos inimigos são o Governo e o PDS". Os pemedebistas se ocuparão de temas como a Constituinte e a corrupção, denúncia do modelo econômico, cobrando soluções para a inflação, o desemprego, e o arrocho salarial. Além disso, o Partido vai apresentar sua proposta de Governo.

O PDT já programou apresentar "as realizações dos Governos trabalhistas, como o de Leonel Brizola, através de filmes e **slides**, o que o PMDB não poderá fazer", segundo o secretário de planejamento e pesquisa da executiva regional do PDT, Hamilton Chaves, autor do **Hino da Legalidade e Hino do Trabalhismo**, músicas regravadas por uma banda, com parte da orquestra sinfônica de Porto Alegre, que vão abrir e fechar todos os programas do PDT nas rádios e televisões. Os hinos já foram gravados, em duas mil cópicas, para a distribuição e venda nos diretórios municipais. A arrecadação permitirá regravações sucessivas, até a edição prevista de 10 mil compactos, a serem utilizados também nos comícios.

"Jingles"

Mário Ramos, 1º vice-presidente regional do PP, revelou que a propaganda eleitoral do seu Partido será baseada na crítica do atual modelo econômico e na apresentação de alternativas, "sempre advertindo o telespectador, e eleitor, de que um governador de Oposição, sozinho, não resolverá os problemas do país, e que são necessárias mudanças estruturais e constitucionais, como a da Constituição que dá poder de decisão à União sobre os tributos estaduais".

O PDS, segundo seu 1º vice-presidente regional, Deputado Jarbas Lima, "não se vai limitar às críticas ou aplausos, mas propor uma nova filosofia de Governo, baseada na democracia social, na distribuição de renda, descentralização e autonomia dos Estados, além da necessidade de reforma tributária". Informou que o PDS deverá contratar agências de publicidade para assessoramento na apresentação dos candidatos pelas televisões e rádios.

Mais ágil, o PDT também já gravou **jingles** de alguns candidatos, como o de Paulo Pinto, para deputado federal, e do Deputado estadual Erasmo Chiapetta, candidato à reeleição. Criado por Hamilton Chaves (candidato a vereador) o **jingle**, com banda e coro, apregoa as vantagens do posto de gasolina de Paulo Pinto no município de São Gabriel, e já está sendo transmitido pelas emissoras locais. E o mesmo **jingle**, já gravado, só com a letra modificada, para a campanha eleitoral, apregoa: "Se o problema for de escolher, só vote em trabalhista, Paulo Pinto deputado federal, lutador e idealista".

Os cartazes de fundo do PT gaúcho nas televisões, conforme o 1º-secretário regional Paulo de Tarso Carneiro, deverão ser "as palavras de ordem do Partido, contra o desemprego, contra o arrocho salarial". O PT decidiu também que nas pichações de muros da cidade, quase totalmente tomados com nomes dos candidatos dos outros Partidos, não terá nomes dos candidatos petistas, mas, palavras de ordem junto com a sigla PT.

Porto Alegre/Rubens Borges

Cartazes do PDT tentam sensibilizar gaúchos

Arquivo-6/10/81

Tancredo e Itamar estão agora divididos

Candidaturas de Tancredo e Itamar animam o PDS para a sucessão em Minas

Belo Horizonte — As candidaturas do Senador Tancredo Neves e Itamar Franco ao Governo de Minas, foram recebidas no PDS com euforia e certo alívio, uma vez que a união das oposições em torno do presidente nacional do PP foi sempre temida pelos pedessistas.

O Deputado João Ferraz, também pretendente ao Governo do Estado, acredita que dentro do quadro sucessório, que começa a ter seus contornos definidos na Oposição, o PDS é, ainda, o Partido com maior chance de vitória. Ele observa que, além da divisão das oposições, há as divergências internas do PP, que dificilmente permitirão que o Senador Tancredo Neves seja candidato único do Partido.

INTERESSES

Acreditando que as eleições de 1982 ainda se definirão através dos interesses pessoais e dos municípios, o Deputado João Ferraz admite que o Governador Francelino Pereira usará as três sublegendas do PDS, colocando o Partido em posição vantajosa.

— Outra consideração a ser feita é a ilusão do Senador Tancredo Neves, quanto ao apoio do Deputado Magalhães Pinto. Ele não apoiará a candidatura Tancredo Neves, pois como ex-udenista não apoiará um ex-pessedista. Assim, vai repetir-se o episódio João Goulart, quando Magalhães, Governador de Minas, abandonou o Presidente e pegou o bonde da Revolução.

O Deputado Cícero Dummont (PDS) não acredita que a ala pessedista de seu Partido venha a apoiar a candidatura Tancredo Neves, pois terá participação garantida no processo sucessório através da sublegenda.

Admitindo que o PDS, com a candidatura Tancredo Neves, terá mais dificuldades e, assim, "terá que redobrar seus esforços", Cícero Dummont, acha que a divisão das oposições "que hoje não se unem mais" — enfraquece o presidente nacional do PP.

— O Senador perdeu o seu momento propício de sair como candidato único. Ele deveria ter saído candidato durante a sua peregrinação pelo Norte de Minas, quando, na frente de todos os demais candidatos de oposição, não permitiria o aparecimento de outro.

Já o Deputado Sylo Costa, ainda sem Partido, acredita que, desunidas, as oposições perderam a sua agressividade, colocando o PDS, com seu esquema de Governo, em privilegiada posição.

Ele também destaca, como fator de favorecimento do PDS, que o Senador Itamar Franco (PMDB) não está disposto a assumir a sua candidatura, preferindo a reeleição ao Senado, além das divergências entre o Senador Tancredo Neves e o Deputado Magalhães Pinto.

Sylo Costa acredita que o candidato pelo PDS ao Governo de Minas será o ex-Vice-Governador Ozanam Coelho, que, além de ter trânsito nas correntes dos antigos PSD e UDN, tem o apoio do Governador Francelino Pereira e do Presidente Aureliano Chaves.

Classificando o PP como "cavalo de Tróia", o Deputado Mário Assad (PDS) considera que a candidatura do Senador Tancredo Neves não tem o impacto que causaria "se toda a Oposição estivesse unida em torno de seu nome".

Essa opinião é também do Secretário de Ciência e Tecnologia Fernando Fagundes Neto, pretendente a uma sublegenda para disputar o Governo estadual. Ele assegura que as oposições seriam imbatíveis, se unidas em torno do Senador Tancredo Neves.

Tese da unidade não empolga mais oposições

Belo Horizonte — Com dois candidatos oposicionistas lançados à sucessão estadual — Senador Tancredo Neves (PP) e Senador Itamar Franco (PMDB) — a tese da união das oposições começa a perder sentido em Minas, embora a direção do PP continue as conversações, que no PMDB estão restritas ao candidato Itamar Franco.

Os candidatos do PP e do PMDB colocaram seus nomes à disposição dos Partidos, mas nenhuma das duas bancadas dá sinais de que pretenda abrir mão de seus candidatos. O presidente do PT mineiro, metalúrgico Ignacio Hernandez, acredita que a posição do PP e PMDB é um obstáculo insuperável à união das oposições.

CANDIDATOS PRÓPRIOS

O secretário-geral do PMDB em Minas, Deputado Luiz Otávio Valadares, reconhece que já não se pode mais falar com a mesma desenvoltura sobre união das oposições. "Hoje é muito difícil a união e nós devemos caminhar para candidatos próprios".

Ele observa que, mesmo disposto a continuar conversando com os demais Partidos, o Senador Itamar Franco não tem mais o que dizer "porque o Partido exige a candidatura dele".

Baseado em pesquisa que dá ao PMDB a preferência do eleitorado, o Deputado Luiz Valadares, como de resto a maioria das bancadas de seu Partido, acredita que a eleição de 1982 vai ser definida pelo desejo de votar na Oposição. "Por isso, temos, infelizmente, que radicalizar sobre o PP".

Se na bancada do PMDB existe a convicção de que o Senador Itamar Franco deve assumir sua candidatura, o Deputado Nilson Gontijo (PP) garante que o Senador Itamar Franco não será candidato a Governador. "Ele não sai de Brasília. Ou vai ser senador ou deputado, pois é inteligente e não concorre com Trancredo."

INIMIGO COMUM

Os senadores Tancredo Neves e Itamar Franco, ambos estão convencidos da necessidade de uma união de oposições para vencer o inimigo comum, que é o PDS. Essa união, para o líder da Minoria na Assembléia Legislativa, Deputado Dalton Canabrava (PP), não está inviabilizada. Considerando que "o princípio básico do mineiro é o bom senso", ele acredita que em breve este há de prevalecer.

Advertiu que as cúpulas partidárias poderão ficar surpresas, porque não havendo a união das oposições em torno do nome do Senador Tancredo Neves — "que é o consenso no meio do eleitorado" — este eleitorado acabará fazendo a união nas urnas.

O Deputado Pedro Narciso, também do PP, assegura que na sua região até mesmo as bases do PMDB votarão no Senador Tancredo Neves, haja ou não a união das oposições.

Com o afastamento do Deputado Genival Tourinho do PDT, o Partido, que vinha sendo dirigido para uma união em torno do Senador Tancredo Neves, poderá ter outros rumos, devido à atuação dos radicais. Agora com uma pequena base municipal — 62 comissões — e sem parlamentares, o Partido presidido pelo ex-Governador Leonel Brizola não terá, em Minas, candidato próprio, o que poderá levar a uma aliança com o PMDB.

Enquanto o PTB, com apenas um parlamentar estadual, luta para não desaparecer, suas bases em Minas são atualmente mais propensas a uma união com o Senador Tancredo Neves que com o Senador Itamar Franco.

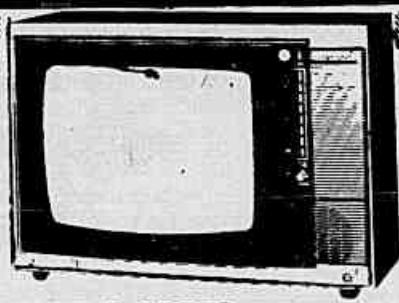
Já o PT, que não tem nenhum parlamentar mas conta com uma apreciável base municipal, anuncia, através do presidente Ignácio Hermandez, que terá candidato próprio. Isto, tanto para deputados do PMDB como do PP, será muito difícil, devido à inexistência de nomes com grande prestígio no Partido.

Enquanto o PT se organiza, o PP e o PMDB continuam as investidas. Segundo o Deputado Leopoldo Bessone (PP) a coligação com o PT é vital para o PP, devido a sua penetração no meio dos trabalhadores urbanos e rurais. Acrescentou que a opção do Deputado Genival Tourinho será o PT, "o que estaria assim selando esta união".

Pelo PMDB, as investidas sobre o PT se fazem através do Senador Itamar Franco e do secretário Luiz Otávio Valares, que têm encontrado bom trânsito junto ao metalúrgico Ignácio Hermandez. Este, apesar de não ser mineiro, vem agindo com prudência. Sem abrir as portas para qualquer candidato, também não as fechou para nenhum Partido.

PREÇOS E PRAZOS
o ménor valor total

TV. PHILCO A CORES Mod. B. 832 - 41 cm. 16''. À vista 68.990, ou entrada 16.460, mais 10 X 5.974, = 76.200,

MENSAIS **5.974,**

TV. SHARP A CORES Mod. C-1604 41 cm. 16'' Novo modelo. À vista 63.940, ou entrada 21.100, mais 10 X 7.631, = 97.410,

MENSAIS **7.631,**

TV. SANYO A CORES Mod. 3714 - 34 cm. 14''. À vista 50.000, ou entrada 15.000, mais 10 X 5.425, = 69.250,

MENSAIS **5.425,**

TV. PHILIPS A CORES Mod. 20 C 310 - 51 cm 20''. À vista 63.800, ou entrada 20.370, mais 10 X 7.365, = 94.020,

MENSAIS **7.365,**

REFRIGERADOR CONSUL BIPLEX
Mod. 4323
430 litros - S. Luxo.
À vista 55.700,
ou entrada 16.765,
mais 10 X 6.062,
= 77.385,

MENSAIS **6.062,**

LAVADORA LAVINIA AUTOMÁTICA
4 Kilos -
4 Programas
À vista 36.660,
ou entrada 10.990,
mais 10 X 3.979,
= 50.780,

MENSAIS **3.979,**

FOGÃO BRASTEMP
Mod. 76-G
6 Bocas - automático - Luxo
À vista 37.190,
ou entrada 11.160,
mais 10 X 4.035,
= 51.510,

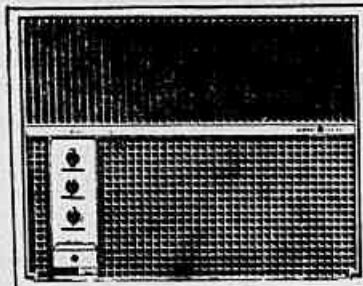
MENSAIS **4.035,**

CONGELADOR DOMÉSTICO PROSDÓCIMO
Mod. CC. 22
180 litros
À vista 32.680,
ou entrada 9.800,
mais 10 X 3.546= 45.260,

MENSAIS **3.546,**

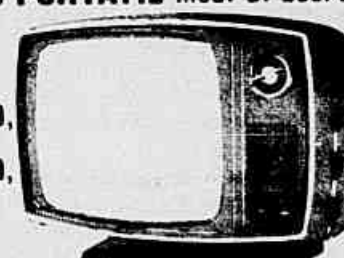
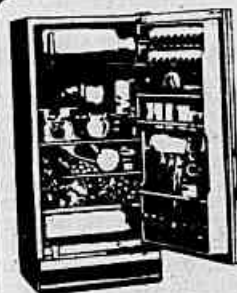
CONJUNTO SHARP 3X1
Mod. SG. 220
T. Discos T. Deck
Rádio
À vista 63.310,
ou entrada 18.990,
mais 10 X 6.870,
= 87.690,

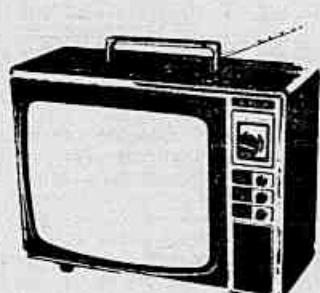
MENSAIS **6.870,**

AR CONDICIONADO G. ELECTRIC
Mod. 5010 - 10.000
BTU. 2.500 Kcal/h
1 HP. 110 V
À vista 43.690,
ou entrada 13.100,
mais 10 X 4.741,
= 60.510,

MENSAIS **4.741,**

NOVO REFRIGERADOR CLIMAX
290 litros - Luxo
À vista 21.990,
ou entrada 6.600,
mais 10 X 2.385,
= 30.450,

MENSAIS **2.385,**

TV. PHILCO PORTÁTIL Mod. B. 265/2
31 cm. 12''
110/220 e
Bateria 12 V.
À vista 21.490,
ou
entrada 5.800,
mais
10 X 2.097,
= 26.770,

MENSAIS **2.097,**

REFRIGERADOR BRASTEMP
Mod. 28-S
280 litros - Luxo
À vista 28.640,
ou entrada 9.450,
mais 15 X 2.645,
= 49.125,

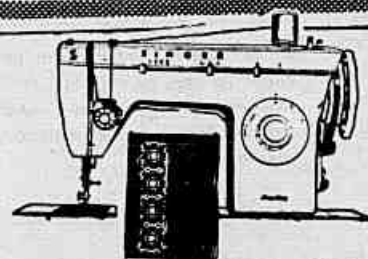
MENSAIS **2.645,**

TV. TELEFUNKEN PORTÁTIL
Mod. 444
44 cm. 17''
À vista 21.100,
ou entrada 6.330,
mais 12 X 2.038,
= 30.786,

MENSAIS **2.038,**

CONJUNTO PHILIPS 2X1
Mod. 853
T. Discos - Rádio
À vista 30.430,
ou entrada 9.140,
mais 10 X 3.300,
= 42.140,

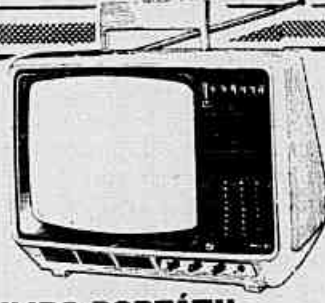
MENSAIS **3.300,**

REFRIGERADOR ELECTROLUX ICE BAR
Para escritório -
Hotéis e Residência
À vista 16.690,
ou entrada 5.010,
mais 10 X 1.810,
= 23.110,

MENSAIS **1.810,**

MAQ. DE COSTURA SINGER
ZIG-ZAG c/gabinete e motor.
À vista 21.290, ou entrada 6.500,
mais 10 X 2.350
= 30.000,

MENSAIS **2.350,**

MAQ. DE ESCREVER OLIVETTI
UNDERWOOD 198 - Repetição Tabulador decimal.
À vista 26.010, entrada 7.800, mais 10 X 2.823,
= 36.030,

MENSAIS **2.823,**

TV. PHILIPS PORTÁTIL
Mod. 710 - 31 cm. 12'' Seletor de Memória.
À vista 18.670, ou entrada 5.600, mais 8 X 2.379,
= 24.632,

MENSAIS **2.379,**

ELETROFONE PHILIPS PORTÁTIL Mod.
GF. 133 - Jovem-Dupla alimentação. À vista 7.200,
ou entrada 2.160, mais 5 X 1.310,
= 8.710,

MENSAIS **1.310,**

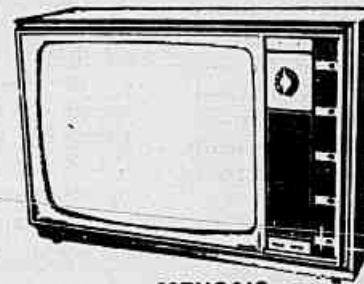
FOGÃO BRASTEMP LUXO
Mod. 51 P
4 Bocas
À vista 21.820,
ou entrada 6.550,
mais 12 X 2.107,
= 31.834,

MENSAIS **2.107,**

REFRIGERADOR GENERAL ELECTRIC
Mod. 3013
365 litros - S. Luxo
À vista 35.685,
ou entrada 10.705,
mais 12 X 3.447,
= 52.069,

MENSAIS **3.447,**

FOGÃO SEMER LINEA D'ORO
Mod. 8023
4 Bocas - Inox
Automático - T. Cristal
À vista 28.450,
ou entrada 8.535,
mais 10 X 3.087,= 39.405,

MENSAIS **3.087,**

TV. PHILCO A CORES
Mod. B 828M -
51cm. 20''
À vista 68.990,
ou entrada 16.280,
mais 12 X 5.241,
= 79.172,

MENSAIS **5.241,**

NOVA LOJA - ESTRADA DO PORTELA, 36 - MADUREIRA

CENTRO - RUA URUGUAIANA, 13
CENTRO - RUA URUGUAIANA, 44/48
CENTRO - RUA URUGUAIANA, 114/116
CENTRO - RUA DO ROSARIO, 174
CENTRO - RUA DA ALFANDEGA, 261
CENTRO - RUA BUENOS AIRES, 294
CENTRO - RUA DA CARIOCA, 12
CENTRO - RUA 7 DE SETEMBRO, 183 e 187
CINELANDIA - RUA SEN. DANTAS, 28/36

COPACABANA - RUA SANTA CLARA, 26 A e B
COPACABANA - AV. N.S. COPACABANA, 807
TIJUCA - RUA CONDE DE BONFIM, 597
MEIER - RUA DIAS DA CRUZ, 213
~~MADUREIRA - RUA CARVALHO DE SOUZA, 263~~
MADUREIRA - ESTR. DO PORTELA, 36
CAMPO GRANDE - RUA CORONEL AGOSTINHO, 24
BONSUCESSO - PRAÇA DAS NAÇÕES, 394-A
NOVA IGUACU - AV. AMARAL PEIXOTO, 400-406

NITEROI - RUA VISCONDE DE URUGUAI ESQUINA COM SÃO PEDRO
LOJA MATRIZ E ATACADO - ENG. ARTHUR MOURA, 268 BONSUCESSO (PBX) 280-8822
NOVO TELEFONE PBX CENTRO-SUL 221-1212

DEPTO. ATACADO ENG. ARTUR MOURA 268 - 3º - TEL. 280-8822 - BONSUCESSO

JORNAL DO BRASIL

Diretora-Presidente: Condessa Pereira Carneiro

Vice-Presidente Executivo: M. F. do Nascimento Brito
Editor: Walter Fontoura

Diretor: Bernard da Costa Campos
Diretor: Lywal Salles

Chico

Recessão, não

Já não se trata mais de indício ou de previsão: o crescimento da economia em 1981 deverá ser *negativo*. É o maior *ajuste*, ou, com mais rigor, a maior *recessão* a que já foi submetida a economia brasileira, desde quando se tornou possível confiar em dados estatísticos que avaliam a macroeconomia do país.

De janeiro a agosto deste ano, o *crescimento negativo* é da ordem de 6,1%, no setor industrial, atesta o IBGE. Em 12 meses, a recessão industrial se mede por um crescimento negativo de 1,1%. Como indicam observações superficiais, os setores industriais mais atingidos são a indústria automobilística (massacrada pelos preços dos derivados do petróleo e o aumento das taxas de juros) e a indústria de bens de capital, fulminada pela queda acentuada nos investimentos e o refluxo de um período de altos investimentos com sentido de substituir importações, realizados ao longo do Governo Geisel.

Como diz o Presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, a recessão está aí, e não o surpreende: ao contrário, cansou-se de alertar o Governo — e o Governo ou não acreditou ou, secretamente, torcia mesmo por uma recessão dessas proporções.

A questão seria mais dramática se, ao invés de se concentrarem na vertente da produção industrial, as análises se concentrassem em dados precisos e consistentes sobre o nível de emprego. A soma do desemprego com o subemprego também deve produzir números assustadores — *deve*, porque, nesse campo, os levantamentos do IBGE, da própria FIESP ou do Ministério do Trabalho são descosidos e atrasados.

Caímos na mais profunda recessão, não há o que contestar. Com o aparente objetivo de reduzir as importações, para consertar o balanço de pagamentos, o Governo gerou uma recessão de dimensões que nem ele podia, a princípio (desde fins de 1980, quando o Governo Figueiredo, enfim, começou a praticar uma só política), antever — é o raciocínio do diretor do Departamento de Economia da PUC do Rio, professor Rogério Werneck. Quem, por exemplo, poderia imaginar que o consumo industrial de energia elétrica, em 1981, fosse negativo, como já se admite agora? (Imaginem como deve estar desconsolada a Nuclebrás, que se esmerou em providenciar estatísticas para provar que o consumo de energia elétrica no Brasil seria tão fulgurante que não precisávamos de uma, nem duas — mas de 1 mil e duas centrais nucleares.)

Não há a menor dúvida de que não se controla e cura o buraco do balanço de pagamentos sem conter as importações e fomentar as exportações. E, nesse campo, aliás, tornam-se cada vez mais plausíveis as previsões de que conseguiremos saldo expressivamente positivo na balança comercial este ano.

Não há a menor dúvida de que para consertar a balança de pagamentos é preciso fomentar a entrada de empréstimos estrangeiros. A taxa de juros, então, tem que subir; mas, não só por isso: também para reduzir os estoques e desencorajar novos investimentos e a demanda adicional — e, com isso, reduzir as importações.

Além do mais, é preciso retirar dinheiro da economia, controlando os gastos públicos e apertando a política fiscal.

Tudo muito bem, é isso o que ensinam os manuais. Mas, há modos e modos de consertar a casa. Um deles é jogar a bomba de nêutron da recessão — e é mais ou menos isso o que está acontecendo.

O Governo "deveria analisar a composição do PIB, para manter aquecidos setores que independem de importações, ao invés de adotar uma política global, trazendo sérios prejuízos para a economia como um todo", diz o professor Werneck. Pergunta, na mesma linha, o professor Adroaldo Moura da Silva, da Universidade de São Paulo: "Não estamos fazendo coisas equivocadas num momento em que não podemos errar mais, diante do sacrifício já exigido à população, principalmente com o aumento do desemprego? O Governo deveria concentrar seus investimentos para forçar a ampliação das exportações e a economia de produtos importados."

É esse o caminho e foi esse o caminho proposto pelos empresários, inclusive a FIESP, quando pressentiu que a política de *desaquecimento*, ou de *retração*, ia desembocar mesmo numa *recessão*. Quando percebeu que o Governo se equivocava, quando dizia que as demissões em massa e o desemprego eram um problema localizado no ABC, por culpa da (ou de uma) indústria automobilística.

O caminho é muito simples — não adianta arrasar com a economia, para pagar a dívida externa. Está aí a experiência argentina da fase de Martínez de Hoz para demonstrar que esse é o melhor meio de destruir um parque industrial, provocar o desemprego em massa e não derrubar a inflação.

A solução é ativar a economia nos setores menos carentes de material importado. A solução é gerar emprego e renda sem comprometer o balanço de pagamentos. A solução é dar oxigênio, algum oxigênio a um doente que já foi para o CTI — embora os médicos insistam em afirmar que a melhor maneira de curá-lo é mantê-lo em estado de coma.

Há saídas. Investir na construção civil; na produção de alimentos; na melhoria dos transportes de massa, que economizam petróleo.

É preciso reativar, por setores, com seleção, a economia. E evitar o melhor adubo da irracionalidade política: o desemprego aberto.

Questão Estratégica

A questão dos AWACS transformou-se num mar tempestuoso por onde navega o Governo Reagan a caminho da primeira encruzilhada decisiva em matéria diplomática. O Governo enfrenta dura resistência no Congresso. Já perdeu na Câmara — o que era previsto. Perdeu na Comissão de Relações Exteriores do Congresso, que se pronunciou contra a venda desses sofisticados aviões de reconhecimento à Arábia Saudita. Mas para a votação decisiva — a do plenário do Senado — ainda faltam alguns dias; e neste sentido Reagan tem efetuado um esforço inédito de mobilização. Reuniu, por exemplo, na Casa Branca, figuras desta e de outras administrações — Henry Kissinger, Melvin Laird, Zbigniew Brzezinsky, Caspar Weinberger — para que se manifestassem a favor da proposta presidencial. A morte de Sadat conferiu ao assunto uma urgência inédita. Frente aos senadores, também convocados à Casa Branca, o Presidente foi quase patético: "Vocês me colocarão de joelhos" (se não aprovarem a venda); "não terei condições para conduzir a política externa".

A ênfase não chega a ser um exagero; está, de fato, em jogo o prestígio da Presidência — e, sobretudo, o destino da sua estratégia de *contenção* da influência soviética numa área crítica como o Golfo Pérsico. O novo Presidente egípcio Mubarak, para quem este jogo também é de vida ou morte, manifestou o seu apoio à venda: "A Arábia Saudita é um amigo dos Estados Unidos. Aumentou sua produção de petróleo em atenção aos Estados Unidos e ao Ocidente. O Golfo é área de interesse americana. Os AWACS não levam qualquer arma. Espanta-me que Israel se oponha tanto a eles."

Israel e os que se opõem à venda nos Estados Unidos argumentam vigorosamente com a dubiedade da posição saudita e com a instabilidade da monarquia, detestada pelo fundamentalismo islâmico e por outras correntes de opinião do mundo árabe.

Os sauditas, com efeito, permanecem em boa parte um enigma. Apoiaram durante muitos anos os regimes moderados da região; e são, por natureza, anticomunistas. Foram "intermediários indispensáveis" na última crise do Líbano, como afirmou confidencialmente uma autoridade norte-americana, ajudando a estabelecer o cessar-fogo entre Israel e os combatentes árabes. Ao mesmo tempo, financiam a OLP, como já financiaram outros regimes radicais. Sua última iniciativa importante é o plano de paz em oito pontos que apareceu em agosto e repercutiu vivamente na Europa, apoiado pela Inglaterra, Alemanha Ocidental, França e outros países.

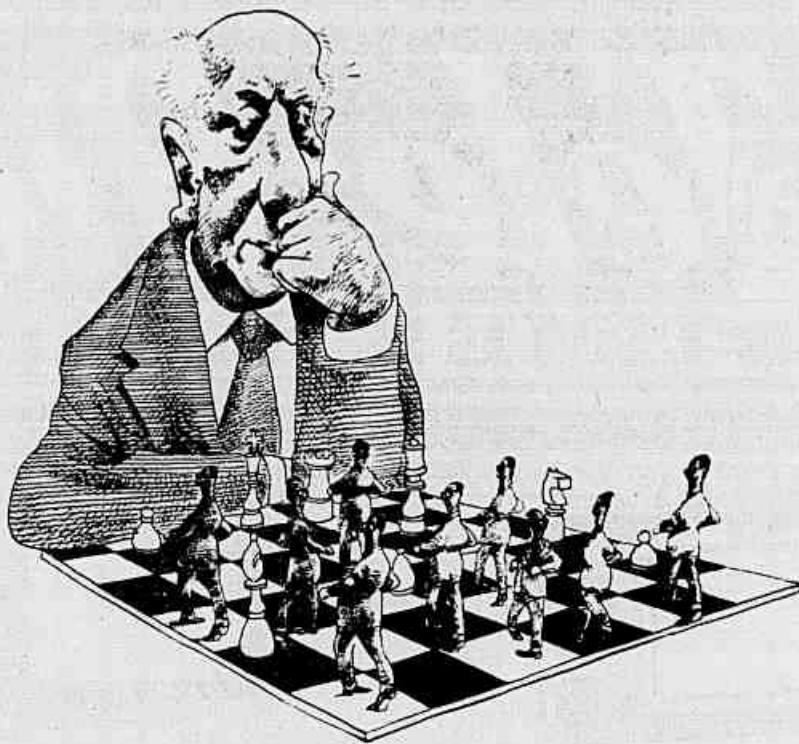
Essa ambigüidade decorre da própria insegurança da Coroa saudita, no plano interno e externo. No plano interno, ela é alvo certo do fundamentalismo islâmico e de outros radicalismos, como ficou demonstrado no ataque a Meca em 1979. No plano externo, essa monarquia que reina sobre um país escassamente povoado e de população basicamente analfabeta viu com preocupação crescente tudo o que aconteceu no mundo desde o fim da guerra do Vietnam, com a erosão do prestígio norte-americano. Com todos os laços que a prendem ao Ocidente — e em nome dos quais ajudou a quebrar o gume da OPEP e a estabilizar o mercado do petróleo — a Casa saudita viu a queda do Xá, viu os avanços soviéticos no Afeganistão, na Etiópia, no Iêmen do Sul, na Líbia — e acaba de assistir ao assassinato de Sadat.

Para os sauditas, a instabilidade permanente no Oriente Médio tem o odor da peste. Sem avistar porto seguro nem de um lado nem do outro, têm usado seus recursos imensos como uma forma de "estabilizador". Ajudam, por exemplo, a Síria de Hafez Assad não só para dispor, assim, de alguma influência sobre esse regime truculento, mas porque sabem que, se não ajudarem, a Síria pode ir buscar dinheiro com o Coronel Khadafi — e tornar-se ainda mais radical.

Pelos mesmos motivos, Riyad recusou-se a um envolvimento muito direto com os norte-americanos — como o que resultaria da instalação de bases militares em seu território. A amizade americana — racionirarão os sauditas — não tem sido saudável, na região, aos que a aceitam de braços abertos. Mas os sauditas querem sentir por trás do ombro a proximidade americana — porque isto desencoraja a União Soviética de novos avanços. Concordaram, assim, com o empréstimo dos quatro AWACS enviados por Washington quando Irã e Iraque romperam hostilidades, e que se destinavam à proteção dos poços petrolíferos.

A venda dos AWACS — que só começariam a ser entregues em 1985 — é o capítulo seguinte da história, correspondendo a uma reivindicação saudita e aos próprios planos norte-americanos de construção de um sistema de defesa para o Golfo Pérsico. Praticamente prometidos a Riyad pelo Pentágono no interregno entre o fim do Governo Carter e os primeiros esboços da diplomacia de Reagan, desencadearam violenta oposição do Congresso norte-americano, estimulada pelas preocupações de Israel.

Negando os AWACS, o Governo Reagan não apenas teria de voltar atrás sobre as suas intenções explícitas: correria o risco concreto de reforçar nos sauditas a impressão de que os EUA já não podem agir com grande potência. Se Washington não pode entregar os AWACS, mesmo desejando fazê-lo, Riyad teria bons motivos para ceder à pressão diplomática que a União Soviética vem exercendo nesse meio tempo; teria de buscar a conciliação com a única potência atuante na área. O Ocidente começaria a perder uma peça estratégica que subiu extraordinariamente de valor com a morte de Sadat.

Revelando evidente nervosismo a respeito da situação interna da Arábia Saudita, o Presidente Reagan declarou recentemente, sem nenhuma sutileza, que os EUA "não deixariam" acontecer ali o que aconteceu no Irã. Não se sabe de que maneira a Casa Branca pensaria responder a ameaças concretas neste sentido. Negar os AWACS, entretanto, significaria anular a credibilidade de que possa dispor aquela afirmação do Presidente norte-americano. É o que o Senado norte-americano terá de ponderar daqui a alguns dias.

Cartas

Reconhecimento

O objetivo desta é registrar nosso agradecimento a alguns funcionários subordinados à Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, pelo apoio criterioso, solidário e decidido a nós prestado por ocasião de um acidente banal mas que poderia ter assumido proporções graves.

Referimo-nos ao Tenente policial Ilse Coutinho Junior e sua equipe paramédica: sargento Arizio Pereira da Conceição e soldado Gabriel Lopes da Silva, que providenciaram o atendimento e curativos necessários; ao Chefe da 4ª Frotilha do Salvamar Tenente Roberto Alves e seu mestre de lancha Mário Henrique dos Santos responsáveis pela pronta remoção e transporte até o Porto do Abraão, na Ilha Grande, onde estão lotados.

Salientamos, outrossim, que um desempenho como o desses funcionários vem dignificar o trabalho da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, e consolidar a confiança e respeito que a entidade deve vir a merecer da comunidade a quem presta serviços. **Manoel Ribeiro e Amarilio Gastal — Rio de Janeiro.**

Mergulhadores

Em nome da classe profissional dos mergulhadores, vimos manifestar nossos sinceros agradecimentos a este Jornal, e em especial à corajosa iniciativa da jornalista Maria Alice Paes Barreto, pela importante reportagem publicada no dia 4/10/81 na qual foram abordados diversos aspectos da problemática que aflige os mergulhadores brasileiros.

Apreciamos enormemente o enfoque e o destaque dado, cujos resultados trouxeram melhores perspectivas para nossa classe. Gostaríamos de poder retribuir aos jornalistas o apoio que sempre nos tem sido dado. A consciência e a solidariedade da imprensa têm-nos fornecido um valioso alento na nossa luta pela criação do sindicato dos mergulhadores. **Antonio Carlos Regis Jacques, vice-presidente da Associação Profissional de Atividades Subaquáticas — Rio de Janeiro.**

O controle da Nuclen

A propósito do texto **Domínio na Nuclen é dos alemães**, publicado na edição de 20/09/81 desse jornal, com vários dados incorretos, gostaria de fazer as retificações necessárias para bem informar ao leitor.

Diz o texto: "Há um conselho técnico do qual apenas um brasileiro participa. Assim mesmo sem direito a voto". Mais uma vez esclarecemos esta questão: como é do conhecimento público o Brasil entrou na era das usinas nucleares através da construção de Angra-1, a qual foi adquirida da Westinghouse. A construção desta usina propiciou, aos técnicos brasileiros nela envolvidos, a aquisição de conhecimentos nas áreas de construção civil, montagem e detalhamento de projeto, específicos para este tipo de usina; entretanto 100% do projeto básico e cerca de 94% dos componentes foram importados dos Estados Unidos. O país está-se capacitando para projetar e construir as usinas nucleares através do Acordo com a Alemanha e da aquisição de tecnologia da empresa KWU. Ela tem comprovada tradição na construção de usinas nucleares. Entretanto visando aumentar o índice de nacionalização em equipamentos, a Nuclebrás, através da Nuclen, está fazendo adaptações nos projetos das usinas de modelo KWU que estão sendo executados no Brasil.

Portanto, as nossas usinas nucleares estão sendo construídas com projetos e equipamentos produzidos parcialmente na Alemanha e no Brasil. A empresa alemã é integralmente responsável pelo funcionamento adequado e sobretudo seguro da usina, no que diz respeito aos projetos e fornecimentos de origem alemã e além disso é co-responsável, juntamente com a Nuclen, no que diz respeito aos projetos realizados no Brasil. Como não poderia deixar de ser, ela precisa estar de acordo com as modificações a serem introduzidas para continuar mantendo sua co-responsabilidade técnica. Para acompanhar estas mudanças no projeto foi criado um Comitê Técnico, com representantes da KWU e um observador brasileiro.

É evidente que a KWU não poderia assumir a co-responsabilidade técnica por meio de um Comitê Técnico integrado por brasileiros. Caso o Comitê discorde de alguma modificação cabe aos brasileiros aceitar ou não o ponto-de-vista do Comitê; em não aceitando, a KWU se reserva o direito de suspender a sua co-responsabilidade técnica pelas conseqüências desse não acatamento. Esta solução parece correta, pois preserva a capacidade de decisão dos técnicos brasileiros, sem comprometer a imprescindível segurança nuclear. A transferência da responsabilidade da KWU para a Nuclen está sendo realizada gradativamente, à medida que os brasileiros estão para isso se capacitando. O acordo prevê que até a conclusão da quarta usina ela seja integralmente assumida pela Nuclen.

Afirma ainda o texto: "Mesmo detendo apenas 25% do capital, os sócios minoritários têm poder de veto e, ainda a seu favor, o fato de as decisões importantes da empresa serem obrigatoriamente tomadas por unanimidade". O controle da Nuclen é exercido efetivamente pela Nuclebrás, detentora que é de 75% de seu capital, conforme expresso nos estatutos e Acordos de Acionistas. Os assuntos para os quais é requerida unanimidade, tal como previsto no referido Acordo, são os seguintes: aprovação do orçamento financeiro, do balanço anual, captação de recursos por empréstimos, compra e venda de escritórios, estabelecimento de filiais e pagamento de donativos. Isto é o que normalmente é estabelecido em todas as sociedades anônimas, em atendimento às leis brasileiras que regem este tipo de associação. (Em particular a lei 6404/76 — Lei das SA).

Segundo o texto "as duas principais diretorias — Técnica e Comercial — são representadas pela KWU". A informação é incorreta. A Nuclen tem cinco diretores, sendo que quatro deles são brasileiros, a saber: diretor-presidente, diretor-superintendente, diretor-comercial e de desenvolvimento industrial, diretor administrativo e de finanças. Apenas o diretor técnico é alemão, tendo sido indicado, juntamente com o diretor administrativo e de finanças, pela KWU.

Outra informação do jornal: "Esta desproporção de domínio na empresa brasileira é que teria levado alguns reconhecidos técnicos do setor a deixar a superintendência da Nuclen, caso de Sérgio Brito, David Simon e Joaquim de Carvalho, este hoje um dos mais severos críticos do Programa Nuclear Brasileiro e do Acordo Nuclear — Brasil-Alemanha". Trata-se de uma presunção do JORNAL DO BRASIL que não se baseia em fatos. Jamais os Srs Sérgio Brito e David Simon fizeram quaisquer declarações que pudessem ser interpretadas como o JORNAL DO BRASIL o fez. De resto esse jornal subestima a capacidade daqueles técnicos, de fazer prevalecer seus pontos de vista em uma empresa majoritariamente brasileira. Quanto ao Sr Joaquim de Carvalho, o mesmo deixou a Nuclen por ter sido nomeado para dirigir o BD-Rio. O General Dirceu Coutinho, mencionado como tendo sido superintendente da Nuclen, na verdade nunca o foi, tendo trabalhado na Nuclei.

A respeito de outra afirmação do texto — "os custos pagos por serviços de engenharia nas Usinas 2 e 3 de Angra dos Reis atingem quase 800 milhões de dólares. Esta quantia significa 320 dólares por quilowatt instalado". A informação transmitida no texto é inverídica. O valor dos serviços de engenharia até agora realizados para Angra 2 e 3 é de cerca de 170 milhões de dólares. A participação da KWU é de 40% e da engenharia nacional é de 60%, este percentual dividido entre a engenharia própria da Nuclen e a das companhias brasileiras de projeto, subcontratadas pela Nuclen. Esclarecemos ainda que, em cada uma das Usinas 2 e 3, o total dos serviços de engenharia — nacional e estrangeira — corresponde a cerca de 13% do total do empreendimento (custos diretos), ou seja, aproximadamente 260 milhões de dólares. Este percentual de participação da engenharia no custo total do empreendimento deverá se reduzir nas usinas subseqüentes do programa, devido à padronização do projeto das usinas.

Diz ainda o texto: "O Secretário de Ciência e Tecnologia, José Israel Vargas, acha, por exemplo, que a concepção do reator até o circuito primário do trocador de calor, ou seja a filosofia do projeto — como é freqüentemente chamada — não está aberta à discussão". Gostaríamos de ressaltar que a transferência da tecnologia relativa ao sistema primário da usina é objeto de cláusula específica do Acordo com a Alemanha e se constitui num dos principais objetivos da Nuclen. A propósito, esclarecemos que 70% do projeto básico dos sistemas mecânicos da usina já estão sendo realizados na Nuclen, para as Usinas de Angra 2 e 3, percentual este que deverá aumentar para as usinas subseqüentes do programa até a completa nacionalização. **Ronaldo A. C. Fabricio, diretor superintente da Nuclen — Rio de Janeiro.**

Remédio caro

Denuncio um verdadeiro assalto ao consumidor, como este que relato e do qual fui vítima ao comprar um vidro de Biotônico Fontoura, na Farmácia Angela, no Humaitá. Três sucessivas etiquetas superpostas elevaram o preço original de Cr$ 78,45 (em março de 81, conforme carimbo do produtor) para Cr$ 315 (compra com data de 20/9/81). É impossível se justificar pela inflação um aumento de 400% em seis meses! Esclareço que ambos os preços são para o consumidor, conforme posso atestar pelo vidro adquirido. (...). **Sérgio F. Magalhães — Rio de Janeiro.**

Cobrança precipitada

Negociantes são punidos, aliás muito merecidamente, quando efetuam aumentos antes de autorizados. A Telerj, para efetuar mais aumento de tarifa, uniformizou o período de fornecimento numa tentativa, acredito eu, de minimizar as conseqüências. No entanto, a Light aumenta antes do fim do mês, faz a marcação um dia após o aumento; segundo eles o problema é da escala, mas nada é feito para torná-la justa, e, o que é pior, cobra o fornecimento anterior ao aumento pela tarifa nova. Com a palavra alguém que tenha, realmente, uma resposta e não as desculpas esfarrapadas que geralmente são dadas. **Marília de Oliveira — Rio de Janeiro.**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

Correções

O JORNAL DO BRASIL errou ontem ao noticiar o aumento do preço do álcool. O preço anterior do litro era Cr$ 48 — e não Cr$ 42, como se informou — e, portanto, o percentual de aumento do álcool foi de 8,3%, e não de 23,8%. Conseqüentemente, o aumento do álcool foi inferior ao da gasolina, de 13,3%. O novo preço do álcool estava correto: é de Cr$ 52 o litro.

■ ■ ■

A Revista do Domingo que acompanha esta edição errou, na página 8, numa reportagem sobre o piloto de Fórmula-1, Gilles Villeneuve: a corrida de Las Vegas foi ontem e não hoje, como diz a Revista.

JORNAL DO BRASIL LTDA — Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1981

Avenida Brasil, 500 — CEP 20 940 — Rio de Janeiro, RJ
Caixa Postal 23.100 — S. Cristóvão — CEP 20 940 — Rio de Janeiro, RJ
Telefone — 264-4422 (PABX)
Telex — (021) 23 690, (021) 23 262, (021) 21 558

Sucursais
Brasília — Setor Comercial Sul (SCS) — Quadra I, Bloco K, Edifício Denasa, 2º andar — telefone: 225-0150 — telex: (061) 1011
São Paulo — Avenida Paulista, 1 294, 15º andar — CEP 01310 — S. Paulo, SP — telefone: 284-8133 (PBX) — telex: (011) 21061, (011) 23038
Minas Gerais — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º andar — CEP 30000 — B. Horizonte, MG — telefone: 222-3955 — telex: (031) 1262
Paraná — Rua Presidente Farian, 51, Cj 1.103/1 105 — CEP 80000 — Curitiba, PR — telefone: 24-8783 — telex: (041) 5088
R. G. do Sul — Rua Tenente-Coronel Correia Lima, 1 960/Morro Sta Teresa — CEP 90000 Porto Alegre, RS — telefone: 33-3711 (PBX) — telex: (051) 1017
Bahia — Rua Conde Pereira Carneiro, s/n — Pernambués — CEP 40000 Salvador, BA — telefone: 244-3133 — telex: (071) 1095
Pernambuco — Rua Gonçalves Maia, 193 — Boa Vista — CEP 50000 — Recife, PE — telefone: 222-1144 — telex: (081) 1247

Correspondentes nacionais
Acre, Alagoas, Amazonas, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Santa Catarina, Sergipe.

Correspondentes no exterior
Beirute (Líbano), Bonn (Alemanha Ocidental), Buenos Aires (Argentina), Lisboa (Portugal), Londres (Inglaterra), Moscou (URSS), Nova Iorque (EUA), Paris (França), Roma (Itália), Tóquio (Japão), Washington, DC (EUA).

Serviços noticiosos
ANSA, AFP, AP, AP/Dow Jones, DPA, EFE, Reuters, UPI.

Serviços especiais
BVRJ, Le Monde, The New York Times, Unicon.

RIO DE JANEIRO — MINAS GERAIS
Entrega Domiciliar — Telefone: 228-7050
1 mês .... Cr$ 870,00
3 meses .... Cr$ 2.480,00
6 meses .... Cr$ 4.700,00
SÃO PAULO — ESPÍRITO SANTO
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 2.650,00
6 meses .... Cr$ 5.100,00
SALVADOR — JEQUIÉ — FLORIANÓPOLIS
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 3.750,00
6 meses .... Cr$ 7.250,00
BRASILIA — DISTRITO FEDERAL
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 3.250,00
6 meses .... Cr$ 6.000,00
ESPÍRITO SANTO — RIO DE JANEIRO — MINAS GERAIS — SÃO PAULO
Entrega Postal
3 meses .... Cr$ 3.250,00
6 meses .... Cr$ 6.000,00
DEMAIS ESTADOS
Entrega Postal
3 meses .... Cr$ 5.100,00
6 meses .... Cr$ 9.700,00

Classificados por telefone 284-3737

Coisas da política

Eleições ao preço de caviar

Wilson Figueiredo

BENS supérfluos estão barrados na relação dos artigos encarregados de assegurar representatividade social à taxa de inflação. Caviar, por exemplo, é impedido de freqüentar o índice do custo de vida. Qualquer cidadão pode passar perfeitamente sem caviar: logo, rua com ele. A casa é do Governo, que dá a festa e portanto escolhe os convidados. Os economistas ficam à porta com a incumbência de fazer a triagem. Supérfluo não entra.

Com toda essa cautela, a inflação nunca poderia ter-se amatronado a ponto de retirar-se da vida oficial. A frugalidade de seu regime e o rigor espartano de uma vida pública programada pelos economistas deveria resultar numa figura esbelta. Nossa inflação, no entanto, é gorda, satisfeita, extrovertida. Será distúrbio glandular?

A inflação prepara outro guarda-roupa para se apresentar em ângulos favoráveis em 82. Poderá ser vista com amplos decotes nos palanques dos candidatos do PDS. Em ano eleitoral sua presença é prestigiosa. A inflação tem aquele ar protetor e maternal das teúdas e manteúdas do Governo. Claro que os candidatos da Oposição vão atingir-lhe a honra, mas esse item também não pesa no cálculo final do custo de vida. A inflação nunca foi mulher de César: pode, portanto, ser suspeitada à vontade. Vive aliás da coquetterie de ser difamada pelos homens íntegros de oposição durante as campanhas, e de freqüentar-lhes os gabinetes depois de eleitos. Pois para isso os oposicionistas se candidatam: para substituir os governantes em suas virtudes e vícios.

Por mais que os nutrólogos oficiais digam o contrário, a dieta para reduzir o peso da inflação será menos severa em 82. É inevitável. A não ser que a inflação faça como certas pessoas que se submetem a um regime (alimentar, bem entendido) mas comem escondido. A solução, diante da evidência visual, fica por conta da balança viciada: esconde o peso. A inflação só está emagrecendo um pouco para comparecer a todas as festas dos candidatos do PDS.

É que o custo de vida relativo ao próximo ano não refletirá a alta de preços dos materiais eleitorais: despesas dos candidatos não entram no cálculo da inflação. Eleições são uma variedade de caviar, que os economistas não consideram suficientemente representativas das necessidades populares. Ficam do lado de fora das contas da inflação. Nem mesmo o conceito (mais em moda) de sociedade, que substituiu o de povo nos discursos políticos e civiliza nossos argumentos e idéias, seria capaz de assegurar às despesas eleitorais status de custo de vida. Democracia ainda é artigo de luxo, portanto fica melhor na categoria dos supérfluos.

Os gastos feitos em campanha pelos candidatos não chegam aos eleitores. Ficam em mãos de terceiros, isentos de qualquer tributação pelo trabalho intermediário. Só não se paga ainda para votar porque os economistas não acreditaram que as eleições viessem para ficar. Se lhes tivesse ocorrido a percepção dessa fatalidade, é certo que, entre muitas outras, teriam empunhado a tese da cobrança de uma taxa eleitoral única para abastecer um Fundo Nacional de Garantia Democrática. Com 50 milhões de contribuintes, o FNGD teria vida dinâmica e empregaria até economistas.

Quem não pagaria uma taxa para escolher dirigentes políticos? Ao conceito de economia de mercado acrescentar-se-á o de uma economia eleitoral como suporte. Cada qual pagaria pelo direito de votar e todos se sentiriam realmente responsáveis pelo voto. Pagando para votar em Governador, Deputado e Senador, acabaria o voto de favor e apareceria o voto de investimento. Adeus paternalismo.

A título de incentivo aos cordeiros, o leão da Receita Federal abriria mão da parte que lhe toca. A receita eleitoral arrecadada na boca das urnas movimentaria o Fundo de Democratização, garantido pela correção monetária e gerido com autonomia. Isto é, com seu corpo de funcionários especializados e quadro de economistas, em regime de fundação, com férias, FGTS, 13º salário e direção colegiada. Acabaria assim o hábito de pedir voto. Só Prefeito e vereador poderiam ser eleitos com votos gratuitos: ninguém precisaria pagar para elegê-los.

Ficaria para resolver oportunamente — há tempo de sobra — apenas a questão dos candidatos que, a esta altura, não escapam à fatalidade: as eleições são inevitáveis e caríssimas. Segundo as estimativas dos que estão por dentro dos custos, um mandato de deputado federal não ficará por menos de Cr$ 5 milhões. Preço, aliás, para a renovação do mandato. Um mandato novo, em primeira mão, está orçado em torno de Cr$ 10 milhões.

Para candidatos do PDS, o preço triplica. Em compensação, o Governo pode ajudá-los um pouco. Não dá, porém, para amortizar a dívida durante o mandato, a não ser que o eleito faça trabalho extra.

Outra solução saneadora ao alcance dos economistas: candidatos só poderiam se apresentar mediante comprovação de renda. Não faltaria, por certo, quem apresentasse falsa declaração de rendimento. Para evitar fraude, essa mesma declaração seria anexada ao imposto de renda como cédula especial, para efeito de verificação e dedução dos descontos cabíveis.

Dona Democracia

Fernando Pedreira

NUM recente, e memorável, programa de televisão (Canal Livre, TV Bandeirantes), lembrava mestre Alceu Amoroso Lima que a verdadeira lei da História é o imprevisível. O imprevisível, isto é, o incerto, o inesperado, o surpreendente, que podem vir sob formas e gradações diversas, mas que não faltam nunca ao encontro marcado com os homens. Ainda agora, Anwar Sadat vem de morrer no Egito, o chanceler de ferro Helmut Schmidt instala um marcapasso no coração em Coblença, e as taxas de juros caem nos Estados Unidos. Em Brasília, o Presidente Aureliano Chaves monta a guarda no Palácio, ao lado do chefe da Casa Civil, Leitão de Abreu, enquanto o suposto Governo paralelo do General Figueiredo muda-se inteiro para Cleveland...

Estranho mundo. Nele, só o que já aconteceu parece certo e definitivo, e, mesmo assim, nem tanto. Eis aí um ponto em que podem concordar os melhores pensadores políticos e, até, grandes banqueiros como esse Walter Wriston, presidente do Citicorp, ora em visita ao Brasil, país do qual seu banco é o maior credor externo. Wriston é um banqueiro otimista. Ele cita a historiadora inglesa Barbara Tuchman para exorcizar as cassandras que prevêem catástrofes e calamidades próximas.

"... os profetas do desastre — diz Tuchman **apud** Wriston — tomam uma tendência e a estendem, esquecendo que o fator depressivo cedo ou tarde gera um mecanismo compensatório... Não se pode fazer extrapolações a partir de séries em que o elemento humano interfere: a história, isto é, a narrativa humana, não obedece nunca, nem obedecerá jamais, a nenhuma curva científica".

Num mundo em que a maioria dos países (e das pessoas) está endividada até as orelhas, e no qual as taxas de juros se mostram tão gratificantes, ninguém estranhará, da parte dos grandes banqueiros, algum entusiasmo cívico. E, entretanto, apesar de tudo, não me parece possível negar que uma certa medida de confiança no futuro seja um sentimento saudável (e justificável), mesmo entre as pessoas chamadas comuns.

Veja-se o Brasil, por exemplo. O Brasil é um país onde os mecanismos compensatórios (referidos por Tuchman) costumam ser lentos, torpes e até perversos, o que não os impede de ir produzindo, ao longo da história, os seus efeitos. Pode-se constatar sem dificuldade as conseqüências da sua presença em diferentes níveis e em dimensões diversas do nosso corpo social.

Ainda agora, no Rio, a execução sumária de um bandido famoso, em plena via pública, somada ao espetáculo do seu enterro, provocou reações saudáveis e saneadoras na opinião pública, na polícia e na própria Justiça. Embora se possa supor que essas reações não venham a ter, afinal, a consistência e a persistência que deveriam ter, sempre se pode esperar que, no futuro, novas disputas entre bandidos provoquem e permitam novos avanços da lei. Em verdade, o que se pode inferir do episódio é que, quanto mais espetacular é o crime, mais ele beneficia o direito (e a decência) entre os cidadãos. Um bandido cinematográfico como esse que morreu, portanto, não deixaria de ter a sua inegável serventia social, ao menos depois de morto.

Em alguns casos, o mecanismo compensatório, funciona pois, de maneira relativamente simples e quase automática. Em outros, no entanto, ele se assemelha mais a uma vacina dessas do doutor Sabin, que são certamente eficazes, mas que precisam ser aplicadas repetidas vezes e devem alcançar um universo tão amplo quanto possível, para evitar a recorrência dos surtos epidêmicos.

É o que parece estar acontecendo agora, nesse episódio das desventuras do ex-Presidente Jânio Quadros. Sabe-se que o Brasil, a partir de 1945, sofreu uma forte infecção demagógica, cujos principais agentes (e beneficiários) foram Getúlio, Adhemar, Jango e Jânio. Essa infecção prosperou especialmente no tecido novo das maiores cidades, como São Paulo e Rio, que o desenvolvimento econômico rápido obrigou a absorver grandes massas, politicamente despreparadas, de migrantes vindos das regiões mais pobres e atrasadas do país.

Firmada nessa base urbana que se ampliava com rapidez, a virose populista-getuliana chegou a dominar órgãos inteiros da administração pública e a invadir boa parte do sistema político nacional. Crises graves como as de agosto de 1954, agosto-setembro de 1961, e março-abril de 1964 foram conseqüência do agravamento da infecção e das fraquezas do organismo nacional, incapaz de contê-la por meios democráticos ou, se quiserem, clínicos, não-cirúrgicos.

Dos seus grandes agentes, o mais forte e o de maior êxito foi, sem dúvida, o primeiro: Getúlio Vargas, criador e mestre de dois outros: Adhemar e Jango. Mas, o mais virulento e perigoso de todos acabaria sendo o último da série, Jânio Quadros, um demagogo falsamente moralista e pérfido, qualidade lhe permitiria envolver, em 1960, até mesmo o eleitorado liberal do seu companheiro de chapa (traído), Milton Soares de Campos, e eleger-se Presidente da Republica.

Não será demais dizer, no entanto, que foi exatamente a exacerbada ambição janista, causa-primeira dos acontecimentos de 1961-64, que acabou enterrando o populismo sob o regime militar dos últimos 17 anos e, de algum modo, multiplicando na alma nacional os anticorpos indispensáveis à resistência à demagogia.

Eis aí uma conclusão na qual seria talvez imprudente confiar demais. Até que ponto a traição de Jânio Quadros, há vinte anos, vacinou o país contra as aventuras demagógicas? É provável que muita água deva correr, ainda, por baixo da ponte, antes que se possa ter resposta segura para uma tal indagação. Mas, não há dúvida que começam a aparecer, desde agora, indícios alentadores.

Um desses indícios é a atual repugnância dos grandes partidos oposicionistas diante do próprio Quadros. Outro, serão as dificuldades que estão encontrando, em suas áreas específicas, os demais caudilhos populistas remanescentes, como Leonel Brizola. Um terceiro indício pode muito bem ser o êxito relativo do PT lulista, apoiado pelos setores radicais da Igreja. O PT, sindicalista e socialista, exprime hoje, entre setores operários e populares, uma forma de reação à corrupção e ao paternalismo característicos do velho PTB getuliano. Esperemos que o carisma e a ambição do seu chefe, Luís Inácio da Silva, não o acabem tornando numa nova variante caudilhesca e demagógica, entre o povo.

A situação política atual do Brasil não deixa de ter algumas semelhanças com a de 1945. À medida que se afasta a sombra da ditadura militar e do autoritarismo imposto de cima para baixo, os riscos para a democracia renascente passam a vir do outro lado. Deixam de ser militares, propriamente, para serem sobretudo demagógicos. Isto é: passam a vir daqueles que são capazes de usar os **próprios meios democráticos**, o favor popular e o peso do apoio das massas, para subverter as instituições e satisfazer a sua ambição de mando e de poder pessoal.

Nas democracias, a demagogia é a mãe da tirania. Assim tem sido, desde a cidade de Siracusa, nos tempos da velha Grécia, até a Roma de Mussolini; desde a Alemanha de Hitler, até Perón e Getúlio nas nossas paragens subtropicais. Um demagogo é alguém capaz de levantar as saias da democracia e enfiar-se debaixo delas, como aquele personagem logo nas primeiras cenas do "Tambor", de Gunter Grass.

Infelizmente, o fato de que veteranos, como Jânio Quadros, estejam sendo barrados agora, não é garantia de que não possam surgir, mais adiante, outros demagogos novos, mais hábeis e menos gastos. Pau neles.

Na esteira de uma revolução redentora

Barbosa Lima Sobrinho

UM golpe de estado que se intitula "revolução", e até mesmo "revolução redentora", deve ter, ao que se supõe ou se deseja, o propósito de reformulação dos costumes, estabelecendo novas diretrizes para a vida nacional, nos diversos setores em que se divide a atividade dos brasileiros. Seria essa, pelo menos, a expectativa geral, e muita gente, em que eu também me incluiria, estaria disponível para aplaudir as medidas salvadoras, as reformas honradas que visassem progresso ou aperfeiçoamento da vida e dos usos de nossa terra. Tanto mais quando a preocupação dos que chegavam ao poder, pelo menos aparentemente, era a de fazer do ano de 1964 o começo de uma nova era, em condições de se equiparar a 1500, pois, se tudo andava errado e cheio de vícios, era preciso corrigir, emendar e purificar, e não era outro o programa difundido. Já havia até quem achasse alguma parecença entre os homens que chegavam e a figura marcial de Pedro Álvares Cabral. Tudo teria que receber o carimbo de novidade, tudo teria que começar de novo, como se acabassem de chegar às praias do Brasil as caravelas do descobrimento.

Por isso, nesse ambiente de euforia e de esperança, não chegou a despertar críticas veementes a extinção dos partidos políticos existentes. Alguns vinham cansados de conformidade, como o PSD. Outros exaustos de vigilância, como a UDN, e desejosos de sentir o gosto do poder que nem chegaram a prelibar, com a renúncia de Jânio Quadros. Até mesmo o PTB trazia à memória de todos a recordação da presença malsinada do pelego. Além disso, havia partidos demais, para usufruição de aspirações personalistas. Por isso, quando se lavrou a certidão de óbito de todos eles, houve lágrimas de saudade dos que, à margem dele, vinham conspirando, mas nenhum protesto veemente de uma opinião pública silenciosa e discreta. Confesso que, de minha parte, aplaudia o ingresso no bipartidarismo, que correspondia às melhores tradições do período imperial, que tanto havia concorrido para o despertar e o florescimento de vocações políticas.

Assim surgiram, quase que sob aplausos, os dois partidos políticos criados pela revolução, a Arena e o MDB, filhos legítimos, ou legitimados, do golpe de estado de 1964, podados, ambos, dos réprobos e carcomidos alcançados pelos raios das cassações sem justificativa e sem direito de defesa. Infelizmente, o que se chamava "revolução" acabou se identificando com um dos dois partidos que acabavam de nascer, mais inclinada a receber louvores do que a tolerar críticas, como se viesse ungida pela infalibilidade divina, e entendendo que a missão dos partidos não poderia ir adiante da função do "sim, senhor". Tanto mais que, nas eleições, o partido que criticava recebia, para o Senado, mais de quatro milhões de votos que o partido que aplaudia, e os outros pleitos não chegavam a compensar os ressentimentos provocados por uma diferença tão gritante. Isso foi influindo no estado de espírito dos governantes, para que se identificassem com o partido que os aplaudia, vendo no outro uma súcia de subversivos, já merecedores dos raios da cassação. Um bando de cegos, sem olhos para ver os milagres da situação. Uma legião de surdos, de ouvidos fechados às apologias do Sr Reis Veloso ou aos ditirambos do Sr Delfim Neto.

Que outro remédio do que o de confessar o erro da revolução, ao criar o bipartidarismo? Impunha-se a receita antiga de dividir os adversários, antes que alcançassem os índices da maioria absoluta. Estimular o argumento da autenticidade partidária e, sobretudo, as vantagens de novas siglas, para a proliferação de candidaturas, ao mesmo tempo que se garantia a unidade, pelo menos aparente, das forças que estavam apoiando o Governo e o sistema da revolução. E como, ainda assim, não fosse bastante o dividir a Oposição, acrescentaram-lhe alguns adminículos, que concorressem para o reforço do partido da situação. A maioria absoluta era um sonho do passado. Havia que se contentar com maiorias relativas, desde que se procurasse impedir a maioria absoluta dos adversários. O maior inimigo do Governo estava nas borboletas dos supermercados. E como não havia como suprimir os supermercados, o problema se reduzia a dificultar a soma dos votos descontentes. Tanto a idéia da sublegenda, como a de criação do "distritão", serviam para essa função meritória. Era mais fácil enfraquecer o adversário do que fortalecer o eleitorado favorável. Sempre e sempre o eterno dividir para reinar.

A sublegenda, dentro de um mesmo partido, é estimular a indisciplina partidária, quando se admite que possa ter até três candidatos a cargos que estão sendo disputados. Mesmo que os outros partidos tenham direito à sublegenda, os votos deles não poderão ser somados aos votos dos outros partidos da Oposição, a menos que somente um desses partidos tenha candidatos a esses mesmo postos, e não é fácil conter aspirações dos que já se consideram vitoriosos, por menores que sejam os contingentes com que possam contar. A experiência do passado mostra que a rivalidade é maior entre os nomes apresentados pelo mesmo partido. De partido a partido pode haver cordialidade. Dentro da mesma sigla, a luta é de foice, com um grau extremo de ferocidade. No Uruguai democrático, de que todos temos tanta saudade, a sublegenda se instalara para permitir à soma dos votos dos partidos afins, em favor do candidato que, entre todos eles, houvesse obtido maior votação. Era o meio de manter a tradição do bipartidarismo tradicional, com os blancos de um lado e os colorados do outro. No Brasil, a sublegenda surge como obstáculo à conquista da maioria absoluta, com a proibição da coligação dos partidos. Não leva em consideração o texto constitucional que recomenda a disciplina, entre os objetivos a alcançar, na legislação eleitoral.

Quanto à fórmula do "distritão" vale pelo abandono da regra da proporcionalidade, base de toda a representação partidária, para preferir, individualmente, os candidatos mais votados, desprezada a votação do partido em que se inscreveu. É o partido sacrificado ao candidato, muito embora o artigo 158 da Constituição disponha que "os partidos políticos terão representação proporcional". Como seria proporcional a votação, com a proposta do "distritão"? Que importância tem o fato da grande votação de um candidato, se não chega a alcançar o quociente eleitoral, que o outro partido excedeu várias vezes, embora com candidatos individualmente menos votados?

O processo eleitoral brasileiro já poderia ser apontado entre os mais aperfeiçoados. As reformas que se insinuam nos bastidores partidários são passos para trás, recuos e não avanços, regresso e não progresso. E o que assusta é que tudo isso venha no bojo de uma situação, que a si mesma se classificara como "revolução" e como "redentora".

Sadat usou repressão para evitar conflito nacional

Dayan será enterrado hoje na cooperativa agrícola em que passou a juventude

Tel Aviv — Moshe Dayan — o herói da Guerra dos Seis Dias (5 a 10 de junho de 1967) e ex-Ministro da Defesa e do Exterior de Israel que morreu sexta-feira de um ataque do coração aos 66 anos — será enterrado hoje com honras oficiais na cooperativa agrícola de Nahálal, no Norte do país e onde passou sua juventude.

A Israel estão chegando muitas mensagens de condolências, entre elas as dos Presidentes dos EUA, Ronald Reagan, da França, François Mitterrand, e do Egito, Hosni Mubarak. O novo dirigente egípcio assegurou que o Governo do Cairo tem confiança no prosseguimento dos esforços de paz para o Oriente Médio, nos quais Dayan "desempenhou papel positivo".

NA HISTÓRIA

O sucessor de Dayan no Ministério do Exterior, Yitzhak Shamir, único integrante do Governo a fazer declarações durante o descanso religioso do **shabat**, disse que Israel perdeu "uma personalidade que ainda em vida entrara para a História".

Por ordem do **Premier** Menahem Begin — o qual afirmou que estava ligado a Dayan por "respeitosa relação pessoal" — o ex-chanceler receberá em seu enterro honras fúnebres nacionais. Begin comparecerá ao enterro.

Em seu telegrama, Reagan afirmou que Dayan era "o símbolo da vontade de liberdade do Estado judaico". Ressaltou também que suas estratégias arrojadas lhe valeram a vitória no campo de batalha e o respeito de amigos e inimigos".

O jornal **The New York Times** comentou em editorial que foi "sem uniforme e fora do campo de batalha que Dayan correu os riscos mais pertinentes agora à sobrevivência de Israel; tentou, como diplomata e também como cidadão, tratar de maneira humana e direta com os palestinos, que detêm a chave para a paz de Israel com seus vizinhos árabes".

O Prefeito de Belém, na Cisjordânia ocupada, Elias Freij, disse que Dayan "poderia ter feito alguma coisa pelos árabes". Dayan renunciou ao posto de Chanceler do primeiro Governo Begin em outubro de 1979, em protesto contra a intransigência de Israel nas negociações para a autonomia dos palestinos nos territórios árabes ocupados.

Egito faz novo expurgo e prende 1 500 líderes religiosos e políticos

Cairo — As forças de segurança do Egito prenderam em todo o país mais de 1 mil 500 extremistas muçulmanos e políticos esquerdistas. Fontes militares informaram que o Presidente Hosni Mubarak está determinado a adotar uma atitude enérgica contra os extremistas a fim de restabelecer a estabilidade interna e "a confiança internacional no Egito".

Acrescentaram as fontes que o Presidente ordenou a repressão para impedir que os extremistas "realizem novos atos de violência" depois do assassínio de Anwar Sadat, a 6 de outubro. O porta-voz da Presidência, Mohammed Hakki, alegou que foram presas "apenas algumas centenas de pessoas que estavam usando armas".

Rigor

O Ministro do Interior, Nabawi Ismail, já determinara a proibição de adestramento ou prática do uso de armas de fogo ou de explosivos sem instruções específicas das autoridades. Em setembro, Sadat ordenara a prisão de mais de 1 mil 500 inimigos políticos, acusados de fomentar as rivalidades entre grupos muçulmanos e cristãos.

Fontes citadas pela agência AP e que não quiseram ser identificadas revelaram que as forças de segurança prenderam integrantes de células fundamentalistas em todo o país e também filiados de Partidos políticos de esquerda. O pequeno Partido Nacional Progressista Sindicalista, de extrema esquerda e que se opõe aos acordos de paz com Israel, confirmou que mais de 80 de seus filiados foram presos depois da morte de Sadat.

No dia seguinte ao assassínio do Presidente, os fanáticos religiosos entraram em luta com as forças governamentais na cidade de Asyut (núcleo ortodoxo), a 240 quilômetros ao Sul do Cairo. Segundo as versões, mais de 118 pessoas — incluindo 60 policiais — foram mortas nas lutas que se prolongaram por dois dias.

Informou-se também que Mubarak ordenou uma depuração dos ortodoxos que ocupam postos-chave no Exército e na administração civil. No começo desta semana o Governo já anunciara que 18 oficiais do Exército, todos religiosos extremistas, haviam passado para cargos civis.

A nova onda de repressão coincidiu com a reabertura das universidades, onde as sociedades islâmicas clandestinas têm amplo apoio. Para assegurar a disciplina e prevenir qualquer possibilidade de incidentes, o Governo, desde o mês passado, adotou uma série de medidas drásticas. Toda atividade política e religiosa está proibida e o acesso às faculdades e aos **campi** só é permitido aos que possuem um passe especial.

Apoio

O jornalista Ibrahim Seda, editor do jornal **Akhbar ElYoum**, de grande circulação, afirmou em editorial que o Presidente Sadat fora demasiado branco com os grupos islâmicos dissidentes do Egito. Ao apoiar a onda de repressão ordenada por Mubarak, o editorial comentou que chegou a hora de o sucessor de Sadat "golpear com mão firme" os extremistas.

No começo de novembro começarão no Egito as manobras militares denominadas Estrela Brilhante, com a participação de tropas egípcias, americanas e, possivelmente, do Sudão, Omã e Somália. As manobras se estenderão por um mês e delas participarão 35 bombardeiros americanos B-52, aviões-radar AWACS, aviões Mirage, F-4, Mig-21 e Sukhnov-7 do Egito.

Fanático é mentor do atentado

Cairo — Investigadores egípcios acreditam que o assassínio de Sadat foi organizado por um fundamentalista islâmico que desertou do serviço de espionagem militar e foi ferido e preso durante o atentado contra o Presidente, revelou uma fonte do Egito citada pela agência AP.

A fonte, que tem acesso aos altos comandantes militares, disse que se considera autor intelectual do atentado o Tenente-Coronel Abu Abdel Latif El-Zomor, oficial de pouco mais de 30 anos que desaparecera várias semanas antes da morte de Sadat.

INTERROGATÓRIO

El-Zamor, que tinha um cargo no serviço de Informação Militar e acesso a segredos de segurança, está sendo submetido a "intensos interrogatórios" para determinar seus eventuais vínculos com Khaled Ah-med Shawki El-Islambouly, que liderou o grupo que matou Sadat. As investigações estão cercadas do mais absoluto sigilo e porta-vozes do Ministério da Defesa se recusaram a fazer comentários.

O informante egípcio, que pediu para não ser identificado, estava no palanque presidencial a 6 de outubro quando ocorreu o atentado. Disse que o plano dos assassinos previa morte de todos os dirigentes egípcios de primeiro escalão, incluindo o Vice-Presidente Hosni Mubarak, mas que os pistoleiros ficaram sem munição.

Mubarak, que logo assumiu a Presidência, e o Ministro da Defesa, General Abdel Halim Abu Ghazala, estavam sentados de cada lado de sadat, mas sofreram apenas ferimentos leves.

O informante comentou ainda que os investigadores egípcios estão convencidos de que nem El-Zomor nem El-Islambouly tiveram contatos com a Líbia ou outros países, atuando exclusivamente por fanatismo religioso.

O Governo do Cairo foi obrigado a lançar em setembro a campanha de repressão contra os círculos religiosos e políticos extremistas — da qual resultou a prisão de mais de 1 mil 500 pessoas — para evitar um conflito "como o Egito jamais teve em sua longa história", afirmou o Presidente Anwar Sadat em sua última entrevista, concedida à revista **Der Spiegel**, da Alemanha Ocidental, cinco dias antes de ser assassinado.

Na entrevista — que o **JORNAL DO BRASIL** publica a seguir com exclusividade no Brasil — Sadat criticou energicamente o líder da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, assegurando que "é um homem desleal, que diz uma coisa agora e outra daqui a pouco". Para superar os obstáculos à paz no Oriente Médio, Sadat prometera que negociaria "incansavelmente" com os israelenses e americanos.

Arquivo/ 3-4-1977

Anwar Sadat

"As minorias são perigosas"

— Senhor Presidente: choques violentos entre muçulmanos e cristãos, mais de 1 mil 500 membros da Oposição presos pelas forças de segurança, até jornais fechados. O que está acontecendo no Egito?

— Sua pergunta é pertinente. Ao retornar dos Estados Unidos, tive de tomar medidas drásticas, porque a situação se tornara perigosamente crítica.

— A unidade nacional corria perigo?

— Não chegava a esse ponto. Nem a segurança do Estado nem o regime estavam, de forma alguma, sob perigo. Não havia riscos imediatos para o Estado. Era mais uma negligência generalizada no cumprimento da lei, e isso causa problemas de todos os tipos, especialmente com relação às atividades de grupos islâmicos, e também os coptas.

— Para os 14 egípcios que morreram, só no Cairo, durante os tumultos religiosos, sua intervenção chegou tarde demais.

— Mas foi suficiente para proteger as futuras gerações do pior. Pensei no futuro, no homem que um dia me sucederá.

— O senhor já pensa num sucessor? É verdade que em nossa última entrevista, em novembro de 1980, o Sr disse que não pretendia prorrogar seu mandato além de outubro de 1982.

— Estou ansiando por esse momento. Mas, por ora, tenho de cuidar de meu povo e acertar detalhes com meus filhos. Ainda não sei como meu povo receberá a notícia. Acho que terei de tomar a decisão final quando chegar a hora.

— O senhor não perdeu tempo com reflexões quando decidiu atacar seus oponentes da esquerda e da direita.

— Se não tivéssemos agido sem demora, teríamos sido enredados num conflito religioso como o Egito nunca teve em sua longa história.

— Não teria sido suficiente prender apenas os que se achavam direta ou indiretamente envolvidos nos distúrbios religiosos?

— Todos os levados a julgamento se achavam direta ou indiretamente envolvidos na agitação religiosa ou tentarem explorar os problemas religiosos visando seus objetivos políticos.

— Quem está por trás desses religiosos extremistas?

— Os líderes da velha Irmandade Muçulmana, que querem se vingar da revolução de 1952. E alguns desses oportunistas políticos que usam a religião para seus objetivos políticos.

— Refere-se aos políticos esquerdistas e liberais recentemente detidos?

— Refiro-me aos presos políticos que queriam alcançar seus ambiciosos objetivos políticos através da agitação religiosa. Por isso disseram aos seus grupos que estavam combatendo a autoridade do Estado, o Chefe de Estado...

— E os Estados Unidos.

— Correto. Inventaram que o Ocidente, particularmente os Estados Unidos, era um inimigo do Islã. Em sua revista, **El-Dawa**, a Irmandade Muçulmana escreveu que a revolução egípcia de 1952 foi um golpe militar de inspiração americana. Eu os farei pagar caro por esta difamação de nossa luta nacional.

Erro grave

— Se o senhor queria acabar com esses grupos de terror islâmico, sem muito alarde, provavelmente deveria ter agido mais cedo.

— Tem razão, era um terror à maneira de Khomeiny. enquanto eu estiver aqui, eles não conseguirão nada. Mas, quando não estiver mais, poderão alcançar algo. Não há lugar para essa gente no Egito de hoje. Se um deles começar a agir agora, o povo, e não a polícia, se encarregará deles.

— O senhor quebrou a espinha dorsal da Irmandade Muçulmana?

— Membros de organizações muçulmanas extremistas surgem aqui e ali. Mas estão em fuga e vamos acabar com suas atividades.

— Os críticos alegam que o senhor se valeu do surto de violência par se livrar de seus oponentes políticos também.

— Cada um deles será levado à presença de um juiz. As investigações estão no auge. Basta ler os jornais. Depois, haverá julgamentos abertos ao público.

— Há normas especiais no que diz respeito aos veredítos?

— A atual lei egípcia é mais do que suficiente. Não permitirei tribunais irregulares, tribunais especiais ou qualquer procedimento irregular. Cometemos um grave erro durante a revolução de julho de 1952. Devíamos ter eliminado os que queriam ver o Egito de volta ao período pré-revolucionário, como fazem todas as revoluções.

— Isso certamente teria maculado a imagem de uma revolução egípcia incruenta. O sr, herói da paz, realmente lamenta essa generosidade revolucionária?

— Se necessário, faria uma segunda revolução. Abdel Nasser proibiu qualquer atividde política do presidente do Partido Wafd, Fuad Sarag el-Din, por 10 anos. Eu cheguei a devolver-lhe seu dinheiro e sua propriedade. O que fez Abraão Lincoln depois da guerra civil americana? Confiscou as propriedades de todos os rebeldes no Sul e impôs um isolamento político a duas gerações de pais e filhos.

Atitude sagaz

— Por não contarem com bases nacionais, os débeis Partidos esquerdistas não são um desafio para o sr. No entanto, não esconde sua indignação com o Partido Trabalhista Socialista e a União Progressista Nacionalista. Por quê?

— Não os considero Partidos muito importantes, mas quando soube que o Embaixador soviético entrara em contato com eles, declarei-o **persona non grata**. Com esses contatos, ele ofendeu nossa soberania.

— Mas o sr permitiu que os comunistas egípcios formassem um Partido marxista.

— Acho que foi uma atitude sagaz, porque provou que os comunistas em nosso país não conseguem eleger um só candidato ao Parlamento. É preferível deixá-los ter o seu Partido do que vê-los passar à clandestinidade. Eles perderam todo apoio popular. Não representam mais nada.

— Há possibilidade de paz no Oriente Médio sem a União Soviética?

— Sem ela, sim, mas não sem os Estados Unidos.

— Síria, Líbia e Organização para a Libertação da Palestina (OLP) se recusam a trabalhar numa iniciativa de paz ao lado do Egito, porque é amigo da América.

— E por isso não tomam qualquer iniciativa. Assad está lutando por sua sobrevivência e não tem mais energia para qualquer outra coisa. O mesmo se aplica a Kadhafi, que viaja sem parar e há pouco assinou um acordo tripartite com a Etiópia e o Iêmem do Sul. Eles querem salvar suas cabeças.

Líder desleal

— Mas, o líder da OLP, Yasser Arafat, e seus compatriotas palestinos, que são os que realmente importam, também condenam suas políticas de paz.

— A OLP não é o único representante do povo palestino. E com relação a Yasser Arafat, lamento dizer que é um homem desleal, que diz uma coisa agora e outra daqui a pouco. Não o considero um líder árabe. Ele faz acordos com todos a fim de satisfazer os grupos em competição dentro da OLP. Não, Arafat nunca assume uma posição e dificilmente toma uma decisão. Portanto, não temos ligações com ele.

— A OLP, de Arafat, não somente não quer um papel no processo de paz egípcio-israelense, como impede seu povo nos territórios ocupados de colaborar com o sr. Como irá superar este obstáculo?

— Negociando incansavelmente com os israelenses e os americanos.

— Mas, as conversações sobre autonomia palestina estão num impasse há alguns meses.

— A última vez que me encontrei com o **Premier** (Menahem) Begin em Alexandria, decididos que iríamos trabalhar vigorosamente em prol de um acordo global, para que nossa paz não continue sendo uma paz em separado. Além do mais, há um novo componente: há algumas semanas, Israel e a OLP acertaram um armistício no Líbano meridional. Foi um acontecimento histórico que se deve seguir persistentemente.

— Pode ter sido o primeiro passo para um reconhecimento mútuo?

— Um passo importante, antes disso, será a proclamação de um Governo palestino no exílio. Se os palestinos formarem um Governo real, eu os acolherei no Cairo. Contudo, se esse Governo for apenas constituído de agentes soviéticos, nem precisam se incomodar.

— Daqui a sete meses, segundo os acordos de Camp David, Israel deverá se retirar completamente do Sinai. Há algumas questões ou dúvidas?

— Não. A 25 de abril (de 1982) Israel devolverá o resto do Sinai ao Egito. É uma questão resolvida.

— Se, a essa época, palestinos e sírios ainda se recusarem a negociar com Israel, o Sr deixará a responsabilidade por conta da OLP e dos sírios?

— Depois de 25 de abril de 1982, nada mudará na posição egípcia. O Egito tem uma responsabilidade histórica e continuará defendendo os palestinos. Se a Europa Ocidental se reunir, política, militar e economicamente com Israel e Estados Unidos, alcançaremos uma solução global para o conflito no Oriente Médio.

Papel da Europa

— O que a Europa pode fazer?

— Politicamente, pode garantir as fronteiras dos países no Oriente Médio. Isso acabaria com o receio israelense de que um Estado palestino se voltasse contra ele ou se transformasse em cabeça-de-ponte para a União Soviética. Militarmente, a Europa pode participar de uma força internacional para proteger fronteiras. E economicamente pode contribuir para a estabilidade da região, ajudando nos esforços de reconstrução.

— Os israelenses identificam, cada vez mais, a paz com o Egito, com Anwar Sadat. Eles receiam que uma mudança de Governo no Egito possa significar o fim do acordo de paz.

— O próprio **Premier** Begin já se encarregou de dissipar esse receio: nossa decisão de fazer a paz foi uma decisão estratégica. Mesmo que palestinos e árabes continuem se mantendo arredios, depois de abril de 1982, continuaremos com nossa política de paz.

— Há uma situação tensa ao longo da fronteira de seu aliado e vizinho meridional, o Sudão, com o Chade, ocupado por seu arquiinimigo Kadhafi.

— Sim, o Sudão está seriamente ameaçado pela Líbia.

Perigo de guerra

— O sr espera um conflito armado?

— Sim, espero. E ele pode irromper a qualquer momento. Ao menor ataque contra o Sudão, o Egito entrará (no conflito) com toda a sua força.

— Não receia que uma guerra dessas possa escalar num confronto das superpotências no Oriente Médio?

— Esta confrontação já está em andamento. Há alguns meses, Brejnev insinuou que enviaria tropas soviéticas ao Golfo (Pérsico) como parte de uma ação internacional. O que querem os soviéticos lá? Já não basta terem invadido o Afeganistão?

— E o que quer o Egito no Afeganistão? Quando revelou que havia, a pedido dos Estados Unidos e com aviões americanos, transportado armas soviéticas excedentes para a zona de combate, o Sr realmente deixou o Pentágono constrangido.

— Dirigi-me ao mundo islâmico e mostrei aos muçulmanos quem são os amigos e os inimigos.

— Onde o senhor espera a próxima crise?

— No Sudão e, naturalmente, no Irã.

— Prevê outras investidas soviéticas — digamos no Azerbaijão, no Irã?

— Por que não? Facilmente possível. Mas, antes disso, os esquerdistas no Irã derrubarão Khomeiny.

— Embora sejam apenas uma minoria?

— Minorias organizadas são muito perigosas.

Guerreiro critica EUA e defende ajuda ao 3º Mundo

Angela Santangelo

O Ministro das Relações Exteriores, Ramiro Saraiva Guerreiro, critica a posição defendida pelos Estados Unidos, de que o livre comércio substitui a ajuda ao desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo. Ele acha que "seria um risco grande estancar o diálogo ou deixá-lo exclusivamente às forças de mercado, que não é um remédio suficiente".

Adverte que todos os Governos devem dar ao diálogo sobre a cooperação internacional maior prioridade do que problemas das relações Leste-Oeste, "que somente se agravará se o outro não for resolvido". A hipótese de um fracasso na próxima reunião de Cancún (México), sobre o Diálogo Norte-Sul, segundo ele, criaria maiores tensões nas relações entre os países do Leste e Oeste. Mas o Ministro prefere ser otimista, descartando o fracasso total.

Argumento

Com este argumento, a posição brasileira, e de muitos países do Terceiro Mundo, procura combater a de alguns países desenvolvidos, que minimizam a necessidade do diálogo entre ricos e pobres, em função do propalado crescimento das tensões nas relações entre os países do Leste e Oeste, sob a ameaça de uma nova corrida armamentista.

Utópica ou não, a posição brasileira defende a participação de todos os países do Diálogo Norte-Sul, em uma base não ideológica. Saraiva Guerreiro explica que o diálogo é basicamente ocidental:

— A União Soviética defende uma tese de que o subdesenvolvimento é conseqüência do colonialismo e imperialismo. E, portanto, são os países ocidentais que têm de reparar seus erros.

Acrescenta que o Brasil não aceita este argumento, pois o desequilíbrio entre os países deve ser tratado como uma realidade de hoje, não importam suas bases históricas. A União Soviética foi convidada para ser o 23º país participante da reunião de Cancún e decidiu não comparecer. Cuba também participaria, mas sua exclusão foi uma imposição dos Estados Unidos, que rejeitou uma discussão sem bases ideológicas.

Capital e tecnologia

O Ministro reconhece que no bloco Sul a situação dos países é extremamente variada, não só sob o ponto-de-vista econômico, mas também pelas posições ideológicas. Destaca, porém, que as diferenças "não impedem um posicionamento conjunto frente ao bloco Norte, porque há uma coincidência de interesses entre os países do Terceiro Mundo. Todos eles, independente de sua organização interna, são importadores de capital e tecnologia, com desequilíbrio na balança comercial".

As diferenças econômicas, entretanto, geram divergências quanto à intensidade com que deve ser tratado cada um dos problemas das relações internacionais. Uns destacam a necessidade da criação de programas para o abastecimento de alimentos, enquanto outros se preocupam com a transferência de recursos financeiros ou a redução de barreiras comerciais.

Para o Brasil, todos esses problemas estão interrelacionados na discussão geral do tema A Cooperação Internacional para o Desenvolvimento.

Está sendo reivindicada uma mudança na ordem internacional vigente, através de negociações globais de todos esses aspectos no âmbito da ONU, para que haja maior transferência de recursos a serem aplicados nos países em desenvolvimento de uma forma racional e econômica.

Livre mercado

Para o Ministro Saraiva Guerreiro a solução desses problemas não pode ser buscada apenas no livre comércio, embora frise que o perfeito funcionamento das forças de mercado resulta em um sistema ideal. Lembra que muitos países, até mesmo os que afirma serem liberais, utilizam várias formas de protecionismo. E exemplifica com o caso brasileiro, onde existe uma filosofia de mercado, mas há estatização na economia, "não por motivos ideológicos, mas por necessidade de acumulação de capital".

O Brasil vai procurar mostrar em Cancún que é possível manter um diálogo racional, orientado pelo conceito de que há interesse mútuo, no Sul e no Norte, pelo desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo. O principal argumento será a necessidade de evitar a situação de relativa estagnação em que a economia internacional se encontra.

No caso de um fracasso, as conseqüências são previstas pelo Chanceler: a perda de expectativas, mesmo que modestas, dos países em desenvolvimento; a deterioação das condições econômicas; desemprego; e, em decorrência, o surgimento de tendências políticas de desespero.

— Se não puder haver o grau de inserção na economia internacional necessária aos países em desenvolvimento, as alternativas poderão ser soluções draconianas, cujos efeitos vão muito além da economia. Resultam em fechamento, na tendência à autarquia. A passagem por períodos de sacrifícios violentos acaba implicando soluções sociais e políticas indesejáveis.

Tensão Leste-Oeste

Apesar de lembrar que há prioridade na concentração dos interesses, referindo-se às necessidades básicas dos países de menor desenvolvimento relativo, Guerreiro acha que a primeira tarefa das negociações deve ser a recuperação da confiança e da expectativa positiva de desenvolvimento para os países do Terceiro Mundo.

— Isso pode resultar em uma redução dos riscos implícitos na tensão Leste-Oeste, muitas vezes localizada no bloco Sul.

Em sua opinião, a aplicação mais racional de recursos nos países em desenvolvimento criaria formas de manter e acelerar um processo de desenvolvimento que não tem sido muito dinâmico, à exceção de alguns países como o Brasil. E é aí que entra o interesse dos países desenvolvidos. Na medida em que os países do Terceiro Mundo ampliam seu processo de desenvolvimento, aumentam sua capacidade de produção e o volume do comércio internacional, garantindo maiores importações do Norte.

O Chanceler admite que os países industrializados da Europa Ocidental, talvez por dependerem mais de matérias-primas e insumos dos países em desenvolvimento, têm revelado maior disposição para iniciar as negociações globais e manter o diálogo, sem uma retórica de confrontação. No entanto, sobre o mérito da discussão, seus pontos-de-vista não se assemelham mais aos dos países do Terceiro Mundo do que o defendido pelos Estados Unidos. Em discurso esta semana, o Presidente Ronald Reagan definiu claramente a posição que será levada pelos EUA a Cancún: a total defesa do livre comércio e menor ênfase à ajuda ao desenvolvimento do Terceiro Mundo.

Jair Cardoso

Guerreiro diz que diálogo Norte-Sul beneficia as relações Leste-Oeste

Segurança protege a ilha

Cancún — Um forte dispositivo de segurança, destinado a prevenir contra atos terroristas, foi implantado em Cancún, balneário turístico de cerca de 12 quilômetros de comprimento por 1 quilômetro de largura ligado ao continente por duas grandes pontes, o que facilita a vigilância. O aparato de segurança está a cargo do Estado-Maior Presidencial, organismo autônomo formado pela alta hierarquia militar do México em coordenação com os serviços de segurança dos países participantes.

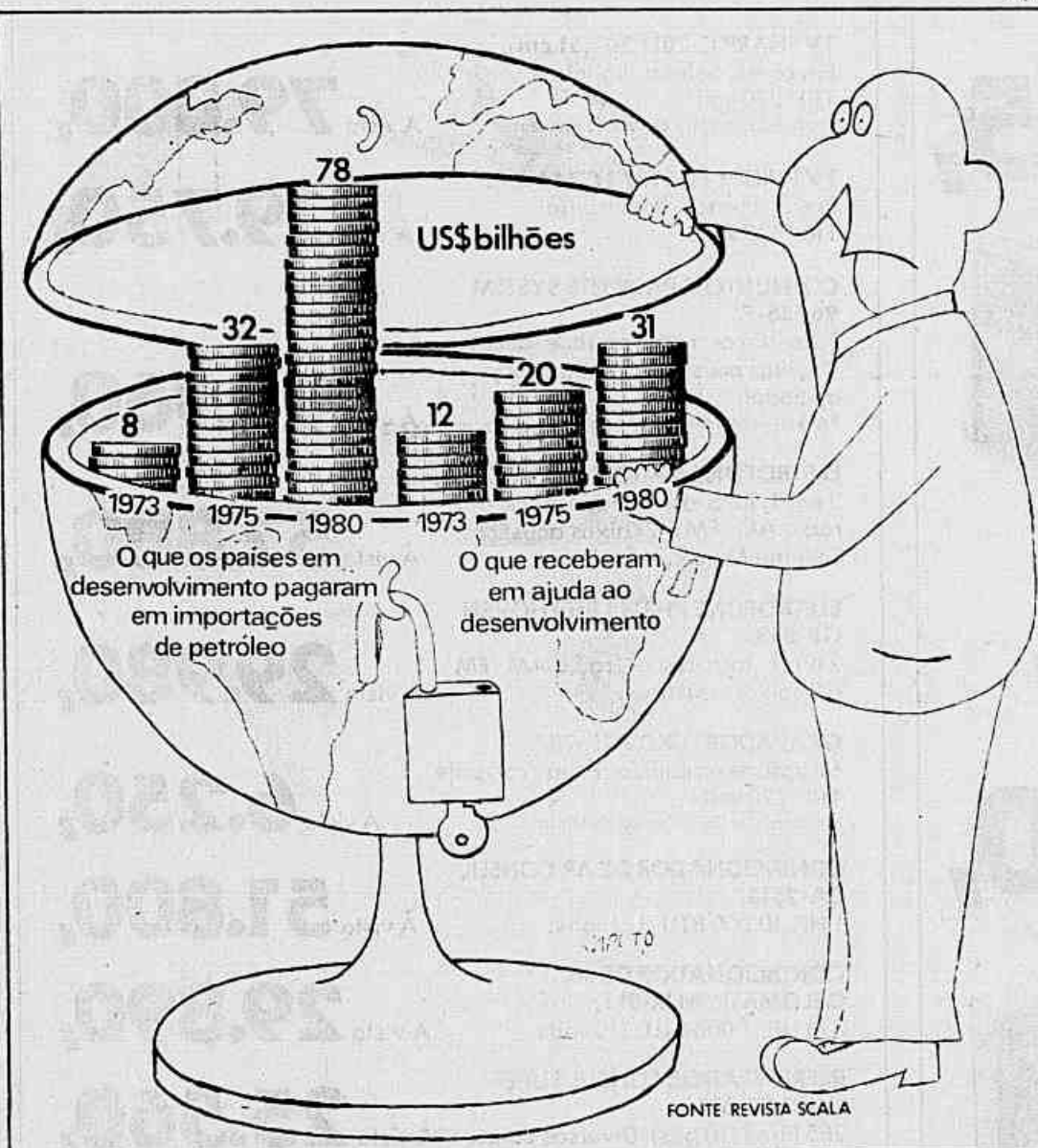
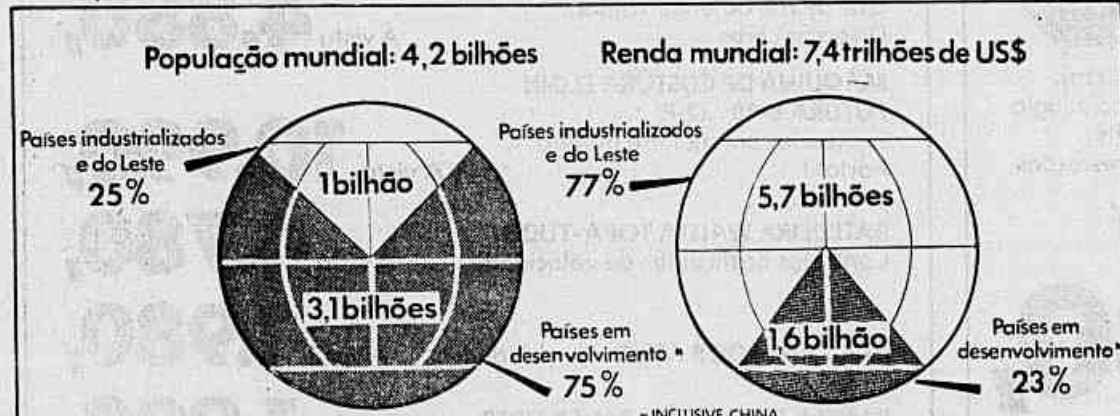
O encontro, oficialmente chamado Reunião Internacional sobre Cooperação e Desenvolvimento, mas mais conhecido como Diálogo Norte-Sul, reunirá 22 países nos dias 22 (quinta-feira) e 23. Para o Presidente Ronald Reagan, será "um diálogo positivo". Mas diplomatas soviéticos, que recusaram o convite para participar em nome do Presidente Leonid Brejnev, o qualificaram de "diálogo entre capitalistas".

O Presidente François Mitterrand disse, pragmaticamente, que as democracias industriais "necessitam da recuperação econômica do Terceiro Mundo, dos milhões dos seres humanos que o povoam, como compradores potenciais. Esta não é somente uma atitude generosa, mas uma ajuda a nós mesmos".

O ex-presidente do Banco Mundial, Robert McNamara, um dos pais da idéia de formação de um grupo para estudar as diferenças entre desenvolvidos e subdesenvolvidos, disse que "a mensagem vital do momento é que as medidas cuja adoção consideramos por muito tempo uma necessidade moral, são aconselháveis agora dentro de um ponto-de-vista estritamente econômico".

O ex-Chanceler da Alemanha Ocidental, Willy Brandt, cuja comissão (Comissão Brandt) propôs o Diálogo Norte-Sul, declarou que "a busca de soluções não é um ato de benevolência mas uma condição para a sobrevivência. É necessário adotar medidas concretas sem as quais a situação mundial seguiria se deteriorando, causando mais conflitos ou mesmo uma catástrofe".

Caputo

FONTE REVISTA SCALA

A ajuda aos países pobres não paga nem os gastos com importação de petróleo

Os subdesenvolvidos, com 75% da produção mundial, geram só 23% da renda

Desigualdade marca debate

Desde o início dos primeiros progressos dos países em desenvolvimento, há cerca de 20 anos, os ganhos obtidos em tratamento diferenciado nas relações comerciais e financeiras são pequenos resultados do Diálogo Norte-Sul, devido à disparidade entre os países ricos e pobres.

Segundo dados da revista alemã **Scala**, os países industrializados detêm 25% da população mundial e 77% da renda gerada no mundo, enquanto aos países em desenvolvimento, inclusive China, cabem os restantes 75% e 23%, respectivamente.

Mudança

Agora, os países do Terceiro Mundo levam a Cancún a proposta de um aperfeiçoamento da ordem internacional vigente, através de negociações globais no âmbito da ONU.

Mas sabem que não têm cacife para alterações muito significativas e nem pretendem comprometer o funcionamento das forças de mercado nas relações econômicas mundiais, tão defendido pelos Estados Unidos. Os resultados práticos de Cancún não serão imediatos. Ao contrário, depois de formado um consenso sobre a necessidade das negociações globais, serão iniciadas as primeiras negociações.

O importante na reunião de Cancún, além de sua originalidade em reunir 22 chefes de Estados do Norte e do Sul, será a definição de um marco no desenvolvimento do diálogo entre ricos e pobres. A partir de agora, poderão ser definidos os ganhos isolados obtidos pelas reivindicações do grupo dos 77 países do Terceiro Mundo, anterior a Cancún, e a discussão global de todos os problemas internacionais decidida após Cancún.

Na reunião, o Brasil será representado pelo Chanceler Saraiva Guerreiro, que terá plenos poderes para fazer intervenções nas deliberações do plenário, como representante direto do Presidente João Figueiredo.

Os participantes da América Latina serão ainda: Venezuela, México e Guiana; da Ásia: Índia, Bangladesh, Filipinas e Arábia Saudita; e da África: Nigéria, Argélia, Tanzânia e Costa do Marfim. Também participarão a Iugoslávia, como representante dos países não alinhados, e a China. Estados Unidos, Canadá, Japão, Suécia, Áustria, Reino Unido, França e Alemanha Ocidental são os países desenvolvidos presentes à reunião.

Cheysson confia no diálogo

Arlette Chabrol

Paris — A conferência de Cancún, qualquer que seja o seu resultado, levará os Estados Unidos, e secundariamente as outras grandes potências mundiais, a se debruçarem durante 48 horas sobre o problema do diálogo entre Norte e Sul. Para o Ministro das Relações Exteriores francês, Claude Cheysson, esse já é um ponto positivo. Mas, a seu ver, os americanos não assumirão a responsabilidade de um fracasso, que se transformaria rapidamente em vitória para os soviéticos.

Sabia-se que Cheysson era singularmente franco para um diplomata, o que ficou confirmado durante encontro com um grupo de jornalistas latino-americanos reunidos no Quai D'Orsay (entre os quais a representante do JORNAL DO BRASIL). Reagindo vivamente ao discurso do Presidente Ronald Reagan, a respeito de Cancún e do Terceiro Mundo, o Ministro do Exterior francês revelou-se de uma franqueza incomum.

Atenção forçada

— Os americanos atribuem incontestavelmente uma grande importância à reunião de cúpula de Cancún. Mas que Reagan tenha considerado útil se pronunciar a respeito já é um acontecimento. Que comece a se interessar pela questão é uma novidade — declarou.

Para o chefe da diplomacia francesa, um dos grandes benefícios que se pode esperar de conferência de Cancún é obrigar os líderes mundiais a se dedicarem ao problema Norte-Sul e discuti-lo. Esse **brain-storming** será um exercício útil aos Chefes de Estado presentes, mais particularmente ao Presidente americano, a se interpretar corretamente suas palavras:

— Não é um insulto dizer que o Presidente Reagan não dedicou até hoje nem dois dias às questões entre Norte e Sul.

Arquivo: 6/6/81

Cheysson manifesta otimismo

E acrescentou, com uma pitada de humor, que, como jamais consagrara dois dias ao estudo da Bíblia, alguém poderia se achar no direito de censurá-lo.

Assim como Reagan descobriu em Ottawa uma ligação entre as flutuações do dólar, as taxas de juros e o desemprego, sem dúvida descobrirá — pelo menos é o que parece pensar o Chanceler francês — as pontes que podem ser estabelecidas entre as dificuldades do Terceiro Mundo e as dos países industrializados.

Ênfase ao desenvolvimento

— Até agora Reagan não falou da reunião Norte-Sul do ponto-de-vista dos Estados Unidos, apenas sobre o que interessa ao americano médio — declarou. Ele não compreende que a instabilidade no Sul é muito mais grave do que uma base militar a mais ou a menos. Essa instabilidade é perigosa, abrindo um flanco aos soviéticos.

Cheysson disse que Reagan não compreende que os aliados dos americanos dependem cotidiana e fisicamente de suas relações com o Terceiro Mundo, por serem os únicos mercados possíveis, os únicos desenvolvidos desde 1973.

— Três quartos de nossas trocas provêm do exterior. Somos muito pequenos para poder absorver, sozinhos, as variações dos preços das matérias-primas.

Mas, como o chefe do Quai D'Orsay é um diplomata, faz igualmente esforços para se colocar no lugar dos outros. Quando se põe no lugar dos Estados Unidos, diz coisas curiosas:

— Mesmo me colocando dentro da ótica americana, há lacunas no seu raciocínio que eu não compreendo. Os soviéticos só são fortes, eficazes e insinuantes por sua rapidez militar. Ora, é nesse plano (militar) que os americanos querem que enfrentemos o desafio. É um absurdo. Os soviéticos não são em parte alguma do mundo parceiros do desenvolvimento. Não abrem seus mercados. Suas ajudas são insignificantes. No lugar dos americanos, portanto, seria no plano do desenvolvimento que procuraria enfrentar o desafio.

No caminho certo

O Chanceler francês acredita que será difícil a Reagan se recusar a perseguir negociações globais no âmbito das Nações Unidas, depois da reunião de cúpula de Cancún.

— A questão não será mais abordada exclusivamente perante o povo americano, mas na frente de 600 jornalistas do mundo inteiro — explicou.

Abordou também outras questões que dizem respeito aos problemas específicos da América Latina. Se referiu ao famoso comunicado comum franco-americano sobre El Salvador, que tanta celeuma provocou. Longe de procurar amenizar seu impacto, Cheysson se alegrou de ver que causara efeito.

O fato de o presidente da Junta civil-militar salvadorenha, Napoleón Duarte, por ocasião de sua viagem aos Estados Unidos, ter dado ênfase ao processo político e à regularização da situação salvadorenha, quando antes só falava de segurança — e dos meios de assegurá-la — é um passo na direção certa. Outro elemento de satisfação para ele é que Manuel Ungo, da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, falou de Honduras como um possível intermediário.

Evocando os países do Cone Sul, que visivelmente interessam menos aos socialistas do que os da América Central — e por motivos evidentes — o Chanceler francês se mostrou mais conciliador:

— Procuraremos manter uma política tão amistosa e confiante quanto possível com eles. Há dificuldades políticas com relação a alguns, o que não nos impedirá de manter relações com todos os países da América Latina.

Partidos pressionam Eanes

Juarez Bahia

Lisboa — O presidente Ramalho Eanes foi encostado à parede pelos dois maiores Partidos portugueses: o Partido Democrata, cabeça da coligação de centro-direita, no Poder, e o Partido Socialista, na Oposição, que lidera a esquerda democrática. Foi acusado de "interferência indevida na vida política, de ataques à organização pluripartidária e constitucional, e de projetos poucos claros para se perpetuar na Chefia do Estado".

A torrente de queixas dos social-democratas, estes abrigando também a opinião da maioria parlamentar e do Governo, e dos socialistas dirigida contra Eanes, surgiu ontem com duas notas oficiais nas quais o PSD e o PS apontam intuitos de conspiração na atitude do Presidente. Há uma semana Eanes disse no interior do país que Portugal e sua democracia correm perigo, sem no entanto indicar claramente as razões.

FORÇAS ARMADAS

Os dois Partidos censuram ainda o Chefe do Estado-Maior Geral das Forças Armadas por ter afirmado que seu cargo deve ser de nomeação exclusiva do Presidente da República e não do Governo.

Uma velha indisposição em torno de interpretações legais separa o PSD e o Governo do Presidente Eanes. O controle das Forças Armadas está na raiz do problema. Constitucionalmente, Eanes é o Comandante supremo, mas o Governo quer alterar a Constituição para subordinar o poder militar ao poder civil na figura do Executivo. O dado novo é a posição do Partido socialista, solidário com a centro-direita, na crítica a Eanes de querer sobrepor-se aos outros órgãos de soberania (Governo, Parlamento e Judiciário).

Nem os social-democratas nem os socialistas perdoam a Eanes o fato de ter proclamado a intenção de se candidatar em 1990 à Presidência da República, depois de cumpridos dois mandatos e de um intervalo, em 1984, por impedimento legal de concorrer simultaneamente três vezes. Associando a suspeita de Eanes de que a democracia está em perigo, e sua ambição de voltar ao Poder em 1990, Governo e Oposição associam às intenções manifestadas o propósito de bloquear a atividade partidária e erigir um caudilho à portuguesa.

Eanes de uma só vez desagradou dois adversários fortes: o PSD e o Governo, de um lado, e o PS de outro. O mais estranho no caso é a atitude dos socialistas, responsáveis pelo respaldo partidário à candidatura de Eanes pela reeleição em dezembro do ano passado. Os social-democratas e os socialistas, embora separados por posições bem claras, concordaram que Eanes é um perigo ao pluripartidarismo, o regime parlamentar e a democracia.

O PSD acha que o Presidente, movimentando-se com demasiada freqüência no interior do país, acionando o poder local e convencendo pedagogicamente as populações a exigir o cumprimento das promessas eleitorais feitas pela centro-direita no Poder, constrange o Executivo, ocupa espaços dos parlamentares e ameaça desestabilizar a própria aliança democrática.

Os socialistas rejeitam a tese do Bloco Central, fórmula de Eanes para dar equilíbrio ao poder político em Portugal, dentro do espírito do 25 de abril e com a segurança da continuidade administrativa.

O Bloco Central defendido por Eanes desde a sua campanha à reeleição como Presidente é uma tentativa de unir o centro e a esquerda sem, no entanto, abrigar a ultradireita ou a ultra-esquerda, e nem mesmo o Partido Comunista.

Assim vocacionado, na opinião de Eanes, o Bloco Central teria condições não só de identificar o seu programa ao do Chefe do Estado, como de governar legitimando o sentimento dominante dos portugueses, sem riscos de crises governamentais fatais a qualquer programa administrativo.

Em síntese, para Eanes, a estabilidade do Governo em Portugal só é possível com o Bloco Central. Os social-democratas e os socialistas consideram essa fórmula uma engenhosa trama presidencial, primeiro, para esvaziar a organização partidária como é conhecida, e depois, para conquistar um espaço definitivo na sua intenção de perpetuar-se no poder.

Ambos Partidos ignoram o capítulo do Bloco Central que se reserva o direito de consolidar os ideais da Revolução dos Cravos.

Elegendo Eanes inimigo-mor da organização partidária vigente na democracia portuguesa, os dois maiores Partidos insinuam uma conexão entre o Presidente da República e o Chefe do Estado-Maior Geral das Forças Armadas, General Melo Egídio, para pôr em causa o atual sistema pluripartidário "e criar condições para a emergência de um Partido que não ousa dizer o seu nome".

Tocados pelo mesmo sentimento de sobrevivência, o PSD e o PS acusam Eanes de querer formar o "Partido dos sem-partido e dos antipartidos, ou dos ex-membros dos atuais Partidos, frente que não exclui figuras do extinto Partido único do regime salazarista-marcelista".

Mitterrand chega hoje aos EUA

Paris — O Presidente da França, François Mitterrand, chegará hoje aos Estados Unidos, onde se reunirá com o Presidente Ronald Reagan, antes de seguir para o México, a fim de participar da Conferência Norte-Sul, em Cancún.

Depois da reunião com Reagan, Mitterrand irá a Yorktown, na Virgínia, para assistir à reconstituição da batalha de 19 de outubro de 1781, naquele mesmo local, na qual soldados franceses ajudaram o General George Washington a derrotar os britânicos, num episódio decisivo da revolução americana.

No México, Mitterrand participará, junto com Chefes de Estado e de Governo de 22 países, da Conferência Internacional sobre Cooperação e Desenvolvimento. Prevê-se que na Conferência Mitterrand deverá apoiar as reivindicações dos países do Terceiro Mundo, contrastando com a posição dos Estados Unidos, que resistirão às pressões das nações mais pobres no sentido de estabelecer uma nova ordem econômica mundial.

Jornal da Itália faz boicote

Roma — Os principais jornais italianos se recusaram a publicar ontem três das 270 páginas de um depoimento de Rodolfo Guzzi, ex-advogado de Michele Sindona, empresário e banqueiro que estabeleceu um recorde de falências fraudulentas, com revelações consideradas comprometedoras sobre contatos e relações do ex-banqueiro siciliano com Giulio Andreotti e Amintore Fanfani, dois dos mais importantes chefes da democracia cristã e líderes políticos do país.

As três páginas do depoimento que chegaram pelo correio às redações dos jornais são apenas uma pequena parte do dossiê roubado quinta-feira passada do Palazzo San Macuto. No centro histórico de Roma, sede de trabalho e de reuniões da comissão parlamentar de inquérito que investiga as cumplicidades e as implicações políticas das negociatas intercontinentais de Michele Sindona, que neste momento cumpre uma sentença de 25 anos de cadeia nos Estados Unidos. Certamente seriam três páginas do depoimento que o advogado Guzzi prestou à Justiça e que foi remetido em quatro cópias autenticadas à comissão parlamentar de inquérito.

Justificando sua recusa, os jornais afirmaram que tinham duas boas razões para não divulgar o conteúdo daquelas páginas tão indiscretas. A primeira seria conseqüência da decisão de não se deixar instrumentalizar politicamente pelo autor do furto do dossiê: ladrão que, tudo faz crer, seria um político interessado na destruição de Fanfani e Andreotti. A segunda razão foi-lhes dada pela constatação de que muito do que o advogado Guzzi revelou sobre as ligações dos dois estadistas com o trapalhão Sindona já era do conhecimento público: fora divulgado por muitos dos jornais que, agora, o ladrão de documentos tenta instrumentalizar.

As principais revelações dessas três páginas do depoimento do ex-advogado de Sindona são sobre as últimas e desesperadas tentativas que o banqueiro siciliano fez, através de um intermediário (Fortunato Federici) e de Lício Gelli, o Grão-mestre da Loja Maçônica p. 2, para obter o apoio de Andreotti, então Chefe do Governo, para salvar alguns de seus bancos e reanimar aquele que foi chamado o "sistema Sindona". Tudo isso teria acontecido entre 1976 e 1978.

Com Fanfani, Sindona teria tido mais êxito. Teria conseguido que o velho Senador, várias vezes Primeiro-Ministro, atualmente Presidente do Senado, recomendasse a um ex-Ministro do Tesouro um financiamento que acabou sendo condenado e negado pela Banca d'Italia, o Banco Central do país.

A remessa das três páginas às redações dos jornais reforçou a suspeita de que o furto do dossiê tenha sido realmente obra de um parlamentar. Não só porque a documentação desapareceu no momento em que a comissão parlamentar de inquérito estava reunida, às quatro horas da tarde, como porque o acesso ao velho Palazzo San Macuto é limitado: quase um privilégio de jornalistas e parlamentares.

Dispondo-se a fornecer gratuitamente ao maior número de jornais uma interessante amostra do depoimento do ex-advogado de Sindona, o ladrão confirma seu propósito de usá-lo para fins políticos.

Programa militar nos EUA envolve 100 mil empresas

Thomas Friedman
The New York Times

Washington — O programa de 180 bilhões de dólares (11 trilhões 700 bilhões de cruzeiros) que renovará a força de disuassão nuclear americana, envolverá encomendas a pelo menos 100 mil empresas, de gigantes aeroespaciais como a Rockwell Internacional, Boeing, Northrop, Eaton, Martin Marietta e General Eletric, a fornecedores locais de fios e parafusos.

O plano, que prevê a construção de 100 bombardeiros B-1 e 100 mísseis intercontinentais MX, agradou à indústria de armamentos, conforme admitiu Michael Arndt, vice-presidente da TRW que ressaltou, no entanto, existir ainda a incerteza do programa não ter passado pelo Congresso onde poderá sofrer novos cortes.

Sem pressa

Fontes da indústria aeronáutica ressaltaram que não se deve esperar qualquer revitalização econômica do setor antes de 1985, pois os projetos só estarão prontos em 1984, com o pique de produção previsto para o período entre 1985 e 1988. Ainda assim, não estão afastadas as possibilidades de contratempos que prejudiquem o programa como a alteração nos projetos, estouros nos custos, acordos internacionais sobre limitação de armamento.

Um dos principais temores dos fabricantes de armamentos é que o Departamento da Defesa tenha subestimado os índices de inflação para o período 1983-86. Os reajustes atuais no custo de armas é de 12%, com alguns setores, como o de navios e aviões, chegando a 20%, segundo analista civil do Pentágono que pediu para não ser identificado. Apesar disso, o Governo trabalha sob uma inflação prevista de 8,7% no ano fiscal de 1982, e de 5,5% nos anos fiscais de 1985 e 1986.

Quando o orçamento estoura muito, o Pentágono costuma reduzir o ritmo de produção, cortar despesas no setor de armas não nucleares; pode fazer até as duas coisas, se necessário. Isso faria com que as empresas que se beneficiassem com os contratos perdessem dinheiro no setor de tanques, canhões e caças supersônicos.

Sem capacidade

Outro problema que pode atrasar o programa é a falta de capacidade de muitas empresas em poder atender à súbita elevação na demanda de equipamentos auxiliares e peças, depois da desativação da indústria armamentista observada após a guerra do Vietnam. Com a queda de encomendas registrada na época, muitas empresas diversificaram suas atividades, e não poderão atender imediatamente o novo **boom** do setor.

Se o programa for aprovado as seguintes companhias serão beneficiadas:

Rockwell International — É a principal envolvida na fabricação do B-1 e será responsável pela fabricação da fuselagem e montagem do bombardeiro. James Vallela, porta-voz da empresa, afirmou que a Boeing deverá faturar de 10 a 11 bilhões de dólares (Cr$ 1 trilhão 50 bilhões a Cr$ 1 trilhão 155 bilhões). Os analistas acreditam que os lucros da empresa só nesse item poderão levar à distribuição de 1 dólar 50 **cents** de dividendos por ação em 1985-86.

A empresa pretende envolver 22 mil pessoas no B-1 contra os atuais 2 mil. Cerca de 11 mil novos empregos serão oferecidos, enquanto o restante serão funcionários transferidos de outros setores e empregados que foram despedidos com o compromisso de prioridade na readmissão, se houvesse vagas. Essa previsão depende de o Congresso aprovar a construção de 100 B-1.

A Rockwell também está produzindo a turbina do quarto estágio e o computador de navegação do míssil MX. Fontes da empresa, como todos os demais contratantes, não arriscam previsões sobre o impacto do MX no faturamento da companhia até que o Congresso decida quandos mísseis serão produzidos. As empresas envolvidas no projeto trabalham sob contrato temporário para pesquisa e construção de 20 protótipos. Todos esperam receber encomendas definitivas — se tudo correr bem — apenas após a conclusão do programa de testes de vôo em 1983.

Lançar mísseis

Boeing Corporation — A empresa tem vários projetos que poderão ser beneficiados pelo programa de Reagan. A Boeing fabrica os equipamentos eletrônicos ofensivos que dão instruções ao B-1 para iludir as defesas inimigas e para lançamento dos mísseis. Se o Congresso aprovar o projeto, a Boeing vai faturar 2 bilhões. 200 milhões de dólares (Cr$ 234 bilhões), abrindo 2 mil 500 vagas em suas linhas de produção.

A Boeing construiu os silos para os mísseis Minuteman e agora espera conseguir o contrato para adaptação desses silos ao MX. A inclusão de seis Sistemas de Alerta e Controle Aerotransportados (AWACS) não produziria novos empregos, mas 1 mil funcionários ganhariam mais do que agora. A Boeing esclareceu que a modernização dos bombardeiros B-52 e aviões de transporte KC-135 abriria 3 mil 500 vagas.

A companhia também vai construir o míssil Cruise de acordo com contrato assinado no Governo Jimmy Carter. Mesmo diante do potencial de lucros no setor militar, executivos da Boeing ressaltaram que, apesar da crise, a venda de aviões comerciais continua a ser responsável por 80% do faturamento da empresa.

General Eletric — A GE fabrica as quatro turbinas F-101 do B-1 e o veículo de reentrada para o MX. Espera conseguir contratos para ambos quando o programa for aprovado. Um porta-voz da empresa disse que estas encomendas apenas estabilizarão os empregos dos atuais funcionários porque a companhia está demitindo pessoal do deficitário setor de motores de aeronaves. A GE também fabrica sofisticado sistema de radar de longa distância bem como o sistema de navegação do míssil Trident, duas expectativas de encomendas se os dois planos forem aprovados.

Martin Marietta Corporation — Esta divisão da Denver Aerospace está montando e vai fazer os testes de vôo do protótipo do MX e espera conseguir o contrato definitivo. Cerca de 2 mil 500 dos 15 mil funcionários da Denver trabalham no MX mas a empresa não arrisca previsões de receita e novos empregos até que o Congresso decida quantos mísseis serão construídos.

Eaton Corporation — Esta empresa criou o sistema eletrônico do B-1 destinado a confundir o radar inimigo. Fabricante de equipamentos eletrônicos diversificados, a Eaton vai empregar 500 pessoas em sua fábrica no estado de Nova Iorque. O faturamento previsto é de 1 bilhão de dólares (105 bilhões de cruzeiros) em sete anos. A Eaton tem 50 mil funcionários e seu envolvimento no programa seria mínimo se comparado às suas atividades globais.

Northrop Corporation — A Northrop é uma subcontratada da Eaton para o sistema eletrônico do B-1, um projeto bem modesto. Também está construindo o elemento básico do sistema de navegação e pontaria do míssil MX, com um faturamento potencial de 1 bilhão de dólares (105 bilhões de cruzeiros). Alguns empregos serão oferecidos no estágio de produção mas ainda é cedo para falar em números, segundo porta-voz da Northrop.

Lockheed Corporation — É a fabricante de todos os mísseis balísticos submarinos da Marinha. Como o Governo reafirmou a intenção de construir um avançado míssil, o Trident 2, a Lockheed espera conseguir a encomenda. O projeto poderia significar um faturamento de 2 bilhões de dólares (210 bilhões de cruzeiros) mas a empresa não arrisca estimativas sobre lucros e novos empregos por enquanto.

Northrop vai construir bombardeiro "invisível"

Washington — A Northrop Corporation foi escolhida pelo Pentágono para construir o protótipo do bombardeiro **Stealth**, "invisível", que ilude o radar inimigo. A Boeing, a LTV-Vought Corp. e a General Eletric participarão do projeto como subcontratadas.

O aparelho, chamado oficialmente de Bombardeiro de Avançada Tecnologia deverá ser recoberto de material que absorve ou dispersa os raios do radar e que reduz o barulho dos motores para evitar detecção. Como o **Stealth** só poderá entrar em serviço na última década do século, o Governo vai colocar o B-1 em serviço para cobrir o período entre a desativação do B-52 e a incorporação do novo aparelho.

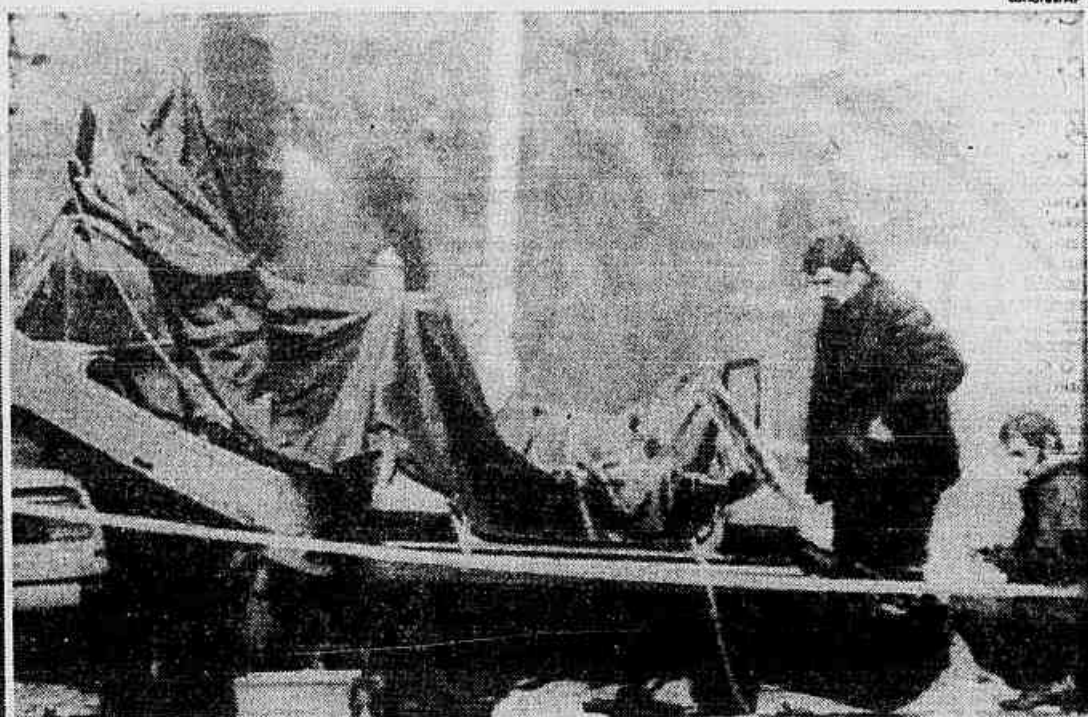
Assunto Secreto

Fontes da Northrop e da Força Aérea recusaram discutir o assunto, alegando que é secreto. O anúncio da seleção da Northrop foi feito após a publicação pela revista **Aviation Week**, no número de 12 de outubro, que o **Stealth** da Northrop deverá fazer o primeiro teste de vôo no final de 1984. A Boeing e a Rockwell também concorriam ao contrato principal, segundo fontes da indústria aeronáutica.

A **Aviation Week** descreveu o aparelho como o "Bombardeiro de Avançada Tecnologia de 21 bilhões 900 milhões de dólares (2 trilhões 299 bilhões 500 milhões de cruzeiros) do Departamento de Defesa". A publicação avalia o faturamento da Northrop em 7 bilhões de dólares (735 bilhões de cruzeiros).

A partir dos poucos detalhes divulgados, especialistas em aviação afirmaram que a Northrop deverá fornecer novos equipamentos eletrônicos de combate e uma nova técnica de construção de bombardeiros. A Boeing planejará e instalará sistemas ofensivos e defensivos e a General Eletric fornecerá as turbinas.

Londres/AP

Sir Steuart Pringle, que serviu na Irlanda do Norte, dera partida ao carro quando a bomba explodiu

Paixão por Caroline dá cadeia

Nova Iorque — A Justiça americana considerou ontem o rico advogado californiano Kevin King culpado da acusação de molestar Caroline Kennedy, filha do falecido Presidente John Kennedy. King escreveu cartas ameaçadoras e obscenas a Caroline, por quem se dizia apaixonado. Semana que vem ele receberá a sentença, cuja pena máxima prevista em lei é de um ano.

King, que fez sua própria defesa, admitiu ter feito tudo para ser preso na esperança de se encontrar com Caroline no tribunal, mas negou a acusação formal de ter molestado e escrito três cartas obscenas. Tentou várias vezes entrar no prédio da jovem e acabou sendo preso após reclamações dos vizinhos.

CASAMENTO

Durante a audiência, ele disse que queria se casar com Caroline e que suas cartas eram "apenas sociais", mas acabou retirando a proposta de casamento. Depois propôs o casamento novamente e afirmou que a moça que prestara o depoimento não era Caroline Kennedy. Enfim, admitiu que seu comportamento "não foi normal".

Ao prestar depoimento, Caroline disse que ficou assustada com as cartas porque continham "algumas obscenidades" e King falava em "forças" fora de seu controle.

— Fiquei assustada por causa das coisas que aconteceram no passado — disse ela numa possível alusão ao atentado contra seu pai e contra o Presidente Reagan, ferido por Hinckley Jr. que se diz apaixonado pela atriz Jodie Foster.

Policiais turcos são condenados

Ancara — Três policiais turcos foram condenados a penas de um ano de prisão pela prática de tortura contra prisioneiros, informou a imprensa da Capital da Turquia. Os três foram julgados em denúncia de que torturaram um preso que, em conseqüência dos vários ferimentos recebidos, morreu horas mais tarde.

O tribunal condenou os acusados a penas tão baixas porque considerou que não pôde ser demonstrada pelos advogados da vítima que houve uma relação entre as torturas praticadas pelos policiais e a morte do prisioneiro. Como de qualquer maneira ficou provado que os policiais torturaram a vítima em várias ocasiões, a condenação foi por prática de tortura.

Crise na Holanda tem mediadores

Haia — A Rainha Beatriz, da Holanda, indicou dois economistas, proeminentes membros do Partido Trabalhista, como mediadores da crise do Gabinete do Primeiro-Ministro holandês, Dries Van Agt, que apresentou renúncia na sexta-feira, depois de 35 dias de negociações infrutíferas sobre a política sócio-econômica a ser adotada.

Os economistas Cornelis de Galan, professor da Universidade de Groningen, e Victor Halberstadt, professor da Universidade de Leiden, ambos socialistas, iniciarão amanhã conversações com os líderes políticos dos três Partidos que integram o Governo de coalizão: o Trabalhista, o Democrata Cristão e o Liberal de Esquerda.

A RENÚNCIA

A Rainha Beatriz, com a nomeação dos dois economistas, espera evitar a queda do Gabinete que só foi formado pelo **Premier**, Dries Van Agt, após três meses de difíceis negociações políticas, que se seguiram às eleições gerais de 26 de maio. O Gabinete tem seis trabalhistas, seis democratas cristãos e três liberais.

A principal divergência é quanto a dotação de fundos para o programa de criação de empregos. Há também problemas quanto à questão da utilização da energia nuclear e sobre a possibilidade de ampliar os gastos com a Defesa. O programa governamental deveria ser apresentado amanhã ao Parlamento holandês.

IRA assume atentado que feriu britânico

Londres — O Exército Republicano Irlandês (IRA) reivindicou a autoria do atentado que deixou gravemente ferido o Chefe do corpo de fuzileiros navais da Grã-Bretanha, Tenente-General Sir Steuart Pringle. Uma bomba explodiu em seu automóvel, num subúrbio ao Sul de Londres. A reivindicação foi feita em comunicado divulgado em Dublin pelo escritório de propaganda do IRA.

Pringle, 53 anos, serviu várias vezes na Irlanda do Norte. Porta-voz da Scotland Yard informou que uma mulher também ficou ferida. Um outro automóvel explodiu, 45 minutos antes, no estacionamento de um campo de golfe na Irlanda do Norte, ferindo uma pessoa. Estes fatos ocorrem uma semana depois do atentado contra um ônibus que transportava guardas irlandeses que resultou na morte de duas pessoas e ferimentos em 38.

A Scotland Yard advertiu que os atentados poderão ser o início de uma nova campanha do IRA que luta contra o Governo britânico na Irlanda do Norte, e que se seguiria ao fim das greves de fome na prisão de Maze. Logo após a explosão, em Londres, as estradas de acesso ao subúrbio foram fechadas pela polícia e um esquadrão antiterrorista imediatamente enviado ao local.

Pringle entrou no carro que estava em frente à sua casa, ligou o motor e chegou rodar alguns metros, quando houve a explosão. Foi retirado das ferragens e transportado ao hospital King's College. Segundo a polícia a bomba é similar à usada pelo IRA, em 1979, contra o membro do Partido Conservador no Parlamento, Airey Neave.

Sir Steuart também serviu na Malásia, Mediterrâneo, Indonésia, Paquistão e Noruega, desde 1946. Tem quatro filhos.

Diane é criticada por caçar

Londres — A Princesa Diane foi duramente criticada pelos protetores dos animais por ter participado de uma caçada a veados, na Escócia, esta semana. O Palácio de Buckingham confirmou sua participação, mas negou que ela tivesse ferido um animal que teria sido morto por outra pessoa, conforme foi publicado na imprensa.

O diretor executivo da Liga contra Esportes Cruéis, Richard Course, exclamou:

— Estamos horrorizados. Estou certo que milhões de ingleses ficarão desapontados ao saber que a sensibilidade da princesa é apenas superficial.

Diane, 20 anos, que se casou com o Príncipe Charles em julho, passou uns tempos na Escócia depois de retornar da lua-de-mel.

Opositores gregos sofrem atentados antes da eleição

Atenas — Uma bomba de fabricação caseira explodiu ontem debaixo de um carro pertencente a Ioannis Alevra, vice-líder do Movimento Socialista Pan-Helênico (Pasok), partido que, segundo as últimas pesquisas de opinião divulgadas na Grécia, é o preferido dos eleitores nas eleições gerais de hoje.

Outro candidato do Pasok, o Deputado Stathis Panagulis, sofreu um atentado na madrugada de ontem quando desconhecidos em dois carros e uma motocicleta dispararam três tiros contra sua casa, sem feri-lo. A atriz Melina Mercouri, que é candidata socialista à reeleição recebeu telefonemas anônimos com ameaça de jogar uma bomba em seu apartamento.

300 cadeiras

Sete milhões de eleitores votam hoje na Grécia, nas eleições que deverão preencher 300 cadeiras do Parlamento grego e 24 do Parlamento Europeu. As pesquisas apontam que os socialistas, liderados por Andreas Papandreou, contam com os votos de 40% do eleitorado, contra 34% para o Partido da Nova Democracia, no Poder desde 1974, ano que marcou o fim de uma ditadura militar de sete anos no país.

Segundo o sistema eleitoral grego, todos os Partidos concorrentes às eleições — este ano concorrem 14 Partidos com 2 mil 900 candidatos — obtêm inicialmente o número de cadeiras em proporcionalidade com o número de votos. Depois dessa primeira divisão, uma segunda distribuição de vagas parlamentares é feita (quando são ocupadas aproximadamente 25% das cadeiras) mas somente para os Partidos que obtiverem mais de 17% do total de votos. Dessa forma, o Partido da Nova Democracia, o Pasok, e, possivelmente, o Partido Comunista, são os únicos que realmente competem nas eleições de hoje.

Nas últimas eleições gerais na Grécia, em 1977, o Partido da Nova Democracia obteve 41,9% dos votos (172 cadeiras), o Pasok ficou com 25,3%, (93 cadeiras), a União Centro Democrática — Partido que se autodissolveu depois de 1977 — com 12% (15 cadeiras) e o Partido Comunista com 9,4% (11 cadeiras). O restante dos votos ficou distribuído entre quatro Partidos menores.

Vem subindo

Este ano, é provável que, se obter 40% dos votos, o Pasok consiga formar maioria parlamentar. O Partido de Andreas Papandreou, filho de George Papandreou, antigo líder da União de Centro Democrática — cujo Governo foi interrompido pelo golpe militar de 1967 — se formou em 1974 e desde então vem subindo sua importância junto ao eleitorado.

A ascensão do Pasok coincide com o declínio da representatividade do Governo conservador do Presidente Constantine Caramanlis, que em 1974 voltou do seu exílio em Paris diretamente para o cargo de Primeiro-Ministro, no qual foi substituído ano passado por George Rallis.

Apesar de a situação econômica da Grécia não favorecer seu Governo — durante a campanha eleitoral Papandreou responsabilizou a política econômica de Rallis pelo índice inflacionário de 25% — o Partido da Nova Democracia ainda vê chances de ganhar as eleições de hoje, conquistando os votos dos pequenos Partidos de centro-direita e atacando os projetos de Governo do Pasok.

Socialistas ameaçam EUA

A possibilidade da vitória dos socialistas nas eleições de hoje faz com que muitos observadores já comparem a Grécia a "uma nova França". No entanto, enquanto o Governo Mitterrand mantém uma política externa de não confrontação com os EUA, o Pasok se caracteriza nesse campo por uma postura abertamente antiamericana.

Internamente, o Pasok propõe medidas semelhantes àquelas defendidas pelo Partido Socialista francês durante sua campanha: para os empregados, ele promete um sistema de reajustes salariais proporcionais à inflação e promete conter a alta dos preços combatendo a ganância dos comerciantes ; defende a nacionalização das principais indústrias (como a metalúrgica, a naval e a de cimento); a criação de cooperativas agrícolas, a reforma da política de créditos e severos controles às importações.

Golpe militar

Em política externa, no entanto, o Movimento Socialista Pan-Helênico defende a saída da Grécia da OTAN — identificada por Andreas Papandreou com os Estados Unidos, que por sua vez estão ligados ao golpe militar de 1967, à invasão da Ilha de Ciprus em 1974 e ao apoio dado à Turquia pelo Tratado".

Papandreou se opõe radicalmente às bases americanas instaladas na Grécia e diz que, por ele, elas só permaneceriam onde estão em troca de garantias de igualdade com a Turquia — o inimigo nacional grego — no plano da defesa militar. O líder do Pasok se colocou também frontalmente contra a entrada da Grécia na Comunidade Econômica Européia, usando o argumento de que nas grandes áreas capitalistas deste tipo, as periferias estão condenadas ao subdesenvolvimento para favorecer o desenvolvimento do Centro, no caso da CEE a Alemanha Federal.

Dessa forma, uma possível vitória dos socialistas nas eleições de hoje ameaçará o poderio estratégico dos EUA — as quatro bases americanas na Grécia permitem um domínio das áreas de aproximação do Mar Negro, do Canal de Suez e do Oriente Médio — que não estão dispostos a perder uma zona de influência conquistada desde 1946, quando o Governo americano interveio na Grécia, sob os preceitos da Doutrina Truman, para derrotar um movimento guerrilheiro comunista e cooperar econômica e militarmente com a instalação de um Governo pró-Ocidental.

Economia prejudica Governo

Nos três primeiros anos após a instalação do Governo de Caramanlis, a economia grega ganhou um equilíbrio maior do que muitos países da Europa Ocidental. A taxa de desemprego baixou de 3% para 2%, a renda **per capita** subiu de $ 2 mil 160 para $ 4 mil 150, o índice de crescimento do PIB foi de 5% em 1975, 6% em 1976 e 5% em 1977.

Com um bom ritmo de crescimento econômico, a Grécia foi, no início deste ano, admitida como membro efetivo da Comunidade Econômica Européia. No entanto, desde 1980 a situação econômica já não agradava aos gregos, que em novembro agitaram a Grécia com uma série de movimentos grevistas, que afetaram os bancos, os transportes e o funcionalismo público, entre outras áreas. A principal queixa da população era a inflação, atingindo 25% de crescimento ao ano.

Segundo o Governo, a causa da inflação era principalmente um aumento maior do consumo do que da produção. Para Papandreus, o culpado era o Governo, que não dividia "os frutos do progresso econômico", colocando toda a pressão da economia sobre os trabalhadores e pequenos proprietários.

Com a entrada da Grécia na CEE, a alta dos preços passou a ser quase diária e o custo dos produtos básicos de consumo aumentou de 20% a 30%. Isso ocorreu principalmente porque, sob as regras de funcionamento comercial da CEE, os subsídios foram abolidos para os produtos locais e também para os importados dos países membros da comunidade, aumentando os custos de produção.

Essas conseqüências imediatas da entrada da Grécia na CEE foram reforçadas por elementos anteriores da estrutura econômica do país, como a especulação feita por atacadistas, que aproveitaram o ingresso na Comunidade para igualar de uma só vez os preços dos produtos gregos com os do resto da Europa.

Portugal admite culpa no Timor

Lisboa (do Correspondente) — Um inquietante libelo, é o mínimo a dizer dos dois relatórios sobre o Timor Leste que o Governo português acaba de divulgar, pondo fim a um silêncio de quatro anos que conservava secretos os documentos em nome da segurança nacional. Uma conclusão inequívoca é de que as Forças Armadas não cumpriram sua missão, nem o poder político-administrativo de Lisboa nos anos de 1974 e 1975 foi capaz de impedir o desmoronamento da autoridade na antiga colônia.

Só uma parte de um dos relatórios ficou em sigilo: o pedido da comissão militar que o elaborou para a imposição de sanções penais a chefes e graduados das Forças Armadas. O atual Governo considera que se trata de assunto fora da sua alçada constitucional. Os relatórios expõem claramente que Portugal abandonou a população do território, cedendo à Indonésia, sem condições, a posse e a anexação do Timor-Leste, frustrando com isso a esperança coletiva de conquistar sua independência.

POLITIZAÇÃO

De todos os relatórios básicos levantados depois da Revolução dos Cravos, estes eram os últimos dois cujo teor a opinião pública desconhecia. Incriminando a ultra-esquerda, os socialistas e os comunistas coincidem com os períodos das administrações Vasco Gonçalves e Mário Soares, a crise da independência de Angola, o **verão quente** e o 25 de novembro de 75, quando os militares moderados desalojaram o movimento das Forças Armadas do Poder.

A decisão de manter os relatórios secretos era considerada política, como política foi a iniciativa do atual Governo de centro-direita de publicá-los. Uma sistemática politização dos fatos históricos cerca a existência dos dois relatórios, enquanto a direita portuguesa acionava o fantasma da "consciência traída" para classificar de nada exemplar a descolonização. Os socialistas e comunistas se defendem dizendo que nada mais podiam ter feito diante da invasão do Timor-Leste e massacre da sua população pela Indonésia.

Além do relatório da Comissão Militar nomeada pelo Presidente Ramalho Eanes, há o do ex-Governador do Timor, Lemos Pires. Esse Coronel do Exército narra o fato de ter encaminhado a Lisboa 18 mensagens perguntando o que fazer em face da agressão da Indonésia, sem qualquer resposta. A invasão do Timor se deu em dezembro de 75. Pouco antes, a ultra-esquerda pedia nas manifestações de rua em Portugal que nem mais um soldado fosse mandado para as colônias.

No caso particular de Timor-Leste, enquanto em Lisboa — como dizem os relatórios — as instituições da recente Revolução dos Cravos não se definiam ideologicamente, no próprio território, os negociadores portugueses mandados para tentar convencer a Indonésia a renunciar às suas intenções de anexação, procuravam conciliar dois aspectos contraditórios: a vontade da população pela independência e a posição da Indonésia pela integração.

Os relatórios reconhecem que o abandono do Timor-Leste pelas forças militares portuguesas feriu a dignidade nacional e aponta como causas a desmotivação das Forças Armadas gerada pela indefinição do Governo de Lisboa, e a indisciplina e crescente penetração partidária que tomaram conta dos funcionários encarregados da ordem no território. Num quadro generalizado de fuga, as tropas indonésias não tiveram dificuldade na anexação.

O Timor-Leste constitui um dramático testemunho da dominação de um povo. Ocupado pela invasão indonésia, em 1975, tentou em 1976 através dos movimentos de resistência conquistar sua independência, unilateralmente proclamada pela Fretilin (Frente de Libertação do Timor-Leste) sem resultados concretos, porque a Indonésia com apoio dos Estados Unidos consolidou militarmente a anexação.

A resistência prossegue. A Indonésia foi acusada pelo Tribunal dos Povos de genocídio: há 60 mil mortos, e dos 750 mil habitantes do tempo da colônia a população ficou reduzida à metade, com milhares de desaparecidos e refugiados.

Colômbia condena greve geral

Bogotá — O Presidente da Colômbia, Júlio César Turbay Ayala, condenou a greve geral convocada para quarta-feira e disse que ela pode causar derramamento de sangue. Ayala disse também que a greve está sendo feita por um sindicato comunista e é "motivada politicamente".

O Governo também anunciou uma série de medidas para combater a greve de um dia decretada pela Confederação Sindical dos Trabalhadores Colombianos (CSTC) para exigir aumentos salariais. O Ministério do Interior advertiu que punirá com prisão de 30 a 180 dias quem promover a paralisação.

Tropas do Exército e forças policiais estarão patrulhando as ruas quarta-feira e, como a Colômbia se encontra em estado de sítio, os grevistas poderão ser demitidos. O Ministro do Interior, Jorge Mário Eastmann, disse que a lei será cumprida para manter a ordem pública. Uma onda de greves vem atingindo o país este ano.

Argentina não divulga lista

Buenos Aires — O Governo militar não está elaborando uma lista oficial de pessoas presas ou desaparecidas por razões políticas, disse ontem um porta-voz do alto comando do Exército argentino.

O porta-voz qualificou de inexata a versão jornalística de que o General Leopoldo Galtieri, Comandante do Exército, mandou fazer uma listagem oficial dos desaparecidos para apresentar no fim do ano.

— O que é certo é que o General Galtieri acompanha permanentemente a situação das pessoas à disposição do Poder Executivo, ou seja, detidas sem processo, devido ao estado de sítio em vigor no país — disse o porta-voz, acrescentando que Galtieri apenas instruiu os titulares dos vários setores do Exército para informar quais são as detenções em todas as jurisdições.

Ontem, o jornal de centro-direita, Clarín, em sua página três, publicou matéria intitulada "Negam que se esteja elaborando uma lista oficial de desaparecidos" e informou que o General Galtieri e outras autoridades consideram esses casos de desaparecidos definitivamente encerrados.

Já o jornal liberal **La Prensa**, que noticiou a preparação da lista oficial, voltou a tocar no problema, informando que o auditor geral do Exército, General Lopez Dominguez, encabeça uma comissão encarregada de revisar e preparar a lista de desaparecidos para publicação.

ETA mata guarda-civil na Espanha

Juarez Bahia

Lisboa — A frágil trégua estabelecida há dois meses pela ETA Militar foi rompida ontem com o assassinato do guarda-civil Santiago Gonzales da Paz, 30 anos, baleado em Santurce, Norte da Espanha, quando se dirigia para o seu local de trabalho. Os disparos foram desferidos por dois indivíduos encapuçados que se escondiam perto da casa do policial.

Paz é a 37ª vítima da violência política no país este ano. Oficialmente a ETA militar distribuiu um comunicado em Bilbao dizendo que não era da sua responsabilidade o assassinato. Mas os dois indivíduos que mataram o guarda-civil, antes de abandonarem o local do crime, deram vivas à organização separatista basca.

As autoridades policiais acreditam que se trata de "comandos" independentes de apoio da ETA Militar que realizam assaltos em nome dela. Esses "comandos" são muito ativos no País Basco. O comando único antiterrorista, do Ministério do Interior, reativou ontem em Madri a mobilização policial-militar de prevenção, dando a entender que continua na expectativa de um ataque espetacular da ETA Militar.

O Governo informou que mantém a oferta de 50 mil dólares (5 milhões de pesetas), feita há poucas semanas, para quem indicar a localização de quaisquer membros da ETA militar. A administração espanhola entendia haver uma espécie de trégua voluntária da ETA militar só interrompida, sem êxito, há 10 dias, com a tentativa de fazer explodir uma corveta no porto de Santander. Na sua opinião, o silêncio da ETA era uma indicação de que a organização basca preparava um ataque em Madri contra personalidades políticas ou militares.

— Não há nenhuma razão — disse ontem em Madri o chefe do comando único antiterrorista, Manuel Ballesteros — para desmobilizar em Madri e no País Basco a operação policial-militar preventiva contra um ataque da ETA.

Por esse motivo, a Capital espanhola e as cidades de Bilbao, San Sebastian e Vitoria, no País Basco, amanheceram com a presença nas ruas de contingentes policiais e novamente, nas estradas e fronteiras com a França, foi intensificada a fiscalização.

O assassinato do guarda-civil Paz pela manhã em Santurce mostra que a ETA militar, não obstante o cerco policial militar que impôs à organização separatista basca o comando único, continua ativa e não alimenta qualquer propósito de estender a trégua por mais tempo.

Delfim Vieira

A dona do La Prensa diz que a revolução sandinista se afastou de seus objetivos iniciais e não fez eleições livres

Chamorro denuncia censura na Nicarágua

Regina Zappa

— Vejo a liberdade de imprensa atualmente muito ameaçada na Nicarágua. Não sabemos o que vai acontecer, mas sem liberdade estamos mortos. Se buscamos uma democracia, tem de haver liberdade.

Com estas palavras, Violeta Chamorro, ex-membro da Junta de Governo da Nicarágua e proprietária do jornal **La Prensa**, que herdou do marido, Pedro Joaquin Chamorro, assassinado pelo regime somozista, definiu a situação da imprensa em seu país.

A Sra Chamorro participou durante nove meses da Junta de Governo da Nicarágua, no período logo após a Revolução Sandinista, e deixou o Governo, segundo ela insiste, "por motivos de saúde". Admite, porém, que a revolução se distanciou de seus objetivos iniciais.

— Não se cumpriu o que buscávamos no início, como eleições livres, um pluralismo político, uma democracia.

Divisão

No Rio, para participar da reunião da SIP (Sociedade Interamericana de Imprensa), a Sra Chamorro deverá voltar logo para Manágua, onde reside e divide com outros membros da família a responsabilidade pela imprensa na Capital nicaragüense.

O filho mais velho, Pedro Joaquin, é codiretor de **La Prensa**, que era considerado o órgão da burguesia liberal antisomozista e que durante a insurreição foi bombardeado e destruído pela Guarda Nacional de Somoza.

Depois da Revolução, **La Prensa** foi fechado pelo menos seis vezes — "os decretos estão aí para isso", disse a Sra Chamorro, referindo-se aos decretos 511 e 512, lançados no ano passado, que proíbem a divulgação de notícias que atentem contra a segurança interna ou a defesa nacional, ou que causem a inquietação pública e afetem a estabilidade econômica do país, sem prévia consulta à Junta de Governo.

— Não há liberdade de imprensa completa na Nicarágua. A censura consiste em não se poder falar da questão econômica, não se poder dizer que há escassez de pasta de dentes ou de açúcar. Já não dizemos muita coisa porque senão o Governo fecha o jornal. Se incomodamos, fecham. Já houve seis ou sete suspensões e, na mais recente, nos preveniram que seria a última vez, o último aviso.

Há um ano, entretanto, Ernesto Cardenal, Ministro da Cultura, afirmava na Europa, onde foi receber o Prêmio da Paz, que **La Prensa** "ataca permanentemente a Revolução com falsidades e calúnias" e que "a liberdade de imprensa é total" em seu país.

Pelo menos no campo ideológico a família Chamorro se divide: o outro filho da Sra Chamorro, Carlos Fernando, dirige o jornal **Barricada**, órgão oficial do Governo, (que se chamava **Novedades** na época do ditador Somoza). **Barricada**, segundo se diz, acusa sistematicamente **La Prensa** de manipular notícias, servir aos interesses burgueses e imperialistas e fomentar a contra-revolução.

— Cada um sabe de si — afirma a Sra Chamorro, provavelmente referindo-se a Carlos Fernando ("Ele dirige o órgão oficial sandinista, suponho que seja sandinista") — mas fazemos o possível para manter a unidade da família, porque isto não se deve romper.

O outro jornal importante de Manágua, **El Nuevo Diario**, é dirigido por um irmão do falecido Pedro Joaquin, Carlos Javier Chamorro, e nasceu de uma dissidência dos jornalistas de **La Prensa** simpáticos ao sandinismo.

A Sra Chamorro diz que "não chamaria de oposição" a atitude de seu jornal em relação ao Governo:

— **La Prensa** fez oposição a uma ditadura somozista de mais de 50 anos e nosso jornal ajudou a derrotar totalmente a ditadura. **La Prensa** não é opositora ao regime sandinista, mas é nicaragüense. É e continuará sendo, e mantendo a mesma linha adotada por meu marido, Pedro. Para mim, **La Prensa** de ontem é o mesmo de hoje, não mudou. Estamos na luta para ajudar a obter o bem-estar do povo nicaragüense, mas estamos também num momento crítico do jornal.

Momento crítico

Falou sobre a crise econômica em seu país, que considera "muito delicada e que foi herdada da ditadura somozista". Com relação às medidas concretas tomadas pela Junta de Governo para enfrentar a crise econômica — acredita-se que o Governo está tomando as decisões corretas para enfrentá-la — a Sra Chamorro respondeu, de maneira vaga, que não sabe, "mas não há progresso, se a situação não melhora..."

— Pessoalmente, a senhora se decepcionou com os rumos tomados pela revolução sandinista?

— Por um lado sim, por outro não. Creio que foi um passo dificílimo terminar com uma ditadura de mais de 50 anos. Mas, por outro lado, me dá um pouco de tristeza saber que o que muitos nicaragüenses esperavam do processo revolucionário não está sendo cumprido.

(A Sra Chamorro se diz decepcionada com o que ela considera o não cumprimento das propostas iniciais de realização de eleições e de pluralismo político.)

— E não há perspectivas, na sua opinião, de que as propostas iniciais venham a ser cumpridas?

— Como nicaragüense, não sei. Não estou mais no Governo para poder responder a isso. Em geral, o Governo diz que a Nicarágua está numa crise econômica muito séria. Tem de haver austeridade. Até quando, não sei.

— Não será esse período de austeridade uma necessidade no atual momento de crise?

— Não sei. Nós passamos por uma longa ditadura e agora estamos atravessando um momento crucial.

— A senhora crê que a situação social no país melhorou depois da Revolução?

— Creio que estamos num impasse, num momento crítico, de austeridade, um momento muito delicado. Até quando, não sei dizer.

A Sra Chamorro diz que as eleições na Nicarágua foram marcadas para 1985 e que já há grupos de oposição e Partidos sendo formados na Nicarágua. Acredita, porém, que só então se poderá fazer campanha política no país, porque, por enquanto, "a propaganda política ainda não é permitida".

PC polonês vota hoje estado de emergência

Varsóvia — Um projeto que autoriza o Governo polonês a decretar o estado de emergência, a suspender o direito de greve e a renegociar os acordos de Gdansk, com o sindicato independente Solidariedade, será votado hoje no terceiro dia de reunião do Comitê Central do Partido Operário Unificado Polonês.

— É preciso que respondamos agora ao problema de saber a que preço vamos defender o socialismo, o Partido e a pátria. Temos de tomar uma decisão agora. É uma questão de vida ou morte para o Partido e o socialismo — afirmou veementemente um representante de Jelênia Gora, ao Sul da Polônia, na reunião do Comitê.

Avaliar líderes

Operário de Pabianic, região de Lodz, Marek Morzyszek, disse em seu discurso que o Comitê do POUP em sua cidade se espera "decisões definitivas" contra os ex-dirigentes do Partido responsabilizados pela atual crise econômica e também que se proceda a uma avaliação das atividades de "cada um dos que exercem funções de responsabilidade na direção do Partido e do Estado, desde o 9º Congresso Extraordinário", realizado em julho.

— A situação não pode durar mais tempo sem nos levar ao abismo — afirmou Morzyszek, um dos 20 oradores de ontem, a maioria dos quais criticaram asperamente a direção do Comitê Central, do Politburo e do Secretariado. O mesmo tom crítico veemente predominou na sexta-feira, após o discurso de abertura da reunião, feito pelo primeiro-secretário, Stanislaw Kania.

O Ministro do Interior, General Czeslaw Kiszczak, em defesa da liderança partidária, acusou duramente o Solidariedade de ter uma "atitude antinacional e antipolonesa". Referindo-se à fracassada tentativa de criação de um sindicato da polícia, o Ministro declarou que,"apesar das tentativas de infiltração, os policiais não trairão a confiança que lhes outorgamos".

Quem também fez um forte ataque ao Solidariedade foi Zofia Grzyb, única destacada integrante do Politburo do POUP que era ao mesmo tempo membro do Solidariedade. Ela renunciou ao sindicato independente dos operários poloneses, seguindo a exortação neste sentido que o Primeiro-Secretário do Partido, Stanislaw Kania, havia feito aos 3 milhões de militantes que, em sua maioria, também pertencem ao Solidariedade (que tem 10 milhões de associados).

O Primaz da Polônia, Arcebispo de Varsóvia, Jozef Glemp, ao chegar ao Vaticano para se reunir com o Papa João Paulo II, confirmou que"há uma grande tensão na Polônia" e instou seus compatriotas a se unirem para superar "a grave crise que a Polônia atravessa". Ainda não se sabe quando João Paulo II receberá Glemp.

— A Igreja está preocupada com a situação na Polônia — declarou ainda o Primaz da Polônia, que assistirá as cerimônias pelo 10º aniversário da beatificação do franciscano polonês Maximilian Kolbe, que se apresentou voluntariamente para substituir um pai de família na câmara de gás do campo de concentração instalado pelos nazistas em Auschwitz.

A União Soviética, através da agência Tass, afirmou que em breve serão realizadas mudanças na direção da Polônia. A agência disse que, durante a reunião atual do Comitê Central do PC polonês, serão discutidas "possíveis questões de organização", num debate destinado a "avaliar o comportamento" da liderança do POUP.

A Tass não divulgou mais detalhes, mas a agência italiana ANSA comentou que os termos usados na informação da agência soviética geralmente indicam futuras demissões de líderes tanto no âmbito do Partido quanto no do Governo. O Kremlin vem atacando os dirigentes do POUP por não serem "firmes contra os anti-socialistas".

Bush escapou de atentado a dinamite no aeroporto de Bogotá semana passada

Bogotá — O Vice-Presidente dos Estados Unidos, George Bush, escapou de um atentado a bomba durante sua visita à Colômbia segunda-feira e terça-feira passadas. Cinco cartuchos com dois quilos de dinamite cada um foram encontrados sexta-feira na pista do Aeroporto Internacional El Dorado.

A bomba, ligada a um detonador por um fio de 200 metros, estava enterrada a poucos centímetros de profundidade no ponto em que os aviões tocam o solo ao aterrissar. Segundo as edições de ontem dos jornais **El Tiempo** e **El Espectador**, a bomba estava próxima do terminal internacional, mas essa versão foi desmentida por um agente de segurança que não quis identificar-se, e por operários.

FALHA TÉCNICA

A organização Movimento de Autodefesa Operária, o menor grupo guerrilheiro colombiano (anárquico-maoísta), assumiu a autoria do atentado fracassado em telefonema a **El Tiempo**, informando ainda que não houve a detonação porque o avião de Bush estacionou no terminal militar. O grupo, com menos de 20 membros, é o mesmo que há cinco anos matou o Ministro para Assuntos de Segurança Interna, Rafael Pardo. Como a dinamite estava de fato na cabeceira da única pista, utilizada tanto por aviões civis quanto militares, a polícia crê que alguma falha técnica evitou a explosão.

As operações do aeroporto ficaram muito reduzidas porque os especialistas em explosivos demoraram para desarmar o artefato. Segundo a polícia, a bomba foi colocada na pista cinco dias antes da chegada de Bush.

Figueiredo é recebido nos EUA sob forte segurança

Industrial vincula à lei salarial a corrida aos serviços da Previdência

Belo Horizonte — O crescimento da demanda dos serviços previdenciários, como conseqüência dos reajustes impostos pela nova lei salarial, é um dos temas que o vice-presidente da Federação das Indústrias de Minas e presidente da Tecelagem São José, Aristides Rache, pretende levantar no II Sinabe-Simpósio Nacional de Assistência e Benefícios, promovido pelo JORNAL DO BRASIL.

Já o presidente da Coteminas — Companhia de Tecidos Norte de Minas, José Alencar Gomes da Silva, também um dos debatedores do simpósio, acredita na lei salarial como fórmula para corrigir a grande defasagem entre altos e baixos salários no país. Acha que a parte médica da Previdência devia ficar a cargo das empresas, mediante redução da alíquota de contribuição.

FUNDO DE SEGURIDADE

O Sr Aristides Rache disse ontem estar certo de que o simpósio trará subsídios concretos para uma análise profunda de problemas sérios do país, mas ressaltou que a discussão sobre a política salarial não poderá ser evitada. "Estamos fazendo uma distribuição de renda que precisa ser acompanhada pelo modelo econômico, ainda fora da realidade do país", acrescentou.

Informou estar fazendo levantamentos detalhados na Federação das Indústrias e na Associação Comercial do Estado para levar ao encontro opiniões de consenso, e que já existe um grupo de empresários mineiros se movimentando para lutar pela criação de um fundo de seguridade social.

— A assistência médica e de benefícios da Previdência sofre pressões decorrentes da política salarial e ninguém levanta este problema. A demanda de serviços previdenciários aumentou com o reajuste salarial semestral — afirmou, depois de explicar que o esmagamento dos salários da classe média a levou a procurar um salário indireto no Instituto Nacional de Previdência Social, embora este não esteja preparado para o novo fluxo.

O vice-presidente da FIEMG entende que um fundo de seguridade social poderá aliviar a pressão em cima da Previdência, ressaltando que a comissão paritária, criada para analisar o vazamento de recursos na Previdência, poderá ser uma boa solução, "pois será composta por elementos da iniciativa privada, que poderão administrar empresarialmente".

DEFASAGEM

O presidente da Conteminas, José Alencar Gomes da Silva, vê na nova lei salarial apenas uma fórmula encontrada pelo Governo para diminuir a diferença entre o salário mínimo e altos salários. Observa que o salário mínimo chega até a um trigésimo do mais alto salário em empresas brasileiras, ao contrário do que ocorre nos países mais desenvolvidos.

Segundo ele, a redução dos altos salários às vezes não vem sendo praticada pelas empresas, que, para não perderem bons profissionais, não lhes dão o tratamento da legislação. Considerou que a semestralidade do reajuste é necessária para cobrir a defasagem dos índices inflacionários.

— O empresário tem que se colocar no lugar do assalariado. Os que apontam a lei salarial como inflacionária estão com juízo equivocado. Ela é conseqüência e causa da inflação e as correções são feitas depois do aumento de todos os bens — afirmou, depois de atribuir a inflação ao endividamente externo, ao custo da dívida e defender a luta dos industriais e comerciantes por um mercado interno mais forte.

Depois de classificar a assistência social previdenciária no país como precária, o Sr José Alencar Gomes da Silva sugeriu que as empresas estatais e privadas se incumbam de prestar assistência médica aos seus empregados, descentralizando o setor.

— Mediante a redução da alíquota de contribuição previdenciária, cada empresa podia dar assistência direta ou mediante convênios aos empregados. Mesmo os pequenos e médios empresários podiam se organizar em grupos para prestação desses serviços, com menos encargos e mais eficiência do que o tratamento atual, onde o doente que enfrenta longas filas nem sequer sabe o nome do médico que vai atendê-lo — frisou.

O presidente da Coteminas entende que, em matéria de assistência médica, a qualidade é mais importante que o serviço. "Com saúde e bem alimentado, o trabalhador apresenta maior produtividade e certamente irá vestir a camisa da sua empresa", comentou, observando que o empresário brasileiro deve entender que cada empresa pertence à comunidade e subsiste independente da existência do seu dono.

DPF detém padre e 3 freiras

Brasília — Três freiras vicentinas e um padre redentorista, de nacionalidade irlandesa, foram presos anteontem em São Geraldo do Araguaia pela Polícia Federal, porque se recusaram a comparecer à igreja daquela cidade paraense para assistir à missa encomendada pelo DPF e celebrada por um padre mexicano, sem autorização do bispo da diocese.

O ofício religioso, cujo celebrante foi transportado de Belém do Pará sob os auspícios dos agentes da Polícia Federal, teria por objetivo desanuviar o ambiente que se criou naquela cidade desde a prisão dos padres franceses Aristides Camio e François Gouriou, depois removidos para Brasília, onde aguardam decisões da Justiça Militar.

DENÚNCIA FORMAL

A notícia da prisão do padre irlandês e das irmãs vicentinas foi transmitida à CNBB pela diocese de Conceição do Araguaia. Hoje cedo, o bispo daquela diocese, Dom José Patrick Hanrahan, deverá transmitir denúncia formal àquela entidade, com base em relatório vindo dali. Dom Patrick se encontra em Brasília acompanhando o caso dos padres franceses.

O religioso irlandês, segundo informação de Dom Alano Pena, bispo de Marabá, é conhecido como padre Peter e exerce as funções de assessor de Dom José Patrick em Conceição de Araguaia.

Para efetuar as prisões, foi designado um destacamento especial da Polícia Federal. Os nomes das irmãs vicentinas não foram revelados.

Leigos de P. Alegre querem agir

Porto Alegre — Os cerca de 500 participantes do II Congresso Arquidiocesano de Leigos destacaram, ontem, a necessidade de criação de um órgão, de representação de atuação junto à Arquidiocese, com o objetivo de difundir o pensamento social da Igreja a fim de influenciar nas decisões políticas e econômicas da sociedade.

No painel sobre **O leigo e o trabalho** foi salientado que a realidade trabalhista é marcada pela exploração do homem pelo homem e que os trabalhadores ainda não estão conscientizados de seus direitos. As constatações foram feitas em debates nas reuniões de grupos durante o congresso e os leigos ainda consideraram que "é possível o funcionamento de uma empresa mais justa desde que se coloquem em prática os ensinamentos da Igreja", segundo o secretário do encontro, Sr Maurício Vian.

Armando Ourique e Fritz Utzeri

Cleveland — Protegido por forte esquema de segurança, o Presidente João Figueiredo chegou à Cleveland Clinic às 18h07m (hora de Brasília), em companhia de sua mulher, Dulce Figueiredo, e foi recebido pelo presidente da Fundação que administra a clínica, William Kaiser, e pelos médicos William Sheldon, chefe da cardiologia, e Aloísio de Salles. Com ar cansado, óculos escuros, apenas acenou para os jornalistas, sem responder a nenhuma pergunta.

No aeroporto de Cleveland, onde o avião presidencial pousou às 17h35m (hora de Brasília), Figueiredo foi recebido pelo chefe da seção brasileira do Departamento de Estado, Lowell Kindau. Não foi permitida a entrada de jornalistas e havia policiamento ostensivo no trajeto até a clínica. Formavam a comitiva sete automóveis e uma ambulância equipada com desfibrilador e recursos para atender a qualquer emergência.

Sem formalidades

Além do Presidente, Dona Dulce, o médico Nilton Pereira de Matos, o chefe da segurança, Coronel Periassu Matos, e o ajudante-de-ordens, Major Dias Dourado, foram dispensados das formalidades alfandegárias. No terminal da Ohio Aviotion, Figueiredo embarcou na limusine — um Cadillac blindado — enviado de Washington pelo Departamento de Estado. No trajeto até o hospital, ela foi precedida por batedores e dois automóveis com agentes de segurança.

Sete minutos antes da entrada do Presidente no hospital, chegou sua bagagem pessoal, trazida por dois carros e sete homens. Eram sete ternos, quatro maletas, três pastas do tipo 007 e um travesseiro. Os jornalistas, cerca de 30 entre brasileiros e americanos, ficaram sob uma marquise, com poucas condições de trabalho, porque o esquema de segurança impedia sua movimentação.

O Presidente Figueiredo foi internado na ala Sul do hospital, num conjunto de três aposentos, no oitavo andar. Hoje deverá fazer os primeiros exames médios para avaliação do estado de suas coronárias. Segundo o porta-voz da Presidência, Carlos Átila, os exames deverão estar concluídos até terça-feira, quando estará decidido se será necessária ou não a operação de ponte de safena.

Bandeiras

Num dos acessos laterais do hospital, várias cordas com bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos marcaram o caminho por onde o Presidente passou. Pela manhã, policiais e agentes de segurança haviam revistado o corredor por onde Figueiredo entrou e o elevador em que subiu para os quartos 9, 11 e 13, ala Q do oitavo andar. Segundo o porta-voz do hospital, Frank Weawer, o esquema de segurança será semelhante ao adotado quando ali foi operado o Rei Khaled, da Arábia Saudita.

Esta informação foi divulgada durante a primeira entrevista coletiva, realizada pela manhã, no Salão Odisséia do Hotel Clinic Inn, onde se hospedou a comitiva presidencial. Esta é a primeira vez em que é montado na clínica um centro de imprensa porque, durante a internação do Rei Khaled, seus acompanhantes não saíram dos quartos e mandavam buscar comida na cidade.

O acesso aos aposentos presidenciais não será permitido, e ontem, na entrevista coletiva, o porta-voz do hospital distribuiu fotos do quarto que será ocupado por Figueiredo. Com nova decoração, o quarto e a sala ficaram semelhantes a aposentos de hotel. Como os jornalistas se surpreenderam com a cama de casal, forradas com uma colcha de retalhos, Frank Weawer explicou que ela seria usada apenas na primeira noite, sendo substituída hoje por um leito hospitalar.

Se for necessária a operação, Figueiredo será atendido por nove médicos, seis deles norte-americanos, chefiados por William Sheldon, que chegou da China quinta-feira à noite. Embora o início dos exames esteja marcado para hoje, a decisão será de Figueiredo. Os exames só começarão quando ele estiver descansado e psicologicamente preparado.

O avião que trouxe o Presidente ficará no aeroporto de Cleveland até a divulgação do resultado da cineangiocoronariografia. Caso não seja necessária a operação, Figueiredo e sua comitiva voltarão ao Brasil em seguida. Caso se realize a cirurgia, o avião voltará ao Brasil, mas a Varig deixará um aparelho de prontidão em Los Angeles ou Nova Iorque.

A comitiva está hospedada no Hotel Clinic Inn, onde chegou às 20h (hora de Brasília). O escritor Guilherme Figueiredo, que trazia grande mala, disse estar cansado, enquanto os generais Venturini e Medeiros limitaram-se a dizer que a viagem fora boa. Um dos quatro elevadores foi isolado e foi montado forte esquema de segurança no 17º andar, onde há um telefone ligado diretamente ao Palácio do Planalto.

À noite, a Casa Branca anunciou que o Presidente Ronald Reagan, informado da presença de Figueiredo em território americano, enviou-lhe uma mensagem, cujo texto não foi divulgado.

Mensagem exalta democratização

Antes de decolar para Cleveland, o Presidente Figueiredo enviou uma mensagem ao Comitê de Imprensa da Presidência da República, onde agradece os votos de restabelecimento feitos ontem por sua diretoria. Na mensagem, o Presidente diz: "Estou deixando o país certo de poder continuar a obra de democratização em que estou empenhado".

Em outro trecho da mensagem, o Presidente João Figueiredo declara: "A manifestação muito me honra e me comove, sobretudo partindo de profissionais do jornalismo, cuja missão é usar a liberdade em benefício da verdade democrática".

Cleveland/Companhia Neto

Para a primeira noite na clínica, a cama que serviu ao Rei Khaled

Presidente poderá ser examinado ainda hoje

Cleveland — Se estiver em boas condições psicológicas e repousado, o Presidente Figueiredo deverá ser examinado hoje pela manhã por médicos que retirarão três amostras, de dois centímetros cúbicos cada, de seu sangue para dosar a concentração de lipídios (gorduras) e triglicerídios. Fará ainda um eletrocardiograma em repouso e terá medida cuidadosamente sua pressão arterial. Ao mesmo tempo, os médicos conversarão longamente com o Presidente, buscando estabelecer os antecedentes pessoais e familiares de sua doença. A circulação periférica será igualmente avaliada.

Amanhã, se não houver anormalidades, o Presidente fará a cineangiocoronariografia, um exame que consiste na introdução de uma sonda flexível por uma veia dissecada de seu braço. Essa sonda será levada até a base da aorta, onde ficam os óstios coronarianos, pontos onde começam as artérias coronárias direita e esquerda que irrigam o músculo cardíaco. O exame é feito sob anestesia local e seu potencial de risco é praticamente desprezível. Na Cleveland Clinic apenas 0,08% dos pacientes morre em virtude de complicações devidas ao exame de cineangiocoronariografia.

Ontem pela manhã, durante a entrevista coletiva, os jornalistas americanos estavam curiosos das razões que levaram Figueiredo a viajar até Cleveland para submeter-se a exames e, possivelmente, operar-se. O porta-voz do Planalto, Carlos Átila, informou que a decisão partiu de dois bons amigos de Figueiredo, operados anteriormente na Cleveland Clinic: o médico Raimundo Carneiro e o General Walter Pires, Ministro do Exército. "Cerca de 12 mil brasileiros já foram operados em Cleveland e a metade desse total é constituída por médicos", disse Carlos Átila.

Boletim diário dará as notícias do Brasil

Brasília — Ao acordar hoje, na primeira manhã em Cleveland, o Presidente Figueiredo terá à sua disposição, antes dos exames preliminares, o resumo de todo o noticiário da imprensa, transmitido pela Empresa Brasileira de Notícias. Outro serviço diário da empresa oficial será a remessa dos principais recortes de jornais, pelo sistema de fac-símile fonado.

Hoje à noite chegarão ao hospital de Cleveland exemplares das edições de domingo dos principais jornais do país, remetidos por malote num sistema integrado Varig/TWA. A Varig entregará a uma das companhias aéreas americanas que operam na linha Nova Iorque-Cleveland os jornais e outras encomendas dirigidas ao Presidente e aos integrantes de sua comitiva. O serviço começará a funcionar hoje.

O sistema de informações, montado pela Empresa Brasileira de Notícias em Brasília, não sofrerá interrupções, mesmo que o Presidente venha a ser operado, porque os ministros Danilo Venturini e Octavio Medeiros também serão seus destinatários. Se for operado, só no segundo dia o Presidente retomará o contato com o noticiário da imprensa brasileira. No primeiro dia falará exclusivamente com os parentes, pelo sistema de videofone.

Depois de sair do centro cirúrgico para o apartamento em que ficará, o Presidente poderá ouvir música em FM, mas não será permitida qualquer leitura nas primeiras horas de recuperação. É provável, porém, que no segundo dia de operação — se for feita uma operação — e dependendo da reação pós-cirúrgica, o Presidente já possa receber as primeiras visitas e ler sem restrições o noticiário da imprensa brasileira.

Passaportes na mala atrasam a partida

Brasília — O avião que levou, ontem, o Presidente Figueiredo, sua mulher, dois irmãos e dois filhos para Cleveland, nos Estados Unidos, teve de cancelar duas operações de decolagem, determinadas por situações imprevistas: na primeira, para reabrir o porão de bagagens, onde estavam os agasalhos da comitiva, e na segunda, conforme a versão oficial, para reabrir algumas malas, onde foram esquecidos os passaportes exigidos no desembarque.

Os imprevistos ocasionaram um atraso de meia hora na decolagem do Boeing 707, prefixo PPV-JX, da Varig, que deixou Brasília às 9h30m, com uma previsão de 10 horas de vôo. Da comitiva faziam parte dona Dulce Figueiredo, os Ministros Danilo Venturini e Octávio Medeiros, Guilherme Figueiredo e Luiz Felipe Figueiredo, irmãos do Presidente, e seus filhos João Batista de Figueiredo Filho e Paulo Renato.

A espera

De terno cinza, gravata grafite e camisa azul com listras em sobretom, o Presidente Figueiredo chegou às 8h40m à base aérea de Brasília, ontem excepcionalmente movimentada por sua abertura à visitação pública, nas comemorações da Semana da Asa. O comboio de seis carros Galaxie foi direto para a pista de embarque, parando em frente à escada do avião, onde o Presidente passou a esperar o Presidente em exercício, Aureliano Chaves, que só chegou cinco minutos depois.

Durante esses cinco minutos de espera, ao pé da escada — toda a comitiva entrou antecipadamente no avião — o Presidente conversou com seu secretário particular, Heitor de Aquino. Ele e o Chefe do Gabinete Civil, Ministro Leitão de Abreu, foram as únicas autoridades do Planalto a se despedir do Presidente na Base Aérea, mas o Ministro ficou na estação de passageiros, aguardando o Presidente em exercício. Mesmo contidos por uma corda, a cerca de 150m, os jornalistas puderam registrar a efusão do diálogo entre o General e Heitor Ferreira, que trocaram dois abraços de despedida, antes da chegada de Aureliano Chaves. Dos demais Ministros, o único a permanecer na Base foi o Brigadeiro Délio Jardim de Mattos, da Aeronáutica.

Cumprido todo o cerimonial de embarque, simplificado com a dispensa do protocolo tradicionalmente dispensado ao Presidente da República, verificou-se, quando os índices de baixa temperatura nos Estados Unidos foram anunciados pela tripulação, que muitos membros da comitiva não estavam preparados para enfrentar o frio na chegada. A porta do avião se abriu, iniciando-se uma operação de transferência de oito conjuntos de frio do porão de carga para o interior da aeronave.

Passaportes

Às 9h, o Boeing da Varig começou a taxear para a decolagem, surpreendentemente interrompida quando o comandante Schettini convocou os auxiliares de terra. O presidente da Varig, Helio Smith, que acompanhou o General Figueiredo na viagem, foi o primeiro a aparecer no topo da escada, num momento em que a curiosidade tomou conta da Base Aérea de Brasília. O Presidente Aureliano Chaves, que acompanhava discretamente, do interior da estação de autoridades, a operação de decolagem, para depois também viajar para Três Pontas, chegou a avançar alguns passos até a passarela de acesso à pista.

Poucos minutos depois retornaram dois oficiais da FAB e funcionários da Secretaria de Imprensa da Presidência da República com a informação de que alguns membros da comitiva haviam esquecido os passaportes na bagagem colocada no porão do Boeing. Ante a perspectiva de que o fato poderia ocasionar atrasos no desembarque da comitiva, em Cleveland, foi providenciada a remoção dos documentos, com mais um atraso na decolagem do Presidente.

Malas

Circulou depois a informação de que foram esquecidas na Granja do Torto algumas malas com a bagagem pessoal do Presidente e de sua mulher, Dona Dulce. O General, colocado diante de duas opções — atrasar o vôo para a espera das malas, ou deixar que elas fossem remetidas depois, — preferiu a segunda alternativa, e o vôo foi autorizado, com o Boeing decolando as 9h30m. Dez minutos depois, com o cumprimento de todo o cerimonial de Presidente, inclusive o toque de clarim, embarcou para Belo Horizonte, no Boeing 737 da FAB, o Presidente Aueliano Chaves. Em Belo Horizonte, tomaria o avião C-130 para Três Pontas, no Sul de Minas.

Em seu vôo especial para Cleveland, o Boeing 707 da Varig, adaptado para servir ao Presidente, conduziu um total de 55 passageiros, incluindo o presidente da empresa, Hélio Smith, os três pilotos e os 14 tripulantes. Além dos parentes do General Figueiredo e dos dois Ministros, seguiram também os médicos, doutores Newton Mattos, Marciano e Salmito. O número total de funcionários de apoio — agentes de segurança, especialistas de comunicações e outros — incluídos na comitiva foi de 28 pessoas.

Aureliano acha país consciente

Três Pontas, MG — Em discurso para cerca de 6 mil pessoas na Praça Cônego Victor, nesta cidade, o Presidente Aureliano Chaves disse ontem que, à medida em que os fatos se sucedem, a nação vai tomando "firme consciência de que a sua campanha para a consolidação da vida democrática estável em nosso país, sintonizada com o caráter de nosso povo, não é mera pregação de palavras. Os fatos confirmam".

Mais tarde, em entrevista, o Presidente afirmou que eleição direta para a Presidência da República não é um assunto em debate,"razão pela qual não é momento de tecer considerações a respeito dela". Disse ainda que sua participação para que sejam aprovados os projetos da Previdência Social e da sublegenda não significa um teste político, mas trata-se de "compreender a realidade que nós estamos vivendo".

CERTEZA

Ainda durante a entrevista em sua terra natal, o Presidente Aureliano Chaves manifestou a certeza de que o PDS irá compreender a realidade em que vive o país "e assim emprestará o seu esforço, como de resto está emprestando, através do trabalho de suas lideranças e da direção partidária, para que o projeto remetido à deliberação do Congresso pelo Presidente João Figueiredo seja aprovado".

Durante a solenidade em sua homenagem, o Presidente Aureliano Chaves, em discurso de improviso, lembrou que "a vida democrática e o regime republicano representativo têm a sua essência e seu cerne na participação do povo".

— É através da participação que se estabelece o processo da co-responsabilidade e é através da co-responsabilidade que uma nação pode aspirar, com êxito, à caminhada segura para dias melhores.

Depois de acentuar que "o poder só vale quando aquele que o exerce é capaz de o instrumentalizar em benefício do povo" afirmou que tem sempre pedido a Deus, como fez na visita a Aparecida do Norte, para que ele "na sua infinita misericórdia derrame bênçãos sobre aqueles que têm responsabilidade de dirigir, em maior ou menor escala, para que em suas decisões eles possam, realmente, estar cada vez mais sintonizados com os interesses do bom povo brasileiro, sofrido é verdade, mas que não perde a sua esperança, porque tem confiança nos destinos maiores desta pátria, que Deus fez grande".

Conclamou o povo a participar cada vez mais das grandes decisões nacionais, e admitiu que o Brasil, apesar de ter superado muitas de suas dificuldades, ainda tem outras imensas barreiras a transpor, "porque nenhuma nação que se posiciona verticalmente no contexto internacional e que pouco a pouco vai deixando de lado os favores, para construir sua grandeza pelo esforço e pela inteligência de seu povo, desconhece que a competição internacional é uma singular corrida de obstáculos".

SOLENIDADE

Desde que o Presidente Aureliano Chaves chegou ao palanque, em companhia do Governador Francelino Pereira, do Prefeito João Vicente Diniz e do ex-Governador Ozanan Coelho, muitas pessoas, principalmente crianças, tentaram apertar sua mão. Ele correspondeu e chegou a pegar no colo a menina Daniela Miranda Ferreira.

Enquanto as autoridades ficaram no palanque, do outro lado do cordão de isolamento, o advogado Donardis Terra Aguiar exibia um cartaz com os dizeres: **1984, Aureliano passe pelo crivo do funil, solução para o Brasil**, uma crítica no verso ao Governador Paulo Maluf, **Abaixo o Maluf**. Quando virou a crítica para o lado das autoridades, foi visível o descontentamento do Presidente, do Governador de Minas e até do presidente regional do PDS, Deputado Chrispim Jacques Bias Fortes.

Por volta de 13h30m, depois de passar 10 minutos na casa de sua irmã Nilbe, seguiu para o almoço no Clube Três Pontas, levando sua avó, Dona Luzia, de 92 anos. Antes do almoço, foi homenageado com uma placa comemorativa de sua primeira visita à cidade como Presidente da República, oferecida pelos diretores, professores e alunos de todas as escolas de sua terra natal. A placa foi entregue pelo estudante Luciano Reis Diniz.

Mato Grosso do Sul faz 3 anos com situação difícil

Campo Grande — Mato Grosso do Sul completou o seu terceiro ano como novo Estado. Seus quase 1 milhão 500 mil habitantes esperam até hoje, porém, que o **pacote de projetos impactos** surta o resultado prometido: resolver definitivamente todos os problemas do Estado. Era esta a meta do ex-Senador Pedro Pedrossian, ao assumir o Governo de Mato Grosso do Sul no dia 9 de novembro de 1980.

As perspectivas em torno desses projetos — o Pró-Cidade, Pan-Norte, Apaporé, Guaira-Porá, Guatambu e Panelão — não são as melhores. Isto porque o atual governador herdou uma série de problemas que vêm atravancando os projetos e causando sérios transtornos na área social, como o atraso no pagamento do funcionalismo.

Recursos

Basicamente, toda a política administrativa e partidária do Governador Pedro Pedrossian está baseada nesses projetos, que dependem de uma ajuda maciça do Governo federal. Porém, as dificuldades em conseguir as **injeções de verbas** têm sido uma constante.

Atualmente, as atenções se voltam para o Senado, onde ainda se discute a aprovação de um empréstimo de 30 milhões de dólares, requisitado ainda no Governo de Marcelo Miranda, que mantinha os mesmos planos de desenvolvimento do Estado, apenas com nomes diferentes.

Um dos senadores que mais resiste a este empréstimo em moeda norte-americana é José Fragelli (PP-MS), e suas alegações geralmente se repetem: "O Governador Pedro Pedrossian joga dinheiro fora, aplicando em estradas asfaltadas que cortam regiões que nada produzem". A mesma posição é compartilhada pelos Senadores Mendes Canale e Rachid Saldanha Derzi, PP-MS.

Agricultura

De um modo geral, desde o primeiro Governador do Estado, Harry Amorim Costa, todos os benefícios a serem alcançados com a divisão estão presos a um plano de trabalho que compreende os projetos lançados por Pedrossian. Mas a instabilidade do Poder Executivo atravancou a concretização dos projetos.

Dessa forma, uma das maiores forças econômicas de Mato Grosso do Sul — a agricultura — vem sofrendo sucessivas quedas na produção de suas principais culturas (soja, algodão, arroz, milho e mamona), de acordo com relatórios da CEPA — Coordenadoria de Estatísticas e Planejamento Agrícola (órgão ligado à Secretaria Estadual de Agricultura e Pecuária).

A CEPA revelou que na safra 1979/80 houve uma redução de quase 3% na expansão das áreas agrícolas, e na safra 1980/81 os dados levantados até agora (o levantamento final será conhecido apenas no final do próximo mês) indicam uma redução de 6% a 7%.

O mesmo informe, enviado mensalmente ao Ministério da Agricultura, alega as dificuldades na política de crédito agrícola, as estiagens, geadas e outros fatores que influenciaram nesses três anos a pecuária. Ressalta ainda que os abates de matrizes aumentaram bastante em relação ao ano passado.

Comércio

No primeiro ano de divisão do Estado, o setor comercial foi um dos mais beneficiados, pois recebeu um impulso considerável tanto nas vendas à vista como a crédito, na época (dezembro de 1979) em torno de 30%. Mas, no segundo ano, aumentaram os **clientes negativos** no SPC — Serviço de Proteção ao Crédito — o que se justifica pelo grande número de famílias migrantes (só em Campo Grande, chegava uma média de seis famílias por dia).

Este ano, o crescimento do setor sofreu retração de um modo geral, de acordo com levantamentos feitos pela Associação Comercial de Campo Grande. A média de novos **negativos**, com o total de vendas a prazo e à vista, deu um saldo geral que demonstra uma "tímida elevação" que atingiu quase 5%.

No setor industrial, nada de novo aconteceu além da visita de dezenas de empresários interessados em investir no setor de minérios. As indústrias, que ainda estão sendo cadastradas pela Codesul — Companhia de Desenvolvimento da Indústria, Comércio e Mineração de Mato Grosso do Sul — foram sempre relegadas a segundo plano na economia do Estado por vários motivos. Os principais são: o setor industrial é a última fonte arrecadadora do Estado e não existe infra-estrutura para desenvolvê-lo.

Potencial

Não é por falta de potencial que o Estado não se desenvolve como se esperava nesses três anos após à divisão. Para se ter uma idéia, Mato Grosso do Sul tem 350 mil 546 quilômetros quadrados, dos quais 239 mil de terras perfeitamente apropriadas para a agricultura.

No setor de minério, principalmente na região de Corumbá (maciço de Urucum e Serra Albuquerque) e na Serra de Bodoquena, existem reservas de manganês calculadas em 100 milhões de toneladas. Desse total, 14,5 milhões de toneladas já foram medidas, 55,2 milhões indicadas a 32 milhões indefinidas.

A precariedade do sistema de abastecimento energético não permite ampliar a exploração dessas potencialidades. Há ainda as reservas de calcário dolamítico (corretivo) das áreas de Corumbá, Bodoquena e Bonito, que já asseguraram uma produção anual de 320 milhões de toneladas.

Locadoras querem seguro-fiança

Porto Alegre — O presidente da Federação Nacional das Administradoras de Imóveis, Francisco Machado, defendeu, ontem, a regulamentação do seguro-fiança — previsto na Lei do Inquilinato — como forma de acabar "com a maior praga que existe nas cidades, que são os vendedores de fiança para os futuros locatários de imóveis".

Francisco Machado será um dos participantes da 2ª Convenção Nacional das Administradoras de Imóveis, que começa hoje em Porto Alegre, até o dia 21. O encontro é promovido pela Associação Gaúcha de Empresas do Mercado Imobiliário e entre os temas que serão debatidos estão a Lei do Inquilinato, Lei do Condominio e o Empresário e Sua Função Social.

Segundo Francisco Machado, o Instituto de Resseguros do Brasil, as companhias seguradoras e a Superintendência de Seguros Privados ainda não apresentaram uma regulamentação do seguro-fiança que "atenda aos interesses das locadoras". As empresas do mercado imobiliário, segundo ele, querem que o seguro-fiança" cubra todos os possíveis danos causados ao imóvel pelo locatário bem como o atraso dos aluguéis".

Com a adoção do seguro-fiança, afirmou, os interessados em alugar o imóvel evitarão o constrangimento de "terem que pedir a alguém que sirva de fiador". Embora Francisco Machado considere que "o volume de negócios continua bom", ressaltou que diminuiu a oferta para locação de imóveis:

— Nas cidades, por semana, são ofertados, em anúncios pelos jornais, uma média de 600 imóveis para locação e 5 mil para venda. A diminuição da oferta para locação se deve, na sua opinião, a uma tendência "de não se construir mais imóveis para alugar, devido às facilidades oferecidas pelo BNH para aquisição da casa própria".

Crédito educativo eleva juros e nega anistia aos devedores

Brasília — Depois de seis meses de estudos para reformular o sistema de crédito educativo, a comissão interministerial que cuida do assunto ainda não anunciou nenhuma medida concreta. Sabe-se somente que os juros vão aumentar e que os inadimplentes não serão anistiados, pois isto agravaria os prejuízos que a Caixa Econômica Federal e o MEC vêm tendo com o programa.

A Caixa já se mostrou relutante em perdoar as dívidas de cerca de 270 mil alunos beneficiados com o programa, alegando gerar com isto a verdadeira falência do sistema. Entretanto, o montante das dívidas para com o crédito educativo permanece em total sigilo, até mesmo para alguns diretores da CEF e para o próprio MEC, que já fez à instituição inúmeros pedidos sem obter resposta.

Os números

O programa de crédito educativo foi instituído em 1975 e até hoje atendem aproximadamente 500 mil alunos, totalizando 619 mil contratos de manutenção e anuidade, no valor de Cr$ 29 bilhões, sendo Cr$ 9,4 bilhões para manutenção e Cr$ 11,5 bilhões para anuidade.

Estes são os únicos números divulgados pela Caixa Econômica Federal, além do nível de inadimplência, calculado em 54% dos beneficiados. Eles, porém, não permitem calcular o montante total de dívidas pelos alunos, e sobretudo as dívidas parciais concernentes aos bancos comerciais que participam do programa.

De acordo com o que disse o chefe de departamento central do programa, Hilton de Freitas, durante a CPI que apura irregularidades do ensino pago, o montante das dívidas dos alunos para com o crédito tem afastado gradativamente alguns dos 54 bancos que participavam do programa, considerando-se que o sistema, da maneira em que se encontra, não surte nenhuma vantagem para estas instituições financeiras. Ao contrário, "só traz prejuízos".

Assim como se deu no caso da TV Tupi e em outros episódios que requeriam ressarcimentos imediatos de dívidas, a Caixa também pretende bancar desta vez os prejuízos causados pelo crédito educativo aos bancos comerciais.

Pela primeira vez o programa de crédito educativo se utilizará do seu fundo de risco para tentar liquidar tais dívidas com os bancos, até o final do ano. A Caixa vai arcar com a dívida do beneficiado, trazendo para a sua estrutura todos os contratos, para posteriormente renegociá-los com os estudantes devedores.

O fundo de risco corresponde a 3 dos 15% de juros cobrados ao ano, e sua finalidade é de ressarcir créditos considerados irrecuperáveis.

"Desde 1979, o Banco do Brasil deixou de aplicar no programa e os bancos comerciais diminuíram sensivelmente suas inversões em novos contratos, fazendo com que a Caixa em 1981 caminhasse sozinha no atendimento de novos alunos". Lamentou o Sr Hilton de Freitas.

Segundo ele, todas estas dificuldades refletiram sensivelmente no atendimento de alunos, que no ano passado foi de 15 mil e este ano caiu para 10 mil. Para a Caixa, a figura do avalista é imprescindível e, como único agente financeiro do crédito, atualmente, talvez o MEC tenha que aceitar este dispositivo.

As soluções

Apesar de a comissão interministerial não ter tomado ainda nenhuma decisão concreta a respeito do sistema de crédito educativo, já está consciente de que os juros à base de 15% ao ano são muito baixos e que as dívidas devem ser cobradas pelo sistema habitual de cartórios. Estas, segundo alguns técnicos do MEC, são as principais atitudes a serem tomadas para que o sistema de crédito educativo brasileiro não vá à falência, como foram os da Argentina e Chile.

Acreditam os técnicos que, assegurando mais o sistema de pagamento do crédito, maiores e melhores serão as condições de atendimento do programa. Somente dessa forma poder-se-ia aumentar os contratos de manutenção, atualmente em torno de Cr$ 1 mil 500 mensais por estudante, havendo também a possibilidade de equipará-los aos salários mínimos regionais.

Com as garantias, a comissão pensa também alargar o período de carência de um para dois anos, após a formatura do selecionado, prendendo o ressarcimento da dívida ao emprego do indivíduo. Outras informações são de que muitos dos aspectos a serem mudados no atual sistema de crédito educativo serão baseados no sistema de financiamento ao ensino, adotado atualmente pelo Gboex, montepio administrado por militares.

Pais querem escola sem ensino

Brinquedos simples e o desenvolvimento de atividades como pintura, modelagem, cozinha, costura e construção, e nenhuma educação formal até os sete anos de idade — esta é a proposta básica da escola que um grupo de pais do Rio, descrentes das atuais opções do sistema de ensino, está tentando criar para seus filhos.

A escola seguiria o método Waldorf, cujo principal objetivo, segundo o Sr Roberto Negrão de Lima, do grupo de pais, é "libertar as forças criativas para a vida, inerentes a todas as crianças". O método opõe-se à alfabetização antes dos sete anos o que, argumenta, prejudicaria o desenvolvimento natural da criança.

Esforço de cada um

Com um filho de três e outro de cinco, Roberto Negrão de Lima afirma que foi a partir de sua vida que começou a tomar consciência mais aguda do problema de educação para as crianças. "Fico preocupado", acentua, "em não massacrar crianças às quais devoto tanto carinho e tanto de meu próprio tempo, obrigando-as a se submeterem durante horas a cada dia, a um sistema que merece tão pouca fé de mim mesmo e até dos adultos que estão mais diretamente envolvidos nele".

Explica que, a partir destas constatações, compartilhada com outros pais, eles resolveram criar um grupo para discutir concepções educacionais e a possibilidade de abrir, no Rio, uma escola nos moldes da Waldorf (a primeira foi fundada em Stuttgart, Alemanha, logo depois da Primeira Guerra, em 1919, para os filhos de operários da fábrica de cigarros Waldorf-Astoria).

— Não se trata de substituir programas e currículos inteligentes por outros. Descobrimos que não existem respostas prontas nesta pedagogia e o máximo de ajuda exterior que podemos esperar reside no método para uma auto-educação de pais e educadores que nos é dado, mas cuja eficácia depende inteiramente do esforço de cada um.

Sem educação formal

A escola, segundo os princípios de seu criador Rudolf Steiner, não terá nenhuma educação formal para a criança até os sete anos de idade porque todas as energias da criança estão voltadas para o seu próprio processo de transformação. Esta é uma proposta que, segundo Roberto Negrão de Lima, encontra oposição de grande número de pais e educadores "que preferem despejar conhecimentos nas jovens cabeças sob o argumento de que, no ambiente competitivo de nossos dias, quanto mais cedo, melhor".

— Estes pais e educadores — acentua — apontam para a imensa receptividade da criança, que permite apresentar os enganadores resultados de programas de alfabetização de meninos de tenra idade, mas esquecem-se de indagar sobre os efeitos desta atitude, que representa uma preocupação de queimar etapas, sempre perigosa, especialmente ao lidarmos com seres humanos.

Estes princípios e outros da escola a ser fundada no Rio pelo grupo serão debatidos no próximo fim de semana, em palestras a serem feitas pelo professor Peter Biekarck, da Escola Rudolf Steiner de São Paulo, no auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, na Praia Vermelha, nos dias 23 e 24, às 20h. No primeiro dia, o tema será o desenvolvimento da criança até os sete anos e as implicações pedagógicas. Sábado, o debate será sobre a escola Waldorf.

Processo revela ligações de dominicanos com Marighela

Brasília — Foi destacada a participação dos Freis Beto, Fernando e Ivo "nos sucessos que ensejaram o encontro das autoridades policiais com Marighela, na Alameda Casa Branca, em São Paulo, culminando com a morte do líder da ALN (Aliança Libertadora Nacional) em 1969". A informação está no processo, até hoje secreto, com que em 1972 o Superior Tribunal Militar manteve as condenações contra os religiosos, impostas pela 2ª Auditoria Militar de São Paulo.

Mantido em sigilo desde a época do julgamento, quando o Tribunal suspendeu por 10 anos os direitos políticos dos três dominicanos, o processo integra o arquivo de material considerado subversivo, recebido da polícia pelas auditorias militares e encaminhado para para o Tribunal, retratando hoje o período de combate a operações de guerrilhas por que passou o país.

Marighela

Do processo consta a denúncia do procurador da 2ª Auditoria Militar de São Paulo contra 137 acusados de subversão, cujas descrições ocupam todo o primeiro dos sete volumes dos autos. O assunto foi distribuído em quatro longos tópicos: 1) escalada do terror; 2) atividade delituosa dos dominicanos na ALN; 3) ações praticadas em São Paulo pela ALN; e 4) tipificação da atividade delituosa dos denunciados.

Do acórdão exarado pelo Tribunal à época, consta que a morte de Marighela é apenas capítulo dos fatos em que se incluiu "a guarida que os freis davam aos subversivos, dentro dos recintos sagrados, transformando-os em esconderijo, ou ainda propiciando-lhes a fuga no Sul do país".

A matéria do processo envolve Carlos Marighela, Luís Carlos Prestes, Moacir Longo e Carlos Nibel, como autores das "diretrizes a serem seguidas, dentro do PCB, optando o primeiro pela violência e os demais pela coexistência pacífica, sem emprego de violência".

Relator do processo, o Ministro Jacy Pinheiro assim votou, à época do julgamento: "Os que adotaram a primeira alternativa (de Marighela), cujas tônicas eram o ódio e a sede de matar, procuraram os meios para solidificar o seu propósito, quer viajando à procura dos centros de fomentação de idéias, quer aliciando elementos para as suas hostes, ou, ainda, aprimorando-se na tática armada e guerrilhas. Enquanto isso, Marighela pregava a união dos brasileiros pela tomada do Poder sem escolha de meios, com apoio logístico restrito a guerrilhas."

Ao apontar os frades dominicanos entre os que se destacavam nas atividades da ALN, o acórdão do STM afirma que "distorcendo as encíclicas **Mater et Magistra, Pacem in Terris e Populorum Progressio**, os denunciados, clérigos dominicanos, capitaneados por frei Osvaldo Augusto Rezende Júnior, do Convento Santo Alberto Magro, de Perdizes (SP), passaram a manter contato com Marighela, como adeptos do ex-**leader** carismático no Brasil".

Consta ainda do processo que os três Frades dominicanos — Fernando de Brito, Yves do Amaral Lesbaupin e Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Beto) — "foram os que mais se enredaram nos atos de manutenção da ALN, promovendo o escoamento de elementos da citada organização que precisavam sair do país, notadamente Joaquim Câmara Ferreira, imediato de Marighela, Boanerges de Sousa Massa e Franklin de Sousa Martins. O episódio da fuga do primeiro, travestido de padre, para o território uruguaio, já é sobejamente conhecido".

Informam os autos que o Convento da Ordem da Conceição do Araguaia (Sul do Pará) foi destinado a "homizíar pessoas procuradas pela polícia e integrantes do grupo subversivo terrorista" por sugestão do Frei Bernardo Catão. "Muito embora no início houvesse alguma resistência — narram os autos — afinal, sob a influência de Frei Osvaldo, acabaram todos aceitando a ala de Marighela, que pugnava pela violência, aderindo então os Freis Osvaldo Augusto Rezende Júnior, Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Beto), Fernando de Brito, João Antônio Caldas Valença, Tito de Alencar, Luís Felipe Raton Mascarenhas, Magno José Vilela, Yves do Amaral Lesbaupin e Francisco de Araújo".

Levantamento

Segundo a denúncia constante do processo, eram sabedores do envolvimento do convento com a ALN o prior Édson Braga e o vice-prior Sérgio Logo. "A primeira tarefa conferida aos dominicanos por Marighela — dizia a denúncia — foi o levantamento topográfico da estrada Belém—Brasília, com objetivos de guerrilhas, para o que receberam a importância de Cr$ 3 mil".

Ainda do voto do Ministro Jacy Pinheiro consta que, "a título de experiência extra conventual, os Freis Beto, Fernando, Magno, José Neves, Sérgio Calixto e Basílio Tolentino foram morar, às expensas da própria Ordem, em pleno **bas-fond** de São Paulo, onde se acham as casas do prazer, da luxúria e do pecado, não se tendo notícia que aqueles religiosos tivessem realizado qualquer serviço no sentido de tornar ao bom caminho as ovelhas desgarradas".

Outra informação do processo: uma das tarefas dos dominicanos era a tradução de obras subversivas, entre as quais o **Manual do guerrilheiro urbano, Algumas questões de guerrilha no Brasil, Questões de organização, Normas para o trabalho clandestino, Sobre a unidade revolucionária, Operação e táticas guerrilheiras** e **Papel da ação revolucionária,** trabalhos esses mimeografados e enviados por Frei Fernando para que o comitê de Marighela os difundisse.

O esquema para a evasão de militantes procurados pela polícia — narra o processo — incluía o Rio Grande do Sul, servindo-se o grupo de dominicanos dos telefones da Livraria Duas Cidades. Por intermédio de Frei Beto teriam sido mandados para o exterior em 1969: José Roberto Arantes de Almeida, José Zeferino da Silva, Airton Adalberto Mortati, Ana Maria Palmeira, Boanerges de Sousa Massa e Franklin de Sousa Martins.

Foi por unanimidade que, em 1972, o STM manteve a pena de quatro anos de reclusão imposta aos dominicanos num processo que resume como se deu a morte de Marighela: "No dia 4 de novembro de 1969, atraído pela polícia para o local, onde costumeiramente Carlos Marighela mantinha contato com os dominicanos, pois a esta altura já haviam sido presos o ex-Frei Sinval Itacarambi Leão, Fernando, Beto e Ivo, travou-se rápido tiroteio, vindo a falecer o próprio Carlos Marighela, quando resistiu à voz de prisão, e ainda a policial Estela Borges Morato e o protético Frederich Adolf Rohman, acidentalmente, quando passava pelo local".

À época do julgamento, em virtude do "nenhum arrependimento e da forte periculosidade dos freis", o Ministro Carlos Alberto Sampaio defendeu para eles um "mais severo castigo", pois "não ignoravam a prática pela organização subversiva à qual se filiaram de assaltos, saques, massacres, atentados a bomba e assassínios".

Relator do processo, o Ministro Jacy Pinheiro não deixou então de lamentar: "Custa-nos crer que Domingos de Gusmão, o fundador da Ordem dos Dominicanos, em 1206, tenha sido enviado pelo Papa Inocêncio III para combater os heréticos albigences em Langedoc e, hoje, alguns dos seus representantes, em cambulhada com elementos não recomendáveis, por meios reprováveis, tremem contra o regime e a segurança do Estado, cuja nação, no sentido amplo de sua concepção sócio-política, tem raízes que se aprofundam nas tradições históricas do próprio catolicismo. Graças a Deus trata-se de uma insignificante minoria".

CNBB liga franceses a Judiciário

Brasília — O secretário-geral da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida, que acompanhou o Bispo de Conceição do Araguaia, Dom Patrick Hanrahan, em visita aos dois padres franceses presos no Departamento de Polícia Federal, disse à saída que mantêm expectativa neste caso "alimentada pelo anseio de que se confirme o exercício do Poder Judiciário, indispensável para a consolidação do empenho de democratização do país".

Os Padres Aristides Camio e François Gouriou foram visitados ontem por cerca de 50 pessoas, em sua maioria padres, agentes de pastoral, beatas que nem sequer sabiam seus nomes e até crianças. O clima, se não fosse naquela circunstância, poderia supor-se que se tratava de uma festa, tantos foram os presentes, flores e bolos que lhes ofereceram.

ESPERANDO A LIBERDADE

Os visitantes chegaram em grupos de cinco a oito pessoas e sua visita deu-se num período máximo de cinco minutos. Apesar da descontração que demonstravam, os dois sacerdotes manifestaram preocupação com o desenrolar do processo, aguardando que amanhã —"bem cedo", segundo o Padre Aristides — seja formalizada a defesa no Superior Tribunal Militar.

Os dois padres, que preferem ser julgados pela Lei de Segurança Nacional, porque terão direito a defesa, em vez de uma expulsão com base no Estatuto dos Estrangeiros, estranharam que os 13 posseiros presos junto com eles em São Geraldo do Araguaia (PA) ainda continuem presos em Belém, uma vez que desde a semana passada o juiz já está com o inquérito.

O Padre Aristides contou aos jovens agentes de pastoral como foi o episódio de sua expulsão do Laos: "Lá foi bem diferente, porque não houve nem processo, eu e o François fomos convidados para tomar um chá com uma autoridade policial e ela nos disse que, por sermos agentes do imperialismo, vejam só, deveríamos sair do país. E aqui no Brasil estão nos chamando de comunistas. Não dá para entender."

Foi o que se conversou numa das visitas, encerrada nesta altura por um policial porque havia um outro grupo aguardando. Antes, porém, encaminhou um bilhete para um amigo posseiro em São Geraldo: "Estamos aqui esperando só a liberdade, de preferência no Brasil."

BENEFICIAR AS INSTITUIÇÕES

Ao manifestar sua esperança de que haja garantia de ampla defesa dos dois padres, Dom Luciano Mendes disse que isso "só pode beneficiar a confiança no reto desempenho de nossas instituições. No entanto" — prosseguiu — "permanece sempre a preocupação maior do atendimento aos trabalhadores rurais que aguardam uma definição sobre a terra em Conceição do Araguaia".

—O caso atual — concluiu — revela a necessidade de medidas urgentes em benefício dos que vivem na insegurança por não possuírem a terra.

O secretário-geral da CNBB viajou ontem para São Paulo e espera retornar a Brasília amanhã mesmo para acompanhar o desenrolar do processo contra os Padres Aristides Camio e François Gouriou.

Assessores da CNBB se irritaram com versão que circulou entre setores do clero, e foi divulgada pela imprensa, de que a entidade estaria fazendo alguma espécie de barganha com o Governo para evitar que os padres franceses sejam expulsos do país.

Essa negociação visaria também a livrar o Presidente Aureliano Chaves de, na sua interinidade, sofrer o constrangimento de assinar o decreto expulsório. A CNBB, que nega sequer ter sido aventada essa hipótese, não acredita que o Núncio Apostólico, Dom Carmine Rocco, possa acertar com o Governo uma saída "espontânea" dos padres em vez da expulsão.

A versão sobre Dom Carmine foi divulgada sob o raciocínio de que as relações Igreja/Estado, no atual momento político que o país atravessa, com a doença do Presidente Figueiredo, devem amenizar suas discordâncias evidentes para que seja garantida a ordem constitucional com o Presidente Aureliano Chaves.

Por isso, a CNBB acha que o Governo, responsável pela prisão e enquadramento dos padres na Lei de Segurança Nacional, deve cumprir todo o rito do processo e dar-lhes amplo direito de defesa. Daí por que não pediu para que os padres saíssem das celas da Polícia Federal e ficassem sob sua custódia.

Bispos pregam participação dos humildes na política

Brasília — "A Igreja de hoje quer ajudar a gente humilde a se libertar do mal crônico de toda espécie de dominações que parecem até coisas normais para muitos, mas não são fruto do acaso e sim conseqüências da forma como tem sido organizado o Brasil. Ele, de fato, foi organizado para favorecer aos poucos que sempre mantiveram o poder político e econômico.

A afirmação consta da carta pastoral intitulada **Opção pelos pobres também nas eleições**, assinada pelo Bispo diocesano Dom Quirino Schmitz e pelo Bispo-auxiliar Dom Antônio Zuquete, de Teófilo Otoni (MG). Entre outros itens, o documento distribuído aos fiéis dispõe sobre "qual a atuação da Igreja na política", "a política que não está a serviço do povo" e "como deveriam ser os Partidos".

Lado dos fracos

Explica a carta pastoral que bispos, padres, religiosos e leigos engajados se sentem bem ao lado dos fracos, e não o fazem para desencadear lutas de classes. "Estas já existem desde o descobrimento do Brasil, que alguns chamam de invasão da terra dos 5 milhões de índios então existentes. Será que alguns dos missionários daquele tempo que defendia os índios contra os invasores provocaram lutas de classes?", questiona a carta. E, citando o Documento de Puebla, afirma que a Igreja da América Latina "sente como seu dever e direito estar presente no campo da atividade política, porque o cristianismo deve evangelizar toda a existência humana, inclusive a dimensão política ... a necessidade dessa presença da Igreja na política provém do mais íntimo da fé cristã".

Fica esclarecido também, pelo documento, que a Igreja não tem Partido mas, de acordo com sua opção preferencial pelos pobres, acompanha com carinho as pessoas e comunidades que precisam formar sua consciência política, oferecendo-lhes subsídios para seu trabalho de reflexão, antes ou mesmo depois de cada um fazer sua opção por determinado Partido.

"Nós, bispos, padres e religiosos, não nos filiamos a nenhum Partido político, nem mesmo aos mais simpáticos da área popular. Queremos acompanhar as pessoas que têm a coragem de tomar sobre si o sofrimento do povo. Aplaudimos aqueles Partidos que, de fato, atendem as aspirações dos que sofrem", garantem.

A carta pastoral alerta para o perigo da convivência com pessoas que, atreladas a grupos econômicos poderosos, não têm interesse em resolver os problemas sociais do povo. "Existe gente, em alguns Partidos, que procura sua segurança pessoal, de suas terras ou do Governo, não se importando com a segurança mínima do povo sofredor. É incrível que ainda exista gente, em certos Partidos, dizendo "não às reformas estruturais na agricultura, quando se sabe que, sem elas, não é possível enfrentar com decisão os problemas sociais e econômicos do nosso povo".

Sobre como deveriam ser os Partidos, o documento salienta que eles devem ser vários, em uma democracia, mas só têm razão de existir os que realmente ajudam a participação de todos na política, "especialmente os que tornam possível a liberdade das pessoas, das organizações comunitárias e dos movimentos populares, os que valorizam o voto livre de cada cidadão".

Unicamp se mobiliza pela eleição direta contra intervenção

São Paulo — Depois da segunda intervenção do Governo do Estado, que formalizou ontem, no **Diário Oficial**, a demissão de 14 funcionários e a substituição dos diretores de seis institutos e de duas faculdades, professores, estudantes e funcionários da Unicamp estão reunindo-se por setores para definir formas de garantir a realização das eleições diretas de depois de amanhã que escolherão a lista sêxtupla com os candidatos a reitor.

Uma dessas maneiras, segundo os líderes da chamada **Comunidade Universitária**, será fazer com que os funcionários da Universidade Estadual de Campinas voltem ao trabalho hoje, depois de uma greve de 15 dias. Eles reivindicam o afastamento da diretora do restaurante universitário e equiparação salarial para as atendentes de enfermagem do Hospital das Clínicas. No processo grevista houve até uma tentativa de invasão do prédio da Reitoria.

A crise

Em plena crise de Unicamp, gerada pelo processo de sucessão do atual reitor, professor Plínio Alves de Morais, o Governador Paulo Maluf já interveio duas vezes no processo de escolha. Na semana passada, substituiu seis integrantes do Conselho Diretor da Universidade por professores da USP, do Conselho Estadual de Educação e pelo Secretário Estadual de Educação, Luiz Ferreira Martins. A segunda intervenção foi feita anteontem e formalizada pelo **Diário Oficial** de ontem.

A raiz da crise é a eleição direta dos nomes que comporão a lista sêxtupla, a ser encaminhada pelo Conselho Diretor ao Governador Paulo Maluf, para a indicação do sucessor de Plínio Alves de Morais. Seria a primeira vez em que aconteceria uma eleição (com voto paritário de professores, estudantes e funcionários) para a indicação do reitor de uma universidade pública.

Havia um consentimento tácito do Conselho Diretor da Universidade em relação à indicação da lista sêxtupla pelas eleições, mas, com as duas intervenções, Paulo Maluf conseguiu maioria absoluta no Conselho Diretor. Agora, os candidatos à Reitoria, entre eles o físico Rogério Cerqueira Leite, temem que o resultado eleitoral não seja mais respeitado pelo Conselho.

A crise sucessória foi agravada com a greve dos funcionários, iniciada há 15 dias e tendo como motivos duas reivindicações muito antigas: o afastamento da nutricionista que dirige o restaurante universitário e é acusada de ser "autoritária" e a equiparação salarial das atendentes do HC.

Invasão policial

Os candidatos a reitor interessados na realização da eleição temem que o Campus Zeferino Vaz seja invadido amanhã cedo por tropas policiais, o que nunca aconteceu na história da Universidade (seu fundador e reitor por oito anos, Zeferino Vaz, não permitia sequer que o trânsito no campus fosse dirigido por policiais). Por isso, querem encerrar a greve, apesar da demissão pelo Governador dos 14 funcionários que compõem a direção da Associação dos Servidores da Unicamp — Assuc — entre eles seu presidente, Clóvis Garcia, motorista da Reitoria.

A volta ao trabalho fora decidida na assembléia-geral realizada anteontem, mas os professores da Unicamp temem que a crise se agrave com a demissão da diretoria da Assuc. Por isso, foram convocadas reuniões setoriais para ontem e hoje, com o objetivo de garantir esse retorno.

Um dos interessados no processo eleitoral, o físico Rogério Cerqueira Leite, propôs, em reunião da Adunicamp, que as eleições sejam mantidas e que o nome mais votado (segundo suas previsões, o educador Paulo Freire ou o Professor Carlos Franchi, afastado por Maluf da direção do Instituto de Estudos da Linguagem) seja considerado "reitor no exílio" por toda a comunidade universitária.

Docentes divulgam no Rio nota de protesto

Foi divulgada no Rio nota de protesto contra a intervenção do Governador Paulo Maluf no processo eleitoral da Unicamp, assinada pela Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior, pelas associações de docentes da UFRJ, Universidade Rural, PUC, UFF e Universidade Santa Úrsula e pela CEAF.

O texto da nota é o seguinte:

"O meio acadêmico do Rio de Janeiro recebeu com grande indignação a notícia da "intervenção branca" realizada na sexta-feira, dia 16, na Universidade Estadual de Campinas, através da qual foram substituídos os diretores dos Institutos de Física, Química, Matemática, Artes, Ciências Humanas e Estudos da Linguagem e das Faculdades de Educação e Engenharia por elementos estranhos ao corpo docente da Unicamp.

"Tal intervenção, que tem como conseqüência imediata a recomposição do Conselho Diretor da Universidade, visa a impedir a continuidade do processo de democratização interna da Unicamp e a participação de professores, alunos e funcionários na escolha da lista sêxtupla para substituição do Reitor, que teria lugar na próxima semana.

"Expurgando o corpo docente da Unicamp do referido Conselho, ao destituir seus membros da direção das unidades que compõem a universidade, a Reitoria procura assegurar — lançando mão de medidas autoritárias e violentas — a submissão da Universidade aos desígnios do Governador Paulo Maluf. Coerente com tais métodos de administração, o novo Conselho tomou de imediato a decisão de demitir os funcionários da Universidade que compunham a diretoria da Associação dos Servidores da Unicamp.

"As associações abaixo assinadas vêm de público expressar seu repúdio a tais manifestações de autoritarismo e se solidarizar com docentes, alunos e funcionários da Unicamp em sua luta pelo restabelecimento de um clima interno de liberdade, compatível com a dignidade universitária."

Documento do Banco Central censura operação feita por banco goiano

Goiânia — Na tribuna da Assembléia Legislativa, o Deputado Frederico Jaime (PMDB) divulgou documento confidencial do Banco Central em que aquela instituição censura algumas operações realizadas pelo Banco do Estado de Goiás — BEG. O parlamentar revelou uma lista dos principais devedores do BEG.

Nem a bancada do PDS nem a direção do BEG reagiram ainda ao pronunciamento do Deputado, que se limitou à apresentação do documento e a um apelo ao Governo do Estado no sentido de que explique a situação pré-falimentar do banco, que oficialmente deu um prejuízo superior a Cr$ 400 milhões no semestre passado. Informou que recebeu a documentação confidencial pelo correio e que o remetente preferiu conservar o anonimato.

O documento

O documento do Banco Central é uma resposta a expediente de 16 de junho de 1981, através do qual o BEG reivindica a não inscrição em "créditos em liquidação" de operações em curso anormal no montante de Cr$ 10 bilhões 899 milhões 471 mil 889,00.

No documento, o Banco Central informa ao BEG que "podem permanecer na rubrica de origem — integralmente garantidas e/ou reunindo condições de liquidez — uma longa lista de operações. Na lista de beneficiários daquelas operações encontram-se várias empresas dirigidas, segundo o Deputado, geralmente por pessoas próximas ao Governo do Estado, destacando-se o caso da firma J. M. Sementes, que tem como principal acionista Márcio Valadão, filho do Governador. Constam ainda da lista nomes de alguns políticos influentes: Jarmund Nasser, Secretário de Governo do Estado, João Moreira Marques, Secretário de Serviço Social, e Mário Roriz Soares de Carvalho, Secretário de Governo da Prefeitura de Goiânia.

Antecedentes

O documento diz: "A propósito e em que pesem nossas observações anteriores, a exemplo do balanço de 31 de dezembro de 1980, a quase totalidade das operações objeto do pleito em curso não vem merecendo providências mais efetivas desse estabelecimento (BEG) visando ao retorno de seus capitais, eis que, invariavelmente, as medidas adotadas restringem-se a carta-cobrança, telefonema e contatos pessoais, o que, em síntese, revelaria que as garantias constituídas não têm o escopo a que originalmente se prestam."

Acrescenta que "dessa forma e ante as perspectivas de acentuado resultado negativo neste balanço de 30 de junho de 1981, com repercussões altamente danosas ao seu patrimônio líquido, esperamos que providências urgentes sejam adotadas, objetivando a reversão do atual quadro".

O Banco Central termina recomendando que as rendas não realizadas, oriundas de créditos em situação anormal, deverão sujeitar-se à sistemática contábil e devem ser consideradas "lucros a realizar" para efeito de apuração do resultado do semestre, mas objeto de aporte quando do cálculo do lucro a ser distribuído, mediante transferência de rubrica.

Gaúcha faz economia no lazer

Porto Alegre — As donas-de-casa desta Capital consideram que o aumento do custo de vida é o principal problema do país e apontam a política econômica do Governo e a má administração como causa dos atuais índices de inflação. A maioria, diante da crise econômica, tem economizado em lazer, ficando a compra de roupas como o segundo item a ter cortes na despesa familiar.

Os resultados constam de pesquisa realizada pelo painel telefônico da Escala Assessoria Mercadológica Ltda., na qual foram entrevistadas 300 donas-de-casa que têm telefone. Do total, 81% moram em casa própria e 78% possuem pelo menos um automóvel na família. Apesar do nível sócio-econômico, 12,5% preferem locar o imóvel próprio e residir em outro alugado para, com a diferença, conseguir uma renda extra.

CUSTO DE VIDA

De acordo com a pesquisa 57,8% das donas-de-casa são de opinião de que o aumento do custo de vida e a inflação são os principais problemas do país, enquanto 11,7% indicam os problemas sociais — pobreza, saúde, fome — e o mesmo percentual de entrevistadas considera que "não há um só problema, tudo é problema". Apenas 4,7% apontam o desemprego como principal problema do Brasil.

Depois da política econômica do Governo (17,3%) e da má administração (17,3%), 14% das donas-de-casa acham que a causa dos atuais índices de inflação é a crise do petróleo com o aumento do preço da gasolina. Das entrevistadas que moram em casa alugada 42,9% levantaram a exigência de poupança prévia como o principal empecilho para aquisição do imóvel, enquanto 30,4% indicaram o valor das prestações.

Das 300 donas-de-casa apenas 5,7% não estão economizando e a maioria, 70,7% está economizando em lazer e 21,7% na quantidade dos alimentos. Em roupas para a família estão economizando 65,7% das entrevistadas. A pesquisa foi realizada de 14 de agosto a 10 de setembro.

Estivadores reagem à Portobrás

São Paulo — Os estivadores brasileiros poderão promover uma greve geral caso a Portobrás introduza em todos os portos a reforma preconizada pelo seu presidente, engenheiro Arno Oscar Markus, durante a realização da Riomar, no Rio de Janeiro.

A mudança, com a instituição do **port authority**, como nos Estados Unidos, implicaria a extinção das categorias de avulsos (estivadores, conferentes, vigias e consertadores). As tarefas desses profissionais seriam realizadas por operários das empresas de navegação, que alugariam trechos do cais.

Em Santos, enquanto as lideranças sindicais do setor se reuniam extraordinariamente para discutir o assunto, o secretário-geral da Federação Nacional dos Estivadores, Arnaldo Maldonado, declarava que "se for necessário, nós paramos todos os portos do Brasil para não permitir que se cometa essa violência contra direitos adquiridos pelos estivadores".

De: ABAETÉ PROPAGANDA
Para: CLIENTES, FORNECEDORES e AMIGOS.

Ref.: Mudança de endereço e telefone

A partir de agora, estamos atendendo, criando, produzindo, pagando e recebendo, na Rua Guilhermina Guinle, 126 em Botafogo. Anotaram? Então, aproveitem e escrevam também o nosso novo telefone: 266-0722.

ABAETÉ PROPAGANDA
Rio - Recife - São Paulo - Salvador.

Cristina Paranaguá

Peixes mortos na Lagoa, árvores tombadas na orla são ainda marcas do vendaval

Rio sofre ainda pela ventania

Duas equipes da Comlurb retiraram, ontem, cerca de 200 quilos de peixes mortos da Lagoa Rodrigo de Freitas, cuja orla continua exalando o forte mau cheiro proveniente do gás sulfídrico, revolvido pela ventania de sexta-feira. Os efeitos do vento ainda se faziam notar em vários pontos da Zona Sul, com árvores tombadas e telhados arrancados.

No Parque Proletário da Gávea, onde o vento arrancou quase todas as telhas de amianto do Bloco B e parte do Bloco A, alguns apartamentos ficaram com infiltrações, provocadas pelo rompimento de um cano que alagou a laje sob o telhado. Segundo os moradores, a firma construtora prometeu resolver tudo e colocar outro tipo de telhas.

MAU CHEIRO

O odor exalado pelas águas da Lagoa provocava um impacto na saída do Túnel Rebouças, e podia ser sentido até na praia de Ipanema. Duas equipes da Comlurb, com 20 homens e dois caminhões, trabalhando com ancinhos e puçás, retiraram cerca de 200 quilos de peixes mortos, na maioria barrigudos, do trecho entre o Clube Piraquê e a curva do Calombo. Apesar do mau cheiro, muita gente corria, andava a pé ou de bicicleta por toda a orla, e as quadras de esportes também foram bastante procuradas.

Às 10h, o trânsito da saída do Rebouças em direção à curva do Calombo estava engarrafado, devido à remoção de uma grande árvore pelos garis, em frente ao Posto que fica na Epitácio Pessoa 112, cujo telhado de amianto também foi arrancado pela ventania. A amendoeira que tombou em frente ao número 91 da Rua Joaquim Nabuco e os dois eucaliptos que caíram de dentro do Jóquei em direção à Rua Mário Ribeiro, foram cortados e os troncos permaneciam nas calçadas.

Até o vento de ontem — de 3,5 metros por segundo, de acordo com a estação do Flamengo do Instituto Nacional de Meteorologia — deu trabalho aos garis, na retirada de areia do calçadão das Avenidas Vieira Souto e Delfim Moreira. Apesar do sol inexpressivo e do vento que fazia carneirinhos do mar, muita gente foi à praia e se exercitou no calçadão. Os aparelhos de ginástica entre as ruas Maria Quitéria e Joana Angélica estavam concorridíssimos.

INFILTRAÇÃO

O bloco B do Parque Proletário da Gávea — um dos três construídos para alojar as famílias que moravam nos apartamentos que do Minhocão foram desapropriados para a construção da auto-estrada Lagoa—Barra — foi o mais atingido pela ventania, com quase todas as telhas de amianto arrancadas. Segundo calculam os moradores, uma delas arrebentou um cano, provocando a inundação da laje sob o telhado e infiltração nos cômodos.

Luzia Reis, cujo apartamento está com infiltração em dois quartos e no banheiro, disse que, por enquanto, a firma construtora colocou piche para vedar a laje, "mas o engenheiro disse que vai resolver tudo e colocar outro tipo de telhas. Ainda bem que aconteceu agora, antes de a obra ser entregue", observou.

As sete pessoas que dormiam no quarto dos fundos do apartamento 122 do edifício Morro Velho, na Raul Pompéia 195, e acordaram com o desabamento de uma laje do 11º andar sobre suas cabeças, passaram a dormir nos sofás da sala, porque o acidente destruiu o quarto e as camas, além de uma enceradeira e um rádio de pilha.

Dinalva Soares Mota, 28 anos, uma das quatro que sofreu ferimentos, teve que ir ao Hospital Antônio Parreiras, depois de ser atendida no Miguel Couto. Sua cabeça continuava sangrando, e levou mais seis pontos, além dos 12 que tinha recebido antes na testa. "O médico que me atendeu no Antônio Parreiras achou um absurdo que tivessem me deixado sair do Miguel Couto daquele jeito", comentou Dinalva, ainda bastante traumatizada. Segundo disse, a perícia, que esteve no local na sexta-feira, só voltará na terça-feira para decidir o que será feito.

A passarela da Rocinha, na saída do Túnel Dois Irmãos, que teve parte de suas ferragens arrancadas pelo vento da sexta-feira, já estava reaberta ontem de manhã, e uma equipe do DER continuava concluindo a solda do material, que mesmo enferrujado foi reaproveitado. No Hotel Nacional, os buracos no forro de gesso da entrada, do lado de fora, também provocados pela ventania, ainda estavam sendo reparados.

AMPLIFICADORES	PREÇO À VISTA	PLANO 1+4	TOTAL
Model 76 - 80 watts (IHF)	22.950,	4.590,	22.950
Model 86 - 80 watts (IHF)	24.990,	4.998,	24.990,
Model 126 - 120 watts (IHF)	28.900,	5.780,	28.900,
Model 166 - 160 watts (IHF)	38.845,	7.769,	38.845,
Model 246 - 240 watts (IHF)	49.300,	9.860,	49.300,
Model 366 - 340 watts (IHF)	64.940,	12.988,	64.940,
Model RB-16 Reverberador	15.385,	3.077,	15.385,
Model E1C - Equalizador	28.985,	5.797,	28.985,
RECEIVERS E SINTONIZADORES			
Model 7 - Sintonizador AM/FM	22.865,	4.573,	22.865,
Model 9 - Sintonizador AM/FM	24.905,	4.981,	24.905,
Model 1060 - Receiver AM/FM 58 watts (IHF)	36.975,	7.395,	36.975,
Model 1260 - Receiver AM/FM 120 watts (IHF)	45.815,	9.163,	45.815,
Model 1360 - Receiver AM/FM 150 watts (IHF)	49.215,	9.843,	49.215,

CASSETTE-DECKS	PREÇO À VISTA	PLANO 1+4	TOTAL
CD 2100 - Frontal	28.815,	5.763,	28.815,
CD 2600 - Frontal	33.915,	6.783,	33.915,
CD 2800 - Metal Tape c/Dolby	39.950,	7.990,	39.950,
CD 3700 - Metal Tape c/Dolby	49.980,	9.996,	49.980,
CD 4000 - Metal Tape c/Dolby	55.930,	11.186,	55.930,
CD 5500 - Metal Tape c/Dolby	74.800,	14.960,	74.800,
TOCA-DISCOS			
750 S automático	20.995,	4.199,	20.995,
DD 100 Q - a quartzo	45.985,	9.197	45.985,
DD 200 Q - a quartzo	49.980,	9.996,	49.980,

LINHA PROFISSIONAL	PREÇO À VISTA	PLANO 1+4	TOTAL
A1 - Amplificador 920 watts (IHF)	83.725,	16.745,	83.725,
P1 - Pré-amplificador	59.415,	11.883,	59.415,
E1 - Equalizador	30.940,	6.188,	30.940,
M1 - Mixer com 6 canais	46.920,	9.384,	46.920,
T1 - Sintonizador AM/FM c/Dolby	39.865,	7.973,	39.865,
CD 4000 E - Metal Tape c/Dolby	57.970,	11.594,	57.970,
CD 5500 E - Metal Tape c/Super ANRS	76.925,	15.385,	76.925,
CD 2 - Metal Tape c/controle remoto	82.960,	16.592,	82.960,
CAIXAS ACÚSTICAS			
Master 45 - 40 watts (IHF)	8.330,	1.666,	8.330,
Master 56 - 50 watts (IHF)	10.965	2.193,	10.965
Master 67 - 65 watts (IHF)	14.365	2.873,	14.365
Master 78 - 80 watts (IHF)	18.615,	3.723,	18.615,

	PREÇO À VISTA	PLANO 1+4	TOTAL
Master 100 - 100 watts (IHF)	23.375,	4.675,	23.375,
Master 120 - 150 watts (IHF)	31.875,	6.375,	31.875,
Master 200 - 200 watts (IHF)	55.930,	11.186,	55.930,
Piccola - 50 watts (Pico) - Par	13.430,	2.686,	13.430,
Concert I - 200 watts (IHF)	69.955,	13.991,	69.955,
Concert II - 150 watts (IHF)	39.780,	7.956,	39.780,
Concert III - 100 watts (IHF)	31.960,	6.392,	31.960,
System 96 c/caixas 56F	105.910,	21.182,	105.910
System 106 c/caixas 45F	121.465,	24.293,	121.465,

APROVEITE PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 30.10.81

Alvilar — Av. Mal. Deodoro, 99 - Petrópolis
Casa Oxford — R. de Quitanda 65/67 A
Modern Sound — R. Barata Ribeiro, 502 - D
Ponto Frio — e filiais
Atel — Rua Batista de Oliveira, 657-Juiz de Fora
Colorcenter — R. Marques de São Vicente, 51 e filiais
Hobby Photo Som — R. Miguel Couto, 49
Léofoto Som — Av. Rio Branco, 156 - loja 11/15
Mollica — R. Luiz Mollica, 89 - Volta Redonda
Sears — e filiais
Barbosa Freitas — Av. N.S. Copacabana, 709 - RJ
Eletrolar — Rua Francisco Batista, 85 e filial
Hofmar — Av. Joaquim Nogueira, 410 - Cabo Frio
Lojas Dieguez — Rua Alberto Braune, 64 - Nova Friburgo
Multicolor — R. do Acre, 46
Stereosom — R. Voluntarios da Patria, 1 Loja 37 e filial
Brastel — e filiais
Eletronic — R. do Rosario, 159
Ibérica Magazine — R. Silva Rabelo, 18 e filial
Lutz Ferrando — Largo São Francisco de Paula, 34-A
Nucio Studio — R. Dias da Cruz, 689 - B e filiais
Sonotica — R. 25, 178 - Volta Redonda
Brenno Rossi — R. Lauro Muller, 116
Fotoptica — R. da Constituição, 50
J.F. Som — R. Gavião Peixoto, 280 - loja 104
Maestro — Av. Pasteur, 184 - loja J
Panfoto — R. Buenos Aires, 145
Tonifoto Som — Av. Rio Branco, 156 - loja 22 24
Casa Masson — R. Carvalho de Souza, 288 e filial
Garson — e filiais
King's Sound — R. da Constituição, 59
Mesbla — e filiais
Paulo Studio — R. Laranjeiras, 363 - C e filial
Veiga Som — R. da Quitanda, 30 - 5 andar e filial Niterói

3 FITAS K-7

DICÇÃO — IMPOSTAÇÃO — ORATÓRIA

Método Prof. Simon Wajntraub Valor Cr$ 6.000,00. Atenção!!! Gagueira — Voz Fina, Rouca, Nasal-Oratória ligada a inibição. Marque uma consulta tels: 236-5223 e 256-1644. Rua Santa Clara, 75 Gr. 402 — Copacabana.

Advogado denuncia Inocoop de ficar com casa de cooperados

Vitória — O suplente de senador e advogado de 10 cooperativas habitacionais de trabalhadores do Espírito Santo, Ferdinando Berredo de Meneses, denunciou ao BNH os diretores do Inocoop capixaba, Arísio Varejão Passos Costa, José Carlos Correia, José Guilherme dos Santos Neves e Creso Euclides, por corrupção, enriquecimento ilícito e apropriação indébita de casa de cooperados.

A diretoria do Inocoop do Espírito Santo negou-se a comentar ou desmentir a denúncia, preferindo esperar o pronunciamento do BNH, informou o diretor-superintendente Arísio Varejão Passos Costa. O advogado Berredo de Meneses acusa também o Inocoop de, "contratado para fazer o Parque Coqueiral Itaparica em 24 meses por Cr$ 276 milhões, levou 43 meses nas obras e recebeu Cr$ 1 bilhão 500 milhões".

Outros campos

Segundo o Sr Berredo de Meneses, "o roubo não fica somente nesse campo. Os diretores do Inocoop avançaram nos terrenos. Por exemplo, a cooperativa habitacional dos trabalhadores de Tubarão: a firma contratada, a Acta, ficou com um terreno que comprara por Cr$ 5 milhões e vendeu-o a Carlos Guilherme Lima, empresário de letra de câmbio, por Cr$ 18 bilhões, e recomprou-o logo em seguida, para fazer a obra, por Cr$ 38 bilhões".

— Para completar o assalto — prosseguiu — não ficaram à margem sequer da aquisição de casas dos trabalhadores. Apesar de a Legislação estabelecer que essas casas são destinadas a trabalhadores para casa única, estabelecendo que somente podem possuir uma em cada município, eles ficaram com várias delas. O diretor-administrativo, Luís Guilherme dos Santos Neves, adquiriu para si 16 casas; o superintendente ficou com duas, o financeiro requereu três recentemente; o diretor técnico, também três. Todos estão vendendo-as com lucros que variam de Cr$ 300 mil a Cr$ 500 mil.

Grande Rio tem o pior sistema de transporte do país

Luís Cláudio Latgé

Empresários vetam INPC como índice

O presidente do Sindicato das Empresas de Transportes de Passageiros do Município do Rio de Janeiro, Resieri Pavanelli, acha que o aumento das passagens dos ônibus urbanos não poderá basear-se nos índices nem na periodicidade do INPC, como pretende o Governo. O reajuste, segundo Pavanelli, depende da elevação do preço dos insumos — diesel, carroceria, peças e acessórios — que estão liberados do controle do Conselho Interministerial de Preços.

— A responsabilidade pelo transporte coletivo é do Poder Público — disse o presidente da Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro, Jó Rezende. Ele considera injusto que as Prefeituras, incapazes de controlar o cálculo das tarifas e o aumento dos insumos, queiram repassar mecanicamente "o ônus de sua desorganização administrativa para o povo".

PROPOSTAS

Desde maio os empresários de transportes coletivos vêm propondo ao Governo uma série de medidas para conter o aumento das tarifas. Até hoje, porém, dizem que a única resposta foi a ironia do Ministro Delfim Neto: "Se o povo não pode pagar, que ande a pé!"

Segundo Resieri Pavanelli, só depois dos distúrbios em Salvador e Manaus o Governo passou a se interessar pelo problema. Ele explicou por que considera impossível regular o aumento das passagens pelos índices do INPC:

— Só poderíamos aceitar a proposta governamental se o Conselho Interministerial de Preços — CIP — voltasse a controlar o aumento dos insumos. Mas — e esta é uma opinião pessoal — isso só vai acontecer depois de 1982, porque o Governo quer deixar para os municípios o desgaste político do aumento do transporte.

Uma das mais antigas reivindicações dos empresários é a volta do óleo diesel a preço de custo, concessão que o Governo já faz para as companhias aéreas e a indústria pesqueira. Essa medida, argumenta Pavanelli, reduziria o reflexo do aumento do diesel na tarifa — ele é responsável atualmente por quase 40% do aumento — e custaria muito pouco ao Governo, já que o óleo usado pelo transporte de passageiros corresponde a apenas 10% do total consumido no país.

O Sindicato das Empresas de Transportes do Município do Rio de Janeiro propõe também a criação de um órgão colegiado para comandar as decisões sobre transporte urbano na região metropolitana do Grande Rio.

— No caso da integração metrô-ônibus, por exemplo, — explica Pavanelli —, o metrô, que é de responsabilidade do Estado, teria que ouvir a Superintendência Municipal de Transportes Urbanos para solicitar a linha de integração. Queremos deixar claro que o Sindicato trabalha com o município e não aceita interferência do Estado sob hipótese alguma.

NOVO AUMENTO

O último aumento das passagens de ônibus foi dia 18 de junho e, desde essa data, o diesel e os outros insumos já subiram 50%. Por isso, segundo Jó Rezende, o novo reajuste tarifário não deverá tardar:

— Não se pode adotar sistematicamente soluções imediatistas como se fosse uma política de transportes. O Governo adota o caminho mais fácil, e, como sempre, quem paga é o povo.

Jó acha que a responsabilidade pelo transporte coletivo é do poder público, e que as distorções começam quando "empresas particulares detêm o monopólio do setor, passando a ditar a maneira pela qual a população deve locomover-se".

Na opinião do presidente da Famerj, o fato de o controle do aumento dos insumos ter passado do CIP para as prefeituras pode ser positivo, "se isso vier a significar algum poder da população sobre os transportes, se resultar em esclarecimentos básicos como, por exemplo, os critérios para a concessão de linhas às empresas".

Ele defende a adoção de uma política unificada, capaz de integrar o transporte coletivo municipal, regional e nacionalmente, "porque pensar no ônibus como sinônimo de transporte coletivo é restringir as possibilidades do pré-metrô, dos trens e das barcas".

— A única coisa que a população do Rio não aceita mais é pagar o ônus pelos desmandos e erros administrativos do município e do Governo Federal. As autoridades têm que arcar com suas responsabilidades.

Belo Horizonte — O sistema de transportes do Grande Rio é o mais desorganizado do Brasil: tem as passagens mais caras (Cr$ 39,50 em média); o maior gasto em relação ao salário mínimo (23%); os maiores aumentos (875% de janeiro de 79 a setembro de 81); o maior número de empresas (126) e a maior diferença entre a elevação dos custos das empresas e a das tarifas.

Estes dados constam do estudo **As tarifas dos ônibus urbanos**, do Ministério dos Transportes. Entre outras coisas, foi constatado que o controle do sistema de transportes no Brasil é de modo geral, muito precário, sobretudo no que diz respeito à fixação das tarifas, e que os problemas são semelhantes em quase todas as Capitais.

Avaliação

O estudo foi feito pela Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes — Geipot — e representa a única avaliação segura dos problemas dos transportes urbanos no país. A partir dele, será proposta a reforma do sistema, por meio de uma lei orgânica.

A principal conclusão do estudo é que existe grande distorção nas tarifas, devido à desorganização das linhas de ônibus e à falta de coordenação adequada do sistema e de controle sobre as tarifas. Segundo o Ministro dos Transportes, estes problemas aumentam em 30% o preço das passagens.

Eliseu Resende acredita que, antes de se pensar em subsídio, os custos adicionais do transporte devem ser eliminados. Algumas sugestões para as empresas estão sendo debatidas com os prefeitos, entre elas a redução dos custos operacionais, com melhor aproveitamento da frota, redução de consumo e manutenção preventiva.

Por sua vez, o poder concedente deve melhorar a gerência do sistema, evitando a concorrência de linhas e as viagens de baixa demanda, além de realizar obras de infra-estrutura, como faixas exclusivas para ônibus. O Governo pretende também que o reajuste das tarifas ocorra, apenas, com o aumento do INPC, sem superar o índice de correção dos salários.

O Ministério dos Transportes ampliará o programa de assistência técnica às cidades e condicionará a concessão de recursos federais para as cidades à execução das melhorias. Quanto aos subsídios, serão estudados mais tarde, não para as empresas, mas para os usuários com renda de até dois salários mínimos.

Passagens

Os aumentos das passagens de ônibus no Rio foram muito maiores do que a elevação dos custos operacionais. Embora isto não conste no estudo, o Governo concluiu que os lucros das empresas estão aumentando mais do que deveriam. O problema ocorreu na maioria das regiões, mas foi mais grave no Rio: de janeiro de 79 a setembro de 81, as passagens subiram 875%, contra aumentos de 913% do óleo diesel, 600% dos veículos, 800% dos pneus e 590% dos salários.

Chamou a atenção dos técnicos do Ministério dos Transportes o fato de que "embora a participação relativa de cada item no custo total, nas várias cidades, tenha apresentado um coeficiente de variação aparentemente baixo, a diferença dos reajustes das tarifas foi muito grande". Com os mesmos custos, Aracaju aumentou as passagens em 529%, Recife, em 666%, e São Paulo, em 733%.

Outra constatação foi a de que os dados fornecidos pelas empresas nem sempre estão corretos. As tarifas são fixadas em função do custo por quilômetro e do número de passageiros transportados. Mas a análise revelou que o poder concedente não tem tido condições de controlar o sistema. O governo acredita que as empresas transportam 30% mais passageiros do que informam, diferença que pesa muito no preço das passagens.

Com aumentos maiores do que os reajustes salariais, as passagens de ônibus do Rio, variando de Cr$ 12, nas linhas circulares do Centro, a Cr$ 97, de Passeio a Sepetiba, consomem, em média, 23% do salário mínimo. Nenhuma outra cidade registra gasto tão grande com transporte: em Belo Horizonte, não chega a 18% do salário; em São Paulo, a 13%; e em Curitiba, a 10%.

Orçamento

A participação do transporte na composição do orçamento familiar tem crescido nos últimos anos. Segundo estudo feito em São Paulo, era de 4% em 72; de 5% em 75, e de 12% em 78. De janeiro de 1979 a setembro deste ano, as passagens subiram 733% em São Paulo, enquanto os salários aumentaram apenas 590%.

No Rio, o gasto com transporte representa hoje, em média, Cr$ 1 mil 975 por mês. Este dado inclui 25 viagens, ida e volta, considerando a tarifa média do Rio, que é de Cr$ 39,50. Mas pode chegar a Cr$ 4 mil 850 (mais de 57% do salário mínimo), se tomada a passagem mais cara.

Os preços das passagens do Rio, comparados com os de outras cidades, são exagerados: em Belo Horizonte a tarifa média é Cr$ 30; em Salvador, Cr$ 23; em São Paulo, Cr$ 22; em Fortaleza, Cr$ 19; em Curitiba, Cr$ 17,50. As três cidades em que os preços são mais altos são as únicas que não têm tarifa única.

A existência de tarifas diferenciadas, fixadas em função da quilometragem, segundo constatação do estudo As Tarifas dos Ônibus Urbanos, sacrifica, sobretudo, as populações de mais baixa renda, da periferia. As populações mais pobres, ainda de acordo com o estudo, já não usam o ônibus.

TARIFAS PREDOMINANTES NO RIO

Cr$	Gasto mensal Com ônibus	% no salário mínimo regional
18,00	900,00	12,6
19,00	950,00	14,1
18,00	900,00	12,6
23,00	1.150,00	16,1
30,00	1.500,00	17,7
39,00	1.975,00	23,3 %
22,00	1.100,00	13,0 %
17,50	875,00	10,3
22,00	1.100,00	13,0

Lei Orgânica vai definir conceitos

Belo Horizonte — A lei orgânica do sistema nacional de transporte coletivo metropolitano e urbano, anunciada durante a semana pelo Ministro Eliseu Resende, não terá o poder de intervir nas cidades e reorganizar os transportes. Será mais uma definição de regras e conceitos.

Os apontamentos definem, de início, o que é serviço público, com a informação de que não pode ser entendido como exercício de sutilezas e formalismos jurídicos. De acordo com a legislação, cabe aos Estados e municípios a organização e controle do transporte público. O CIP, como outros organismos centralizadores criados no âmbito do Governo Federal, passou nos últimos 13 anos com a tarefa de controlar os preços, sem exercer, efetivamente, este controle.

O Ministro dos Transportes, Eliseu Rezende, devolveu agora a competência sobre as tarifas aos Estados e municípios. Entende que as forças de mercado e as pressões populares podem evitar os aumentos abusivos. Sabe que nenhuma Prefeitura vai querer sofrer o desgaste político de aumentar demais os preços, ainda mais quando se trata de vencer eleições.

A estratégia certamente apresentará resultados e, em relação aos municípios que não estão aparelhados para fixar as tarifas (o caso da Maioria), o Ministério se compromete a investir na formação de técnicos.

E exatamente a falta de experiência de base técnica que provoca a desorganização e o aumento dos custos do transporte urbano. Nesse sentido, a criação de uma Lei Orgânica será importante. Ainda que sem o poder de obrigar, definirá uma política nacional de transportes urbanos, o que o país não conhece há algum tempo.

Esta política relaciona as atribuições do poder concedente, quanto ao planejamento, coordenação e gerenciamento do sistema. Também divulga medidas em vigor, que, adotadas em outras cidades, podem somar resultados e baixar o preço das passagens.

A Lei Orgânica, portanto, é uma resposta à constatação de que a desorganização do poder concedente nos Estados e municípios resultou no aumento dos preços e no alargamento do lucro das empresas. Não roubará a competência das autoridades locais. Será, sim, uma forma de devolver as coisas a seus devidos lugares.

Salvador também vai adotar tarifa única

Belo Horizonte — Dentro de 30 dias, o sistema da tarifa única nos ônibus coletivos começará a vigorar em Salvador. A notícia foi dada pelo Ministro dos Transportes, Eliseu Resende, ao admitir que as passagens cobradas nos ônibus urbanos do Rio, Belo Horizonte e Salvador são as mais caras do país.

— Não digo que elas serão reduzidas, mas pelo menos aumentarão pouco — disse o Ministro. Acrescentou que a tarifa única já é aceita pela maioria dos prefeitos das capitais e que seu Ministério estuda, com eles, uma série de medidas para racionalizar o custo das passagens.

O Ministro anunciou que, dentro de três anos, estará concluída a ligação por rodovia asfaltada entre Cuiabá e Porto Velho, que custará Cr$ 32 bilhões, parte dos quais financiado pelo Banco Mundial. Como os recursos do BIRD ainda não foram liberados, Eliseu Resende vai a Washington em dezembro apressar a operação. Disse ainda que, antes de sair do Ministério dos Transportes, pretende concluir também a ligação por rodovia asfaltada entre Rio Branco e Porto Velho.

Com relação ao trem metropolitano de superfície de Belo Horizonte, Eliseu Resende disse que os equipamentos a serem fabricados no Brasil já foram encomendados aos fornecedores de São Paulo. Os que serão importados à França, além de componentes, também já estão contratados.

O Ministro informou que, com o trem metropolitano desta Capital, serão gastos este ano Cr$ 1 bilhão 830 milhões, contra Cr$ 170 milhões em 1980. Sua previsão é de que, com esse sistema de transporte coletivo na Capital mineira, que deverá entrar em funcionamento em 1983, serão conduzidas diariamente 400 mil pessoas.

Luiz Morier

Imbrósio (de óculos) e Ronaldo Araújo

Moradores protestam contra quadra de samba na Muda e apontam manobra eleitoreira

Com cartazes como o que afirmava "Somos a favor do samba, mas em lugar certo", um grupo de moradores da Muda protestou ontem contra a construção da quadra de ensaios da Império da Tijuca num terreno da Rua Mário de Alencar, o que, segundo eles, trará vários transtornos aos habitantes desse local estritamente residencial. Alegam que a cessão do terreno, da Prefeitura, é ilegal e uma "manobra eleitoreira".

O presidente da escola de samba, Natalino Imbrosio, compareceu à manifestação e explicou que o terreno foi cedido, a título precário, até o Carnaval, pela Secretaria Municipal de Obras, por intermédio dos Deputados Miro Teixeira e Jorge Leite (PP) e que os ensaios serão realizados aos sábados, das 22 às 9h. Os moradores tentarão, na terça-feira, uma reunião com o Governador Chagas Freitas para discutir o assunto.

A QUADRA

Ressaltando que "o samba não quer briga com a sociedade", o presidente do Grêmio Recreativo e Educativo Escola de Samba Império da Tijuca explicou que a escola não tem uma sede e, em conseqüência, ensaia, um sábado, na Rua Leite de Abreu e no outro na Avenida Maracanã. Como, este ano, passou a fazer parte do Grupo 1-A, a diretoria concluiu que deveria ter uma quadra de ensaio própria.

Por intermédio da Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro encaminhou, em 27 de março, ofício ao Governador Chagas Freitas, acompanhado de abaixo-assinado com cerca de 1 mil 800 adesões de componentes da escola e moradores do bairro, pedindo-lhe um terreno. O presidente da agremiação, Natalino Imbrosio, sugeriu a garagem da Assembléia Legislativa, na Rua Conde de Bonfim 812, onde era a sede da escola, e o terreno da Rua Mário de Alencar. A preferência foi pelo último, por ser maior e estar sendo utilizado como depósito de material da Prefeitura.

Foi pedida a ajuda dos Deputados Jorge Leite e Miro Teixeira e, em setembro, um processo da Secretaria Municipal de Obras, segundo explicou Natalino Imbrosio, autorizou a utilização, a título precário, da área da Rua Mário de Alencar. No mesmo mês, a diretoria da escola recebeu as chaves do portão de acesso ao terreno. Foram encaminhado ofícios ao delegado da 19ª DP, ao administrador regional da Tijuca e ao Comandante do 6º BPM, solicitando o "nada a opor" à realização dos ensaios, aos sábados, das 22h às 3h, e conseguiu. A quadra será inaugurada no próximo sábado.

PROTESTOS

O morador do prédio 904 da Rua Conde de Bonfim, Ronaldo Araújo, explicou que a comunidade não é contra o samba, mas não quer ter uma escola de samba como vizinha, devido ao barulho, à desvalorização de seus imóveis e outros transtornos. Além disso, nas imediações, há uma clínica geriátrica e uma creche. O presidente da Império da Tijuca, Natalino Imbrosio, disse, no entanto, que a clínica fica a 700m e a creche só funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 17 h. Foi apoiado por Olívia de Oliveira, moradora na Rua Mário de Alencar 32, apartamento 401, para quem a escola não trará problemas.

Ronaldo Araújo lembrou ainda que, há quatro anos, a escola de samba já tinha tentado conseguir o terreno, mas sem sucesso. Depois, os moradores tentaram, na administração dos Prefeitos Marcos Tamoyo e Israel Klabin, que uma parte do terreno fosse transformada em área de lazer, e nada conseguiram. O local, desapropriado pela Prefeitura para permitir o prolongamento da Avenida Maracanã até a Usina, passou a ser utilizado como depósito de materiais da Secretaria Municipal de Obras, que foi desativado para a construção da quadra de ensaios da escola de samba.

O terreno, segundo Ronaldo Araújo, foi desocupado devido a "interesses politiqueiros de uma época pré-eleitoreira" e de maneira ilegal. O síndico do prédio 904 da Rua Conde de Bonfim, Luiz Carlos de Souza, frisou que, na última sexta-feira, o Prefeito em exercício, Joaquim Torres, afirmou tratar-se de uma invasão, "porque a Prefeitura não autorizou nenhuma cessão do terreno".

Amanhã o síndico terá um encontro com o Secretário Municipal de Obras, Renato de Almeida, para discutir o assunto. Uma comissão de representantes dos 14 edifícios que serão mais prejudicados pelos ensaios da escola de samba vai tentar um encontro, na terça-feira, com o Governador Chagas Freitas e, no dia seguinte, uma nova reunião com o Prefeito em exercício, Joaquim Torres.

Basílio Calazans

A primeira etapa da Linha Dois do metrô facilitará o transporte de torcedores para o Maracanã

Metrô conclui mais duas estações

As obras de acabamento das estações de São Cristóvão e Maracanã — primeira etapa da Linha Dois do metrô — estão praticamente prontas, um mês antes da inauguração, prevista para 15 de novembro. O novo trecho, que assinala a chegada do metrô à zona suburbana, é uma nova alternativa de transporte para os grandes jogos do Maracanã, de acordo com estudos da Companhia do Metropolitano.

A Linha Dois — entre Maria da Graça e Estácio — fará a ligação entre o pré-metrô e a Linha Um, o que possibilitará o fluxo de passageiros entre a Zona Norte e a Zona Sul. Opção para o transporte de massa em toda a área da Central do Brasil, é a única a apresentar trechos de superfície, subterrâneos e elevados. Tem sete quilômetros de extensão, ao longo da via férrea, que poderão ser percorridos em pouco mais de 12 minutos.

Maracanã

O trecho a ser inaugurado em novembro tem 1,5 km entre o Estácio e São Cristóvão e 1,2 km entre São Cristóvão e Maracanã. O tempo de viagem será de aproximadamente três minutos. O percurso é inicialmente subterrâneo, mas em sua maior parte é feito pela superfície. Terá duas linhas em toda a sua extensão.

O principal objetivo da ligação é facilitar o acesso de torcedores ao Maracanã, a partir da estação de Botafogo e, posteriormente, da estação da Pavuna. Segundo o assessor de Comunicação Social da Companhia do Metropolitano, José Mizziara, a empresa está estudando uma alternativa de funcionamento do metrô aos domingos, dias em que normalmente são realizados os grandes clássicos do futebol carioca.

— Mas o trecho também vai contribuir de modo decisivo para a facilidade de acesso dos estudantes ao campus da UERJ, ao lado do estádio. O Metrô está estudando também, através da Comissão de Transportes, a criação de linhas de ônibus de integração para a Linha Dois, a exemplo do que já ocorre em Botafogo. Algumas podem ter grande extensão, beneficiando os moradores de uma vasta área — afirma Mizziara.

A estação de São Cristóvão, na Avenida Oswaldo Aranha, tem dois pavimentos: um mezanino e as plataformas de embarque e desembarque. As paredes de pastilhas e o chão de lajotas não têm a suntuosidade das primeiras estações do Centro, onde predomina o mármore. Os trilhos já foram assentes e agora os operários instalam as cercas de proteção das rampas de acesso.

A instalação do sistema elétrico de alta tensão também já ficou pronta. Mas os transformadores de voltagem, ainda sem funcionar, impedem a entrada de correntes de baixa tensão. O trabalho está sendo feito pela construtora Servenco, Siemens e Sertep, Engenharia de Montagens. O sistema de iluminação interna também está sendo instalado.

Na estação do Maracanã, bem maior que a primeira, a situação é semelhante: dividida igualmente em dois pavimentos, tem o mezanino ligado a uma passarela que, quando concluída, dará acesso ao portão do estádio, do outro lado da avenida. Aqui, ainda falta o assentamento de parte das lajotas do piso e a conclusão dos banheiros, azulejados de branco até o teto. O sistema elétrico ainda é precário e não foram instalados nas estações os aparelhos de bilhetagem.

A partir da estação do Maracanã, as linhas do metrô começam a se elevar. A estação de Triagem, na Rua Bérgamo, é construída em elevado, com as plataformas instaladas no terceiro nível. As obras estão bem menos adiantadas que nas duas primeiras. Entretanto, em uma visão parcial, já se pode constatar que a principal dificuldade para os usuários será o grande número de escadarias e rampas para se chegar ao ponto de embarque.

Maria da Graça, no final da linha, ainda está sem trilhos. Alguns trechos, antes de lá chegar, não foram murados, o que possibilita a entrada de curiosos até o leito da via. Em diversos setores, as obras estão começando. Nas proximidades da estação a estrutura tem esqueletos de madeira, como é o caso da imensa passarela superior.

Esgotos invadem subsolos de prédios na Cinelândia e Cedae sabe mas não resolve

Os subsolos de vários prédios na Cinelândia, principalmente na Rua Álvaro Alvim, são invadidos, há mais de dois anos, pelas águas das galerias de esgoto. A Cedae, que aparece de vez em quando no local, não consegue resolver o problema e poças de água e mau cheiro já fazem parte da rotina.

Para evitar maiores conseqüências, a maioria dos subsolos dispõe de equipamento para bombear a água. Foram também construídas muretas e valas para proteger os cabos de força e as cisternas. O objetivo é impedir incêndios e contaminação.

MEIO SÉCULO

Para os comerciantes, executivos e trabalhadores do local, o problema resulta do rompimento das manilhas da rede de esgoto, acompanhado da saturação provocada pelo crescimento descontrolado da área.

A rede de esgostos tem a idade da Cinelândia: cerca de 50 anos. Mas o metrô é um dos principais acusados, pois o rompimento das manilhas foi causado pelas obras da estação da Cinelândia, de acordo com freqüentadores da praça.

Na Rua Alvaro Alvim, pelo menos seis prédios sofrem constantemente com a invasão do esgoto: os de número 33, 37, 21, 27, 48 e 54. Esses prédios — como quase todos os da área — não têm garagem, pois foram construídos há quase 50 anos. Nos seus subsolos funcionam a casa de força, a cisterna e os depósitos de materiais.

A Cedae só aparece no local quando a situação beira a catástrofe. A rua fica praticamente alagada e com um mau cheiro insuportável, mas a situação dos subsolos dos prédios é muito pior: ficam inundados. Para evitar um curto circuito e, conseqüentemente, um incêndio, a contaminação da água da cisterna e o bloqueio dos telefones, os condomínios tiveram que tomar providências.

Solicitada pelos condôminos dos prédios, a Cedae prometeu resolver o problema definitivamente. Ontem, a assessoria de imprensa informou que uma equipe do 3º DES estava no local desentupindo a galeria. Do gabinete do presidente da Cedae acrescentaram que outra equipe está localizando o foco do problema e suas causas.

O viaduto sai da Praça Sibelius e escoará o trânsito na direção do Leblon, sobre a Rodrigo Otávio e a V. de Albuquerque

Moradores combatem projeto de elevado na Lagoa – Barra

Associações de moradores da Gávea, Leblon e Jardim Botânico estão se mobilizando para lutar contra o projeto, ainda em estudos, que prevê a construção de um elevado sobre a Praça Sibelius, na Gávea, ligando a Rodrigo Otávio à Visconde de Albuquerque. O objetivo é evitar os problemas de trânsito decorrentes do cruzamento da Lagoa—Barra com aquelas duas avenidas.

— Esse estudo é o que nós achamos que vai ser posto em prática, até porque o viaduto da Praça à Lagoa já foi descartado — disse Gustavo Mello, vice-presidente da Associação dos Moradores do Jardim Botânico. Os moradores consideram esse projeto um absurdo porque, entre outros inconvenientes, aumentará o trânsito da Rua Jardim Botânico.

OUTRAS SOLUÇÕES

Para ligar a Praça Sibelius (Gávea) à Lagoa Rodrigo de Freitas, dando continuidade à auto-estrada Lagoa—Barra, várias soluções já foram estudadas. Em 1979, um projeto oficial previa, como segunda etapa, a ligação, por viaduto, entre a Praça Sibelius e a Avenida Borges de Medeiros, na Lagoa.

Outras soluções propostas foram um túnel subterrâneo, uma avenida na superfície ou até "uma solução fora dos padrões normais". O Departamento Estadual de Estradas de Rodagem, dia 13 deste mês, informou que a construção do viaduto ligando a auto-estrada à Lagoa é considerada fora de questão. Gustavo Mello, da Associação do Jardim Botânico, disse que a idéia do viaduto foi abandonada por falta de verbas, sobretudo para desapropriar um terreno na esquina da Avenida Bartolomeu Mitre com a Rua Mário Ribeiro, avaliado em cerca de Cr$ 700 milhões.

NOVO VIADUTO

Gustavo de Mello, vice-presidente da Associação de Moradores do Jardim Botânico, Honório Gil, presidente da Associação dos Moradores da Gávea, e Guilherme Reis, presidente da Associação dos Moradores do Leblon, estiveram reunidos esta semana para discutir o projeto de construção do novo viaduto.

— Fomos informados de que é um estudo de órgãos oficiais prevendo a construção de um elevado, tipo Paulo de Frontin, sobre a Praça Sibelius, ligando a Rua Rodrigo Otávio à Visconde de Albuquerque, com tráfego na direção do Leblon. Este estudo é que nós achamos que vai ser posto em prática, até porque o viaduto da Praça até a Lagoa já foi descartado, disse Gustavo Mello.

Acrescentou que vários motivos levam a crer que será esta a solução adotada pelos órgãos oficiais: o elevado sobre a Praça ficará mais barato e terá construção mais rápida, porque será construído em cima do canal do Jockey, o que evita desapropriações. Este elevado terá um terço do tamanho do antigo viaduto que ligaria a Praça à Lagoa.

CONDENAÇÃO

Da reunião entre as associações saíram várias conclusões e motivos para condenação do projeto. O primeiro motivo é o fato de as associações não terem participado dos projeto, tomado conhecimento deles ou tido acesso a eles. O segundo motivo levantado é o do "absurdo que é construir um elevado deste tipo num bairro residencial, como foi feito no Rio Comprido, sem falar no aspecto estético e nos desmatamentos que serão necessários à obra, pois a Visconde de Albuquerque e a Rodrigo Otávio são muito arborizadas".

O terceiro motivo levantado pelas associações para condenar o elevado é o fato de ele não dar opção de fluxo para a Lagoa, intensificando assim o tráfego na Rua Jardim Botânico. Gustavo Mello disse que, mesmo que fosse feito o prolongamento da Rua Mario Ribeiro, para dar este fluxo para a Lagoa, seria necessária a construção do elevado sobre a Praça. Ainda mais: o prolongamento da Rua Mário Ribeiro — atualmente este trecho a ser recuperado é, parte, um estacionamento e, parte, um terreno baldio — esbarraria também na questão de desapropriação do terreno na esquina de Bartolomeu Mitre.

— Como é que este projeto de elevado ligando a Rodrigo Otávio à Visconde de Albuquerque vai resolver o já caótico entroncamento da Rua Bartolomeu Mitre com a Visconde Albuquerque? — perguntou Gustavo. — Só se for com a construção de um novo viaduto.

O vice-presidente da associação do Jardim Botânico disse que não existe solução, com incentivo ao transporte individual, para a "aberração" que é uma auto-estrada num bairro residencial.

— Pois se a construção do antigo viaduto Praça—Lagoa implicaria um trânsito intenso na porta do Hospital Miguel Couto, a construção do elevado da Rodrigo Otávio à Visconde de Albuquerque acarretará um total desconforto para os moradores dos trechos destas ruas a serem atingidos. Como exemplo, tem o elevado Paulo de Frontin, no Rio Comprido — concluiu.

Sujeira e abandono tornam Praça N Sª da Paz ameaça para quem busca descanso

Cercada pelas mais luxuosas butiques de Ipanema, a Praça Nossa Senhora da Paz está abandonada: mendigos dormem nos bancos e nos tapumes da Feira do Livro, brinquedos estragados e meias de mulher se espalham pelo chão, o lago está cheio de lixo. Ontem à tarde, não se via ali nenhum policial.

De uniforme — boina e roupa marrou escuro — só os funcionários da Coderte que arrecadam a tarifa das disputadas vagas de estacionamento. Perto da estátua de Pinheiro Machado, restos de macumba com que as crianças se divertem. O rema-rema está quebrado, os balanços também. Depois das 22h, é perigoso sentar em seus bancos.

DESCANSO

Osvaldo Custódio Cardoso, 23 anos, aparentando 34, dormia num banco da Praça e acordou às 15h: "Não estou trabalhando, descanso sempre por aqui. Às vezes vou a Nova Iguaçu e trago algumas plantas para vender no Rio, depois fico dormindo aqui alguns dias", comentou, enquanto se vestia.

Estava deitado na parte mais alta, defronte de uma árvore, onde estavam arrumados cobertores, chinelos, uma capa de couro, um pedaço de espuma cortada e até uma peneira. A cinco metros, uma turista americana lia um romance de espionagem.

— Venho várias vezes ler aqui, ninguém me incomoda. Estou hospedada na Visconde de Pirajá, esquina com Garcia d'Ávila, em casa de um amigo. Aqui é um pouco barulhento, mas quando começo a ler, me distraio — comenta Patricia Farrar, 27 anos, da Flórida.

No lago, marrom de tão sujo e exalando mau cheiro, uma mulher molha as pernas até o joelho e fala sozinha, com um grande saco azul ao lado. "Já vi gente tomando banho e muitos lavam o rosto nesse lago, mas ele é muito sujo", comenta Antônio Augusto da Silva, 12 anos, morador na Rua Vinicius de Morais.

Na falta de brinquedos, as crianças divertem-se com três estátuas: duas representam a Justiça, a terceira o político gaúcho Pinheiro Machado. São apelidados de mãe, avó e pai e as crianças se sentam em seu colo ou praticam equitação.

Severino da Silva, que trabalha num botequim da esquina, resume: "a Praça depois das 22h é perigosa, mas esse Rio todo também é."

LBA promove Manhã das crianças

Cerca de 2 mil 500 crianças de 22 orfanatos e internatos participaram, ontem, no Clube Municipal, da primeira Manhã Alegre promovida pelo núcleo do Rio do Programa Nacional de Voluntariado da LBA. Uma vez por mês, serão realizadas outras manhãs destinadas às crianças carentes, com a apresentação de bonecos de teatros infantis, jogadores de futebol, cantores e distribuição de lanches.

Apresentaram-se ontem, entre outros, o Teatro Gibi, o Sítio do Picapau Amarelo, o cantor Dudu França, os atores do filme Pinóquio 2000 além dos jogadores Cláudio Adão, do Fluminense, Jairzinho, do Botafogo, e Wilsinho, do Vasco. A LBA realiza também o Domingo de Criatividade, em favelas e áreas pobres da cidade, na qual providencia inclusive certidões de nascimento. No Morro de São Carlos constatou que 5% da população não tinha registro.

A Manhã de Criatividade foi realizada das 9h às 12 h. Tudo foi feito com a contribuição da comunidade.

Polícia busca paulista para elucidar a morte de Mariel

Sem deixar de lado a hipótese de que o ex-policial Mariel Mariscott de Matos tenha sido eliminado a mando de contraventores, a polícia procura um elemento conhecido apenas como Sidney, que foi, segundo informações obtidas por policiais, o intermediário entre Mariel e o detetive **Betinho**, de São Paulo, para o assassínio do contrabandista Augusto Coelho Nunes Sobrinho, o **Boy**.

O diretor do Departamento Geral de Polícia Civil, delegado Rogério Monte Karp, informou, ontem, que um grupo de policiais investiga o envolvimento de Mariel com o grupo de contrabandistas de São Paulo. Inicialmente todas as informações a respeito estão sendo checadas no Rio, como, por exemplo, a localização de Sidney e de uma mulher conhecida como Helena.

"Esquadrão da morte"

Essas duas pessoas que a polícia procura sabem que Mariel estava tentando fazer um filme contando toda verdade do **Esquadrão da morte** do Rio de Janeiro. As informações obtidas pela polícia revelam que o ex-policial pretendia, com isso, fazer chantagem com os principais mandantes dos crimes do **esquadrão**.

A mulher — Helena — teria ouvido Mariel dizer que, quando o filme estivesse sendo rodado, todos os implicados nos crimes do **esquadrão** tentariam demovê-lo da idéia de exibi-lo. Mariel pretendia assim ficar "rico em dois anos", como revelou em entrevista a um semanário carioca.

O delegado Monte Karp revelou que, se forem confirmadas essas versões, sem dúvida alguma haverá um entendimento com a polícia paulista e um grupo de policiais do Rio viajará para aquele Estado, a fim de colaborar nas investigações. É pensamento das autoridades da Secretaria de Segurança requisitar até a ajuda da Polícia Federal, já que o grupo que teria mandado matar Mariel é contrabandista de café e de uísque, crime esse da competência federal.

Sem fundamento

Muitos policiais estão colaborando nas investigações porque querem ver esclarecido o mais rápido possível o crime contra seu ex-companheiro. Outro crime que estava sendo atribuído a Mariel — o assassínio do contraventor **China da Saúde** — não tem fundamento. A polícia já sabe que o autor do crime seria o também contraventor e contrabandista de ouro, Carlos Krema.

Sobre este assunto os policiais informaram que Carlos Krema vendeu a **China da Saúde**, os pontos de jogo do bicho. Tempos depois, Carlos Krema quis os pontos de volta, com o que **China da Saúde** não concordou. Os dois, por diversas vezes, discutiram e Krema teria ameaçado **China** de morte. O bicheiro foi seqüestrado e até hoje não foi encontrado. Esta é, para alguns policiais, a real característica dos crimes praticados por contraventores — suas vítimas nunca aparecem.

Já os contrabandistas e traficantes de droga, costumam matar seus concorrentes fazendo questão de que todos saibam ter sido a vítima assassinada pelo grupo. Com isso eles pensam afastar possíveis concorrentes.

Sem eliminar a hipótese de o crime ter sido praticado a mando de contraventores, os policiais disseram que as características do homicídio de Mariel estão intrigando a todos, pelo fato de ter sido praticado em frente a uma **fortaleza** do jogo de bicho, e por ter o assassino deixado a arma no local.

Para alguns policiais, os detalhes evidenciam que quem matou Mariel sabia existir ali uma **fortaleza**, fez de propósito para incriminar a contravenção, ou teve que deixar a arma para poder voltar para São Paulo — no caso do crime ter sido praticado por contrabandistas paulistas — de avião sem despertar atenção da polícia no Aeroporto.

Investigação é só hipótese

Decorridos 11 dias da morte de Mariel Mariscott de Matos, a polícia, até o momento, nada conseguiu que possibilitasse o esclarecimento do crime. As investigações, até agora, estão no terreno das hipóteses, e, além de alguns depoimentos, todos considerados sem importância, a única diligência feita foi o arrombamento na **fortaleza** do **banqueiro** Raul Correia de Melo, o **Raul Capitão**.

Se no interior da **fortaleza** havia documentos que pudessem comprometer o contraventor, teriam sido retirados antes da chegada do delegado Peter Gersten, diretor do Departamento de Polícia Especializada. Mariel foi morto dentro de seu carro em frente à **fortaleza** de Raul, na Rua Alcântara Machado, mas este ainda não foi convidado para prestar declarações.

Reunião

As investigações começaram com o delegado Armando Pereira dos Santos, da 1ª DP, na Praça Mauá, que, segundo alguns policiais, deveria ter ouvido e interrogado o banqueiro do **jogo do bicho** visto que, desde o início, ficou provado que Mariel ia para seu escritório, na Cap Rio Imobiliária, quando foi metralhado. Na ocasião, Raul estava reunido com outros contraventores.

Por não ter ouvido o bicheiro, a polícia até hoje não sabe qual era o relacionamento de Mariel com **banqueiros** do **jogo do bicho**. A polícia também não deu importância à informação de que Mariel era um dos interessados na compra de **pontos** em Niterói, onde ele teria uma comissão de 10% mensais no movimento das apostas.

Esclarecimento

Mesmo sem ouvir contraventores (pelo menos oficialmente), a polícia já está admitindo que o crime não está ligado ao jogo do bicho. Inicialmente envolveram o nome de Mariel com o desaparecimento do **banqueiro China da Saúde**, sob alegação de que ele matara o contraventor para se apoderar de **pontos** na Lapa. Esta versão foi desmentida pelos próprios **banqueiros**, que fizeram questão de explicar que "ninguém toma **pontos no peito**".

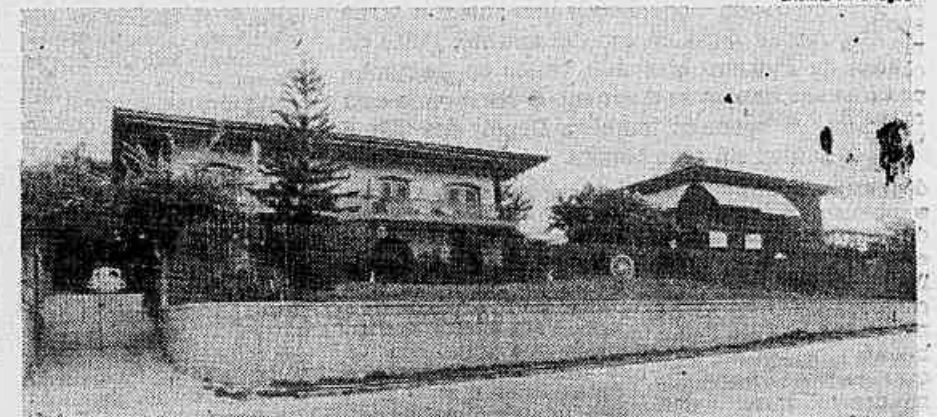
A situação do delegado Calvino Bucker, que estava na Rua Alcântara Machado quando Mariel foi assassinado, também não foi esclarecida pela polícia. Ele afirma que estava à procura de material de pesca quando ocorreu o crime, mas, segundo alguns contraventores, ele esperava o momento de falar com **Raul Capitão** para explicar porque vinha invadindo fortalezas.

O delegado teria prestado depoimento no Departamento de Polícia Metropolitana, mas suas declarações não foram divulgadas. Ele estava em companhia de outro policial, detetive Aluísio, que Até o momento só foi transferido para a Seção de Pessoal da Secretaria de Segurança Pública. Aluísio não foi ouvido nem interrogado.

Interesse

A versão de que Mariel teria sido eliminado a mando de **banqueiros** do jogo do bicho não é aceita por policiais, pelo simples fato de que bicheiros não matariam um ex-policial como Mariel na porta de uma **fortaleza**. Seria fácil atraí-lo para outro local, seqüestrá-lo, matá-lo e, se não dessem sumiço em seu cadáver, o teriam largado num dos muitos terrenos de Belford Roxo, Queimados ou Engenheiro Pedreira.

Nos corredores da Secretaria de Segurança Pública os comentários são que os próprios contraventores são os mais interessados na apuração do crime, e, para isso, estariam dando informações de pessoas envolvidas com Mariel, com contrabandistas e traficantes de drogas. O delegado Peter Gersten, considerado por seus colegas como um dos melhores, até o momento não divulgou suas investigações. Ele já recebeu os laudos de necropsia e de perícia.

Cristina Paranaguá

Raul "Capitão" quer comprar esta casa por Cr$ 50 milhões

"Capitão" não é achado em casa

— Negócio de jogo não é aqui — disse ontem a irmã de criação do **banqueiro** do jogo do bicho, Raul Correia de Melo, o **Raul Capitão**, D Margarida, ao atender repórteres que foram procurar o contraventor para ouvi-lo sobre o assassínio de Mariel Mariscott de Matos. A casa, uma mansão de alto luxo, está situada na Rua Gregório de Castro Moraes, 700, em Jardim Guanabara, na Ilha do Governador.

D Margarida, que atendeu os jornalistas no jardim da mansão, revelou que a casa é de propriedade do construtor Antunes Maciel, mas "está alugada a Capitão há cerca de um ano". Ela disse ainda que o contraventor só vai lá nos fins de semana e está em negociações com o construtor para adquiri-la por Cr$ 50 milhões. **Capitão**, desde o dia da morte de Mariel, não vai à Ilha do Governador, permanecendo com a família em seu apartamento na Avenida Vieira Souto, em Ipanema.

A mansão

A casa ocupa um quarteirão do Bairro Jardim Guanabara com ampla vista para a Baía de Guanabara. Situada num terreno inclinado, todo gramado, com piscinas, viveiros e quadras de esportes, chama atenção pela mistura dos estilos, colonial e moderno. No mesmo terreno, ao lado da casa da família do contraventor, está a casa dos três empregados, com terraço, plantas e cercada de vegetação na fachada.

A casa da família, com dois pavimentos, está entre dois viveiros: um só com pássaros de pequeno porte e o outro com araras e papagaios. No primeiro pavimento ficam uma ampla sala, cozinha e dois banheiros. No segundo andar ficam os quartos, todos com varanda e dois banheiros. Nos fundos estão a piscina e a quadra de esportes.

Além de três cães — um doberman e dois mestiços — e uma grade de ferro cercando todo o terreno, com cerca de mil metros quadrados, três empregados da família se revezam durante 24 horas no portão da mansão, fazendo a segurança. D Margarida disse que quando a família se reúne no fim de semana, a segurança é reforçada com mais dois homens.

D Margarida disse ainda que "apenas a família freqüenta a mansão e nunca viu o ex-policial Mariel Mariscott na casa, nem outros contraventores. Indagada sobre o controle do jogo do bicho na Ilha do Governador, D Margarida afirmou que "o capitão não fala do assunto quando está com a família descansando, se recusando até a atender o telefone".

Arquivo/19.08.80

Artur Donato não crê em dispensas no Rio

Construção civil e naval estabilizam oferta de empregos

A posição do Rio, depois da queda da oferta de empregos em agosto — quando o Estado do Rio registrou o maior índice de desemprego do país — estabilizou-se, com a reativação de alguns setores e já começa a haver uma maior ocupação de mão-de-obra, principalmente em função de um ligeiro aquecimento nos setores de construção civil e da indústria naval.

Para o presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro — Firjan — Artur João Donato — maior acionista do Estaleiro Caneco, que ocupa a 260ª posição entre as melhores e maiores empresas privadas do Brasil, com um faturamento de Cr$ 6 bilhões e um crescimento negativo de 43,7% nas vendas de 1981, é necessário um aperfeiçoamento na lei salarial. "Hoje, os empregados estão muito mais interessados na garantia de emprego do que em qualquer outra conquista."

AQUECIMENTO

Artur João Donato apontou três motivos para a crise econômica do Brasil: a alta taxa de juros, a taxa cambial e a lei salarial. Disse que, no Rio, não existe uma perspectiva de demissões em massa.

— Isso é um problema quase que restrito à indústria paulista, que está sofrendo muito com o agravamento da crise.

O presidente da Firjan afirmou que não houve, no Rio, um aumento significativo do desemprego este mês, estando "estabilizada" a situação.

— Temos problemas de desemprego e de subemprego. O que estamos notando é que está havendo uma grande dificuldade até para a manutenção do subemprego.

As empresas, acrescentou, estão fazendo um "grande esforço" para não demitir seus empregados, procurando formas e fórmulas para evitar as demissões, apesar da "descapitalização existente".

Os setores da construção civil — ligeiramente reaquecida — e da construção naval — com grandes contratos firmados — têm condição de absorver grande parte da mão-de-obra ociosa, disse Artur João Donato, que não vê semelhanças entre o atual quadro econômico e o da época do Governo Castelo Branco.

— Naquela época, havia uma crise nacional. Hoje, com o crescimento da economia, e uma crescente vinculação à economia internacional, atravessamos uma crise internacional. Os quadros são inteiramente distintos.

Metalúrgicos evitam discutir demissões

São Paulo — O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, Jair Meneghell, admitiu que "o desemprego desmobilizou a categoria", depois de presenciar, desolado, a ausência completa de operários na assembléia-geral convocada para discutir o problema da demissão em massa de trabalhadores da Volkswagen.

— As seguidas ausências dos trabalhadores às assembléias têm sido geradas pelo medo de perder o emprego. O que os trabalhadores ainda não têm consciência é de que, mesmo estando dentro das fábricas sem adotar qualquer reação, eles serão demitidos de qualquer jeito — disse Meneghell, que denunciou ontem a demissão de 1 mil 500 empregados da Volkswagen até o fim do ano, o que foi desmentido pela empresa.

O DOBRO

O presidente do Sindicato de São Bernardo e Diadema, eleito com o apoio do líder sindical Luís Inácio da Silva, Lula, garante que recebeu a informação das demissões da própria empresa e de forma oficial. Segundo ele, quando a Volkswagen anuncia a dispensa de determinado número de empregados, geralmente demite o dobro. "Essa tem sido nossa experiência", completou.

A assembléia convocada para discutir o assunto, ontem de manhã, não foi realizada. Às 10h, hora prevista para seu início, não havia aparecido um só dos trabalhadores do período noturno e, por isso, ficam valendo as decisões tomadas anteontem por cerca de 60 trabalhadores dos períodos diurnos. Na tentativa de mobilizar os 26 mil trabalhadores da maior fábrica do Brasil, o Sindicato decidiu formar uma comissão de metalúrgicos que se reunirá mensalmente para estudar as formas dessa mobilização contra o desemprego.

A desmobilização dos metalúrgicos, por causa do desemprego em massa, foi sentida com grande intensidade no dia 30 de setembro, quando o ato público convocado para comemorar o Dia Nacional de Luta reuniu pouco mais de 1 mil pessoas na Praça da Matriz de São Bernardo do Campo, mesmo local em que se realizaram assembléias gerais com 40 mil grevistas.

Principal orador daquela reunião, o mesmo líder que empolgava os operários nas greves, hoje presidente nacional do Partido dos Trabalhadores — PT — Luís Inácio da Silva reclamou veementemente da diminuição de público na praça, em que foram abertas faixas protestando contra o desemprego.

Um mês antes, os dirigentes sindicais afastados e os eleitos, por eles apoiados, haviam participado de uma ampla campanha de mobilização na tentativa de repetir as assembléias com mais de 60 mil operários no estádio distrital da Vila Euclides. Mas o assunto era desemprego e não foram sequer 1 mil operários à assembléia de 30 de agosto.

OCIOSOS

Na Volkswagen do Brasil, a informação é de que, apesar de as "demissões voluntárias" já terem alcançado o número de 4 mil funcionários, dos quais 2 mil 600 diretamente envolvidos na produção, ainda existem 2 mil homens ociosos em sua folha de pagamento. Fonte da empresa garante, contudo, que não há a perspectiva imediata de demissão de 1 mil 500 funcionários até o fim do ano, pois espera assinar contratos de exportações que permitam a plena utilização desses ociosos.

A Mercedes Benz também promete não fazer mais dispensas em massa.

Leia editorial "Recessão, não"

Justiça vai às terras em conflito

Curitiba — A criação de varas especiais de justiça nos próprios locais onde existam conflitos de terras poderá ser a primeira providência a ser adotada pela reforma fundiária que está sendo projetada por uma comissão interministerial que se reunirá dentro de 10 dias em Brasília com os Ministros Amaury Stábile, da Agricultura, e Abi-Ackel, da Justiça.

A proposta é do Ministro da Agricultura, que ontem entregou prêmios aos criadores da XII Exposição Nacional de Animais, em Curitiba. Segundo ele, através de contatos que vêm mantendo com o Ministro Abi-Ackel, ficou estabelecido que é preciso agilizar a ação da Justiça nas áreas de litígio para que se possa promover desapropriações, delimitação de posse e titulação, de forma que essas áreas possam ser definitivamente integradas ao processo produtivo.

TERRAS DA UNIÃO

O Ministro afirmou que o INCRA sofrerá uma ampla reformulação após a avaliação que vem sendo feita sobre o seu desempenho. Sua atuação será dirigida para a delimitação e legalização das terras devolutas sob sua administração, que receberiam trabalhadores sem terra, prioritariamente aqueles que se encontram envolvidos em conflitos nas áreas de litígio e tensão.

Essas terras em poder do INCRA somam hoje 300 milhões de hectares ao longo de 150 quilômetros da faixa de fronteira e 100 quilômetros nas margens das rodovias federais. O Brasil possui 850 milhões de hectares, e a agropecuária ocupa hoje no país 200 milhões de hectares, sendo 150 com pecuária e 50 milhões com agricultura.

O controle das cooperativas, atualmente sob a responsabilidade do INCRA, deverá passar para o âmbito do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, BNCC. Os problemas de migrações internas, fixação de migrantes e colonização, segundo o Ministro da Agricultura, ficariam afetos a um órgão interministerial reunindo integrantes dos Ministérios da Agricultura e da Justiça. Este órgão, disse o Ministro, promoveria o assentamento de migrantes e posseiros nas terras devolutas da União.

Plantadores de cana vão parar corte

Recife — Cerca de 5 mil, dos 7 mil plantadores de cana de Pernambuco, decidiram suspender durante oito dias, a partir de amanhã, as atividades de corte de cana, argumentando que o preço do produto — Cr$ 2 mil 260 — não é suficiente para pagar a seus empregados. Esta foi a forma escolhida pelos produtores para protestar contra o último aumento do preço da cana dado pelo Governo — 34% — numa tentativa de conseguir novo reajuste.

Há 15 dias os fornecedores estão lutando por uma revisão do preço da cana e ameaçaram não pagar o novo salário dos trabalhadores rurais — Cr$ 12 mil 852 — mas, como isto significaria desobediência a decisão da Justiça do Trabalho, decidiram suspender o corte da cana, o que implicará, a curto prazo, a falta do produto nas esteiras das usinas.

Em reuniões sucessivas em diversos municípios da Zona da Mata, os produtores mostraram-se decididos a parar, embora o sindicato da classe se manifestasse contrário a esta posição. O presidente do órgão, Sílvio Carneiro Leão, declarou que tentou demovê-los do propósito de paralisar, mas nada conseguiu: "Como o pessoal está muito revoltado, não podia deixar que os ânimos chegassem a esse ponto, pois o trabalhador não deve ser sacrificado. Alguma coisa está muito errada, para o movimento adquirir tamanha velocidade em uma categoria normalmente contrária a atitudes drásticas".

A Delegacia do Trabalho enviou equipes de inspetores ao campo a fim de verificar quem não pagará o salário fixado em dissídio dos trabalhadores rurais no final do mês passado. A paralisação dos fornecedores deverá deixar sem trabalho centenas de bóias-frias, mas o sindicato dos cultivadores não revelou se os assalariados continuarão recebendo mesmo sem trabalhar.

Posseiros se reúnem em S. Paulo

São Paulo — Uma concentração hoje de manhã diante do fórum de Miracatu, no litoral Sul de São Paulo, marcará uma nova etapa da luta entre posseiros e proprietários da Fazenda Vista Grande, gleba de 600 alqueires habitada por 32 famílias há vários anos. Outros posseiros do Vale do Ribeira e delegações de trabalhadores de São Paulo, organizados pela frente nacional de trabalhadores, também participarão do ato.

O objetivo da concentração é pedir a desapropriação da área em conflito, o que poderá ser feito pelo INCRA, caso as partes não cheguem a entendimento. Uma reunião nesse sentido foi realizada na Capital, entre o advogado dos posseiros e o advogado proprietário das terras, Angelo Happalardo. Mas este acabou acusando o pároco local, Padre Teodoro, de incitar os conflitos e por isso a concentração de hoje também servirá para que os posseiros façam uma espécie de desagravo religioso.

Araguari/GO — Fotos de Waldemar Sabino

Marco Vinícius F. da Silva, estudante do 3º ano de Arquitetura, deixou a prancheta pela bateia em busca de fortuna rápida

Represa poderá causar luta de garimpeiros em Diamante

Nairo Almeri

Araguari — A paz no garimpo do Diamante, no leito seco do rio Paranaíba, a jusante da Represa de Emborcação, poderá ser quebrada a qualquer momento. Um dos responsáveis pode ser o Prefeito do município goiano de Catalão, Divano Alves da Silva, do PDS, que, pela segunda vez, ergueu uma barragem dentro do garimpo. Fez isso para seus homens trabalharem em local mais seco, inundando a montante, onde centenas de catadores de pedras coradas garimpam.

Divano Alves da Silva mandou erguer a barragem com máquinas da Prefeitura, na quinta-feira, o que gerou a revolta da maioria prejudicada dos mais de 1 mil 500 garimpeiros. A violência contra 50 homens do prefeito só não se concretizou porque choveu muito na região na madrugada de sexta-feira, e as águas levaram a barragem. Mesmo assim, os garimpeiros mantêm-se alertas e prontos para impedir que a barragem seja construída mais uma vez.

"Capangueiros"

O garimpo de Diamante na Represa de Emborcação, em Minas, a 630 km de Belo Horizonte, e na divisa com Goiás, surgiu no começo de agosto, com o fechamento da barragem da usina. Com fama de ser a segunda região diamantífera do Estado, depois de Diamantina, acorreram para cá milhares de garimpeiros, alguns vindos até do Pará, logo que surgiram as primeiras notícias dos diamantes encontrados e, principalmente, quando a TV Globo fez uma reportagem dizendo que aqui é "o vale da esperança, a Serra Pelada de Minas Gerais".

A realidade não é nem um terço das notícias divulgadas: segundo os próprios garimpeiros, o diamante mais valioso achado aqui tinha, no máximo, 12 quilates. "O que a tevê mostrou e disse, inclusive que aqui garimpeiro tirou pedra de mais de 100 quilates, não é verdade", afirma Lafaiete Ferreira Rosa, 42 anos, 25 como garimpeiro, e que está em Emborcação desde o fechamento da represa. "A reportagem só serviu para tirar famílias inteiras de suas casas, iludidas pelo que ouviram na televisão", acrescentou.

Porém, os problemas dos garimpeiros, que já reviraram cerca de 12 km do leito seco do Paranaíba, não estão apenas nas barragens que o Prefeito de Catalão constrói para se beneficiar, mas também nos **capangueiros**, compradores de pedras na boca dos garimpos, com preços depreciados em até 80%.

— Quando um garimpeiro deixa o **capangueiro** ver sua pedra, está perdido. Se ela vale, por exemplo, Cr$ 900 mil, não consegue mais que Cr$ 150 mil na mão do **capangueiro** — contou Marco Vinicius Fonseca Silva, que trancou matrícula no terceiro ano da Escola de Arquitetura de Moji das Cruzes, São Paulo, para garimpar ouro em Floresta Alta, no Mato Grosso, e veio para cá, seis meses depois. "Os **capangueiros** formam uma verdadeira máfia. Quando um garimpeiro recusa o preço de um **capangueiro**, este liga para seus colegas do Rio, de Minas e de São Paulo para **queimar** a pedra", explicou o estudante.

A denúncia de Marco Vinicius, que tem apenas sete meses de experiência em garimpos, é confirmada por José Alves de Andrada, paraibano, 63 anos, dos quais 39 nos garimpos: "Um dia, bem ali na Barranca, um garimpeiro achou um diamante de seis quilates e o vendeu por Cr$ 300 mil ao **capangueiro**. Uma hora depois, esse sujeito o revendeu por Cr$ 700 mil". O seu conselho aos companheiros é irem vender as pedras em Franca, Nordeste de São Paulo, "onde os judeus pagam bem".

— Mas o bom mesmo seria que o Governo instalasse aqui um posto de compra, igual o que existe em Serra Pelada, e expulsasse os **capangueiros** — propõe José Andrade.

Um outro garimpeiro, que não quis identificar-se, disse: "Até os bancos da região estão com seus **capangueiros** por aqui."

Comprometidos

Caso a estação das chuvas, que vai de outubro a abril, não atrapalhe, os garimpeiros poderão ficar aqui até março, quando a Cemig — Centrais Elétricas de Minas Gerais S.A. — iniciará os testes das turbinas da usina, que irá gerar 1 milhão de kW. Todos estão certos de que, até lá, terão sua dose de sorte. No Município de Estrela do Sul, bem próximo daqui, em 1911, foi encontrado um diamante com 174,40 quilates no córrego da Água Suja, afluente do Paranaíba. No mesmo município, tempos depois, foi achado o **Estrela do Sul"**, de 246,20 quilates.

Entre os que abandonaram seus negócios, depois da reportagem da TV Globo, está o empresário João Mendes, proprietário de uma empresa de construção civil que ergue açudes, em Itatuí, São Paulo. Ele deixou a firma, de 40 empregados, por conta do irmão. "Vim para cá porque, além das notícias da televisão, um amigo, que forneceu areia por cinco anos para a Andrade Gutierrez (encarregada da construção civil da usina), não tinha trator e me convidou para fazer **meia-praça**", disse.

João Mendes, que está no garimpo há quase um mês, criou um grupo de 30 garimpeiros, que trabalham para ele em troca de alimentação diária e por uma **meia-praça** de 50%. "Por enquanto, tenho empatado os gastos diários de Cr$ 3 mil com a refeição de meus homens, porque só temos encontrado **xibiu** (diamante de pequeno valor) dois e três quilates", diz o empresário. Ao contrário do prefeito, ele tem feito apenas meias-barragens e as desfaz quando há reclamação. "Mas, em breve, tão logo o prefeito desmanche sua barragem e a água desça, vou montar duas **bicas mecânicas**, que me custaram Cr$ 70 mil cada — informou.

A exemplo dos homens de João Mendes, "80% dos garimpeiros de embarcação estão comprometidos com os fornecedores de suas cidades", contou o próprio empresário. A maioria absoluta dos garimpeiros daqui — alguns deles trouxeram mulheres e filhos — é composta de amadores que viviam praticamente em miséria, nas cidades de onde vieram. A garimpagem é para eles mais que a esperança de encontrar uma pedra preciosa: a garantia de que, bem ou mal, terão a comida do dia, fornecida por pessoas de suas cidades em troca de 50% de tudo que for encontrado de valor no garimpo.

Os que não aceitaram a **meia-praça** para a alimentação com os chamados **fornecedores**, são explorados dentro do garimpo pelos camelôs da bóia, que vendem uma cabeça de alho por Cr$ 40, uma banana Cr$ 5; um abacaxi, pesando menos de 300 gramas e mal-amadurecido, a Cr$ 50; e um comprimido de Novalgina por Cr$ 8. Além de pagarem caro aos camelôs de Araguari, a 40 km da represa, e de Catalão, a 30 km, são obrigados a comer os alimentos mal cozidos, porque praticamente não existe lenha na região.

Disciplina

Até o momento, os garimpeiros, que aos domingos chegam a 2 mil 500, não deram qualquer problema à guarnição que a Polícia Militar mantém dentro do canteiro de obras da usina — um cabo e quatro soldados. Nem mesmo perturbaram a ordem social das cidades vizinhas.

— Nós, da Polícia Militar, da Polícia Civil e da Prefeitura, até estranhamos o comportamento deles: estão-se comportando como verdadeiros trabalhadores — declarou o delegado de polícia da Comarca de Araguari, José Luiz Pereira. — Eles nem vêm à cidade. Estão sempre à beira do rio, no lugar das ilusões. Quando o dinheiro acaba, vão embora — acrescentou o delegado, salientando também: "A reportagem da TV Globo errou".

— Tanto é que o número de garimpeiros só tem diminuído de umas semanas para cá — afirmou.

O delegado disse que a única notícia de roubo entre os garimpeiros que chegou ao seu conhecimento foi o da esmeralda do garimpeiro Laudelino Evangelista dos Santos, de Goiás, que parou em Emborcação para dormir. Laudelino teria mostrado a pedra que, segundo o jornal **Primeira Hora**, de Uberlândia, a 29 km de Araguari, valia Cr$ 2 milhões 500 mil e que iria vender em Teófilo Otoni, importante praça de esmeraldas no Nordeste de Minas. À noite, quando foi dormir, pendurou seu picuá — porta-jóia de garimpeiro — na barraca. No dia seguinte não encontrou mais a esmeralda.

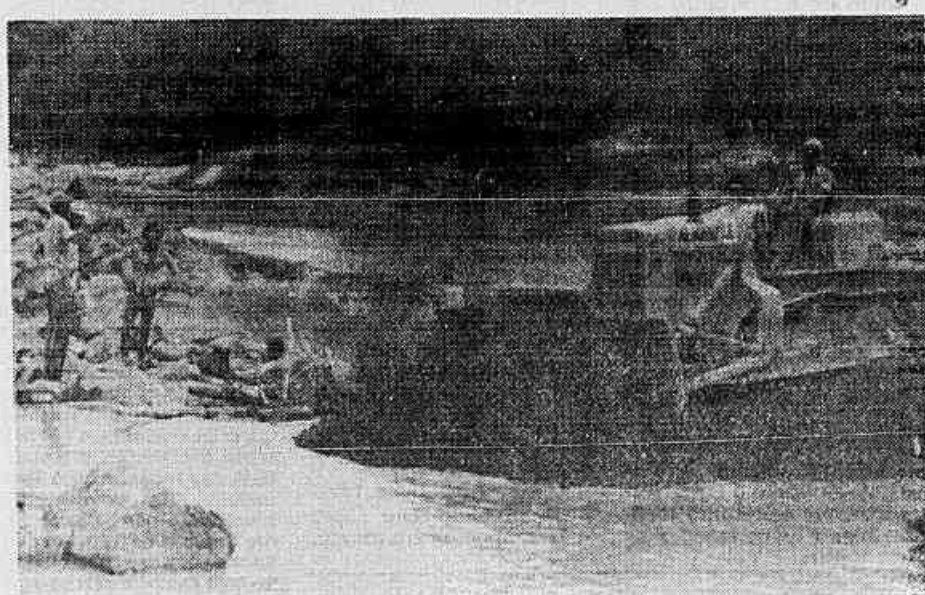
O Padre Eduardo Jordi, da Congregação do Sagrado Coração, de Araguari, já celebrou duas missas, aos domingos, no garimpo e diz que "o ambiente é muito bom".

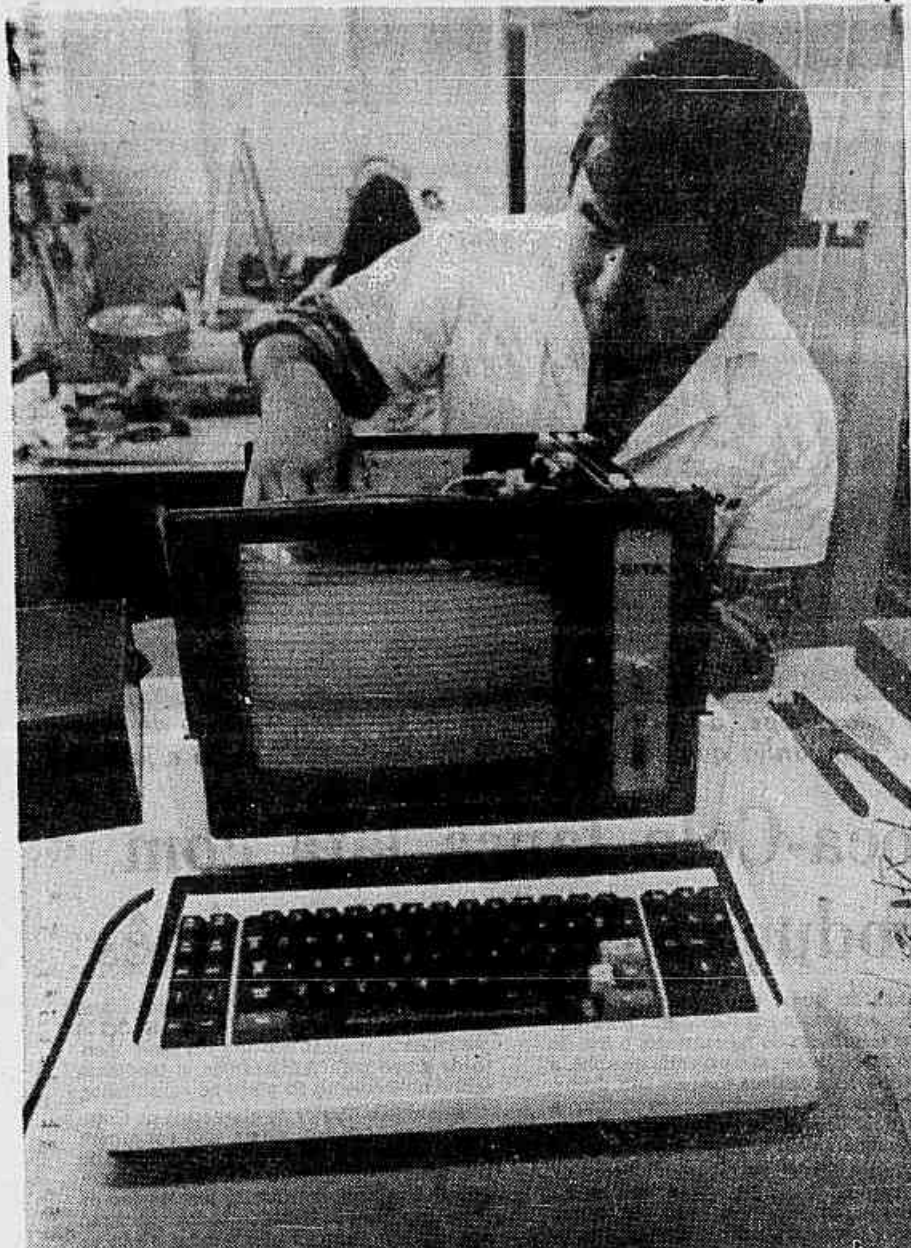
— Fiquei impressionado com o comportamento deles, que respeitam a divisão das áreas de exploração, marcadas apenas por cascalhos, — disse. — Agora, a situação é de miséria. Mas é vantajosa para muitos, porque lá é fronteira, considerada terra de ninguém, onde podem trabalhar sossegados — afirma o Padre. A exemplo dos garimpeiros, ele também chama a atenção do Governo para "a exploração praticada pelos **capangueiros**.

O Padre Eduardo Jordi disse que celebrou a primeira missa na barranca do lado de Goiás, em um altar improvisado com duas madeiras e uma chapa de ferro.

— Quando voltei, no domingo seguinte, fiquei sabendo que, como manda a tradição, eles garimparam no local e encontraram diamantes. Mas lá não será nunca uma Serra Pelada — afirmou.

Por enquanto, ainda não surgiu qualquer surto de doença no garimpo. Mas, a título de precaução, o chefe do Centro Regional de Saúde de Uberlândia, José Umbelino de Morais, solicitou à Secretaria de Saúde do Estado 8 mil doses de vacina contra o tifo.

O chefe das obras da usina da CEMIG, em Emborcação, engenheiro Carlos Melgaço, confirmou as informações sobre o comportamento dos garimpeiros, que têm autorização para entrar pelo portão central do canteiro. Aos garimpeiros só não é permitido entrarem com veículos e se aproximarem da represa. A Andrade Gutierrez também não tem tido problemas. Permitiu mesmo que barracões próximos do leito seco do rio fossem ocupados pelos catadores das pedras coradas.

O trator da Prefeitura de Catalão fez secar parte do garimpo

Porto Alegre — Rubens Borges

O teclado do terminal foi adaptado aos padrões brasileiros

Varig poderá fornecer 200 terminais para computador

Porto Alegre — Com o domínio da tecnologia de fabricação de terminais de computadores para reservas de passagens e controle de vôos, os técnicos do Departamento Industrial da Varig preparam-se, agora, para fornecer 200 unidades do equipamento para as empresas aéreas estrangeiras, que operam no país.

Desde o início da produção, em novembro do ano passado, quando o setor de projetos do Departamento Industrial da Varig e parte de suas oficinas foram adaptadas para a fabricação dos terminais, até agora, foram produzidas 200 unidades, já em uso nas suas agências de vendas de passagem e nos balcões de atendimento nos aeroportos. Até o final de novembro, a empresa também pretende lançar 50 impressoras eletrônicas de bilhetes, dentro do sistema de processamento de dados.

CONTRATEMPO FAVORÁVEL

A iniciativa de fabricação dos terminais de computadores pela própria empresa, surgiu no final de 1978, quando o Governo federal proibiu as importações deste tipo de equipamentos. Após frustradas tentativas junto às empresas de venda de sistemas de digitação para obterem o fornecimento para a sua demanda, a Varig decidiu agilizar seu Departamento Industrial no sentido de iniciar a produção própria capaz de suprir as necessidades da empresa.

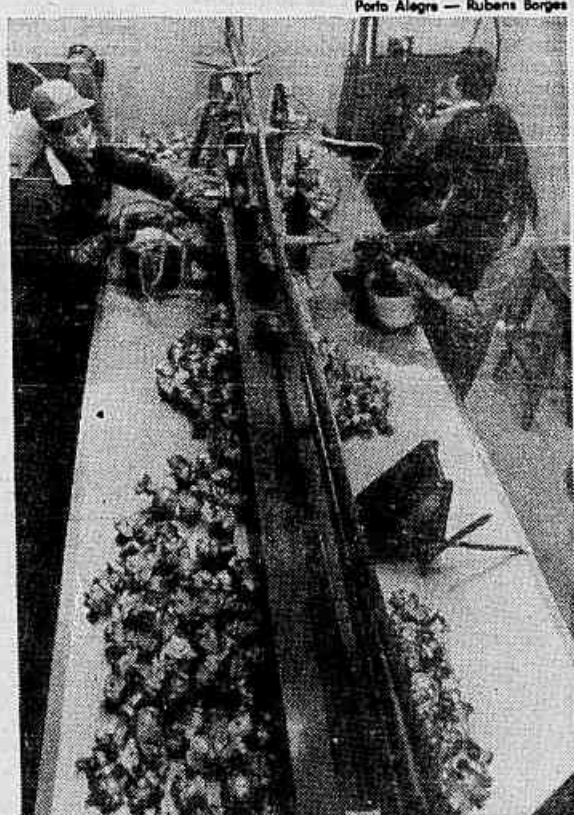
De início, as exigências da Secretaria Especial de Informática, ligada ao Conselho de Segurança Nacional, conforme diz o chefe do Departamento Industrial da Varig, Sr Assis Arantes, chegaram "a preocupar, pois haviam sérias restrições ao nosso projeto, mas, no final, os obstáculos foram favoráveis a nossa iniciativa."

Agora, a VARIG está prestes a fazer a entrega das primeiras 50 unidades dos terminais encomendadas por empresas aéreas estrangeiras — dentre elas a Aeroperu, Scandinavian Airlines, Air Royal Maroc, Lanchile — que, igualmente, enfrentam as limitações de importações do Governo. O equipamento inclui um terminal com vídeo 13 polegadas, cor verde, IBRAPE, e uma impressora acoplada ao sistema de processamento de dados e mais uma controladora de canais integrada ao banco de dados e será alugado pela Varig às demais companhias aéreas por prazo mínimo de um ano, com parcelas mensais e mais uma taxa fixa inicial a título de encargos.

SUBSIDIÁRIA EM COGITAÇÃO

Embora sem revelarem valores, os técnicos do Departamento Industrial da Varig informaram que o aluguel "será bem mais barato do que normalmente se pagaria por uma locação no exterior através das habituais fabricantes de terminais" (cerca de Cr$ 500 mil de encargos mais Cr$ 40 mil mensais). A Varig já pensa em criar uma subsidiária destinada especificamente à comercialização de seus equipamentos de digitação.

Afora os transistores, "box" para gravação de memória e demais componentes eletrônicos para a programação, todo o resto do equipamento está sendo fabricado dentro da própria empresa. Por exemplo, a sucata de aviões antigos está sendo fundida para se transformar em sofisticado chassi para os terminais de 37cm x 34cm. Maquinaria de corte do metal, que se encontrava desativada nas oficinas, foi reativada e adaptada ao novo tipo de produção.

Porto Alegre — Rubens Borges

Para diversificar a produção a Aeromot fabrica bomba de gasolina para motor VW

Aeromot faz assentos para Airbus da Vasp

Primeira empresa brasileira a fabricar poltronas para aviões comerciais, a Aeromot — Aeronaves e Motores Ltda. — fornecerá 800 assentos individuais para os três Airbus negociados à VASP por leasing mercantil. A empresa gaúcha também entrou na concorrência para fornecimento de 1 mil poltronas para o Boeing 737 da TAP — Transportes Aéreos Portugueses.

A Aeromot ainda está fabricando as caixas pretas que serão utilizadas nos aviões turboélice EMB-312 T-27 da Embraer sendo a única empresa no Brasil a desenvolver projetos próprios de caixas de controle dos sistemas de aeronave. Com um faturamento previsto este ano em cerca de Cr$ 600 milhões a empresa também se dedica à fabricação de bombas de gasolina para motor Volkswagen, exportadas inclusive para os Estados Unidos e para Alemanha.

Vôo alto

Criada em 1967 pelos engenheiros João Cláudio Jotz e Cláudio Barreto Viana, que pertenceram aos quadros da Varig, a Aeromot se dedica à três atividades: venda dos aviões fabricados pela Embraer (Empresa Brasileira de Aeronáutica), fabricação de componentes aeronáuticos e manutenção da frota de aviões pequenos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Em cinco anos a Aeromot vendeu 190 aviões fabricados pela Embraer, dos quais 1/3 para a aviação agrícola e o restante dos chamados "executivos" desde o Xingu até o Seneca. A empresa tem concessão "exclusiva" da Embraer para a venda de seus aviões no Estado. Entre os componentes fabricados pela Aeromot estão os assentos dos aviões da Embraer, suporte de motores e pedaleiras.

Na parte de manutenção a empresa também realiza a conversão de instrumentos — substituição de aparelhagem antiga por nova como rádios de comunicação e navegação, o que está sendo feito para 30 aviões T-25 da Embraer. Como o fornecimento de componentes para a Embraer sofre altos e baixos, a empresa decidiu diversificar sua linha de produção e partir para a fabricação de bombas de gasolina, como salientou o diretor presidente da Aeromot, sr Cláudio Barreto Viana.

Há dois anos a Aeromot fabrica em torno de 40 mil unidades/mês e 30% da produção é exportada para os Estados Unidos, Alemanha, Oriente Médio e África. No Brasil, as bombas de gasolina são comercializadas praticamente em todo o país ficando São Paulo como o principal comprador. Apesar da crise no setor automobilístico as vendas continuam boas porque a empresa fornece para o mercado de reposição.

Aproveitando sua experiência na fabricação de assentos para a Embraer — com uma média de vendas de 200 unidades/mês — a Aeromot decidiu voar ainda mais alto e fabricar também poltronas para aviões comerciais como os Boeing 727, 737 e 747. Mas como não podiam ficar na dependência da demanda do mercado nacional se dispuseram a disputar o mercado externo entrando no fornecimento de poltronas para os Airbus.

Os 800 assentos que serão vendidos representam em divisas para o Brasil 800 mil dólares e o primeiro lote de 260 poltronas será embarcado para Hamburgo (onde serão colocadas as partes internas do avião) em maio de 1982.

Disposta a se expandir cada vez mais e aproveitando novamente sua experiência, desta vez no ramo eletrônico, a Aeromot resolveu produzir também as caixas de controle de sistemas de aviões. Vencedora de concorrência aberta pela Embraer a empresa fabricará as caixas pretas para os EMB-312 T-27, aviões de treinamento que serão entregues à FAB em 1982.

Com esse cartaz, a Coca-Cola vai anunciar o lançamento da lata numa campanha que vai usar todos os media: TV, rádio e jornal

Coca-Cola lança lata com produção de 7 milhões/mês

Depois de quase um ano de pesquisas cercadas pelo mais rigoroso sigilo para não quebrar o impacto do lançamento, o Rio de Janeiro vai conhecer, já a partir de amanhã, a versão brasileira da Coca-Cola em lata. Com o novo produto, a empresa espera dobrar a participação do segmento de refrigerantes em lata, atualmente em torno de 1,5%.

Embora a Coca-Cola Indústrias, que produz o xarope, conte com uma rede de 59 franquias espalhadas pelo país, somente a Coca-Cola Refrescos, a única fábrica controlada pela empresa a produzir refrigerantes, contará com o equipamento para a fabricação da lata. A capacidade de produção é de 7 milhões de latas por mês, e os investimentos somaram 4 milhões de dólares.

Tecnologia

A decisão de enlatar Coca-Cola foi tomada há mais de cinco anos. A dificuldade, segundo o diretor administrativo da empresa, Cesar Andrade, foi encontrar um padrão tecnológico compatível com as exigências de qualidade impostas pela empresa.

Como as demais, a lata de Coca-Cola terá três peças — as duas tampas e o cilindro. Mas, de acordo com a direção da empresa, foi conseguido um melhor acabamento, a chapa de aço do cilindro tem menor espessura que as latas utilizadas pela concorrência, e as costuras são à prova de vazamento. A lata está sendo fabricada pelas Indústrias Matarazzo e o enlatamento — com equipamento da Hoerst — é feito pela Coca-Cola Refrescos.

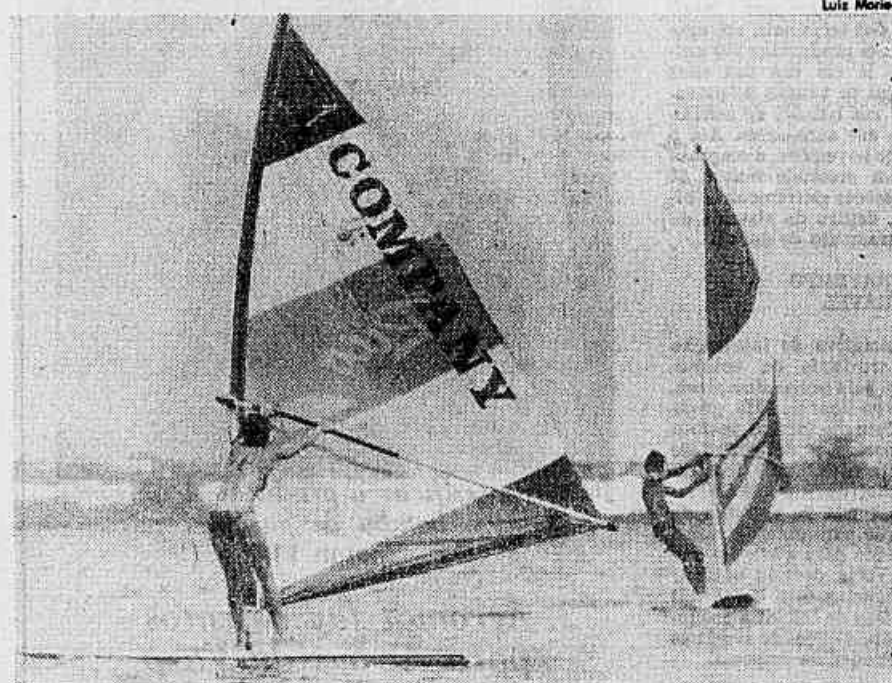
O preço será o mesmo cobrado para os refrigerantes do em lata, em torno de Cr$ 50. Embora a nova embalagem contenha mais refrigerante do que a garrafa média — tem mais 100ml — o custo da lata é elevado, Cr$ 20 por unidade, e, como não há mais tabelamento de preço para refrigerantes, a tendência será o nivelamento do preço ao consumidor.

Segundo o diretor de Marketing da Coca-Cola, Jorge Giganti, a lata não concorrerá com a garrafa. Explicou que o segmento de lata absorve atualmente 1,5% do mercado. A expectativa é de que, com o lançamento de Coca-Cola, líder do mercado, todo o segmento seja puxado para maiores vendas e que se alcance uma participação de 3%.

Para Giganti, a lata será usada por quem eventualmente não possa utilizar a garrafa, seja em viagens, seja por facilidade de resfriamento mais rápido. Na Europa e Estados Unidos, onde as garrafas são oneway e o preço da lata é pouca coisa superior ao da garrafa, o consumo por embalagens é menos contrastado.

A campanha publicitária para o lançamento da lata será posterior à distribuição ao mercado. Concebida pela McCann Erickson, a campanha vai lançar mão de todos os medias — TV, rádio e jornais — calcada na expectativa do mercado pelo lançamento da versão lata de Coca-Cola, a última empresa de refrigerantes a lançar esse tipo de embalagem.

Não há previsão ainda sobre o lançamento dos demais produtos da empresa, Fanta e guaraná Taí. Hoje, o segmento Cola é o mais consumido, com 40% do mercado, contra 27% de guaraná, 12% de laranja e 10% de limão. Não será para essa campanha a estréia de Zico nas publicidades de Coca-Cola. Até o final do ano, entretanto, o jogador poderá ser visto em uma campanha de Coca-Cola.

Luiz Morier

A Associação de Windsurf tem 600 sócios, mas espera crescer

Fabricante de "windsurf" tenta o mercado europeu

Com a crise do petróleo em 1973, a Offshore — fábrica nacional de pranchas de **windsurf** e lanchas — apostou no vento e deixou de fabricar lanchas, cujos preços desestimulavam o consumidor. Concentrou seus negócios nas pranchas de **windsurf** e, atualmente, lidera o mercado no Rio. Este ano fez acordo com a empresa européia Tornado para entrar no competitivo mercado europeu — no qual navegam mais de 600 mil pranchas a vela — na tentativa de equilibrar seus negócios.

Em 1979 o mercado de **windsurf** se expandiu, chegando a um crescimento de 300% em relação aos outros anos. Entretanto, em 80 houve um desaquecimento e as vendas caíram os mesmos 300%. A Mar e Moto, até 79, vendia em média 20 pranchas/mês; nos três meses de férias do período 79/80 subiu para 60 pranchas/mês. Mas, de abril a agosto deste ano, foram vendidas apenas 50.

Concordata

Apesar de ser a empresa que mais vende pranchas de **windsurf** no Brasil — mil entre 80 e 81 — depois de Windglider, a Offshore é uma firma em concordata. Há seis anos Luis Leopoldo Noronha montou a empresa, com seis empregados. Os pedidos aumentaram e os empregados chegaram a 60. Mas a moda passou, as encomendas caíram e a produção começou a encalhar. Os empregados foram reduzidos a 20. A empresa decidiu partir para outros negócios e em 80 faturou Cr$ 20 milhões, mas este ano os pedidos são muito inferiores aos da época áurea.

A Windglider, empresa alemã associada à Coast Katamarã do Brasil, informou que o faturamento aumentou 120% e que está vendendo em média 350 pranchas por mês. Os preços variam de Cr$ 65 mil para a **standard** a Cr$ 85 mil para a de campeonato de classe aberta.

O encarregado de promoções e vendas da Windglider, de São Paulo, Pierre, revelou que a empresa também foi afetada pela crise de 80, mas este ano os pedidos aumentaram. A Windglider fornece pranchas para 50 revendedores espalhados em diversas cidades e Capitais do Brasil, inclusive Roraima, e utiliza 90 dos 120 funcionários para a fabricação das pranchas.

Na Hifly as vendas caíram aproximadamente 90% este ano, segundo o dono Luis Eduardo Grosci. Ele disse que há três meses a empresa está parada, ou seja, não fabrica ou recebe pedidos dos 65 revendedores. A solução encontrada foi não aumentar os preços das pranchas. Tanto a classe aberta como a olímpica estão sendo vendidas a Cr$ 50 mil.

Depois da moda, ficou o esporte, afirmou o presidente da Associação de Windsurf, Raimundo Batista de Oliveira. Esta é a terceira tentativa de criação de uma associação e Raimundo acredita que, com a nova diretoria e os planos para incentivar o esporte, a classe se organize.

EUA e Europa disputam invenção

A guerra entre americanos e europeus pela primazia da invenção do windsurf (prancha a vela) voltou a se intensificar há dois meses quando o francês Daniel Allisy, especialista em equipamentos a vela, publicou o livro A Louca Invenção de Martin d'Estreux, *ilustrado com fotos que levam a comprovar que a prancha a vela foi inventada em 1913, por d'Estreux.*

A patente no entanto é um de esperto comerciante da Califórnia, Hoyle Schweitzer, que a registrou em 1967, embora o invento na realidade tenha sido de um engenheiro da Nasa, Jim Drake.

São os europeus, no entanto, quem tem a primazia da produção, e o setor se expandiu 2.508% desde 1974, quando navegavam na Europa apenas 23 mil pranchas; atualmente são mais de 600 mil, produzidas por mais de 80 fábricas.

Esporte que se transformou em moda, o windsurf se tem fixado mais como hobby *de adolescentes da classe média e alta. Como seu possível inventor francês. Martin d'Estreaux era filho de rica família da região de Artois, celibatário obstinado que inventou a prancha a vela, segundo seu diário, para fugir das armadilhas casamenteiras de uma velha amiga que o desejava como marido de sua filha. Para fugir ao envolvimento imaginou um barco leve que lhe "poderia levar a todos os lugares e fugir de todas as mulheres do mundo".*

Crise acaba com fidelidade a marca e privilegia preço

São Paulo — Com a crise econômica, o consumidor brasileiro se tornou infiel às marcas de produtos e compra o mais barato, revela pesquisa da Santos Diniz Consultoria de Marketing. Outra pesquisa mostra queda geral de compra e venda de alimentos, como por exemplo as massas alimentícias comuns. Esse estudo foi desenvolvido pela A.C. Nielsen, especialista em pesquisa de mercado.

O especialista em **marketing** da Santos Diniz, Juracy Parente, constata que "o aperto no poder aquisitivo do consumidor por causa da alta inflação, trouxe a mudança do hábito e a infidelidade às marcas" e explica que a atual situação faz com que o consumidor reveja seus pontos-de-vista a cada nova compra. Isso torna difíceis e vulneráveis as marcas de produtos mais conhecidas. A cuponagem utilizada hoje é um esforço para combater a perda da fidelidade.

MUDANÇA DE HÁBITO

A pesquisa da Santos Diniz Consultoria e Marketing mostra que o setor mais afetado pela mudança de hábitos dos consumidores são os supérfluos, como perfumaria (setor de higiene), enlatados (menos frutas e verduras enlatadas) e laticínios.

Os que não sofreram alterações foram os mais essenciais na alimentação, como cereais, óleos e massas alimentícias. O Sr Juracy Parente entende que as classes altas estão-se retraindo no bolo do mercado e as classes baixas aumentam sua participação nos ramos que consomem. E isso traz efeitos mercadológicos. Diz ainda:

— No caso da bebida alcoólica, nota-se que o consumidor da classe baixa aloca uma percentagem menor do orçamento familiar nesse tipo de produto. Mas há uma tendência de diminuir a importância na classe alta no ramo da bebida.

Ele volta a repetir que a inflação alta é um fator preponderante nas alterações dos hábitos.

Empresas como a Glasslite, Staroup e Alpargatas começaram a lançar produtos mais baratos, procurando atender às faixas de mercado mais populares, para enfrentar o mercado e evitar quedas de vendas. Para o presidente do Sindicato da Indústria de Calçados, Sebastião Bourbolhan, as indústrias de sapatos venderão em 1981, a mesma quantidade de pares de 1980.

— Mas só chegaremos a isso com produtos mais baratos, produtos que usam matérias-primas sintéticas e não o couro.

O estudo da Santos Diniz faz uma comparação da alocação dos gastos familiares por classe sócio-econômica (tabela 1).

A pesquisa realizada durante todo o primeiro semestre de 1981 mostra que as classes A e B (alta e média alta) consomem mais bebida alcoólica, mais produtos higiênicos, mais perfumaria, mais **bombonière**, mais biscoitos, mais atuns, mais peixes enlatados. Mas perdem das classes B (média baixa e baixa), C e D no consumo de cereais, óleos e azeites, carnes enlatadas, sardinhas e massas alimentícias.

A outra pesquisa mostra a evolução dos preços e consumo familiar no período do primeiro semestre de 1980 em relação ao de 1981 (tabela 2).

Reconhecida entre os principais empresários como uma pesquisa de mercado confiável e séria, e que nunca é divulgada porque sempre foi solicitado sigilo (há um contrato de fornecimento com essa cláusula), o estudo da Nielsen é completo e mostrou o comportamento do mercado no primeiro semestre, em relação a igual período de 1980 (tabela 3).

TABELA I

Índice comparativo da alocação dos gastos Familiares = base 1,00 - classe A, B.

Classe de produto	Classe A, B	Classe B, C, D
Cereais	1,00	2,25
Óleos e azeites	1,00	1,12
Carnes enlatadas	1,00	1,14
Peixes enlatados	1,00	0,90
Sardinhas	1,00	1,38
Atuns	1,00	0,37
Massas alimentícias	1,00	1,17
Biscoitos	1,00	0,92
Bombonière	1,00	0,76
Perfumaria	1,00	0,73
Higiênicas: papel e absorventes	1,00	0,70
Bebidas alcoólicas	1,00	0,67

Fonte: Santos Diniz Consultoria de Marketing.

TABELA II

EVOLUÇÃO DE PREÇOS E CONSUMO FAMILIAR - 1980/1981

Classe de Produtos	Tendência da alocação Dos Gastos Familiares Em Cr$ 1º Sem — 81/80	Índice de Aumento Dos Preços Junho 80 a Junho 81 Base 1,00 = Junho 80	Índice Relativo da Variação De Preços Junho 80 a Junho 81 (1)	Tendência Da Alocação Do Consumo Familiar em Unidades Físicas — 1º Sem 81/80
Cereais	0,98	1,70	0,79	1,24
Óleos e azeites	0,93	1,93	0,90	1,03
Carnes enlatadas	0,80	1,65	0,77	1,04
Peixes enlatados	0,68	1,27	0,59	1,15
Massas alimentícias	1,24	2,40	1,12	1,11
Biscoitos	1,04	2,60	1,21	0,86
Bombonière	1,12	2,55	1,19	0,94
Perfumaria	0,97	2,32	1,08	0,90
Higiênicos: papel e absorventes	1,19	2,77	1,29	0,92
Bebidas alcoólicas	1,12	2,19	1,02	1,10

(1) base índice de preços—FGV alimentos —junho/ 80 = 1,00 e junho/81 = 2,15

Fonte: Santos Diniz Consultoria de Marketing Ltda.

TABELA III

PRODUTOS DE CONSUMO

1º SEMESTRE — 1981/1980

Produtos alimentícios/	Vendas %	Compras %	Estoques %
Alimentos infantis Homogeneizados	+2	−5	−3
Alimentos para cães	+20	+16	+11
Aperitivos + Bitters + Vermutes (unidade)	−7	11	−6
Atum e Bonito	−20	−22	−5
Bebidas achocolatadas	+7	0	+15
Bebidas em pó não adoçadas	−15	−20	−14
Bebidas em pó pré-adoçadas	+30	+25	+63
Caldos	−2	−11	+11
Chá mate	−14	−8	+6
Chá preto	−19	−28	−19
Chocolates	+7	−1	+8
Extratos e concentrados de tomate	−1	−11	−7
Farinhas de milho	−6	−6	−4
Gomas de mascar	+7	0	+8
Iogurtes	−7	−7	−2
Leite em pó	−5	+8	+103
Manteiga	−6	−10	+6
Maionese	−2	−5	+7
Margarinas	−3	−6	+2
Massas alimentícias (comuns)	0	−3	+3
Misturas para bolos, doces e salgados	−4	−6	−3
Molhos para salada	+85	+18	+213
Óleos vegetais comestíveis	−2	−8	+7
Peixe enlatado	+11	−1	+3
Pudins, gelatinas e flans	−4	−7	−6
Refrigerantes	0	0	+1
Sobremesas prontas gelificadas	−5	−6	0
Sopas desidratadas	−20	−32	−12
Sucos de frutas	−13	−18	−11
Uísque	−11	−14	−16
Produtos de higiene pessoal			
Absorventes higiênicos	0	−2	+14
Creme anti-acne	+1	−2	+1
Creme dental	−2	−6	−6
Creme para pele	−1	−4	−6
Curativos antissépticos	−15	−11	−2
Desodorantes	−3	−5	−3
Escovas de dentes	−7	−15	−5
Fraldas descartáveis	+12	+9	+3
Papel higiênico	0	0	+7
Sabonetes	0	3	−6
Shampoos	+8	+3	+5
Produtos de Limpeza Caseira			
Amaciantes de roupas	+ 26	+20	+20
Ceras para assoalho	- 8	- /9	+ 1
Concentrados de limpeza	- 7	-11	-12
Desinfetantes	+ 2	+ 2	+ 2
Detergentes líquidos	+ 3	+ 5	+ 8
Inseticidas em aerosol	- 3	- 7	-25
Lustra-móveis	- 1	- 5	+11
Purificadores de ar	-11	-24	-15
Sabões de detergentes para roupa	- 8	- 8	-14
Saponáceos em pó	-11	-16	- 8
Outros			
Aparelhos de barbear	+ 3	+ 8	+30
Cigarros	- 2	- 3	+38
Isqueiros descartáveis	+21	+13	+42
Lâminas de barbear	- 2	-10	+ 8
Pilhas secas	- 5	- 6	0

Informação mais eficiente é arma contra a inflação

Num momento em que a escassez de recursos é a maior preocupação do brasileiro, comprar bem requer, além de paciência, conhecimento adequado do mercado. Atenta para esse fato, a EGL—Editora de Guias LTB S.A. já tem como aproveitar e dar a volta por cima da atual crise econômica: tornar mais eficiente a veiculação da informação comercial, o seu produto, e uma das armas contra a inflação.

Essa estratégia, válida para toda a indústria de veiculação e não só para a LTB, baseia-se, segundo seu presidente, Gilberto Huber, num pressuposto básico: "As informações comerciais formam a cabeça da procura, a publicidade faz a vontade da oferta". Ou seja, bem munido de informações, o comprador terá condições de comparar, optar e, conseqüentemente, poupar. O que para ele indica que, nos dias de hoje, "a informação comercial começa a ter um valor acima do normal".

TEORIA E PRÁTICA

Formado em Matemática nos Estados Unidos, onde passou 15 anos, Gilbert Huber, filho do norte-americano Gilbert Huber com uma brasileira de Petrópolis e neto de uma maranhense, detém 80% das ações da **holding** Itapicuru, que controla 80% das ações da EGL.

Sem ser um teórico formado em Comunicação, procura sempre associar a estratégia empresarial às técnicas de informação. "Os veiculadores" — enfatiza ele — "são meio e parte integrante, e por isso têm que procurar ser mais eficientes". Filosofia que, na prática, se resume em três pontos:

Cristina Paranaguá

Huber acha concorrência bom propulsor

aperfeiçoamento da concorrência através de veículos dirigidos a públicos específicos; modernização dos veículos e de sua distribuição; e racionalização de informações.

— Ninguém pode ser feliz se recebe informação de uma única fonte — enfatiza Gilberto Huber, ao destacar a importância da eficiência como propulsora da concorrência. A estratégia de eficiência defendida por Huber se aplica à indústria de veiculação comercial como um todo, mas está muito próxima do que a EGL faz e pretende fazer na edição de listas telefônicas. Racionalizar os endereços e telefones dos guias, transformando-os em setoriais, é uma antiga proposta da empresa e, para ele, "uma fatalidade".

Como responsável por uma empresa que, além das listas telefônicas, atua num vasto mercado editorial, Gilberto Huber tem muitas idéias para se explorar melhor esse setor. Atualmente, lamenta ele, o sistema de comercialização é o mesmo do passado e muito se pode fazer através das malas diretas, que ensejam a procura ao telefone (consulta, cobrança, despacho); e também de veículos dirigidos, como os que divulguem produtos de segunda mão, de sítios e até de jeans.

A EGL é uma das duas subsidiárias da Itapicuru — a outra é a EBID — Empreendimentos Brasileiros de Informações Dirigidas, responsável pela venda da publicidade da EGL e edição de publicações especializadas para entidades.

Stábile admite maior custo agrícola no Cerrado

Brasília — O Ministro da Agricultura, Amaury Stábile, reconheceu que o custo da ocupação agrícola do Cerrado é mais elevado do que o da ocupação de outras regiões do país, onde não foi necessária a irrigação, caso de todo o Sul, desde as terras roxas de São Paulo até o planalto do Rio Grande do Sul, e mesmo nos campos de Mato Grosso do Sul. Ele negou, entretanto, que o custo seja tão elevado que invalide a ocupação do cerrado por uma agricultura de rentabilidade comercial.

O Ministro informou que os primeiros projetos de colonização do Cerrado estão-se pagando em três a cinco anos agrícolas, com as várias colheitas possíveis a cada ano com o manejo da água da irrigação, apesar dos custos de preparação da terra e da instalação do sistema de irrigação (Cr$ 140 mil e Cr$ 240 mil por hectare). Com isso, ressaltou, estarão sendo possíveis em 1982 colheitas expressivas de grãos como trigo (300 mil toneladas), soja (105 mil) e milho (300 mil).

A grande opção

Por causa do potencial do Cerrado, o Ministro explicou não ter qualquer procedência o receio de que a agricultura brasileira se encaminha para a estagnação, ou retrocesso, "uma vez que não haveria mais condições de expandir a área plantada". Salientou que os cerrados, que somam 180 milhões de hectares — 150 milhões de terras agricultáveis, mais de três vezes o espaço hoje usado no Brasil para a produção de grãos (43 milhões de hectares) — têm 60 milhões de hectares próprios para cultivos mecanizados, terra própria para elevadas produtividades.

O que torna o Cerrado a grande opção agrícola do Brasil, no entender do Ministro, é o fato de nele ser possível se produzir durante o ano tudo o que for cultivável, desde os produtos tropicais e de clima equatorial tradicionalmente semeados na região, até produtos de clima temperado, como o trigo, além de frutas como o figo, o pêssego, a maçã, a ameixa européia, a pêra, a uva e muitas outras iguarias tradicionais nos países do hemisfério Norte.

Será no Cerrado, explica o Ministro, que o Brasil vai resolver seu maior problema agrícola, o do trigo, cereal que este ano estará custando ao país quase 1 bilhão de dólares em divisas. Para o trigo existem delimitados 1 milhão 400 mil hectares de cerrado. Nesta área, toda própria para cultivo irrigável a baixo custo, com mais de 800 metros de altitude, próxima da rede elétrica e das vias de escoamento e de sistemas de armazenagem, é possível uma produção mínima de 3 milhões 500 mil toneladas, 87,5% do consumo atual.

O Ministro Amaury Stábile informou que estão disponíveis os 50 milhões de dólares captados no Japão para o crédito de investimento na ocupação do Cerrado durante o próximo ano. Pelos cálculos da equipe interministerial dirigida pelo principal assessor econômico do Ministro do Planejamento, o economista Akihiro Ikeda, para a ocupação de 1 milhão 400 mil hectares de cerrado irrigado com o trigo, serão necessários, até 1986, investimentos de Cr$ 532 bilhões, Cr$ 196 bilhões para preparo da terra e Cr$ 336 bilhões para os sistemas de irrigação.

O aproveitamento do Cerrado, conforme o Ministro, é uma realidade econômica para o Brasil, uma vez que, agora, a região é responsável por 45,4% da produção brasileira de arroz, por 30% da carne bovina, 26,8% dos hortigranjeiros, 16,9% do milho, 12% do feijão, 11,4% do algodão, 10,4% da soja, 6,7% da mandioca e 6,7% da cana-de-açúcar. Isso sem contar os projetos de irrigação, que datam de menos de cinco anos (toda a produção computada refere-se a cultivos de sequeiro).

O trigo, de acordo com os planos do Governo, será dentro de cinco anos o mais importante grão cultivado no Cerrado, sendo até possível a auto-suficiência do cereal por volta da virada da próxima década. Ainda é pequena a área de Cerrado ocupada pela triticultura, mas os primeiros resultados estão sendo animadores, pois há casos comprovados, e acompanhados pelo Governo, de cultivos altamente rentáveis, com produtividades superiores a 3 mil quilos por hectare.

Trigo será o principal produto

O Cerrado prepara-se para ser o principal produtor brasileiro de trigo. Foram escolhidos 1 milhão 400 mil hectares de terras irrigáveis e com altitude superior a 800 metros, próximas das vias de escoamento e de sistemas de armazenagem, próprios para uma triticultura de elevada produtividade. O plano do Ministério do Planejamento é ambicioso: transpor para o Cerrrado a triticultura, atualmente na área das geadas do Sul. Para o próximo plantio foi definida uma dotação de Cr$ 1 bilhão para o crédito aos pioneiros.

O trigo, pelos planos do Governo, será em 10 anos o principal produto agrícola do Cerrado, prevendo-se a auto-suficiência até a exportação. As metas para os próximos cinco anos: 100 mil hectares de trigo no Cerrado em 81, 150 mil em 82, 200 mil em 83, 250 mil em 84 e 300 mil em 85, com o que o cereal estará sendo produzido em 1 milhão de hectares, prevendo-se uma produção de aproximadamente 200 milhões 200 mil toneladas em 85.

Ainda é pequena a área do Cerrado ocupada com a triticultura, mas os resultados são animadores. Ano passado a produção chegou a apenas 22 mil 480 toneladas, destacando-se Minas com 22 mil, sendo a maioria de cultivos não irrigados. Mas para a próxima safra foram plantados 85 mil 727 hectares, 3,88% da área tritícola do país (2,6% este ano).

São inúmeros os projetos triticulas em andamento no Cerrado e todos deverão ser viabilizados tendo em vista os primeiros resultados dos pioneiros, que estão obtendo produtividade mínima de 2 mil 200 quilos por hectare, em cultivos irrigados, e 1 mil 400 quilos por hectare de cultivos de sequeiro. Os 2 mil 200 quilos médios dos irrigados significam 144,4% a mais do que a produção média brasileira de 900 quilos. E a tendência é de elevação nessa produtividade.

Mas o Cerrado não se presta apenas para o trigo, como confirmam resultados dos cultivos pioneiros na região. A última grande fronteira agrícola do país é boa para grãos como feijão, arroz, soja, trigo, sorgo, ervilha, milho, entre muitos outros, e para frutas como manga, goiaba, maracujá, caju e mesmo frutas de clima temperado como figo, pêssego, maçã, ameixa, pera, uva.

O arroz vem-se constituindo no produto pioneiro da agricultura no Cerrado, e a colheira vem crescendo sem parar a uma média superior a 6% ao ano desde 1970. Atualmente os arrozais, quase tudo de sequeiro, cobrem cerca de 2 milhões 500 mil hectares, produtividade na última safra superior a 1 mil 300 quilos por hectare. A tendência indica que na safra 81/82 o Cerrado será responsável por 50% do arroz produzido no Brasil. A mesma tendência indica que a rizicultura do Cerrado ainda vai crescer mais com os cultivos irrigados, que começam a aparecer à beira dos rios e riachos.

Depois do arroz a soja vem sendo o produto preferido pelos pioneiros do Cerrado. A área da soja pulou dos 21 mil hectares em 1970 para os 171 mil hectares em meio da década passada, chegando agora a um número superior a 1 milhão de hectares, só inferior às áreas do arroz (2 milhões 500 mil hectares) e do milho (1 milhão 800 mil hectares). A produção da soja no período passou de 18 mil toneladas para 223 mil, chegando agora a 1 milhão 600 mil toneladas. A produtividade média também elevou-se de 890 quilos por hectare para 1 mil 300 quilos em 1975, e agora para 1 mil 800 quilos.

O potencial agrícola do Cerrado está evidente também nas últimas estatísticas do Instituto Brasileiro do Café-IBC: Minas Gerais passou este ano a ser o primeiro produtor brasileiro de café, com uma produtividade superior a todos os demais Estados produtores, de 13,8 sacas por mil pés, superior inclusive à produtividade média paulista, que chegou na última colheita a 11,9 sacas. Existem cafeicultores com cafezais irrigados por gotejamento que estão alcançando produtividade muito superior a isso, com 70 e até 80 sacas por cada mil pés.

Os Cerrados ocupam cerca de um quinto do território nacional

Brasil tem 180 milhões de ha

São 180 milhões de hectares — cerca de 1/5 do território nacional — em sua maior parte nos Estados de Goiás e Mato Grosso (Norte e Sul), mas atingindo também Minas, Maranhão, Piauí, Amapá, Roraima, Rondônia e Paraná, onde predomina o clima quente e úmido, com chuvas de verão e estação seca bem marcada.

De origem discutida, os cerrados têm traços essenciais bem conhecidos: árvores pequenas (3 a 5 metros) de troncos e galhos retorcidos, com formas muito irregulares na parte superior. A casca é espessa e protegida, às vezes, por uma camada de cortiça. Entre as gramíneas, predominam lá o capim-flecha e o barba-de-bode. Entre as árvores, destacam-se a lixeira, o pau-terra, o pequi, o pau-santo, o ipê, mangabeira, peroba-do-campo, pau-colher-de-vaqueiro.

Três teorias buscam caracterizar a extensa região dos cerrados brasileiros: 1) a climática, baseada na deficiência dágua; 2) a biótica, baseda nos efeitos da ação humana, principalmente através de queimadas; 3) as pedológicas, nas quais o solo é o elemento preponderante, do ponto-de-vista químico (deficiências minerais), e físico (más condições de drenagem).

Dos 180 milhões de hectares, 150 milhões são utilizáveis tanto para a agricultura como para pecuária, sendo 50 milhões próprios para cultivos mecanizáveis e 10 milhões para cultivos irrigados. O potencial é grande, quando se leva em conta que a atual área produtora de grãos no Sul do país não chega aos 50 milhões de hectares.

Mais do que potencial, o cerrado já é uma realidade, pois respondeu, no último ano agrícola, por 45,4% da produção nacional de arroz, 30% da de carne bovina, 26,8% da de produtos olerícolas (hortaliças), 16,9% da de milho, 12% da de feijão, 11,4% da de algodão, 10,4% da de soja, 6,7% da de mandioca e 6,7% da de cana-de-açúcar.

São Paulo — José Carlos Brasil

Com o pivo central irriga-se uma área circular de 118 hectares

São Paulo — José Carlos Brasil

O sistema pivo central é um dos equipamentos mais potentes

Pedidos abarrotam a indústria de irrigação

São Paulo — Depois que deixou de acreditar em "um desrespeito, a Deus", caso lançasse mão da irrigação, o agricultor brasileiro abarrotou as indústrias do setor de pedidos. É nessa situação próspera, com as exportações crescendo e criando novos empregos, que os fabricantes de equipamentos vão receber o Pró-Cerrado e o desafio de ter de fornecer maquinária para irrigar 100 mil hectares em um ano, sob condições de prazos e especificações técnicas que ainda desconhecem.

De qualquer forma, há o consenso entre os industriais de que as encomendas poderão ser plenamente atendidas no mercado nacional. Com a mesma concordância eles lamentam que as linhas mestras do programa não estejam traçadas e que ele seja deflagrado tardiamente, tornando difícil instalá-lo a tempo de se aproveitar a safra de 1982.

UNIÃO

A seca continua nos últimos anos da década de 70 com a enfase à agricultura e o estabelecimento de preços mínimos remuneratórios, foram os principais fatores responsáveis pela expansão e consolidação da indústria de irrigação brasileira. O fenômeno começou a ser sentido há cerca de dois anos, quando, para sobreviver no ramo, indústrias como a Asbrasil-Aspersão no Brasil S/A, a maior empresa do setor, tinha de improvisar parte de suas instalações específicas, para a produção de autopeças.

Desde aquela época, a Bombas Esco S/A, outro fabricante, duplicou sua produção. Para evitar a crise no setor, o diretor-superintendente da companhia, João Roberto Escobar, na ocasião sugeriu a união dos industriais, para explorar o mercado externo. Hoje ele pretende estimular idêntico **pool**, para evitar a entrada de empresas estrangeiras no Pró-Cerrado.

Durante a instalação do Pró-Feijão, em meados deste ano, o primeiro programa agrícola a contar com financiamento específico para irrigação, o atendimento das encomendas ficou estrangulado devido à insuficiência na fabricação de bombas. Isto só ocorreu porque o anúncio do programa foi feito na última hora, fato que o gerente de **marketing** da Asbrasil, Bruno Werner Klaussner, não deseja que se repita com o Pró-Cerrado.

— O setor necessitaria de 12 meses para aumentar substancialmente sua capacidade de produção. Para atender o Pró-Cerrado precisaríamos de um tempo menor, mas sem dúvida nenhuma é imprescindível que o Governo estabeleça um planejamento com certa antecedência — alertou o Sr Werner Klaussner, também diretor vice-presidente do departamento de máquinas agrícolas do Sindicato da Indústria de Máquinas e Equipamentos.

Os equipamentos de irrigação começaram a ser produzidos no país no início da década de 50. Contudo, até 1980 a irrigação não era formalmente reconhecida e sequer era mencionada como equipamento agrícola no Manual de Crédito Rural do Banco do Brasil. Em dezembro de 80 a situação mudou, com a Resolução 671, do Banco Central, que passou a conceder juros de 45% ao ano a compras deste tipo de aparelho.

Em meados deste ano, a irrigação foi especificamente beneficiada com créditos do Pró-Feijão e seus benefícios ficaram ainda mais evidentes.

— Naquele programa, chegou-se ao recorde de safra com 2 mil 430 quilos colhidos por hectare, contra uma média nacional, sem irrigação, de 584 quilos.

A tecnologia de irrigação dominada pelas seis grandes empresas do setor — Asbrasil, Dantas, Carborundum, MTU/Ederer, Bombas Esco e Valmatic — foi nacionalizada em 100% desde o começo desta década.

Proálcool terá reforço de US$ 80 milhões em 1982

Brasília — O Programa Nacional do Álcool — Proálcool — terá em 1982 um reforço de 80 milhões de dólares (Cr$ 9 bilhões) ao seu orçamento de investimentos, devido à liberação da primeira parcela do empréstimo de 250 milhões de dólares contraídos em junho junto ao Banco Mundial pelo Governo brasileiro.

Este montante será somado ao total do orçamento de 1982 que o Ministério da Indústria e do Comércio pretende seja superior a Cr$ 200 bilhões, de forma a garantir a meta original de produzir 10 bilhões 700 milhões de litros de álcool carburante na safra 1985/86.

Levantamento

Levantamento reservado feito pela Comissão Executiva Nacional do Álcool — Cenal — indica que as necessidades reais de recursos do programa em 1982 são superiores a Cr$ 210 bilhões. Até agora o Ministro do Planejamento, Delfim Neto, ainda não deu sua palavra final a respeito das pretensões do Ministério da Indústria e do Comércio, tendo em vista que um orçamento superior a Cr$ 200 bilhões significa um crescimento de 150% sobre o total aprovado para 1981, Cr$ 84 bilhões.

Técnicos do Banco Mundial mantiveram semana passada uma série de encontros com membros da Cenal e da Secretaria de Tecnologia Industrial tentando definir a fórmula pela qual os empresários nacionais terão acesso aos 250 milhões de dólares. Estas condições não estão ainda totalmente fixadas — especialmente quanto à participação dos produtores nacionais de equipamentos para montagem de destilarias. Mas uma solução adequada deve sair nos próximos dias.

No emaranhado de problemas que se transformou o orçamento do Proálcool de 1981, a única certeza do Ministério da Indústria e do Comércio é a persistência das dificuldades. Causou perplexidade no Ministério o anúncio feito semana passada pelo Banco do Brasil de suspensão dos financiamentos ao Proálcool devido à total falta de recursos.

Gasolina não sobe mais este ano

Brasília — *O novo aumento da gasolina, que passa hoje a Cr$ 85 o litro, segundo portaria divulgada ontem pelo CNP — Conselho Nacional do Petróleo, será o último do ano. Com esta elevação, o reajuste acumulado da gasolina fica em 66,6% em 1981 — abaixo, portanto, da inflação prevista para o período. O álcool hidratado sobe de Cr$ 48 para Cr$ 52 o litro, representando um aumento de 8,3%.*

De acordo com a portaria do CNP, os dois maiores percentuais de elevação entre os combustíveis foram dados ao querosene de aviação e ao óleo diesel, 19,6% e 19%. A partir de hoje, o querosene de aviação, que se manteve inalterado no reajuste passado, passa de Cr$ 25,50 para Cr$ 30,50 — com o que aumentará também o preço das passagens aéreas, amanhã ou terça-feira — enquanto o diesel sobe de Cr$ 42 para Cr$ 50 o litro.

Outros preços

Aumentam hoje, igualmente: o GLP (gás de cozinha), cujo botijão de 13 quilos passa de Cr$ 420 para Cr$ 485 nas entregas a domicílio e a Cr$ 459 nos postos de revenda (15,5% a mais); o óleo combustível BPF (baixo ponto de fluidez) e BTE (baixo teor de enxofre), que sobem para Cr$ 23 (mais 15%) e Cr$ 28,60 (14,9% acima) o quilo; e ainda o querosene iluminante, cujo litro foi elevado 18,6%, saltando de Cr$ 43 para Cr$ 51.

Verifica-se, a partir da portaria, que a paridade de preço entre o álcool carburante e a gasolina, até então de 64%, quase no limite legal de 65%, cai para 61,1%, diferencial pelo qual se procura renovar o interesse do consumidor pelos veículos movidos a álcool, duramente afetado nos últimos meses.

O reajuste médio dos combustíveis no último aumento do ano ficou em 15%. O principal objetivo da nova elevação é reforçar a conta-petróleo no início de 1982, pois a receita dos aumentos dos derivados de petróleo só ingressa no caixa do Orçamento Monetário 45 dias após o primeiro mês de faturamento — portanto, começará a entrar apenas em dezembro.

O aumento passado nos preços dos combustíveis, concedido a 28 de junho para a gasolina, diesel e álcool hidratado, e em julho para os outros derivados, havia sido suficiente para fazer cumprir a meta governamental de reduzir em Cr$ 50 bilhões, em 1981, o déficit da conta-petróleo. O déficit manteve-se constante entre Cr$ 120 bilhões e Cr$ 130 bilhões ao longo do ano, esperando-se que chegue em torno de Cr$ 80 bilhões em dezembro.

O Ministério do Planejamento havia autorizado o CNP a decretar a vigência dos novos preços desde dia 11, mas o plano foi alterado pela abertura excepcional dos postos sábado passado, pelo feriado do dia 12. A vigência não poderia ser fixada para o próximo fim de semana porque haverá esquema idêntico ao do dia 12, voltando a abrir os postos no sábado, por causa da Campanha Nacional de Vacinação contra a Poliomielite.

Seplan destina ao BNDE mais Cr$ 21 bilhões para apoio ao setor privado

Brasília — Para melhorar o desempenho do Sistema BNDE nas aplicações ao setor privado em 1981, o Ministro interino do Planejamento, Flávio Pécora, autorizou um adicional de Cr$ 21 bilhões 400 milhões ao orçamento original do banco para 1981, que era de Cr$ 286 bilhões 900 milhões.

Com base nisso, o presidente do banco, Luís Sande, já apresentou ao Ministério do Planejamento sua proposta orçamentária para 1982 — Cr$ 540 bilhões — tendo como pressuposto que o Sistema BNDE fechará 81 com aplicações equivalentes a Cr$ 308 bilhões 300 milhões, um reajuste nominal de 75% sobre o orçamento já corrigido para este ano.

CRESCIMENTO REAL

Conversas entre os Ministros do Planejamento e da Indústria e Comércio deverão permitir que o Sistema BNDE apresente em 1982 um crescimento real de 10% nas suas aplicações. De acordo com estes entendimentos, o BNDE teria no próximo ano sempre um índice real de 10%, descontada a inflação, nos seus empréstimos ao setor privado.

Nessa hipótese, caso a inflação nos 12 meses de 1982 fique em 70%, as aplicações do Sistema BNDE cresceriam em 80%. Se a inflação for de 80% as aplicações chegariam a 90%, e assim por diante. Em seu retorno do giro de 17 dias pela Europa, o Ministro Delfim Neto deverá acertar com seu colega Camilo Penna as bases definitivas do orçamento do BNDE e do Programa Nacional do Álcool (Proálcool) para o próximo ano.

Com o reajuste nominal de 70% sobre os Cr$ 286 bilhões aprovados para 1981, o BNDE terá um retorno de Cr$ 200 bilhões ao seu programa de investimentos do próximo ano. Este número está sujeito a alteração porque, ao longo de 1981, foram efetuadas modificações no cronograma original de aplicações do Sistema BNDE, através de votos apresentados ao CMN pelo Ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Penna.

Em 1980, os desembolsos do sistema BNDE, incluindo as suas subsidiárias, totalizaram Cr$ 175 bilhões 500 milhões, um crescimento nominal de 59% em relação a 1979 e uma queda real de 15%, descontada a inflação. Esta queda real de 15% ocorrida em 1980 com relação a 1979 preocupou o Ministro Camilo Penna porque provocou mudanças bruscas no apoio do BNDE à empresa privada nacional.

Os assessores do Ministério da Indústria e do Comércio assinalam que o Ministro do Planejamento, Delfim Neto, foi sensível aos argumentos de seu colega, tendo em vista que o Sistema BNDE não poderia passar dois anos consecutivos apresentando queda real nas suas aplicações à indústria. Os números relativos a 1981, apurados apenas os dados do primeiro semestre, demonstram que dificilmente o banco apresentará crescimento real no volume de seus financiamentos este ano, tendo em vista a conjugação de dois fatores básicos: o quadro recessivo da indústria nacional, e da paulista em particular, e da escassez de recursos do BNDE devido às limitações orçamentárias.

Caso seja concretizada a melhoria do perfil no orçamento do BNDE em 1982, o órgão deverá tornar realidade os estudos que vem realizando, visando a estabelecer linhas de crédito em apoio a programas de desenvolvimento de fontes não tradicionais de energia, como óleos vegetais, metanol e energia solar.

As prioridades estabelecidas pelo Governo ao BNDE são para projetos que visem à reestruturação do sistema de transportes, buscando adequá-lo à conjuntura energética, apoiando os sistemas ferroviários e hidroviários.

Ibre propõe mudar política salarial com conta do PIS

Em vez de entregar recursos ao Governo através do PIS (Programa de Integração Social), cada empresa reteria este dinheiro e abriria uma conta especial, que representaria a participação de todos os empregados no capital da empresa. No final de cada exercício, a empresa distribuiria aos empregados — em parte ou totalmente — o lucro correspondente a essa parcela do capital. Esse mecanismo beneficiaria os trabalhadores — que assim poderiam ganhar um **extra**, dependendo do desempenho da empresa — e a própria empresa, que se capitalizaria.

Em linhas gerais, é essa a proposta que o Ibre (Instituto Brasileiro de Economia), da Fundação Getúlio Vargas) apresentou em sua última **Carta**, na qual sugere uma revisão total da política de rendas no país. Condenando a atual política salarial por sua excessiva "rigidez" e "inflexibilidade", o Ibre recomenda, no entanto, manter o seu espírito de perseguir uma crescente igualdade na distribuição da renda. Por exemplo, através da participação dos empregados nos lucros e de uma maior eqüidade, tributária dos rendimentos da pessoa física.

"Nada muda no contracheque"

— O princípio básico por trás desta forma de participação nos lucros é que o trabalhador não abdica de salário fixo para receber um salário variado — afirma o economista Paulo Rabello de Castro, da Fundação Getúlio Vargas, que explica: "A idéia proposta não visa usar a folha de salários como base para uma contribuição. Isto configuraria mais uma taxação do trabalho. E o trabalhador jamais se interessaria por uma situação em que perde algo certo por uma remuneração incerta."

Nada mudaria no contracheque do empregado, assegura outro economista do Ibre. A parte variável desta remuneração através de distribuição de dividendos será, em média, sempre mais alta do que o trabalhador receberia ganhando apenas um salário fixo.

Enfatizando sempre que a proposta não é uma sugestão "alinhavada" — até porque o Ibre é um órgão de assessoramento econômica e não lhe compete elaborar projetos de lei — os economistas da Fundação Getúlio Vargas apontam para a segunda grande vantagem do mecanismo: a capitalização das empresas com estes recursos, que deixam de ser pagos ao Governo e se incorporam ao seu capital.

Atualmente,cada empresa industrial destina mensalmente 0,75% de seu faturamento para a formação do fundo fiscal do programa PIS/Pasep. No caso das empresas de serviços, o desconto é de 5% sobre o valor do Imposto de Renda a pagar. O Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal recolhem estes recursos e repassam uma grande parte do BNDE, que os utiliza para financiar investimentos, de acordo com decisões de um conselho formado pelo BDNE, BB e CEF. Este ano, 45% do orçamento de Cr$ 287 bilhões do BNDE — ou seja, pouco mais de Cr$ 129 bilhões — são recursos do PIS/Pasep.

— O PIS atualmente está sendo utilizado fundamentalmente como capital de giro de empréstimo às empresas. O problema é que todas as empresas pagam, mas poucas pegam: nem todas têm acesso aos financiamentos do BNDE. Isto tem que ser revisto, porque o fundo do PIS deveria servir para a capitalização de todas as empresas — diz Paulo Rabello de Castro. "Se o problema da pequena e média empresa hoje é capital de giro, e se o PIS serve para financiar capital de giro, é no mínimo uma injustiça que estas pequenas empresas não tenham acesso a ele", acrescenta.

Conta especial

Ao invés de entregar os descontos do PIS para o Governo, a empresa os reteria numa conta em seu passivo bloqueado. Seria uma espécie de conta de participação vinculada com o conjunto dos empregados, afirmam os economistas do Ibre. Mas advertem: através deste mecanismo, o empregado não se torna sócio da empresa. Não se trata de autogestão. Tampouco os recursos depositados nesta conta são um "empréstimo" feito pelos empregados à empresa.

Um exemplo de como funcionaria a proposta do Ibre: se o capital social da empresa é de Cr$ 100, e há no fundo especial Cr$ 2, seriam distribuídos, no final do exercício, até 2% do lucro em forma de dividendos. Paulo Rabello de Castro lembra que deveria ser definida uma porcentagem mínima obrigatória de distribuição desta fração do lucro (correspondente ao montante depositado na conta especial). A idéia é que a empresa não deva necessariamente distribuir tudo, podendo ficar com uma margem para girar ainda mais.

E em caso de demissão ou de saída do empregado? — Ele receberia o seu percentual do rendimento deste fundo, a exemplo do FGTS — responde Paulo Rabello de Castro.

Maior fidelidade

A vantagem de reter o PIS nas empresas, explica outro economista do Ibre, é que se cria um vínculo de fidelidade do trabalhador à empresa."A idéia do Ibre é de que o rendimento do PIS deve ser vinculado à conduta do trabalhador na sua empresa, para criar um laço de colaboração entre capital e trabalho, e não continuar numa base de confrontação. Isto está de acordo com a última encíclica papal, que ressalta a preponderância do fator trabalho sobre o lucro", afirma Paulo Rabello.

Por um lado, o sistema exigiria do empregador uma conduta mais "responsável e socializada", no sentido de preocupar-se em repartir eqüanimemente uma parcela de seu lucro, explica o Ibre. Fatalmente, as empresas teriam que prestar contas aos empregados sobre a conta de participação. "Finalmente, empregado e empregador poderiam sentar na mesa e discutir as reais possibilidades de remuneração, o que só é positivo", dizem os economistas.

Por outro lado, a existência destes fundos funcionaria como uma espécie de atrativo: os trabalhadores poderiam escolher como local de trabalho aquela empresa cujo desempenho é reconhecidamente bom — e cuja conta de participação, por conseguinte, é maior — acha Paulo Rabello de Castro.

Política de rendas

O mecanismo da participação nos lucros insere-se, para o Ibre, num contexto muito mais amplo, que é a revisão da política de rendas no país. A participação nos lucros seria apenas uma idéia de utilizar a poupança institucional para capitalizar as empresas. A utilização de instrumentos fiscais para taxas mais os rendimentos não salariais, por exemplo, é outra proposta do Ibre em sua **Carta**.

— Eliminando boa parte dos rendimentos não tributáveis e incorporando ao cálculo dos rendimentos o que para alguns é pago in **natura**, como carro, aluguel, motorista, a arrecadação sobe automaticamente sem que seja necessário mexer nas alíquotas, porque a base da tributação é mais elevada — explica um dos economistas do Ibre.

"Se toda renda, de qualquer origem, sofresse tributação progressiva (descontada a correção monetária nas rendas e ganhos de capital) e, ao mesmo tempo, fossem eliminadas as isenções e incentivos que hoje privilegiam uns poucos em detrimento de muitos, aí então certos descontos cedulares e abatimentos — principalmente por dependentes, para educação, saúde e juros na aquisição de casa própria — poderiam ter seus tetos devidamente ampliados. A maior tributação das camadas mais elevadas aliviaria substancialmente os menos aquinhoados, sem termos que recorrer a manipulações salariais apriorísticas", diz o texto do Ibre, publicado na revista **Conjuntura Econômica** de outubro.

— É importante dizer que o Ibre recomenda manter o princípio que orientou a atual política salarial, que é alcançar uma melhor distribuição da renda,— afirma Paulo Rabello de Castro. "No entanto, os mecanismos da atual lei são totalmente artificiais e, em muitos casos, provocam exatamente o efeito contrário: maior rotatividade e desemprego."

Programa arrecada Cr$ 379 bilhões

Brasília — No exercício de 1981/82, iniciado em junho último, o programa PIS-Pasep deverá arrecadar Cr$ 379 bilhões das empresas, que destinam 0,75% do seu faturamento para a formação do fundo fiscal, segundo informações do coordenador do programa, José Antonio Berardinelli Vieira.

Esta é a contribuição das empresas desde 1976 — quando os dois fundos foram unificados — até agora (em milhões de Cr$)

ANO	PIS	PASEP	PIS/PASEP
76/77	16 681	8 877	25 558
77/78	24 621	13 130	37 751
78/79	35 480	20 924	54 604
79/80	57 072	33 136	90 208
80/81	117 681	66 429	184 110
81/82(*)	249 000	130 000	379 000

(*) estimativa
Fonte: Coordenadoria do Programa PIS-PASEP

De acordo com o coordenador dos dois programas, em julho de 1977 o PIS-Pasep tinha 22 milhões 324 mil 491 trabalhadores inscritos, número que passou para 32 milhões 208 mil 165 em 1981, num crescimento de 44,2%. Por outro lado, em 1977 o número de participantes representava 51,2% da população economicamente ativa, percentual que subiu para 64,9% em 1981. Informou, ainda, que a rentabilidade média dos dois fundos em 1980 foi de 87,6%, enquanto a dos demais fundos fiscais foi de 46,8%.

Salário achatado afeta comércio

Brasília — Relatório do CDC — Conselho de Desenvolvimento Comercial, órgão do Ministério da Indústria e do Comércio, relativo ao comportamento das vendas no comércio varejista nos primeiros sete meses do ano assinala que os índices negativos apresentados são conseqüência "do achatamento salarial das classes de renda superior, causado, além da inflação, pela política salarial vigente, conjugada com a retenção do Imposto de Renda e a rotatividade de mão-de-obra".

Diz ainda o documento que o subemprego e o desemprego já atingem níveis acentuados e a própria expectativa de desemprego, em face do quadro conjuntural bastante adverso, "constituem-se nos principais fatores que indubitavelmente desaguam na diminuição do nível de consumo, sofrendo o setor comercial varejista as imponderáveis conseqüências de todo esse processo de ajustes".

Imposto de Renda

Mesmo assim, continua o relatório do CDC, "considerando-se que o último trimestre historicamente apresenta uma demanda aquecida e considerando os efeitos da nova política fiscal relativa ao Imposto de Renda na fonte, que resultará em maior volume de recursos em mãos da classe média consumidora, é esperada uma significativa recuperação do setor comércio até o final do ano".

O CDC tomou por base para sua análise o comportamento do comércio varejista em São Paulo nos primeiros sete meses de 1981, que, comparado com idêntico período do ano passado, apresentou uma queda real acumulada de 18,5%.

Ressalva o documento do CDC, que mesmo numa expectativa otimista quanto ao comportamento das vendas neste último trimestre do ano, dificilmente as taxas negativas serão substancialmente melhoradas porque, "nos meses de agosto e setembro de 1980, em especial neste último, ocorreram taxas reais de crescimento em relação a 1979, dificultando ainda mais o pleno restabelecimento do setor".

Relata o CDC que entre as principais causas do mau desempenho do comércio varejista nos primeiros sete meses de 1981 pode ser atribuída também às exportações impostas à economia. Estas mudanças foram traduzidas em políticas econômicas voltadas para o necessário ajustamento do balanço de pagamentos, especialmente na tentativa de equilibrar a balança comercial, e, ainda, as medidas adotadas com o objetivo de combater a inflação.

De acordo com o CDC, isto se deve à adoção de "instrumentos tais como a liberação e a conseqüente elevação da taxa interna de juros, que, além de dificultar o acesso dos consumidores aos produtos finais, impedem também a formação de estoques elevados pelo comércio, baixando sua rentabilidade, e contribuindo para a elevação dos preços dos produtos e alteração no setor produtivo".

Poupança interna

Outra referência foi para com as significativas "taxas de captação de poupança interna, que têm influenciado negativamente o nível de comercialização, dada a sua alta rentabilidade, comparativamente aos demais instrumentos de aplicação de recursos". No relatório é assinalado que a queda nas vendas tem como conseqüência também "a própria e desenfreada alta de preços, responsável pela corrosão contínua da renda gerada pelo sistema econômico".

Um dado interessante citado pelo CDC, embora o nível geral de emprego tenha decrescido nas dez regiões metropolitanas pesquisadas pelo IBGE e as vendas tenham apresentado índices negativos nos sete primeiros meses do ano, "o setor comércio expandiu sua oferta de emprego em Recife, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre, entre junho de 81 e o mesmo mês de 80".

Por fim, salienta que a "maioria das empresas comerciais enfrenta problemas de capital de giro para a expansão dos seus negócios". Nas empresas mais bem estruturadas, destaca o documento, tem-se verificado um bom nível de faturamento.

Informe Econômico

As fatias do bolo

As encomendas de terminais eletrônicos com pagamento antecipado de Cr$ 1 bilhão, feitas à Cobra pelos bancos acionistas da EDB — Eletrônica Digital Brasileira, que detém 39% da empresa, tiveram a seguinte distribuição:

O Bradesco entrou com Cr$ 311 milhões 345 mil. A seguir, vieram: Itaú (Cr$ 164 milhões 798 mil); Banespa (Cr$ 121 milhões 691 mil); Bamerindus (Cr$ 88 milhões 702 mil); Unibanco (Cr$ 84 milhões 148 mil); Econômico (Cr$ 61 milhões 982 mil).

Fecharam o lote o Nacional (Cr$ 53 milhões 648 mil); Caixa Econômica de São Paulo (Cr$ 36 milhões 352 mil); Auxiliar (Cr$ 27 milhões 332 mil); BCN e Noroeste, com Cr$ 25 milhões cada.

Tranqüilidade

O assassinato do Presidente Sadat não perturba os prognósticos do economista John Rutlegde, assessor do Tesouro americano, sobre um aumento na frágil estabilidade política do Oriente Médio e de um reflexo positivo disso nos preços do petróleo.

Situa o Egito — em que pese seus graves problemas internos — fora do epicentro das questões petrolíferas que está, não no Norte da África, mas no Golfo Pérsico.

E identifica na guerra Irã-Iraque o primeiro ponto de concordância que parece haver entre os árabes, com um alinhamento maciço em torno do regime iraquiano e o conseqüente isolamento do Irã.

Acha que os árabes estão satisfeitos, também, com a mudança de tom em Washington. "Agora sabem que, se Reagan se sente atingido, reage", explica, num evidente paralelo com a política mais recheada de conceitos humanistas e morais do ex-Presidente Carter.

Alívio

As importações de produtos químicos — um dos itens de maior peso na pauta em dólares — sofreram sensível redução este ano. Os gastos no exterior com fertilizantes caíram 30%; os dos produtos químicos orgânicos 20%; e os dos produtos químicos inorgânicos 33%.

Rebatida

Do Comandante Fernando Saldanha da Gama Frota, presidente da Associação dos Armadores Brasileiros de Longo Curso e diretor da companhia de navegação Frota Oceânica, a respeito da afirmação do presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki, de que faltam empresários à agricultura fluminense:

— Creio que eles estão faltando é na área do petróleo.

Copa suicida

A Argentina tirou do Brasil o título máximo do campeonato mundial de inflação e os dois países sul-americanos passaram de longe o outro forte candidato, que já ocupara há poucos meses o humilhante podium *de campeão: Israel.*

A inflação israelense foi de 8,1% em setembro, caindo para apenas 101,9% a taxa dos últimos 12 meses.

A Argentina ganha o triste campeonato, com 119,1%, deixando o Brasil em segundo lugar com 109,8%.

Orgulhoso, o lanterninha regional é o Chile, que espera chegar ao final deste ano com uma taxa entre 12% e 15% e nos últimos 12 meses (setembro a setembro) apresenta uma inflação de 16,8%.

Busca intensa

Ainda poderão ocorrer este ano transações com companhias de crédito imobiliário. Bancos e empresas particulares estão analisando as empresas independentes atuantes no mercado (empresas não ligadas a conglomerados financeiros).

Um banqueiro que ainda não tem uma empresa de crédito imobiliário confessava, na sexta-feira, em São Paulo:

— Estou analisando tudo. Minha missão é encontrar uma empresa até o final do ano.

Em alta

Comerciantes de café esperam melhores negócios este mês, com o fim dos estoques de matéria-prima subsidiada pelo IBC em mãos da indústria de torrefação.

Oferta especial

Um revendedor de automóveis da Alemanha Ocidental está vendendo um lote de 60 Alfa Romeo 2 300, por 4 mil 300 dólares cada. São os automóveis produzidos ainda na fábrica da Fiat Diesel, no Rio, e exportados há três anos para a Alemanha.

Inevitável

O economista-chefe do BIRD (Banco Mundial), Guy Pfesselmann, fará palestra no dia 6 de novembro, na Fundação Getúlio Vargas, sobre questões de desenvolvimento.

■ ■ ■

Será inevitável que aborde o tema da "graduação", tese norte-americana segundo a qual países em desenvolvimento mais avançados perdem direito ao crédito subsidiado do Banco.

Montevidéu — Rosental Calmon Alves

Novos modelos japoneses e velhos carros importados convivem nas ruas de Montevidéu

Carro japonês avança no mercado latino-americano

Rosental Calmon Alves

Buenos Aires, Montevidéu e Santiago — Depois das restrições às suas vendas nos mercados norte-americano e europeu, a indústria automobilística japonesa acaba de aumentar sua ofensiva para dominar o mercado latino-americano, aproveitando a tendência predominante em alguns países de reduzir as restrições às importações. No Chile, Bolívia e Paraguai, os japoneses conseguiram rapidamente ganhar uma grande fatia de mercado que era da indústria brasileira, mas no Uruguai a situação ainda é favorável ao Brasil.

Na Argentina, quando as importações foram abertas, em janeiro de 1979, os japoneses iniciaram um plano agressivo de vendas, conseguindo a princípio resultados extraordinários, que assustaram a indústria local. A crise econômica atingiu, porém, tão fortemente o setor automobilístico neste país que a demanda de veículos caiu a níveis sem precedentes, e o Governo e a indústria fizeram um acordo para baixar os preços dos veículos fabricados aqui. Resultado: os japoneses começaram a reexportar milhares de carros que tinham estocado em Buenos Aires.

Agressividade e luxo

A competição entre os veículos fabricados no Brasil e no Japão na América do Sul tende a aumentar cada vez mais, na medida em que, pressionada por problemas com o mercado interno, a indústria brasileira se lance mais agressivamente no mercado externo. Tudo indica, porém, que o Brasil tem descuidado bastante dos seus vizinhos, perdendo grandes negócios simplesmente por desprezar mercados pequenos, mas que, na realidade, somados, poderiam desafogar grande parte dos estoques existentes nestes tempos de crise.

Enquanto os representantes de marcas fabricadas no Brasil se destacam por sua timidez e são geralmente comerciantes tradicionais, confiantes na sua reputação, os japoneses usam técnicas modernas de venda, lançam-se com uma rapidez enorme em cada mercado, procurando compensar de outra forma a sua falta de tradição. Os financiamentos que oferecem, por exemplo, são muito melhores que os de carros de qualquer outra procedência, e os preços baixos despertam logo acusações de **dumping**.

A imensa variedade de marcas e modelos é às vezes apontada como um fator negativo na conquista dos mercados sul-americanos pelos japoneses, pois os consumidores acostumados com veículos importados temem a falta de peças para reposição. Neste ponto, o Brasil leva vantagem, principalmente pela proximidade geográfica.

Mas, os japoneses ganham longe em matéria de conforto e acabamento. Por mais barato que seja o modelo oferecido, as indústrias japonesas dotam-no de sofisticados requintes, como vidros movidos por motor, alarme para indicar portas malfechadas, rádio e toca-fitas.

No Chile, o Brasil já perdeu

O mercado chileno ampliou-se extraordinariamente nos últimos anos e as vendas cresceram cerca de 10 vezes desde 1976. Naquele ano, foram de 13 mil 700 veículos, saltando para 34 mil 700 em 77 e chegando a 92 mil no ano passado. Neste ano, a previsão do setor era de vender 140 mil unidades, mas nas últimas semanas a demanda se retraiu. A participação brasileira nesse promissor mercado começou alta, mas entrou em franca decadência, cedendo lugar à indústria japonesa.

Em 1979, o Brasil vendeu no Chile 16 mil 901 veículos e os japoneses, 13 mil 268. A indústria brasileira ocupava 32,3% do mercado, enquanto a japonesa ficava em segundo lugar, com apenas 25,3%. A liderança passaria para os nipônicos em 1980, quando as vendas brasileiras cresceram para 19 mil 33 unidades, mas isso representou a redução de sua participação no mercado para 20,7%. O Japão, por sua vez, aumentou suas vendas para 43 mil 167 veículos, cobrindo assim 46,9% e disparando na frente do seu concorrente.

Na realidade, a legislação chilena passou a beneficiar claramente os japoneses, ao oferecer vantagens tributárias (imposto de apenas 10%) para a importação de carros com motor de menos de 850 cc (cilindradas). O Japão tem uma variedade enorme desses modelos econômicos para oferecer, enquanto o Brasil não tem nenhum. Resultado: o Brasil tinha vendido 14 mil 789 automóveis de passeio e em 80 vendeu apenas 14 mil 651, enquanto as fábricas japonesas puderam saltar de 7 mil 435 para 24 mil 80.

Na realidade, há dois carros brasileiros que agradam muito aos chilenos e são vistos sempre pelas ruas de Santiago: o Chevette e o Fiat-147, ambos montados no Chile. O Fiat conseguiu sobreviver melhor, por adaptar-se à legislação local ao usar um motor de 850cc, que, porém, não é fabricado no Brasil.

Outro carro brasileiro de grande sucesso no Chile é o Opala, usado principalmente para táxi, mas os japoneses já entraram fortemente nesse setor também. Em 1978, o Brasil exportou 4 mil 100 Opala para o Chile, em 79 foram 4 mil 200, mas em 80 as vendas caíram para 1 mil 591 e este ano não devem chegar nem a 900 unidades.

Para recuperar o mercado chileno, na opinião do gerente industrial de uma das empresas montadoras de automóveis em Santiago, o Brasil teria que melhorar a qualidade de seus veículos, resolver os problemas de frete (o do Japão é mais barato e mais simples) e oferecer melhores facilidades de financiamento.

"Todas as peças de borracha, desde os suportes dos vidros até algumas peças na parte mecânica, todos os componentes elétricos, como alternadores, motor de arranque, os instrumentos como marcadores de gasolina, odômetros e velocímetros, tudo isso forma a parte mais débil dos carros brasileiros, ao serem comparados com os japoneneses", afirma o gerente, acostumado a receber reclamações dos consumidores chilenos.

No Uruguai, fronteira ajuda o Brasil

— Se temos medo da concorrência dos japoneses? Não; nós aqui temos medo é do Brasil mesmo, que fica sempre impondo restrições a que nós coloquemos produtos uruguaios em seu mercado, o que acaba dificultando a compra de carros brasileiros — afirma Juan Carlos Maspoli, gerente geral do representante exclusivo da Volkswagen no Uruguai. Ele se diz tranqüilo quanto à continuação da supremacia brasileira naquele mercado, mas insiste em que o Brasil deve receber uma pequena parcela de produtos uruguaios, como exige a lei deste país.

Outros importadores dizem que esse problema não os afeta (Ford e Fiat, por exemplo), porque em vez de exportar para o Brasil a pequena quantidade de produtos industriais ligados ao setor automobilístico (pode ser capa de assentos, tapetes, pneus, etc.), mandam para outros países que não têm restrições às importações e assim cobrem a cota necessária para importar carros do Brasil.

Apesar desse problema, o Brasil ainda domina o mercado uruguaio, pouco mais de um ano depois da chegada dos japoneses. Neste curto período, lojas de revendedores de marcas japonesas foram instaladas por toda a cidade, aproveitando até terrenos baldios e residências. As vendas dos japoneses têm crescido, mas esbarram em algumas vantagens oferecidas pelos carros fabricados no Brasil.

A principal dessas vantagens é o que os revendedores locais chamam de "fator fronteira". A apenas 300 km de Montevidéu, o dono de um carro de procedência brasileira pode levá-lo a um revendedor autorizado, no Rio Grande do Sul, onde o serviço sai muito mais barato e onde ele sabe que nunca faltarão peças. Na realidade, isso é apenas uma garantia de reserva, porque no final usam-se os serviços locais mesmo.

Os automóveis de procedência brasileira ocupam atualmente cerca de 80% do mercado uruguaio (24 mil veículos por ano) e o Corcel bateu todos os recordes de venda, desde que foi lançado no ano passado, ganhando facilmente a briga com os concorrentes da Toyota, o Corola e o Carina. Os quatro carros mais vendidos no primeiro semestre deste ano, no Uruguai, foram modelos fabricados no Brasil: o Corcel (2 mil 540), o Chevette (1 mil 873), Passat (1 mil 276) e o Fiat 147 (1 mil 203).

O Uruguai é um mercado pequeno, porém muito especial, porque esteve fechado durante anos, forçando a sobrevivência de carros antigos, muitos das décadas de 20 ou de 30, que circulam até hoje pelas ruas do centro de Montevidéu. No ano passado, uma pesquisa indicou que a maioria dos veículos em funcionamento no país (60 mil) era de carros fabricados antes de 1950, havendo 14 mil de antes de 1930.

A qualidade dos carros japoneses e "aqueles brinquedinhos eletrônicos, com luzes coloridas", que aparecem no painel dos principais modelos, também impressionam muito no Uruguai. Um revendedor de automóveis brasileiros em Montevidéu comentou:

— Não sabemos até quando poderemos seguir na liderança do mercado, mas acho que isso vai depender de uma melhoria na qualidade do produto brasileiro.

No Paraguai, brasileiro só de contrabando

O Paraguai, como o Chile, foi rapidamente dominado pelos automóveis japoneses e Assunção está repleta de lojas de venda das marcas mais famosas do Japão. A proximidade geográfica com o Brasil acabou sendo neutralizada por uma forte agressividade nas vendas dos japoneses.

Outro problema que prejudica a participação brasileira no mercado de automóveis deste país é a tradicional má fama dos carros fabricados no Brasil, pois uma grande parte dos que circulam por estas bandas entraram no país como contrabando. São os **coches mau**, expressão em portunhol de fronteira para designar automóveis que entraram ilegalmente no país, aproveitando sobretudo a falta de fiscalização e a facilidade de "legalizar" veículos de procedência suspeita.

Naturalmente, há importações legais de carros brasileiros, mas estas são superadas de longe pelas vendas dos japoneses, que souberam ganhar o mercado tanto de carros luxuosos (disputando neste caso com as marcas européias) como de carros pequenos, com modelos mais econômicos e baratos que os brasileiros.

O caso do Paraguai e o da Bolívia (onde também os japoneses tomaram conta do mercado) são geralmente citados como exemplos do descuido da indústria brasileira pelos mercados vizinhos.

Na Argentina, o fracasso japonês

O Brasil sempre teve dificuldades enormes para entrar no mercado automobilístico argentino, devido a problemas políticos. Quando as importações de automóveis foram abertas, em janeiro de 1979, a lei que as regulamentava dizia, em outras palavras, que se podia importar carros de qualquer parte do mundo, menos do Brasil. Foi o interesse da matriz alemã da Volkswagen de se instalar aqui que forçou os Governos de Brasília e Buenos Aires a negociar uma abertura recíproca de mercados.

A Volkswagen se instalou em Buenos Aires, comprando a Chrysler daqui, e além de continuar com a linha de produção Dodge passou a importar do Brasil os modelos Passat, Kombi e Sedan 1300. A Fiat, por sua vez, lançou aqui o 147 fabricado no Brasil, enquanto alguns importadores isolados traziam em pequenas quantidades outros modelos. A participação brasileira, porém, foi muito reduzida e começou a cair, pois os importados acabaram fracassando.

Assustados pela gravidade da crise econômica e pela semi-paralisação de sua indústria automobilística (funciona com menos de 50% de sua capacidade produtiva), os argentinos acabaram reduzindo os preços dos automóveis nacionais e os consumidores começaram a temer que as importações algum dia voltarão a ser suspensas. Os japoneses, que tinham conseguido grandes sucessos de vendas aqui, tiveram seus negócios estancados e algumas marcas se preparam para deixar o país.

Delfim viaja hoje a Zurique

Juarez Bahia

Lisboa — Um encontro de 30 minutos com o Presidente Ramalho Eanes, no Palácio de Belém e a reunião que manteve com empresários brasileiros do consórcio público e privado que negociou as trocas de 100 milhões de dólares com Portugal, encerraram ontem nesta Capital as atividades do Ministro Delfim Neto no país, primeira etapa da viagem de 17 dias que faz à Europa.

Hoje Delfim embarca para Zurique, e depois Bruxelas, Londres e Paris. O Presidente português ouviu do Ministro do Planejamento uma exposição sobre o desenvolvimento brasileiro, com ênfase para o programa energético e as exportações. Na opinião de Eanes, manifestada ao despedir-se de Delfim, "as trocas comerciais com o Brasil ultimadas agora representam um efetivo relançamento do intercâmbio luso-brasileiro, com perspectivas novas e imediatas".

A MARGEM

Ao terminar a visita do Ministro do Planejamento a Lisboa, o balanço que se apresenta é positivo, mas fica a impressão de que Delfim Neto não precisava de tantos dias na Capital portuguesa para firmar o protocolo de intenções, pois basicamente o acordo já estava decidido desde a visita do Presidente Figueiredo, em fevereiro deste ano.

Por outro lado, mais por culpa do Governo português do que da missão Delfim Neto, os empresários privados portugueses praticamente foram alijados do programa da visita. Tanto a Associação Industrial Portuguesa, como a Confederação da Indústria Portuguesa e a Câmara de Comércio Luso-Brasileiro, que juntas representam 50 mil empresas pequenas, médias e grandes do país, tinham interesses em discutir com o Ministro brasileiro, mas ficaram simplesmente à margem.

Como é do seu estilo, Delfim foi franco e direto nos contatos com as autoridades executivas portuguesas, deixando claro que o Brasil nada espera da adesão de Portugal à Comunidade Econômica Européia, senão a boa sorte dos nossos parceiros. Mas afastou, de modo a não deixar qualquer dúvida, a idéia alimentada por Portugal de vir a ser um entreposto para o Brasil na Europa.

Sem rodeios, Delfim disse que o Brasil dispensa isso. Finalmente, uma declaração do Ministro do Planejamento não serviu para esclarecer a importância e a oportunidade da sua presença agora por 17 dias na Europa, em missão oficial: admitiu que "não há grande volume de negócios a discutir nos países" que visita, subordinando a sua viagem sobretudo à França e Inglaterra à conveniência de levantar informações.

Energia paga Itaipu sem aumentar a dívida externa

Foz do Iguaçu — **O General Costa Cavalcanti assegurou ontem que o custo de Itaipu — cerca de 12 bilhões de dólares (8 bilhões de custos diretos e 4 bilhões de juros) — será integralmente pago pela empresa binacional, através da venda de energia elétrica ao Brasil e ao Paraguai, não onerando a dívida externa brasileira.**

O diretor geral de Itaipu e presidente da Eletrobrás defendeu o programa nuclear brasileiro, não como solução imediata para geração de energia ao Brasil, mas a longo prazo: os brasileiros têm até o final do século para aprender a tecnologia do átomo, já que no ano 2000 os recursos hídricos estarão esgotados.

Na entrevista que deu ontem no canteiro de obras de Itaipu, o General Costa Cavalcanti não quis falar sobre política e muito menos de sua candidatura à sucessão do Presidente Figueiredo em 84, quando, de acordo com os estatutos, termina seu atual mandato na direção geral da Itaipu Binacional.

Preocupou-se em responder às críticas do Governo Ney Braga e dos paranaenses que acham não estarem sendo suficientemente beneficiados com Itaipu. Lembrou que as vantagens trazidas pela obra — cuja localização outros Estados invejam — justifica qualquer pequeno transtorno, algumas áreas de terra inundada.

O lago a ser criado pela barragem de Itaipu vai ter 170 quilômetros de extensão e sete de largura média, abrangendo uma área de 1 mil 350 quilômetros quadrados, dos quais 800 em território brasileiro. Esta situação exigiu a exportação de terras, mas o General Costa Cavalcanti salientou que até hoje nenhuma questão foi a Justiça: "Temos conseguido tudo através de negociações".

Segundo ele, 83% das 6 mil exportações já estão concluídas e os proprietários indenizados. Até o final de 82, todas as expropriações estarão concluídas. Em setembro, outubro ou novembro, o reservatório começará a ser formado, de acordo com o tratado assinado entre Brasil, Paraguai e Argentina, uma vez que esse último país tem projetado abaixo de Itaipu dois outros empreendimentos hidrelétricos: Corpus e Yaciretá.

CPRM prevê novo ciclo do ouro

— O Brasil poderá voltar ao ciclo do ouro se forem dados os recursos necessários à pesquisa e mineração — afirmou o Presidente da CPRM — Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, José Raimundo de Andrade Ramos, diante da conclusão de um levantamento feito por 110 geólogos do órgão, segundo o qual o Brasil teria hoje uma reserva de 30 mil toneladas de ouro, se forem somadas as reservas definidas, estimadas e os recursos potenciais.

De acordo com o Sr José Raimundo de Andrade Ramos, "o território brasileiro demonstrou, ao longo de centenas de anos, sua indiscutível vocação aurífera. Fomos o maior produtor mundial. O fato dos depósitos de teor mais alto, situados nas regiões mais próximas, terem sido explorados não tem maior significado. A região amazônica tem mostrado que aluviões mais ricos que os de Minas Gerais podem ser encontrados".

AS RESERVAS

Com base num levantamento de análise e classificação de 12 ambientes geológicos auríferos (no que se refere ao ouro primário), os geólogos da CPRM concluíram que as reservas das jazidas de ouro no Brasil indicam um total de 30 mil toneladas.

Desse total, a reserva potencial é de cerca de 25 mil toneladas, a reserva geológica estimada de 6 mil 200 toneladas (portanto 20% dos recursos) e a reserva conhecida ou oficial de 629 toneladas. Os recursos brasileiros de ouro podem ser classificados em dois aspectos:

— O primeiro — explica o presidente da CPRM — diz respeito a áreas onde ocorre ouro secundário, correspondem aos aluviões, coluviões, eluviões, cascalhos e carapaças lateríticas. No Brasil, o potencial de ouro contido neste tipo de depósito alcança 23 mil toneladas e parece representar 70% dos recursos do país.

— O segundo — diz o Sr José Raimundo de Andrade Ramos — corresponde a áreas onde ocorre ouro primário, isto é, ouro contido em rochas que se formaram durante a consolidação de crosta terrestre e cuja extração exige técnica sofisticada. O potencial em ouro primário é estimado em 23 mil toneladas, representando 69% dos recursos auríferos brasileiros, conhecidos e semiconhecidos.

Segundo o presidente da CPRM, a Região Amazônica detém os maiores recursos em ouro secundário (64%), o que corresponde a 19,5% em todo o país em condições de fácil avaliação e extração. Segue-se a Região Centro-Oeste, com 31,1% desses recursos, equivalentes a 9,5% dos recursos de ouro estimados no Brasil, e com igual quantidade de ouro primário.

O ouro primário, diz ainda o Sr José Raimundo de Andrade Ramos, mostrou-se predominante sobre o secundário nas Regiões Nordeste, Sudeste e Sul. Cerca de 60% do potencial de ouro primário da nação ali podem concentrar-se. Importantes concentrações naturais auríferas são conhecidas no Estado da Bahia. O grande líder no conjunto é, no entanto, o Estado de Minas que, sozinho, pode conter até 30% do potencial total de ouro primário de todo o Brasil.

— Nestas condições — conclui o presidente da CPRM — a pesquisa e a mineração de ouro devem constituir assunto de primeira prioridade para o país. A elas devem ser conferidos recursos orçamentários e incentivos fiscais e financeiros compatíveis com suas possibilidades. Se isto for feito, o ouro poderá, certamente, ter um papel da maior importância no desenvolvimento nacional.

Valesul é privatizável se a dívida com o BIRD não for cobrada de uma só vez

Brasília — Para listar a Valesul Alumínio como privatizável, o que poderá ocorrer amanhã, com outras quatro ou cinco estatais, a Comissão Especial de Privatização está estudando uma fórmula que possibilite a venda da empresa sem que os compradores sejam obrigados a liquidar de uma só vez um empréstimo de 98 milhões de dólares contratado junto ao Banco Mundial.

A Alnac — Alumínio Nacional Participações Ltda. — que está examinando a absorção de 12% do capital da Valesul, afirmou, através do diretor-gerente, Édson Antônio Guide, que, se tiver de arcar com a quitação do financiamento, ou mesmo de parte dele, desiste da iniciativa. Na opinião do dirigente, não é justo que a entidade assuma este ônus quando os dois outros sócios privados do projeto, ao lado da Companhia Vale do Rio Doce — a Shel e a Reynolds — estão isentos de tal responsabilidade.

Problemas

Sob a justificativa de que seria dispendioso e desnecessário tocar ao mesmo tempo a Valesul e o empreendimento Albrás/Alunorte, que têm o mesmo objetivo — produzir alumínio — a CVRD propôs à Comissão Especial de Desestatização a privatização da empresa localizada no distrito industrial de Santa Cruz, no Rio de Janeiro.

A listagem da Valesul como empresa privatizável está esbarrando, porém, num problema que não é fácil contornar: é que a legislação brasileira só permite o aval da União a empréstimos externos para empresa estatal e, no caso da empresa vir a ser absorvida pela iniciativa privada, seus compradores se obrigam a liquidar o financiamento de uma só vez. A Valesul obteve do Banco Mundial um empréstimo de 98 milhões de dólares, dos quais 52 milhões 300 mil dólares foram efetivamente desembolsados. O contrato com o BIRD foi assinado em março de 1979.

— Os empresários privados do setor de alumínio estão preocupados com seu próprio nível de endividamente. O quê dizer, então, de um endividamento fora do muro de suas fábricas? — raciocina o diretor-gerente da Alnac.

A entidade foi constituída exclusivamente com a finalidade de adquirir parte do capital da Valesul, pois a Vale, erroneamente, fez esta oferta à Abranf — Associação Brasileira de Metais Não Ferrosos, uma associação sem fins lucrativos. A Alnac conseguiu arrebanhar uma dúzia de empresários dispostos a realizar a operação e, no momento, está concluindo os estudos de avaliação do projeto e o volume de recursos próprios com que pode adquirir 12% do seu capital.

Se não for possível, contudo, superar o problema da liquidação imediata do empréstimo do Banco Mundial, desistirá da iniciativa, informa o Sr Édson Antônio Guide. Do controle acionário da Valesul, a Shell detém 45% e a Reynolds 4%.

Segunda etapa

Caso a Comissão Especial de Desestatização encontre uma saída para a questão, a Valesul será incluída amanhã na segunda lista de estatais privatizáveis, a ser submetida até terça-feira à aprovação do Presidente Aureliano Chaves, inaugurando a segunda etapa do Programa de Privatização, que inclui as estatais criadas por lei.

Com a Valesul, farão parte da lista quatro ou cinco outras empresas, numa outra inovação: as próximas listagens conterão poucas empresas de cada vez, de modo a manter um fluxo regular de estatais ofertadas durante o processo de privatização, sem grandes intervalos de tempo entre um e outro anúncio de venda.

Da seleção inicialmente feita para esta segunda listagem, pelo menos três estatais foram riscadas temporariamente: a Mineração Urucum, subsidiária da Vale do Rio Doce; a Federal de Seguros, vinculada ao Ministério da Previdência Social; e a Construtora Ecex, do Ministério dos Transportes. A Federal de Seguros foi retirada porque o projeto de lei em tramitação no Congresso determinando sua venda à iniciativa privada estipula mecanismos de preços que precisam ser melhor estudados, enquanto a retirada da Ecex se deveu a pedido do Ministério dos Transportes.

Da seleção original, permanecerão na lista a Imobiliária Santa Cecília e a Seguradora Sotecma, ambas subsidiárias da CSN — Companhia Siderúrgica Nacional. A Eplan, outra seguradora vinculada à OSN, será extinta, por não passar atualmente de um mero escritório, depois de ter sido criada com a única função de emitir apólices.

Banqueiro japonês acerta empréstimos para Carajás

Brasília — O presidente do Eximbank japonês, H. Takeuchi, virá ao Brasil no próximo mês, numa visita considerada muito importante para a obtenção dos 500 milhões de dólares do Japão, solicitados pelo Governo brasileiro para o projeto de minério de ferro de Carajás, cujo primeiro grande passo foi dado, com a garantia, à Companhia Vale do Rio Doce de metade do empréstimo, pelo Banco Industrial do Japão.

O Sr Takeuchi se reunirá com o Ministro do Planejamento, Delfim Neto, e autoridades ligadas ao Projeto Carajás, devendo visitar o empreendimento. A partir da sua visita ao país, o Governo espera ver cumprida a previsão de que até o início de 1982 estará assegurada a totalidade do financiamento, cuja liberação vinha encontrando resistências de uma parcela do empresariado japonês, principalmente as siderúrgicas, lideradas pela Nippon Steel.

Raiz política

A resistência foi detectada em Tóquio pelo secretário-geral do Ministério do Planejamento, José Flávio Pécora, durante viagem no início do mês passado, devendo-se, sobretudo, à preocupação de algumas empresas com sua relação endividamento/capital próprio, pois uma das fórmulas previstas para o empréstimo prevê que elas tomarão recursos em bancos para participar da operação.

A raiz do movimento era, principalmente, política, segundo integrantes da missão Pécora em Tóquio: enquanto as empresas se diziam preocupadas com a relação endividamento/capital próprio, o Governo japonês não deseja, por uma questão estratégica, depender apenas da Austrália como grande fornecedor de minério de ferro.

Outro foco da resistência, embora secundário, estava no prazo do financiamento, que o Governo brasileiro deseja entre 10 e 12 anos, e os japoneses querem mais curto. Mesmo garantido o crédito de 500 milhões de dólares, que o Ministério do Planejamento considera certo, as discussões sobre o prazo levarão algum tempo, de acordo com os assessores do Ministro Delfim Neto.

O otimismo do Governo quanto ao sucesso das negociações se baseia em algumas causas simples:

a) Como a CVRD necessita dos 500 milhões de dólares para tocar Carajás, o Japão precisa de Carajás como grande supridor de minério de ferro às suas sofisticadas e essenciais siderúrgicas, livrando-se duma dependência incômoda e arriscada a um só grande fornecedor;

b) os custos eventualmente mais baixos do ferro australiano, especialmente pelos fretes, não compensam o risco da dependência. E este é um dos argumentos do Governo japonês junto ao empresariado do país;

c) embora no Japão as empresas privadas sejam totalmente independentes do Governo, ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos, por exemplo, tendem a abrir mão de suas posições em favor de decisão que venha a favorecer a nação;

d) o Banco Mundial apresentou relatório favorável ao Carajás-Ferro, em Paris, em reunião dias 21 e 22 do mês passado, carimbando o aval internacional ao empreendimento.

Além do Japão, outros capitais externos deram mostras de boa vontade para com Carajás, acenando, por enquanto, com 600 milhões de dólares: 400 milhões da CEE — Comunidade Econômica Européia; 150 milhões da alemã KFW; e 50 milhões de dólares do também alemão DEG, um banco governamental de fomento.

Novos sócios elevam pedidos à Cobra em 50%

São Paulo — Os novos pedidos do setor privado à Cobra — Companhia de Sistemas Brasileiros S/A — deverão elevar-se em 50%. O faturamento da empresa com encomendas atingirá assim Cr$ 1 bilhão 500 milhões, a partir da entrada dos novos sócios. Esses oito parceiros serão os responsáveis pelo aumento das vendas, contabilizando-se apenas as encomendas que farão ao assumir sua participação acionária na empresa, através da Eletrônica Digital Brasileira, que detém 39% de seu capital.

Os sócios que entram são: Banco América do Sul S/A, Banco do Comércio e Indústria de São Paulo S/A, Banco do Estado do Rio de Janeiro S/A, Banco Geral do Comércio S/A, Banco Nacional do Norte S/A, Banco Safra S/A, Banco Sul Brasileiro S/A e Banco Valbrás S/A. Eles participarão com investimentos totais de Cr$ 155 milhões, integralizando 13,02% do capital da Cobra.

Apoio

No 14% Congresso Nacional de Informática, que prosseguirá a partir de amanhã, no Parque Anhembi, em São Paulo, está sendo aguardado o anúncio de novas medidas de apoio à indústria nacional, que poderão incluir linhas especiais de crédito. No entanto, de concreto, conforme informou a assessoria do Secretário Especial de Informática da Presidência da República, Octávio Gennari Neto, serão revelados, em sua palestra de quinta-feira, detalhes de decisões de fortalecimento do setor nacional.

Nas previsões da Abicomp — Associação Brasileira da Indústria de Computadores e Periféricos — o setor deverá apresentar um crescimento em torno de 20% neste ano, com um faturamento de aproximadamente Cr$ 80 bilhões. No primeiro semestre, as vendas foram de Cr$ 14 bilhões 800 milhões, contra Cr$ 8 bilhões em idêntico período do ano passado, com destaque à comercialização de microcomputadores, cujas vendas cresceram 600%.

Falecimentos

Rio de Janeiro

José Francisco Coelho, 64, de infarto do miocárdio, em sua residência em Ipanema. Natural de São Paulo, advogado, era casado com Maria Augusta Lanari Coelho e tinha duas filhas.

Arthur Ferreira Maia, 82, de parada cárdio-respiratória, no Hospital do INAMPS da Lagot. Natural do Estado do Rio, aposentado, era casado com Maria de Lourdes da Silva Maia. Morava no Catumbi.

Edwaldo de Luna Pedrosa, 73, de infarto agudo do miocárdio, no Instituto Brasileiro de Cardiologia. Natural de Pernambuco, militar, era casado com Eymar Pinto de Luna Pedrosa e tinha dois filhos. Moravam em Copacabana.

Lygia Lfucht Roitgen, 59, de infarto agudo do miocárdio e hipertensão arterial, na Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro. Natural do Rio de Janeiro, aposentada, era solteira. Morava na Glória.

Évio Pereira da Silva, 24, de fratura de base de crânio com hemorragia craniana por projétil de arma de fogo, na Estrada Manoel de Sá. Natural do Maranhão, comerciário, era solteiro. Morava em Duque de Caxias.

Antônia Clemente Guedes da Silva, 51, de hipertensão arterial e pneumonia, no Hospital Miguel Couto. Natural da Paraíba, era casada com Luiz Herculano da Silva e tinha nove filhos. Morava na Rocinha.

Exterior

Eduardo Le-Riverend, 77, em Miami, Flórida. Ex-Juiz da Suprema Corte de Justiça de Cuba, ocupou uma cadeira na Faculdade de Direito de Havana, tendo entre seus alunos Fidel Castro, que se formou em 1950. Conduzido à Suprema Corte por Castro quando este chegou ao Poder em 1959, renunciou em 1961 em protesto contra o regime castrista e emigrou para os Estados Unidos, lecionando na Universidade de Miami.

Tiroteio em Belford Roxo mata um

Uma pessoa morreu e duas ficaram feridas, na presença de um menino de 10 anos, ontem pela manhã, durante troca de tiros num bar em Belford Roxo, no Lote 27, quadra 6, no bairro Santa Maria, após desentendimento entre dois grupos. O menor Luciano está internado com crise nervosa na Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima, em Nova Iguaçu.

Policiais da 54ª DP, em Belford Roxo, apuraram que numa mesa bebiam Jorge Luís de Oliveira, de 40 anos, Claudionor Pena Galvão, de 24, seu irmão José Ferreira Pena Galvão, e o menino, filho de Jorge, que os acompanhava. Foi quando surgiu uma discussão entre o grupo e Licínio José de Sousa, o **Cantagalo**, e José Ferreira de Andrade Filho.

Durante a troca de insultos, Licínio foi à sua casa, cerca de 500 metros do bar, e voltou armado. Houve troca de tiros, e Jorge, baleado, morreu na Casa de Saúde Nossa Senhora de Fátima. Licínio também saiu ferido e procurou socorros no Hospital Carlos Chagas, onde foi preso, e, depois de medicado, conduzido à 54ª DP. Paulo Roberto Mendonça, de 27 anos, passava pelo local e foi atingido por dois tiros.

Polícia acha dois corpos em Valqueire

Dois homens — um preto e um branco — não identificados, foram encontrados mortos a tiros, na manhã de ontem, num loteamento do bairro Sulacap, na Vila Valqueire, em Jacarepaguá. A perícia constatou que o lado direito de um dos corpos estava deformado, o que levou os policiais a acreditar que os criminosos, após o assassínio, passaram de carro sobre a vítima.

Os corpos, crivados de balas calibre 38, 32 e de escopetas, estavam a cerca de 12 metros um do outro. O homem branco, de 24 anos presumíveis, tinha um cinto amarrado em um dos braços, o que, para o perito Osvaldo Franco, pode significar que ele e o preto foram amarrados um ao outro, mortos, e depois separados. Segundo o perito, o duplo homicídio deve ter ocorrido por volta das 23h de sexta-feira.

Policiais da 33ª DP, de Realengo, estiveram no local e ouviram os poucos moradores da área, que em nada contribuíram para as investigações. Os corpos foram removidos para o Instituto Médico-Legal, onde está sendo aguardada a identificação.

Geraldo Viola

A explosão destruiu parcialmente 9 casas

Explosão em quarto com fogos de artifícios mata em Niterói menina de 12 anos

A menina Andréia Vargas Rangel, de 12 anos, morreu ontem, completamente mutilada, em conseqüência da explosão de um quarto da casa 8 da Rua Vital Brasil, em Niterói, onde era armazenada grande quantidade de fogos de artifício. A explosão foi ouvida nos bairros de Santa Rosa, Icaraí e São Francisco, e provocou pânico entre os vizinhos da casa que explodiu, que presenciaram paredes ruindo, telhas voando e móveis e utensílios domésticos atirados a cerca de 100 metros.

A explosão provocou a destruição parcial de nove residências. Partes do corpo de Andréia foram arremessadas a cerca de 60 metros, sendo que uma de suas pernas foi encontrada na quadra da Escola de Samba Sousa Soares, onde ela desfilava como passista. Os fogos pertenciam a Osvaldir Gouveia de Vargas, conhecido como "fogueteiro", tio da menina. Para a perícia, além dos fogos de artifício, Osvaldir teria no quarto bananas de dinamite.

ENSAIO

Andréia, que morava com a mãe, Osvaldina Gouveia de Vargas — separada do marido, Hélio Rangel — e dois irmãos menores, no bairro Rio do Ouro, em Alcântara, costumava passar os fins de semana na casa da avó Antonieta Tinoco de Vargas, de 60 anos, na Rua Vital Brasil, para poder participar dos ensaios da Escola de Samba Sousa Soares, que fica em frente. Na casa, residiam ainda dois filhos de Antonieta, Osvaldir Gouveia de Vargas, de 35 anos, Devair Gouveia de Vargas, de 30, motorista de táxi, sua mulher, Teresinha Machado, de 25, e a filha Elaine, de cinco.

Por volta das 13h de ontem, a menina encontrava-se sozinha em casa, quando chegou seu tio Devair, que foi lavar o carro na calçada em frente. Depois, como estivesse muito suado, ele foi tomar banho, momento em que ocorreu a explosão, num dos dois quartos localizados nos fundos da casa, que foi totalmente destruída, com exceção do banheiro, onde estava Devair. O telhado foi pelos ares junto com as paredes, basculantes foram arrancados e os móveis e utensílios arremessados a vários metros.

Foram acionados o 3º Grupamento de Incêndio, o 12º BPM e a 77ª DP, em Santa Rosa, cujos policiais isolaram o local, onde se aglomeraram dezenas de pessoas. O corpo de Andréia ficou totalmente mutilado. A perna esquerda foi encontrada na quadra da Escola de Samba, e o tronco, a cabeça e os dois braços recolhidos pelos bombeiros na esquina das Ruas Valdir Cabral e Lions, as vísceras no portão da casa 11-A, do outro lado da rua, e a perna direita no telhado da residência.

MAIS DANOS

A explosão causou sérios danos em nove residências. Na do motorista de táxi Valter Porfírio da Silva, na Rua Lions, 48, uma parede ruiu, 22 telhas grandes foram arremessadas para o ar, bem como as tampas da cisternas, e o terraço foi totalmente destruído. A casa do delegado Hugo Soares Cavalcante, da 38ª DP, em Irajá, também foi atingida, tendo as paredes, o teto e as vidraças danificados.

A causa da explosão ainda é desconhecida, mas a polícia supõe que a menina tenha entrado no quarto e acendido um fósforo. O perito Luís Carlos Azevedo, do Instituto Carlos Éboli, examinou o local e, devido à forte explosão, perguntou ao motorista Devair se seu irmão, além dos fogos, guardava bananas de dinamite. Devair negou.

Há três meses, Osvaldir sofreu um acidente durante uma festa de pescadores em Itaipu, quando um foguetão estourou em sua mão direita, causando a perda de dois dedos.

Assaltantes invadem casa de promotor e roubam TV e Cr$ 200 mil em jóias

Niterói — Três homens armados de revólveres invadiram, quase ao início da madrugada de ontem, a residência do promotor de justiça Jorge Armando Figueiredo (casado, 55 anos), situada a Rua Macaé, nº 7, bairro do Pé Pequeno. Os assaltantes renderam um dos filhos do proprietário da casa, Carlos, de 21 anos, que se encontrava na varanda da residência em companhia da noiva.

Depois de obrigarem o casal a levá-los para dentro, os assaltantes renderam o promotor, sua esposa e mais um casal de filhos, passando a fazer ameaças de morte, caso alguém tentasse reagir. Um dos bandidos se encarregou de manter a família sob a mira de um revólver, enquanto os outros dois vasculhavam salas e quartos atrás de dinheiro e jóias. Conseguiram apoderar-se de uma televisão a cores e de pequena importância em dinheiro, além de jóias avaliadas pelas vítimas em pouco mais de Cr$ 200 mil.

TIROS

Na fuga, os três assaltantes entraram em um Volkswagen azul, que os aguardava na rua, tendo em seu interior um casal. Alertados pelos gritos da família, alguns vizinhos tentaram perseguir o carro, e os bandidos chegaram a disparar três tiros em direção ao grupo. Policiais da 77ª DP (Santa Rosa), divididos em duas equipes, pesquisaram vários pontos da cidade, sem entretanto conseguirem qualquer pista dos assaltantes.

Testemunhas da fuga do trio contaram ao promotor que o casa visto no interior do Volks passou todo o tempo que durou o assalto — cerca de 20 minutos — na esquina da rua, simulando um namoro. Minutos antes dos três homens armados iniciarem a corrida em direção ao carro, eles haviam embarcado no veículo, preparando a fuga.

DOPS prende seqüestrador de filho de usineiro com Cr$ 15 milhões do resgate

São Paulo — O DOPS revelou ontem a prisão do responsável pelo seqüestro do garoto Leonardo Carolo, de 10 anos, filho de Laerte Carolo, usineiro de Pontal, no interior do Estado, no início do mês. O seqüestrador, que recebeu como resgate Cr$ 20 milhões, é Ivã Marcos Maggio, que mora em Ribeirão Preto e com quem a polícia encontrou Cr$ 15 milhões. Com Cr$ 5 milhões ele comprou uma propriedade em Campinas (SP).

O diretor-geral do DOPS, delegado Romeu Tuma, disse que para prender Ivã Marcos Maggio teve que preparar um ardil, "uma verdadeira armadilha que o trouxe de volta a Ribeirão Preto, com o dinheiro". O DOPS divulgou o nome de um suposto seqüestrador, apenas para atrair o verdadeiro, que pensou que a polícia estava fora de sua pista.

PRISÃO

A prisão de Ivã Maggio se deu na tarde de sexta-feira, mas só foi divulgada ontem, quando do início do interrogatório oficial, em Ribeirão Preto, onde continua detido o autor do seqüestro de Leonardo Carolo.

Ivã é conhecido na cidade e, segundo o delegado Romeu Tuma, desde o começo das investigações ele era tido como um dos principais suspeitos. Foi procurado em sua casa e não foi encontrado. Sem revelar suas suspeitas, o DOPS divulgou a notícia de que Moises do Nascimento Cabral, conhecido como **Tenente Cabral**, era o responsável pelo seqüestro do menino.

Como parte do plano urdido pelo DOPS, o menino Leonardo apontou na Delegacia regional de Ribeirão Preto, no dia 13 último, em presença de testemunhas, uma fotografia de Moisés do Nascimento Cabral, tirada em 1971, como "semelhante à fisionomia de seu seqüestrador" e o termo de reconhecimento foi enviado à Delegacia de polícia de Ribeirão Preto. O nome de Ivã Marcos Maggio aparecia em segundo lugar na lista dos suspeitos. Ao tomar conhecimento desse fato, o seqüestrador voltou a Ribeirão Preto, levando consigo o dinheiro.

Compra de imóveis deu a pista aos policiais

Ribeirão Preto — O seqüestrador do menino Leonardo Carolo, de 10 anos, é um vendedor-viajante, de 35 anos, pai de três filhos e residente em Ribeirão Preto.

Foi preso às 8h na Av 13 de Maio esquina com a Rua Laguna, após uma perseguição que começou na Vila Virgínia, onde ele tinha levado sua amante para ver os filhos que moram com o ex-marido.

Ivã fugiu num Volkswagen, que foi atingido por policiais com 3 tiros. Depois de ter o carro atingido ele acenou com um lenço branco, em sinal de rendição, e foi preso. No interior do veículo a polícia encontrou Cr$ 15 milhões, nos mesmos dois sacos de lixo e em uma maleta 007. Dos Cr$ 20 milhões, Ivã gastou quase Cr$ 5 milhões para comprar imóveis, em Praia Grande, litoral de São Paulo e em Campinas.

PISTA

A casa onde manteve Leonardo Carolo em cárcere foi alugada por 20 dias num conjunto habitacional. Ele alugou depois uma outra casa no mesmo conjunto, no qual residia. Foram as negociações para a compra de uma residência em Ribeirão Preto que levaram a polícia a descobrir o autor do seqüestro.

Ivã chegou ontem à noite de Campinas e a polícia armou um esquema com 50 homens para capturá-lo. O seqüestrador do filho do usineiro Laerte Carolo, da cidade de Pontal, contou que a máquina que usou para escrever os bilhetes e o carro usado (um Variant azul e um Volkswagen vermelho) já estão com a polícia.

DEPOIMENTO

Depois de prestar depoimento por seis horas, Ivã Maggio revelou que fez o seqüestro sozinho, usando um revólver de brinquedo. Explicou por que praticou o seqüestro dizendo que estava em dificuldades financeiras.

Chorando e pedindo desculpas à família, disse que seqüestrou o menino porque "os credores estavam-me sufocando e neste mundo de louco de hoje", completou, "a gente sempre procura uma válvula de escape". O seqüestro foi baseado no anterior ocorrido em São Paulo, quando foi seqüestrado o menor Luís Misasi, estando impunes ainda os seus captores.

Leonardo foi bem tratado durante o seqüestro, "ficou no meu quarto e assistiu a televisão. Jamais passou pela minha cabeça matá-lo. Nunca mataria uma pessoa. Sou incapaz de fazer mal a uma barata. Não mataria jamais", afirmou.

— A única coisa de que me arrependo é ter encapuzado Leonardo e de tê-lo colocado no porta-malas do carro. Disse a ele que se pudesse levaria ele de volta. É um bom menino — afirmou.

Disse que a imprensa também é responsável pelo seqüestro, "deveria proibir a divulgação de seqüestros. Isso me levou a cometer o crime. Se não tivesse lido, nada disso teria acontecido".

A prisão de Ivã foi pedida ontem mesmo pelos delegados do DOPS, por prática de crime de extorsão, seguida de um seqüestro de menor, por mais de 24 horas. A pena para o crime é de 8 a 20 anos de prisão.

O seqüestro do menino Leonardo ocorreu no dia 20 de setembro e libertado após o pagamento de Cr$ 20 milhões. Quanto ao seqüestro do garoto Luís Misasi, de 12 anos, em maio, ainda não foi esclarecido até hoje. Ele foi libertado pelos seqüestradores após o pagamento de Cr$ 15 milhões.

Grupo fuzila albergado, ex-presidiário e mais um amigo em São Cristóvão

Três pessoas mortas — entre elas um albergado e um ex-presidiário — foi o saldo de um tiroteio ocorrido na madrugada de ontem, na favela Parque Alegria, em São Cristóvão. No local, conhecido por Rato Molhado, as vítimas foram surpreendidas por um grupo, e executadas. Dois morreram no local e um no Hospital Sousa Aguiar.

Os mortos foram identificados como Jorge de Sousa, o ex-presidiário, de 44 anos, conhecido na favela como estuprador e traficante de drogas; o albergado Oscar Luís Resende, de 40 anos, e o jovem Aloísio Firmino da Silva, de 20 anos, que foi recolhido na pista lateral de subida da Avenida Brasil por uma equipe de guardas de trânsito da PM e morreu no hospital.

NINGUÉM SABE NADA

O tiroteio ocorreu por volta de uma hora da manhã. Finda a troca de tiros, nas esquinas das Ruas Central e Ana Casemira, estava o cadáver de Jorge, executado com seis tiros, e, não distante dali, nas proximidades da linha férrea, jazia o albergado Oscar. Sob o corpo deste a polícia arrecadou seis cápsulas intactas para arma calibre 38.

A uma distância de 400 metros desses corpos, agonizante, foi encontrado na Avenida Brasil, na esquina da Rua Peter Lund, Aloísio. A polícia não encontrou arma com nenhuma das três vítimas. Num dos bolsos da calça de Oscar, foi encontrado o cartão de albergado, de número 626634, assinado pelo Juiz Francisco Horta. Oscar tinha uma perfuração e Aloísio duas, produzidas por tiro.

Investigando nas proximidades de onde os corpos estavam, os policiais da 17ª DP e soldados da Polícia Militar entrevistaram várias pessoas, mas nenhuma delas forneceu informação que possibilitasse a identificação do grupo assassino.

Tempo

INPE/CNPq — 7h47m (17/10/81) — Cortesia Pássaro Marron

Na fotografia que publicamos hoje, observamos que grande parte das regiões, Norte e Nordeste do Brasil, aparecem com a área escura, indicando ausência de nebulosidade e temperaturas elevadas. Observamos algumas áreas de chuvas apenas no Acre, no Maranhão, e na região Sudoeste e Oeste do Amazonas.

Uma frente fria em dissipação está localizada sobre o oceano Atlântico, na altura do litoral da Bahia. Grande parte dos Estados, Rio de Janeiro, Espírito Santos, Minas, São Paulo, e a região Sul do Brasil, o Uruguai aparecem com a área escura indicando ausência de nebulosidade.

Uma frente fria está localizada no extremo Sul do continente estendendo-se pelo oceano Pacífico.

As imagens do Satélite Meteorológico SMS são recebidas diariamente, pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe/CNPq), em São José dos Campos — SP. As imagens do Satélite são transmitidas em infravermelho. As áreas brancas indicam temperaturas baixas, e as áreas pretas temperaturas elevadas.

Conhecendo-se a temperatura das áreas brancas e das áreas pretas, podemos com uma escala cromática determinar as temperaturas da superfície da Terra, das massas de ar e do topo das nuvens.

NO RIO

Nublado com chuvas esparsas. Temperatura em declínio. Ventos Sudoeste fracos a moderados. Máxima de 26.9 na Praça 15 e mínima de 17.5 no Alto da Boa Vista.

AS CHUVAS

Precipitação (mm)	
Últimas 24 horas	0.0
Acumulada este mês	25.1
Normal mensal	74.0
Acumulada este ano	541.1
Normal anual	1075.8

O SOL

Nascer —	5h18m
Ocaso —	17h55m

O MAR

Marés

Rio de Janeiro — Preamar — 01h16m/0.4m 09h49m/0.9m e 17h47m/0.9m. Baixa mar — 06h07m/1.0m e 14h16m/0.7m. **Angra dos Reis** — Preamar — 00h29m/0.4m 13h22m/0.6m e 19h29m/0.7m. Baixa mar — 04h14m/1.2m e 16h18m/1.1m. **Cabo Frio** — Preamar — 05h33m/1.1m e 16h44m/1.0m. Baixa mar — 12h25m/0.7m.

Temperaturas

Fora da barra —	20 graus
Dentro da baía —	20 graus
Mar — calmo	
Corrente — Sul para Leste	

OS VENTOS

Sudoeste fracos a moderados

A LUA

CHEIA 13/10 — MINGUANTE 20/10 — NOVA 27/10 — CRESCENTE 5/11

NOS ESTADOS

Amazonas — Nub. a pte. nub. Temp.: estável. Ventos: N/fracos. Máx. 34.4; min. 24.1. **Roraima** — Nub. a pte. nub. Temp.: estável. Ventos: NE fr/calmo. Máx. 34.5; min. 23.1. **Acre** — Nub. c/chvs. esparsas. Temp.: estável. Ventos: variáveis fr/calmo. **Pará** — Pte. nub. a nub. sujeito a chvs. ocs. na Foz do Amazonas, Temp.: nub. no restante do Estado. Temp.: estável. Ventos: Norte fracos. Máx. 32.2; min. 21.0. **Rondônia** — Pte. nub. a nub. suj. a chvs. ocs. Temp.: estável. Ventos: variáveis fr. a calmo. Máx. 30.0; min. 22.4. **Piauí** — Pte. nublado, Temp.: estável. Ventos: NE fracos. Máx. 39; min. 25.4. **Ceará** — Pte. nublado. Temp.: estável. Ventos: Leste fracos. Máx. 32.4; min. 21.1. **Rio Gde. do Norte** — Pte. nublado. Temp.: estável. Ventos: NE fracos. Máx. 32.2; min. 24.5. **Paraíba** — Pte. nublado. Temp.: estável. Ventos: Leste fracos. Máx. 29.0; min. 19.0. **Pernambuco** — Pte. nublado. Temp.: estável. Ventos: Leste fracos. Máx. 29.8; min. 21.0. **Alagoas** — Pte. nublado. Temp.: estável. Ventos: Leste fracos. Máx. 21.2; min. 20.6. **Sergipe** — Pte. nublado. Temp.: estável. Ventos: Leste fracos. Máx. 28.5; min. 22.1. **Bahia** — Nub. a pte. nub. no Oeste e Norte pte. nub. passando a nub. sujeito a chvs. ocs. a partir do Sul. Temp.: estável. Ventos: Norte fracos. Máx. 28.7; min. 22.4. **Mato Grosso** — Nub. a pte. nublado. Temp.: estável. Ventos: Norte fr/calmo. Máx. 25.0; min. 17.6. **Mato Grosso do Sul** — Pte. nub. ainda sujeito a chvs. esparsas ao Sul. Temp.: estável. Ventos: Norte fracos c/períodos de calmaria. Máx. 30.8; min. 17.7. **Distrito Federal/Brasília** — Pte. nublado. Períodos nublados sujeito a instabilidade. Temp.: estável. Ventos: Leste fracos. Máx. 27.8; min. 15.4. **Minas Gerais** — Nub. a enc. sujeito a chvs. esparsas principalmente no Centro, Leste e Sul do Estado. Temp.: estável em declínio no Sul. Ventos: variáveis fracos a ocasionalmente moderados. Máx. 29.4; min. 17.0. **Esp. Santo** — Nub. a enc. sujeito a chuvas. Temp.: ligeiro declínio. Ventos: Sul fr. a moderados. Máx. 25.2; min. 21.2. **Rio de Janeiro** — Nublado com chuvas esparsas principalmente no litoral do Estado. Temp.: em declínio. Ventos: SSW fracos a moderados. Máx. 26.9; min. 17.5. **S. Paulo** — Nub. a enc. com névoa úmida pela manhã. Temp.: estável. Ventos: S/E fracos a moderados. Máx. 19.6; min. 14.6. **Paraná** — Nub. no litoral com névoa, encoberto com chuvas nas demais reg. Temp.: estável. Ventos: S/E fracos a moderados. Máx. 17; min. 15.4. **Sª Catarina** — Nub. a pte. nublado no litoral. Claro a pte. nublado nas demais reg. Temp.: estável. Ventos: Sul a Leste fracos a moderados. Máx. 19.8; min. 17.1. **Rio Gde. do Sul** — Claro a pte. nublado passando a nub. no Oeste. Temp.: estável na madrugada. Elevação do dia. Ventos: Sul a Leste fr/moderados. Máx. 17.0; min. 10.2.

ANÁLISE DA CARTA SINÓTICA DO INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA — Frente fria no litoral Sul do Estado da Bahia com fraca atividade sobre o continente, estendendo-se no Atlântico Sul deslocando-se rapidamente.

NO MUNDO

Amsterdã — 10, claro; **Barbados** — 30, claro; **Beirute** — 28, claro; **Belgrado** — 20, claro; **Berlim** — 8, claro; **Bogotá** — 19, nublado; **Bruxelas** — 13, chuvoso; **Buenos Aires** — 20, claro; **Caracas** — 28, nublado; **Chicago** — 17, chuvoso; **Copenhague** — 11, nublado; **Curitiba** — 23, nublado; **Dublin** — 10, claro; **Cairo** — 31, claro; **Estocolmo** — 7, nublado; **Frankfurt** — 9, nublado; **Genebra** — 19, claro; **Hong-Kong** — 28, claro; **Helsinki** — 31, claro; **Jerusalém** — 25, claro; **Johannesburg** — 26, claro; **Havana** — 29, claro; **Lima** — 19, claro; **Lisboa** — 22, claro; **Londres** — 9, chuvoso; **Los Angeles** — 25, claro; **Madri** — 30, nublado; **Miami** — 27, claro; **Montevidéu** — 13, nublado; **Montreal** — 13, nublado; **Moscou** — 5, claro; **Nassau** — 29, claro; **Nova Déli** — 35, claro; **Nova Iorque** — 24, claro; **Oslo** — 1, claro; **Paris** — 17, chuvoso; **Rio de Janeiro** — 31, claro; **Roma** — 25, nublado; **San Francisco** — 24, claro; **San Juan** — 32, claro; **Santiago** — 16, nublado; **São Paulo** — 25, claro; **Tel Aviv** — 29, claro; **Tóquio** — 24, claro; **Toronto** — 12, claro; **Viena** — 10, nublado.

PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA

Convida-se os devotos do PADRE CÍCERO para a Missa de Ação de Graças, que será rezada na Igreja de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, domingo, dia 18 de Outubro, às 15 horas.

SONIA (SARA) KACZELNIK

(FALECIMENTO)

✡ A família comunica com pesar o falecimento de sua querida mãe, sogra, avó, cunhada e tia. O sepultamento se realizará domingo, dia 18, no Cemitério Israelita de Vila Rosali (Novo) às 10:00 hs, saindo o féretro da Capela da Chevra Kadisha à Rua Barão de Iguatemi, 306. Pede-se não enviar flores.

(RPV21054)

AVISOS RELIGIOSOS

ATÍLIO OTTOBONI NETTO

(7º DIA)

✝ LIGHT — Serviços de Eletricidade S.A. comunica o falecimento de seu ex-funcionário ATÍLIO OTTOBONI NETTO e convida parentes e amigos para a Missa de 7º Dia que fará celebrar, amanhã, dia 19 de outubro, às 19 horas, na Igreja de São Jorge e N. S. de Fátima — Rua Getúlio Vargas, 220 — Centro — Nova Iguaçu. (P

OSVALDO SIMEÃO DE GÓES

MISSA DE 7º DIA

✝ A família agradece sensibilizada as manifestações de pesar recebidas por ocasião do falecimento de seu querido OSVALDO e convida parentes e amigos para a Missa que será celebrada amanhã, dia 19, às 9h, na Matriz de São Paulo Apóstolo — Copacabana (P

RAUL BRAJTERMAN

(CAPITÃO DE FRAGATA)

(FALECIMENTO)

Sala Brajterman, filhos, pais, irmã, cunhados e sobrinhos comunicam o seu súbito falecimento e convidam para o seu sepultamento hoje, dia 18, às 14:00 horas, saindo o féretro da Rua Barão de Iguatemi, nº 306 — para o Cemitério Israelita de Vila Rosaly. (P

ETELVINO LINS DE ALBUQUERQUE

(MISSA DE 1 ANO)

✝ A Família de ETELVINO LINS DE ALBUQUERQUE convida para a Missa de um ano que manda celebrar em intenção de sua bonissima alma, amanhã, 2ª feira, às 11:30hs. na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, à Rua 1º de Março, agradecendo antecipadamente, aos que comparecerem.

Falecimentos

Rio de Janeiro

José Francisco Coelho, 64, de infarto do miocárdio, em sua residência em Ipanema. Natural de São Paulo, advogado, era casado com Maria Augusta Lanari Coelho e tinha duas filhas.

Arthur Ferreira Maia, 82, de parada cárdio-respiratória, no Hospital do INAMPS da Lagoa. Natural do Estado do Rio, aposentado, era casado com Maria de Lourdes da Silva Maia. Morava no Catumbi.

Edwaldo de Luna Pedrosa, 73, de infarto agudo do miocárdio, no Instituto Brasileiro de Cardiologia. Natural de Pernambuco, militar, era casado com Eymar Pinto de Luna Pedrosa e tinha dois filhos. Moravam em Copacabana.

Lygia Lflucht Roltgen, 59, de infarto agudo do miocárdio e hipertensão arterial, na Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro. Natural do Rio de Janeiro, aposentada, era solteira. Morava na Glória.

Evio Pereira da Silva, 24, de fratura de base de crânio com hemorragia craniana por projétil de arma de fogo, na Estrada Manoel de Sá. Natural do Maranhão, comerciário, era solteiro. Morava em Duque de Caxias.

Antônia Clemente Guedes da Silva, 51, de hipertensão arterial e pneumonia, no Hospital Miguel Couto. Natural da Paraíba, era casada com Luiz Herculano da Silva e tinha nove filhos. Morava na Rocinha.

Exterior

Eduardo Le-Riverend, 77, em Miami, Flórida. Ex-Juiz da Suprema Corte de Justiça de Cuba, ocupou uma cadeira na Faculdade de Direito de Havana, tendo entre seus alunos Fidel Castro, que se formou em 1950. Conduzido à Suprema Corte por Castro quando este chegou ao Poder em 1959, renunciou em 1961 em protesto contra o regime castrista e emigrou para os Estados Unidos, lecionando na Universidade de Miami.

Lagoinha implode edifício

Belo Horizonte — Milhares de pessoas foram assistir, ontem, no início da tarde, ao desaparecimento do último prédio do boêmio bairro da Lagoinha, por onde passará o futuro trem metropolitano de superfície desta Capital. Enquanto 240 quilos de explosivos destruía uma área construída de 4 mil 300 metros quadrados, diversas lojas de disco nas proximidades tocavam **Adeus Lagoinha**, música de Gervásio Horta e Lagoinha.

A implosão durou cerca de sete segundos e custou cerca de Cr$ 9 milhões. Durante o espetáculo, o engenheiro Mauro Garcia Rosa confessou-se emocionado com a destruição da obra, que levou 18 meses para construir e foi inaugurada em 12 de dezembro de 1964.

O Ministro dos Transportes, Eliseu Resende, que estava presente, disse que além da ferrovia, será construída uma área de lazer. O projeto custará 400 milhões de dólares, com 220 milhões de equipamentos e 180 milhões de dólares em desapropriações e obras civis.

Polícia acha dois corpos em Valqueire

Dois homens — um preto e um branco — não identificados, foram encontrados mortos a tiros, na manhã de ontem, num loteamento do bairro Sulacap, na Vila Valqueire, em Jacarepaguá. A perícia constatou que o lado direito de um dos corpos estava deformado, o que levou os policiais a acreditar que os criminosos, após o assassínio, passaram de carro sobre a vítima.

Os corpos, crivados de balas calibre 38, 32 e de escopetas, estavam a cerca de 12 metros um do outro. O homem branco, de 24 anos presumíveis, tinha um cinto amarrado em um dos braços, o que, para o perito Osvaldo Franco, pode significar que ele e o preto foram amarrados um ao outro, mortos, e depois separados. Segundo o perito, o duplo homicídio deve ter ocorrido por volta das 23h de sexta-feira.

Policiais da 33ª DP, de Realengo, estiveram no local e ouviram os poucos moradores da área, que em nada contribuíram para as investigações. Os corpos foram removidos para o Instituto Médico-Legal, onde está sendo aguardada a identificação.

Geraldo Viola

A explosão destruiu parcialmente 9 casas

Explosão em quarto com fogos de artifícios mata em Niterói menina de 12 anos

A menina Andréia Vargas Rangel, de 12 anos, morreu ontem, completamente mutilada, em conseqüência da explosão de um quarto da casa 8 da Rua Vital Brasil, em Niterói, onde era armazenada grande quantidade de fogos de artifício. A explosão foi ouvida nos bairros de Santa Rosa, Icaraí e São Francisco, e provocou pânico entre os vizinhos da casa que explodiu, que presenciaram paredes ruindo, telhas voando e móveis e utensílios domésticos atirados a cerca de 100 metros.

A explosão provocou a destruição parcial de nove residências. Partes do corpo de Andréia foram arremessadas a cerca de 60 metros, sendo que uma de suas pernas foi encontrada na quadra da Escola de Samba Sousa Soares, onde ela desfilava como passista. Os fogos pertenciam a Osvaldir Gouveia de Vargas, conhecido como "fogueteiro", tio da menina. Para a perícia, além dos fogos de artifício, Osvaldir teria no quarto bananas de dinamite.

ENSAIO

Andréia, que morava com a mãe, Osvaldina Gouveia de Vargas — separada do marido, Hélio Rangel — e dois irmãos menores, no bairro Rio do Ouro, em Alcântara, costumava passar os fins de semana na casa da avó Antonieta Tinoco de Vargas, de 60 anos, na Rua Vital Brasil, para poder participar dos ensaios da Escola de Samba Sousa Soares, que fica em frente. Na casa, residiam ainda dois filhos de Antonieta, Osvaldir Gouveia de Vargas, de 35 anos, Devair Gouveia de Vargas, de 30, motorista de táxi, sua mulher, Teresinha Machado, de 25, e a filha Elaine, de cinco.

Por volta das 13h de ontem, a menina encontrava-se sozinha em casa, quando chegou seu tio Devair, que foi lavar o carro na calçada em frente. Depois, como estivesse muito suado, ele foi tomar banho, momento em que ocorreu a explosão, num dos dois quartos localizados nos fundos da casa, que foi totalmente destruída, com exceção do banheiro, onde estava Devair. O telhado foi pelos ares junto com as paredes, basculantes foram arrancados e os móveis e utensílios arremessados a vários metros.

Foram acionados o 3º Grupamento de Incêndio, o 12º BPM e a 77ª DP, em Santa Rosa, cujos policiais isolaram o local, onde se aglomeraram dezenas de pessoas. O corpo de Andréia ficou totalmente mutilado. A perna esquerda foi encontrada na quadra da Escola de Samba, e o tronco, a cabeça e os dois braços recolhidos pelos bombeiros na esquina das Ruas Valdir Cabral e Lions, as vísceras no portão da casa 11-A, do outro lado da rua, e a perna direita no telhado da residência.

MAIS DANOS

A explosão causou sérios danos em nove residências. Na do motorista de táxi Valter Porfírio da Silva, na Rua Lions, 48, uma parede ruiu, 22 telhas grandes foram arremessadas para o ar, bem como as tampas da cisternas, e o terraço foi totalmente destruído. A casa do delegado Hugo Soares Cavalcante, da 38ª DP, em Irajá, também foi atingida, tendo as paredes, o teto e as vidraças danificados.

A causa da explosão ainda é desconhecida, mas a polícia supõe que a menina tenha entrado no quarto e acendido um fósforo. O perito Luís Carlos Azevedo, do Instituto Carlos Éboli, examinou o local e, devido à forte explosão, perguntou ao motorista Devair se seu irmão, além dos fogos, guardava bananas de dinamite. Devair negou.

Há três meses, Osvaldir sofreu um acidente durante uma festa de pescadores em Itaipu, quando um foguetão estourou em sua mão direita, causando a perda de dois dedos.

Assaltantes invadem casa de promotor e roubam TV e Cr$ 200 mil em jóias

Niterói — Três homens armados de revólveres invadiram, quase ao início da madrugada de ontem, a residência do promotor de justiça Jorge Armando Figueiredo (casado, 55 anos), situada a Rua Macaé, nº 7, bairro do Pé Pequeno. Os assaltantes renderam um dos filhos do proprietário da casa, Carlos, de 21 anos, que se encontrava na varanda da residência em companhia da noiva.

Depois de obrigarem o casal a levá-los para dentro, os assaltantes renderam o promotor, sua esposa e mais um casal de filhos, passando a fazer ameaças de morte, caso alguém tentasse reagir. Um dos bandidos se encarregou de manter a família sob a mira de um revólver, enquanto os outros dois vasculhavam salas e quartos atrás de dinheiro e jóias. Conseguiram apoderar-se de uma televisão a cores e de pequena importância em dinheiro, além de jóias avaliadas pelas vítimas em pouco mais de Cr$ 200 mil.

TIROS

Na fuga, os três assaltantes entraram em um Volkswagen azul, que os aguardava na rua, tendo em seu interior um casal. Alertados pelos gritos da família, alguns vizinhos tentaram perseguir o carro, e os bandidos chegaram a disparar três tiros em direção ao grupo. Policiais da 77ª DP (Santa Rosa), divididos em duas equipes, pesquisaram vários pontos da cidade, sem entretanto conseguirem qualquer pista dos assaltantes.

Testemunhas da fuga do trio contaram ao promotor que o casa visto no interior do Volks passou todo o tempo que durou o assalto — cerca de 20 minutos — na esquina da rua, simulando um namoro. Minutos antes dos três homens armados iniciarem a corrida em direção ao carro, eles haviam embarcado no veículo, preparando a fuga.

DOPS prende seqüestrador de filho de usineiro com Cr$ 15 milhões do resgate

São Paulo — O DOPS revelou ontem a prisão do responsável pelo seqüestro do garoto Leonardo Carolo, de 10 anos, filho de Laerte Carolo, usineiro de Pontal, no interior do Estado, no início do mês. O seqüestrador, que recebeu como resgate Cr$ 20 milhões, é Ivã Marcos Maggio, que mora em Ribeirão Preto e com quem a polícia encontrou Cr$ 15 milhões. Com Cr$ 5 milhões ele comprou uma propriedade em Campinas (SP).

O diretor-geral do DOPS, delegado Romeu Tuma, disse que para prender Ivã Marcos Maggio teve que preparar um ardil, "uma verdadeira armadilha que o trouxe de volta a Ribeirão Preto, com o dinheiro". O DOPS divulgou o nome de um suposto seqüestrador, apenas para atrair o verdadeiro, que pensou que a polícia estava fora de sua pista.

PRISÃO

A prisão de Ivã Maggio se deu na tarde de sexta-feira, mas só foi divulgada ontem, quando do início do interrogatório oficial, em Ribeirão Preto, onde continua detido o autor do seqüestro de Leonardo Carolo.

Ivã é conhecido na cidade e, segundo o delegado Romeu Tuma, desde o começo das investigações ele era tido como um dos principais suspeitos. Foi procurado em sua casa e não foi encontrado. Sem revelar suas suspeitas, o DOPS divulgou a notícia de que Moisés do Nascimento Cabral, conhecido como **Tenente Cabral**, era o responsável pelo seqüestro do menino.

Como parte do plano urdido pelo DOPS, o menino Leonardo apontou na Delegacia regional de Ribeirão Preto, no dia 13 último, em presença de testemunhas, uma fotografia de Moisés do Nascimento Cabral, tirada em 1971, como "semelhante à fisionomia de seu seqüestrador" e o termo de reconhecimento foi enviado à Delegacia de polícia de Ribeirão Preto. O nome de Ivã Marcos Maggio aparecia em segundo lugar na lista dos suspeitos. Ao tomar conhecimento desse fato, o seqüestrador voltou a Ribeirão Preto, levando consigo o dinheiro.

Compra de imóveis deu a pista aos policiais

Ribeirão Preto — O seqüestrador do menino Leonardo Carolo, de 10 anos, é um vendedor-viajante, de 35 anos, pai de três filhos e residente em Ribeirão Preto.

Foi preso às 8h na Av 13 de Maio esquina com a Rua Laguna, após uma perseguição que começou na Vila Virgínia, onde ele tinha levado sua amante para ver os filhos que moram com o ex-marido.

Ivã fugiu num Volkswagen, que foi atingido por policiais com 3 tiros. Depois de ter o carro atingido ele acenou com um lenço branco, em sinal de rendição, e foi preso. No interior do veículo a polícia encontrou Cr$ 15 milhões, nos mesmos dois sacos de lixo e em uma maleta 007. Dos Cr$ 20 milhões, Ivã gastou quase Cr$ 5 milhões para comprar imóveis, em Praia Grande, litoral de São Paulo e em Campinas.

PISTA

A casa onde manteve Leonardo Carolo em cárcere foi alugada por 20 dias num conjunto habitacional. Ele alugou depois uma outra casa no mesmo conjunto, no qual residia. Foram as negociações para a compra de uma residência em Ribeirão Preto que levaram a polícia a descobrir o autor do seqüestro.

Ivã chegou ontem à noite de Campinas e a polícia armou um esquema com 50 homens para capturá-lo. O seqüestrador do filho do usineiro Laerte Carolo, da cidade de Pontal, contou que a máquina que usou para escrever os bilhetes e o carro usado (um Variant azul e um Volkswagen vermelho) já estão com a polícia.

DEPOIMENTO

Depois de prestar depoimento por seis horas, Ivã Maggio revelou que fez o seqüestro sozinho, usando um revólver de brinquedo. Explicou por que praticou o seqüestro dizendo que estava em dificuldades financeiras.

Chorando e pedindo desculpas à família, disse que seqüestrou o menino porque "os credores estavam-me sufocando e neste mundo de louco de hoje", completou, "a gente sempre procura uma válvula de escape". O seqüestro foi baseado no anterior ocorrido em São Paulo, quando foi seqüestrado o menor Luís Misasi, estando impunes ainda os seus captores.

Leonardo foi bem tratado durante o seqüestro, "ficou no meu quarto e assistiu a televisão. Jamais passou pela minha cabeça matá-lo. Nunca mataria uma pessoa. Sou incapaz de fazer mal a uma barata. Não mataria jamais", afirmou.

— A única coisa de que me arrependo é ter encapuzado Leonardo e de tê-lo colocado no porta-malas do carro. Disse a ele que se pudesse levaria ele de volta. É um bom menino — afirmou.

Disse que a imprensa também é responsável pelo seqüestro, "deveria proibir a divulgação de seqüestros. Isso me levou a cometer o crime. Se não tivesse lido, nada disso teria acontecido".

A prisão de Ivã foi pedida ontem mesmo pelos delegados do DOPS, por prática de crime de extorsão, seguida de um seqüestro de menor, por mais de 24 horas. A pena para o crime é de 8 a 20 anos de prisão.

O seqüestro do menino Leonardo ocorreu no dia 20 de setembro e libertado após o pagamento de Cr$ 20 milhões. Quanto ao seqüestro do garoto Luís Misasi, de 12 anos, em maio, ainda não foi esclarecido até hoje. Ele foi libertado pelos seqüestradores após o pagamento de Cr$ 15 milhões.

Grupo fuzila albergado, ex-presidiário e mais um amigo em São Cristóvão

Três pessoas mortas — entre elas um albergado e um ex-presidiário — foi o saldo de um tiroteio ocorrido na madrugada de ontem, na favela Parque Alegria, em São Cristóvão. No local, conhecido por Rato Molhado, as vítimas foram surpreendidas por um grupo, e executadas. Dois morreram no local e um no Hospital Sousa Aguiar.

Os mortos foram identificados como Jorge de Sousa, o ex-presidiário, de 44 anos, conhecido na favela como estuprador e traficante de drogas; o albergado Oscar Luís Resende, de 40 anos, e o jovem Aloísio Firmino da Silva, de 20 anos, que foi recolhido na pista lateral de subida da Avenida Brasil por uma equipe de guardas de trânsito da PM e morreu no hospital.

NINGUÉM SABE NADA

O tiroteio ocorreu por volta de uma hora da manhã. Finda a troca de tiros, nas esquinas das Ruas Central e Ana Casemira, estava o cadáver de Jorge, executado com seis tiros, e, não distante dali, nas proximidades da linha férrea, jazia o albergado Oscar. Sob o corpo deste a polícia arrecadou seis cápsulas intactas para arma calibre 38.

A uma distância de 400 metros desses corpos, agonizante, foi encontrado na Avenida Brasil, na esquina da Rua Peter Lund, Aloísio. A polícia não encontrou arma com nenhuma das três vítimas. Num dos bolsos da calça de Oscar, foi encontrado o cartão de albergado, de número 626634, assinado pelo Juiz Francisco Horta. Oscar tinha uma perfuração e Aloísio duas, produzidas por tiro.

Investigando nas proximidades de onde os corpos estavam, os policiais da 17ª DP e soldados da Polícia Militar entrevistaram várias pessoas, mas nenhuma delas forneceu informação que possibilitasse a identificação do grupo assassino.

INPE/CNPq — 7h47m (17/10/81) — Cortesia Pássaro Marron

Na fotografia que publicamos hoje, observamos que grande parte das regiões, Norte e Nordeste do Brasil, aparecem com a área escura, indicando ausência de nebulosidade e temperaturas elevadas. Observamos algumas áreas de chuvas apenas no Acre, no Maranhão, e na região Sudoeste e Oeste do Amazonas.

Uma frente fria em dissipação está localizada sobre o oceano Atlântico, na altura do litoral da Bahia. Grande parte dos Estados, Rio de Janeiro, Espírito Santos, Minas, São Paulo, e a região Sul do Brasil, o Uruguai aparecem com a área escura indicando ausência de nebulosidade.

Uma frente fria está localizada no extremo Sul do continente estendendo-se pelo oceano Pacífico.

As imagens do Satélite Meteorológico SMS são recebidas diariamente, pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe/CNPq), em São José dos Campos — SP. As imagens do Satélite são transmitidas em infravermelho. As áreas brancas indicam temperaturas baixas, e as áreas pretas temperaturas elevadas.

Conhecendo-se a temperatura das áreas brancas e das áreas pretas, podemos com uma escala cromática determinar as temperaturas da superfície da Terra, das massas de ar e do topo das nuvens.

NO RIO

Nublado com chuvas esparsas. Temperatura em declínio. Ventos Sudoeste fracos a moderados. Máxima de 26.9 na Praça 15 e mínima de 17.5 no Alto da Boa Vista.

AS CHUVAS

Precipitação (mm)

Últimas 24 horas	0.0
Acumulado este mês	25.1
Normal mensal	74.0
Acumulado este ano	541.1
Normal anual	1075.8

O SOL

Nascer —	5h18m
Ocaso —	17h55m

O MAR

Marés

Rio de Janeiro — Preamar — 01h16m/0.4m 09h49m/0.9m e 17h47m/0.9m. Baixa mar — 06h07m/1.0m e 14h16m/0.7m. **Angra dos Reis** — Preamar — 00h29m/0.4m 13h22m/0.6m e 19h29m/0.7m. Baixa mar — 04h14m/1.2m e 16h18m/1.1m. **Cabo Frio** — Preamar — 05h33m/1.1m e 16h44m/1.0m. Baixa mar — 12h25m/0.7m.

Temperaturas

Fora da barra —	20 graus
Dentro da baía —	20 graus

Mar — calmo
Corrente — Sul para Leste

OS VENTOS

Sudoeste fracos a moderados

A LUA

CHEIA 13/10
MINGUANTE 20/10
NOVA 27/10
CRESCENTE 5/11

NOS ESTADOS

Amazonas — Nub. a pte. nub. Temp.: estável. Ventos: N/fracos. Máx. 34.4; min. 24.1. **Roraima** — Nub. a pte. nub. Temp.: estável. Ventos: NE fr/calmo. Máx. 34.5; min. 23.1. **Acre** — Nub. c/chvs. esparsas. Temp.: estável. Ventos: variáveis fr/calmo. **Pará** — Pte. nub. a nub. sujeito a chvs. ocs. na Foz do Amazonas. Temp.: nub. no restante do Estado. Temp.: estável. Ventos: Norte fracos. Máx. 32.2; min. 21.0. **Rondônia** — Pte. nub. a nub. suj. a chvs. ocs. Temp.: estável. Ventos: variáveis fr. a calmo. Máx. 30.0; min. 22.4. **Piauí** — Pte. nublado. Temp.: estável. Ventos: NE fracos. Máx. 39; min. 25.4. **Ceará** — Pte. nublado. Temp.: estável. Ventos: Leste fracos. Máx. 32.4; min. 21.1. **Rio Gde. do Norte** — Pte. nublado. Temp.: estável. Ventos: Leste fracos. Máx. 32.6; min. 21.2. **Amapá** — Pte. nublado a nublado. Temp.: estável. Ventos: NE fracos. Máx. 32.4; min. 21.1. **Maranhão** — Pte. nublado a oeste. nublado no litoral. Temp.: estável. Ventos: NE fracos. Máx. 32.2; min. 24.5. **Paraíba** — Pte. nublado. Temp.: estável. Ventos: Leste fracos. Máx. 29.0; min. 19.0. **Pernambuco** — Pte. nublado. Temp.: estável. Ventos: Leste fracos. Máx. 29.8; min. 21.0. **Alagoas** — Pte. nublado. Temp.: estável. Ventos: Leste fracos. Máx. 21.2; min. 20.6. **Sergipe** — Pte. nublado. Temp.: estável. Ventos: Leste fracos. Máx. 28.5; min. 22.1. **Bahia** — Nub. a pte. nub. no Oeste e Norte pte. nub. passando a nub. sujeito a chvs. ocs. a partir do Sul. Temp.: estável. Ventos: NE fracos. Máx. 28.7; min. 22.4. **Mato Grosso** — Nub. a pte. nublado. Temp.: estável. Vento: Norte fr/calmo. Máx. 25.0; min. 17.6. **Mato Grosso do Sul**: Máx. 33.7; min. 34.2. **Goiás** — Pte. nub. ao Norte. Pte. ainda sujeito a chvs. esparsas ao Sul. Temp.: estável. Ventos: Norte fracos c/períodos de calmaria. Máx. 30.8; min. 17.7.

Distrito Federal/Brasília — Pte. nublado. Períodos nublado sujeito a instabilidade. Temp.: estável. Ventos: Leste fracos. Máx. 27.8; min. 15.4. **Minas Gerais** — Nub. a enc. sujeito a chvs. esparsas principalmente no Centro Este do Estado. Temp.: estável no início declinando após. Ventos: variáveis fracos a ocasionalmente moderados. Máx. 29.4; min. 17.0. **Esp. Santo** — Nub. a enc. sujeito a chuvas. Temp.: ligeiro declínio. Ventos: Sul fr. a moderados. Máx. 25.2; min. 21.2.

Rio de Janeiro — Nublado com chuvas esparsas principalmente no litoral do Estado. Temp.: em declínio. Ventos: SSW fracos a moderados. Máx. 26.9; min. 17.5. **S. Paulo** — Nub. a pte. nub. com névoa úmida pela manhã. Temp.: estável. Ventos: S/E fracos a moderados. Máx. 19.6; min. 14.6. **Paraná** — Nub. no litoral com nvs. esparsas pte. nub. nas demais reg. Temp.: estável. Ventos: S/E fracos a moderados. Máx. 17; min. 16.4. **Stª Catarina** — Nub. a pte. nublado no litoral. Claro a pte. nublado nas demais reg. Temp.: estável. Ventos: Sul a Leste fracos a moderados. Máx. 19.8; min. 17.1. **Rio Gde. do Sul** — Claro a pte. nublado passando a nub. no Oeste. Temp.: estável na madrugada. Elevação de dia. Ventos: Sul a Leste fr/moderados. Máx. 17.0; min. 10.2.

ANÁLISE DA CARTA SINÓTICA DO INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA — Frente fria no litoral Sul do Estado da Bahia com fraca atividade sobre o continente, estendendo-se no Atlântico Sul deslocando-se rapidamente.

NO MUNDO

Amsterdã — 10, claro; **Barbados** — 30, claro; **Beirute** — 28, claro; **Belgrado** — 20, claro; **Berlim** — 8, claro; **Bogotá** — 19, nublado; **Bruxelas** — 13, chuvoso; **Buenos Aires** — 20, claro; **Caracas** — 28, nublado; **Chicago** — 17, chuvoso; **Copenhague** — 11, nublado; **Curitiba** — 23, nublado; **Dublin** — 10, claro; **Cairo** — 31, claro; **Estocolmo** — 7, nublado; **Frankfurt** — 9, nublado; **Genebra** — 19, claro; **Hong-Kong** — 28, claro; **Honolulu** — 31, claro; **Jerusalém** — 25, claro; **Johannesburg** — 26, claro; **Havana** — 29, claro; **Lima** — 19, claro; **Lisboa** — 22, claro; **Londres** — 9, chuvoso; **Los Angeles** — 25, claro; **Madri** — 30, nublado; **Miami** — 27, claro; **Montevidéu** — 13, nublado; **Montreal** — 13, nublado; **Moscou** — 5, claro; **Nassau** — 29, claro; **Nova Déli** — 35, claro; **Nova Iorque** — 22, claro; **Oslo** — 1, claro; **Paris** — 17, nublado; **Rio de Janeiro** — 31, claro; **Roma** — 25, nublado; **San Francisco** — 24, claro; **San Juan** — 32, claro; **Santiago** — 16, nublado; **São Paulo** — 25, claro; **Tel Aviv** — 29, claro; **Tóquio** — 23, claro; **Toronto** — 12, claro; **Viena** — 10, nublado.

Portofino pode ganhar o clássico

1º PÁREO — Às 14h00 — 1200 metros — Areia
Recorde: Iatagan — 1m12s 2/5 — Cr$ 152 mil — DUPLA EXATA

1—1	Dunjon, G. Alves	2	56	1º (7) Donner e Tamão	1400	GU	1m27s	J. Santos Fº
2	Deyna, G. Meneses	7	56	3º (5) Derrick e Sabajo	1400	GU	1m24s	W. Aliano
2—3	Corey, J. Pinto	3	56	1º (8) Leonildo e Inkling	1200	NP	1m14s3	J.A. Limeira
4	Dom João, J. Malta	6	56	11º (12) Boricão de Ouro e Innocuo	1000	GL	58s	L.C. Soares
3—5	Kippally, A. Ramos	4	56	1º (7) Catauro e Pajola	1000	NP	1m02s1	J.L. Pedrosa
6	Devin, E. Freire	5	56	1º (13) Dunjon e Husson	1000	GL	59s3	W. Aliano
4—7	Sabajo, J. Ricardo	1	56	2º (5) Derrick e Deyna	1400	GU	1m24s	Z.D. Guedes
8	Zorpe, J. M. Silva	8	56	3º (6) Cristof e Dervish	1500	AP	1m34s	A. Moraes

• Este páreo para potros de três anos já ganhadores de uma corrida surge razoavelmente equilibrado. Kipally, apesar de ser um dos nomes de campanha mais extensa e rigorosa, parece o concorrente mais forte. Sabajo, montaria de Jorge Ricardo, tentando continuar brigando pela estatística, e Corey, vindo de boa vitória, são seus maiores rivais. (Kipally — Sabajo — Corey)

2º PÁREO — Às 14h30m — 1000 metros — Areia
Recorde: Cranaos — 59s 4/5 — Cr$ 101 mil — FORÇA AÉREA BRASILEIRA

1—1	Good Lawyer, A. Oliveira	1	54	1º (9) Brentano e Beaujolais	1100	NP	1m08s	A. Araujo
2	Alce Veloz, J. Pinto	5	54	4º (5) Leif e Atop Sin	1000	AP	1m00s2	O.J.M. Dias
2—3	Maximus, A. Machado Fº	6	58	1º (9) Intile Light e Gelber	1200	NP	1m14s3	R. Carrapito
"	Nobelo, Juarez Garcia	3	55	5º (5) Pyogyong e Leif	1000	NP	1m00s4	R. Carrapito
3—4	Shikyn, G. F. Almeida	7	54	2º (6) Daily e Gallar	1200	NL	1m14s	W. Aliano
5	Kubrick, E. Ferreira	8	54	2º (7) Milanez e Imbó	1300	AU	1m19s3	W.P. Lavor
4—6	Gelber, J. M. Silva	2	57	1º (11) Nietzshe e Intile Light	1300	NP	1m21s1	A.P. Silva
"	Debile, J. Malta	4	56	5º (5) Leif e Atop Sin	1000	AP	1m00s2	A.P. Silva

• Apesar de não ser mais o mesmo pelos problemas que o acometeram ultimamente, Kubrick (que não chegou, a rigor, a homenagear, como devia o belo diretor de Barry Lindon), é muito superior à turma que vai enfrentar à tarde. Mesmo o quilômetro sendo curtíssimo para ele, deve vencer. Good Lawyer e Nobelo, que gosta de surpreender, vêm a seguir. (Kubrick — Good Lawyer — Nobelo)

3º PÁREO — Às 15h00 — 1400 metros — Grama
Recorde: Il Trovatore — 1m22s 2/5 — Cr$ 87 mil — CORREIO AÉREO NACIONAL

1—1	Zazou, J. M. Silva	2	56	5º (8) Cedron e Nightman	1600	GU	1m35s4	W. Penelas
2—2	Escamoso, J. Pinto	1	58	6º (8) Cedron e Nightman	1600	GU	1m35s4	R. Carrapito
3	Joanico, I. Agostinho	6	55	1º (8) Tuins e Jack Boy	1600	NP	1m42s1	C. Rosa
3—4	Franklin, A. S. Oliveira	7	56	1º (10) Tuins e Blu	1600	AP	1m35s3	O. F. Bastos
5	Axioma, J. C. Castillo	4	49	6º (8) Escardillo e Trifle	1300	NU	1m21s1	F. Saraiva
4—6	Devilish Khan, J. Machado	5	57	1º (8) Aristarco e El Mercurio	1600	NP	1m42s4	R. Costa
7	Bad Man, J. Ricardo	3	53	7º (10) Iapix e Berlioz	1600	NL	1m40s2	C. H. Coutinho

• Em caso de grama, Axioma, pelo peso levíssimo que levará, e Bad Man teriam que ser colocados entre os candidatos mais fortes. Mas como, ao que tudo indica, normalmente, este páreo será transferido para a areia, Zazou (teoricamente a força nas duas raias), Joanico e Devilish Khan, apesar da distância curta, são as forças aparentes. (Zazou — Joanico — Devilish Khan)

5º PÁREO — às 16h00 — 1200 metros — Grama
Recorde: Zoliz — 1m10s 1/5 — Cr$ 147 mil — 1º GRUPO DE CAÇA

1—1	Capoeira, J.M. Silva	5	56	10º (12) My Piño (CJ)	1200	AP	1m14s7	S. Morales
2	Hércule Poirot, J. Ricardo	6	56	7º (10) Zeng e Catauro	1100	NL	1m08s4	R. Carrapito
2—3	Balmont, C. Valgas	11	56	5º (7) Chastilho A e Artesana	1500	GU	1m31s3	A. Vieira
4	Set Point, W. Gonçalves	3	56	Estreante	Estreante			E. P. Coutinho
5	Thimo, F. Lemos	10	56	10º (13) Pajola e Gotta Be	1000	NU	1m01s4	B. Silva
3—6	Fito, G. Meneses	8	56	6º (11) El Suace e M. Panche	1400	AP	1m29s	L. Coelho
7	Oran, T.B. Pereira	2	56	Estreante	Estreante			I. Amaral
8	Frade, L. Maia	1	56	7º (8) My Ir Now e Tufão	1200	NP	1m14s3	S. França
4—9	Tamao, H. Arruda	9	56	3º (7) Dunjon e Donner	1400	GU	1m27s	C.I.P. Nunes
10	Leonildo, P. Vignolas	4	56	2º (8) Corey e Inkling	1200	NP	1m14s3	O.M. Fernandes
11	Catauro, M. Andrade	7	56	5º (8) Corey e Leonildo	1200	NP	1m14s3	J. Coutinho

• Ainda bem que, quase certamente, não haverá raia de grama pois prova em 1 mil 200 metros nesta raia, pela péssima localização de sua largada (praticamente na curva), chega a ser absurda. Na areia, Fito pode ser o ganhador. Balmont continua muito comentado. Hércule Poirot, embora sem a massa cinzenta do belga de Agatha Christie, pode surpreender. (Fito — Balmont — Hércule Poirot)

6º PÁREO — às 16h30 — 1500 metros — Areia
Recorde: Tirafogo — 1m31s 4/5 — Cr$ 124 mil — IIIº COMANDO AÉREO NACIONAL

1—1	Balenato, J. Pinto	7	57	7º (8) Upset e Snow Scotch	2100	NP	2m17s2	J. A. Limeira
2	Heaven Quiz, J. M. Silva	1	56	6º (8) Nightman e Great Defensor	1600	AL	1m39s4	S. Morales
2—3	Standar, E. Ferreira	4	52	1º (12) Hitter e Calbor	1300	NP	1m20s2	A. Morales
4	Bem Ksor, J. Malta	2	52	4º (8) Cedron e Nightman	1600	GU	1m35s4	A. Hodecker
3—5	Cajou, S. Silva	3	54	1º (8) Standar e Uncle Ton	1200	NU	1m14s3	E. C. Pereira
6	Sol Bonito, J. Ricardo	6	53	1º (6) Gov. da Gávea e Clear Day	1500	GU	1m31s2	C.H. Coutinho
4—7	Cnossos, G. Meneses	5	53	4º (8) Nightman e Great Defensor	1600	AL	1m39s4	F. Saraiva
"	Créon, W. Gonçalves	8	52	1º (7) Fiero e Di Stefano	1500	GU	1m31s4	F. Saraiva

• Na areia, embora seja dado a fracassos um tanto inexplicáveis, Balenato é a força indiscutível desta prova, surgindo, a rigor, como uma das melhores indicações para hoje. Cnossos deve correr bem. Sol Bonito, vindo de expressiva vitória na turma de baixo na raia de grama, mesmo com a passagem para a areia, é nome muito perigoso. (Balenato — Cnossos — Sol Bonito)

7º PÁREO — às 17h00 — 1200 metros — Areia
Recorde: Iatagan — 1m12s2/5 — Cr$ 152 mil
Dupla exata — SANTOS DUMONT — (PROVA ESPECIAL DE LEILÃO)

1—1	Acteur, J. Ricardo	11	56	3º (9) Dácio e Dunjon	1300	AL	1m20s4	Z. D. Guedes
"	Asprey, E. B. Queiroz	5	56	5º (7) Dunjon e Donner	1400	GU	1m27s	Z. D. Guedes
2	Husson, G. Alves	10	56	4º (9) D. Day e Gamão	1300	AL	1m21s1	S. Morales
2—3	Rubilar, J. M. Silva	8	56	4º (9) Dácio e Dunjon	1300	AL	1m20s4	A. P. Silva
4	Dodger, G. F. Almeida	2	56	5º (9) D. Day e Gamão	1300	AL	1m21s1	O.M. Fernandes
5	Great Evening, F. Araújo	15	56	9º (9) Dácio e Dunjon	1300	AL	1m20s4	A. Nahid
6	Epilobio, G. Meneses	9	56	Estreante	Estreante			P. Morgado
3—7	Gamão, A. Oliveira	3	56	2º (9) D. Day e Donner	1300	AL	1m21s1	W. Penelas
8	Verner, I. Brasiliense	4	56	7º (13) Devin e Dunjon	1000	GL	59s3	A. Ricardo
9	Dernier Cry, L. Maia	6	56	11º (12) Karó e Gotta Be	1100	NP	1m07s4	J. E. Souza
10	Dorghester, E. Marinho	7	56	5º (13) Devin e Dunjon	1000	GL	59s3	J. A. Limeira
4-11	Sardonito, C. Xavier	12	56	8º (9) D. Day e Gamão	1300	AL	1m21s1	G. L. Ferreira
12	Bombarral, V. Oliveira	13	56	7º (9) D. Day e Gamão	1300	AL	1m21s1	A. Ricardo
13	Dorval, J. Pinto	14	56	Estreante	Estreante			W. O. Vargas
"	Doncourt, L. Godinho	1	56	Estreante	Estreante			W. O. Vargas

• Outra carreira para potro de três anos, estes perdedores e comprados em leilão no Rio. Dorval, um filho de Kublai Khan, treinado por João de Assis Limeira, estréia comentadíssimo. Como não há nenhuma especialidade, pode perfeitamente justificar as esperanças. Acteur, se for bem corrido (na última vez, não foi), e Gamão, logo a seguir. (Dorval — Acteur — Gamão)

8º PÁREO — às 17h30 — 1100 metros — Areia
Recorde: Atop Sin — 1m06s2/5 — Cr$ 147 mil — VIAÇÃO CIVIL BRASILEIRA

1—1	Mother Goose, E. Ferreira	1	56	4º (8) Istrata e Daetita	1000	NL	1m01s3	W. P. Lavor
2	Con Permisso, H. Arruda	7	56	13º (14) Carmosine e Hasiola (CJ)	1000	GL	58s3	M. A. Ribeiro
2—3	Arusha, J. Ricardo	5	56	Estreante	Estreante			Z. D. Guedes
4	Tugana, J. C. Castillo	4	56	9º (13) Djedda e Cristolete	1000	AP	1m03s1	L. C. Soares
5	Tennis Girl, J. Escobar	3	56	6º (7) A. Carolina e D. Miss	1200	NU	1m14s4	E. P. Coutinho
3—6	Falaya, J. Pinto	9	56	3º (7) A. Carolina e D. Miss	1200	NU	1m14s4	R. Nahid
"	Feukridge, G. F. Almeida	2	56	5º (10) Daridia e R. Armoniosa	1100	NL	1m08s3	R. Nahid
7	Sanem, J. M. Silva	10	56	Estreante	Estreante			R. Morgado
4—8	Facola, T. B. Pereira	11	56	Estreante	Estreante			L. Coelho
"	Fecha, T. B. Pereira	8	56	4º (15) Mamma Mia e Dañina	1400	AL	1m29s4	L. Coelho
"	Fabel, A. P. Souza	6	56	8º (15) Manna Mia e Dañina	1400	AL	1m29s4	L. Coelho

• Finalmente, as potrancas perdedoras de três anos tiveram a sua vez. A distância é 1 mil 100 metros (mais, seria pedir muito). Arusha é outra estreante de hoje que vem provocando muitos comentários. O páreo não está muito difícil e, por isto, pode ganhar de saída. Mother Goose estreou razoavelmente na Gávea e Falaya continua falada. (ARUSHA — MOTHER GOOSE — FALAYA)

9º PÁREO — Às 18h00 — 1600 metros — Areia
Recorde: Farinelli — 1m37s 2/5 — Cr$ 124 mil — AUGUSTO SEVERO

1—1	Rucal, I. Agostinho	9	54	2º (4) Gay Fliert e Sir Tronio	1600	NU	1m41s2	J.T. Ferrão
2	Trumó, G. F. Almeida	3	54	4º (4) Gay Fliert e Rucal	1600	NU	1m41s2	R. Nahid
2—3	Sir Tronio, E. Marinho	7	58	3º (4) Gay Fliert e Rucal	1600	NU	1m41s2	G. Ulloa
4	Sistema, L. Gonçalves	1	54	5º (12) Cobiçosa e Gibber	1300	NP	1m22s2	N.P. Gomes Fº
3—5	Bheotonio, J. M. Silva	2	54	9º (12) Caucasus (CJ)	1500	GL	1m31s	S. Morales
6	Baby Jo, G. Meneses	6	54	7º (8) Uderaman e Sir Tronio	1600	NL	1m42s	J.B. Silva
4—7	André, L. Correa	4	54	4º (8) Tardif e Holster	1300	GL	1m18s2	S.T. Câmara
8	Flaming Bird, A. P. Souza	8	54	8º (8) Tardif e Holster	1300	GL	1m18s2	I. Amaral
9	Bregal, J. B. Fonseca	5	54	5º (11) Demoffoon e Tutoky	1300	GL	1m18s	J.L. Pedrosa

• Uma carreira das mais desinteressantes esta penúltima do programa de hoje. Rigorosamente, uma loteria, pois, dependendo do percurso, quase todos podem não perder. Trumó corre sempre cercado de esperanças. Quem sabe, hoje, finalmente, confirmará estas esperanças? Bheotônio e Rucal podem ser os adversários mais fortes do pilotado de G. F. Almeida. (TRUMÓ — BHEOTÔNIO — RUCAL)

10º PÁREO — às 18h30 — 1300 metros — Areia
Recorde: Right Now — 1m18s 3/5 — Cr$ 87 mil
DUPLA EXATA — BARTHOLOMEU DE GUSMÃO

2	Ace Of Aces, L. Santos	2	56	5º (10) Manjolo e Panzito	1300	NP	1m23s2	W. Pedersen
3	Ticum, M. C. Porto	7	56	4º (4) Esbria e Lancer (BH)	1200	NP	1m19s1	A. Hodecker
2—4	Port Salut, R. Silva	3	55	7º (12) Lamento e Sarrazani	1000	NU	1m02s1	J.M. Aragão
5	Uaraim, L. Maia	5	58	9º (10) Trying e Banacek	1300	NU	1m22s1	S. França
6	Ferus, F. Freire	13	56	11º (11) Amadeu e Sarrazani	1000	NL	1m02s	Daniel Neto
3—7	Gaddi, J. M. Silva	10	58	2º (12) Capital e Trifle	1600	NL	1m41s4	A. Molares
8	Panzito, P. Cardoso	11	56	2º (10) Manjolo e Acarape	1300	NP	1m23s2	J. Santos Fº
9	Viva-VIDA, E. Freire	9	55	7º (10) Manjolo e Panzito	1300	NP	1m23s2	G.L. Ferreira
10	Escudo Real, I. Brasiliense	8	55	8º (11) Amadeu e Sarrazani	1000	NL	1m02s	J. Coutinho
4-11	Go Marching, M. França	4	58	3º (8) Kitusca (BH)	1300	NP	1m26s	A. Paim Fº
12	Barcito, J. Ricardo	6	56	1º (13) Jarbas e Adam	1300	NU	1m23s1	L. Acuña
13	Boc. U. Meireles	12	55	1º (8) Efésio e Pampa Girl	1300	NP	1m24s	A. Hodecker
14	Anatov, G. F. Almeida	1	57	7º (12) Bartolo e Atrium	1300	NL	1m22s2	C.A. Morgado

• A programação de logo mais não poderia ter final mais melancólico. Certamente, trata-se de uma das provas mais medíocres de todo o fim de semana. Barcito, aparentemente, é o nome que reúne maiores possibilidades de vencer. Port Salut, sempre esperado, deve correr também o suficiente para ser considerado do rival. Depois, Querir. (BARCITO — PORT SALUT — QUERIR)

A reunião desta tarde no Hipódromo da Gávea tem, como principal atração, a disputa da milha do simplesmente clássico Salgado Filho (Grupo III), para animais de três anos e mais idade, determinada para a raia de grama. Dezessete animais tiveram seus nomes confirmados formando um campo onde o equilíbrio, mais que a classe (um tanto reduzida), é a tônica mais evidente.

As forças

Em um páreo um tanto em aberto, pela falta de um nome realmente significativo, o paulista Portofino (Panquehué em Garboleta, por Garboleto), criação do Haras Pirassununga, pode perfeitamente ser o vencedor surpreendendo os nomes mais em evidência na aparência. Afinal, corredor bastante regular em Cidade Jardim, ele vem de boa corrida clássica em São Paulo ao terminar em quarto no simplesmente clássico Prefeito do Município da Capital (Grupo III), perdendo para adversários que seriam as forças indiscutíveis esta tarde: New Attack, Irezoboo e Efesivo.

Vários nomes, porém, surgem com amplas possibilidades de sucesso. Embora estivesse melhor em uma raia leve, Dutchman (Locris em Dury, por Garboleto), do Haras Sideral, mesmo na pesada, não deve ser subestimado. Hoje à tarde, estará tentando seu segundo triunfo consecutivo no Salgado Filho. Diau (Adam's Pet em Lady Jalna, por Sancy), de Jelda Marushka Paiva Palhares, é também competidor perigoso desde que repita o padrão de carreira exibido em sua vitória no simplesmente clássico Presidente Médici (Grupo III), Gerki (Xaveco em Esgrimista, por Flamboyant de Fresnay), criação do Haras Patente, é o nome de títulos mais sólidos, embora venha se mostrando ultimamente animal um tanto irregular. Seu terceiro na milha internacional de agosto, porém, foi bom.

Outros cotados

Ainda podem ser colocados entre os candidatos a não serem subestimados a égua Vat (Royal Orbit em Haé, por Zuido), do Haras Santa Ana do Rio Grande, Cedron (Millenium em Marseillaise, por Alipio), dos Haras São José e Expedictus, Offenhauser (Earldom II em Crown Case, por Ballymose), do Stud Seguro, Luksor (Sabinus em Que Ninfeta, por Qui Vive), do Haras Santa Maria de Araras, e, finalmente, Brighton (St. Ives em Brigitte II, por Time II), do Stud São Miguel, que venceu esta mesma prova em 1979, derrotando, no último pulo, o tordilho Homard. (Portofino — Dutchman — Diau).

4º PÁREO — Às 15h30 — 1600 metros — Grama
Recorde: Luccarno — 1m33s 4/5 (Cr$ 400 mil)
Grande Prêmio Salgado Filho — Dupla Exata — Início do Concurso

1—1	Vat, A. Oliveira	10	57	1º (9) Valka e Haretha	2000	GP	2m05s1	A. Morales
"	Rock Ridge, R. Freire	13	60	1º (6) Burban e Kazan	1600	GL	1m36s	A. Morales
2	Great Defensor, J. Ricardo	16	59	2º (8) Nightam e Eurus	1600	AL	1m39s4	A. Nahid
3	Portofino, I. Rocha	9	59	4º (6) New Attack (CJ)	1600	GL	1m37s	L. C. Melo
2—4	Cedron, J.M. Silva	3	59	1º (8) Nightman e Pelegrino	1600	GU	1m35s4	F. Saraiva
"	Dark Duke, J.M. Silva	4	54	1º (5) Patalin e Paluá	1300	NU	1m21s	F. Saraiva
"	Capiberibe, G. Meneses	2	59	5º (13) Irezoboo (CJ)	1500	GL	1m41s5	F. Saraiva
5	Pelegrino, J. Escobar	1	59	3º (8) Cedron e Nightman	1600	GU	1m35s4	O. Ribeiro
3—6	Gerke, P. Cardoso	14	60	15º (16) New Attack (CJ)	1600	GL	1m37s	M. A. Ribeiro
7	Offenhauser, G.F. Almeida	7	59	1º (11) Estol e Flamor	1500	GL	1m29s2	A. Paim Fº
8	Diau, W. Gonçalves	11	60	8º (11) Toko e Latina	2000	GL	1m01s2	L. Coelho
"	Estol, T.B. Pereira	8	59	1º (11) Gov. da Gávea e Clear Day	1600	NP	1m40s3	L. Coelho
4—9	Dutchman, J. Pinto	6	60	2º (9) Cedron e Piz Buin	1600	AL	1m39s2	J. Santos Fº
10	Luksor, E. Ferreira	5	59	2º (13) Irezoboo (CJ)	1500	GL	1m31s5	W. P. Lavor
11	Ilopso, A. Soares	12	60	8º (13) Irezoboo (CJ)	1500	GL	1m31s5	E. Feijó
12	Brighton, J. Machado	17	60	7º (9) Cedron e Dutchman	1600	AL	1m39s2	A. Araujo
"	Nightman, J. Queiroz	15	59	2º (8) Cedron e Pelegrino	1600	GU	1m35s4	A. Araujo

Arquivo

Portofino vem de quarto lugar para New Attack e está comentado

Fotos de José Camilo da Silva

A grama não ficou pesada, aumentando as chances de Dutchman

Diau reaparece comentado e é uma das forças do GP desta tarde

A noturna de amanhã

1º PÁREO — Às 20 horas — 1.600 metros Cr$ 124.000,00

			Kg.
1—1	Tuyutina, J. Ricardo	3	53
2—2	Belonda, J.M. Silva	7	55
"	Purungá, G. Alves	2	54
3—3	Habanita, R. Freire	6	60
4	Zizia's Rose, G. Meneses	4	54
4—5	Dorica, J.B. Fonseca	5	54
6	Obarana, J. Pinto	1	54

2º PÁREO — Às 20h30m — 1.000 metros — Cr$ 101.000,00 — (1º Dupla-Exata) —

			Kg.
1—1	Zé do Pito, A. Abreu	4	55
2	Aregat, C. Valgas	1	55
3	Okitz, W. Gonçalves	5	54
2—4	Prince Tigre, J. Ricardo	3	57
5	Ox-Tail, J.M. Silva	12	58
6	Upwell, A. Machado Fº	2	54
3—7	Scrap Book, F. Araújo	7	58
8	Cahill, J.F. Fraga	9	56
9	Boccherini, G. Meneses	10	55
4—10	C'est Si Bon, J. Machado	11	55
11	Achanti, J. Pinto	8	58
12	Gabbler, J. Freire	6	55

36 PÁREO — Às 20h55m — 1.000 metros — Cr$ 87.000,00-(INÍCIO CONCURSO 7 PONTOS)

			Kg
1—1	Butch, A.P. Souza	3	56
2	Lamerigo, I. Brasiliense	2	57
2—3	Clark Kent, F. Lemos	6	58
4	Elfidu, R. Marques	7	56
5	Bré, E. Ferreira	5	57
3—6	Larsen, J.M. Silva	11	57
7	Great Bullet, F. Araújo	9	54
8	Tindaro, J.B. Fonseca	8	56
4—9	Metauro, L. Maia	1	56
10	Fritz Klonner, C. Xavier	10	54
11	Bofara, J. Pinto	4	58

4º PÁREO — Às 21h20m — 1.000 metros — Cr$ 87.000,00

			Kg.
1—1	Malandrinho, D.F. Graça	1	56
2	Dollar Furado, M.C. Porto	7	54
2—3	Fabina, J. Malta	2	57
4	Avalé, J.M. Silva	6	56
3—5	Ceapin, R. Silva	5	56
6	Anfitrião, I. Agostinho	3	55
4—7	Fandaver, L. Maia	4	58
8	Pyllatos, R. Marques	8	55

5º PÁREO — Às 21h50m — 1.300 metros — Cr$ 101.000,00 — (2º DUPLA-EXATA)

			Kg.
1—1	Bookville, A. Abreu	1	58
2	Tio Firmo, E. Marinho	12	56
3	Day Secret, I. Agostinho	7	55
2—4	Gambino, R. Freire	6	57
5	Biborg, A.P. Souza	3	56
6	Atchin, L. Maia	4	58
3—7	Abrojo, J. Ricardo	9	56
8	Tio Nap, J.B. Fonseca	14	57
9	Big Bil, C. Valgas	2	56
10	Bonito, I. Brasiliense	8	57
4-11	I'll Be Lucky, A. Oliveira	10	57
12	Sagaris, J.M. Silva	15	57
13	En Armes, J. Esteves	13	56
14	Don Bosco, P. Vignolas	5	55

6º PÁREO — Às 22h15m — 2.100 metros — Cr$ 110.000,00 — (PROVA ESPECIAL)

			Kg.
1—1	Keaton, P. Cardoso	2	52
2	Rica Sola, J. Malta	4	51
2—3	Zarina, J. Ricardo	3	57
4	Roger Bacon, W. Gonçalves	8	57
3—5	Saltarelo, J.M. Silva	5	54
6	Landgrove, E. Ferreira	6	52
4—7	Bombarial, J. Pinto	7	57
8	Lugareño, J. Machado	1	58

7º PÁREO — Às 22h45m — 1.200 metros — Cr$ 124.000,00

			Kg.
1—1	Calbor, G. Meneses	7	54
"	Coltrane, E. Ferreira	8	54
2—2	Hitter, J. Ricardo	4	54
3	Segall, I. Agostinho	5	54
3—4	Good Poker, J. Machado	9	58
5	Lezard, A. Machado Fº	3	54
4—6	Icarello, A.P. Souza	6	54
7	Uncle Tom, M. Ferreira	2	54
8	Good Mister, J.M. Silva	1	58

8º PÁREO — Às 23h45m — 1.300 metros — Cr$ 124.000,00

			Kg.
1—1	Gay Flirt J. M. Silva	7	54
1	Di Stefano G. Alves	4	54
2—2	Holster G. F. Almeida	8	54
3	Prince Eduard Jz. Garcia	2	54
3—4	Enfoque A. Oliveira	1	55
5	Bagdad Sin J. Ricardo	5	54
4—6	Kind To Run J. Machado	3	54
7	Demofoon E. Marinho	6	58

9º PÁREO — Às 23h45m — 1.300 metros — Cr$ 87.000,00 — (3º DUPLA-EXATA)

			Kg.
1—1	Trifle G. F. Almeida	5	57
2	Very Good F. Araújo	7	55
3	Amadeu M. C. Porto	4	54
4	Blu J. M. Silva	12	57
2—5	Galston J. Ricardo	8	57
6	Conhecido J. Pinto	15	54
7	Bas Fond I. Brasiliense	13	56
8	Lord Simpatia E. B. Queiroz	2	53
3—9	Fang P. Cardoso	11	57
10	Quartzo J. Malta	14	56
11	Andros A. Machado Fº	10	55
11	Escroque P. Queiroz	1	58
4—12	Forec J. Esteves	16	57
13	Lucky Boy R. Marques	17	55
14	Ki-Jato R. Silva	3	57
15	Smetona F. Lemos	9	51
15	Manjolo G. Alves	6	54

Dubois chega em terceiro e Uci em penúltimo no Peru

Lima — Apesar da greve que ameaçou a disputa do **meeting** internacional peruano, o Jockey Clube del Peru conseguiu começar a realização de sua festa máxima. E no quilômetro do Gran Prêmio America (Grupo I), o representante brasileiro, indicado por Cidade Jardim, Dubois (Tumble Lark), terminou em ótimo terceiro lugar, atropelando fortemente pela cerca externa. A vitória pertenceu ao peruano Francis e a segunda colocação a outro representante local, Anid, o grande favorito, cujo piloto reclamou mas a Comissão de Turfe acabou confirmando o páreo. O argentino Michelet, em cujo dorso atuou R. Galloso, muito criticado por todos, acabou na quinta colocação. O outro representante brasileiro, indicado pela Gávea, Uci, só ganhou de um animal. O tempo de Francis, na areia, foi de 56s 1/5.

Resultados da Gávea

1º Páreo — 1200 metros — Pista — AM — Prêmio Cr$ 147.000,00

1º Dear Boy, G. Meneses	56	1,50	11	27,10
2º Bebarbarão, G. F. Almeida	56	2,30	12	1,70
3º Fob, T. B. Pereira	56	6,80	13	3,70
4º Taldador, S. Silva	56	21,30	14	3,30
5º Fulmineo, A. Oliveira	56	6,80	22	35,00
6º Konditor, P. Vignolas	55	40,80	23	10,70
7º Curimbatá, J. M. Silva	56	7,60	24	9,40
8º Farimond, J. Escobar	56	41,50	33	42,80
9º Express Missouri, A. Ramos	56	28,20	34	10,40
10º Hrandi, J. F. Fraga	56	38,00	44	32,90
11º Clandestinus, R. Marques	56	48,20		

Dupla Exata (01-03) Cr$ 4,60. Dif. 3/4 de Corpo e 2 1/2 Corpo — Tempo — 1'16"2 — Venc. (1) Cr$ 1,50 — Dup. (12) Cr$ 1,70 — Placê (1) Cr$ 1,10 e (3) Cr$ 1,30 — Mov. do Páreo Cr$ 1.440.300,00 — Dear Boy — M. C. 3 anos — SP — Falkland e Romanza — Criador e Propr. — Haras São José e Expedictus — Treinador — F. Saraiva.

2º Páreo — 1300 metros — Pista — AM — Prêmio Cr$ 101.000,00

1º Sandstorm, J. M. Silva	58	1,20	12	1,60
2º Langoustine, J. Machado	57	8,90	13	2,30
3º Meg Rose, G. F. Almeida	57	2,60	14	6,00
4º Ibesonera, J. Escobar	54	10,00	22	32,20
5º Bonfire, W. Gonçalves	54	16,20	23	7,10
6º Dépia, R. Silva	54	18,20	24	13,00
7º Duqueiro, J. Malta	55	22,00	33	38,30

Dif. 2 1/2 Corpos e 1/2 Corpo — Tempo — 1'23" — Venc. (1) Cr$ 1,20 — Dup. (13) Cr$ 2,30 — Placê (1) Cr$ 1,10 e (4) Cr$ 1,60 — Mov. do Páreo Cr$ 1.892.650,00 — Sandstorm — F. A. 5 anos — PR — Cigal e Oulú — Criador — Haras Palmital — Propr. — José Roberto Maria Filippone — Treinador — W. Aliano.

3º Páreo — 1.500 metros — Pista — AM — Prêmio Cr$ 124.000,00

1º Flamar, P. Cardoso	56	2,80	12	1,80
2º Fiero, J. Pinto	53	11,20	13	6,10
3º Gavião da Gávea, J. Ricardo	56	1,50	14	2,80
4º Business Boy, J. M. Silva	57	3,60	22	18,30
5º Ethera, F. Araujo	54	15,40	23	16,60
6º Beau Ardon, E. Marinho	57	32,00	24	3,70
7º Kid's Friend, G. Meneses	56	10,60	33	79,80

Dif. Vários Corpos e 2 Corpos — Tempo — 1'34"4 — Venc. (2) Cr$ 2,80 — Dup. (22) Cr$ 18,30 — Placê (2) Cr$ 2,10 e (3) Cr$ 4,40 — Mov. do Páreo Cr$ 2.776.850,00 — Flamar — M.C. 4 anos — SP — Zenobre e Flávia II — Criador — Stud Eumar — Propr. — Stud Flavinho — Treinador — H. Tobias.

4º Páreo — 1.200 metros — Pista — AM — Prêmio Cr$ 124.000,00

1º Janacaster, W. Gonçalves	57	3,10	11	2,80
2º Takalinda, A. P. Souza	54	3,30	12	16,40
3º Daarla, R. Marques	57	8,60	13	2,20
4º Unicolor, F. Araujo	54	20,00	14	4,60
5º Alagrissi, J. Pinto	57	10,80	23	18,90
6º Clara Via, G. F. Almeida	57	13,30	24	20,50
7º Cubanacan, F. Lemos	57	19,10	33	6,70
8º Bochecha, J. M. Silva	57	4,70	34	5,90
9º Tsu-Ki, J. Ricardo	55	3,20	44	24,70
10º Blind, M. Vaz	57	53,30		

N/CM. Ignition e Compassion. Dupla Exata (01—02) Cr$ 24,10. Dif. 1 Corpo e 1 1/2 Corpo — Tempo — 1'18" — Venc. (1) Cr$ 3,10 — Dup. (11) Cr$ 2,80 — Placê (1) Cr$ 1,80 e (2) Cr$ 2,30 — Mov. do Páreo — Cr$ 2.540.950,00 — Janacaster — F. A. 4 anos — SP — Lancaster e Anariana — Criador — Haras Bela Vista — Propr. — Stud N/S Aparecida do Riachuelo — Treinador — J.L. Pedrosa.

5º Páreo — 1300 metros — Pista — AM — Prêmio Cr$ 124.000,00

1º Jolie Fille, J. M. Silva	57	5,20	11	5,00
2º Cajazeira, G. Meneses	56	4,60	12	2,50
3º Nascer do Dia, A. Oliveira	56	1,80	13	3,80
4º Fantinga, J. Escobar	56	16,20	14	5,00
5º Miss Graciosa, A. Abreu	55	20,80	22	11,50
6º Chef d'Oeuvre, G. F. Almeida	56	3,60	23	5,70
7º Last Wish, J. Machado	55	9,80	24	9,90
8º Puçá, S. Silva	57	9,90	33	43,40

Dif. 2 1/2 Corpos e Paleta — Tempo — 1'23"4 — Venc. (3) Cr$ 5,20 — Dup. (23) Cr$ 5,70 — Placês (3) Cr$ 3,60 e (5) Cr$ 3,00 — Mov. do Páreo Cr$ 2.701.750,00 — Jolie Fille — F. C. 4 anos — SP — Red Cross e Jolie Feme — Criador — Haras Interlagos — Propr. — Stud Lenory — Treinador — J. D. Moreira.

6º Páreo — 1000 metros — Pista — AM — Prêmio Cr$ 124.000,00

1º Dernier Coure, M. Vaz	55	1,60	11	30,00
2º Samanguaiá, A. Oliveira	55	1,90	12	1,70
3º Siete Estrellas, J. F. Fraga	55	12,00	13	5,80
4º Cross Wind, A. Ramos	55	32,70	14	3,30
5º Charro, A. Machado	50	17,30	23	12,00
6º Danzante, J. Pinto	57	8,50	24	4,00
7º Gay Flier, J. Machado	55	38,30	33	72,50
8º Tuyulesque, J. M. Silva	55	11,40	34	16,30

N/C. Inox. Dif. Vários Corpos e 3/4 Corpo — Tempo — 1'02" — Venc. (1) Cr$ 1,60 — Dup. (12) Cr$ 1,70 — Placês (1) Cr$ 1,10 e (3) Cr$ 1,10 — Mov. do Páreo Cr$ 2.526.100,00 — Dernier Coure — M. C. 4 anos — RS — Je Coure e Batuba — Criador — Haras Esmeralda — Propr. — Stud Potiguar — Treinador — L. C. Soares.

7º Páreo — 1200 metros — Pista — AM — Prêmio Cr$ 124.000,00

1º Eola, A. Ramos	54	11,10	11	16,10
2º Cadenza, G. Meneses	54	4,60	12	5,00
3º Vida, A. Oliveira	55	2,20	13	8,30
4º Chibatada, J.M. Silva	53	16,40	14	3,40
5º Jesse Girl, J.C. Castillo	50	29,40	22	30,30
6º Ariam, J. Ricardo	58	3,60	23	3,50
7º Almanar, G.F. Almeida	54	2,70	24	3,10
8º Anêmola, A. Machado	50	33,40	33	47,70
9º Miss Magé, L. Maia	55	31,10	34	4,90

N/CM. Darcade, Gaynita e Mucha Plata. Dupla Exata (01-07) Cr$ 58,40. Dif. Paleta e 1 Corpo — Tempo — 1'18" — Venc. (1) Cr$ 11,10 — Dup. (13) Cr$ 8,30 — Placês (1) Cr$ 6,60 e (7) Cr$ 2,90 — Mov. do Páreo Cr$ 2.712.400,00 — Eola — F.C. 4 anos — SP — Andábata e Raia Bela — Criador — Fazenda e Haras Harmonia — Propr. — Stud Mal del Plata — Treinador — O.J.M. Dias.

8º Páreo — 1300 metros — Pista — AM — Prêmio Cr$ 101.000,00

1º Charming Boy, G. Meneses	58	2,80	11	7,80
2º Ballard, J. Escobar	58	9,00	12	4,80
3º Abubé, J.M. Silva	58	12,90	13	2,50
4º Gilena, J.B. Fonseca	53	26,00	14	3,60
5º Fanubis, A. Machado	54	39,80	22	58,50
6º Puya Gill, J.M. Alves	58	6,10	23	9,60
7º Ibicuiba, M. Andrade	56	43,80	24	11,50
8º Henessy, I. Brasiliense	53	24,30	33	14,90
9º Madame Itú, I. Agostinho	53	5,90	34	5,10
10º Gay Eyes, J. Ricardo	56	2,30	44	12,90
11º Harlevy, J. Freire	54	37,10		
12º Bagana, J. Machado	56	11,70		

N/C. On May Way. Dif. 3/4 de Corpo e 3/4 Corpo — Tempo — 1'25"3 — Venc. (6) Cr$ 2,80 — Dup. (13) Cr$ 2,50 — Placês (6) Cr$ 2,40 e (2) Cr$ 5,60 — Mov. do Páreo Cr$ 2.697.800,00 — Charming Boy — M.C. 5 anos — RS — Nonquim e La Pina — Criador — Haras Cruzeiro do Sul — Propr. — Iedo Amaral — Treinador — I. Amaral.

9º Páreo — 1200 metros — Pista — NM — Prêmio Cr$ 101.000,00

1º Braila, J.M. Silva	54	2,20	11	34,10
2º Effervescenza, J. Escobar	56	5,20	12	4,00
3º Dinha Só, I. Agostinho	50	21,30	13	6,60
4º Ussage, J. Pinto	56	16,20	14	6,10
5º La Anah, J. Ricardo	57	6,70	22	8,00
6º Gowan, L. Januário	54	2,80	23	2,10
7º Nuevo, D.F. Graça	56	3,30	24	5,40
8º Xandoquinho, E. Marinho	58	3,30	33	21,30

Dif. 2 Corpos e 1/2 Corpo — Tempo — 1'16"2 — Venc. (3) Cr$ 2,20 — Dup. (24) Cr$ 5,40 — Placês (3) Cr$ 1,70 e (6) Cr$ 1,90 — Mov. do Páreo Cr$ 2.584.850,00 — Braila — F.A. 5 anos — RS — Good Will e Bembolada — Criador — Haras Quebracho — Propr. — Stud Miquimbo — Treinador — A.A. Silva.

10º Páreo — 1300 metros — Pista — NM — Prêmio Cr$ 87.000,00

1º Nicolino, A. Abreu	54	2,10	11	5,40
2º Ticket, R. Silva	55	3,80	12	5,30
3º Acarape, A. Machado	54	5,10	13	2,40
4º Gaius, W. Gonçalves	57	3,10	14	4,90
5º Cargo, R. Freire	55	33,10	22	39,60
6º Bandair, J. Esteves	58	17,40	23	7,50
7º Great Bliss, J. Malta	55	26,60	24	14,00
8º Lord Johnny, J. Malta	58	34,10	33	8,70
9º Bimotor, A. Ramos	56	34,10	34	5,30
10º Happy End, L. Correa	57	47,80	44	45,80

N/C Aducan. Dupla Exata (01-03) Cr$ 28. Dif. 2 Corpos e 1 Corpo — Tempo — 1'24"1 — Venc. (1) Cr$ 2,10 — Dup. (12) Cr$ 5,30 — Placê (1) Cr$ 1,90 e (3) Cr$ 2,80 — Mov. do Páreo Cr$ 2.577.300,00 — Nicolino — M.C. 6 anos — SP — Vasco da Gama e Leipzig — Criador — Haras Jatobá — Propr. — Stud Boca Del Laton — Treinador — J. Santos Filho.

Mov. geral de apostas: Cr$ 29.749.455,00 — Portões: Cr$ 36.195,00

Piquet, campeão do mundo

Las Vegas/UPI

Piquet fez uma corrida calculada, inteligente, e cruzou a linha de chegada como novo campeão do mundo

Silio Boccanera

Las Vegas — O brasileiro Nélson Piquet é o novo campeão mundial de Fórmula-1. Com seu Brabham, fez uma corrida inteligente no Grande Prêmio dos Estados Unidos, ontem, nesta cidade, terminou a prova em quinto e obteve os dois pontos (bastava-lhe apenas um, nas circunstâncias) de que precisava para conquistar o título da temporada: somou 50 pontos contra 49 do argentino Carlos Reutemann, que ontem acabou em oitavo.

Quando Piquet cruzou a linha de chegada, a torcida brasileira fez um carnaval nas arquibancadas. No boxe da Brabham, a vibração e a alegria também foram intensas. Assim que o carro número cinco parou, foi cercado por grande número de pessoas, mas o campeão parecia não vibrar, parecia distante: é que ele tinha desmaiado de emoção e pelo esforço despendido durante as 75 voltas da corrida num circuito extremamente difícil.

Mais tarde, já recuperado, Piquet foi cumprimentado, entre outros, por Colin Chapman, da Lotus, por seu chefe de equipe, Bernie Eccelestone, e por Emerson Fittipaldi, o primeiro brasileiro a se tornar campeão mundial na Fórmula-1 e por duas vezes, em 1972 e 74. Emerson disse:

— Pirquet está de parabéns. Fez uma corrida fantástica, inteligente, e ganhou um título muito disputado.

Estratégia foi definida na prova

A única estratégia admitida por Piquet para chegar à frente de Reutemann só foi definida durante a corrida, quando o brasileiro estava em oitavo lugar, tentando ultrapassar o argentino. Seu Brabham em melhores condições aerodinâmicas permitiu a Piquet **encostar no câmbio** de Reutemann e passá-lo de uma forma altamente técnica.

— Não definimos nada. Era eu contra todos, embora soubesse que meu adversário direto fosse Reutemann. Quando estava atrás dele, tentando a ultrapassagem, senti que ele freiava cedo demais nas entradas das curvas, talvez procurando me confundir. Sua intenção era fazer com que eu pensasse que havia um acidente à nossa frente e não tentasse ultrapassá-lo.

Além disso, Piquet se manteve bastante tranqüilo durante a primeira parte da corrida porque sabia que muitos carros iriam quebrar. Foi uma corrida de espera e ele próprio esteve a ponto de cometer alguns enganos por falta de condições físicas, tal as dores que sentia nas costas e pescoço.

— Quando o boxe me avisou que ainda faltavam 23 voltas quase não acreditei, pois já estava totalmente desgastado. Mas, como o importante era chegar na frente de Reutemann, foi conseguindo levar o carro até o final. O circuito é difícil, tem várias curvas e em algumas delas a mudança de câmbio é feita bem no meio. Não dá para descansar o pescoço.

Antes da prova, Piquet recebeu por uma hora e meia a visita de um massagista, que tentou descontrair seus músculos das costas e pescoço. Inclusive chegou a brincar com Reutemann, que descobriu os trabalhos do massagista e criou um clima amigável, já que ambos necessitavam massagens.

Segundo Piquet, a briga interna entre os dois pilotos da Williams não o favoreceu em nada e lembrou o campeonato passado, quando lutava contra Jones pelo título.

— Naquela época Reutemann me tirou alguns pontos e esse ano Jones lhe tirou alguns. Sei o seguinte: os dois se odeiam e não quero me meter nos problemas deles. Procurei sempre marcar meus pontos sem me importar com nenhum dos dois. Sei que o resultado frustrou bastante os argentinos, mas não tenho nada com isso, é claro.

A fórmula: dedicação e amor

Ser piloto de Fórmula-1, na opinião de Nélson Piquet, é dedicar completamente a vida ao esporte, descansar pouco e ter verdadeira adoração por carros, motores e competição. Neste contexto, chegar à prova final da temporada de 1981 com chance de conquistar o título foi para ele uma espécie de prêmio, uma compensação pelo investimento feito numa carreira exigente. Quanto a ser campeão mundial, ele preferiu não especular muito sobre o assunto ao discutir antes da prova de Las Vegas.

— Acho que deve ser bom. Mas para mim, não é o mais importante. O que me interessa é ter um carro andando sempre no pelotão da frente em qualquer corrida. Só assim eu posso estar fazendo bem o que gosto.

Com sua habitual atitude **blase**, Piquet se recusava a dar qualquer importância maior à corrida de ontem, antes de sua realização, insistindo que para ele todas as provas eram iguais.

— Baixou a bandeira, o negócio é sentar a bota.

Mas certamente não havia sinceridade total nesta sua indiferença ao Grande Prêmio que iria decidir o título mundial, como se podia perceber até em sua reação física nos últimos dias aqui, quando teve manifestado distúrbios estomacais que o médico oficial da F-1 atribui a um fundo nervoso.

Também no que parecia refletir pouca convicção, ele se disse contente com a presença de uma torcida brasileira na pista do Ceasars Palace, vestindo camisetas com seu nome e agitando bandeiras do Corintians, Flamengo, Vasco, do Brasil e até da Inconfidência Mineira, com os dizeres: **Libertas Quae Será Tamem**. Embora admitisse que a vinda desses grupos de aficionados representava um crescimento da popularidade do automobilismo no Brasil, sua indiferença aos apupos dos torcedores junto ao seu boxe revelava mais incômodo do que satisfação com a presença daqueles fãs.

Piquet é ostensivamente anti-social e não tem a menor hesitação em deixar claro que não gosta de falar com público ou imprensa, sobretudo se alguém ousar perguntar-lhe algo sobre sua vida pessoal. Esse contraste bem grande com a personalidade do ex-campeão mundial brasileiro Emerson Fittipaldi não escapa ao próprio Piquet.

— Emerson foi o campeão perfeito para o Brasil — disse Piquet, notando o impulso que o ex-piloto e atual dono de equipe deu ao automobilismo nacional graças à sua afabilidade, bons contatos com público e imprensa, simpatia pessoal, paciência e outros traços de acessibilidade como celebridade, exatamente o oposto desse carioca de 29 criado em Brasília.

Mas Piquet acrescenta que Fittipaldi representou mais do que isso para o Brasil e para ele pessoalmente.

— Se não fosse o impulso que Emerson deu ao automobilismo brasileiro, eu não teria ido para a Europa e não estaria aqui hoje. Os reflexos do que ele criou ainda ajudarão outros pilotos brasileiros no futuro.

A resistência de Piquet a aparições públicas e publicidade o levam habitualmente a desaparecer logo após o término das corridas de que participa, a fim de embarcar o mais cedo possível de volta à sua casa e aos campos de provas na Inglaterra. Fez o mesmo ontem, deixando Las Vegas após a prova. E assegurou que não pretende aparecer no Brasil antes do final de novembro. Aceitou, porém, em princípio, uma proposta para ser entrevistado pelo cantor Roberto Carlos no programa anual que este apresenta na televisão brasileira. Será amplamente pago pela participação.

De volta à Inglaterra, Piquet continuará testando o carro turbo que sua equipe, a Brabham, está preparando para a próxima temporada de F-1.

— O futuro da F-1 está nos carros turbos e quem não entrar nesta desde já, vai ficar **pastando**.

Após os testes na pista de Donnington Park, ele seguirá para a Austrália a fim de participar de uma copa de automobilismo, indo depois à pista francesa de Paul Ricard para novos testes do Turbo e regressando ainda à Inglaterra antes de ir ao Brasil.

Piquet decidiu continuar por pelo menos mais um ano na escuderia Brabham, que ele diz ser a melhor, com o melhor carro, inclusive o Turbo, em que deposita muita confiança para o futuro. Quanto a uma retrospectiva do ano, ele dá de ombros.

— Não analiso muito as coisas. Entro na pista para ganhar e quando a prova acaba já estou pensando na próxima.

Ele insiste em que a vida de um piloto como ele nada tem de folgado e confortável como muita gente imagina, na suposição de que pelo menos entre as corridas há tempo para passear e correr o mundo com luxo.

— Acontece que, entre as provas, é preciso fazer testes, acertar o carro, cuidar de muita coisa. É sempre muito trabalho e quem não gosta muita disso não agüenta.

Jones teve uma digna despedida

Uma vitória de ponta a ponta deu a Alan Jones uma despedida digna de um verdadeiro campeão. Largou em segundo e assumiu a liderança do GP de Las Vegas na primeira volta, mantendo-se nela até o final, enquanto atrás ocorriam várias modificações, tornando a corrida movimentada, apesar da dificuldade do circuito.

Reutemann, que tinha a vantagem de um ponto e a **pole-position**, largou mal, assim como Nélson Piquet, caindo para sétimo. Como sua briga era diretamente com Piquet, não se mostrou preocupado nas primeiras voltas, pois se mantinha à frente do brasileiro, o que era suficiente para a conquista do título.

Rapidamente, Jones abriu uma vantagem grande sobre Prost, segundo colocado, que era perseguido por Gilles Villeneuve, Bruno Giacomelli, John Watson e Laffite, que também estava na luta pelo título desde que vencesse a prova. Piquet estava em oitavo, uma posição atrás de Carlos Reutemann.

Na 12ª volta, Piquet ultrapassou Reutemann e mostrou que tinha um carro mais resistente do que seu rival, que não conseguiu acompanhá-lo. Com Jones e Prost distanciados, a atenção da prova ficou concentrada do terceiro ao nono lugar, onde sete carros faziam um mesmo pelotão.

Piquet ultrapassou Watson na 22ª volta e passou a figurar entre os seis primeiros, o que já lhe garantia o título, pois Laffite, que necessitava somente da vitória, estava em quinto e Reutemann em oitavo. Na volta seguinte, Gilles Villeneuve abandonou a prova mas Piquet continuou em sexto, após deixar Mario Andretti ultrapassá-lo, pois estava preocupado apenas com Reutemann, que continuava atrás dele.

Giacomelli parou nos **boxes** e Piquet passou para quinto, e, logo em seguida para quarto, quando Andretti também parou. A corrida apresentava-se ótima para Piquet, pois Jones era o líder, seguido de Prost, Laffite e o próprio Piquet, que se preocupava apenas em manter a posição, poupando seu carro. Prost parou para trocar pneus e Laffite assumiu a segunda posição e Piquet a terceira, situação que também o deixava com o título.

Na 38ª volta, Prost já havia se recuperado e ultrapassado a Piquet, que era o quarto, atrás também de Laffite e Jones. O Talbot-Ligier de Laffite começou a perder giro e Piquet passou outra vez para terceiro, enquanto Prost — um dos mais agressivos, junto com Jones — havia recuperado a segunda posição.

Até a 54ª volta, Piquet manteve-se em terceiro, sempre poupando o carro. Cedeu, com tranqüilidade, sua posição sucessivamente a Nigel Mansell, e Giacomelli, garantindo a quinta posição. Como o espaço entre os carros era bastante grande, não teve mais problemas com Reutemann, que era décimo.

Jones, com uma vantagem de mais de 40s sobre Prost, cruzou a linha em primeiro lugar, enquanto Piquet, dirigindo com o máximo de cuidado, chegava em quinto, garantindo dois pontos, o suficiente para vencer o Campeonato Mundial de Pilotos de Fórmula-1 de 1981 com 50 pontos, um a mais do que Carlos Reutemann.

Posição final

Pilotos	Pontos
1. Nélson Piquet	50
2. Carlos Reutemann	49
3. Alan Jones	46
4. Jacques Laffite	44
5. Alain Prost	43
6. John Watson	28
7. Gilles Villeneube	25
8. Elio de Angelis	14
9. René Arnoux	11
Hector Reboque	11
11. Ricardo Patrese	10
Eddie Cheever	10
13. Didier Pironi	9
14. Nigel Mansell	8
15. Bruno Giacomelli	7
16. Marc Surer	4
17. Mário Andretti	3
18. Patrick Tambay	1
Slim Borgudd	1
Andrea de Cesaris	1
Elisea Salazar	1

■ ■ ■

Construtores	Pontos
1. Williams	95
2. Brabham	61
3. Renault	54
4. Talbot-Ligier	44
5. Ferrari	34
6. McLaren	29
7. Lotus	22
8. Lotus	10
Tyrrell	10
Arrows	10
11. Alfa Romeo	9
12. Ensign	5
13. Theodore	1
ATS	1

O desmaio de emoção

A sensação de ter ganho o Mundial de Piloto é fantástica". Esta foi uma das primeiras manifestações de alegria de Nélson Piquet após ter desmaiado em seu carro pouco depois de receber a bandeirada de campeão de 81. A tensão e o desgaste das 75 voltas pelo difícil circuito de Las Vegas foram responsáveis pelo mal-estar súbito de Piquet, que reclamou também da quantidade de tapinhas em suas costas, para festejar o título.

— Desde os primeiros dias vinha sentindo-se mal, com dores nas costas e pescoço. Quando terminei a prova, estava totalmente esgotado e com o corpo todo dolorido. O acúmulo de gente em torno do carro, todos batendo na minhas costas ao mesmo tempo para festejar a vitória, foi demais e eu acabei desmaiando. A recuperação foi rápida.

Euforia

Ainda cansado e desgastado, Piquet afirmou que antes não pensava que o título pudesse ser a coisa mais importante de sua vida. Ontem, no entanto, após receber a bandeirada e a confirmação de que havia realmente terminado a temporada com um ponto de vantagem sobre Reutemann ficou totalmente eufórico com sua condição de campeão mundial.

— É difícil de acreditar, mas estou me sentindo ótimo. Quando comecei minha carreira jamais pensei em chegar onde estou. Por isso, acho que esse título é muito importante para meu país, minha equipe e minha família, incluindo também uma série de pessoas que me ajudaram, entre eles a família Braga, de São Paulo, e Chico Rosa, administrador do Circuito de Interlagos.

Nélson Piquet não se esqueceu de seu primeiro contato com a Fórmula-1, quando o circo resolveu testar o autódromo de Brasília, para saber se poderia incluí-lo no Mundial de Pilotos. Piquet pediu para fazer qualquer coisa durante os testes e acabou limpando os pneus e comprando sanduíches para os mecânicos da Brabham.

— Todos os pilotos têm um sonho na vida, como, por exemplo, correr pela Ferrari. O meu foi sempre ser piloto da Brabham, onde me sinto muito bem.

Depois das comemorações, Piquet embarcou para a Inglaterra, onde começa a testar na próxima semana o Brabham-Turbo. Em seguida, vai à Austrália disputar uma prova da Fórmula-Atlantic na despedida de Alan Jones e volta à Inglaterra. Só deve voltar ao Brasil no final de novembro ou início de dezembro.

Os GPs de 1981

GP dos EUA (Long Beach)
1. Alan Jones
2. Carlos Reutemann
3. **Nélson Piquet**
4. Mario Andretti
5. Eddie Cheever
6. Patrick Tambay

GP do Brasil
1. Carlos Reutemann
2. Alan Jones
3. Ricardo Patrese
4. Marc Surer
5. Elio de Angelis
6. Jacques Laffite

GP da Argentina
1. **Nélson Piquet**
2. Carlos Reutemann
3. Alain Prost
4. Alan Jones
5. René Arnoux
6. Elio de Angelis

GP de San Marino
1. **Nélson Piquet**
2. Ricardo Patrese
3. Carlos Reutemann
4. Hector Reboque
5. Didier Pironi
6. Andrea de Cesaris

GP da Bélgica
1. Carlos Reutemann
2. Jacques Laffite
3. Nigel Mansell
4. Gilles Villeneuve
5. Elio de Angelis
6. Eddie Cheever

GP de Mônaco
1. Gilles Villeneuve
2. Alan Jones
3. Jacques Laffite
4. Didier Pironi
5. Eddie Cheever
6. Marc Surer

GP da Espanha
1. Gilles Villeneuve
2. Jacques Laffite
3. John Watson
4. Carlos Reutemann
5. Elio de Angelis
6. Nigel Mansell

GP da França
1. Alain Prost
2. John Watson
3. **Nélson Piquet**
4. René Arnoux
5. Didier Pironi
6. Elio de Angelis

GP da Inglaterra
1. John Watson
2. Carlos Reutemann
3. Jacques Laffite
4. Eddie Cheever
5. Hector Reboque
6. Slim Borgudd

GP da Alemanha
1. **Nélson Piquet**
2. Alain Prost
3. Jacques Laffite
4. Hector Reboque
5. Eddie Cheever
6. John Watson

GP da Áustria
1. Jacques Laffite
2. René Arnoux
3. **Nélson Piquet**
4. Alan Jones
5. Carlos Reutemann
6. John Watson

GP da Holanda
1. Alain Prost
2. **Nélson Piquet**
3. Alan Jones
4. Hector Reboque
5. Elio de Angelis
6. Eliseo Salazar

GP da Itália
1. Alain Prost
2. Alan Jones
Carlos Reutemann
4. Elio de Angelis
5. Didier Pironi
6. **Nélson Piquet**

GP do Canadá
1. Jacques Laffite
2. John Watson
3. Gilles Villeneuve
4. Bruno Giacomelli
5. **Nélson Piquet**
6. Elio de Angelis

GP dos EUA (Las Vegas)
1. Alan Jones
2. Alain Prost
3. Bruno Giacomelli
4. Nigel Mansell
5. **Nélson Piquet**
6. John Watson

Festa brasileira começou antes da bandeirada final

Silio Boccanera

Faltando 10 voltas para terminar a prova, os brasileiros na arquibancada por trás do boxe da Brabham já não se sentavam mais. Agitavam bandeiras, gritavam o nome de Nélson do Brasil, chamavam-no de campeão. Junto à pista, a namorada de Nélson, a holandesa Silvia, apertava um pequeno urso de pelúcia que ele lhe dera de presente pela manhã.

Vários torcedores surgem de camisetas iguais, amarelas, com letras verdes dizendo Brasil — N. Piquet. Quando se aproxima a última volta, a equipe Brabham larga seus postos no boxe e corre para o muro que ladeia a pista. Todos ficam de pé sobre o muro à espera da passagem de Piquet. Quando ele vem, todos aplaudem com entusiasmo.

O carro de Piquet segue pelo resto da pista, os brasileiros na torcida invadem os boxes, correm para dentro da pista à espera de Piquet. Ao chegar, o piloto brasileiro é cercado em seu carro pela equipe e pela namorada, que já está com lágrimas nos olhos.

Um torcedor sugere jogar champanha sobre a cabeça de Piquet. "Vamos lá, pessoal" — grita ele. "Vamos homenagear e refrescar o campeão". O pessoal da Brabham traz-lhe um refrigerante e atira água sobre a cabeça do piloto, visivelmente cansado, a ponto de ter de ser arrancado do carro. Parece estar desmaiando. Um membro da escuderia o carrega pelos braços. É muita gente em volta, ele mal consegue caminhar.

Aparece Emerson Fittipaldi com largo sorriso e dá-lhe um abraço. Piquet nem parece estar participando das festividades, seu cansaço é evidente. Com ajuda de agentes de segurança, é levado para o pódio, onde já estão os primeiros classificados na prova, com louros na cabeça, ladeados por supostos soldados romanos uniformizados. Toca o Hino Nacional da Austrália, país do vencedor, Alan Jones. Nélson Piquet finalmente é levado ao pódio e homenageado pela conquista do título mundial.

No boxe da Williams, o ambiente é de tristeza pela derrota de Reutemann, apesar da vitória de Jones na prova. O piloto argentino chega e, como Piquet, demonstra óbvio esgotamento físico. Encolhe o corpo, dobrando-se para a frente como se quisesse repirar melhor. Não faz qualquer comentário, olha para as mãos cheias de calos pelo esforço de rodar 75 vezes em pista tão rigorosa. Não explica a ninguém nesta hora o que houve, mas o consenso é de que teve problemas de câmbio, não conseguindo acertar a relação ideal. Apura-se também que sua equipe utilizou apenas um pneu mais resistente do que os outros, no lado direito, atrás. Piquet empregou pneus mais fortes nas duas rodas do lado direito.

Bernie ecclestone, chefe da equipe Brabham, foi cumprimentado seguidamente por espectadores, jornalistas e visitantes. Ganhou caloroso beijo da namorada brasileira Sandra. Também Colin Chapman, da escuderia Lotus, veio cumprimentá-lo com entusiasmo.

Emerson Fittipaldi comentou:

— Achei fantástico, maravilhoso. Foi o melhor da festa. Foi uma corrida de cabeça, sossegada, para chegar na frente do Reutemann.

Azar e erros tornaram difícil um título fácil

Victor Garcia

Nélson Piquet poderia ter participado já como campeão mundial da corrida de ontem, no estranho e improvisado circuito de Las Vegas. Isto só não aconteceu pela falta de sorte que o acompanhou em diversas provas da temporada de 1981 e também — por que não dizer — por alguns erros que cometeu no início do Campeonato.

No capítulo dos erros, não se pode deixar de colocar em plano maior a sua insistência injustificada em participar do GP do Brasil com pneus sliks (lisos), na pista encharcada de Jacarepaguá. Então, de nada valeu a pole-position obtida e ele não marcou ponto algum, numa prova em que tinha tudo para figurar entre os primeiros colocados. E o vencedor foi Carlos Reutemann.

Outra falha imperdoável do novo campeão mundial foi no GP de Mônaco. Após uma luta sensacional com Alan Jones pelo primeiro lugar, Piquet conseguiu superar nitidamente o representante da Williams e, quando todos julgavam que teria a tranqüilidade indispensável para manter a colocação, precipitou-se na tentativa de ultrapassagem sobre o retardatário Patrick Tambay. Resultado: ficou fora da corrida, no momento em que tinha tudo para ganhá-la e somar mais nove pontos.

Erros à parte, vale recordar a falta de sorte que teve na última volta do perigoso circuito de Monza, na Itália. Aí, estava com o terceiro lugar assegurado mas o motor de seu Babham explodiu a menos de mil metros da chegada. Reutemann beneficiou-se do fato para terminar em terceiro, marcando os quatro pontos de Piquet, que ainda fez um. Antes de Monza, ambos lideravam o Campeonato com 45 pontos e a partir de então o piloto argentino colocou três pontos de frente — 49 a 46 — pontuação que deveria beneficiar o brasileiro se não houvesse o inesperado acidente da última volta.

Quem acompanhou com atenção todo o desenrolar da temporada não esqueceu também as decisões tendenciosas dos diretores de provas, na França e no Canadá, ambas prejudiciais a Nélson Piquet. Em Dijon, ele era o líder absoluto da corrida, com 28 segundos sobre o segundo colocado. Ao se atingir a 59ª volta, começou a chover apenas numa parte da pista (em frente aos boxes) mas o diretor valeu-se do fato para suspender imediatamente a corrida, em vez de permitir que fosse completada a 60ª volta. O suficiente, aí sim, para uma interrupção até definitiva, pois já se teria cumprido 75% do total, como determina o Regulamento. Depois de mais de meia hora de paralisação, a corrida recomeçou e o francês Alain Prost — que reparou diversas avarias do carro nos boxes — foi o vencedor, com Piquet em 3º. Só aí, o piloto brasileiro perdeu cinco preciosos pontos.

Por último, o fato recente do GP do Canadá, no qual, em outra "patriotada" o diretor da prova não deu bandeira preta (eliminação) ao canadense Gilles Villeneuve, que corria com o aerofólio dianteiro completamente destroçado. Assim Villeneuve acabou em 3º lugar e roubou um ponto também precioso de Piquet, o 5º colocado.

Todos estes fatos somados demonstram que Nélson Piquet sofreu e fez sofrer a torcida brasileira até a última volta da última prova, quando já poderia ser campeão mundial há duas ou três corridas.

RESULTADOS

Classificação	Tempo
1. Alan Jones (Austrália), Williams	1h44m09s
2. Alain Prost (França), Renault	1h44m29s
3. Bruno Giacomelli (Itália), Alfa Romeo	1h44m30s
4. Nigel Mansell (Inglaterra), Lotus	1h44m56s
5. **Nélson Piquet** (Brasil), Brabham	1h45m25s
6. Jacques Laffite (França)	1h45m30s
7. John Watson (Irlanda) McLaren	1h45m31s
8. Carlos Reutemann (Argentina), Williams	a uma volta
9. Keke Rosberg (Finlândia), Fittipaldi	a duas voltas
10. Didier Pironi (França), Ferrari	a duas voltas
11. Ricardo Patrese (Itália), Arrows	a três voltas
12. Andrea de Cesaris (Itália), McLaren	a seis voltas

Piquet

A carreira rápida de um campeão

Eloir Maciel

EM pouco mais de três anos, Nélson Piquet tornou-se o piloto que mais rápido progrediu na atual Fórmula-1. Estreou no final da temporada de 78 (campeão Mario Andretti), pilotando um Ensign no GP da Alemanha. Foi contratado pela Brabhma no mesmo ano e realizou boa campanha em 79, obtendo sempre melhores posições que Niki Lauda, primeiro piloto da equipe.

Iniciou o Campeonato de 80 vencendo sua primeira corrida de Fórmula-1 em Long Beach. Chegou a ser apontado como o virtual campeão mas acabou perdendo o título para Alan Jones, adquirindo ainda mais experiência para poder chegar também à final do título deste ano, sendo considerado um dos principais volantes da atual Fórmula-1.

Arquivo

O veterano Reutemann não pôde com o novato Piquet

O início

Aos 29 anos, Nélson Piquet já possui um histórico invejável no automobilismo brasileiro e internacional — sobretudo neste último. Carioca de nascimento, ainda menino mudou-se para Brasília para onde fora transferido seu pai, Estácio Gonçalves Souto Maior, então deputado federal pelo PTB por Pernambuco, sendo nomeado Ministro da Saúde do Presidente João Goulart.

O regime de 1964 cassou Souto Maior, que não deixou Brasília, local onde Nélson Piquet teve suas primeiras noções de automobilismo ao se apaixonar por autoramas. Começou a dirigir kart, participou de vários campeonatos, obteve inúmeras vitórias até que, em 1970, vendeu seu **fusca** — presente de seu pai pelo 18º aniversário — e tornou-se sócio de José Luis Faria, com quem comprou um Super Vê.

Seu aparecimento nesta categoria foi uma surpresa para o automobilismo nacional: somente os mais conhecidos se interessaram em participar do Brasileiro de Fórmula-Super Vê, criado em 74. No meio deles estava o desconhecido Piquet, um anônimo, campeão de kart de Brasília.

Ganhou uma corrida e esteve sempre entre os primeiros. Não conquistou o título mas foi contratado pela Polar, fabricante dos carrosSuper Vê. Continuou sendo o principal destaque da categoria em 75, quando também esteve lutando pelo título, sem contundo consegui-lo. Em 76, foi contratado pela Gledson, batendo vários recordes de pistas e ganhando seis das nove provas disputadas. Conquistou o título por antecipação.

A Fórmula-3 européia era sua próxima meta. Em 77, conheceu o maior número de circuitos possíveis e entrou no Campeonato Europeu, pilotando um March, trocado em seguida por um Ralt. Após essa troca, Piquet começou a **andar** entre os primeiros, obteve duas vitórias, várias **poles** e recordes em Zeltweg, Croix-en-Ternois, Kassel Calden e Donington, terminando o campeonato em terceiro lugar.

O interesse pela Fórmula-1 surgiu no final de 78, quando venceu na Fórmula-3, melhorando todos seus recordes e vencendo 13 das 18 provas. Quando soube desse **handicap**, Bernie Ecclestone, proprietário da Brabham e presidente da Associação dos Construtores de Fórmula-1 (FOCA), ficou impressionado e resolveu contratá-lo.

Introvertido

Seu mestre na Fórmula-1 foi o austríaco Niki Lauda e Piquet nunca escondeu este fato, ao contrário, sempre o exaltou:

— Tenho que me esforçar para ser um bom aluno — admitia no início de sua carreira na Fórmula-1, apesar de sua timidez e introspecção que prejudica seu relacionamento com as pessoas que não conhece e até com a imprensa. Em 79, já relacionado entre os melhores do campeonato, mostrou-se audacioso ao analisar sua participação na temporada, na qual dera muito azar, cometendo dois erros, um em Dijon e outro em Silverstone:

— Paguei o preço de meu aprendizado. Mas agora chegou a minha vez de subir na Fórmula-1. Não sei o que aconteceu em Dijon e muito menos em Silverstone. Afobação, talvez. Mas o futuro virá e a sorte me favorecerá — admitia Piquet, ao tomar conhecimento de que Lauda estava saindo da Brabham, deixando-o como principal piloto.

Um segundo lugar na Argentina (quebrou no Brasil), um quarto na África do Sul e sua primeira vitória em Long Beach deixaram Piquet na liderança do Mundial passado, já com toda a família apoiando seu trabalho, ao contrário de seu início de carreira, quando seu pai — que morreu em 73 — era contra e chegou a forçá-lo a jogar tênis.

Vascaíno desde os tempos que andava pela Praça Saens Peña de passeio ao Rio, Piquet casou-se com Maria Clara, mãe de seu filho Geraldo, de três anos, com quem viveu na tranqüila cidade inglesa de Esher. Atualmente vive com a ex-modelo fotográfica Silvia, uma holandesa de 24 anos, morando em Montecarlo, no principado de Mônaco.

Reutemann

Continua vivendo de esperança

CARLOS Alberto Reutemann nasceu em Santa Fé a 12 de abril de 1942. Começou a se interessar por corridas de carros ainda criança e pilotou pela primeira vez em 1965. Quando foi para a Europa tentar a sorte na Fórmula-3 provocou uma série de críticas, pois ocupava a terceira ou quarta posição no **ranking** e não era o principal piloto da Argentina.

Havia outros nomes mais conhecidos — e sobre tudo mais técnicos — mas foi Reutemann quem teve coragem de encarar uma aventura na Europa, se bem que com algum recurso de sua família, bem situada financeiramente. Uma passagem curtíssima na Fórmula-3 facilitou o ingresso na 2, onde encontrou Wilson Fittipaldi e o falecido José Carlos Pace.

Nunca foi um piloto essencialmente agressivo e sofreu seu primeiro grande acidente em 71, em Thruxton, Inglaterra, ficando hospitalizado durante um mês. Estreiou na Fórmula-1, em 72, no GP da Argentina, com um velho Brabham BT-34, alugado a Ecclestone, seu amigo e simpatizante. Na prova seguinte, obteve sua primeira vitória mas não contou pontos, pois nesse ano o GP do Brasil entrava no calendário da F-1 apenas como experiência.

Em 73, ganhou um carro mais competitivo de Ecclestone, que, preocupado com a retirada do grande ídolo Graham Hill das pistas, resolveu investir no argentino. Não aconteceu nada de anormal nessa temporada e só em 74 foi que Reutemann passou a ser considerado o virtual substituto de Juan Manoel Fangio.

A Argentina vibrou com seu início no Campeonato de 74 — liderou a prova de ponta a ponta, quando faltou gasolina na última volta — e voltou a manifestar-se alegre com ele em 75, quando quase tira a vice-liderança de Emerson Fittipaldi, mantendo uma luta brilhante com o brasileiro até o final da temporada.

Depois que saiu da Brabham, passou uma temporada na Ferrari, onde não realizou um bom trabalho, repetindo o fracasso também na Lotus, de onde saiu para a Williams, onde se encontra até hoje. O fato de nunca ter conquistado o título mundial em quase 10 anos de carreira — sempre dirigindo os melhores carros da Fórmula-1 — o deixou pouco confiante na vitória final, passando a ser considerado como o **pé frio** das grandes equipes.

Deu um susto nos torcedores argentinos em dezembro de 77, quando desapareceu com a família. A Argentina pensou que nunca mais iria gritar o nome do seu festejado Lole, que havia saído para um passeio de lancha com a mulher (Maria Bobbio, a **Mimicha**) e suas filhas (Unês, de 13 anos, e Mariana, de 9) e não voltou.

Surpreendido por uma violenta tormenta, Reutemann e a família procuraram abrigo na ilha de Punta del Mar, após ver a lancha virar com a violência das águas. Seus parentes de Santa Fé deram o alarma do desaparecimento e, no dia seguinte, todos foram encontrados ensopados pela chuva mas em perfeito estado físico.

Começou a temporada deste ano de forma surpreendente: venceu de forma astuciosa o GP da África do Sul, que não contou pontos para a temporada, e bateu o recorde ao completar 15 provas chegando entre os seis primeiros colocados. Assumiu importância na Williams a partir do GP do Brasil, quando se recusou a obedecer ordem do boxe, para ceder a primeira posição a Reutemann, como rezava em contrato.

— Eu corro para vencer. Não poderia deliberadamente diminuir meu ritmo para Jones me passar — justificaria depois sua atitude, ao ser criticado pelo proprietário da equipe, o inglês Frank Williams. Essa confusão no Rio criou um clima horrível para Jones na Argentina e, assim que chegou a Buenos Aires, foi vaiado o tempo todo pelos torcedores de Lole.

É considerado um piloto técnico e que não arrisca o duvidoso pelo certo. Prefere esperar um bom momento para tentar uma ultrapassagem a ter que arriscar-se. Sua oportunidade real ao título começou quando ele decidiu lutar até com Jones, quebrando a tradição de que o segundo piloto deve apenas fazer cobertura para o sucesso do primeiro.

ROTEIRO

HIPISMO

Porto Alegre — O paulista José Reynoso Fernandes, com **Noa Noa**, venceu, ontem, pela segunda vez consecutiva, a prova da série principal do 6º Torneio Hípico Internacional Montab, na Sociedade Hípica Porto-Alegrense, assegurando, assim, a liderança no torneio. Na prova de ontem, definida em desempate, o conjunto de José Reynoso — Noa Noa — completou o percurso em 28s90, sem faltas.

Na segunda prova da série preliminar, o vencedor foi o carioca Avelino Artur Júnior, com **Overtime**. O torneio está sendo disputado por 43 participantes do Brasil, Argentina, Uruguai e Chile, e será decidido esta tarde, sendo José Reynoso Fernandes o grande favorito da série principal.

PESCA

Foi realizada ontem na praia de Jaconé, município de Saquarema, a etapa de classificação da 2ª Grande Gincana do Pampa Clube de Pesca, na modalidade de arremesso desembarcado. A prova, que é patrocinada pelo JORNAL DO BRASIL, conta com 62 equipes de cinco pescadores cada num total de 320 pescadores. A final é hoje, às 10h, no mesmo local.

A competição, em comemoração ao decacampeonato fluminense de pesca de arremesso do Pampa Clube de Pesca, contou com a participação de sete equipes representativas do JORNAL DO BRASIL: JB-Hotel Serra Verde; JB-A; JB-B; JB-C; JB-D; JB-E; e JB-F.

GOLFE

Os primeiros golfistas estrangeiros que vão participar do Heublein Open, no São Paulo Golf Club, começam a chegar hoje. Às 9h30m, devem chegar os norte-americanos e às 7h45m, Mark James, único inglês alistado no torneio, que distribui em prêmios 50 mil dólares (cerca de Cr$ 5 milhões 500 mil).

A lista dos norte-americanos é a seguinte: George Burnes, Dave Eichelberger, Clen Baker, Donald Crawley, Lee Carter, Steve Cook, Tommy Valentine. Os outros tenistas internacionais devem chegar segunda ou terça-feira.

Na abertura do Heublein Open será disputado o Pro-Am Atlântica Boavista, que reúne um profissional e três amadores e dará em prêmios 3 mil dólares (cerca de Cr$ 300 mil).

IATISMO

Kurt Diemer e Ivã Adler estão liderando, com uma vitória cada um, a Taça Jorge Weydinhagle, de iatismo, classe Snipe, que é realizada pelo Iate Clube Jardim Guanabara. Eles venceram as duas regatas de ontem.

Hoje, com início marcado para as 10h, vão ser realizadas as duas últimas regatas, que vão decidir a competição. Os resultados de ontem foram: **primeira regata**: 1. Kuert Diemer, 2. Ivã Pimentel e 3. Hilton Piccolo. **segunda regata**: 1. Ivã Adler, 2. Hilton Piccolo e 3. Ivã Pimentel.

GINÁSTICA

A delegação brasileira de ginástica rítmica, que participará de 21 a 24 de outubro do Campeonato Mundial, já está em Munique. A equipe é formada por 11 atletas, todas cariocas.

Chefiadas por Ilona Peuker, da Gama Filho, e tendo como técnica Vera Lúcia Miranda, também da Gama Filho, a equipe levou as atletas Silvana, Mônica, Gladis, Noema, Cláudia, Daisy e Maria Luisa, da Gama Filho; Rosane, do Tijuca; e Márcia, Laura Monteiro e Laura Seixas, do Vasco. A média de idade é de 17 anos.

Ari Gomes

Carlos Alberto (153) fez uma corrida inteligente e nas duas últimas voltas imprimiu um ritmo de recorde

Atletismo bate dois recordes sul-americanos

Dois recordes sul-americanos, ambos batidos por atletas brasileiros, dão bem a dimensão da superioridade da equipe masculina do Brasil na disputa do Campeonato Sul-Americano de Atletismo Juvenil, que cumpriu na tarde de ontem a terceira e penúltima jornada na pista do Estádio Célio de Barros. Os recordes superados foram: 2 000m com obstáculos, através de Carlos Alberto Moraes, no tempo de 5m40s0, e Oziel Inocêncio, no disco, com 47,74m.

Na parte feminina as atletas argentinas reagiram muito bem e se igualaram na contagem de pontos às brasileiras que ocupavam a liderança desde o primeiro dia. Agora as duas equipes estão com 79 pontos e a decisão será hoje, a partir das 15h, no encerramento da competição, nas sete provas restantes. O Brasil leva algum favoritismo em três (100m, 400m e 4x100m), e a Argentina em quatro (100m barreiras, 3 000m rasos, peso e heptatlo).

ARGENTINAS REAGEM

De repente, a competição, que estava indo muito fácil para o Brasil fechar o seu título de pentacampeão sul-americano tanto no masculino como no feminino, foi sacudida por espetacular reação das atletas argentinas que passaram de simples aspirantes ao título à posição de vantagem, levando em conta quatro provas em que estão bem preparadas e em condições de ganhar.

Segundo análise dos técnicos brasileiros, as brasileiras podem ganhar os 100m, com Sueli Ferreira, os 400m com Elba Barbosa e o revezamento 4x100m tradicionalmente propriedade da Seleção Brasileira. O otimismo dos técnicos cessa, porém, quando relaciona provas da equipe argentina: 100m barreiras, com Beatriz Capotosto, o heptatlo, através de Maria Elina Urbano, o peso, com Alejandra Herrera, e o 3 mil, com Cecília Ramoti.

Os grandes momentos da etapa de ontem foram os recordes sul-americanos de Carlos Alberto, nos 2 mil com obstáculos, e Oziel Inocêncio no disco. Carlos Alberto não correu de frente, revezando durante as cinco voltas nas primeiras colocações. Só na terceira volta ele resolveu liderar a corrida, sempre acompanhado por outro brasileiro, Reinaldo Antônio, que não suportou o ritmo. O campeão gostou demais da medalha e do recorde, mas queixou-se de suas condições de treinamento, achando que poderia render muito mais se tivesse melhores meios para treinar.

CONTAGEM PARCIAL

Masculino	pts
1. Brasil	160
2. Argentina	101
3. Venezuela	76
4. Chile	50
5. Colômbia	31
6. Uruguai	14
7. Paraguai	4
Feminino	
1. Brasil e Argentina	79
3. Chile	46
4. Venezuela	28
5. Uruguai	14
6. Colômbia	11
7. Paraguai	1

Terceiro Dia

Prova / Atleta	País	Marca
800m		
1. Silvia Ausburger	Argentina	2m10s9
2. Graciela Mardonez	Chile	2m11s7
3. Ana Maria Leal	Brasil	2m13s4
800m		
1. Luis Antônio Bogges	Brasil	1m51s2
2. Luis Lizardi Romero	Venezuela	1m51s4
3. Pablo Squella	Chile	1m51s6
2.000m obstáculos		
1. Carlos Alberto Moraes Alves	Brasil	5m40s0 (+)
2. José Martinez Lauretti	Venezuela	5m43s8
3. Ricardo Cirilo Vera	Uruguai	5m44s2
1.500m		
1. José Castillo	Venezuela	3m54s2
2. Angel Roman	Venezuela	3m54s2
3. Jorge Diaz	Chile	3m55s1
Lançamento disco		
1. Oziel Inocêncio	Brasil	47,74 (+)
2. Norberto René	Argentina	45,54m
3. Altamiro Médici	Brasil	43,80m
Salto com vara		
1. Adolfo Trucco	Argentina	4,20m
2. Daniel Prieto	Chile	4,10m
3. Flávio Luís Ferreira	Brasil	4,00m
Salto distância		
1. Graciela Corradini	Argentina	5,86
2. Andréa Acevedo	Chile	5,61m
3. Graciela Diver	Uruguai	5,74m

(+) Recorde Sul-Americano

Provas de hoje e recordes

PROVA	BRASILEIRO	SUL-AMERICANO
110m barreiras	Sidnei Avelino 14s5	Sidnei Avelino Brasil — 14s5
Dardo	Wilson Pocholski 68,44m	Roman Gormendia Argentina — 68,50m
100m barreiras	Conceição Geremias 14s4	Beatriz Capotosto Argentina — 14s2
Altura	Milton Riitano 2,10m	Milton Riitano Brasil — 2,10m
400m	Sueli Ferreira 54s3	Sueli Ferreira Brasil — 54s3
100m	Esmeralda Jesus 11s5	Esmeralda Jesus Brasil — [illegible]
400m	Antônio Euzébio 46s5	Antônio Euzébio Brasil — 46s5
3.000m rasos	Cássia Aparecida 10m20s7	Liliana Gongora Argentina — 10m15s8
Peso	Verônica Brunner 13,84m	Verônica Brunner Brasil — 13,84m
4 x 100m (feminino) CBAT	Brasil 46s66	46s66
4 x 100m (masculino) CBAt	Argentina 41s26	41s17
Heptatlo	A ser estabelecido	

Karpov e Korchnoi empatam sétima partida de xadrez

Merano, Itália — Anatoli Karpov, atual campeão mundial, e Victor Korchnoi, desafiante, empataram a sétima partida do **match** que decide o título de xadrez. Com isso, Karpov continua com uma vantagem de 3 a 1. A partida teve como abertura um Gambito da Dama, sistema Tartakover.

Depois de 31 lances, Korchnoi, jogando com as brancas, propôs o empate, que foi aceito. Korchnoi começou num ritmo lento e, depois de 23 jogadas, já tinha gasto 1h40m de seu tempo, enquanto Karpov só gastara 59m.

No 30º movimento, Korchnoi só tinha 11 minutos para fazer 10 jogadas, enquanto Karpov tinha 25 minutos à sua disposição. A oitava partida da série, que terá Karpov jogando com as pedras brancas, está marcada para segunda-feira.

A partida

KORCHNOI	KARPOV		
1.P4BD	P3R	16.D3C	T1B1CD
2.C3BD	P4D	17.D3T	D3R
3.P4D	B2R	18.T1BR1D	P 4TD
4.C3B	C3BR	19.C1R	P5TD
5.B5C	P3TR	20.C3D	P5D
6.B4T	0-0	21.BXB	TXB
7.T1A	P3CD	22.PXP	PXP
8.PXP	CXP	23.T1R	D4 D
9.CXC	PXC	24.T2B	C1BR
10.BXB	DXB	25.C4B	D4TD
11.P3CR	B3T	26.T2B2R	D4CD
12. P3R	P4 BD	27.D3BR	T1T1C
13.PXP	B2C	28. P4 TR	D4 BR
14.B2 C	PXP	29. T5R	D 3B
15. O-O	C2D	30.D 5D	T X P
		31. T 5 BR	empate

Escondendo jogo

Ruy Lopez

Partida um tanto estranha, refletindo uma certa "acomodação geológica" no meio deste campeonato. Korchnoi está visivelmente mais seguro. Mas Karpov não se mostrou abatido com a primeira derrota. Com as pretas, é ele quem procura, nesta partida, criar uma situação nova, com o original sacrifício de peão do lance 13, que as brancas rejeitam, porque daria jogo muito ativo às pretas. De qualquer forma, ambos os jogadores mostraram-se razoavelmente cautelosos; e não há melhor demonstração disso do que o acordo de empate no lance 31 quando havia ainda muito jogo pela frente. Também não havia superioridade nítida para qualquer um dos dois; o que torna o empate pelo menos aceitável. É esperar pela próxima partida.

Goes reage no 3º "set" e é o campeão do Hollywood

Com uma atuação muito irregular — chegou a perder nove **games** seguidos — o paulista Júlio Goes, de Bauru, venceu o Hollywood Classic Nacional ao derrotar Givaldo Barbosa, também de São Paulo, por 6/2, 0/6 e 7/5, em 1h50m de partida. Pela vitória, Goes conquistou o prêmio de Cr$ 750 mil, enquanto Barbosa ficou com Cr$ 350 mil.

O jogo começou com Goes, favorito, quebrando logo o serviço de Barbosa duas vezes, para chegar facilmente a 3/0. Jogando muito bem, na base de toques, ele conseguiu manter a vantagem sem problemas no set inicial, até fechar em 6/2.

Goes estava atuando bem no fundo da quadra, com seu jogo de toques, e procurando também imprimir alguma agressividade, enquanto Barbosa não conseguia impor seu ritmo, errando muito.

Começou o segundo set, com Givaldo sacando e mantendo. A partir desse momento, houve uma completa inversão na situação emocional e técnica dos dois jogadores. Barbosa foi ganhando confiança, conseguindo aos poucos dominar completamente a partida.

Do outro lado da quadra, Goes ia perdendo a cabeça, parecendo até o jogador de há dois anos, que se irritava com qualquer coisa. Reclamou dos juízes, quase quebrou sua raqueta, pressionando-a contra o joelho, gritou e jogou bolas longe. Resultado: Barbosa 6/0 facilmente.

O início do terceiro **set** fazia prever uma vitória tranqüila de Barbosa. Ele continuou a jogar bem, enquanto, a cada ponto, Goes parecia mais perdido. Barbosa chegou rapidamente a 3/0.

Nesse momento houve algo que, praticamente, mudou o rumo da partida. Tomas Koch, que assistia ao jogo atrás da cadeira onde Goes descansava nos intervalos, chegou perto dele e cochichou algumas palavras.

Pareceram palavras mágicas. Goes voltou completamente modificado. Do jogador apático e nervoso voltou muito mais seguro e visivelmente mais descontraído. Fez um **ace** logo no primeiro ponto.

Jogando muito bem, ele ganhou o **game** sem deixar Barbosa fazer um ponto, e reagiu para empatar o jogo em 3/3. Barbosa ainda passou para 4/3, 5/4, mas acabou perdendo por 7/5.

Nos últimos nove **games** do jogo, Goes, quando tinha o serviço a seu favor, só perdeu dois pontos, enquanto sempre que Barbosa sacava o **game** era muito equilibrado. Foi uma vitória do jogador que mais progrediu no Brasil nos últimos dois meses, mas que, se não fosse a providencial intervenção de Koch, teria deixado escapar uma grande oportunidade.

Na final de duplas, Marcos Hocevar e Givaldo Barbosa, depois de salvar um **match-point** no segundo **set**, reagiram e conquistaram o título, ao derrotarem os gaúchos José Carlos Schimdt e Ney Keller por 4/6, 7/5 e 6/3.

Goes agradece

Depois da partida, Júlio Goes confessou que, se não fosse a intervenção de Koch no terceiro **game** do **set** decisivo, ele teria perdido, pois estava completamente apático e desconcentrado.

— Ele me chamou para o jogo. Falou, assim, que eu estava fora, que era para eu voltar para a quadra e só jogar tênis, com garra, que eu ganharia. E foi isso que aconteceu.

Goes, analisando a partida, diz que começou jogando muito bem, mas que, de repente, saiu de jogo, ficou pesado, parado na quadra, sem ter ânimo para qualquer reação.

— Ganhar do Givaldo no terceiro set é duro. Certa vez, numa melhor de cinco **sets**, eu ganhei os dois primeiros fácil, tive 3/1 e 40/15 no terceiro e acabei perdendo. O negócio é que a calma dele me irrita. Não sei como é que ele consegue ficar calmo durante toda a partida.

Goes, agora, pretende fazer todo o Circuito Sul-Americano de Grand Prix, com os torneios de Quito, Buenos Aires e Santiago, e depois jogar o torneio de Itaparica e "quem sabe jogar o Aberto da Austrália, apesar de ele cair no Natal e haver pressão contra".

A "pressão contra" é de sua mulher Chica, que está grávida, o segundo filho de Goes, e, segundo todos os tenistas, é a grande responsável pela mudança de comportamento de Goes, antes nervoso e desconcentrado, e agora um tenista que só pensa em ganhar e, quando ela está assistindo o jogo, a cada ponto que vence olha para ela, como que pedindo aprovação.

Koch explica

Tomas Koch, depois da partida eleito como o responsável pela "virada" de Goes no **set** final, explica o que falou para o jogador.

— Na verdade, eu não disse nada, só falei para ele ir lá e jogar tênis, porque nunca vi ninguém sair tanto de jogo assim como o Meca (apelido de Goes).

Koch compara o comportamento de Goes ao de Cássio Motta, na véspera, quando perdeu a semifinal para Barbosa.

— O Cássio está muito bem, eliminou o Kirmayr, mas ficou muito nervoso contra o Givaldo e praticamente entregou o jogo no terceiro **set**, depois de ter 5/4 e saque no segundo. Faltou alguém para dizer a ele: calma, você está jogando bem. E ele está mesmo.

Patrícia perde

Tóquio — A baiana Patrícia Medrado foi eliminada do torneio feminino de Tóquio, depois de uma grande atuação, ao perder, na rodada semifinal, para a norte-americana Julie Harrington por 4/6, 6/3 e 6/2. O torneio distribui 50 mil dólares (cerca de Cr$ 5 milhões 500 mil) em prêmios.

Harrington joga hoje a final com outra norte-americana, Kathy Rinaldi, de 14 anos, que derrotou Pam Casale, primeira pré-classificada e também norte-americana, por 3/6, 6/3 e 6/1. O torneio está sendo realizado no clube Showa-no-Muri, nos arredores de Tóquio.

Os norte-americanos John McEnroe e Roscae Tanner decidem hoje o torneio de tênis de Sidnei, na Austrália. Nas semifinais, McEnroe derrotou Elliot Teltscher por 7/5 e 7/6 e Tanner venceu John Fitzegerald por 6/3 e 6/3.

Em 1962, na final, a 17 de junho, em Santiago, o Brasil entrou em campo com uma batalha já ganha: a FIFA decidira não punir Garrincha, expulso no jogo anterior. A Seleção Brasileira jogaria com força total para decidir a Copa com Tcheco-Eslováquia, único adversário que não conseguira vencer, talvez porque mutilada com o infortúnio de Pelé. Ciente de seu poderio, o Brasil não se perturbou quando os tchecos, através de seu excelente jogador Masopust, marcaram o primeiro gol da partida. Três minutos depois o jogo já estava empatado: Amarildo, de cima da linha de fundo, percebendo que o goleiro Schroif se adiantara um pouco esperando um centro atrasado, bateu com raiva na bola, direto para o gol. O primeiro tempo terminou com o placar de 1 a 1, que não fazia justiça ao Brasil: os brasileiros dominaram a partida desde o gol do empate, conseguido aos 17m.

No segundo tempo o jogo não mudou de feição. O Brasil continuou atacando e todo o público sentia que o gol de desempate era apenas uma questão de tempo. Ele veio aos 24m, quando Zito, num lance em que revelou raça e apuro físico e técnico, cabeceou para dentro do gol theco uma bola que aparentemente não poderia alcançar. Dez minutos depois, Vavá garantia a vitória e a permanência da Copa no Brasil com um gol típico do seu futebol de presença na área, mandando para as redes o rebote do goleiro de um chute longo de Djalma Santos. Com 3 a 1 a favor do Brasil o jogo e o Campeonato chegaram ao fim. A Copa de Ouro era brasileira por mais quatro anos.

BRASIL 3 X TCHECO-ESLOVÁQUIA 1

Local: Estádio Nacional (Santiago). **Brasil**: Gilmar; Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nílton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Amarildo e Zagalo.
Thecoeslováquia: Schroiff; Lala, Popular, Novak e Pluskal; Masopust e Secularac; Pospichal, Scherer, Kadraba e Jelinek.
Gols: A contagem foi aberta por Masopust e Amarildo empatou ainda no primeiro tempo. Na fase final, Zito, em passe de Amarildo, fez o segundo gol do Brasil, para Vavá encerrar o marcador, emendando uma bola largada pelo goleiro Schroiff.

ROTEIRO

HIPISMO

Porto Alegre — O paulista José Reynoso Fernandes, com **Noa Noa**, venceu, ontem, pela segunda vez consecutiva, a prova da série principal do 6º Torneio Hípico Internacional Montab, na Sociedade Hípica Porto-Alegrense, assegurando, assim, a liderança no torneio. Na prova de ontem, definida em desempate, o conjunto de José Reynoso — **Noa Noa** — completou o percurso em 28s90, sem faltas.

Na segunda prova da série preliminar, o vencedor foi o carioca Avelino Artur Júnior, com **Overtime**. O torneio está sendo disputado por 43 participantes do Brasil, Argentina, Uruguai e Chile, e será decidido esta tarde, sendo José Reynoso Fernandes o grande favorito da série principal.

PESCA

Foi realizada ontem na praia de Jaconé, município de Saquarema, a etapa de classificação da 2ª Grande Gincana do Pampa Clube de Pesca, na modalidade de arremesso desembarcado. A prova, que é patrocinada pelo JORNAL DO BRASIL, conta com 62 equipes de cinco pescadores cada num total de 320 pescadores. A final é hoje, às 10h, no mesmo local.

A competição, em comemoração ao decacampeonato fluminense de pesca de arremesso do Pampa Clube de Pesca, contou com a participação de sete equipes representativas do JORNAL DO BRASIL: JB-Hotel Serra Verde; JB-A; JB-B; JB-C; JB-D; JB-E; e JB-F.

GOLFE

Os primeiros golfistas estrangeiros que vão participar do Heublein Open, no São Paulo Golf Club, começam a chegar hoje. Às 9h30m, devem chegar os norte-americanos e às 7h45m, Mark James, único inglês alistado no torneio, que distribui em prêmios 50 mil dólares (cerca de Cr$ 5 milhões 500 mil).

A lista dos norte-americanos é a seguinte: George Burnes, Dave Eichelberger, Clen Baker, Donald Crawley, Lee Carter, Steve Cook, Tommy Valentine. Os outros tenistas internacionais devem chegar segunda ou terça-feira.

Na abertura do Heublein Open será disputado o Pro-Am Atlântica Boavista, que reúne um profissional e três amadores e dará em prêmios 3 mil dólares (cerca de Cr$ 300 mil).

CORRIDA

José Baltar, correndo pela SUAM com o tempo de 29m47s9 foi o vencedor da Corrida Rústica da PUC, ontem de manhã, no percurso de 10 quilômetros entre o Forte do Leme e o Campus da Universidade na Gávea. Na categoria universitária feminina a campeã foi Maria Cassimiro, representando a Universidade Gama Filho. Nas duas categorias restantes de extra, masculina e feminina, os vencedores foram Hélio de Oliveira, do Serrano e Mônica Tobias da Associação de Funcionários da PUC. A prova teve 957 corredores e destes 650 chegaram na linha de chegada no tempo de uma hora e quinze minutos. Os três primeiros em cada categoria: Universitária: 1º José Baltar (SUAM), 2º Luís Afonso (SUAM), 3º Marcelo Freitas (Rural); 1º Maria Cassimiro (GF), 2º Mariete Faria (Sta. Ursula), 3º Monique Santana (Rural); Extra: 1º Hélio Almeida (Serrano), 2º Antônio Henrique (Serrano), 3º Marcos Oliveira (Sta. Luzia); 1º Mônica Tobias (PUC) 2º Irene Bastos (Sta. Luzia), 3º Lenira Paulo (Sta. Luzia).

Ari Gomes

Carlos Alberto (153) fez uma corrida inteligente e nas duas últimas voltas imprimiu um ritmo de recorde

Atletismo bate dois recordes sul-americanos

Dois recordes sul-americanos, ambos batidos por atletas brasileiros, dão bem a dimensão da superioridade da equipe masculina do Brasil na disputa do Campeonato Sul-Americano de Atletismo Juvenil, que cumpriu na tarde de ontem a terceira e penúltima jornada na pista do Estádio Célio de Barros. Os recordes superados foram: 2 000m com obstáculos, através de Carlos Alberto Moraes, no tempo de 5m40s0, e Oziel Inocênio, no disco, com 47,74m.

Na parte feminina as atletas argentinas reagiram muito bem e se igualaram na contagem de pontos às brasileiras que ocuparam a liderança desde o primeiro dia. Agora as duas equipes estão com 79 pontos e a decisão será hoje, a partir das 15h, no encerramento da competição, nas sete provas restantes. O Brasil leva algum favoritismo em três (100m, 400m e 4x100m), e a Argentina em quatro (100m barreiras, 3 000m rasos, peso e heptatlo).

ARGENTINAS REAGEM

De repente, a competição, que estava indo muito fácil para o Brasil fechar o seu título de pentacampeão sul-americano tanto no masculino como no feminino, foi sacudida por espetacular reação das atletas argentinas que passaram de simples aspirantes ao título à posição de vantagem, levando em conta quatro provas em que estão bem preparadas e em condições de ganhar.

Segundo análise dos técnicos brasileiros, as brasileiras podem ganhar os 100m, com Sueli Ferreira, os 400m com Elba Barbosa e o revezamento 4x100m tradicionalmente prova da Seleção Brasileira. O otimismo dos técnicos cessa, porém, quando relaciona provas da equipe argentina: 100m barreiras, com Beatriz Capotosto, o heptatlo, através de Maria Elina Urbano, o peso, com Alejandra Herrera, e o 3 mil, com Cecilia Ramon.

Os grandes momentos da etapa de ontem foram os recordes sul-americano de Carlos Alberto, nos 2 mil com obstáculos, e Oziel Inocêncio no disco. Carlos Alberto não correu de frente, revezando durante as cinco voltas nas primeiras colocações. Só na terceira volta ele resolveu liderar a corrida, sempre acompanhado por outro brasileiro, Reinaldo Antônio, que não suportou o ritmo. O campeão gostou da medalha e do recorde, mas queixou-se de suas condições de treinamento, achando que poderia render muito mais se tivesse melhores meios para treinar.

CONTAGEM PARCIAL

Masculino	pts
1. Brasil	160
2. Argentina	101
3. Venezuela	76
4. Chile	50
5. Colômbia	31
6. Uruguai	14
7. Paraguai	4
Feminino	
1. Brasil e Argentina	79
3. Chile	46
4. Venezuela	28
5. Uruguai	14
6. Colômbia	11
7. Paraguai	1

Terceiro Dia

Prova / Atleta	País	Marca
800m		
1. Silvia Ausburger	Argentina	2m10s9
2. Graciela Mardonez	Chile	2m11s7
3. Ana Maria Leal	Brasil	2m13s4
800m		
1. Luis Antônio Bogges	Brasil	1m51s2
2. Luis Lizardi Romero	Venezuela	1m51s4
3. Pablo Squella	Chile	1m51s6
2.000m obstáculos		
1. Carlos Alberto Moraes Alves	Brasil	5m40s0 (+)
2. José Martinez Laurelli	Venezuela	5m43s8
3. Ricardo Cirilo Vera	Uruguai	5m44s2
1.500m		
1. José Castillo	Venezuela	3m54s2
2. Angel Roman	Venezuela	3m54s2
3. Jorge Diaz	Chile	3m55s1
Lançamento disco		
1. Oziel Inocêncio	Brasil	47,74 (+)
2. Norberto René	Argentina	45,54m
3. Altamiro Médici	Brasil	43,80m
Salto com vara		
1. Adolfo Trucco	Argentina	4,20m
2. Daniel Prieto	Chile	4,10m
3. Flávio Luís Ferreira	Brasil	4,00m
Salto distância		
1. Graciela Corradini	Argentina	5,86
2. Andréa Acevedo	Chile	5,81m
3. Graciela Diver	Uruguai	5,74m

(+) Recorde Sul-Americano

Provas de hoje e recordes

PROVA	BRASILEIRO	SUL-AMERICANO
110m barreiras	Sidnei Avelino 14s5	Sidnei Avelino Brasil — 14s5
Dardo	Wilson Pacholski 68,44m	Ramon Garmendia Argentina — 68,50m
100m barreiras	Conceição Geremias 14s4	Beatriz Capotosto Argentina — 14s2
Altura	Milton Riitano 2,10m	Milton Riitano Brasil — 2,10m
400m	Sueli Ferreira 54s3	Sueli Ferreira Brasil — 54s3
100m	Esmeralda Jesus 11s5	Esmeralda Jesus Brasil — 11s5
400m	Antônio Euzébio 46s5	Antônio Euzébio Brasil — 46s5
3.000m rasos	Cássia Aparecida 10m20s7	Liliana Gongora Argentina — 10m15s8
Peso	Verônica Brunner 13,84m	Verônica Brunner Brasil — 13,84m
4 x 100m (feminino) CBAT	Brasil 46s66	46s66
4 x 100m (masculino) CBAT	Argentina 41s26	41s17
Heptatlo	A ser estabelecido	

Karpov e Korchnoi empatam sétima partida de xadrez

Merano, Itália — Anatoli Karpov, atual campeão mundial, e Victor Korchnoi, desafiante, empataram a sétima partida do **match** que decide o título de xadrez. Com isso, Karpov continua com uma vantagem de 3 a 1. A partida teve como abertura um Gambito da Dama, sistema Tartakover.

Depois de 31 lances, Korchnoi, jogando com as brancas, propôs o empate, que foi aceito. Korchnoi começou num ritmo lento e, depois de 23 jogadas, já tinha gasto 1h40m de seu tempo, enquanto Karpov só gastara 59m.

No 30º movimento, Korchnoi só tinha 11 minutos para fazer 10 jogadas, enquanto Karpov tinha 25 minutos à sua disposição. A oitava partida da série, que terá Karpov jogando com as pedras brancas, está marcada para segunda-feira.

A partida

KORCHNOI	KARPOV		
1.P4BD	P3R	16.D3C	T1B1CD
2.C3BD	P4D	17.D3T	D3R
3.P4D	B2R	18.T1BR1D	P 4TD
4.C3B	C3BR	19.C1R	P5TD
5.B5C	P3TR	20.C3D	P5D
6.B4T	0-0	21.BXB	TXB
7.T1A	P3CD	22.PXP	PXP
8.PXP	CXP	23.T1R	D4 D
9.CXC	PXC	24.T2B	C1BR
10.BXB	DXB	25.C4B	D4TD
11.P3CR	B3T	26.T2B2R	D4CD
12. P3R	P4 BD	27.D3BR	T1T1C
13.PXP	B2C	28. P4 TR	D4 BR
14.B2 C	PXP	29. T5R	D 3B
15. O-O	C2D	30.D 5D	T X P
		31. T 5 BR	empate

Escondendo jogo

Ruy Lopez

Partida um tanto estranha, refletindo uma certa "acomodação geológica" no meio deste campeonato. Korchnoi está visivelmente mais seguro. Mas Karpov não se mostrou abatido com a primeira derrota. Com as pretas, é ele quem procura, nesta partida, criar uma situação nova, com o original sacrifício de peão do lance 13, que as brancas rejeitam, porque daria jogo muito ativo às pretas. De qualquer forma, ambos os jogadores mostraram-se razoavelmente cautelosos; e não há melhor demonstração disso do que o acordo de empate no lance 31 quando havia ainda muito jogo pela frente. Também não havia superioridade nítida para qualquer um dos dois; o que torna o empate pelo menos aceitável. E esperar pela próxima partida.

Goes reage no 3º "set" e é o campeão do Hollywood

Com uma atuação muito irregular — chegou a perder nove **games** seguidos — o paulista Júlio Goes, de Bauru, venceu o Hollywood Classic Nacional ao derrotar Givaldo Barbosa, também de São Paulo, por 6/2, 0/6 e 7/5, em 1h50m de partida. Pela vitória, Goes conquistou o prêmio de Cr$ 750 mil, enquanto Barbosa ficou com Cr$ 350 mil.

O jogo começou com Goes, favorito, quebrando logo o serviço de Barbosa duas vezes, para chegar facilmente a 3/0. Jogando muito bem, na base de toques, ele conseguiu manter a vantagem sem problemas no **set** inicial, até fechar em 6/2.

Goes estava atuando bem no fundo da quadra, com seu jogo de toques, e procurando também imprimir alguma agressividade, enquanto Barbosa não conseguia impor seu ritmo, errando muito.

Começou o segundo **set**, com Givaldo sacando e mantendo. A partir desse momento, houve uma completa inversão na situação emocional e técnica dos dois jogadores. Barbosa foi ganhando confiança, conseguindo aos poucos dominar completamente a partida.

Do outro lado da quadra, Goes ia perdendo a cabeça, parecendo até o jogador de há dois anos, que se irritava com qualquer coisa. Reclamou dos juízes, quase quebrou sua raqueta, pressionando-a contra o joelho, gritou e jogou bolas longe. Resultado: Barbosa 6/0 facilmente.

O início do terceiro **set** fazia prever uma vitória tranqüila de Barbosa. Ele continuou a jogar bem, enquanto, a cada ponto, Goes parecia mais perdido. Barbosa chegou rapidamente a 3/0.

Nesse momento houve algo que, praticamente, mudou o rumo da partida. Tomas Koch, que assistia ao jogo atrás da cadeira onde Goes descansava nos intervalos, chegou perto dele e cochichou algumas palavras.

Pareceram palavras mágicas. Goes voltou completamente modificado. Do jogador apático e nervoso voltou muito mais seguro e visivelmente mais descontraído. Fez um **ace** logo no primeiro ponto.

Jogando muito bem, ele ganhou o **game** sem deixar Barbosa fazer um ponto, e reagiu para empatar o jogo em 3/3. Barbosa ainda passou para 4/3, 5/4, mas acabou perdendo por 7/5.

Nos últimos nove **games** do jogo, Goes, quando tinha o serviço a seu favor, só perdeu dois pontos, enquanto sempre que Barbosa sacava o **game** era muito equilibrado. Foi uma vitória do jogador que mais progrediu no Brasil nos últimos dois meses, mas que, se não fosse a providencial intervenção de Koch, teria deixado escapar uma grande oportunidade.

Na final de duplas, Marcos Hocevar e Givaldo Barbosa, depois de salvar um **match-point** no segundo **set**, reagiram e conquistaram o título, ao derrotarem os gaúchos José Carlos Schimdt e Ney Keller por 4/6, 7/5 e 6/3.

Goes agradece

Depois da partida, Júlio Goes confessou que, se não fosse a intervenção de Koch no terceiro **game** do **set** decisivo, ele teria perdido, pois estava completamente apático e desconcentrado.

— Ele me chamou para o jogo. Falou, assim, que eu estava fora, que era para eu voltar para a quadra e só jogar tênis, com garra, que eu ganharia. E foi isso que aconteceu.

Goes, analisando a partida, diz que começou jogando muito bem, mas que, de repente, saiu de jogo, ficou pesado, parado na quadra, sem ter ânimo para qualquer reação.

— Ganhar do Givaldo no terceiro **set** é duro. Certa vez, numa melhor de cinco sets, eu ganhei os dois primeiros fácil, tive 3/1 e 40/15 no terceiro e acabei perdendo. O negócio é que a calma dele me irrita. Não sei como é que ele consegue ficar calmo durante toda a partida.

Goes, agora, pretende fazer todo o Circuito Sul-Americano de Grand Prix, com os torneios de Quito, Buenos Aires e Santiago, e depois jogar o torneio de Itaparica e "quem sabe jogar o Aberto da Austrália, apesar de ele cair no Natal e haver pressão contra".

A "pressão contra" é de sua mulher Chica, que está grávida, o segundo filho de Goes, e, segundo todos os tenistas, é a grande responsável pela mudança de comportamento de Goes, antes nervoso e desconcentrado, e agora um tenista que só pensa em ganhar e, quando ela está assistindo o jogo, a cada ponto que vence olha para ela, como que pedindo aprovação.

Koch explica

Tomas Koch, depois da partida eleito como o responsável pela "virada" de Goes no **set** final, explica o que falou para o jogador.

— Na verdade, eu não disse nada, só falei para ele ir lá e jogar tênis, porque nunca vi ninguém sair tanto de jogo assim como o Meca (apelido de Goes).

Koch compara o comportamento de Goes ao de Cássio Motta, na véspera, quando perdeu a semifinal para Barbosa.

— O Cássio está muito bem, eliminou o Kirmayr, mas ficou muito nervoso contra o Givaldo e praticamente entregou o jogo no terceiro **set**, depois de ter 5/4 e saque no segundo. Faltou alguém para dizer a ele: calma, você está jogando bem. E ele está mesmo.

Patrícia perde

Tóquio — A baiana Patrícia Medrado foi eliminada do torneio feminino de Tóquio, depois de uma grande atuação, ao perder, na rodada semifinal, para a norte-americana Julie Harrington por 4/6, 6/3 e 6/2. O torneio distribui 50 mil dólares (cerca de Cr$ 5 milhões 500 mil) em prêmios.

Harrington joga hoje a final com outra norte-americana, Kathy Rinaldi, de 14 anos, que derrotou Pam Casale, primeira pré-classificada e também norte-americana, por 3/6, 6/3 e 6/1. O torneio está sendo realizado no clube Showa-no-Muri, nos arredores de Tóquio.

Os norte-americanos John McEnroe e Roscae Tanner decidem hoje o torneio de tênis de Sidnei, na Austrália. Nas semifinais, McEnroe derrotou Elliot Teltscher por 7/5 e 7/6 e Tanner venceu John Fitzegerald por 6/3 e 6/3.

EM 1962, na final, a 17 de junho, em Santiago, o Brasil entrou em campo com uma batalha já ganha: a FIFA decidira não punir Garrincha, expulso no jogo anterior. A Seleção Brasileira jogaria com força total para decidir a Copa com Tcheco-Eslováquia, único adversário que não conseguira vencer, talvez porque mutilada com o infortúnio de Pelé. Ciente de seu poderio, o Brasil não se perturbou quando os tchecos, através de seu excelente jogador Masopust, marcaram o primeiro gol da partida. Três minutos depois o jogo já estava empatado: Amarildo, de cima da linha de fundo, percebendo que o goleiro Schroif se adiantara um pouco esperando um centro atrasado, bateu com raiva na bola, direto para o gol. O primeiro tempo terminou com o placar de 1 a 1, que não fazia justiça ao Brasil: os brasileiros dominaram a partida desde o gol do empate, conseguido aos 17m.

No segundo tempo o jogo não mudou de feição. O Brasil continuou atacando e todo o público sentia que o gol de desempate era apenas uma questão de tempo. Ele veio aos 24m, quando Zito, num lance em que revelou raça e apuro físico e técnico, cabeceou para dentro do gol theco uma bola que aparentemente não poderia alcançar. Dez minutos depois, Vavá garantia a vitória e a permanência da Copa no Brasil com um gol típico do seu futebol de presença na área, mandando para as redes o rebote do goleiro de um chute longo de Djalma Santos. Com 3 a 1 a favor do Brasil o jogo e o Campeonato chegaram ao fim. A Copa de Ouro era brasileira por mais quatro anos.

BRASIL 3 X TCHECO-ESLOVÁQUIA 1

Local: Estádio Nacional (Santiago). **Brasil:** Gilmar; Djalma Santos, Mauro, Zózimo e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá Amarildo e Zagalo. **Tcheco-Eslováquia:** Schroiff; Lala, Popular, Novak e Pluskal; Masopust e Secularac; Pospichal, Scherer, Kadraba e Jelinek. **Gols:** A contagem foi aberta por Masopust e Amarildo empatou ainda no primeiro tempo. Na fase final, Zito, em passe de Amarildo, fez o segundo gol do Brasil, para Vavá encerrar o marcador, emendando uma bola largada pelo goleiro Schroiff.

Vasco confiante só teme o campo de Bariri

OLARIA x VASCO — **Local**: Rua Bariri. **Horário**: 15h30m. **Juiz**: Wilson Carlos dos Santos. **Olaria**: Hilton, Marcos, Salvador, Mauro e Toninho; Pino, Lula e Orlando; Oman, Pituca e Nunes. **Vasco**: Mazaropi, Rosemiro, Zezinho, Chagas e Gilberto; Serginho, Dudu e Amauri; Wilsinho, Roberto e Silvinho.

O maior temor do Vasco em relação ao jogo de hoje não é propriamente o Olaria, equipe de recursos limitados e que pouco perigo pode oferecer. O que o treinador Antônio Lopes mais teme é o campo da Rua Bariri, que ele conhece muito bem por já ter dirigido o Olaria, cheio de buracos e irregular. Lopes acha que vai ser muito difícil para os atacantes do Vasco marcar seus gols em penetrações pela área.

E como tem total conhecimento do terreno onde vai jogar, Antônio Lopes sugeriu: o caminho da vitória é o chute de média e longa distâncias. E para tentar chegar mais facilmente ao objetivo, a principal preocupação do treinador no treinamento técnico-tático de ontem foi orientar seus jogadores para a importância dos arremates de fora da área. Lopes treinou exaustivamente o time nos chutes e acha que a tática funcionará.

PIQUET

Analisando o jogo, Lopes afirmou:

— Conheço o gramado e sei que vamos ter dificuldades. O piso é ruim, irregular e cheio de buracos, nivelando os times por baixo. Por isso, vamos atacar como de hábito mas vamos procurar chutar mais de longe. É a única fórmula de chegar ao gol com mais facilidade, pois em tabelas tudo fica mais difícil. Não somente pelo campo mas principalmente pelo sistema defensivo usado pelo Olaria.

No último jogo entre os dois times, também na Rua Bariri, o Vasco venceu por 1 0, gol de Amauri. Todos os jogadores parecem concordar com as explicações do treinador, mas Silvinho, um dos mais realistas, disse.

— Time que quer ser campeão não pode reclamar das condições adversas que enfrentaremos em campos pelo Campeonato. Acredito no Vasco e temos condições de vencer o Olaria, mesmo sendo a Rua Bariri um local de difícil toque de bola. É questão de paciência e técnica.

Ontem, depois do treino, as atenções em São Januário estavam voltadas para Nelson Piquet, vascaíno que conquistou o título mundial da Fórmula-1. E a euforia foi ainda maior quando surgiu no meio dos torcedores brasileiros que estavam em Las Vegas a bandeira do Vasco. No gabinete da presidência do Vasco, os dirigentes se entusiasmaram quando viram a representação do clube.

O zagueiro Celso vai ser novamente operado na próxima terça-feira. João Luís, já recuperado da intervenção nas amígdalas, prepara sua volta ao time, podendo ser quarta-feira. O zagueiro Nei retira o gesso na terça-feira, mas ainda não tem volta garantida este ano, enquanto Ivã, com torção no tornozelo direito, retorna aos treinamentos na quarta-feira. Antônio Lopes relacionou Jair, Ricardo, Zinho, Marco Antônio Rodrigues e Renato Sá para a reserva.

Arquivo

Se Jairzinho não passar no teste, o Botafogo perderá bastante no seu setor ofensivo

Jairzinho e Mendonça são os problemas do Botafogo

SERRANO X BOTAFOGO — **Local**: Atílio Marotti. **Horário**: 16h. **Juiz**: Paulo Antunes Filho. **Serrano**: Acácio, Umberto, Renato, Paulo Ramos e Cândido; Israel, Wellington e Betinho (Vilmário); Gilberto, Índio e Lima. **Botafogo**: Paulo Sérgio, Perivaldo, Gaúcho, Osvaldo e Lima; Rocha, Mendonça (Marcelo) e Ademir Lobo; Édson, Jairzinho (Mirandinha) e Jérson.

O Botafogo está ameaçado de dois importantes desfalques no jogo desta tarde, em Petrópolis, contra o Serrano: Jairzinho, que sentiu uma fisgada na perna, e Mendonça que apareceu ontem de manhã no clube queixando-se de fortes dores lombares. Os dois fazem teste antes da partida.

O presidente Borer voltou mesmo atrás nas declarações que fez sobre os árbitros, afirmando agora que não disse ter provas e que tudo não passou de exagero e má interpretação que o jornal deu as suas palavras. Assim mesmo, terá de se retratar em juízo, porque a queixa dos árbitros já foi registrada.

O técnico Paulinho de Almeida e os jogadores não temem que os juízes venham a se perturbar de agora em diante nos jogos do Botafogo em prejuízo da equipe. O treinador disse que confia nos juízes e como o problema não é dele não se preocupa com o assunto.

Jairzinho, com sua experiência, acha que nenhum prejuízo poderá acontecer com o time e os jogadores. Disse que na sua carreira está cansado de ver dirigente reclamar de juízes, ameaçar enérgicas providências e depois esquecer tudo.

— Além do mais, respeito os árbitros que são profissionais como eu e não acredito que nenhum deles entre em campo para prejudicar um clube.

Paulinho de Almeida ficou preocupado foi com a ameaça de desfalque de Jairzinho e Mendonça. Os dois não participaram do treinamento de ontem em Marechal Hermes e hoje, antes da viagem de ônibus para Petrópolis, vão fazer teste com o doutor Lídio Toledo, que acredita poder liberar os dois.

O pagamento dos salários de setembro e do prêmio de Cr$ 40 mil da vitória sobre o Vasco não saíram ontem também, ficando agora para amanhã. O atraso está irritando os jogadores porque ontem foi a terceira vez que eles ouviram o clássico "não chegou o dinheiro" ao se dirigirem ao caixa.

O time viaja às 13 horas para Petrópolis, levando, além dos titulares, o goleiro Luís Carlos, Mirandinha, Almir, Édson Carpegiani, Marcelo e Gilmar.

Bangu vive clima de euforia para jogo contra o Flamengo

Num ambiente de confiança, muito parecido com o que antecedeu a final do Campeonato de 1966 — quando conquistou o título — Bangu encerrou ontem os preparativos para enfrentar o Flamengo. Cada jogador recebeu do patrono do clube, Castor de Andrade, o prêmio antecipado de Cr$ 50 mil e também a promessa de mais Cr$ 50 mil por uma vitória hoje, o que deixará o Bangu na liderança isolada do terceiro turno.

A única preocupação de Castor de Andrade é quanto ao esquema do time. Na sua opinião, a tática devia ser mais cautelosa. Por isso, ele se reuniu com o técnico João Francisco e com os principais jogadores da equipe para discutir o assunto, mas foi convencido de que o Bangu tem condições de manter seu esquema tático, à base dos contra-ataques, e com ele conseguir um bom resultado hoje.

MÚSICA SUAVE

Por determinação de Castor de Andrade, o supervisor Catuca chegará mais cedo hoje ao Maracanã — por volta das 15 horas — a fim de preparar o vestiário do Bangu com música suave. A intenção é dar mais tranqüilidade aos jogadores, enquanto eles trocam de roupa para entrar em campo. Na sala de aquecimento, o supervisor vai instalar um som de discoteca".

Antes do jantar de ontem — pato com laranja, numa homenagem ao Flamengo, segundo Castor — na Toca do Castor, o lateral-direito Toninho, que já é contratado do Bangu mas ainda não pode jogar porque sua documentação não chegou da Arábia Saudita, aproveitou sua experiência como jogador do Flamengo para ajudar os atuais companheiros com algumas informações consideradas "valiosas".

O otimismo em relação a uma boa apresentação do Bangu não é apenas dos jogadores e dirigentes. A torcida também está muito entusiasmada, tanto que a Banlute organizou o **Trem da Alegria**, com oito vagões puxados pela Charanga, que sai de Moça Bonita para o Maracanã por volta de 13h.

América estréia no 3º turno tumultuado por uma grave crise

MADUREIRA X AMÉRICA. **Local**: Marechal Hermes. **Horário**: 15h30m. **Juiz**: Paulo Roberto Chaves. **América**: Ernâni; Zé Paulo, Osmar, Eraldo e Paulinho; João Luís, Pires e Manoel; João Carlos, Luisinho e Alvimar. **Madureira**: Gilson; Ramiro, Celso, Miguel e Lima; Luís Carlos, Edson e Antônio Carlos; Manfrini, Jorge Demolidor e César.

Em meio a uma crise administrativa de graves proporções — todos os integrantes do Departamento de Futebol pediram demissão depois da eleição do candidato da oposição Lúcio Lacombe à presidência do clube — o América enfrenta o Madureira hoje à tarde em Marechal Hermes, fazendo sua estréia no terceiro turno do Campeonato Estadual.

A insegurança existente entre os jogadores e o próprio técnico Marinho Peres, que não deve permanecer no comando da equipe com a nova diretoria, pode afetar o comportamento do time em campo. Mesmo assim, todos estão confiantes de que têm condições de superar o Madureira e iniciar com uma vitória a campanha do terceiro turno.

Os torcedores que comparecerem a Marechal Hermes poderão ver pela última vez Luisinho vestindo a camisa do América. Entre os boatos que circulam no clube, está o de que o jogador será negociado para um clube da Espanha na próxima semana. Os jogadores fizeram um treino recreativo ontem para a concentração do clube, no Km 17 da Estrada Rio—Petrópolis.

Alemanha decide com Qatar Mundial Juvenil de Juniores

Sidnei, Austrália — A Alemanha Ocidental é considerada favorita na decisão do III Mundial de Juniores, hoje, nesta cidade, devido à maior experiência internacional de seus jogadores, mas o outro finalista, o Qatar, tem condições de conquistar o título por suas apresentações desconcertantes até agora, em especial nos dois últimos jogos, em que eliminou o Brasil (3 a 2) e a Inglaterra (2 a 1).

A Federação Internacional (FIFA) tomou providências junto às autoridades no sentido de que os dois times tenham a máxima segurança durante a partida, o que não ocorreu em alguns jogos anteriores, quando se registraram invasões de campo e conflito entre os torcedores. Tais fatos ocorreram principalmente nas partidas em que participou a Inglaterra. Ontem, os ingleses perderam o terceiro lugar no Campeonato, ao serem derrotados pela Romênia por 1 a 0.

A Alemanha Ocidental participa do Mundial em conseqüência da ausência da Holanda, que não compareceu por problemas administrativos. Os alemães, entretanto, possuem o título de campeões europeus da categoria e já participaram de 228 jogos internacionais. Até o momento, perderam para o Egito (2 a 1), derrotaram o México (1 a 0), a Espanha (4 a 2), a Austrália (1 a 0) e a Romênia (1 a 0).

A Seleção do Qatar — pequeno emirado do Golfo Pérsico — habilitou-se a disputar o Mundial, após ficar em segundo lugar no torneio asiático e na série subseqüente de cinco equipes que classificou dois países para a este Mundial. Sua equipe já disputou 100 compromissos internacionais. A exemplo da Alemanha, o Qatar estreou aqui com uma derrota — 1 a 0, contra o Uruguai. Depois, empatou com os Estados Unidos (1 a 1) e derrotou a Polônia (1 a 0), o Brasil e a Inglaterra.

Iugoslávia e Itália perto da Copa

Belgrado — As Seleções da Iugoslávia e Itália asseguraram praticamente suas classificações para a Copa do Mundo de 82, ao empatarem por um gol ontem, nesta cidade, em partida válida pelo Grupo 5 da Europa. Ainda restam dois compromissos para cada país, mas serão contra os dois concorrentes mais fracos do Grupo — Luxemburgo e Grécia. Assim, só mesmo se houver um imprevisto, Iugoslavos e italianos deixarão de comparecer às finais do Mundial, na Espanha.

As 65 mil pessoas presentes ao estádio presenciaram uma partida muito disputada e que se caracterizou pelo equilíbrio. Coube à Iugoslávia abrir a contagem, aos nove minutos, por intermédio de Zlatko Vujovic, mas ainda no primeiro tempo, aos 33 minutos, Roberto Bettega empatou.

As equipes atuaram assim: **Itália** — Zoff; Gentile, Cabrini, Dossena e Collovati; Scirea, Conti e Tardelli; Altobelli, Antognoni (Oriali) e Bettega; **Iugoslávia** — Pantelic; Buljan, Stojkovic, Zajec e Gudelj; Surjak, Vujovic (Zoran) e Petrovic; Halihodzic, Sljivo e Pasic.

A classificação no Grupo 5 agora é a seguinte: 1º — Iugoslávia e Itália, 9 pontos; 3º Dinamarca, 8 (já encerrou seus jogos); 4º — Grécia, 6; 5º — Luxemburgo, 0. Jogos restantes: 14 de novembro — Itália x Grécia; 21 de novembro — Iugoslávia x Luxemburgo; 29 de novembro — Grécia x Iugoslávia; e 12 de dezembro — Itália x Luxemburgo.

Maradona, um ídolo que ainda não se acostumou com a fama

Rosental Calmon Alves

Buenos Aires — Vida de ídolo do futebol não é fácil, apesar dos milhares ou dos milhões de dólares que se possam juntar e das glórias que se colecionam. Aos 20 anos, consagrado um dos melhores jogadores do mundo, Diego Maradona está chegando à conclusão de que as desvantagens de ser estrela são insuportáveis e, como as vantagens já lhe asseguram a condição de milionário, tem ameaçado freqüentemente abandonar o futebol, depois da Copa do Mundo.

Na verdade, ninguém acredita nessas ameaças, que Maradona tem feito diante dos jornalistas, em verdadeiras explosões nervosas de quem ainda não está acostumado com a fama e nem se mostra disposto a se acostumar. Mas, no fundo, Maradona está realmente acossado pelos jogos seguidos que não lhe permitem descansar direito e pelos problemas com os clubes que lutam pelo seu passe, além da perguição da imprensa, que ele também não suporta mais.

— Sim... se quiserem ponham isso: vou abandonar o futebol. Abandono tudo isso depois da Copa do Mundo. Estou cansado dos que se acham no direito de escrever qualquer coisa e inventar sobre mim coisas que não são certas. Se não abandonei (o futebol) agora foi por meus companheiros, mas já avisei aos meus familiares: logo que termine o Mundial, abandono tudo. Pode ser que assim as pessoas se esqueçam do Maradona e eu possa viver tranqüilamente — desabafou aos jornalistas, depois do último treino do Boca Juniors.

A mesma ameaça de abandonar o futebol já tinha sido feita pelo "Pibe de Oro" (garoto de ouro) numa entrevista à revista **El Grafico**, na cansativa viagem de volta da Costa do Marfim, na África, onde o Boca foi jogar, em excursões "caça-níqueis" a fim de obter dinheiro para pagar Maradona (neste momento, a dívida com o jogador é de 375 mil dólares — Cr$ 4 milhões 125 mil — mas se aproximam novos vencimentos de prestações).

Enquanto os dirigentes do Boca Juniors e do Argentinos Juniors (que ainda reivindica o passe de Maradona e quer anular a venda ao Boca) asseguram que ninguém deve dar crédito às ameaças do jogador, o representante do Barcelona voltava a afirmar que o clube espanhol insiste em contar com Maradona no ano que vem.

O Barcelona está disposto a aproveitar a briga entre os dois clubes argentinos pelo passe de Maradona para levar adiante o compromisso assinado por este, no ano passado, de transferência para a Espanha, mas que não foi cumprido por proibição da AFA (Associação de Futebol Argentino).

Esta proibição caduca na Copa do Mundo e o Barcelona se dispõe a pagar diretamente a Maradona, à vista, três milhões de dólares (Cr$ 330 milhões), além de uma quantia fabulosa ao clube argentino que detenha legalmente o passe do jogador.

Corintians quase fora do Nacional

São Paulo — Ao perder de 3 a 1 ontem para o Botafogo, no Estádio Santa Cruz, em Ribeirão Preto, o Corintians ficou numa situação delicada em relação à sua participação na Taça de Ouro do próximo ano. Para entrar no torneio, terá de contar com uma vitória do Taubaté sobre o São José e ainda precisa que o Juventus perca ou empate no jogo Ponte Preta x Palmeiras, que está marcado para esta manhã, em Campinas. Osmarzinho (2), Paulo Egídio e Mário marcaram os gols e o juiz foi Ulisses Marques Mesquita.

Precisando da vitória a todo custo, o Corintians acabou decepcionando os poucos torcedores que foram a Ribeirão Preto incentivá-lo. Logo aos 3 minutos, Osmarzinho fez 1 a 0, e aos 27, Paulo Egídio, aos 27, num chute forte de fora da área, aumentar a vantagem do time local. A bola ainda tocou na trave, sem chance para Rafael.

No segundo tempo, o Corintians voltou com Zenon no lugar de Eduardo, mas essa alteração de nada adiantou, pois o Botafogo continuou dominando e, aos 35 minutos, Osmarzinho fez o terceiro gol do time. Aos 40, Mário diminuiu, mas aí o Corintians estava irremediavelmente batido. **Equipes**: **Botafogo** — Valter, Fernando, Batista, Gritti e Beto; Flamarion, Pedrinho e Osmarzinho; Vander (Frazão), Didi e Paulo Egídio. **Corintians** — Rafael; Luís Cláudio (Lotti), Rondinelli, Gomes e Vladimir; Paulinho, Biro-Biro e Sócrates; Eduardo (Zenon), Mário e Joãozinho. Com a derrota, o diretor de futebol do Corintians, João Mendonça Falcão, deixará o cargo amanhã e o técnico Julinho poderá ser dispensado.

Campo Neutro

José Inácio Werneck

A jovem esposa de Cláudio Adão protestou contra os jornais, alegando que eles estão subtraindo um gol de seu marido. O leitor J. Oliveira, que me parece rubro-negro, escreve para protestar contra a notícia do JB de que Roberto seria o maior artilheiro do país. Segundo o J. Oliveira, o JB estava contando todos os gols de Roberto ao longo do ano, enquanto a Jorge Mendonça creditava apenas os feitos no Campeonato Paulista e no Campeonato Brasileiro.

Não sei quem tem razão. Para falar a verdade, não sei quais são os termos do concurso. Só me parece que o estão levando longe demais, querendo transformá-lo em uma espécie de índice de convocação para a Seleção Brasileira. Quem fizer o maior número de gols será convocado por Telê Santana para chefiar nosso ataque na Espanha.

Creio que antes deveriam consultar o Telê. Ele pode não concordar e acho mesmo que dificilmente concordará. Se bem conheço Telê, tais formas de pressão surtem com ele efeito exatamente oposto. Se as pessoas acharem que Fulano de Tal será convocado porque fez mais gols, porque é o "artilheiro do Brasil", etc. — aí é que Telê não o convoca mesmo.

Não estou dizendo que Telê estará certo. Não, a teimosia não é boa conselheira. Mas tampouco estarão certos os que defenderem a convocação deste ou daquele jogador com base nos números acumulados. O concurso mede quantidades em circunstâncias heterogêneas. Seria mais fiel se medisse a média de gols por partidas, já que um jogador pode ter disputado muito mais ou muito menos partidas do que outro.

Então, quem tem que medir para aquilatar as qualidades diversas de um ou outro centroavante é o treinador, homem que já jogou futebol (inicio sua carreira precisamente como centroavante) e é pago para observar talentos no país inteiro.

Roberto Dinamite, Cláudio Adão, Roberto do Nordeste, Baltasar, todos têm suas qualidades — e seus defeitos. E Careca? Vocês esqueceram do Careca? Ele não foi bem na Seleção Juvenil na França, mas depois tornou a jogar bem no Campeonato Paulista e é um centroavante rápido, muito rápido e inteligente.

Sempre gostei do futebol de Cláudio Adão e passei a me inscrever entre os apreciadores do estilo de Roberto depois que ele se modificou quando da passagem de Oto Glória por São Januário. Mas esta ânsia em dizer que tal jogador faz mais gols do que outros me parece prejudicial a todos e prejudicial aos times em que jogam.

Zico será convocado porque joga bem, não porque fez tantos ou quantos gols. O mesmo critério se aplica com relação ao centroavante (e outros critérios, como estrutura psicológica para resistir à pressão de uma Copa do Mundo). Há coisas que não se medem em uma simples tabela de artilharia.

■ ■ ■

DE PRIMEIRA: *O editor Alfredo Machado já anda aceitando apostas para a Copa do Mundo. Dá que é Espanha e dá "o resto" /// César Luís Menotti deve ir para a Itália depois da Copa. Acha que, com ou sem bicampeonato para a Argentina, seu ciclo naquele país estará cumprido. Quanto às notícias de que estaria disposto a abandonar a Seleção agora, Menotti explica-as pela necessidade de "sacudir um pouco" os dirigentes e jogadores da Argentina /// A CBF empresta grande importância às seleções juvenil e de juniores, vendo nelas a renovação do futebol brasileiro e, tenho certeza, vai analisar maduramente o que se passou na Austrália. Outro que também deve estar preocupado é Menotti, pois seu time, sem Maradona, Barbas e Diaz, revelou-se muito frágil /// Mais uma declaração vaga de mais um dirigente contra a honestidade dos juízes. Agora, da parte do senhor Charles Borer. Tais episódios revelam sobretudo o despreparo de nossos cartolas. É este tipo de mentalidade que leva a tentativas de agressão como a ocorrida na Austrália, para nosso constrangimento internacional. E note-se que ninguém nem venha tentar justificar o comportamento da chefia da delegação com o de um grupo de torcedores ingleses. Torcedor pode ser cafajeste, dirigente não /// A corrida feminina com maior número de participantes no mundo é a minimaratona da L'eggs em Nova Iorque, na distância de 10 quilômetros. A última contou com mais de 6 mil participantes.*

Vasco confiante só teme o campo de Bariri

OLARIA x VASCO — Local: Rua Bariri. Horário: 15h30m. Juiz: Wilson Carlos dos Santos. Olaria: Hilton, Marcos, Salvador, Mauro e Toninho; Pina, Lula e Orlando; Oman, Pituca e Nunes. Vasco: Mazaropi, Rosemiro, Zezinho, Chagas e Gilberto; Serginho, Dudu e Amauri; Wilsinho, Roberto e Silvinho.

O maior temor do Vasco em relação ao jogo de hoje não é propriamente o Olaria, equipe de recursos limitados e que pouco perigo pode oferecer. O que o treinador Antônio Lopes mais teme é o campo da Rua Bariri, que ele conhece muito bem por já ter dirigido o Olaria, cheio de buracos e irregular. Lopes acha que vai ser muito difícil para os atacantes do Vasco marcar seus gols em penetrações pela área.

E como tem total conhecimento do terreno onde vai jogar, Antônio Lopes sugeriu: o caminho da vitória é o chute de média e longa distâncias. E para tentar chegar mais facilmente ao objetivo, a principal preocupação do treinador no treinamento técnico-tático de ontem foi orientar seus jogadores para a importância dos arremates de fora da área. Lopes treinou exaustivamente o time nos chutes e acha que a tática funcionará.

PIQUET

Analisando o jogo, Lopes afirmou:

— Conheço o gramado e sei que vamos ter dificuldades. O piso é ruim, irregular e cheio de buracos, nivelando os times por baixo. Por isso, vamos atacar como de hábito mas vamos procurar chutar mais de longe. É a única fórmula de chegar ao gol com mais facilidade, pois em tabelas tudo fica mais difícil. Não somente pelo campo mas principalmente pelo sistema defensivo usado pelo Olaria.

No último jogo entre os dois times, também na Rua Bariri, o Vasco venceu por 1 0, gol de Amauri. Todos os jogadores parecem concordar com as explicações do treinador, mas Silvinho, um dos mais realistas, disse.

— Time que quer ser campeão não pode reclamar das condições adversas que enfrentaremos em campos pelo Compeonato. Acredito no Vasco e temos condições de vencer o Olaria, mesmo sendo a Rua Bariri um local de difícil toque de bola. É questão de paciência e técnica.

Ontem, depois do treino, as atenções em São Januário estavam voltadas para Nelson Piquet, vascaíno que conquistou o título mundial da Fórmula-1. E a euforia foi ainda maior quando surgiu no meio dos torcedores brasileiros que estavam em Las Vegas a bandeira do Vasco. No gabinete da presidência do Vasco, os dirigentes se entusiasmaram quando viram a representação do clube.

O zagueiro Celso vai ser novamente operado na próxima terça-feira. João Luís, já recuperado da intervenção nas amígdalas, prepara sua volta ao time, podendo ser quarta-feira. O zagueiro Nei retira o gesso na terça-feira, mas não tem volta garantida este ano, enquanto Ivã, com torção no tornozelo direito, retorna aos treinamentos na quarta-feira. Antônio Lopes relacionou Jair, Ricardo, Zinho, Marco Antônio Rodrigues e Renato Sá para a reserva.

Arquivo

Se Jairzinho não passar no teste, o Botafogo perderá bastante no seu setor ofensivo

Jairzinho e Mendonça são os problemas do Botafogo

SERRANO X BOTAFOGO — Local: Atílio Marotti. Horário: 16h. Juiz: Paulo Antunes Filho. Serrano: Acácio, Umberto, Renato, Paulo Ramos e Cândido; Israel, Wellington e Betinho (Vilmário); Gilberto, Índio e Lima. Botafogo: Paulo Sérgio, Perivaldo, Gaúcho, Osvaldo e Lima; Rocha, Mendonça (Marcelo) e Ademir Lobo; Édson, Jairzinho (Mirandinha) e Jérson.

O Botafogo está ameaçado de dois importantes desfalques no jogo desta tarde, em Petrópolis, contra o Serrano: Jairzinho, que sentiu uma fisgada na perna, e Mendonça que apareceu ontem de manhã no clube queixando-se de fortes dores lombares. Os dois fazem teste antes da partida.

O presidente Borer voltou mesmo atrás nas declarações que fez sobre os árbitros, afirmando agora que não disse ter provas e que tudo não passou de exagero e má interpretação que o jornal deu às suas palavras. Assim mesmo, terá de se retratar em juízo, porque a queixa dos árbitros já foi registrada.

O técnico Paulinho de Almeida e os jogadores não temem que os juízes venham a se perturbar de agora em diante nos jogos do Botafogo em prejuízo da equipe. O treinador disse que confia nos juízes e como o problema não é dele não se preocupa com o assunto.

Jairzinho, com sua experiência, acha que nenhum prejuízo poderá acontecer com o time e os jogadores. Disse que na sua carreira está cansado de ver dirigente reclamar de juízes, ameaçar enérgicas providências e depois esquecer tudo.

— Além do mais, respeito os árbitros que são profissionais como eu e não acredito que nenhum deles entre em campo para prejudicar um clube.

Paulinho de Almeida ficou preocupado foi com a ameaça de desfalque de Jairzinho e Mendonça. Os dois não participaram do treinamento de ontem em Marechal Hermes e hoje, antes da viagem de ônibus para Petrópolis, vão fazer teste com o doutor Lídio Toledo, que acredita poder liberar os dois.

O pagamento dos salários de setembro e do prêmio de Cr$ 40 mil da vitória sobre o Vasco não saíram ontem também, ficando agora para amanhã. O atraso está irritando os jogadores porque ontem foi a terceira vez que eles ouviram o clássico "não chegou o dinheiro" ao se dirigirem ao caixa.

O time viaja às 13 horas para Petrópolis, levando, além dos titulares, o goleiro Luís Carlos, Mirandinha, Almir, Édson Carpegiani, Marcelo e Gilmar.

Bangu vive clima de euforia para jogo contra o Flamengo

Num ambiente de confiança, muito parecido com o que antecedeu a final do Campeonato de 1966 — quando conquistou o título — Bangu encerrou ontem os preparativos para enfrentar o Flamengo. Cada jogador recebeu do patrono do clube, Castor de Andrade, o prêmio antecipado de Cr$ 50 mil e também a promessa de mais Cr$ 50 mil por uma vitória hoje, o que deixará o Bangu na liderança isolada do terceiro turno.

A única preocupação de Castor de Andrade é quanto ao esquema do time. Na sua opinião, a tática devia ser mais cautelosa. Por isso, ele se reuniu com o técnico João Francisco e com os principais jogadores da equipe para discutir o assunto, mas foi convencido de que o Bangu tem condições de manter seu esquema tático, à base dos contra-ataques, e com ele conseguir um bom resultado hoje.

MÚSICA SUAVE

Por determinação de Castor de Andrade, o supervisor Catuca chegará mais cedo hoje ao Maracanã — por volta das 15 horas — a fim de preparar o vestiário do Bangu com música suave. A intenção é dar mais tranqüilidade aos jogadores, enquanto eles trocam de roupa para entrar em campo. Na sala de aquecimento, o supervisor vai instalar um som de discoteca".

Antes do jantar de ontem — pato com laranja, numa homenagem ao Flamengo, segundo Castor — na Toca do Castor, o lateral-direito Toninho, que já é contratado do Bangu mas ainda não pode jogar porque sua documentação não chegou da Arábia Saudita, aproveitou sua experiência como jogador do Flamengo para ajudar os atuais companheiros com algumas informações consideradas "valiosas".

O otimismo em relação a uma boa apresentação do Bangu não é apenas dos jogadores e dirigentes. A torcida também está muito entusiasmada, tanto que a Banluta organizou o **Trem da Alegria**, com oito vagões puxados pela Charanga, que sai de Moça Bonita para o Maracanã por volta de 13h.

Alemanha decide com Qatar Mundial Juvenil de Juniores

Sidnei, Austrália — A Alemanha Ocidental é considerada favorita na decisão do III Mundial de Juniores, hoje, nesta cidade, devido à maior experiência internacional de seus jogadores, mas o outro finalista, o Qatar, tem condições de conquistar o título por suas apresentações desconcertantes até agora, em especial nos dois últimos jogos, em que eliminou o Brasil (3 a 2) e a Inglaterra (2 a 1).

A Federação Internacional (FIFA) tomou providências junto às autoridades no sentido de que os dois times tenham a máxima segurança durante a partida, o que não ocorreu em alguns jogos anteriores, quando se registraram invasões de campo e conflito entre os torcedores. Tais fatos ocorreram principalmente nas partidas em que participou a Inglaterra. Ontem, os ingleses perderam o terceiro lugar no Campeonato, ao serem derrotados pela Romênia por 1 a 0.

A Alemanha Ocidental participa do Mundial em conseqüência da ausência da Holanda, que não compareceu por problemas administrativos. Os alemães, entretanto, possuem o título de campeões europeus da categoria e já participaram de 228 jogos internacionais. Até o momento, perderam para o Egito (2 a 1), derrotaram o México (1 a 0), a Espanha (4 a 2), a Austrália (1 a 0) e a Romênia (1 a 0).

A Seleção do Qatar — pequeno emirado do Golfo Pérsico — habilitou-se a disputar o Mundial, após ficar em segundo lugar no torneio asiático e na série subseqüente de cinco equipes que classificou dois países para a este Mundial. Sua equipe já disputou 100 compromissos internacionais. A exemplo da Alemanha, o Qatar estreou aqui com uma derrota — 1 a 0, contra o Uruguai. Depois, empatou com os Estados Unidos (1 a 1) e derrotou a Polônia (1 a 0), o Brasil e a Inglaterra.

América estréia no 3º turno tumultuado por uma grave crise

MADUREIRA X AMÉRICA. Local: Marechal Hermes. Horário: 15h30m. Juiz: Paulo Roberto Chaves. América: Ernâni; Zé Paulo, Osmar, Eraldo e Paulinho; João Luís, Pires e Manoel; João Carlos, Luisinho e Alvimar. Madureira: Gilson; Ramiro, Celso, Miguel e Lima; Luís Carlos, Edson e Antônio Carlos; Manfrini, Jorge Demolidor e César.

Em meio a uma crise administrativa de graves proporções — todos os integrantes do Departamento de Futebol pediram demissão depois da eleição do candidato da oposição Lúcio Lacombe à presidência do clube — o América enfrenta o Madureira hoje à tarde em Marechal Hermes, fazendo sua estréia no terceiro turno do Campeonato Estadual.

A insegurança existente entre os jogadores e o próprio técnico Marinho Peres, que não deve permanecer no comando da equipe com a nova diretoria, pode afetar o comportamento do time em campo. Mesmo assim, todos estão confiantes de que têm condições de superar o Madureira e iniciar com uma vitória a campanha do terceiro turno.

Os torcedores que comparecerem a Marechal Hermes poderão ver pela última vez Luisinho vestindo a camisa do América. Entre os boatos que circulam no clube, está o de que o jogador será negociado para um clube da Espanha na próxima semana. Os jogadores fizeram um treino recreativo ontem e em seguida seguiram para a concentração do clube, no Km 17 da Estrada Rio—Petrópolis.

Iugoslávia e Itália perto da Copa

Belgrado — As Seleções da Iugoslávia e Itália asseguraram praticamente suas classificações para a Copa do Mundo de 82, ao empatarem por um gol ontem, nesta cidade, em partida válida pelo Grupo 5 da Europa. Ainda restam dois compromissos para cada país, mas serão contra os dois concorrentes mais fracos do Grupo — Luxemburgo e Grécia. Assim, só mesmo se houver um imprevisto, iugoslavos e italianos deixarão de comparecer às finais do Mundial, na Espanha.

As 65 mil pessoas presentes ao estádio presenciaram uma partida muito disputada e que se caracterizou pelo equilíbrio. Coube à Iugoslávia abrir a contagem, aos nove minutos, por intermédio de Zlatko Vujovic, mas ainda no primeiro tempo, aos 33 minutos, Roberto Bettega empatou.

As equipes atuaram assim: **Itália** — Zoff; Gentile, Cabrini, Dossena e Collovati; Scirea, Conti e Tardelli; Altobelli, Antognoni (Oriali) e Bettega; **Iugoslávia** — Pantelic; Buljan, Stojkovic, Zajec e Gudelj; Surjak, Vujovic (Zoran) e Petrovic; Halilhodzic, Sijivo e Pasic.

A classificação no Grupo 5 agora é a seguinte: 1º — Iugoslávia e Itália, 9 pontos; 3º Dinamarca, 8 (já encerrou seus jogos); 4º — Grécia, 6; 5º — Luxemburgo, 0. Jogos restantes: 14 de novembro — Itália x Grécia; 21 de novembro — Iugoslávia x Luxemburgo; 29 de novembro — Grécia x Iugoslávia; e 12 de dezembro — Itália x Luxemburgo.

DELEGAÇÃO DO BRASIL CHEGOU

Desembarcou ontem às 23 horas, no Aeroporto Internacional do Galeão, parte da delegação de futebol de juniores que disputou o Campeonato Mundial na Austrália. Apenas quatro jogadores chegaram ao Rio — Ronaldo, Cacau, Giovanni e Martinelli — pois os outros ficaram em São Paulo para serem distribuídos pelos seus respectivos Estados. De dirigentes, vieram somente Telê e Vavá. À espera da delegação, no aeroporto, apenas um dirigente da CBF, Ivan Drummond. A delegação saiu 4ª-feira de Sidney e somente agora chegou ao Brasil. É que ela fez uma parada de dois dias no Taiti e outra em Santiago do Chile.

Coríntians quase fora do Nacional

São Paulo — Ao perder de 3 a 1 ontem para o Botafogo, no Estádio Santa Cruz, em Ribeirão Preto, o Corintians ficou numa situação delicada em relação à sua participação na Taça de Ouro do próximo ano. Para entrar no torneio, terá de contar com uma vitória do Taubaté sobre o São José e pelo menos um empate no jogo Ponte Preta x Palmeiras, que está marcado para esta manhã, em Campinas. Osmarzinho (2), Paulo Egídio e Mário marcaram os gols e o juiz foi Emídio Marques Mesquita.

Precisando da vitória a todo custo, o Corintians acabou decepcionando os poucos torcedores que foram a Ribeirão Preto incentivá-lo. Logo aos 3 minutos, Osmarzinho fez 1 a 0, para Paulo Egídio, aos 27, num chute forte de fora da área, aumentar a vantagem do time local. A bola ainda tocou na trave, sem chance para Rafael.

No segundo tempo, o Corintians voltou com Zenon no lugar de Eduardo, mas essa alteração de nada adiantou, pois o Botafogo continuou dominando e, aos 35 minutos, Osmarzinho fez o terceiro gol do time. Aos 40, Mário diminuiu, mas aí o Corintians estava irremediavelmente batido. **Equipes: Botafogo** — Valter, Fernando, Batista, Gritti e Beto; Flamarion, Pedrinho e Osmarzinho; Vander (Frazão), Didi e Paulo Egídio. **Corintians** — Rafael; Luís Cláudio (Lotti), Rondinelli, Gomes e Vladimir; Paulinho, Biro-Biro e Sócrates; Eduardo (Zenon), Mário e Joãozinho. Com a derrota, o diretor de futebol do Corintians, João Mendonça Falcão, deixará o cargo amanhã e o técnico Julinho poderá ser dispensado.

Maradona, um ídolo que ainda não se acostumou com a fama

Rosental Calmon Alves

Buenos Aires — Vida de ídolo do futebol não é fácil, apesar dos milhares ou dos milhões de dólares que se possam juntar e das glórias que se colecionam. Aos 20 anos, consagrado um dos melhores jogadores do mundo, Diego Maradona está chegando à conclusão de que as desvantagens de ser estrela são insuportáveis e, como as vantagens já lhe asseguram a condição de milionário, tem ameaçado freqüentemente abandonar o futebol, depois da Copa do Mundo.

Na verdade, ninguém acredita nessas ameaças, que Maradona tem feito diante dos jornalistas, em verdadeiras explosões nervosas de quem ainda não está acostumado com a fama e nem se mostra disposto a se acostumar. Mas, no fundo, Maradona está realmente acossado pelos jogos seguidos que não lhe permitem descansar direito e pelos problemas com os clubes que lutam pelo seu passe, além da perguição da imprensa, que ele também não suporta mais.

— Sim... se quiserem ponham isso: vou abandonar o futebol. Abandono tudo isso depois da Copa do Mundo. Estou cansado dos que se acham no direito de escrever qualquer coisa e inventar sobre mim coisas que não são certas. Se não abandonei (o futebol) agora foi por meus companheiros, mas já avisei aos meus familiares: logo que termine o Mundial, abandono tudo. Pode ser que dessa maneira se esqueçam do Maradona e eu possa viver tranqüilamente — desabafou aos jornalistas, depois do último treino do Boca Júniors.

A mesma ameaça de abandonar o futebol já tinha sido feita pelo "Pibe de Oro" (garoto de ouro) numa entrevista à revista **El Grafico**, na cansativa viagem de volta da Costa do Marfim, na África, onde o Boca foi jogar, em excursões "caça-níqueis" a fim de obter dinheiro para pagar Maradona (neste momento, a dívida com o jogador é de 375 mil dólares — Cr$ 4 milhões 125 mil — mas se aproximam novos vencimentos de prestações).

Enquanto os dirigentes do Boca Juniors e do Argentinos Juniors (que ainda reivindica o passe de Maradona e quer anular a venda ao Boca) asseguram que ninguém deve dar crédito às ameaças do jogador, o representante do Barcelona voltava a afirmar que o clube espanhol insiste em contar com Maradona no ano que vem.

O Barcelona está disposto a aproveitar a briga entre os dois clubes argentinos pelo passe de Maradona para levar adiante o compromisso assinado por este, no ano passado, de transferência para a Espanha, mas que não foi cumprido por proibição da AFA (Associação de Futebol Argentino).

Esta proibição caduca na Copa do Mundo e o Barcelona se dispõe a pagar diretamente a Maradona, à vista, três milhões de dólares (Cr$ 330 milhões), além de uma quantia fabulosa ao clube argentino que detenha legalmente o passe do jogador.

Campo Neutro

José Inácio Werneck

A jovem esposa de Cláudio Adão protestou contra os jornais, alegando que eles estão subtraindo um gol de seu marido. O leitor J. Oliveira, que me parece rubro-negro, escreve para protestar contra a notícia do JB de que Roberto seria o maior artilheiro do país. Segundo o J. Oliveira, o JB estava contando todos os gols de Roberto ao longo do ano, enquanto a Jorge Mendonça creditava apenas os feitos no Campeonato Paulista e no Campeonato Brasileiro.

Não sei quem tem razão. Para falar a verdade, não sei quais são os termos do concurso. Só me parece que o estão levando longe demais, querendo transformá-lo em uma espécie de índice de convocação para a Seleção Brasileira. Quem fizer o maior número de gols será convocado por Telê Santana para chefiar nosso ataque na Espanha.

Creio que antes deveriam consultar o Telê. Ele pode não concordar e acho mesmo que dificilmente concordará. Se bem conheço Telê, tais formas de pressão surtem com ele efeito exatamente oposto. Se as pessoas acharem que Fulano de Tal será convocado porque fez mais gols, porque é o "artilheiro do Brasil", etc. — aí é que Telê não o convoca mesmo.

Não estou dizendo que Telê estará certo. Não, a teimosia não é boa conselheira. Mas tampouco estarão certos os que defenderem a convocação deste ou daquele jogador com base nos números acumulados. O concurso mede quantidades em circunstâncias heterogêneas. Seria mais fiel se medisse a média de gols por partidas, já que um jogador pode ter disputado muito mais ou muito menos partidas do que outro.

Então, quem tem que medir para aquilatar as qualidades diversas de um ou outro centroavante é o treinador, homem que já jogou futebol (iniciou sua carreira precisamente como centroavante) e é pago para observar talentos no país inteiro.

Roberto Dinamite, Cláudio Adão, Roberto do Nordeste, Baltasar, todos têm suas qualidades — e seus defeitos. E Careca? Vocês esqueceram do Careca? Ele não foi bem na Seleção Juvenil na França, mas depois tornou a jogar bem no Campeonato Paulista e é um centroavante rápido, muito rápido e inteligente.

Sempre gostei do futebol de Cláudio Adão e passei a me inscrever entre os apreciadores do estilo de Roberto depois que ele se modificou quando da passagem de Oto Glória por São Januário. Mas esta ânsia em dizer que tal jogador faz mais gols do que outros me parece prejudicial a todos e prejudicial aos times em que jogam.

Zico será convocado porque joga bem, não porque fez tantos ou quantos gols. O mesmo critério se aplicará com relação ao centroavante (e outros critérios, como estrutura psicológica para resistir à pressão de uma Copa do Mundo). Há coisas que não se medem em uma simples tabela de artilharia.

■ ■ ■

DE PRIMEIRA: *O editor Alfredo Machado já anda aceitando apostas para a Copa do Mundo. Diz que é Espanha e dá "o resto" /// César Luís Menotti deve ir para a Itália depois da Copa. Acha que, com ou sem bicampeonato para a Argentina, seu ciclo naquele país estará cumprido. Quanto às notícias de que estaria disposto a abandonar a Seleção agora, Menotti explica-as pela necessidade de "sacudir um pouco" os dirigentes e jogadores da Argentina /// A CBF empresta grande importância às seleções juvenil e de juniores, vendo nelas a renovação do futebol brasileiro e, tenho certeza, vai analisar maduramente o que se passou na Austrália. Outro que também deve estar preocupado é Menotti, pois seu time, sem Maradona, Barbas e Diaz, revelou-se muito frágil /// Mais uma declaração vaga de mais um dirigente contra a honestidade dos juízes. Agora, da parte do senhor Charles Borer. Tais episódios revelam sobretudo o despreparo de nossos cartolas. É este tipo de mentalidade que leva a tentativas de agressão como a ocorrida na Austrália, para nosso constrangimento internacional. E não venham tentar justificar o comportamento da chefia da delegação com o de um grupo de torcedores ingleses. Torcedor pode ser cafajeste, dirigente não /// A corrida feminina com maior número de participantes no mundo é a minimaratona da L'eggs em Nova Iorque, na distância de 10 quilômetros. A última contou com mais de 6 mil participantes.*

Flamengo vai ao TJD se perder para o Bangu

FLAMENGO X BANGU — Local: Maracanã. **Horário:** 17 horas. **Juiz:** Pedro Carlos Bregalda. **Flamengo:** Raul, Leandro, Figueiredo, Mozer e Júnior; Andrade, Adílio e Zico; Tita, Nunes e Baroninho. **Bangu:** Júlio Galvão, Júlio, Moisés, Fernando e Marco Antônio; Carlos Roberto, Marcelo e Rubens Feijão; Dreifus, Mirandinha e Luisão.

Apesar de toda a confiança que envolve a atuação do time diante do Bangu, o Departamento Jurídico do Flamengo ameaça impugnar a partida se o resultado for negativo. Michel Assef, vice-presidente jurídico e representante do clube na Federação, afirma que o atacante Luisão está inscrito no terceiro turno ilegalmente e sua presença em campo é um risco para o Bangu, caso consiga um empate ou uma vitória.

Entre os membros da Comissão Técnica e jogadores, no entanto, o clima é de otimismo e embora todos respeitem o adversário um empate ou mesmo uma derrota não faz parte de qualquer previsão. O time joga completo, está em perfeitas condições físicas e não há razão para temer um insucesso. O zagueiro Mozer, que durante a semana foi considerado dúvida, ontem teve sua escalação confirmada.

TITA

A diretoria do Flamengo, porém, encara a escalação de Luisão de forma diferente e Michel Assef garante:

— Se houve um imprevisto o Flamengo apela para a Justiça Esportiva. Luisão não tem condições de jogo e foi inscrito ilegalmente, já que não houve uma rescisão de contrato quando veio emprestado do Santos ao Bangu. O Olaria não ganhou essa causa na semana passada porque não soube postular corretamente a questão. Mas nós sabemos.

No treino recreativo de ontem à tarde, a notícia de que Tita poderia ser trocado por Batista, do Internacional, correu pela Gávea. Mas foi imediatamente desmentida pelo supervisor Domingo Bosco:

— Isso não passa de uma história. O Flamengo é carente de pontas, enquanto tem excesso de jogadores, e bons, no meio de campo. Portanto, não nos interessaria uma transação como essa, embora reconheçamos que Batista é um grande jogador. Nunca se tratou de um assunto como este na Gávea. Nosso caso é continuar lutando pela Taça Libertadores e Campeonato Estadual, sem mexer no time.

Tita, que anteontem abandonou o treinamento inesperadamente, chegando a criar um clima de expectativa — ninguém sabia se tinha se contundido — não tem qualquer problema de contusão. Ele simplesmente deixou o treino antes do seu encerramento.

O Flamengo vai tentar a antecipação de seu jogo com o Americano, dia 12, quinta-feira, para dia 11, quarta. Eduardo Mota, vice-presidente de Futebol, confirmou contrato para quatro amistosos em agosto ou setembro de 1982, em Tóquio e Hong-Kong, pela cota de 300 mil dólares. O técnico Paulo César Carpeggiani relacionou Cantarell, Marinho, Nei Dias, Reinaldo, Lico e Edson para a concentração, que começou após o treinamento recreativo de ontem.

LOTERIA ESPORTIVA

Michel Assef já tem totalmente pronto a medida judicial que será entregue na segunda-feira, na Justiça Comum, para evitar que a Caixa Econômica Federal continue incluindo jogos dos times cariocas na Loteria Esportiva:

— Trata-se de uma medida cautelar pedindo interdito proibitório contra a Loteria Esportiva, para que não use indevidamente nossos nomes nos testes. Ao contrário do que pretendíamos, não vamos apresentar a medida a Otávio Pinto Guimarães, presidente da Federação, porque ele pode tentar que nós mudemos de idéia. Preferimos agir independentemente da Federação.

Assef afirmou que o novo presidente do América, Lúcio Lacombe, se solidarizou com o movimento iniciado na sexta-feira, já que seu clube tinha sido, ao lado do Campo Grande, um dos únicos a não confirmar sua adesão ao movimento. O jogo contra o Willsterman, dia 30, que deveria ser levado para o Estádio Serra Dourada, em Goiânia, para que pudesse ser comercializado com as emissoras de televisão, ficou mesmo para o Maracanã. O clube boliviano não quis aceitar a transferência.

João Saldanha

Lendo, vendo e ouvindo

DOMINGO é dia de grande futebol por toda a parte. O grande daqui é o jogo Bangu x Flamengo. Poderão dizer que não é grande de todo. É sim, trata-se da volta do Flamengo ao campeonato depois de estar disputando o outro. E para o Bangu, a luta pela classificação no Campeonato Nacional. Evidentemente, poderíamos ter uma rodada muito superior. Já nem digo um Flamengo x Atlético Mineiro mas, por exemplo, Botafogo x Atlético, não é? Dirão: "Este cara está maluco." É. Acontece que sempre penso num campeonato com cinco clubes cariocas, três mineiros, dois baianos e um do Espírito Santo.

Tenho absoluta certeza de que isto acontecerá a curto prazo. Verifiquem bem que hoje, dos cinco jogos que temos, quatro são deficitários para os grandes clubes que terão de pagar para jogar. Quais são? Ora, os jogos de que participam Olaria, Serrano, Madureira e Americano. Bons clubes, mas que só têm condição de se tornarem grandes fazendo estágio numa verdadeira e expressiva segunda divisão e se, com méritos esportivos, conquistados dentro do campo, fossem para a primeira. Pode parecer um pleonasmo falar em mérito esportivo dentro do campo. Mas não é, não. Tem medalha de mérito aí por toda a parte e se isto fosse documento seria arranjado facilmente.

Mas voltemos: então o jogo é Bangu x Flamengo, que no entretanto está prejudicado pela prática obrigatória que os clubes tiveram de adotar para poder equilibrar suas finanças e pagar os prejuízos impostos. O fato dos grandes clubes andarem saindo para o exterior prejudica ainda mais a disputa do campeonato local. Claro, os torcedores ficam achando que isto é prova de desinteresse e num certo sentido é o que acontece. No segundo turno, quando todos os clubes ficaram no Rio de Janeiro, o povão entendeu que a competição estava sendo prestigiada e começou a comparecer. Isto não tinha acontecido no primeiro, quando o Botafogo sumiu, o Bangu foi para o Peru, o Flamengo por toda a parte, o Vasco andou pela Itália, o Fluminense não lembro bem, mas parece que foi pelas bandas do Uruguai, ou não foi? Sei lá, sei apenas que também se mandou e aqui a torcida lendo, ouvindo ou vendo resultados e se acostumando a ficar em casa. Pode ser ainda que o terceiro turno pegue fogo, mas é um pouco difícil. Os dois grandões em rendas, o Vasco e o Flamengo, um perdeu e foi para o México e o outro está preocupadíssimo com os jogos finais da Taça Libertadores. Tudo bem, não há outro remédio, mas isto afeta o Campeonato Carioca. Em todo o caso, a esperança que Botafogo, Fluminense ou os dois se classifiquem para o turno finalíssimo, alimenta a possibilidade de melhores dias. A dose do imponderável é demasiado utilizada: Está na mesa, Bangu x Flamengo, o clássico.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 18 de outubro de 1981

OSWALDO LOUZADA, UM ATOR BRASILEIRO

VENDENDO EMOÇÕES HÁ 50 ANOS

Cora Rónai

SÃO 50 anos de carreira, 50 anos de palco — muitos sucessos, um ou outro fracasso, milhares de páginas de textos para decorar, **tournées**, cartas de fãs, antigas fotografias, lembranças. E, para Oswaldo Louzada, até hoje a mesma emoção cada vez que a cortina sobe e as luzes se acendem.

— Ah, mas a gente não deve esquecer que essa não é uma profissão como as outras! — ele explica entusiasmado. — Eu vendo emoções. Uma mercadoria maravilhosa, que as pessoas sempre procuram apesar de não terem a mínima obrigação de comprar...

A festa vai ser no dia 20, no Teatro Glória, onde Louzadinha, como é chamado pelos colegas, trabalha em **Viva Sapata**. Uma noite especial, já que, ao lado de seus 50 anos de teatro, estará sendo comemorada também a centésima apresentação da peça. Haverá sorteio de camisetas, uma homenagem especial ao ator, a exposição de um mural de fotografias que documentam a sua carreira e um grande coquetel que reunirá atores, público e convidados.

— Eu nem sei o que dizer disso tudo... Não há palavras para retribuir todas essas demonstrações de carinho; uma coisa tão gratificante! Por outro lado, eu olho para trás e vejo que, nesse tempo todo, eu não fiz metade do que queria fazer. Mas, como eu ainda tenho uns outros 50 anos pela frente, quem sabe?

Oswaldo Louzada nasceu há 68 anos, no Rio de Janeiro, praticamente no palco do Teatro Recreio, onde seu pai era o engenheiro eletricista responsável pelo bom funcionamento das instalações elétricas. Com poucos meses de idade, já estava para cá e para lá pelos bastidores, no colo de atores e atrizes ("de preferência atrizes!"); e aos seis anos pisava o palco pela primeira vez numa representação, um espetáculo de revista em que havia papel para uma criança.

Depois disso, não parou mais. Como volta e meia alguém precisava de um menino em algum teatro do Rio, sempre havia trabalho; ou melhor dizendo,sempre havia brincadeira. A mentalidade profissional, ele foi adquirir mais tarde, aos 18 anos:

— Eu não era nenhum garoto prodígio, não. Mas estava muito familiarizado com o ambiente teatral, era desinibido e falava bem alto — de modo que dava para o gasto. Nisso o teatro não muda muito, há uma certa tradição: sempre há uma peça ou outra em que se precisa de uma criança, e sempre há uma criança ou outra por perto para preencher o espaço. Eu gostava.

Mas entre o gostar e o levar a sério havia uma diferença grande. Até a década de 30, Louzadinha trabalhou em mil e um papéis diferentes, fez de tudo que se pode fazer num teatro, representou, foi técnico, fez iluminação. Sempre como se fosse uma brincadeira, um passatempo enquanto não arranjava uma profissão definitiva.

— Naquela época, eu não era muito ligado no teatro, o trabalho todo era mais uma curtição. Eu não tinha nenhum entusiasmo particular pela coisa. O amor pela profissão, este amor que eu tenho até hoje, isso veio depois, com o tempo.

Em 1930, o jovem Louzada resolveu viajar junto com uma companhia teatral da qual fazia parte seu irmão; o roteiro incluía o Nordeste, o sucesso por lá foi grande e, em Salvador, foi necessário montar novas peças, já que o repertório era menor do que o entusiasmo do público. Uma das peças tinha um elenco um pouco maior do que o número de atores — e assim, ele acabou sendo convocado para valer.

A repercussão do trabalho da companhia e, em especial, de seu novo contrato, foi muito boa nos meios teatrais. Assim que voltou ao Rio, Oswaldo Louzada já tinha um novo papel à sua espera, numa peça de Oduvaldo Vianna em que um dos personagens era um rapaz jovem, na casa dos 18 anos. O papel foi aceito, assim como outros depois dele; mas foi só algum tempo depois que Louzadinha se convenceu de que jamais abandonaria o teatro.

— Nesse tempo, eu fazia mais iluminação, porque gostava mais de iluminar do que de representar. Então, uma vez eu estava fazendo a iluminação para uma companhia, quando o Sadi Cabral precisou deixar o papel. O Oduvaldo Vianna me perguntou se eu não queria substituí-lo, se eu não podia quebrar o galho, até para excursionar com a peça pelo Sul. Eu aceitei e decidi me profissionalizar de uma vez como ator; entrei de sola, ajudei a formar o sindicato: a minha matrícula é a de número 7.

A peça era **Iaiá Boneca**, de Hernani Fornari. Este é um dos trabalhos de que Louzada melhor se lembra, por ter marcado, de uma forma muito incisiva, a sua vida profissional; foi o seu momento de decisão, a sua adesão irrestrita ao palco. Por outro lado, com essa peça estreava um novo teatro no Rio de Janeiro, o Teatro Ginástico.

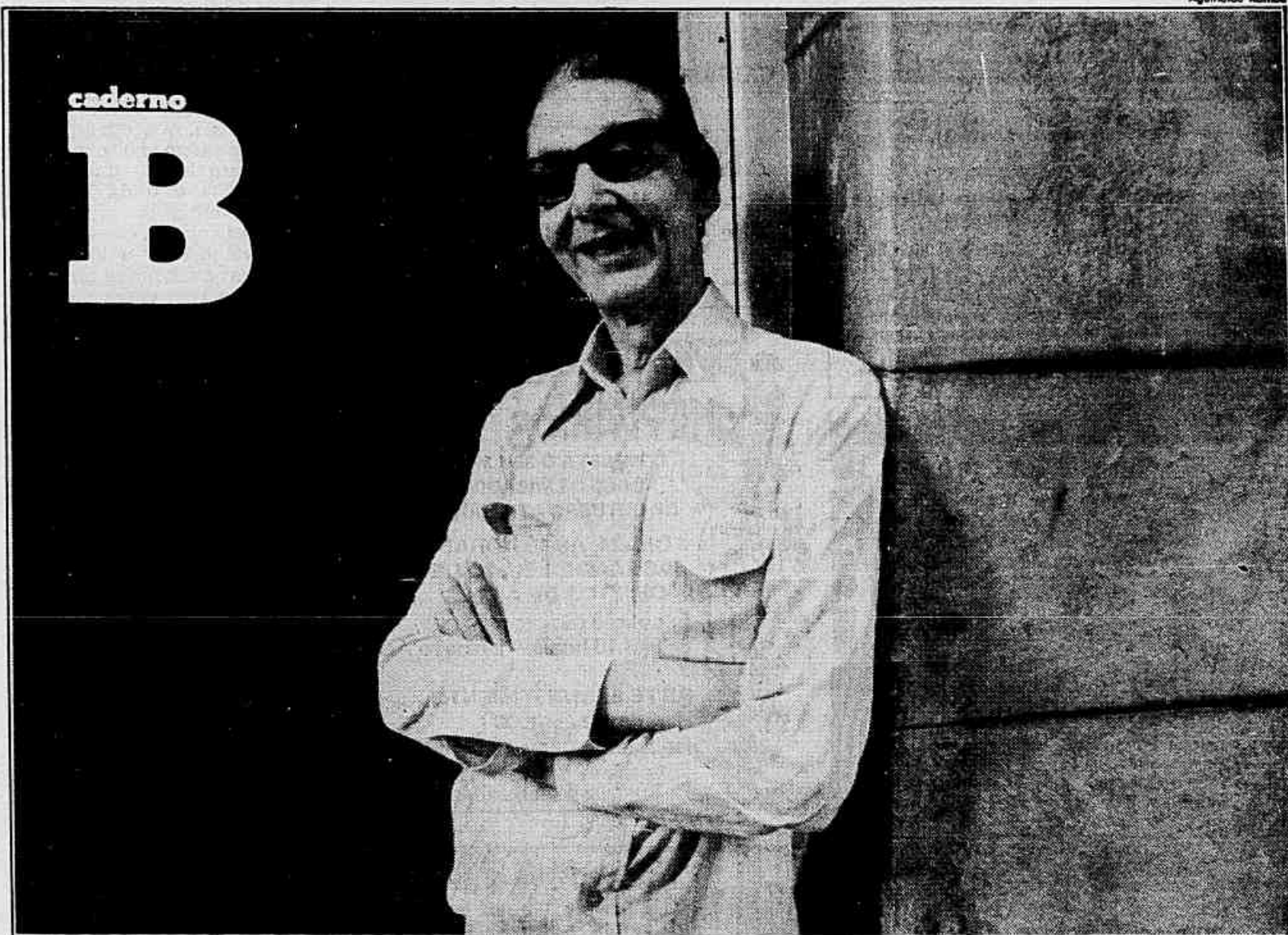
Das demais peças em que trabalhou, Louzadinha guarda recordações mais vagas: impossível lembrar detalhes de tantos anos de cena. Há cerca de cinco anos, a Secretaria de Cultura fez um levantamento da sua carreira. Não foi fácil; foi preciso juntar programas, recortes, conversar com outros atores, puxar pela memória. Feitos os cálculos, chegou-se a um total de 148 — o que significa que, atualmente, ele já ultrapassou, há algum tempo, a marca dos 150 espetáculos.

Isso sem contar com seus papéis em filmes e na televisão. Louzada trabalhou nos primórdios do cinema brasileiro, na Atlântida, ao lado de Oscarito e Grande Otelo — um tempo de que tem saudades. Hoje, não gosta muito do que se está fazendo no Brasil em termos de cinema. Acha que falta aos filmes de hoje ("com raríssimas e honrosas exceções") um grau maior de cuidado, uma dedicação, um aprimoramento que os coloquem no mesmo nível de desenvolvimento a que chegou, por exemplo, a televisão. Por outro lado, sobra apelação ao sensacionalismo.

Quanto à televisão, em que também foi pioneiro nos tempos da Tupi, Louzadinha não tem queixas. Na sua opinião, o veículo abriu um imenso mercado de trabalho para os atores, e atingiu um nível técnico e de penetração popular que compensam a falta de relacionamento direto com o público que existe no teatro.

> *"Eu olho para trás e vejo que, nesses anos todos, não fiz metade do que queria fazer."*

— A gente tem que reconhecer que a televisão evoluiu muito. No início, ela não satisfazia os atores. Não havia organização, não havia cuidado e havia uma falta de experiência muito grande por parte de todo mundo. O nosso próprio comportamento em frente às câmeras nos causava estranheza, era uma coisa nova, esquisita, nós sentíamos falta do calor do público. Hoje não, hoje nós já estamos adultos em TV, há uma especialização muito grande. E se não há um contato imediato com o público, na hora em que o programa é gravado, há um contato posterior, que dá a medida da repercussão do nosso trabalho.

Louzadinha já fez de tudo em televisão. Há 12 anos, trabalha na Globo, fez oito novelas, está no elenco de **Brilhante**, fez casos especiais. Sempre com um pé no teatro — porque, apesar de tudo, acha que televisão e palco são duas coisas diferentes, e um não compensa o outro (e vice-versa). O teatro lhe deu muitas alegrias a possibilidade de conhecer o país inteiro excursionando com companhias, várias viagens à Europa. Deu também uma boa dose de preocupação, especialmente nas épocas de forte censura, como nos tempos de Vargas e no Governo Médici.

— Eu peguei três gerações de atores, conheci pessoas maravilhosas, vivi ótimos momentos. Também peguei épocas de censura diferentes, em que as alegações para a censura diferiam, mas o resultado era sempre o mesmo, os problemas para nós sempre iguais. Agora, me parece, essa época de arrocho maior já passou, no ano passado nós levamos **Rasga Coração**, do Vianinha, uma peça que ficou quase 10 anos nas gavetas da censura; outras peças antes proibidas também estão sendo encenadas. Vamos ver.

E a tão propalada crise do teatro, existe mesmo?

— Olha, o teatro está sempre mais ou menos em crise, porque ele é um reflexo da conjuntura. Sempre que há uma crise econômica, que há desemprego, essas coisas, o teatro, como qualquer outra arte, acaba sacrificado; e depois, hoje, não há mais nenhum auxílio efetivo por parte do Governo , quer do federal, quer dos estaduais ou municipais.

Para Louzadinha, se forem comparados o total de casas de espetáculo e o total da população de alguns anos atrás com os de hoje, chega-se à conclusão de que há, indiscutivelmente, menos gente indo ao teatro agora:

— Começa que, então, não havia televisão e a vida era, de um modo geral, bem mais fácil. Os ingressos, em relação aos salários, eram bem mais em conta, o transporte também. As pessoas podiam sair do teatro à meia-noite, com jóias e a carteira cheia de dinheiro, e chegar em casa vivas e inteiras, com jóias e tudo. Havia lugar para estacionar e, o que é mais incrível, as pessoas saíam do teatro e encontravam seus carros no exato lugar em que os tinham deixado! E também não havia essa história de "guardador de carro". Quer dizer, até mesmo a baixa classe média podia se dar ao luxo de ir ao teatro pelo menos uma vez por semana.

Bons tempos aqueles, até para os atores: Louzadinha lembra que, há coisa de 20 anos, foi com a Companhia Maria Della Costa para a Europa, num grupo de 40 pessoas, para uma permanência de 10 meses em Portugal, Paris, Roma; já no ano passado, quando **Rasga Coração** encerrou suas temporadas carioca e paulista, foi impossível excursionar sequer pelo Brasil — e com um elenco de metade deste número.

Nos anos 50, com a Companhia Alma Flora, passou mais de um ano excursionando por Portugal, com uma equipe de 18 atores, fora técnicos e pessoal de administração. Hoje, observa com tristeza, montar uma peça com 18 atores numa cidade só já é uma façanha notável...

— Mas o que se fazia naquela época era o seguinte: a gente viajava muito de navio, e as companhias tinham condições especiais. O Lloyd Brasileiro, por exemplo, levava a bagagem de graça e dava um bom desconto no preço das passagens. Em troca, as companhias davam um certo número de ingressos para o Lloyd, que os distribuía entre seus funcionários. A mesma coisa acontecia com a Costeira e com os Governos municipais e estaduais. A gente chegava em alguma Capital, conseguia hospedagem e alimentação por conta do Governo ou da Prefeitura, novamente em troca de ingressos; ou, então, obtinha o custeio disso por alguma grande empresa, também em troca de ingressos que ela distribuía entre o seu pessoal. Era uma solução ótima, que agradava a todo mundo, e era possível levar um bom teatro mesmo aos lugares mais distantes.

Algumas das melhores lembranças de Louzadinha estão ligadas a essas viagens de companhias itinerantes, em que tudo podia acontecer — e tudo acontecia, mesmo os sucessos mais imprevistos. Em Paris, por exemplo, ele se lembra de uma estréia no Teatro das Nações, a companhia inteira tremendo como varas verdes, apenas para se sentir tremendamente aliviada quando, assim que a cortina subiu, os cenários foram saudados com uma efusiva salva de palmas.

— E em Portugal? Em Portugal, numa excursão pela província, o caminhão que levava a bagagem quebrou no meio do caminho. Nós chegamos à cidade em que íamos levar a peça, e nem dava para adiar o espetáculo porque o público já estava lá, esperando. Então, nós tivemos que apelar para a imaginação das pessoas. Nós explicamos a situação e, durante a peça, íamos dizendo: "Olhem, os senhores imaginem, aqui, um magnífico castelo. Os homens estão todos a rigor; as mulheres com seus vestidos de gala." E as mulheres, coitadas, estavam horríveis, depois de uma viagem de ônibus interminável, sem pintura, sem nada! Mas fizemos um belo sucesso, o que prova que teatro, no fundo, se resume em história e contador. O resto é acessório.

Uma outra história portuguesa:

— De outra vez, chegamos bem cedo na cidade, uma outra cidade, e fomos recebidos feito reis. Nos levaram para visitar as adegas, nos encheram de comida. E quem diz que nós resistimos? Caímos no vinho. Resultado: quando chegou a hora de representar, a companhia em peso estava de porre. Então, eu tomei a iniciativa de ir à boca de cena e explicar: "Olha, nós vamos fazer o espetáculo para vocês, mas eu tenho que avisar que nós estamos todos bêbados! Mas a culpa é de vocês, que nos trataram tão bem, nos deram este vinho maravilhoso que vocês fazem por aqui; portanto, agora tratem de nos agüentar assim mesmo!" Sobe a cortina, e o primeiro ator a entrar em cena já tropeça numa cadeira. Lá da platéia, alguém gritou: "Ó pá, é melhor sentar!" O público morreu de rir, nós morremos de rir. No dia seguinte, estavam todos lá de novo, para ver como nos portávamos em cena quando estávamos sóbrios; e eu tenho que confessar que, na noite da bebedeira, eles riram muito mais.

Histórias como essa fazem parte, hoje, do folclore do Hotel Monte Alegre, na Rua do Riachuelo, onde Louzadinha é um dos 10 hóspedes fixos. Nascido e criado no Centro, ele se habituou às redondezas, e não pensa em se mudar. A vida de hotel também já é um hábito; da primeira vez que foi procurar apartamento pela cidade, achou que seria tudo tão complicado que se mudou com armas e bagagens para o Monte Alegre, onde transfere todos os problemas para a portaria e dá todos os telefonemas que quer, sem se preocupar com os impulsos da Telerj.

É conhecido nas redondezas, anda pelas ruas parando aqui e ali para bater papo com um ou outro amigo. Nunca se casou: "Não tive tempo, toda essa correria de teatro...", o que é mais um motivo para a escolha do hotel. Louzadinha acorda tarde, come onde tem fome e aparece algum boteco ou restaurante, resolve problemas de tarde e vai trabalhar de noite. Depois do espetáculo, é a hora do lanche e do bate-papo com os amigos; espera pelos primeiros jornais da madrugada, depois vai dormir. Se o sono não vem logo, lê romances ou peças teatrais.

Agora, que a notícia dos seus 50 anos de vida artística começa a se espalhar, essa rotina está mudando um pouco: há homenagens programadas, e muitas pessoas aparecem inesperadamente para cumprimentá-lo. Fica feliz:

— Isso é vida, e uma vida pura. Porque, no fundo, eu não tenho feito outra coisa nesses anos todos a não ser tentar divertir o meu semelhante.

Aguinaldo Ramos

Oswaldo Louzada: das propostas mais tradicionais às mais inovadoras

NÃO SE FAZEM MAIS ATORES COMO ELE

Yan Michalski

DOS 50 anos de teatro de Oswaldo Louzada, só acompanhei os últimos 20. Pelo que ouvi falar dos outros 30, creio que, se os tivesse acompanhado, teria hoje uma visão mais sólida e completa da história do teatro brasileiro: as informações que chegaram até nós do teatro e dos hábitos teatrais daquele tempo, tão diferentes da etapa que a minha geração atravessou, parecem em geral muito esquemáticas, e quase não dão conta da contribuição dos não protagonistas, como é, sem desdouro, o caso de Louzada.

Não se fazem mais, hoje em dia, atores como ele. Um pequeno grupo de sobreviventes da sua estirpe ainda está aqui, para mostrar-nos vestígios de um know-how *interpretativo bem diferente do que caracteriza os expoentes das gerações mais recentes. Uma interpretação mais intuitiva, sem dúvida, mas nem por isso menos exata, menos lúcida, menos capaz de chegar ao cerne do personagem. Em todo caso, nesse pequeno grupo Oswaldo Louzada ocupa um lugar à parte, naturalmente decorrente do seu temperamento como ser humano. Em tudo que ele faz está presente uma noção de fragilidade, de delicadeza de sentimentos, de pudor de incomodar e, em última análise, de uma visão lírica do mundo, que não faz parte, pelo menos não com esta nitidez, das personalidades interpretativas de comediantes não menos admiráveis, como Henriqueta Brieba, André Villon, Elza Gomes, por exemplo. Dentro destas características tão pessoais, Louzadinha tem mostrado uma bela versatilidade, adaptando-se às exigências de propostas muito variadas, desde as mais tradicionais até as mais inovadoras.*

É que ele é, acredito, um artista de curiosidade excepcionalmente aguçada em relação a tudo que diz respeito ao teatro. Pelo menos posso testemunhar que nas minhas exaustivas perambulações pelos teatros cariocas tenho visto o velho Louzadinha na platéia mais freqüentemente, talvez, do que qualquer um de seus colegas de profissão. Até mesmo em alguns espetáculos inviáveis, daqueles que só o crítico vê, Louzada estava lá, mostrando que a norma de que ator não vai muito a teatro também tem exceções.

Mais duas

• O calendário do campeonato mundial de Fórmula-1 do ano que vem deverá ganhar mais duas provas, passando para 17 **grand prix.**

• A Associação dos Construtores e a Associação dos Pilotos estão em negociações para acertar detalhes dos dois novos circuitos a entrarem no campeonato de 82 — o da Austrália e o da Arábia Saudita.

• Dinheiro, que é o que vai decidir a inclusão das duas novas provas, não parece ser problema. No caso de Sidney, quem patrocinará será o Governo australiano; no caso da Arábia Saudita, um grupo de potentados do petróleo.

GABEIRA EM FILME

• *Estão adiantadas as negociações entre o escritor Fernando Gabeira e um conhecido produtor cinematográfico para levar às telas um roteiro escrito por ele sobre os índios brasileiros.*

• *Será a primeira investida de Gabeira no setor ecológico.*

• *O escritor, aliás, deu um preview do roteiro, ao falar na sexta-feira para uma platéia de estudantes no Colégio São Vicente. Quem ouviu, gostou.*

Zózimo

Estímulo

• A partir de amanhã estarão sendo distribuídas as carteirinhas da Associação dos Jovens Amigos da Funarj a jovens de 12 a 21 anos interessados em obter descontos na compra de ingressos para todos os espetáculos a serem apresentados no Teatro Municipal.

• A iniciativa do Secretário Arnaldo Niskier tem uma justificativa simples: estimular a criação de novas platéias no Municipal.

■ ■ ■

RODA-VIVA

• O produtor Jean Manzon já está trabalhando na filmagem de um novo e grande documentário, este sobre o Exército brasileiro.

• **Linda e Sergio Malaguti de Souza decolam hoje para uma temporada em Nova Iorque.**

• A galeria Funarte-Sergio Milliet inaugura no dia 26 a exposição **Pablo, Pablo!**, comemorativa do centenário de nascimento de Picasso.

• **O colecionador Gilberto Chateaubriand trocou no fim de semana sua fazenda do interior paulista pela Capital. Foi assistir à inauguração da Bienal.**

• No jantar da Rodeio, no Copa, sexta-feira, o Sr Francisco Horta.

• **O Embaixador Paulo Paranaguá readquirindo pouco a pouco sua velha forma.**

• Um grande **cocktail** vai inaugurar no dia 26 o Barra Shopping.

• **Um grande sucesso a apresentação em Nova Iorque, no Lincoln Center, de Danny Kaye, que regeu a Sinfônica de Nova Iorque em noite em benefício da própria orquestra. Na platéia, Zubin Mehta, Isaac Stern e Henry Kissinger. Tudo a 1 mil dólares por cabeça.**

■ ■ ■

Método simples

• *A comissão constituída pela Secretaria de Segurança para apurar a corrupção na polícia do Rio não precisa gastar noites em claro pesquisando o assunto.*

• *É só consultar os alfarrábios da Receita Federal e comparar ganhos e despesas de cada um dos envolvidos.*

• *Vai dar leão na cabeça.*

O maior

• Um conhecido grupo imobiliário tem pronto na gaveta um projeto para a construção de um grande empreendimento na Barra, mas não acha apropriado o momento para lançá-lo.

• Serão cerca de 3 mil apartamentos — o que já garante ao empreendimento o recorde de maior condomínio residencial de luxo do Rio.

• O projeto será detonado logo em seguida à inauguração da via Lagoa—Barra, ou seja, no início do próximo ano.

Passo atrás

• *A CTC está voltando ao estágio de 1974, quando seus ônibus circulavam até com pára-choques amarrados com arames.*

• *A frota deixada pelo então Governador Chagas Freitas foi renovada em 75 pelo Governador Faria Lima, que deixou a seu sucessor ônibus novos e em bom estado.*

• *Por falta de manutenção, a frota da CTC está hoje novamente aos cacos. Não apenas os ônibus enguiçam como não cumprem o itinerário predeterminado e andam pela cidade como se disputassem alguma prova de velocidade.*

* * *

• *Quem paga a passagem merece, no mínimo, transporte bom e seguro.*

Zózimo

Rubens Monteiro

Regina Marcondes Ferraz e Cristiana Neves da Rocha

Sônia de Paula Machado e Noêmia di Mottola

Teresa de Souza Campos e Guilherme Guimarães

Sérgio Figueiredo e Maria Roberto

Ilde e Jean-Louis de Lacerda Soares

DESPEDIDA

• Ao deixar o Rio Palace na sexta-feira, antes de embarcar para Washington, o Vice-Presidente George Bush despediu-se da direção do hotel.

• Disse para quem quisesse ouvir:
— Adeus, obrigado. Voltarei breve.

• É só esperar.

Mau acordo

• Um grupo de investidores europeus liderado pelo Banco Lazar Frères, de Paris, concedeu um empréstimo de 100 milhões de dólares a uma empresa brasileira privada, com o aval do Governo.

• O contrato garantia-lhes a exclusividade de compra de aproximadamente Cr$ 2 bilhões em madeira, extraída da região de Tucuruí, a ser negociada na Europa.

• O dinheiro chegou, entrou na caixa da empresa e meses depois chegava a primeira encomenda — 15 mil toneladas de madeira.

* * *

• Como a madeira ainda não existe — não se tem disponível ainda nem um galho seco para ser enviado à Europa, a título de adiantamento da remessa — e o prazo está-se esgotando, o Lazar Frères está querendo cancelar o acordo. E reaver seu dinheiro.

• O que só será possível se sair dos cofres do Governo, pois a empresa que o recebeu já o encaminhou para outros destinos. Bem diferentes do que a exploração da madeira em Tucuruí.

■ ■ ■

Solução à vista

• *O Estado do Rio está perto de ver solucionados, senão todos, pelo menos uma grande parte de seus problemas econômico-financeiros, caso a Petrobrás decida pagar royalties ao Governo do Estado pelo petróleo extraído da plataforma submarina do litoral fluminense.*

• *A sugestão, apresentada no final da semana pelo Clube do Rio, uma entidade que reúne um grupo de lideranças empresariais, políticas e intelectuais do Estado, vai ser apreciada pela direção da empresa na próxima semana.*

• *A sugestão só é novidade por se tratar do petróleo extraído do mar. O retirado da terra já gera royalties ao Estado há alguns anos.*

■ ■ ■

Gregos e troianos

• O Prêmio Nobel de Literatura de 81, concedido ao escritor Elias Canetti, é o que se pode chamar de decisão para agradar gregos e troianos.

• Canetti é búlgaro, filho de judeus espanhóis, divide seu tempo entre residências na Inglaterra, Áustria e Suíça e só escreve em alemão.

• Nem o PSD mineiro faria melhor.

Zózimo Barrozo do Amaral

COLÉGIOS PARA SEUS FILHOS

• O Colégio **MARISTA SÃO JOSÉ**, está realizando inscrições para os Testes Seletivos às matrículas de 1982 (do Jardim à 2ª Série do 2º Grau). Os interessados poderão obter programas e informações na R. Conde de Bonfim, 1.067 ou R. Barão de Mesquita, 164. Entretanto as inscrições somente serão efetuadas de 2ª a 6ª feira das 8 às 11 hs, na Rua Conde de Bonfim, 1.067 — Tel.: 208-8032. Serão exigidos os seguintes documentos: Xerox da Certidão de Nascimento — 2 Fotos 3 x 4 — Declaração de Escolaridade.

• **O Colégio** BATISTA **Rua José Higino, 416, Tel.: 268-0552, Tijuca, iniciou dia 5, inscrições para selecionar novos alunos da 1ª a 8ª série do 1º Grau, Provas dia 07 de Nov. às 09:00 hs. Para o 2º Grau foi adotado um critério para o Concurso de Bolsas, variando os percentuais em função da classificação. No Batista, seu filho poderá estudar do Maternal ao Vestibular.**

A Direção da Escola **CLIC** (Centro Lúdico Infantil de Criatividade), R. Fábio da Luz, 35 e 53, Méier, tel. 269-7907, comunica que está realizando matrículas para 1982. Especializado na área do Pré-Escolar para crianças a partir de 1 ano. Proporciona intensas atividades extra classe. Oferece condução.

NINHO. **No Jardim Botânico, a Escola dos seus sonhos. Maternal, Jardim, CA, em turnos da manhã, tarde e integral. Oferece lanche, música e Inglês Especializado. Local tranqüilo ao lado do Parque Lage. Uma escola com todos os requisitos, equipada com material moderno e atualizado. R. Abade Ramos, 66 — Tel. 266-1449 — Jardim Botânico.**

• **CHEZ L'ENFANT**, uma escola muito especial. Seu filho estará sendo orientado por uma equipe especializada na área do Pré-Escolar. Utiliza o Método Montessori. Mantém do Maternal à 4ª série do 1º Grau. A partir de 82 aceitará crianças acima de 1 ano. Semi-internato ou externato. Condução para os bairros da zona sul. Av. Pasteur nº 449 — Tel.: 295-3896 — Urca.

• **Se você possui o 2º Grau Profissionalizante na área Técnica (Mecânica, Eletrônica, Eletrotécnica ou Química Industrial), poderá fazer na** ESCOLA TÉCNICA REZENDE-RAMMEL, **o Curso Intensivo em um ano e obter o Registro no CRQ e CREA. Caso tenha o 1º Grau, estes mesmos Cursos serão em 4 anos e poderão ser feitos em turnos diurnos ou noturnos. R. Lins de Vasconcellos nº 542. Tel. 269-1247 Lins.**

Colégio **PEIXOTO**, o Educandário que se destaca em todas atividades da Comunidade, já está compondo as turmas para 1982. Além de possuir um dos maiores índices de aprovação nos Vestibulares, os alunos preparados em pequenas turmas obtiveram classificação inclusive no IME. É a sua oportunidade do Jardim ao Vestibular, no Colégio que lhe oferece tranqüilidade. R. Marques de São Vicente, 37 Tel. 274-3846 Gávea.

• **Reuniram-se na Creche** ACONCHEGO, **Av. Estácio de Sá 22, Niterói, Tel. 718-6848, para tratar de assuntos ligados à Associação as seguintes Creches: Criançando, Gente Miúda, Fofolândia, Mimo, do Rio e Castelo da Turma Miúda, Ninho de Amor, Arco-Íris e Benzoco, de Niterói.**

Atividades — Através da Sizar e acompanhados pelo Waldir cerca de 78 crianças de Barra do Piraí estiveram na Cidade da Criança... Instituto N.S. Nazareth de Jacarepaguá, comemorou 37º aniversário de Fundação... Viação Sampaio desenvolvendo intensas atividades para Colégios: Tivoli Parque, Vale do Ipê, Professorado e Passeios na Cidade... Instituto Santa Rita, R. Conde de Bonfim, 735, partindo para o Pré-Escolar... Colégio São Paulo Apóstolos, R. Constante Ramos, 96, iniciando inscrições para 82... Hoje almoço de confraternização ex-alunos Maristas e comemoração de 50 anos de vida religiosa do Irmão Moisés.

P/ esta Seção — Tel: 228-4760
João Francisco.

PSICO-SOCIOLOGIA

A busca de uma visão integrada de psiquiatria, psicanálise, psicologia e sociologia — eis o tema do curso que começa nesta segunda-feira, dia 19, às 21h, no Teatro Casa Grande, promovido pela Unibrade. Serão nove conferências, com os professores Carlos Alberto Barreto, Eustáquio Portella Fº, Gregório Barenblit, Jurandir Freire Costa, Maurício Schueler Reis, Samuel Faro e Wilson Chebabi, os sociólogos Gisálio Cerqueira Fº e Octávio Alves Velho, e o jurista Evandro Lins e Silva. Toda segunda-feira, até 21 de dezembro. Informações pelo Tel. 220-4985. (P

QUARTA-FEIRA

TURISMO

CADERNO B JORNAL DO BRASIL

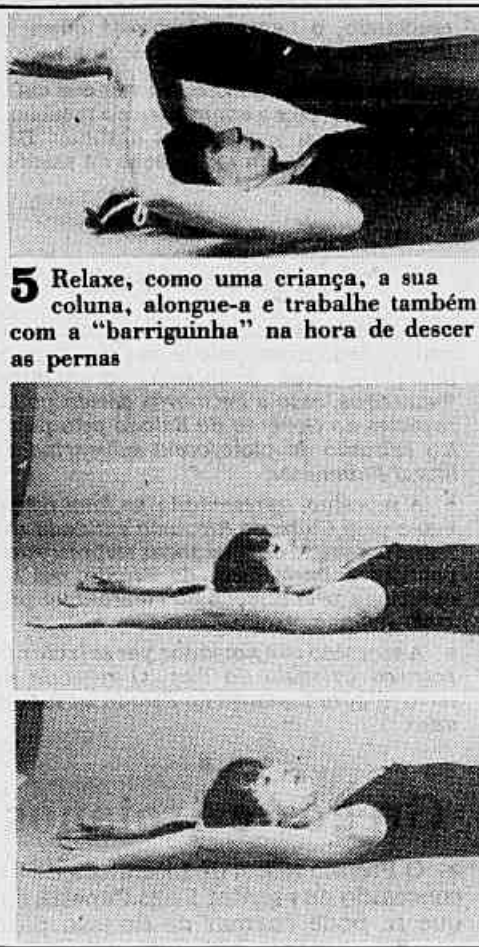
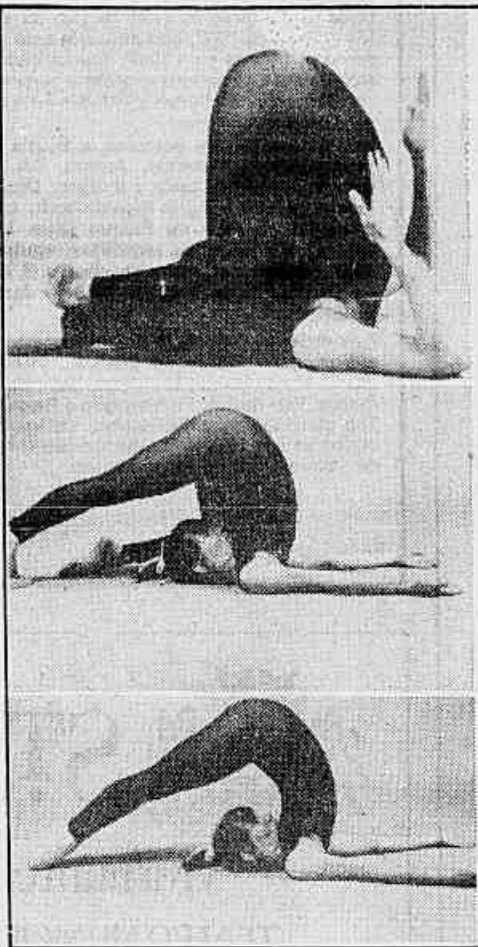
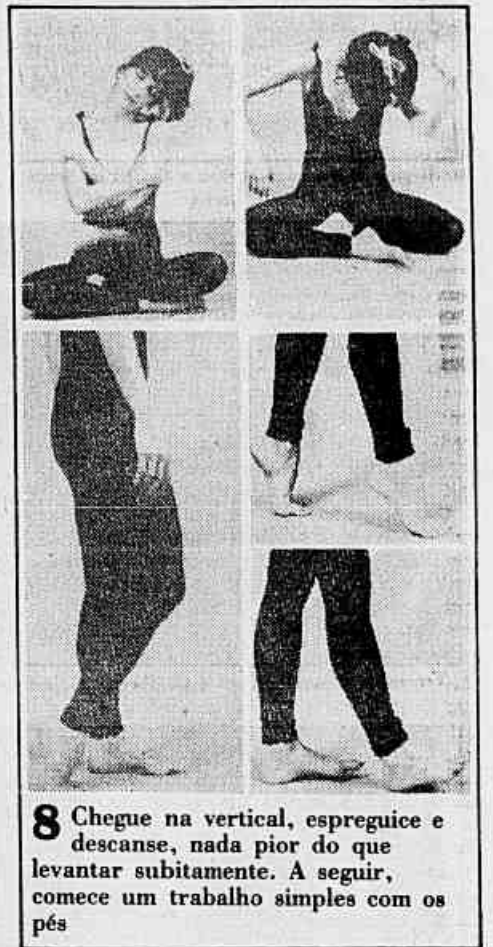
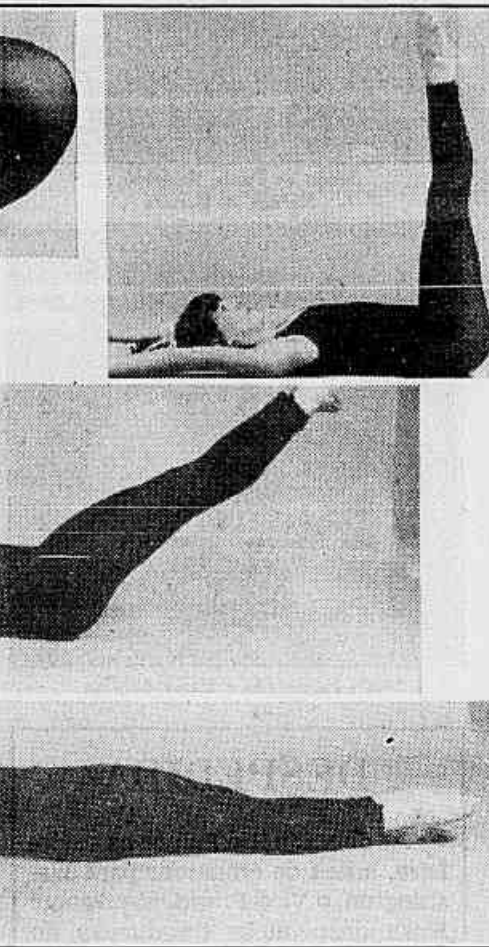
CORPO

É COM SUAVIDADE QUE SE CONQUISTA O PERFIL IDEAL

A ginástica ou o exercício faz bem, mas no início não tente ser uma Nádia Comanecci sem preparo físico.

Vá com calma e todas as posições poderão ser atingidas com o decorrer do trabalho. Conheça os limites do seu físico e, sentindo qualquer dor, consulte um médico.

No mais aproveite para arrumar aos poucos seu corpo, siga as instruções e saiba que os exercícios apresentados não apresentam nenhum risco para uma pessoa saudável. Ao contrário, auxiliarão na boa forma física.

1 Sua *borboleta* pode não estar tão em forma, mas o comportamento físico deve ser este. Aprenda a contrair o abdômen e alongar a coluna

5 Relaxe, como uma criança, a sua coluna, alongue-a e trabalhe também com a "barriguinha" na hora de descer as pernas

8 Chegue na vertical, espreguice e descanse, nada pior do que levantar subitamente. A seguir, comece um trabalho simples com os pés

2 Aproveite para trabalhar pernas, braços, mãos e pés, além da "cuca", com um movimento simples

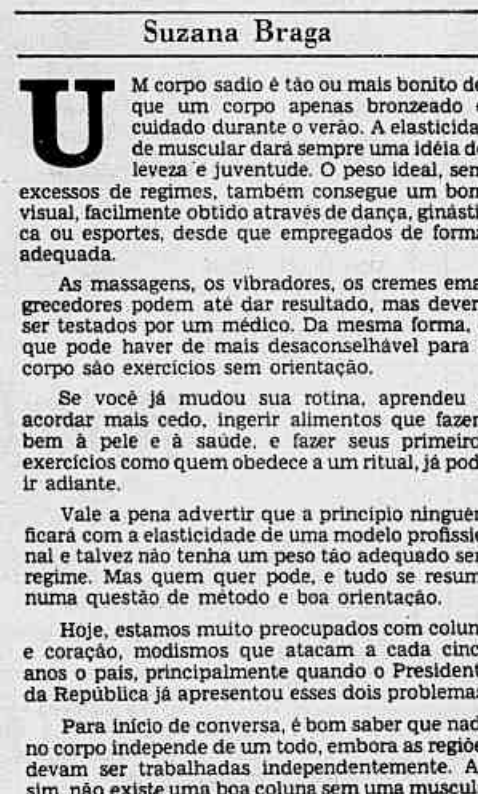
6 Descanso das costas contra o solo

7 Comprima as costas no chão (não vale fazer vão na coluna) e alongue as pernas dentro da sua medida, nada de exageros

9 Utilize o que estiver mais à mão, uma janela, uma escada ou uma mesa para seus primeiros exercícios em pé

3 Nessa seqüência, benefícios não só para a coluna como para a musculatura extensora das pernas e pés

4 Trabalho de pernas e pés (conseqüentemente da coluna)

10 Agora sem apoio, tente este exercício; não precisa sair perfeito, nem deve ser forçado, mas é importante e o último da série

Suzana Braga

UM corpo sadio é tão ou mais bonito do que um corpo apenas bronzeado e cuidado durante o verão. A elasticidade muscular dará sempre uma idéia de leveza e juventude. O peso ideal, sem excessos de regimes, também consegue um bom visual, facilmente obtido através de dança, ginástica ou esportes, desde que empregados de forma adequada.

As massagens, os vibradores, os cremes emagrecedores podem até dar resultado, mas devem ser testados por um médico. Da mesma forma, o que pode haver de mais desaconselhável para o corpo são exercícios sem orientação.

Se você já mudou sua rotina, aprendeu a acordar mais cedo, ingerir alimentos que fazem bem à pele e à saúde, e fazer seus primeiros exercícios como quem obedece a um ritual, já pode ir adiante.

Vale a pena advertir que a princípio ninguém ficará com a elasticidade de uma modelo profissional e talvez não tenha um peso tão adequado sem regime. Mas quem quer pode, e tudo se resume numa questão de método e boa orientação.

Hoje, estamos muito preocupados com coluna e coração, modismos que atacam a cada cinco anos o país, principalmente quando o Presidente da República já apresentou esses dois problemas.

Para início de conversa, é bom saber que nada no corpo independe de um todo, embora as regiões devam ser trabalhadas independentemente. Assim, não existe uma boa coluna sem uma musculatura anterior boa ou vice-versa; pernas, pés, músculos e tendões são fundamentais para uma boa postura. O mesmo acontece com a boa colocação dos ombros e músculos peitorais para evitar os vícios de jogar pescoço e omoplatas para a frente.

Nosso corpo é hoje em dia muito mais viciado do que "doente", muito mais tenso emocionalmente. E de nada adiantará um trabalho em que a tensão seja a tônica e muito menos uma ginástica, dança ou o nome que estiver mais em moda sem uma boa orientação, pressionando o que não deve ser pressionado e transformando o corpo muitas vezes num Colosso de Rhodes, inexpressivo embora durinho.

Vamos continuar um trabalho caseiro, na falta de tempo ou verba para uma boa aula. Esse trabalho também servirá de preparação para que o adulto ou adolescente não chegue numa academia sentindo que está falando chinês por falta de orientação. É muito importante que seja executado todos os dias, de preferência pela manhã.

1) A **borboleta** já está ótima em 15 dias de primeiros treinamentos. Não precisa estar exatamente como a de Regina (foto), mas a descontração do rosto, articulações e braços deve estar assim. Agora vamos substituir os **bounces** (contração do abdômen e arredondamento das costas e a seguir alongamento vertical da coluna) por um exercício um pouquinho mais trabalhoso. Contraia o abdômen e a seguir, partindo do cóccix alongue o tronco para a frente (segurando os pés e sem tirar as nádegas do chão). Vá o mais longe possível, aproxime-se do chão, sinta-se uma cobra alongando vértebra por vértebra; não se esqueça também do pescoço e muito menos de que contrações no rosto, ombros e face são proibidas. A seguir, volte como uma prancha reta com o corpo para a vertical. Repita seis vezes o exercício.

2) Trabalho para aquecer os pés e a cabeça. Esse exercício beneficiará a sua postura, a coordenação motora, os tendões extensores e flexores dos pés (conseqüentemente toda a perna, incluindo a coxa), braços e mãos.

Sentado no chão, com as pernas paralelas ao corpo, os braços esticados à frente e as costas absolutamente retas, flexionar o pé direito e abaixe a mão esquerda, enquanto o pé esquerdo será estendido e a mão esquerda flexionada. Vá invertendo o exercício num crescendo rítmico, e se ele "sair de lêtra", complemente-o com movimentos de cabeça para um lado e outro. No total, 24 vezes. Atenção não dobre os joelhos.

3) Sem boas pernas e bons pés, ninguém terá uma boa coluna. Não se esqueça de que pés e pernas são a base e quando bem trabalhados, com comprimento uniforme e tônus adequado, em muito evitam escolioses, lordoses e os defeitos mais comuns da coluna, que incomodam muito.

Sente-se no chão, joelhos dobrados pernas juntas, o mais próximo possível do tronco e pés flexionados, seguros pelas mãos (coluna reta). Alongue uma perna e também a coluna para a frente. Repita oito vezes o movimento alternando as pernas. Tente esticar as duas pernas na frente (sempre segurando os pés flexionados), alongue ao máximo possível a coluna em direção às pernas e relaxe. Basta para começar, não se deve exagerar na dose.

4) Outro bom movimento para as pernas e pés aparecem nessa seqüência.

Sentado ainda, abra a coxa **en dehors** (virada para fora), pressione o chão com a meia ponta dos pés e vá escorregando as pernas para a frente, sempre nessa posição até esticá-las totalmente. Estique os pés, flexione-os e volte da mesma maneira. O exercício pode ser repetido oito vezes.

5) Descanse a coluna e trabalhe ao mesmo tempo. Jogue as pernas para trás, como uma criança que vai dar uma cambalhota, deixe os joelhos dobrados e massageie, bata nas costas enquanto — na expiração — vá emitindo um sonoro ahhhhhhhh. Alongue uma perna, atrás, presa pela ponta do pé flexionado, enquanto a outra é mantida com o joelho no chão. Inverta a operação procurando mais distância oito vezes. Logo alongue as duas pernas atrás, os pés também e lentamente venha deslizando sua coluna pelo chão até atingir um ângulo reto pernas — tronco.

A outra etapa é descer lentamente as pernas (conte mentalmente até 60) até chegarem ao solo sem tirar a cintura do chão.

6) Outro bom descanso para a coluna: deite-se no chão e abrace as pernas dobradas. Encoste a coluna no chão o máximo possível e permaneça assim por alguns minutos.

7) Mais um exercício deitado e com a promessa de que será o último. Da mesma maneira que foi feito sentado, junte as pernas ao tronco, flexione os pés e segure-os com as mãos. Estique uma perna, mantendo a outra dobrada, vá trocando até sentir que pode esticar as duas simultaneamente, descanse, relaxe, dessa vez deitado no chão.

8) Antes de levantar, aproveite o chão o máximo possível, relaxe, descanse, pense na praia e nas férias que estão por vir e aproveite para fazer um tipo de respiração, estufando o abdômen e colocando as costas o mais possível no chão.

Levante devagar, como se fosse um primata, tire proveito de tudo o que estiver ao seu alcance, o tronco e a cabeça são os últimos que chegam na vertical. Depois disso, atacar com novos exercícios (em pé) e que continuarão ajudando a estética e principalmente a saúde.

Pernas retas, pontas dos pés, vá caminhando, sem dobrar os joelhos (como um perna de pau) pelo espaço que a casa permitir. Procure um disco de sua preferência, coloque-o na vitrola (sempre mantendo a mesma posição), enquanto os braços devem estar descontraídos como um joão bobo. Volte para o seu local de exercícios, invertendo a posição, ou seja, caminhando nos calcanhares e com braços e mãos na mesma atitude.

9) Aproveite o que estiver ao seu alcance, uma janela, uma escada ou a mesa de trabalho. Segure-se em algum lugar sem contrações, suba na meia-ponta dos pés, vá descendo até sentar (sempre com a coluna alongada), jogue-se para trás, esticando ao máximo a parte anterior das pernas, a coluna e os braços e por fim volte puxando a bacia para a frente e desenrolando o corpo vértebra por vértebra até atingir a posição considerada reta para o corpo.

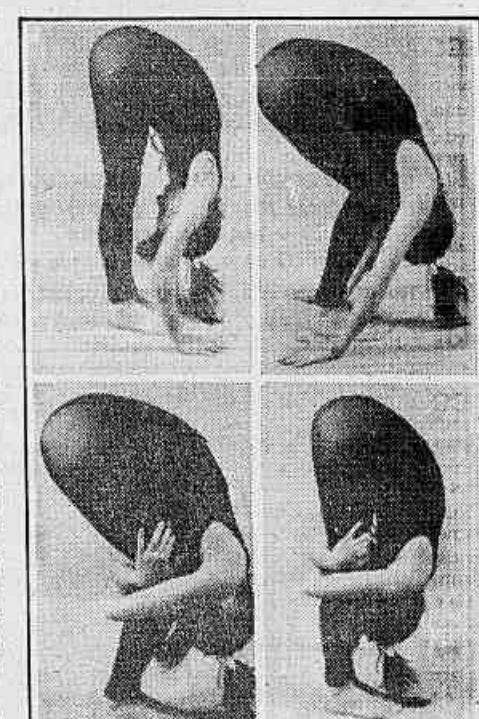
10) Sem apoio, solte o tronco para a frente. A importância não está na distância, mas sim no relaxamento que deverá ser feito até conseguir o solo. Dobre as pernas e relaxe ainda mais, não se importe de parecer com um macaco por um instante. Abrace os joelhos com as mãos e vá esticando as pernas. Suba o mais alongado possível o tronco, com os braços à frente, na altura das orelhas, até chegar à vertical e relaxe violentamente todo o corpo em direção ao solo.

Isso é uma aula para férias ou fim de semana, durou cerca de uma hora, não se aflija se não conseguir os exemplos da modelo, com o tempo pode-se chegar lá. Tome sua ducha fria, esfregue-se com Elancyl ou similar, ponha o biquíni e vá à praia confiante.

Nunca exija demais do corpo, todas as curvaturas para trás têm de ser moderadas. Aqui se apresenta o que é permitido no início e as conseqüências futuras. Nunca os grandes ângulos com a coluna são positivos, "forçando a barra". Pernas muito altas ou muito abertas também aparecerão com o tempo. E no caso de dor, consulte um médico, ele saberá sua dosagem ideal.

Aproveite a praia ou férias, com a cabeça erguida e o corpo em forma. E por favor, lembre-se que os biquínis estão lindos nesse verão. Bolas de madeira com couro e continhas de um lado só complementam o bege que cai bem com a cor de quem ainda não está bronzeado (dá um ar despido) ou marrom para quem já passou muito óleo de tartaruga misturado com urucum e vaselina ou manteiga-de-cacau. O vermelho também fica lindo e o azul claro com andorinhas brancas dá um charme especial.

Se você quiser ser uma mulher, ou homem, verdadeiramente elegante, não se esqueça do macacão branco de toalha para aquecimento antes da ginástica e das indumentárias de Jane ou Tarzan (em couro **Cipó**) para chegar até a praia. Bom fim de semana.

Regina Vaz, que pousou para as fotos, é bailarina moderna há mais de 10 anos, professora de dança e tem uma coluna impecável.

O QUE DIZEM OS MÉDICOS

NÃO só de cuidados e benefícios estéticos se constitui a ginástica, a dança, ou qualquer esporte. Os cuidados, e principalmente a orientação médica, é fundamental, tanto para a coluna que é o esqueleto da boa forma quanto para o coração, a máquina vital.

O Dr Flávio Bulhões, pai de cinco filhos (todos praticando esportes ou dança), cardiologista e clínico geral e que atende no Hospital das Clínicas UERJ ou no seu consultório no Leblon, levanta algumas interdições para ginástica:

a) — Falta de orientação.

b) — Existência de doenças agudas e degenerativas graves.

c) — Problemas cardíacos. Nesse caso o candidato a atleta só poderá fazer exercícios do estilo competitivo, esforço contínuo e prolongado, seja ele qual for, após um **check up**.

Mas o Dr Flávio deixa também o atleta à vontade com sua consciência. — A contra indicação é relativa, é necessário pesar num prato da balança os benefícios dos exercícios, e no outro o risco.

Chama também a atenção dos métodos que se empregam para exercícios corporais no Brasil: — Os acidentes acontecem aqui, e isso se deve porque as mínimas regras de avaliação e de risco não são cumpridas. Por exemplo, sabemos que o exame médico é necessário antes de qualquer esforço, mas quem leva isso 100% à risca? Ao contrário, nos outros países, chegam a ser meticulosos, para nós até irritante. Estão certos.

As indicações:

1) — Pessoas obesas.

b) — Fumantes, pois a ginástica ajuda a compensar o trabalho dos pulmões.

c) — Sedentário, mesmo que trabalhe numa mesma posição praticamente o dia todo.

Em termos profiláticos-terapêuticos, Dr Flávio Bulhões acredita que o paciente que já sofreu um acidente coronariano necessita de ginástica para estimular o coração, e desenvolver a circulação colateral da coronária obstruída.

— Mas, atenção, adverte ele, são exercícios graduais e progressivos feito, digamos, a abertura política. Temos de caminhar antes de correr. Começar correndo em volta da Lagoa é estupidez para qualquer um, são todos candidatos à morte súbita, até mesmo jovens ou crianças. E o executivo tenso, muitas vezes obeso, que pensa que com roupinha bonitinha estilo **jogging** vai resolver seu corpo e suas tensões pode certamente morrer de boca na lama da Lagoa.

Mas ginástica em qualquer modalidade é muito saudável e deve ser praticada, **desde que bem orientada e com uma avaliação médica anterior.**

O Dr Cláudio Vilella Pedras, ortopedista e especialista em coluna vertebral, aconselha: — o exercício é útil para todos nós. O importante é saber caracterizar. Numa doença como a escoliose progressiva, a ginástica isolada não será suficiente sem um acompanhamento médico.

Devemos também separar a criança dos adultos, continua o Dr Cláudio. — Para a criança, a dança, a natação ou qualquer outro exercício anima a circulação dos ossos, o que é positivo. Mas, atenção, porque as deformidades da coluna se processam durante o crescimento e não são dolorosas. Cabe portanto aos pais o cuidado de observarem seus filhos e sentirem quando apresenta alguma anormalidade, para que ele seja conduzido no momento apropriado ao médico. Criança que sente dor na coluna já é um caso bastante sério, não se deve perder tempo.

Para os adultos, já formados, a ginástica é desaconselhada nos momentos de crise (dor) que segundo o Dr Cláudio duram de sete a quinze dias, se sofreu de problemas "em que a doença é preciso ser tratada".

Nos casos de dor, o repouso é fundamental, depois ginástica orientada.

Se a dor é constante, e o corpo está em repouso, principalmente à noite, o médico adverte que pode ser sintoma mais grave e que não se deve perder tempo para marcar uma consulta.

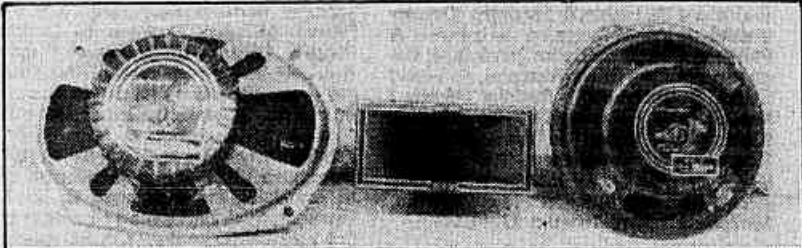
— Mas se o caso for apenas de flacidez muscular, continua o Dr Cláudio, tanto a criança quanto o adulto levará a coluna para a posição normal através de exercícios. O que não se pode confundir é doença com má postura.

O Dr Cláudio Pedras explica que os movimentos de jogar o tronco para a frente podem causar alívio, mas também arriscam jogar os discos para trás e formar uma hérnia. Os movimentos que forçam para trás também têm grandes inconvenientes porque pressionam a coluna.

— O limite da ginástica — conclui — é o limite normal de tolerância de cada físico. Trocando em miúdos, não se pode forçar a natureza, a ginástica não deve ser dolorosa.

Fotos de Luiz Carlos David

O SOM DO CARRO

DA ESCOLHA CERTA À SEGURANÇA CONTRA OS ESPERTOS

Alto-falantes Arlen 6" e 6/9" e tweeter ara 120

Amplificador e equalizador Tojo GR 300

Auto-rádio Bosch LD 243

Edson Afonso

FANÁTICO por som, ou apenas um **escutador de rádio**, você tem uma série de opções que vão desde uma simples instalação de cerca de Cr$ 8 mil, com rádio e tudo mais, passando por um esquema médio por volta de Cr$ 40 mil, para terminar com algo bem mais sofisticado, acima de Cr$ 60 mil.

Logicamente, estamos falando de material nacional, já de boa qualidade, porque o importado exige os chamados **quebra-galhos**, ou disposição para gastar muito dinheiro pela via normal, ou seja, com nota fiscal e tudo mais.

As restrições alfandegárias, as proibições de importação e uma série de problemas técnicos e burocráticos fizeram com que as empresas instaladoras de som para automóveis se voltassem totalmente para a indústria nacional. Assim, pode-se afirmar que é uma raridade a exposição de um toca-fita importado em qualquer vitrina de material de som. Mas, a bem da verdade, eles ainda existem, só que a preços exorbitantes e muitas vezes sem o mínimo de garantia.

Portanto, estamos na era da indústria nacional do som para automóveis. A prova disso é a montagem ou fabricação de várias marcas internacionais de origem japonesa ou alemã ocidental, na zona franca de Manaus, ou mesmo em São Paulo.

Longe da verdade, também, quem afirmar que os aparelhos nacionais se equiparam aos mais sofisticados importados. Afinal, um rádio Becker, modelo Super Europa, só para citar um exemplo definitivo, equipa as Mercedes Benz e custa em Nova Iorque cerca de US$ 1 mil (aproximadamente Cr$ 115 mil). É lógico que a tecnologia de construção é superavançada e ele não poderia ser equiparado a um toca-fita nacional de, no máximo, Cr$ 30 mil.

Logo, estamos diante de uma realidade irreversível. Temos de contar com rádios e toca-fitas nacionais que, apesar de ainda não terem atingido uma alta performance em termos de qualidade de som e reprodução, apresentam como grande e indiscutível vantagem serem vendidos com garantia.

O fato é que muitas vezes um aparelho importado pode ser literalmente jogado no lixo por falta de peças, porque a garantia não existe, ou melhor, não existem representantes no Brasil. Esperar que a peça venha do exterior através de um amigo que viaja não compensa. Afinal trata-se de um som de automóvel, que, pelo menos em princípio, é para ser curtido sem maiores complexidades, diariamente, sem grandes compromissos.

Poder reparar um toca-fita em qualquer esquina, trocar uma peça defeituosa em poucas horas, exigir assistência técnica baseada num compromisso formal de garantia e, finalmente, ter a satisfação de não ficar sem som a bordo por muitos dias, são, decididamente, as grandes vantagens dos nacionais.

Diante de várias opções o comprador deve em primeiro lugar chegar à conclusão do que realmente pretende para seu carro em termos de som. Muitos querem ter no carro o mesmo som de casa. Assim, começam a comprar tudo que lhe oferecem. O consumismo leva a troca constante de aparelhos ainda em perfeito estado por um novo, muitas vezes de menor qualidade, mas apenas apresentando um novo **design**. Isto pode ser considerado falta de inteligência ou dinheiro sobrando.

O fanatismo leva o consumidor a instalar alto-falantes por todos os cantos do carro, não raras vezes cortando a lataria, e no final, o som acaba apresentando problemas, porque a quantidade jamais superou a qualidade.

Portanto, o correto é procurar uma firma conceituada e se informar sobre o esquema ideal. Qual o melhor rádio, melhor antena, melhor amplificador ou equalizador? Enfim, qual a melhor solução para o som de seu carro, dentro, é lógico, de suas disponibilidades financeiras?

É preciso levar em conta que em alguns casos o som chega a valer mais do que o próprio carro. Por isso, deve sempre pesar o bom senso, porque uma coisa é certa: na hora de vender nem o carro valoriza grande coisa, nem tampouco o sistema de som vale mais. Aliás, muito pelo contrário.

Também é importante destacar que retirar a parafernália montada ao longo dos anos acaba saindo caro, porque são tantos os buracos a tapar e tantos equipamentos a substituir, que o melhor mesmo é vender o carro como está e ficar se lamentando por ter gasto tanto dinheiro.

Outro detalhe refere-se aos amplificadores e equalizadores, novidades relativas que contribuem para melhorar sensivelmente o som. Mas, se não houver orientação, eles acabam se transformando em verdadeiros elefantes brancos. Um exemplo claro é o do consumista que comprou um amplificador de 60 watts e instalou num Volkswagen. Como a capacidade cúbica do carro é muito pequena, o aparelho praticamente não pode ser ligado e a única solução é comprar como acessório um tampão para os ouvidos.

Quanto aos rádios e toca-fitas existem várias opções, mas uma coisa é certa: os ladrões não chegam a ser exigentes. Logo, os riscos são iguais para todos e cabe ao proprietário arriscar com aparelhos mais caros ou mais baratos. A solução mais prática e antiga era colocar o aparelho no seguro. Hoje isso não é mais possível e, no caso de roubo, o remédio é comprar outro ou deixar o espaço vazio até tomar coragem para enfrentar novo crediário. Antigamente as companhias de seguro pagavam os aparelhos de som em separado. Agora, você só recebe o valor da aparelhagem se o carro também for roubado.

Ultimamente foi inventada a bandeja que evita o roubo, mas em compensação obriga o usuário a carregar na mão, ou na bolsa, seu estimado toca-fita. Convenhamos: a idéia é boa, mas longe de ser das mais práticas. Afinal, em certos locais, carregar um rádio na mão, na melhor das hipóteses, é por demais incômodo, para não dizer antiestético.

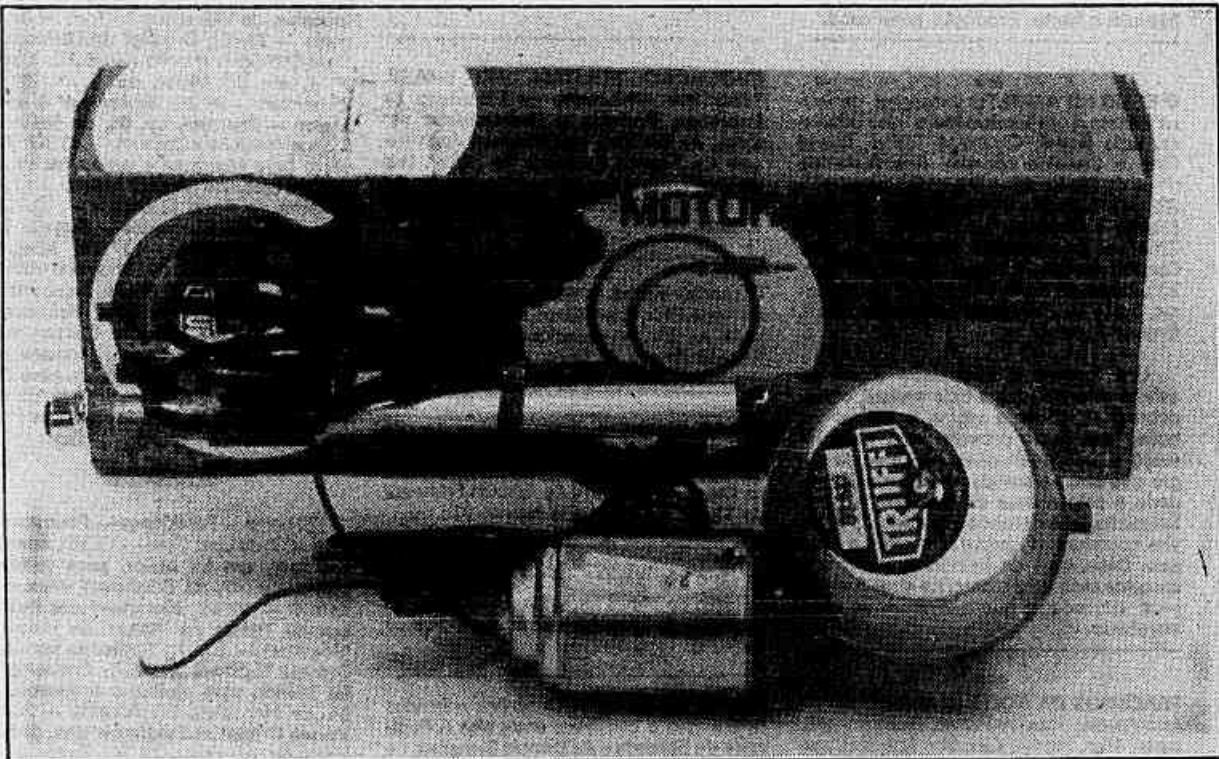
Outra solução é colocar uma série de segredos e alarmas, que podem custar até mais caros do que a própria aparelhagem. E o pior é que o ladrão, assustado, pode-se atrapalhar, ao invés de levar apenas o aparelho, acaba levando todo o console, além de arrebentar o painel.

A situação ao que tudo indica não terá solução, nem a longo prazo, por isso, nada de otimismo, porque, infelizmente, a realidade é bastante, ou seja: ter uma boa aparelhagem de som dentro do carro se transforma em constante problema e inquietação para o proprietário.

É importante destacar que os ladrões já conhecem todos os macetes, tais como ter um rádio velho à mostra no painel e outro novo e caro instalado dentro do porta-luvas, ou sob o banco. Enfim, nada detém a ação deles.

Finalmente, vale dizer que o som no carro deve ser meio por sobre o particular. Melhor explicando, quem costuma ligar seu rádio ou toca-fita em volume máximo e ainda por luxo, amplificado, corre o risco de cair no ridículo, porque vai agredir quem está no carro ao lado e sem a menor vontade de escutar esta ou aquela música específica, em altos brados, bem a gosto de quem quer chamar a atenção de qualquer maneira.

Bem, mas é preciso ficar bem claro que todos estes aborrecimentos compensam porque não há nada melhor e mais amigo do que um bom som no carro, principalmente quando se enfrenta terríveis engarrafamentos. Portanto, apesar de preocupados, endividados, nervosos, carregando rádios na mão, brigando com o seguro, instalando alarmas, discutindo com os fabricantes e instaladores, discordando das programações das rádios, ou lutando contra a má qualidade das fitas e gravações, a verdade é que o carro parece nu, caso não esteja equipado ao menos com um rádio AM, mono e um simples alto-falante.

OS ESQUEMAS DE INSTALAÇÃO

Antena Truffi MO — Comando manual — FA — Comando automático

FIAT

ESQUEMA SIMPLES — Dois alto-falantes Arlen AR-6 40w (Cr$ 1 mil e 500), uma antena comum Truffi de cinco estágios (Cr$ 1 mil).
Instalação dianteira: Um alto-falante no painel — local original — modelo 6" leve.
Instalação traseira: Um alto-falante no bagagito, modelo 6.9" leve.

ESQUEMA MÉDIO — Quatro alto-falantes Arlen 1.006-L (Cr$ 1 mil e 800 cada), dois tweeters Arlen Ara 120 (Cr$ 1 mil e 800 cada), um antena Truffi IMT—2.158 amplificada (Cr$ 3 mil e 800) e um amplificador Infinity MK-I (Cr$ 13 mil e 500).

Instalação dianteira: Dois alto-falantes 6" ou 6.9" superpesados 50w, nas portas dianteiras (um em cada) e um tweeter 40w do lado direito ou esquerdo.

Instalação traseira: Dois alto-falantes 50w, 8 , e um tweeter 40w, tudo instalado no bagagito.

ESQUEMA SOFISTICADO — Quatro alto-falantes tipo triaxial de 100w, marca Novik (Cr$ 5 mil cada), uma antena Truffi IMT—1.258 amplificada (Cr$ 3 mil e 800) ou uma Truffi IMT—30.012 super-automática (Cr$ 11 mil e 900) e um amplificador/equalizador Infinity MK-IV (Cr$ 19 mil e 600).
Instalação dianteira: Dois alto-falantes tipo triaxial de 100w nas portas.
Instalação traseira: Dois alto-falantes tipo triaxial colocados no bagagito.

VOLKSWAGEN SEDAN E BRASÍLIA

ESQUEMA SIMPLES — Dois alto-falantes Arlen AR-6 40w (cerca de Cr$ 1 mil e 500 cada) e uma antena comum de cinco estágios, marca Truffi (Cr$ 1 mil).
Instalação dianteira: Um alto-falante no painel, no local original, modelo 6" leve.
Instalação traseira: um alto-falante na tampa traseira. Ou seja, no bagagito, modelo 6.9" leve. Na Brasília o alto-falante é colocado na lateral.

ESQUEMA SOFISTICADO — Quatro alto-falantes Arlen 1,006-1 (Cr$ 1 mil e 800 cada), uma antena elétrica (Cr$ 7 mil), dois tweeters Arlen Ara 120 (Cr$ 1 mil e 800 cada), um amplificador Infinity Mark TV (Cr$ 19 mil e 600).

Instalação dianteira: Dois alto-falantes superpesados 50w, 8, modelo 6", embutidos sob o painel dianteiro, mais precisamente dentro do capô, para se obter a melhor acústica. Neste tipo de instalação é necessário cortar a lata que separa o porta-bagagem do interior do carro. A parte dianteira deverá receber ainda um tweeter de 40w, instalado no centro sob o painel, atrás do cinzeiro. Na Brasília também se colocam nas portas.

Instalação traseira: Dois alto-falantes superpesados 50w, 8, modelo 6.9", ambos no bagagito, além de um tweeter de 40w, também no bagageiro.

Na Brasília os dois alto-falantes são colocados nas laterais e o tweeter fica do lado esquerdo ou direito.

No Volkswagen Sedan é impossível instalar antena super-automática ou antena amplificada no local original.

CHEVETTE

PLES — Dois alto-falantes Arlen AR-6 40w (Cr$ 1 mil 500 cada) e antena Truffi IMT- 2.141 de cinco estágios (Cr$ 1 mil).
Instalação dianteira: Um alto-falante leve 6.4" no painel, local original.
Instalação traseira: Um alto-falante leve 6.9" ou 6" no painel traseiro

ESQUEMA SOFISTICADO — Quatro alto-falantes Arlen 1.006-L (Cr$ 1 mil 800), dois tweeters Arlen Ara 120 (Cr$ 1 mil 800), antena Truffi amplificada IMT 2.158 (Cr$ 3 mil 800) ou Truffi super-automática, modelo IMT 30.012 (Cr$ 11 mil 900).
Instalação dianteira: Dois alto-falantes super pesados 6", cone baixo, nas portas e um tweeter na porta direita ou esquerda.

Instalação traseira: Dois alto-falantes super pesados 6.9" no painel traseiro e um tweeter no mesmo local.
Observação: NO Chevette não há possibilidade de instalação de alto-falantes triaxiais na parte da frente. Assim, podemos chamar de esquema sofisticado para este carro, o que é considerado esquema médio para os outros.

OPALA, CARAVAN, VOYAGE, PASSAT, GOL, CORCEL II, BELINA II, DEL REY e DODGE

ESQUEMA SIMPLES — Dois alto-falantes Arlen AR-6 40w (Cr$ 1 mil e 500 cada) e uma antena comum de cinco estágios da Truffi (Cr$ 1 mil).

Instalação dianteira: Um alto-falante leve 6.4", 4 ohms, no painel, colocado no local original. No Voyage e no Gol, um alto-falante de 5" no mesmo lugar.

Instalação traseira: Um alto-falante 6.9", 4ohms na lateral esquerda ou direita.

Este esquema é o mais simples possível nestes modelos de carros. Entretanto, com pequenas adaptações pode ser aumentado o número de auto-falantes, sendo recomendada a mesma quantidade para cada canal do aparelho. Assim, há possibilidade de instalação de quatro auto-falantes leves e dois tweeters.

ESQUEMA MÉDIO — Quatro alto-falantes 6" ou 6.9" super-pesados Arlen 1.006. L (Cr$ 1 mil 800 cada), dois tweeters Arlen Ara 120 (Cr$ 1 mil e 800), um amplificador Infinity MK-1 (Cr$ 13 mil 500), e uma antena Truffi LMT 2.158 (Cr$ 3 mil 800).

Instalação dianteira: Dois alto-falantes 6" ou 6.9" super-pesados 50w, 8 ohms, nas portas dianteiras (um em cada) e um tweeter 40w na parte direita ou esquerda. É importante destacar que na colocação do super-pesado de 6.9 polegadas é necessário cortar a lataria.

Instalação traseira: Dois alto-falantes 6.9" super-pesados 50w, 8 nas laterais, e um tweeter 40w na lateral direita ou esquerda. No caso do Passat duas portas, na parte inclinada que separa o interior do carro do porta-malas.

ESQUEMA SOFISTICADO — Quatro alto-falantes tipo triaxial de 100w, marca Novik (Cr$ 5 mil cada), uma antena Truffi IMT- 1258 amplificada (Cr$ 3 mil e 800) ou uma Truffi IMT — 30 012 super-automática (Cr$ 22 mil e 900) e um amplificador/equalizador Infinity MK-IV (19 mil e 600). **Instalação dianteira**: dois alto-falantes tipo triaxial de 100w nas portas. **Instalação traseira**: dois alto-falantes tipo triaxial nas laterais, sendo que no caso do Passat duas portas a instalação deve ser feita na parte inclinada traseira (junto ao vidro traseiro) que separa o interior do porta-malas.

REFRICENTRO

ESQUEMA SIMPLES
Rádio Bosch estéreo (Cr$ 7 mil 950)
Um alto-falante 6" dianteiro (Cr$ 1 mil 400)
Um alto-falante 6/9" traseiro (Cr$ 1 mil 500)
Antena Truffi (Cr$ 1 mil 200)
Bagagito p/traseira (Cr$ 2 mil)
Total .... Cr$ 14 mil 050

ESQUEMA MÉDIO
Rádio Bosch estéreo (Cr$ 7 mil 950)
Antena Truffi (Cr$ 1 mil 100)
Quatro alto-falantes 6/9" Novik (Cr$ 6 mil)
Quatro telas (Cr$ 1 mil 200)
Dois tweeters (Cr$ 4 mil 200)
Total .... Cr$ 20 mil 450

ESQUEMA SOFISTICADO
Rádio toca-fita CCE — CM 310 (Cr$ 17 mil 800)
Amplificador Tojo (Crs 23 mil 600)
Quatro alto-falantes Novik triaxial (Cr$ 11 mil)
Um tweeter Arlen ara 120 (Cr$ 2 mil 100)
Antena Truffi (Cr$ 1 mil 100)
Quatro telas (Cr$ 1 mil 100)
Total .... Cr$ 56 mil 800

RUA FRANCISCO OTAVIANO, 67.

AUTO-TAPE

ESQUEMA SIMPLES
Rádio Bosch estéreo (Cr$ 10 mil 800)
Dois alto-falantes Arlen (Cr$ 3 mil 600)
Duas telas (Cr$ 400)
Total .... Cr$ 14 mil 800

ESQUEMA MÉDIO
Toca-fita CCE (Cr$ 16 mil 800)
Amplificador Infinty (Cr$ 10 mil 600)
Quatro alto-falantes Arlen (Cr$ 7 mil 200)
Três tweeters (Cr$ 4 mil 600)
Total .... Cr$ 39 mil 200

ESQUEMA SOFISTICADO
Toca-fita CCE (Cr$ 16 mil 800)
Quatro alto-falantes Arlen (Cr$ 12 mil)
Três tweeters e uma corneta (Cr$ 15 mil)
Amplificador Infinity (Cr$ 15 mil)
Equalizador Tojo (Cr$ 20 mil)
Antena Truffi (Cr$ 15 mil)
Total .... Cr$ 93 mil 800

RUA LAURO MULLER, 1

MIURA TEAM

ESQUEMA SIMPLES
Rádio Bosch estereo (Cr$ 9 mil 800)
Um alto-falante Novik (Cr$ 1 mil 200)
Antena Truffi (Cr$ 100)
Total .... Cr$ 11 mil 100

ESQUEMA SOFISTICADO
Rádio toca-fita TKR CM 310 (Cr$ 18 mil)
Amplificador Infinity MK-II (Cr$ 10 mil 500)
Quatro alto-falantes Novik triaxial (Cr$ 12 mil 800)
Antena Truffi eletrônica (Cr$ 3 mil 600)
Quatro telas (Cr$ 400)
Total .... Cr$ 45 mil 300

RUA ALVARO RAMOS 5, BOTAFOGO

SEARS

ESQUEMA SIMPLES
Rádio Phillips 371-mono (Cr$ 6 mil 890)
Um alto-falante Arlen (Cr$ 870)
Uma antena Truffi (Cr$ 520)
Uma tela (Cr$ 150)
Total .... Cr$ 8 mil 330

ESQUEMA SOFISTICADO
Rádio toca-fita Bosch CD-542 (Cr$ 23 mil 900)
Amplificador/Equalizador Tojo GR-300 (Cr$ 19 mil 900)
Antena Truffi elétrica (Cr$ 6 mil 990)
Quatro alto-falantes Arlen (Cr$ 10 mil 600)
Quatro telas (Cr$ 1 mil 100)
Total .... Cr$ 62 mil 550

SHADOW MOTOR E SOM

ESQUEMA SIMPLES
Rádio Motorádio mono (Cr$ 7 mil)
Um auto-falante Novik (Cr$ 750)
Antena Truffi (Cr$ 900)
Total .... Cr$ 8 mil 650

ESQUEMA SOFISTICADO
Rádio toca-fita Bosh CD 542 (Cr$ 17 mil 900)
Quatro alto-falantes Arlen 1.006 (Cr$ 6 mil)
Dois tweeters Arlen Ara 120 (Cr$ 2 mil 400)
Amplificador e equalizador Bosh (Cr$ 13 mil 900)
Antena Truffi (Cr$ 900)
As telas são grátis
Total .... Cr$ 41 mil 100

RUA ARNALDO QUINTELA 10, BOTAFOGO

HERMES MACEDO

ESQUEMA SIMPLES
Rádio Phillips 371 — mono (Cr$ 6 mil 590)
Um alto-falante Sanjy 6.9" (Cr$ 1 mil 090)
Um alto-falante Sanjy 6" (Cr$ 1 mil 030)
Antena Truffi (Cr$ 740)
Total .... Cr$ 9 mil 450

ESQUEMA SOFISTICADO
Rádio toca-fita CCE — CM 950 (Cr$ 20 mil 650)
Amplificador e Equalizador Tojo GR-300 (Cr$ 18 mil 690)
Dois alto-falantes Arlen 6" dianteiros (Cr$ 1 mil 220)
Dois traseiros Arlen 6.9" (Cr$ 1 mil 350)
Quatro telas (Cr$ 450)
Quatro tweeters Arlen Ara 120 (Cr$ 3 mil 920)
Total .... Cr$ 46 mil 280

ESPA

ESQUEMA SIMPLES
Toca-fita Motorrádio (Cr$ 12 mil)
Dois alto-falantes (Cr$ 1 mil 900)
Antena Truffi (Cr$ 750)
Uma tela (Cr$ 95)
Total .... Cr$ 14 mil 745

ESQUEMA SOFISTICADO
Toca-fita Motorrádio AM/FM (Cr$ 15 mil)
Amplificador Infinity (Cr$ 8 mil 100)
Sete filtros de som Infinity (Cr$ 1 mil 930)
Antena Truffi eletrônica (Cr$ 3 mil 200)
Quatro alto-falantes Novik, com tweeter (Cr$ 6 mil)
Quatro telas (Cr$ 380)
Total .... Cr$ 34 mil 610

RUA DA PASSAGEM, 120

Amplificador e equalizador Infinity MK IV

CIRCUITO I

ESQUEMA SIMPES
Rádio Bosch estéreo (Cr$ 9 mil 500)
Quatro alto-falantes Arlen (Cr$ 4 mil 700)
Antena Universal (Cr$ 1 mil 300)
Quatro telas (Cr$ 800)
Total .... Cr$ 16 mil 300

ESQUEMA SOFISTICADO
Toca-fita Roadstar (importado) RS-2.500 N (Cr$ 29 mil)
Amplificador e equalizador Tojo (Cr$ 27 mil)
Quatro alto-falantes Selenium (Cr$ 4 mil 850)
Quatro tweeters Selenium (Cr$ 7 mil 600)
Quatro telas (Cr$ 800)
Antena super-automática Truffi (Cr$ 9 mil 800)
Total .... Cr$ 79 mil 050

RUA MARIZ E BARROS, 645

REDE ZACARIAS

ESQUEMA SIMPLES
Rádio Bosch estéreo (Cr$ 9 mil 800)
Dois alto-falantes Arlen (Cr$ 1 mil 948)
Antena Truffi simples (Cr$ 675)
Duas telas (Cr$ 284)
Total .... Cr$ 12 mil 707

ESQUEMA SOFISTICADO
Rádio toca-fita CCE-CM 950 (Cr$ 21 mil 100)
Amplificador e equalizador Tojo GR-300 (Cr$ 19 mil 150)
Dois alto-falantes Arlen traseiros 1 069 (Cr$ 3 mil 130)
Dois dianteiros 1 006 (Cr$ 2 mil 820)
Quatro tweeters Arlen Ara 120 (Cr$ 4 mil 532)
Antena elétrica Truffi (Cr$ 6 mil 767)
Quatro telas (Cr$ 636)
Total .... Cr$ 58 mil 143

CINEMA

COTAÇÕES ★★★★★ EXCELENTE ★★★★ MUITO BOM ★★★ BOM ★★ REGULAR ★ RUIM

ESTRÉIAS

★★★★

ATLANTIC CITY USA (Atlantic City USA). Louis Malle. Com Burt Lancaster, Susan Sarandon, Michel Piccoli, Hollis McLaren e Kate Reid. **Cinema-1** (Av. Prado Júnior, 281 — 275-4546); **Studio-Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653): 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m (16 anos).

Lou, um homem de 60 anos que no passado serviu de guarda-costas para algumas personalidades, tem sua pacata vida subitamente alterada ao transformar-se em intermediário num tráfico de cocaína. Produção francesa.

★★★

TRIBUTO (Tributo), de Bob Clark. Com Jack Lemmon, Robby Benson, Lee Remick, Colleen Dewhurst, John Marley e Kim Cattral. **Rian** (Av. Atlântica, 2 964 — 236-6114): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m (14 anos).

Quando Scottie Templeton, **bon-vivant**, alegre e irresponsável descobre estar com uma doença incurável, decide aproximar-se do filho de 20 anos, com quem manteve pouco contato desde o divórcio, 12 anos antes. Os esforços do pai para continuar alegre apesar da doença, o ressentimento do filho e finalmente a possibilidade de um contato mais verdadeiro, durante a hospitalização do pai, são a base desta comédia dramática. Produção americana.

★★

PERSEGUIÇÃO MORTAL (Death Hunt), de Peter Hunt. Com Charles Bronson, Lee Marvin, Andrew Stevens, Carl Weathers e Ed Lauter. **Palácio-1** (Rua do Passeio, 38 — 240-6541): 13h30m, 15h30m, 17h30m, 19h30m, 21h30m. **Copacabana** (Av. Copacabana, 801 — 255-0953), **América** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 248-4519), **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Santa Alice** (Rua Barão de Bom Retiro, 1995 — 201-1299): de 3ª a sábado, às 17h, 19h, 21h. 2ª e domingo, às 15h, 17h, 19h, 21h. **Astor** (Rua Ministro Edgar Romero, 236 — 390-2036): 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos).

Depois de envolver-se num incidente banal, acusado de roubar um cão por um grupo de homens de um povoado no interior do Canadá, um caçador é obrigado a matar uma pessoa, refugia-se nas montanhas e passa a ser perseguido pela Polícia Montada. Produção americana.

★

ÁLBUM DE FAMÍLIA (Brasileiro), de Braz Chediak. Com Lucélia Santos, Dina Sfat, Rubens Corrêa, Vanda Lacerda e Marcos Alvisi. **Odeon** (Praça Mahatma Gandhi, 2 — 220-3835), **Imperator** (Rua Dias da Cruz, 170 — 249-7982), **Madureira-2** (Rua Dagmar da Fonseca, 59 — 390-2338), **Olaria** (Rua Uranos, 1 474 — 230-2666): 14h20m, 16h, 17h40m, 19h20m, 21h. **Roxi** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-4998), **Ópera-1** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705,). **Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 422 — 268-0790, **Palácio** (Campo Grande): 15h, 16h40m, 18h20m, 20h, 21h40m (18 anos).

Uma história de amor e de taras. Jonas, o pai, tem fixação sexual em Glória, sua filha. Guilherme, filho de Jonas, também ama Glória, e para fugir desse amor entra para um seminário. Edmundo é apaixonado pela mãe, Senhorinha. O filho mais novo do casal é louco e vive no mato como um animal. Ruth, a irmã de D Senhorinha, abandona a família e entra para um bordel. Baseado na peça homônima de Nelson Rodrigues.

★

HOLOCAUSTO (I Ricordi, I Deliri, la Vendetta), de Angel Jonathan. Com William Berger, Tina Aumont e Elizabeth Tulin. **Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 220-1783): 14h10m, 16h, 17h50m, 19h40m, 21h30m (18 anos).

Uma organização clandestina persegue os criminosos nazistas que exterminaram judeus nos campos de concentração com a finalidade de matá-los. Produção italiana.

OS ANJOS DO SEXO (Brasileiro), de Levy Salgado. Com Lady Francisco, Carlos Henrique Santos, Nice Ayres, Lia Farrel e Daisy Donê. **Pathé** (Praça Floriano, 45 — 220-3135): de 2ª a 6ª, às 12h, 13h30m, 15h20m, 16h50m, 18h20m, 19h50m, 21h20m. Sábado e domingo, a partir das 15h20m. **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628), **Art-Madureira** (Shopping Center de Madureira): 15h20m, 16h50m, 18h20m, 19h50m, 21h20m. **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 379 — 268-2325): 14h30m, 16h10m, 17h50m, 19h30m, 21h10m (18 anos).

Pornochanchada.

ALYSE E CHLOE — A INTIMIDADE DE DUAS FÊMEAS (Alyse & Chloé), de René Gainville. Com Katrin Jacobsen, Michele Girardon, Karyn Balm e Christian Kerville. **Studio-Catete** (Rua do Catete, 228 — 205-7194): 14h, 15h40m, 17h20m, 19h, 20h40m, 22h20m (18 anos).

Luc, um jovem fotógtafo que gosta de seu trabalho, e Alyse, seu modelo, formam um casal feliz até o momento em que entre ambos surge Chloe, diretora de uma agência de publicidade, estabelecendo-se uma competição entre as duas mulheres. Produção francesa.

★★★★

O ÚLTIMO METRÔ (Le Dernier Metro), de François Truffaut. Com Catherine Deneuve, Gérard Depardieu, Jean Poiret, Heinz Bennent, Andrea Ferreol, Paulette Dubost e Sabine Haudepin. **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 295-8349), **Comodoro** (Rua Haddock Lobo, 145 — 264-2025): 13h45m, 16h20m, 18h55m, 21h30m (14 anos).

Paris sob a ocupação nazista, 1942: Marion Steiner assume a direção do Teatro de Montmartre enquanto seu marido, o autor e diretor Lucas Steiner, perseguido pelos alemães, passa a viver clandestinamente no subsolo do teatro. As paixões e as aventuras dos atores, entre eles Bernard, jovem intérprete que se apaixona cenógrafa, e da diretora do teatro, pressionada pela censura para revelar o paradeiro do marido e evitar a montagem de textos pró-judeus. Grande Prêmio do cinema francês em 1980.

★★★★

A DAMA DAS CAMÉLIAS (La Vera Storia Della Donna Delle Camelie), de Mauro Bolognini. Com Isabelle Huppert, Bruno Ganz, Gian Maria Volonté, Fabrizio Bentivoglio, Fernando Rey, Clio Goldsmith e Clara Fracci. **Coral** (Praia de Botafogo, 316): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m. (16 anos).

A vida de Alphonsine Plessis, famosa cortesã da vida parisiense da primeira metade do século XIX, morta prematuramente de tuberculose aos 23 anos. O filme apresenta sua trajetória desde a adolescência na aldeia natal até a conquista dos salões aristocratas de Paris. Favorita dos nobres, também desperta a atenção de um jovem dramaturgo, Alexandre Dumas Filho. Produção franco-italiana.

★★

A GAIOLA DAS LOUCAS II (La Cage Aux Folles II), de Edouard Molinaro. Com Ugo Tognazzi, Michel Serrault, Bennie Luke, Michel Galabru, Marcel Bozzuffi e Paola Borboni. **Scala** (Praia de Botafogo, 320): 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. (16 anos).

Alvin, estrela de um famoso clube noturno de travestis, é envolvida involuntariamente numa trama de assassinato enquanto um grupo de criminosos procura um material microfilmado que está em seu poder. Produção franco-italiana.

★

DESTA VEZ TE AGARRO (Smokey and the Bandit II), de Hal Needham. Com Burt Reynolds, Jackie Gleason, Jerry Reed, Sally Field e Paul Williams. **Metro Boavista** (Rua do Passeio, 62 — 240-1291), **Condor Copacabana** (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610), **Largo do Machado-1** (Largo do Machado, 29 — 245-7374), **Art-Méier** (Rua Silva Rabelo, 20 — 249-4544): 14h 16h, 18h, 20h, 22h. Até quarta. (Livre).

Comédia americana dando seqüência ao primeiro filme, também com Burt Reynolds, **Agarra-me, se Puderes!**

REAPRESENTAÇÕES

★★★★★

JOHNNY VAI À GUERRA (Johnny Goes Hin Gun), de Daltol Trumbo. Com Timothy Bottoms, Kathy Fields, Marsha Hunt, Jason Robards, Donald Sutherland e Diane Varsi. **Bruni-Ipanema** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 287-9994): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m (18 anos).

No último dia da Primeira Guerra Mundial, Joe Bonham é ferido pela exploração de uma granada, perde as duas pernas e dois braços e fica com o rosto inteiramente desfigurado. Cego, surdo e mudo, no leito de um hospital, Joe recorre à sua possível realidade: a memória e a fantasia. Único filme dirigido por Trumbo, roteirista famoso e uma das vítimas do maccarthismo, falecido em 1973. Melhor Filme do Festival de Atlanta, Grande Prêmio do Festival de Cannes e Melhor Filme do Festival de Belgrado. Produção americana de 1971.

★★★★★

KAGEMUSHA, A SOMBRA DO SAMURAI (Kagemusha, the Shadow Warrior), de Akira Kurosawa. Com Tatsuya Nakadai, Tsutomu Yamazaki, Kenichi Hagiwara, Jinpachi Nezu, Shuji Otaki e Daisuke Ryu. **Jóia** (Av. Copacabana, 680 — 237-4714): 15h, 18h, 21h. (Livre).

Quando Shingen Takeda, um poderoso guerreiro do século XVI, está para morrer em conseqüência de ferimentos recebidos em combate, ele ordena a sua gente que guarde segredo de sua morte durante três anos. Temia que a notícia animasse os inimigos. Para substituí-lo só resta um ladrão condenado à morte, que lentamente assume a personalidade e a postura marcial de Shingen. Palma de Ouro do Festival de Cannes de 1980. Produção japonesa.

★★★★★

O IMPÉRIO DOS SENTIDOS (Ai no Corrida), de Nagisa Oshima. Com Eiko Katsuda e Tatsuya Fuji. **Bruni-Méier** (Av. Amaro Cavalcanti, 105 — 591-2746): 15h, 17h, 19h, 21h (18 anos).

O filme se baseia numa história real ocorrida em 1936 no Japão e descreve a paixão entre uma jovem, Sada (Eiko Katsuda) e seu amante, Kichiso (Tatsuya Fuji). Segundo Oshima, "Sada e Kichiso são sobreviventes da tradição sexual que desapareceu e que para mim é admiravelmente japonesa". Produção japonesa. Grande Prêmio do Festival de Chicago de 1976.

★★★★

UM CONVIDADO BEM TRAPALHÃO (The Party), de Blake Edwards. Com Peter Sellers, Claudine Longet, Magge Champion, Steve Franken e Fay McKenzie. **Cinema-3** (Rua Conde de Bonfim, 229): 15h, 17h, 19h; 21h (10 anos).

Comédia americana. Um desastrado e tímido ator de cinema indiano estabelece o caos durante uma festa na casa de um grande produtor de Hollywood, para a qual foi convidado por engano.

Diane Keaton e Woody Allen em *Manhattan*, de Woody Allen: em reapresentação no *Cândido Mendes*

★★★★

MANHATTAN (Manhattan), de Woody Allen. Com Woody Allen, Diane Keaton, Michael Murphy e Mariel Hemingway. **Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63 — 267-7897): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (14 anos).

De novo Woody, roteirista (com Marshall Brickman), diretor e ator, como o intelectual insatisfeito com o que escreve para viver, judeu de amargo senso de humor, vida amorosa instável, preocupado com o sexo e as revelações da psicanálise. Sua ex-esposa passou a viver com uma lésbica e o ameaça com a insistência em publicar um livro sobre sua experiência conjugal. O escritor se sente culpado por suas relações com uma estudante de 17 anos (Mariel) e com a amante (Diane) de seu melhor amigo.

★★★★

FESTIVAL DE SUCESSOS — Hoje: **Kramer X Kramer (Kramer vs Kramer)**, de Robert Benton. Com Dustin Hoffman, Meryl Streep, Jane Alexander e Justin Henry. **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Art-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 288 — 6898): 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).

História do relacionamento e divórcio de um casal e a disputa pela posse do filho em um tribunal de Nova Iorque. Premiado com os Oscar de Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Ator e Melhor Atriz Coadjuvante.

★★★★

POCILGA (Porcile), de Pier Paolo Pasolini. Com Pierre Clementi, Ugo Tognazi, Jean-Pierre Léaud e Anne Wiasemsky. **Ricamar** (Av. Copacabana 360 — 237-9932): 2ª, às 20h. De 3ª a 6ª, às 18h10m, 20h. Sábado e domingo, às 20h, 22h. (18 anos).

Produção italiana. Um estudo alegórico das formas de reação às pressões da sociedade contemporânea, a recusa pela violência e pela resistência passiva, em duas narrativas paralelas.

★★★

A NOVIÇA REBELDE (The Sound of Music), de Robert Wise. Com Julie Andrews e Christopher Plummer. **Studio-Copacabana** (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900): 13h30m, 16h30m (Livre).

Adaptação musical da história **A Família Trapp**. Maria, noviça em um convento, vai servir de preceptora dos sete filhos do Barão Von Trapp, viúvo, de tradicional família austríaca. Com o tempo, conquista não só a adoração dos sete como o amor do Barão e se torna sua esposa. A ascensão dos nazistas faz com que a família planeje partir da Áustria. Produção americana.

★★

007 — SOMENTE PARA SEUS OLHOS (For Your Eyes Only), de John Glen. Com Roger Moore, Carole Bouquet, Topol, Lynn-Holly Johnson, Julian Glover e Cassandra Harris. **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m (14 anos).

Um navio espião britânico é acidentalmente afundado na costa da Grécia e Sir Havelock, famoso arqueologista e sua esposa são contratados para salvar um engenho secreto. Ambos são assassinados e James Bond é chamado para prender o criminoso, envolvendo-se numa série de situações perigosas. 12ª aventura do agente secreto criado pelo escritor Ian Fleming e a 5ª interpretada por Roger Moore. Produção britânica.

★★

MOWGLI, O MENINO LOBO (The Jungle Book), de Wolfgang Reitherman. Produção de Walt Disney. Narração em português. **Jacarepaguá Auto-Cine 1** (R. Cândido Benício, 2 973 — 392-6186): hoje, às 18h30m, 20h30m. 2ª e 3ª, às 20h30m. Domingo, entrada franca para crianças (Livre). Até terça.

Mowgli, um menino criado por lobos na selva, nunca conhecera um ser humano e não pretende retornar à civilização. Bagheera, a pantera, resolve obrigá-lo a retornar à aldeia dos homens. Durante a viagem, Mowgli é atacado por uma serpente, conhece um urso dançarino, alia-se a um grupo de elefantes, é capturado por um bando de macacos e caçado por um tigre. Desenho animado inspirado em **Mowgli**, de Rudyard Kipling.

Mowgli, o Menino Lobo, desenho animado narrado em português: em exibição no Jacarepaguá Auto-Cine-1 e sessão coca-cola do Lagoa Drive-In

★★

OS EMBALOS DE SÁBADO À NOITE (Saturday Night Fever), de John Badham. Com John Travolta, Karen Lynn Gorney, Bart Miller, Joseph Cali e Paul Pape. **Largo do Machado 2** (Largo do Machado, 29 — 245-7374), **Baronesa** (Rua Cândido Benício, 1.747 — 390-5745): 17h10m, 19h14m. Até quarta. (16 anos).

O filme que projetou Travolta como personalidade-fenômeno da indústria cinematográfica americana. Faz o papel de empregado de uma loja de tintas que, aos sábados, eletriza com danças vigorosas e sensuais os freqüentadores de uma discoteca. Ganha um concurso, mas procura motivação de vida mais importante do que os embalos semanais.

★★

NOS TEMPOS DA BRILHANTINA (Grease), de Randal Kleiser. Com John Travolta, Olivia Newton-John, Stockard Channing, Jeff Conaway e Didi Conn. **Largo do Machado 2** (Largo do Machado, 29 — 245-7374), **Baronesa** (Rua Cândido Benício, 1.747 — 390-5745): 15h20m, 19h25m. (14 anos). Até quarta.

Um retorno à década de 50, apoiado na adaptação de uma peça musical da Broadway e no estrelato de John Travolta, lançado como **star** em **Os Embalos de Sábado à Noite**. Produção americana.

★★

O BEIJO NO ASFALTO (Brasileiro), de Bruno Barreto. Com Tarcísio Meira, Ney Latorraca, Lidia Brondi, Christiane Torloni, Daniel Filho e Oswaldo Loureiro. **Ilha Autocine** (Praia de São Bento — Ilha do Governador — 392-3211): de 2ª a 6ª, às 20h30m, 22h30m. Sábado e domingo, às 18h30m, 20h30m, 22h30m. **Jacarepaguá Autocine 2** (Rua Cândido Benício, 2 973 — 392-6186): 20h, 22h. **Lagoa Drive-In** (Av. Borges de Medeiros, 1.426 — 274-7999): 20h, 22h30m. Até terça. (16 anos).

Um homem é atropelado e cai no asfalto. Arandir, que a tudo assiste, corre, debruça-se sobre a vítima e beija-o na boca. Esse gesto provoca uma série de reações preconceituosas, inclusive do sogro que passa a duvidar de sua masculinidade e coloca essa dúvida para a filha, Selminha, que defende o marido. O beijo vira manchete de jornal. Em meio a tudo isso, Dália, irmã de Selminha, observa e antecipa toda uma trama, na qual Arandir — o cunhado a quem ama — se verá envolvido.

★★

PARCEIROS DA NOITE (Cruising), de William Friedkin. Com Al Pacino, Paulo Sorvino, Karen Allen, Richard Cox, Don Scardino, Joe Spinell e Jay Acovone. **Studio-Copacabana** (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900): 20h, 22h (18 anos).

Um policial é destacado por seus superiores para servir de isca homossexual e atrair um perigoso assassino, responsável por diversos crimes brutais. Em princípios, o policial mostra-se relutante em aceitar a missão, mas ele não tem outra alternativa porque é o único de seu destacamento que tem as características físicas preferidas pelo assassino. Produção americana.

★★

XANADU (Xanadu), de Robert Greenwald. Com Olivia Newton-John, Gene Kelly, Michael Beck, James Solvan e Dimitra Arliss. **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 255-2908): 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. (Livre).

Danny McGuire, arquiteto famoso, vive das recordações dos tempos de música, quando trabalhou com bandas populares e conheceu músicos famosos. Danny ainda conserva um grande sonho: quer abrir um clube e pede a Sonny, um artista plástico, para ajudar a procurar o local. Danny o imagina como nos anos 40. Sonny o vê diferente: como na década de 80. Enquanto conversam sobre o nome do clube, surge Kira, uma cantora, que sugere Xanadu. Produção americana.

★

FESTIVAL DE SUCESSOS — Hoje: **Emmanuelle, a Verdadeira (Emmanuelle)**, de Just Jaeckin. Com Sylvia Kristel, Floriano Cuny, Marika Green, Daniel Sarky e Jeanne Colletin. **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Art-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 405 — 288-6898): 15h, 17h, 19h, 21h (18 anos).

Produção francesa de 1974, proibida no Brasil e agora liberada com pequeno corte. O filme é baseado no livro de Emmanuelle Arsan (escrito em 1957 e proibido na França). **Emmanuelle**, 19 anos, é mulher do diplomata francês em Bangcoc, onde chega para tomar posse do suntuoso palacete onde irá morar. Assediada por membros da colônia francesa local, ela se transforma numa presa cobiçada tanto por homens como mulheres.

★

O GOSTO DO PECADO (brasileiro), de Cláudio Cunha. Com Simone Carvalho, Maria Lúcia Dahl, Fábio Villalonga, Maiara de Castro, Lia Farrel e Jardel Mello. Programa complementar: **O Sangrento Vingador Chinês. Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 240-8285): de 3ª a 6ª, às 12h, 15h35m, 19h20m. 2ª, sábado e domingo, às 13h50m, 17h25m, 19h20m (18 anos).

O advogado Júlio Garcia, casado há 10 anos com Regina separa-se dela e resolve retomar sua liberdade.

★

O SANGRENTO VINGADOR CHINÊS (The Double Crossers), de Cheng Chang-Wha. Com Chen Hsing, Tuty Kirana e Shin Il-Lung. Programa complementar: **O Gosto do Pecado. Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33 — 240-8285): de 3ª a 6ª, às 12h, 15h35m, 19h20m. 2ª, sábado e domingo, às 13h50m, 17h25m, 19h20m (18 anos).

Produção chinesa de Hong-Kong.

MATINÊ

COLETÂNEA DE DESENHOS ANIMADOS POLONESES PARA CRIANÇAS — Exibição de **Troca de Guarda (Zmiana Warty)**, de H. Bielinska e W. Haupe, **O Encontro (Oczekiwanie)**, de Witold Giersz e Ludwik Perski, **A Poltrona (Fotel)**, de Daniel Szczechura, **Pequeno Western (Maly Western)**, de Witold Giersz, **O Gatinho e o Ratinho (Myska I Kotek)**, de W. Nehrebecki e **Preto e Branco (Czarne Czy Biale)**, de Waclaw Wajser. **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): de 3ª a 6ª, às 15h40m e 16h50m, sábado e domingo, às 14h, 15h10m, 16h20m, 17h30m, 18h40m (Livre).

SESSÃO COCA-COLA — Mowgli, o Menino Lobo — Lagoa Drive-In: Às 18h30m. (Livre).

EXTRA

★★★★

TERCEIRO MILÊNIO (brasileiro), de Jorge Bodansky e Wolf Gauer. Com a participação do Senador Evandro Carreira. Hoje, às 18h30m, na **Cinemateca do MAM**, Av. Beira-Mar, s/nº (Livre).

Documentário organizado em torno da viagem feita pelo Senador Evandro Carreira em agosto e setembro de 1980, de barco, pelo Solimões, numa região entre o Brasil, o Peru e a Colômbia. A câmera, explica Jorge Bodanzky, "funcionou como um diário de bordo", anotando os fatos em forma de filme, e o Senador, como "o fio condutor da viagem, uma espécie de narrador e, ao mesmo tempo, personagem do filme", ao lado de madeireiros, índios ticunes e dos caboclos seguidores do missioneiro José Francisco da Cruz.

DOIS CAIPIRAS LADINOS (Way Out West), de James W. Horne. Com Stan Laurel, Oliver Hardy e James Finlayson. Às 16h30m, na **Cinemateca do MAM**, Av. Beira-Mar, s/nº.

SEMINÁRIO FOME E ALIMENTAÇÃO NO BRASIL (III) — Exibição de **Incentivo Para Agir**, realização coletiva. Às 20h30m, na **Cinemateca do MAM**, Av. Beira-Mar, s/nº. Debates com Jo Resende e representantes da Associação dos Operários da FIAT. Entrada Franca.

EVOLUÇÃO POLÍTICA NO BRASIL 1930/1968 — Exibição de **Liberdade de Imprensa, Phoenix** e **Universidade em Crise**. Às 18h30m, no **Cineclube Jean Renoir da Aliança Francesa do Méier**, Rua Jacinto, 7. Após a sessão de domingo haverá debates com Márcio Moreira Alves e historiadores.

QUANDO PARIS DORME (Paris Qui Dort, de René Clair. Com Albert Prejean e Marcel Valle. Às 20h, no **Cineclube do Leme**, Rua General Ribeiro da Costa, 164.

DEDOS SOBRE A CABEÇA (Les Doigts Dans La Tête), de Jacques Doillon. Com Roselyne Villaumé e Anne Zacharias. Às 19h, no **Cineclube Godard da Aliança Francesa da Tijuca**, Rua Andrade Neves, 315.

FILMES DE ANIMAÇÃO FRANCESES — Exibição de filmes seguidos de debates. Às 16h30m, no **Cineclube Oga Mitá**, Rua Sá Viana, 20 — Grajaú.

FILMES INFANTIS — Desenhos animados canadenses e brasileiros entre eles **A Feiticeira da Baixada** e **As Quatro Estações**, de Still. Às 16h, no **Cineclube Carioca**, Rua Pereira da Silva, 86.

GRANDE RIO

NITERÓI

ALAMEDA (718-6866) — **O Campeão**, com Jon Voight. Às 15h, 17h30m, 20h. (Livre).

BRASIL — O Bordel dos Prazeres da SS Nazista, com Gabriele Carrara. Às 15h, 17h, 19h, 21. (18 anos).

CENTER (711-6909) — **Eles Não Usam Black Tie**, com Fernanda Montenegro. Às 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m (18 anos).

CENTRAL (711-3807) — **Perseguição Mortal**, com Charles Bronson. Às 13h30m, 15h30m, 17h30m, 19h30m, 21h30m (18 anos).

ICARAÍ (717-0120) — **Álbum de Família**, com Lucélia Santos. Às 15h, 16h40m, 18h20m, 20h, 21h40m (18 anos).

NITERÓI (719-9322) — **Álbum de Família**, com Lucélia Santos. Às 14h20m, 16h, 17h40m, 19h20m, 21h (18 anos).

CINEMA-1 (711-1450) — **Kramer X Kramer**, com Dustin Hoffman. Às 14h, 16h, 18h, 22h. (16 anos).

PETRÓPOLIS

DOM PEDRO (42-2695) — **Desta Vez Te Agarro**, com Burt Reynolds. Às 14h30m, 16h40m, 18h50m, 21h. (Livre).

PETRÓPOLIS (42-2296) — **Álbum de Família**, com Lucélia Santos. Às 14h20m, 16h, 17h40m, 19h20m, 21h (18 anos).

TERESÓPOLIS

ALVORADA-1 (742-2131) — **Os Contos de Canterbury**, com Franco Citti. ÀS 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos). Matinê: **O Jato Que Veio do Espaço**. Às 14h. (Livre).

ALVORADA-2 (742-2131) — **Em Algum Lugar do Passado**, com Christopher Reeve. Hoje, às 21h. Amanhã, às 15h, 20h, 22h (Livre). Domingo: **A Dama das Camélias**, com Isabelle Huppert. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (16 anos).

CURTA-METRAGEM

ESTRELAS DE PAPEL — De Breno Kuperman. Cinema: **Art-Méier**.

CONTINUAÇÕES

★★★★★

ELES NÃO USAM BLACK TIE (Brasileiro), de Leon Hirszman. Com Fernanda Montenegro, Gianfrancesco Guarnieri, Carlos Alberto Riccelli, Bete Mendes, Milton Gonçalves e Rafael de Carvalho. **Palácio-2** (Rua do Passeio, 38 — 240-6541), **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 - 390-2338): 14h, 16h20m, 18h40m, 21h. **Caruso** (Av. Copacabana, 360 — 227-3544), **Ópera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705), **Carioca** (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178): 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m. (18 anos).

Tudo se passa em torno das emoções de uma família operária cujo chefe, Otávio, é líder sindical. Tião, seu filho, não vê muito sentido nos valores de solidariedade de classe defendidos pelo pai. Maria, a noiva de Tião, está apaixonada e sonha com o filho que vai nascer. Romana, mulher de Otávio, cuida da casa onde a família expressa as suas contradições. Prêmio Especial do Júri (Leão de Ouro), Prêmio Fipresci, Prêmio OCIC, Prêmio AGIS e Prêmio da Federação Italiana dos Cinemas de Arte no Festival de Veneza de 1981.

★★★★★

O MAESTRO (Dyrygent), de Andrzej Wajda. Com John Gielgud, Andrzej Seweryn, Krystina Janda, Jan Ciecierski e Tadeusz Czechowski. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72), **Tijuca-Palace** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 15h, 17h10m, 19h20m, 21h30m. (16 anos).

Para comemorar seus cinqüenta anos de vida musical, o maestro Jan Lasocki, que vive nos Estados Unidos, decide voltar a sua cidade natal, na Polônia, para reger ali, com os músicos da orquestra local, a **Quinta Sinfonia**, de Beethoven. O acontecimento é visto pelo diretor da orquestra como uma oportunidade para mostrar a todos o seu valor pessoal de regente, e visto pelo governo como um risco, uma vez que os músicos da província não pareciam à altura da importância do evento.

MÚSICA

THE GONDOLIERS — Opereta de W. S. Gilbert e Arthur Sullivan. Com Laura Chipe Lorraine Montero, Colin Allan, Ronaldo Canto e Mello, Chris Hieatt e Luiz Oswaldo Cunha. Direção de Martin Hester. Regência de Oswaldo Jardim Neto. **Teatro do BNH**, Avenida Chile, 230. Quartas, sextas e sábados às 20h30m; quintas às 18h30m e domingo às 17h. Ingressos a Cr$ 750 e Cr$ 350 (estudantes). Reservas: 231-1563 e 294-6231. Até dia 25.

RIGOLETTO — Ópera em quatro atos de Giuseppe Verdi, com libreto de Francesco Maria Piave. Com Eduardo Álvares (tenor), Sérgio Ferreira (tenor), Silea Stopatto (meio-soprano), Benito di Bella (barítono) e Valdir Ribeiro (barítono). Regência de Lamberto Puggelli. Cenários e figurinos de Hugo de Ana. Balé, coro e orquestra do Teatro Municipal e participação da banda do Corpo de Bombeiros. **Teatro Municipal** (262-6322). Sexta, às 21h (assinatura A). Terça, dia 20, às 21h (Assinatura B) e domingo, dia 18, às 17h (Assinatura C). Récitas extraordinárias quinta, dia 22, às 21h e domingo, 25, às 17h. Ingressos a Cr$ 2 mil (platéia e balcão nobre), Cr$ 1 mil (balcão simples), Cr$ 500 (galeria) e Cr$ 12 mil (frisas e camarote).

PALESTRA/CONCERTO — Tema: Música como Meio de Integração do Homem. Duo Camerístico: Violeta Kunbert (piano) e Eugen Ranevsky (violoncelo). Programa: obras de Ernest Bloch, J. S. Bach, Grieg, Ravel, Schumann, Villa-Lobos. **Corrente da Paz Universal**, Rua Senador Dantas, 117, cob. 03. Hoje às 19h30m. Entrada franca.

Villa-Lobos está no programa da Palestra/Concerto apresentada pelo Duo Camerístico na *Corrente da Paz Universal*.

RÁDIO

RÁDIO JORNAL DO BRASIL FM Estéreo

Hoje

10 horas — **Concerto a cinco, em Dó Maior, op. 9/9**, de Albinoni (Maurice André, Guy Touvron e Orquestra de Württemberg — 11:38); **Partita nº 3, em lá Menor**, de Bach (Weissenberg — 13:03); **Bachianas Brasileiras nº 5, para soprano e oito violoncelos**, de Villa-Lobos (Victoria de los Angeles — 10:40); **O ballet de Carmem**, de Bizet-Shchedrin (Fiedler — 38:37); **Sonata nº 1, em Dó Maior, op. 1**, de Brahms (Zimerman — 29:25); **Sinfonia nº 6, em Fá Maior — Pastoral, op. 68**, de Beethoven (Concertgebouw e Jochum — 43:30); **Concerto para saxofone e orquestra de cordas**, de Glazunov (Vincent Abbato — 12:35); **Tzigane**, de Ravel (Grumiaux — 10:20). 20 horas — **Os Elementos — Suite nº 1**, de Destouches (Bereau — 17:25); **Allegro e Romance, op. 28/2**, de Schumann (Alicia de Larrocha — 13:27); **Missa Solemnis**, de Beethoven (Jochum — 80:34); **Fantasia em Fá Menor, para Piano a Quatro mãos, D.940**, de Schubert (Duo Kontarsky — 18:12); **Concerto em Dó Maior, para oboé e orquestra, K 314**, de Mozart (Han de Vries — 19:37); **Os Pinheiros de Roma**, de Respighi (Bernstein — 22:30).

Amanhã

20 horas — **Festklänge — Poema sinfônico nº 7**, de Liszt (Solti — 19:50); **Sonata Kreutzer, em Lá Maior, para violino e piano, op. 47**, de Beethoven (Menuhin e Kempff — 40:53); **Metamorfoses Sinfônicas de Temas de Weber**, de Hindemith (Bernstein — 20:57); **Sicilienne variée**, de Damase (Zabaleta — 7:52); **Concerto em Mi Menor, para violino e orquestra, op. 64**, de Mendelssohnn (Accardo — 30:28); **Valses Nobles et Sentimentales**, de Ravel (Alicia de Larrocha — 15:34); **Sinfonia nº 3, em Mi Bemol — Renana, op. 97**, de Schumann (Karajan — 35:30).

DANÇA

O espetáculo *Mana*, com o Studio de Danças de Pernambuco, se despede hoje do público carioca (*Teatro Teresa Rachel*)

GINGA — Apresentação do grupo de dança baiano Frutos Tropicais. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93. De 5ª a domingo, às 21h. Ingressos a Cr$ 300 e Cr$ 200. Último dia.

IV CICLO DE DANÇA — Apresentação de **Odundá**, com o departamento de dança da Escola de Música da Bahia e **Mana**, com o Studio de Danças de Pernambuco. **Teatro Teresa Rachel**, Rua Siqueira Campos, 143. De 4ª a 6ª, às 21h. Sábado, às 19h e 21h. Hoje, às 20h. Ingressos a Cr$ 200. Último dia.

TELEVISÃO

A cantora Zizi Possi participa hoje do programa do *Chacrinha*.
(Canal 7 - 20h)

CANAL 7

8.30 Momentos de Paz. Religioso.
9.00 Rex Humbard. Religioso.
9.30 Caravela da Saudade. Musical português.
10.30 Futebol. VT completo de Botafogo x Vasco da Gama. Primeiro clássico do terceiro turno do Campeonato Carioca.
12.00 Gol, o Grande Momento do Futebol. Seleção de gols que decidiram partidas em vários estádios do país. Apresentação de Alexandre Santos.
13.00 Hipismo. Prova realizada no Jóquei Clube de Porto Alegre.
13.15 Stock Car Especial. Programa sobre o Torneio Opala-Stock Car.
13.30 Stock Car ao Vivo. Nona etapa do Torneio brasileiro Opala-Stock Car, direto de Cascavel. Narração de Fernando Gomes. Comentários de Gui Ferreira. Reportagens de Elia Júnior.
14.40 Revendo a Copa. VT de Brasil x Itália. Final do Mundial de 70, no México.
16.25 O Limite do Homem. As mulheres mais rápidas do mundo.
16.30 Auto Cross Compacto. Torneio de Auto Cross. Direto de Belo Horizonte.
17.00 Programa do Chacrinha. Discoteca. Musical variado. Participação de Robertinho do Recife, Zé Rodrix, Júlia Graciela, José Alexandre, Paulinho da Viola, Agnaldo Timóteo, Joel Teixeira, Roberto Leal(especial), Vanusa, Raul Seixas, Paulinho Boca de Cantor, João Viola, Ciriaco (lançamento), Benito de Paula, Cláudia Barroso, Anibal Quintana(lançamento), Sandra Sá, Sunday, Agepê, Carlos Rian(lançamento), Ovelha, Messias de Holanda e Ney Viana(homenagem a Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel).
20.00 Programa do Chacrinha. Buzina. Musical de calouros. Participação de Zizi Possi, Biafra, Jorginho do Império e Pepeu Gomes. Analistas: Elke Maravilha, Edson Santana, Paulo Thiago e Carlos Teixeira Martins.
22.15 Canal Livre. Jornalístico de entrevistas. Entrevistado: **Senador Marcos Freire**. Entrevistadores: Elba Ramalho, Maurício Dias, Fernando Gasparian, Fernando Pamplona, Tarso de Castro, Villas-Bôas Corrêa e Roberto D'Ávila.
23.30 Bola na Mesa. Esportivo de debates. Apresentação de Paulo Stein. Participação de Márcio Guedes, José Roberto Tedesco, Marcelo Resende, Sandro Moreyra e convidados.

CANAL 11

8.00 Escala. Programa educativo.
9.00 Speed Racer. Desenho.
9.30 Superman. Desenho.
10.00 Piu-Piu. Desenho.
10.30 Gaguinho e seus Amigos. Desenho.
11.00 Popeye. Desenho.
11.30 Programa Silvio Santos. Variedades.
20.00 Chips. Filme com Larry Wilcox, Erick Estrada e Robert Pine.
21.00 Cinema Nacional. Filme: **Faustão**.
23.00 Barnaby Jones. Filme com Mark Sherer.
0.00 Câmara Onze. Jornalístico.

CANAL 2

9.45 Telecurso Rural. Biodigestores nº 1.
10.00 Palavras de Vida. Mensagens do Cardeal D. Eugênio Salles.
10.30 Telecurso 2º Grau. Aula de Geografia nº 32.
10.45 Telecurso 2º Grau. Recapitulação das aulas de Língua Portuguesa nº 16, História nº 31, 32; Geografia nº 31 e 32.
12.00 Atletismo. Campeonato Sul Americano de Atletismo Juvenil, no Estádio Célio de Barros, categorias: feminino e masculino.
14.00 Prêmio Molière. Transmissão da festa dos premiados, realizado dia 7 no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. **Show** com a cantora Mireille Mathieu.
16.00 Isto é Hollywood. Trechos dos principais filmes da Twenty Century Fox. Apresentação de Thereza Corbett e comentários de Rubens Ewald Filho. Hoje: Capa-espada e Sherlock Holmes.
17.00 Som Pop. Com Dolly Parton, Jefferson Starship, Sky, Ami Stewart e Beath and Herb.
18.00 Saltimbanco. O bancq de notícias. Saltimbanco Charada. Compacto de quatro programas. Criação de Humberto Borges.
18.30 Os Astros. Focaliza Aracy de Almeida. Apresentação de Grande Otelo.
19.30 Cinemaluco. Filmes: Batutinhas e Velhos Tempos.
20.00 Jornal de Domingo. Noticiário nacional e internacional. Apresentação de Mário Lúcio e Vera Barroso.
21.00 Esporte Hoje. Futebol Compacto. Flamengo x Bangu. Narração de Januário de Oliveira. Comentários de Achilles Chirol.
22.00 Esporte Total. Mesa-Redonda. Apresentação de Luiz Orlando. Analistas: Sérgio Noronha, José Inácio Werneck, Achilles Chirol, Luiz Mendes.

CANAL 4

7.00 Santa Missa em Seu Lar.
9.00 Globo Rural.
10.00 Som Brasil.
11.00 Festival de Desenhos.
13.00 Scooby Doo & Scooby Loo.
13.30 Fred & Barney Show.
14.00 O Incrível Hulk.
15.00 Buck Rogers.
16.00 O Homem-Aranha.
17.00 Geração 80.
18.00 Planeta dos Homens.
19.00 Os Trapalhões.
20.00 Fantástico.
22.00 Os Gols do Fantástico.
22.15 Domingo Maior. Filme: **Caça Implacável**.
0.15 Coruja Colorida. Filme: **Susan e Jeremy, o Primeiro Amor**.

PRÊMIO CANDRO

A Educativa, hoje duas da tarde, reprisa a entrega do prêmio Molière com **show** da cantora Mireille Mathieu realizado no dia 7 de outubro no Teatro Municipal de São Paulo. Aos laureados cariocas apenas sobraram pequenas reportagens nos canais daqui, mas os paulistanos tiveram direito a transmissão integral. Mas ninguém precisa ficar enciumado porque é uma festa em que os homenageados não têm a menor vez. Entram mudos e saem calados do palco porque o que realmente importa é o show. Infelizmente desta vez ainda não foi Yves Montand, anunciado desde a primeira entrega, mas a Mirelle tentanto agora ser, não mais Edith Piaf, mas a Liza Minelli da Place Pigalle com muitos bailarinos e coreografia On Brodway. Prefiro Sandra Brea e Mieli neste imitar.

COISA DE LOUCO

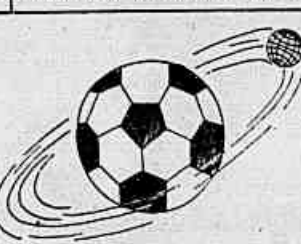
É impressionante a audiência do **Fantástico**, Rede Globo oito da noite. Com absoluta regularidade mantém presa mais da metade da audiência possível da televisão em todo o Brasil. De vez em quando merecem, pois fazem bons programas. Mas a maioria de suas transmissões é mesmo tipo pastel de vento no qual sempre cabem um louco com mensagem ou rabiscos religiosos, um doido que se jogue de cara no asfalto por um punhado de notas ou quem cure o câncer com salada de frutas. Tudo tratado com muita irresponsabilidade.

POLÍTICA REGIONAL

EM **Canal Livre**, Bandeirantes, às 22h15m, entrevista-se hoje o Senador Marcos Freire. Grande favorito para a eleição de Governador de Pernambuco em 82, só tem contra si o fato de sua candidatura, pelo PMDB, ter sido lançada com muita antecedência, impossibilitando maior união entre os oposicionistas e dando muito tempo para as manobras dos governistas. Pena que nunca se possa garantir quem realmente o entrevistará, grupo de pessoas que garantem 50% do sucesso do programa, porque muitos são convidados mas poucos comparecem. Devido a múltiplos afazeres e ao fato dessa atividade não ser remunerada. Poucos são relógios.

Marcos Freire

ROLA BEM

O programa **Bola na Mesa**, Bandeirantes, 23h30m, está fazendo quatro anos de vida e ganhou até moção de congratulações da Câmara Municipal de Nova Friburgo. Merece porque cumpre bem a sua missão de comentar, entrevistar e fornecer informações sobre esporte, principalmente o futebol. Paulo Stein, Márcio Guedes, Sandro Moreyra, José Roberto Tedesco e Marcelo Resende muito raramente falam demais ou discutem ninharias com

muitos detalhes, como por demais acontece nesse tipo de programa. E levam sempre os principais personagens das partidas dominicais. Dando a cada um o direito de falar sozinho não permitindo aquele coral desafinado, todo mundo gritando junto, que transforma a grande maioria dos programas de debates na televisão num martírio para o espectador, que nada consegue entender.

Eliézer Gomes e Jorge Gomes em *Faustão*
(CANAL 11, 21H)

OS FILMES DE HOJE

Hugo Gomez

DIRIGIDO por um ex-documentarista de TV e ex-professor de arte na Universidade de Colúmbia, **Susan e Jeremy, o Primeiro Amor** conta, nas palavras do realizador, "apenas uma história íntima sobre uma experiência universal, comum a todos nós: a descoberta do primeiro amor".

Sem rebuscamento e procurando fugir do pieguismo, Arthur Barron produziu uma obra modesta, mas envolvente, que sensibilizou o júri do Festival de Cannes de 1973. Dos novatos por ele lançados, o único em atividade relativa é Glynnis O'Connors.

FAUSTÃO
TV Studios — 21h

Produção brasileira de 1971, dirigida por Eduardo Coutinho. Elenco: Eliézer Gomes, Gracinda Freire, Anecy Rocha, José Pimentel, Jorge Gomes. **Colorido**.
Atacado por jagunços de inimigo de sua família, um rapaz (Gomes) é salvo por cangaceiro (Gomes), que desiste de pedir resgate e o adota. Anos mais tarde, os dois se enfrentarão num duelo de morte. **Inédito na TV.**

CAÇA IMPLACÁVEL
TV Globo — 22h15m

(Relentless) — Produção norte-americana de 1977, dirigida por Lee H. Katzin. Elenco: Will Sampson, Monte Markham, John Hillerman, Mariana Hill, Larry Wilcox, Anthony Ponzini, John Lawlor. **Colorido.**
★ Ajudado por um agente do FBI, patrulheiro índio (Sampson) percorre as montanhas geladas do Arizona à procura de uma quadrilha de assaltantes de bancos. Feito para a TV.

SUSAN E JEREMY, O PRIMEIRO AMOR
TV Globo — 0h15m

(Jeremy) — Produção norte-americana de 1973, dirigida por Arthur Barron. Elenco: Robby Benson, Glynnis O'Connors, Len Bari, Leonardo Cimino, Ned Wilson, Chris Bonn, Eunice Anderson. **Colorido.**
★★ Jeremy (Benson), estudante de música em Nova Iorque, conhece uma jovem bailarina (O'Connors) por quem sente uma afeição que aos poucos se transforma em amor. Quando a família desta se muda da cidade, o adolescente, vendo seu sonho se desfazer, cai em profunda depressão. Prêmio de Primeira Obra em Cannes.

Cena de *Inferno no Pacífico*
(SEXTA-FEIRA NO 11, ÀS 21H)

A PRÓXIMA SEMANA

POSSIVELMENTE a semana mais fraca do ano, até agora: duas estréias, das quais só uma desperta razoável interesse, e uma única reapresentação digna de nota.

Obra de ficção científica, **É Proibido Procriar** (segunda, no 11, às 21h) tem um tema atraente, mas o diretor, desconhecido, é uma incógnita. O elenco, de boa qualidade, ajuda a contrabalançar.

Vigoroso estudo de caracteres, **Inferno no Pacífico** (sexta, no 11, às 21h), proporciona a Lee Marvin e Toshiro Mifune — em seu primeiro filme americano — boas oportunidades para demonstrar seu potencial dramático. Na versão para a tela grande, os atores só se comunicavam em suas respectivas línguas, o que conferia incomum credibilidade, que na dublagem se perdeu.

Segunda-feira, 19:
13h30m — Canal 7 — **Esses Indomáveis Xerifes Quarentões (The Over-the-Hill Gang)**. Americano (69) de Jean Yarbrough, com Pat O'Brien, Chill Wills. (Cor)
14h30m — Canal 4 — **O Mais Louco dos Roubos (Bank Shot)**. Americano (74) de Gower Champion, com George C. Scott, Joanna Cassidy. (Cor)
21h — Canal 11 — **É Proibido Procriar (Z.P.C.)**. Britânico (71) de Michael Campus, com Oliver Reed, Geraldine Chaplin. (Cor)
0h20m — Canal 4 — **Bela, Rica, Leve Defeito Físico (Bella, Ricca, Lieve Difetto Fisico, Cerca Anima Gemella)**. Italiano (71) de Nando Cicero, com Carlo Giuffrè, Marisa Mell, Erika Blanc. (Cor)
0h30m — Canal 7 — **Sem Refúgio (Nowhere to Hide)**. Americano (77) de Jack Starrett, com Lee Van Cleef, Tony Musante. (Cor)

Terça-feira, 20:
13h30m — Canal 7 — **Dois Vigaristas em Nova Iorque (Harry and Walter Go To New York)**. Americano (76) de Mark Rydell, com James Caan, Michael Caine. (Cor)
14h30m — Canal 4 — **Só Eu Sobrevivi (And I Alone Survived)**. Americano (78) de William Graham, com Blair Brown, David Ackroyd, Maggie Cooper. (Cor)
21h — Canal 11 — **O Colt é Minha Lei (The Gun Is My Law)**. Italiano, de Al Bradley, com Anthony Clark, Lucy Gilly, Michael Martin. (Cor)
0h30m — Canal 7 — **Fanatismo Macabro (Die, Die, My Darling)**. Britânico (65) de Silvio Narizzano, com Stephanie Powers, Tallulah Bankhead. (Cor)
0h40m — Canal 4 — **O Protesto (Hail, Hero!)**. Americano (69) de David Miller, com Michael Douglas, Arthut Kennedy, Teresa Wright. (Cor)

Quarta-feira, 21:
13h30m — Canal 7 — **Ajudem-me, Estou Vivo! (Hey, I'm Alive!)**. Americano (75) de Lawrence Schiller, com Edward Assner, Sally Struthers. (Cor)
14h30m — Canal 4 — **...E Seu Nome é Jonas (Andy Your Name Is Jonah)**. Americano (79) de Ricahrd Michaels, com Sally Struthers, James Woods. (Cor)
21h15m — Canal 4 — **Samurai (Samurai)**. Americano (79) de Lee H. Katzin, com Joe Penny, Dana Elcar, James Shigeta. (Cor)
0h30m — Canal 7 — **Hospital Westside (Westside Medical)**. Americano (77) de Leon Penn, com James Sloyan, Linda Carlson, Ernest Thompson. (Cor)
0h40m — Canal 4 — **Confidencial (Top Secret)**. Americano (78) de Paul Leaf, com Bill Cosby, Tracy, Sheldon Leonard. (Cor)

Quinta-feira, 22:
13h30m — Canal 7 — **O Espião do Nariz Frio (The Spy With the Cold Nose)**. Britânico (66) de Daniel Petrie, com Lionel Jeffries, Daliah Lavi. (Cor)
14h30m — Canal 4 — **O Espadachim (The Swordsman)**. Americano (48) de Joseph H. Lewis, com Larry Parks, Ellen Drew, George MacReady. (Cor)
22h10m — Canal 4 — **Noite Violenta (High Midnight)**. Americano (79) de Daniel Haller, com Mike Connors, David Birney, Christine Belford. (Cor)
0h30m — Canal 7 — **As Torturas do Dr Diábolo (Torture Garden)**. Britânico (67) de Freddie Francis, com Burgess Meredith, Jack Palance. (Cor)

Sexta-feira, 23:
13h30m — Canal 7 — **Papai Playboy (The Pleasure of His Company)**. Americano (61) de George Seaton, com Fred Astaire, Lilli Palmer. (Cor)
14h30m — Canal 4 — **Os Incríveis Wallendas (The Great Wallendas)**. Americano (78) de Larry Elikann, com Lloyd Bridges, Britt Ekland. (Cor)
21h — Canal 11 — **O Inferno no Pacífico (Hell in the Pacific)**. Americano (69) de John Boorman, com Lee Marvin, Toshiro Mifune. (Cor)
24h — Canal 4 — **A Morte Segue Seus Passos (Brannigan)**. Britânco (75) de Douglas Hickox, com John Wayne, Richard Attenborough. (Cor)
0h30m — Canal 7 — **Mulheres Marcadas (Wild Women)**. Americano (69) de Don Taylon, com Hugh O'Brien, Anne Francis, Marilyn Maxwell. (Cor)
2h — Canal 4 — **O Filho de Tarzã (Tarzan Finds A Son**. Americano (39) de Richard Thorpe, com Johnny Weissmuller, Maureen O'Sullivan. (P & B)

WAGNER TISO EM ÚLTIMO DIA

O ótimo arranjador, instrumentista e compositor Wagner Tiso, junto com o primeiro time da música instrumental brasileira, como Mauro Senise, sopros, Zeca Assumpção (contrabaixo) e Nene (bateria), faz hoje à noite, na Sala Cecília Meireles a última apresentação desta rápida temporada. Se voce chegar antes da hora ainda pode comprar o seu lugar, mas a reserva é sempre aconselhável. No programa, **Trem Mineiro, Índio Sete Tempo, Cafezais** fazem a principal atração deste domingo.

CAUBY ATENDE PEDIDOS

DEPOIS de estrear no Velho Galeão (antigo aeroporto internacional) com casa lotada, o incrível Cauby Peixoto muda seu estilo de **show** fazendo, agora, um espetáculo quase que feito só de pedidos dos seus fãs. Hoje, o espectador encontrará na mesa uma série de papeizinhos onde anotará seus pedidos, encaminhando em seguida ao cantor. De **Granada a Conceição**, ele revive todos os seus sucessos em **show** que pode ser visto às 22h30m. O **couvert** artístico custa Cr$ 350 e a consumação mínima, Cr$ 1 mil.

Cauby Peixoto

MÚSICA NA PRAÇA

COM o dinheiro curto, um show de graça é sempre bem-vindo. Hoje, às 20h, acontece em Rocha Miranda com o Conjunto Exporta Samba, Norato do Trombone, Janaína e Roberto Silva dando o seu espetáculo na Praça Oito de Maio.

MPB BENEFICENTE

LUÍS Melódia, Teca e Ricardo, Trio Elétrico Dodô e Osmar, Tavito e Grupo Terra Molhada, Lilian, Tibério Gaspar, Sidney Matos, Marcos Resende, Fábio Beth Goulart e outros artistas fazem hoje, a partir das 17h, espetáculo no Planetário da Gávea. O ingresso custa Cr$ 300 e a renda será do Orfanato São José.

Luiz Melodia

TEATRO

A NOITE DAS MAL DORMIDAS — Texto de Petersen. Direção de Carlos Ferraz. Com Humberto Abrantes, Marcos Veillard e Carlos Ferraz. **Teatro Arcádia**, Nova Iguaçu. Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 300. Até 1º de novembro.

BARREADO — Texto de Ana Elisa Gregori. Dir. de Luís Mendonça. Com Mirian Pires, Elisabeth Savalla, Fernando Eiras, Germano Filho, Camilo Bevilacqua, Luís Carlos Niño, Marília Barbosa e outros. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de São Vicente, 52-2º (274-9895). Hoje, às 20h e 22h30m; dom., às 19h e 21h30m. Ingressos a Cr$ 400. (Censura 14 anos)

O amor de um jovem casal de apaixonados desenrola-se na permanente e ameaçadora presença da personagem Morte.

A CORRENTE — Comédia dramática em três elos, de Consuelo de Castro, Lauro Cesar Muniz e Jorge Andrade. Dir. de Luís de Lima. Com Rosamaria Murtinho e Mauro Mendonça. **Teatro Senac**, Rua Pompeu Loureiro, 45 (256-2641). hoje, às 16h e 18h. Na 1ª sessão, ingressos a Cr$ 500 e na 2ª sessão a Cr$ 200, e Cr$ 500.

Infidelidade conjugal como recurso de ascensão social, e como ela se manifesta em três diferentes camadas da sociedade.

CABARÉ S.A. — Espetáculo de variedades com textos de Oswald de Andrade, Grande Othelo, Antônio Pedro, Mauro Rasi e outros. Dir. de Antônio Pedro. Dir. mus. de Caique Botkay. Com Grande Othelo, Angela Leal, Tony Ferreira, Antônio Pedro, Angela Vitória, Jalusa Barcellos, Josephine Hélène, Sílvia Sangirardi e outros. **Teatro Rival**, Rua Álvaro Alvim, 17 (240-1135). Hoje, às 18h30m e 21h15m. Ingressos a Cr$ 700 e Cr$ 400,00 estudantes.

TUDO BEM NO ANO QUE VEM — Comédia de Bernard Slade. Dir. de Flávio Rangel. Com Glória Menezes e Tarcísio Meira. **Teatro João Caetano**, Praça Tiradentes (221-0305). hoje às 18 e 21h. Ingressos a Cr$ 400 (platéia e 1º balcão) e Cr$ 200 (2º balcão). **Último dia.**

Durante 25 anos, um casal de amantes — cada um casado de seu lado — encontra-se uma vez por ano, sempre no mesmo dia.

É O GRANDE GOLPE — Comédia de Francisco Moreno e Nick Nicola. Direção de Francisco Moreno. Com Nick Nicola, Anilza Leone, Átila Iório, Valentim Anderson, Francisco Silva, Deize Gomze, entre outros. **Teatro Carlos Gomes** Praça Tiradentes (222-7581). Hoje às 20h.

JÁ ESCUTEI ESSAS PALAVRAS NÃO SEI ONDE — Texto e dir. de Angela Bocchetti. Com Dal Ribeiro, Geovaldo Pereira, Gil Miranda, Helena Bastos, José Mauro Carvalho, Laerti Gullini, Samir Murad. **Teatro do Clube Municipal**, Rua Haddock Lobo, 359. Hoje às 20h. Ingressos a Cr$ 300 e Cr$ 150, estudantes e associados. Até o final de outubro.

A difícil luta do artista em busca do acesso ao mercado de trabalho.

POLEIRO DOS ANJOS — Texto e dir. de Buza Ferraz. Com Antônio Grassi, Caique Ferreira, Felipe Pinheiro, Gilda Guilhon, Guida Vianna, Juliana Prado. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63. Hoje, às 19h e 21h30m. Ingressos de 4ª a 6ª, e dom. Cr$ 500 a Cr$ 250, estudante e sábado a Cr$ 500.

O jovem grupo Pessoal do Cabaré relembra e discute, com ternura e humor, o passado humano e artístico de seus integrantes.

QUEM GOSTA DEMAIS DE SEXO MORRE FAZENDO AMOR — Comédia de Pierre Chesnot. Adapt. e dir. de João Bethencourt. Com Francisco Milani, Carvalhinho, José Santa Cruz, Cesar Montenegro, Arthur Costa Filho, Marta Anderson e Margot Mello. **Teatro Copacabana**, Av. Copacabana,327 (257-1818 R. Teatro). às 18h e 21h30m, Ingressos Cr$ 600 e Cr$ 400.

Disputa em torno da herança de um escritor de literatura erótica.

GODOFREDO MANDA BRASA — Direção de Nobel Medeiros. Com Wanda Moreno, Leila Cravo, Carlos Nobre e Paulo Alencar. **Teatro do Sesc de S. João de Meriti**, Rua Tenente Manoel Alvarenga Ribeiro, 66. Hoje às 20h30m. Ingressos a Cr$ 250, Cr$ 150 e Cr$ 100. Até dia 2 de novembro

À MODA DA CASA — Texto de Flávio Márcio. Dir. de Nelson Xavier. Com Yara Amaral, Nelson Dantas, Anselmo Vasconcellos, Henriqueta Brieba, Elza de Andrade, Lina do Carmo, Saraka Barreto. **Teatro Gláucio Gill**, Praça Card. Arcoverde, s/nº (237-7003). Hoje, às 18 e 21h. Ingressos Cr$ 500 e Cr$ 250, estudante;.

Análise alegórica da desagregação da família pequeno-burguesa no Brasil dos anos 70.

AS CRIADAS — Texto de Jean Genet. Dir. de Gilles Gwizdek. Com Dina Sfat, Jacqueline Laurence, Susana Faini. **Teatro Maison de France**, Av. Pres. Antônio Carlos, 58 (220-4779). Hoje 22h30m; dom., às 18h e 20h30m. Ingressos a Cr$ 600 e Cr$ 400, estudantes; **último dia0**. Até domingo.

Num cruel e grotesco ritual de vida e morte, o insólito relacionamento entre duas criadas e a sua patroa.

LABIRINTO — A QUE CAUSA DEDICAR A VIDA? — Criação coletiva da Tribo Trupe Cooperativa de Palhaços. Dir. de Mário Telles Filho. Com Antônio Gonzalez, Carmen Luz, Fabiene Garcia, Gilson Antônio, Izaura Gomes, Leila Cardia e outros. **Casa do Estudante Universitário**, Av. Rui Barbosa, 762 (551-3347). Sessões contínuas com bilheteria funcionando das 18h às 21h a Cr$ 300 e Cr$ 200 (estudantes).

Num espaço cênico anticonvencional, um teatro jogado e brincado por atores e espectadores.

VIVA SEM MEDO AS SUAS FANTASIAS SEXUAIS — Comédia de John Tobias. Adapt. de João Bethencourt. Dir. de José Renato. Com Pepita Rodrigues, Cláudio Corrêa e Castro, Felipe Carone, Carlos Eduardo Dolabella. **Teatro Ginástico**, Av. Graça Aranha, 187 (220-8394). às 18h e 21h15m. Ingressos 600 e Cr$ 400.

Casais cansados da rotina assumem identidades diferentes para liberar a fantasia e o desejo.

O BEIJO DA MULHER ARANHA — Texto de Manuel Puig, adaptado da sua novela. Dir. de Ivan de Albuquerque. Com Rubens Corrêa e José de Abreu. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Hoje, às 18h30m e 21h30m. Ingressos a Cr$ 700 e Cr$ 350 (estudantes).

Reunidos na cela de uma prisão, um homossexual e um guerrilheiro resistem ao desespero, fazendo surgir entre si uma complexa relação humana.

BENT — Texto de Martin Sherman. Dir. de Roberto Vignati. Com Tonico Pereira, Ricardo Blat, José Mayer, Josmar Martins, Sérgio Miletto, Carlos Capeletti, Chico Martins. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). Hoje, às 18h e 21h15m. Ingressos: a Cr$ 700 e Cr$ 400. Até 1º de novembro.

Num campo de concentração da Alemanha nazista, o sentimento de amor entre dois homens dá-lhes forças para resistir ao inferno e tentar sobreviver.

DUAS VEZES TEATRO — Reunindo dois textos: **Tarde Chuvosa**, adaptação de história de Willian Inge, e **Muito Natural**, adaptação de história de A.A. Milne. Com o grupo Luz de Serviço: Eduardo Andrade , Sonarira Dávila, Cícero Santos, Adriana Grechi, Carlos Eduardo Menezes e outros. **Teatro Isa Prates**, Rua Francisco Otaviano, 131. Hoje, às 18h. Preço único Cr$ 200. Censura 10 anos. Até final de outubro.

Village, comédia musical de Ira Evans, prossegue no *Papagaio Café Cabaré*

DOCE DELEITE — Ato variado em 12 quadros de Alcione Araújo, Mauro Rasi e Vicente Pereira. Dir. de Alcione Araújo. Mús. e dir. musical de John Neschling. Com Marília Pêra e Marco Nanini. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (274-7246). hoje, às 18h30m e 21h30m. Ingressos (2ª sessão) Cr$ 800 e Cr$ 500, 1ª sessão de dom., a Cr$ 800.

Através dos 12 quadros, interligados por músicas e danças, aparecem diversas formas de humor e diversos assuntos do cotidiano carioca.

VIVA SAPATA — Texto de Newton Goldman. Dir. de Gracindo Júnior. Com Sônia Clara, Olney Cazarré, Carmen Figueira, Renata Fronzi, Oswaldo Louzada, Agnes Fontoura, Martin Francisco e Farneto. **Teatro Glória**, Rua do Russel, 632 (245-5527). Hoje às 18 e 21h. Ingressos: a Cr$ 500 e Cr$ 300.

Duas jovens que moram juntas recebem a visita dos pais e tentam esconder a sua condição de amantes.

SENHORITA JÚLIA — Texto de Johan August Strindberg. Direção de Fayel Hochman. Com Elaine da Silveira, Renata Guerra e Euler Luz. **Teatro Arthur Azevedo** Rua Vitor Alves, 454 (394 - 1622). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 200 e Cr$ 150, estudantes e sindicalizados. **Último dia.**

AS CRIADAS — Texto de Jean Genet. Com Antônio Manso, Sérgio Guedes e Albano D'Ávila. **Teatro da Aliança Francesa de Botafogo**, Rua Muniz Barreto, 54. hoje às 21h. Ingressos a Cr$ 300 e Cr$ 200.

Versão do grupo baiano O Valete, que traz elenco masculino interpretando personagens femininos.

O ator Grande Otelo participa do elenco de *Cabaré S/A*, que está no Teatro Rival

A Agência de Teatros dos Rio de Janeiro funciona de segunda a sábado, das 10h às 22h, no primeiro andar do Rio-Sul, onde os espectadores poderão adquirir ingressos para todas as peças teatrais em cartaz. Pelo telefone 542-4477 poderão fazer reservas ou encomendar ingressos para entrega a domicílio, sem acréscimo de preço. Mas os pedidos a domicílio só serão aceitos se forem feitos das 10h às 13h.

POR TODOS OS SÉCULOS, AMÉM — Texto de João Carlos Rodrigues. Dir. de Dirceu de Mattos. Com Yonne Storni, Julie Susan, Irene Meinberg, Kátia Portilho, Lande Leal, Carlos Gonçalves. **Teatro Dirceu de Mattos**, Rua Barão de Petrópolis, 897 (273-6348). hoje, às 19h. Ingressos a Cr$ 300 e Cr$ 200, estudante. (10 anos).

DESFUGA — Texto e interpretação de Ubirajara Fidalgo. **Teatro Gil Vicente**, Av. Chile, 330. Hoje às 18h30m e 21h. Ingressos a Cr$ 300 e Cr$ 200 (est.).

Produção do Teatro Profissional do Negro, abordando os conflitos sociais do "homem de cor" no Brasil de hoje.

UMA JANELA PARA O SOL — Comédia de Pedro Bloch. Com Elias Soares, Marcelo Becker e Olivia Pineschi. Direção de Elias Soares. **Teatro Carlos Gomes**, Praça Tiradentes. Hoje às 18h30m. Ingressos a Cr$ 300 e Cr$ 200 (est.)

IN CERTOS CASOS — Textos de Luís Fernando Veríssimo, Mauro Rasi, Vicente Pereira, Luís Carlos Góes, Wilson Sayão, João Brandão. Dir. de Isabella Secchin. Com Antônio Breves, Catarina Abdalla, Clélia Guerreiro, Isabella Secchin, João Brandão, Ney Leontsinis. **Teatro Experimental Cacilda Becker. Rua do Catete, 338 (265-9933). hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 200. Até dia 25.**

Seis textos curtos, seis abordagens cômicas do relacionamento amoroso.

BYE BYE POROROCA — Texto de Timochenco Whebi. Com David Varella, Maninha, Claudia Netto, Evans de Brito, Marcos Cezar e Edna Rocha. Direção de Ademar Nunes. **Teatro Leopoldo Fróes**, Niterói. Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 300 e Cr$ 200, estudantes.

A ÚLTIMA ENCENAÇÃO — Texto de Régis Rodrigo. Com Régis Rodrigo e Gilberto Rosa. **Auditório do Grajaú Tênis Clube**, Av. Eng Richard, 83. Hoje, às 21h. (Censura 14 anos).

OS ÚLTIMOS FILHOS DE DEUS — Texto de Sílvia Castro. Com o grupo Apocalipse. Direção de Cid Meireles. **Espaço Livre do CREC**, Rua Venina Correa Torres, 41 — Centro de Nova Iguaçu. Hoje, às 20h. Ingressos a Cr$ 100.

A JAULA — Texto de Laís Costa Velho. Com Sérgio Francisco, Roberto de Brito, Cely Ramalho, Sílvia Castro, Celso Mosciaro e outros. Direção de Celso Mosciaro **Teatro Arcádia**, Trav. Alberto Cocozza, 38 — Centro de Nova Iguaçu. Hoje às 20h30m. Ingressos a Cr$ 300, Cr$ 200 (estudantes) e Cr$ 100 (operários sindicalizados e sócios da Associação dos Artistas Independentes).

HONÓRIO DOS ANJOS E DOS DIABOS — Texto de João Siqueira. Direção de Manoel Kobachuk. Direção musical de Ronaldo Mota. Com Maria Goretti, Lucy Montebello, Jorge Itaboray, Celestino Sobral e outros. **Teatro do Bolso Aurimar Rocha**, Av. Ataulfo de Paiva, 269. Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 400 e Cr$ 250.

Espetáculo de marionetes para adultos, contando a trajetória de um homem do povo, desde o nascimento até a luta que conduz como líder sindical.

SWING — A TROCA DE CASAIS — Texto de Luiz Carlos Cardoso. Dir. de Oswaldo Loureiro. Com Jórge Dória, Osmar Prado, Arlete Sales, Iris Bruzzi. **Teatro Princesa Isabel**, Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). Hoje, às 18h e 21h30m. Ingressos de 3ª a 5ª e dom., a Cr$ 700 e Cr$ 400, estudantes.

Glórias e misérias dos assalariados da classe média no Brasil de hoje.

POR ONZE MIL DÓLARES — Comédia satírica de Lutero Luiz. Direção do autor. Com Lutero Luiz. **Teatro do Planetário da Gávea**, Rua Padre Leonel Franca, 240. De 5ª a domingo, às 21h. Ingressos a Cr$ 400.

O PECADO CAPITALISTA — Comédia musical de Gugu Olimecha. Mús. e dir. musical de Zé Zuca. Dir. de Luiz Mendonça. Com Alby Ramos, Ilva Niño, Graça Czyz, Julita Sampaio, Marcos Garcia, Naldo Alves, Antonio de Bonis, Vânia Alexandre. **Teatro Dulcina**, Rua Alcino Guanabara, 17 (220 — 6997). De 3ª a 6ª, às 21h, sáb: às 20h e 22h30m e dom., às 18h30m e 21h. Ingressos: de 3ª a 5ª, Cr$ 400 e Cr$ 300; 6ª e dom., Cr$ 500 e Cr$ 300, sáb; Cr$ 500.

Sátira sobre o cotidiano de uma família de subúrbio carioca dá margem a uma tentativa de reabilitação da tradição da chanchada.

MÃOS AO ALTO, RIO — Comédia de Paulo Goulart. Dir. de Aderbal Júnior. Com Ary Fontoura, Nicette Bruno, Haroldo Botta, Sueli Franco, Paulo Guarnieri, Ivan de Almeida, Marta Pietro. **Teatro Mesbla**, Rua do Passeio, 42/56 (240-6141). Hoje, às 18h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 500 e Cr$ 400 (estudantes).

Assaltar e ser assaltado pode ser motivo de bom humor?

A MISSA SUB-MISSA — Farsa musical de Vital Farias e José Maria Rodrigues. Direção de José Maria Rodrigues. **Teatro Armando Gonzaga**, Av. Mal. Cordeiro de Farias, s/nº (350-6733). Hoje, às 21h30m. Ingressos a Cr$ 250 e Cr$ 150.

O MELHOR DOS PECADOS — Comédia de Sérgio Viotti. Dir. de Bibi Ferreira. Com Dulcina de Moraes, Roberto Frota, Heloísa Helena, Tessy Callado, Norberto Fialho, Margarida Moreira. **Teatro Clara Nunes**, Rua Marquês de São Vicente, 52 — 3º (274-9696). Hoje às 18h. Ingressos:, Cr$ 600 e Cr$ 300; 6ª e sáb., Cr$ 700.

Uma atriz, que havia abandonado o teatro indo morar em Brasília, volta ao Rio para estrelar uma peça. Até dia 1º de novembro.

AS TIAS — Texto de Aguinaldo Silva e Doc Comparato. Dir. de Luís de Lima. Com Ítalo Rossi, Débora Duarte, Vinicius Salvatori, Ednei Jiovenazzi, Nildo Parente, Roberto Lopes. **Teatro da Lagoa**, Av. Borges de Medeiros, 1 426 (274-7999). Hoje, às 19h. e 21h30m. Ingressos, Cr$ 800 e Cr$ 400 (estudantes).

Numa casa de Petrópolis, um inesperado jogo da verdade, que esclarece o passado e os problemas de quatro homossexuais e da mulher que os sustenta.

VILLAGE — Comédia musical de Ira Evans. Dir. de Wolf Maia. Com Eliane Maia, Alexandre Marques, Sérgio Fonta, Cláudio Savetto, Guilherme Karan, entre outros. **Papagaio Café Cabaré**, Av. Borges de Medeiros, 1 426 (274-7999). Hoje, às 21h30m. Ingressos, a Cr$ 600 e Cr$ 300 (estudantes). No intervalo de cada sessão haverá sorteio de camisetas.

Um jovem nova-iorquino aprende a assumir-se como homossexual.

SHOW

WAGNER TISO, MAURO SENISE, ZECA ASSUMPÇÃO E NENÊ — **Show** de música instrumental. **Sala Cecília Meireles**, Largo da Lapa, 47. Hoje às 20h. Ingressos a Cr$ 600 (platéia), e a Cr$ 400 (platéia superior). Os ingressos estão à venda na **Sala Cecília Meireles**.

CAUBY! CAUBY! — Apresentação do cantor Cauby Peixoto. **Velho Galeão**, no antigo aeroporto internacional. De terça a domingo, às 22h30m. Consumação mínima de Cr$ 1 mil. Couvert artístico de Cr$ 350. Até 14 de novembro.

PROJETO FIM DE TARDE — **Show** do cantor e compositor Cláudio Nucci. Participação especial da cantora Nana Caymmi. **Teatro Armando Gonzaga**, Marechal Hermes. Hoje às 19h. Ingressos a Cr$ 100.

PROJETO FIM DE TARDE — **Show** dos cantores e compositores Cláudio Jorge e Manduka. **Teatro Artur Azevedo**, Rua Vitor Alves, 454 — Campo Grande. Hoje, às 18h30m. Ingressos a Cr$ 100.

MÚSICA NA PRAÇA — Apresentação do conjunto Exporta Samba, de Norato do Trombone, Janaína e Roberto Silva. **Praça Oito de Maio**, Rocha Miranda. Hoje, às 20h. Entrada franca.

SHOW DE MÚSICA BRASILEIRA — **Show** beneficente com a participação de Luís Melodia, Teca e Ricardo, Trio Elétrico de Dodô e Osmar, Tavito e Grupo Terra Molhada, Lilian, Tibério Gaspar, Sidney Mattos, Marcos Rezende, Fábio, Beth Goulart e outros. **Planetário da Gávea**, Av. Padre Leonel França, 240. Hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 300.

DENGO — **Show** da cantora Zezé Motta, acompanhada por Paulo Soledade (guitarra), Paulo Sérgio Lavareda (baixo), Luís Roberto Borges (bateria), Carlos Alberto Saroldi (sopro), Wilson dos Santos (percussão), Sérgio Scolo (piano). **Cine-Show Madureira** (Rua Carolina Machado, 542 — loja F). Hoje, às 21h. Ingressos a Cr$ 250).

FANTASIA — **Show** com a cantora Gal Costa acompanhada pela banda de Lincoln Olivetti. Criação e direção de Guilherme Araújo. dir. musical de Guto Graça Melo. Cen. de Mário e Mauro Monteiro. **Canecão**, Av. Venceslau Braz, 215 (295-3044 e 295-9796). 4ª e 5ª, às 21h30m; 6ª e sáb., às 22h30m e dom., às 20h30m. Ingressos a Cr$ 1 mil. Até dia 1º de novembro.

TOQUINHO — **Show** com o cantor e compositor e participação de Jane Duboc. **Teatro Casa Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco (239-4046). De 4ª a dom., às 21h30m. Ingressos, 4ª, 5ª e 6ª a Cr$ 700 e Cr$ 400; Sáb. e dom., a Cr$ 700. Até dia 25.

DELIRIUS AVIOLADOS — Apresentação do compositor Manoel Moreno, acompanhsdo por Abi e Beth Alves (vocal), Dodô (baixo), José Carlos (violão), Sérgio Petersen (viola de 12), Fit-fit (sanfona), Sérgio Félix (flauta e sax), Marcos Santiago (bateria), Marcos Dantas e Cheio de Razão (percussão). **Teatro Cacilda Becker** (Rua do Catete, 338), de 4ª a dom., às 18h30m. Ingressos a Cr$ 150. Último dia.

TEATRO RELÂMPAGO SHOW — Com o grupo Seu Grêmio de Recriatividade Artística Escola de Samba Unidos da Lavanderia e Teatro Viação Relâmpago A.C. **Escola de Artes Visuais**, Rua Jardim Botânico, Parque Laje. Sáb. e dom., às 19h. Até o dia 29 de novembro. Ingresssos a Cr$ 200.

CUMPLICIDADE — **Show** com Denny Perrier e Octávio Burnier. Direção de Eloy de Araújo. **Klaus' Bar**, anexo ao restaurante **Alt Muchen** (Rua Dias Ferreira, 410 — Leblon). 2ª às 20h30m, 5ª às 21h e às 22h30m, 6ª e sáb. às 23h e a 1h, dom. às 18h30m e às 20h30m. Ingressos a Cr$ 400 (6ª, sáb. e dom.) e Cr$ 250 (2ª e 5ª).

AGILDO RIBEIRO — **Show** do humorista. Participação da cantora Doris Monteiro. Música para dançar com a orquestra do maestro Zanoni. Direção de Wolff Maia. **Golden Room do Copacabana Palace**, Av. Copacabana, 327 (256-8590 e 257-1818). 5ª e dom., às 22h; 6ª e sáb., às 23h. **Couvert** artístico 5ª, a Cr$ 1 mil; 6ª a Cr$ 1 200; sáb., a Cr$ 1 300 e dom., a Cr$ 800. Sem consumação mínima. O salão abre às 21h, para serviço e jantar.

O NOVO HUMOR DE SERGIO RABELLO — **Show** de humor. **Teatro IBAM**, Rua Visc. Silva, 157. (266-6622). De 5ª a sábado, às 21h30m. Domingo, às 20h30m. Ingressos de 5ª a Cr$ 500. De 6ª a domingo, a Cr$ 600.

REVISTAS

GAY FANTASY — Dir. Bibi Ferreira. Com Rogéria, Veruska, Cláudia Celeste, Marlene Casanova, Sergio Mox, Samantha e Jane. Cenários de Marco Antônio Palmeira, com concepção de Joãozinho Trinta. **Teatro Alaska**, Av. Copacabana, 1 241 (247-9842). De 3ª a 5ª, às 21h45m; 6ª, 22h; sáb, 20h e 22h e dom, às 19h30m e 21h30m. Ingressos 3ª e domingo na 1ª sessão a Cr$ 500 e Cr$ 300, estudantes; de 4ª a 6ª e domingo na 2ª sessão a Cr$ 500. Sáb, a Cr$ 600.

ANOS COM LEITE — Produção e direção de Brigitte Blair. Com Carlos Leite, Camily e Alex Mattos. **Teatro Brigitte Blair** (Rua Miguel Lemos, 51 H). De 3ª a sáb., às 21h15m; dom., às 20h15m. Ingressos a Cr$ 400.

Hoje é a última apresentação de Wagner Tiso, Zeca Assumpção, Mauro Senise e Nenê na *Sala Cecília Meireles*

CRIANÇAS

CAIAPÓ, A DANÇA DA RESSURREIÇÃO — Espetáculo de bonecos de Mauro Menezes e Lu Maia. Direção de Mauro Menezes e Lu Maia. Com Walter Costa e Alexandre Vieira. **Teatro de Bolso Aurimar Rocha**, Av. Ataulfo de Paiva, 269. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 150. Até dia 25.

BLOCO DA PALHOÇA EM CANTO DE TRABALHO — Texto e direção de Maria de Lourdes Martini. Com: Beatriz Bedran, Victor Larica, Paulo Menezes e Guilherme Bedran. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). Sáb. às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 300.

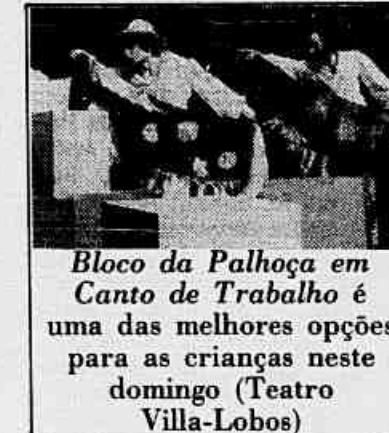
TE AMO AMAZÔNIA — Musical infanto-juvenil de Paulo César Coutinho, Direção de Chico Terto. Músicas de João Ripper. Com Fernanda Caetano, Mitota, Marcus Vinicius, Chico Terto e outros. **Teatro Armando Gonzaga**, Av. Gal. Oswaldo Cordeiro de Farias, s/nº, Mal. Hermes, sáb. e dom., às 15h. Ingressos a Cr$ 120.

VIVEIRO DE PÁSSAROS — Texto de Braguinha. Direção de Tranah Correa. Com Grande Otelo, Isaac Bardavid, Sílvia Salgado, Josephine Helena e outros. **Teatro Casa Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 290. Sáb., às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 300.

UM TELEFONEMA PARA O JAPÃO — Criação coletiva do grupo Lua Me Dá Colo. Com Beatriz Salgado, Cristiane Souto, Jorge Barrão, Mônica Biel, Ricardo Waddington e Ronaldo Diamante. **Teatro Cacilda Becker** (Rua do Catete, 338). Sáb. e dom. às 16h. Ingressos a Cr$ 150. Até 22 de novembro.

BAILARINA DA CAIXINHA DE MÚSICA — Texto de Ângelo de Matos. Direção e coreografia de Sílvio Fróes. Com o grupo Espaço. **Teatro Leopoldo Fróes** (Rua Manuel de Abreu, 16 — Niterói). Sáb. e dom. às 16h. Ingressos a Cr$ 150. Até 1º de novembro.

GOOL DE TIA CANDOCA — Texto de Arthur Maia. Direção de Antonio Além. Com Altamira Massula, César Ortiz, Paulo Garcia e outros. **Teatro do Sesc de São João do Meriti** (Rua Tenente Manoel Alvarenga Ribeiro, 66). Sáb. e dom. às 16h30m. Ingressos a Cr$ 120 e Cr$ 80 (crianças). Até 29 de novembro.

EMÍLIA, SACI E VISCONDE CONTRA ASTERIX, O GAULÊS — Musical infantil de William Guimarães. Cenários e figurinos de Ilton Sans. Com Fabiana Gouvêa, William Gomes e Jô Tavares. **Cine—Show Madureira** (Rua Carolina Machado, 542). Sáb. e dom. às 17h. Ingressos a Cr$ 100.

Bloco da Palhoça em Canto de Trabalho é uma das melhores opções para as crianças neste domingo (Teatro Villa-Lobos)

AVENTURAS DE CANDELÁRIO CARDO, EPISÓDIO: HISTÓRIA DE DUAS ROSAS — Teatro de bonecas com o grupo Burburinho. Texto e direção de Tádzio Foreis. **Sala Monteiro Lobato do Teatro Villa Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440). Sáb., dom. e feriados às 17h. Ingressos a Cr$ 200.

AS TRAVESSURAS DE GALÁPAGO — Musical infanto-juvenil de Fernando Palitot. Direção de Haroldo de Oliveira. Com Carlos Felipe, Regina Lucia, Pedro Eugênio, Berto Dias e outros. **Teatro do Senac**, Rua Pompeu Loureiro, 45. (256-2641). Sáb., às 16h30m; dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 200.

ADIVINHE O QUE É — Musical com roteiro e direção de Benjamin Santos. Com o grupo vocal MPB-4 acompanhado pela Banda Areia. Cenários e figurinos de Maria Carmem. Bonecos de Marilda Kobachuk. **Canecão**, Av. Venceslau Braz, 215 (295-3044 e 295-1047). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 600 e Cr$ 400, crianças. Até o final de outubro.

O PALHAÇO E A BRUXINHA — Criação do grupo Tapume. Direção de Limachem Cherem. Com Ana Magdala, Antônio Vianna, Mônica Nicola e outros. **Teatro Tapume**, Rua Voluntários da Pátria, 24. Sáb. e dom., às 17h30m. Ingressos a Cr$ 200. Até dia 25.

O MENINO MALUQUINHO — Texto de Ziraldo e Demétrio Nicolau. Direção de Demetrio Nicolau. Com Alby Ramos, e o grupo Motin. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52/ 3º. Sáb., às 16h e 17h. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 250.

A BUSCA DO COMETA — Texto de João das Neves. Direção de Jorginho de Carvalho Cenários e figurinos de Claudio Tovar. Preparação de corpo de Wolf Maia. Direção musical de Fernando Wellington. Com o grupo Mixirico. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de S. Vicente, 52/ 265. Sáb. e dom., às 15h30m e 17h. Ingressos a Cr$ 250.

A MÁGICA DA PRAÇA — Texto e direção de Zé Zuca. Direção musical de Ronaldo Florentino. Com Mira Palheta, Henriques Pires, Kinha Costha e outros. **Teatro do Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5232). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 200 e Cr$ 50, comerciários. Até o final de outubro.

CAMALEÃO E AS BATATAS MÁGICAS — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Juracy Chamarelli. **Sala Crismaran**, Rua Ferreira Pontes, 285, Andaraí. (238-3237). Hoje 16h. **Ingressos a Cr$ 150.** Até dia 25.

VIRA AVESSO — Texto de André Felippe Mauro. Direção de Milton Dobbin. Com o grupo teatral Além da Lua. Dir. musical de Claudio Savietto. **Teatro do Planetário da Gávea**, Rua Padre Leonel Franca, 240. Sáb. e dom., às 16h e 17h30m. Ingressos a Cr$ 200.

O OPERÁRIO, O BOI E O AUTOMÓVEL — Texto de João Siqueira. Direção coletiva do grupo Dia-a-Dia. Direção musical de Zé Zuca. Com Jurandir Oliveira, Paulo Lotufo, Jackson Leal e Zé Antônio. **Teatro Arthur Azevedo**, Rua Vitor Alves, 454, Campo Grande. Sáb., dom., às 16h30m. Ingressos a Cr$ 100.

A REPÚBLICA DOS BICHOS — Revista musical infantil com Eloy Machado. **Solaris**, Rua Humaitá, 110. Sáb., e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 400.

A BOMBINHA E O SONHO — Musical de Pernambuco de Oliveira. Direção de Luiz Oliveira. Com Rackel da Graça, Aderbal Ferreira, Cidinha Carvalho, Dias José, Elson Oliveira e Sidney Marques. **Teatro Princesa Isabel**, Av. Princesa Isabel, 186. Sáb. às 17h. Dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 200.

MARIA PLAMEIRA MARIA — Com Carlos Augusto Jaolino, Cláudia Gonçalves Pinto, Fábio Kleine, entre outros. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93. Sáb. e dom., às 15h. Ingressos a Cr$ 200. Até dia 28 de dezembro.

BRINCANDO COM FOGO — Espetáculo criado, pelo grupo Manhas e Manias. Direção de José Lavigne. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824. Sáb., às 17h e dom, às 16h. Ingressos a Cr$ 200.

OS TRÊS PORQUINHOS — Musical com texto e direção de Brigitte Blair. Com Luci Costa, Jorge Rosas, Walter Soares, Patrícia Blair. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 200.

VOVÔ CLEMENTINO CONTRA O PLANETA COR DE PRATA — Texto e direção de Jorge Nascimento. Com Rogério Blum, Jorge Nascimento, Jorge Liemart, Jorge Edison e outros. **Teatro do Clube Municipal**, Rua Haddock Lobo, 359 (228-0169). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 200.

OS SALTIMBANCOS — Adaptação de Chico Buarque para uma história dos Irmãos Grimm. Direção de Thanah Correa. Com Heloisa Raso, Cesar Pezzuoli, Izabel Maria e João Vasques. **Centro Esportivo e Cultural La Salle**, Rua Dr. Paulo Césasr, 107 — Icaraí, Niterói. **hoje, às 17h. Ingressos a Cr$ 250**

... NO REINO DO FAZ NADA — Comédia musical dirigida por William Gonzalez. Com Getulio Barbosa, Lim Luiz, Tito Paranhos e outros. **Cine-Show de Madureira**, Rua Carolina Machado, 542. Sáb. e dom., às 18h30m. Ingressos a Cr$ 100.

MARIA MINHOCA — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Juracy Chamarelli. Com o grupo de Teatro Crismaran. **Sala Crismaran**, Rua Ferreira Pontes, 285. Andaraí. (238-3237). Dom., às 17h30. Ingressos a Cr$ 150. Até dia 25.

ERA UMA VEZ — Texto e direção de Ricardo Déa. Com Sílvio Romero, Alzira Lony, Edson Sá, entre outros. **Teatro do Colégio Capitão Lemos Cunha**, Estrada do Galeão s/nº. Hoje às 17h. Ingressos a Cr$ 150.

O SAPO OU O POR QUÊ? — Texto de Pedro Veludo, com Carlos Tadeu, Izabel Fontenelle, José Mário Tamas, entre outros. **Teatro do Sesc de Niterói**, Rua Padre Anchieta, 56. Sáb., às 16h. Ingressos a Cr$ 150 e Cr$ 100. Até o final de outubro.

ZUM OU ZOIS — Texto de José Mauro Padovani e Carlos Meceni. Com Emanuel Santos e Fátima Rezende. **Teatro de Bolso Aurimar Rocha**, Av. Ataulfo de Paiva, 269. Sáb., e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 120.

A FADA LICINÉIA E O REI DA PREZEPOPÉIA — Texto de Benevides. Com Glória Romilly e o palhaço Prezé. **Teatro Pascoal de Carlos Magno**, Rua Monte Alegre, 306. Sáb., às 16h. Ingressos a Cr$ 100.

O PALHAÇO TORORÓ NO REINO DOS ANIMAIS — Direção de Robson Borba, com Roberto Gomes, Júlio César Martin, entre outros. **Centro de Cultura Popular de Bangu**, Av. Cônego de Vasconcelos, 549. Hoje, às 10h. Ingressos a Cr$ 50.

BELELÉU EXISTE MESMO — De Ramon Pallut. **Centro Cultural Laurinda Santos Lobo**, Rua Monte Alegre, 306. Hoje., às 17h. Ingressos a Cr$ 100. Até novembro.

DOM QUIXOTE — Adaptação de Paulo César Coutinho, com o Grupo Moinhosquiventam. **Teatro Gay Lussac**, Rua Coronel João Brandão, 87, Niterói. Sáb., e dom., às 16h30m. Ingressos a Cr$ 200 e Cr$ 150. Até domingo.

JAMELAÇO — Texto de Jorge Lins. Direção de Adélia Sampaio. Com Wladimir Sampaio, Melão, Cristina Borges, Reginaldo Faria, Geórgia Melina, Marcos Bandeira, Luciano e César Macieira. **Cine Glória**, S. J. de Meriti. domingo, às 10h. Ingressos a Cr$ 50.

A FORMIGUINHA E A NEVE — Texto de Régis Rodrigo. Com Cimar Pinto, Jayme Delamar, Lucília Sanntiz e Laís Tadeucchi. **Auditório do Grajau Tênis Clube**, Av. Engenheiro Richard, 83. Sáb., às 17h e dom., às 10h30m. Ingressos a Cr$ 150.

OS CIGARROS E OS FORMIGAS — Comédia musical de Maria Clara Machado. Direção da autora. Com Bernardo Jablonski, Bia Nunes, Neuza Caribé, Inês de Teves, Ricardo Kosovski, Cássia Foureaux, Sura Berditchevsky, Vicentina Novelli, Maria Clara Mourthé, Toninho Lopez, Ernesto Piccolo, Janser Barreto e Eduardo Bruno. **Teatro Tablado**, Av. Lineu de Paula Machado, 795 (294-787). Sáb., e dom., às 16h e 18h. Ingressos a Cr$ 200.

OS TRÊS PORQUINHOS E O LOBO MAU — Texto de Jayr Pinheiro. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93. Sáb., e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 200. Até o dia 1º de novembro.

GRAN CIRCO KABRUN — Criação da Turma do Circo. Com Beto Crispum, Cristina Melibu, Guico Cordeiro, Ricardo Ramos, Rosane Pinheiro e Solange Badim. **Instituto dos Arquitetos do Brasil**, Rua Conde de Irajá, 122. Sábados e domingos às 17h. Ingressos a Cr$ 120. Arquitetos associados: Cr$ 80.

O ANEL E A ROSA — Comédia infanto-juvenil adaptada do romance de W. M. Thackeray. Direção de Eduardo Tolentino de Araújo. Com o grupo TAPA. **Teatro Glaucio Gill**, Pça. Cardeal Arcoverde, s/nº (237-7003). Sáb. às 17h e dom. às 16h. Ingressos a Cr$ 250.

TRÊS PERALTAS NA PRAÇA — Texto de José Vallusi. Dir. de Leonardo de Castro. **Teatro do Colégio de Arte e Instrução**, Av. Ernani Cardoso, 225, Cascadura. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 120.

A LENDA DO VALE DA LUA — Texto de João das Neves. Direção de Luzia Mariana. Música de Rosinha de Valença. Com Débora Dias, Hélio Macumba, Luzia Mariana e Marcos Borges. **Escola de Artes Visuais**, Rua Jardim Botânico, 414. Sáb. e dom., às 16h30m. Ingressos a Cr$ 200. Até dia 27 de dezembro.

O BANHO DO SENHOR COMISSÁRIO GAMBÁ — Texto de Roneds Rodrigues. Com Lana Siqueira, Jaconias Silva, Maurício Silva e outros. Direção de Antonino Dárgil. Sábados e domingos às 17h. **Teatro do Espaço Livre**, Rua Venina Correa Torres, 41 — Centro de Nova Iguaçu. Ingressos a Cr$ 100 e Cr$ 50.

KIKA E KECO, OS COELHINHOS TRAVESSOS — Texto e direção de Eurídice. Com o grupo Alegria. Hoje, e dom. às 15h. **Teatro Arcadia**, Trav. Alberto Cocozza, 38 — Centro de Nova Iguaçu. Ingressos a Cr$ 100.

AS AVENTURAS DO REI COMILÃO — Texto e direção de Roberto de Brito. Com Cely Ramalho, Loy Roy, Fernando Khouri, Cesar Augusto e outros. **Teatro Arcadia**, Trav. Alberto Cocozza, 38 — Centro de Nova Iguaçu. Hoje, às 16h. Ingressos a Cr$ 150 e Cr$ 80.

PETELECO-ECO — Texto de José Roberto Mendes. Com Luís Carlos Niño, Ítalo Freitas, Gabriel Cortes, Flor Duarte e Edimir Siman. Direção de Sérgio Dionísio. **Teatro da Praia**, Rua Francisco Sá, 88. Sáb. e dom. às 16h e às 17h. Ingressos a Cr$ 330. Até dezembro.

PARABÉNS PRA VOCÊ — Com Rosane Goffman, Carla Camuratti, Alice de Andrade, Bebel, Cazuza Araújo, Ruiz Bellenda, Virgínia Campos, Fernando Mares e serginho Dias. Direção de Ariel Coelho. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63. Sáb. e dom. às 16h30m.

O som nosso de cada dia

Roberta Flack: fronteiriça

O PRÓXIMO CARDÁPIO INTERNACIONAL

Tárik de Souza

• O duo de irmãos (Karen e Richard) Carpenters desembarca no Rio dia 1º, véspera de Finados. Nenhum espetáculo fúnebre programado. Aliás, nenhum espetáculo: a visita corresponde a uma prática internacional cada vez mais exercitada no Brasil. Os Carpenters vêm aqui promover — apenas no eixo Rio/São Paulo, grande consumidor de música importada — seu último **LP, Made In America**, já nas lojas há 20 dias.

• Por sua vez a fronteiriça cantora Roberta Flack, cujos discos situam-se entre o **soul** e o **jazz**, vem com **shows** programados para o mesmo circuito: dias 3 e 4 de novembro, canta no Hotel Nacional. De 6 a 8, no Anhembi, de São Paulo, também nas asas sonoras de um lançamento recente, o LP **Roberta Flack & Peabo Bryson Live**. A cantora já recebeu 13 discos de ouro nos EUA, além de três Grammys, o Oscar do disco.

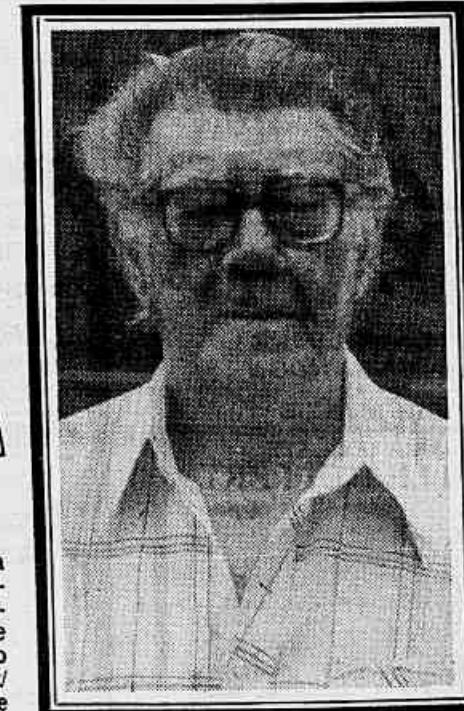
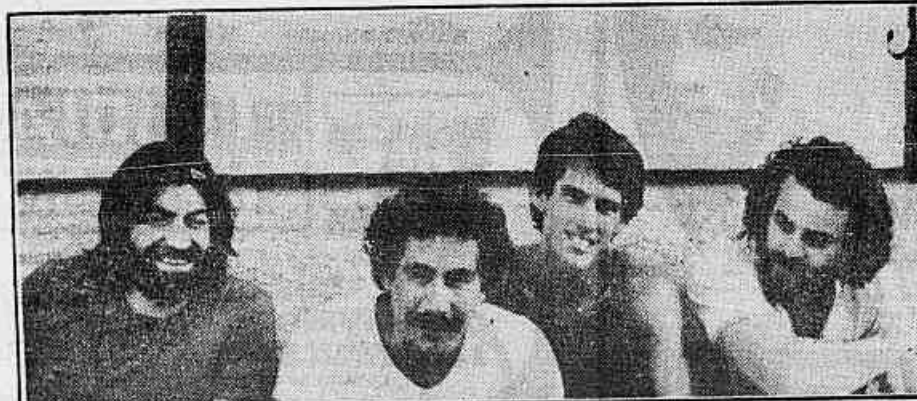
• Mas a atração máxima de novembro no piano internacional será, sem dúvida, o multiinstrumentista e compositor Stevie Wonder. As arquibancadas de cimento — que serão acrescidas de outras tantas, de madeira — do estádio do Flamengo, na Lagoa, já ostentam um enorme letreiro com o nome do artista. Calcula-se um público de 32 mil pessoas para cada apresentação de 13 e 14 de novembro, acertada com o brasileiro Gilberto Gil nos moldes da excursão repartida com o **reggae man** Jimmy Cliff. Do Flamengo, Stevie vai ao Mineirão, em Belo Horizonte (dias 20 e 21 de novembro), ao Morumbi, em São Paulo (27 e 28), ao Beira-Rio, em Porto Alegre (4 e 5 de dezembro) e encerra a **tournée** para o **pop** negro público baiano da Fonte Nova (dias 11 e 12). Vale lembrar que na excursão de Gil e Cliff a Bahia deu o maior público, o que poderá ocorrer novamente, já que o gênero sonoro de Wonder está na matriz afro-americana do **reggae**.

A VEZ DOS MÚSICOS

• Uma curiosa experiência está vivendo hoje, em última apresentação na Sala Cecília Meireles, às 20 horas, o arranjador, compositor e tecladista Wagner Tiso. Com o patrocínio da empresa Kuarup e do **JORNAL DO BRASIL**, ele toca praticamente com o grupo de outro líder, Egberto Gismonti, o Academia de Danças: Mauro Senise (sopros), Zeca Assumpção (baixo) e Nenê (bateria). Os três têm extenso currículo e a experiência instrumental do inédito quarteto aproxima-os pelo alto nível.

• O Projeto 75 homenageia outro padrão de criatividade em larga escala: os 75 anos do instrumentista, maestro e compositor Radamés Gnatalli, um dos primeiros a vestir a música popular brasileira com roupagens provenientes do território erudito. Em quatro espetáculos na Sala Funarte (dias 19 e 26 de outubro; 9 e 16 de novembro, sempre às segundas às 21 horas) a Camerata Carioca, que conjuga regional e formação de câmara, passa em revista uma pequena parte do enorme repertório de Radamés, que estará presente nas três primeiras exibições. Constituem a Camerata o bandolim de Joel Nascimento, os violões de Maurício Carrilho, Joaquim dos Santos e Luís Otávio Braga, o cavaquinho de Henrique Cazes e a percussão e o pandeiro de Beto Cazes.

• Passada a "moda do choro" que, da parte da maioria das gravadoras não passou de uma simples operação de reciclagem de arquivo, o gênero praticamente volta ao conta-gotas que caracterizava o ritmo de seus lançamentos. O selo Clack/Cristal, ex-Bandeirantes, aproveita o que armazenou dos bons tempos e lança seu **Encontro no Choro**, peneirado apenas entre bons músicos: Paulinho Nogueira, violão, Isaías de Almeida, bandolim, Mozar Terra, piano e os regionais do Evandro e Os Ingênuos.

Aluno dos famosos seminários de música da Universidade da Bahia (que formaram entre outros Djalma Correa, Gilberto Gil e Tomzé), o mineiro Marco Antônio Guimarães passou pelos vestibulares de solta invenção sonora promovidos pelos suíços Ernst Widmer e Walter Smetak.Com base nessa experiência, Marco, a exemplo dos mestres, passou a criar os próprios instrumentos ("chori Smetano", "iarragunga", "trilobita", "planetário") e com Cláudio Luz, Décio Ramos, Artur Ribeiro e Paulo Sérgio Santos formou a Oficina Instrumental Uakti. O grupo participou do LP "**Sentinela**", de Milton Nascimento, que por sua vez produziu o disco de estréia do grupo, na Ariola. O nome Uakti provém de uma lenda dos índios Tukano que fala de um índio com o corpo aberto em buracos que tocados pelo vendo produziam música. Da mesma forma, os tubos plásticos que constituem a maioria de seus instrumentos produzem uma espécie melódica inusitada. Para acostumar o ouvido, o LP inicia pela conhecida **Promessas do Sol**, de Milton Nascimento e Fernando Brandt.

Radamés: roupagens do território erudito

Tiso (E), Nene, Senise e Assumpção: curiosa experiência

PÍLULAS CONTRA A CRISE

• Um gerente de promoção internacional, três divulgadores de rádio, dois de loja, outro de imprensa e a secretária da promoção nacional da RCA foram demitidos de um só golpe no final da semana passada. A gravadora, que desta forma reduz consideravelmente seu poder de fogo promocional, parece querer reduzir suas pretensões brasileiras após a saída do diretor Adolfo Pinto. De "empresa de grande porte para médio porte", segundo informaram a um dos principais contratados, descontente com a poda na divulgação.

• As mudanças estruturais já começam a influir na parte artística na RCA. Seu mais rendoso contratado, o veterano Nélson Gonçalves (96 Lps, dos quais 33 em catálogo; 141 discos de 78 rotações; 14 em 45 rotações e 213 compactos simples), partiu para um tipo de repertório ainda mais pragmático do que o habitual a uma carreira de pouca ousadia e muita contabilidade. Com o título de **Produção 96**, o novo LP de Nélson foi selecionado entre 500 faixas apontadas pelos próprios lojistas, "olhando apenas o lado comercial". O cantor justifica-se: "Em março do ano que vem, gravarei um outro também através de encomenda, mas só aceitei esse jogo porque a gravadora me garantiu a venda de 100 mil cópias de cada um." Na votação do restrito colégio eleitoral dos lojistas (devidamente copidescada pelo departamento de **marketing** da RCA) entraram **Maria** (Ary Barroso), **Meus Tempos de Criança** (Ataulfo Alves), **Silêncio da Seresta** (Adelino Moreira), **Memórias do Café Nice** (Artulio Reis/Monalisa) e uma antiga versão de Haroldo Barbosa para **Indian Summer**.

Apostando nesse repertório de encomenda e nos graves gonçalvianos (certamente menos deteriorados do que os de Mr Sinatra), a RCA promoverá uma excursão do cantor no final do ano pela Alemanha, Bélgica, Suíça e Bahamas, terminando em Nova Iorque, onde ele pretende exibir-se no Madison Square Garden, gravando ao vivo sua **Produção 97**.

• A Zona Norte tenta cruzar o túnel, mas por enquanto contenta-se com o marco divisório do Canecão. Os balões suburbanos, promovidos pelas ruidosas equipes de som do Grande Rio (Furacão 2000, Pop Rio, Los Angeles, Meta Som, Cash Box, Equipe Hollywood, Tropicana, Myru's) desembarcam pesada tecnologia todas as segundas-feiras a partir de 9 de novembro no Canecão, dentro da série "**Geração Jeans**". As noites dançantes, sempre de 19 às 23 horas, promovidas pelo próprio Canecão e a revista **Cash Box**, pretendem levar também, além das fitas, um artista jovem nacional ou importado, por semana. O primeiro escalado é a dupla Lincoln Olivetti e Robson Jorge, responsável pela abertura da novela **Baila Comigo** e por praticamente todo o suporte eletrificado que assola o mercado nacional.

• Fenômeno típico de mercado ocupado pela importação os artistas brasileiros que gravavam com nome inglês praticamente desapareceram. Para citar apenas alguns, Morris Albert (Maurício Alberto Maiserman) recolheu-se a um rancho americano onde conta os dólares arrecadados com **Feelings**; Michael Sullivan (o pernambucano Ivanilton de Souza Lima) desistiu da falsa identidade e mesmo da carreira solo. Hoje integra os pífios Fevers, enquanto Chrystian foi relegado a um mercado de periferia. Mas o supeito selo "**New Records**", da gravadora Copacabana, traz de volta, ainda que em prudente compacto, o brasileiro descendente de ingleses Terry Winter (na verdade Thomas William Standen). Terry, aliás Thomas, tomou de assalto as paradas brasilieras (e por tabela, latinas) em 72, com o hit **Summer Holiday**. Na época era apresentado como "importado", não faltou quem inventasse para ele uma biografia internacional. Agora sai com a identidade pessoal autêntica, mas continua cantando em inglês (**Something for Someone, Once More a Fool**). Em tempos de crise, um retorno que não deixa de ser sintomático.

CONTRAPONTO

• Letrista de valsas, serestas, foxes, tangos e boleros, o petropolitano Mario Rossi, que morreu esta semana, aparentemente deixa um repertório de tristezas poéticas: **E o destino desfolhou, Renúncia, Que será?, Se o tempo entendesse, Assim acaba um grande amor, Aquela Dama de Preto, Cigarra Noturna, A valsa que você não dançou** etc. Mais conhecido nas vozes melancólicas de Carlos Galhardo e Albenzio Perrone, no entanto, Mario (1911-81) somou a versatilidade dos parceiros (Benedito Lacerda, Gastão Lamounier, Marino Pinto, Gastão Vianna, Pernambuco, Carvalhinho, Herivelto Martins, Roberto Martins, Felisberto Martins, Aldo Taranto, Bucy Moreira, Paquito e Romeu Gentil, Luiz Gonzaga, Waldemar Ressurreição, João de Barro, Dunga, Cyro de Souza, Vicente Celestino) a um repertório eclético, onde não falta a marchinha carnavalesca (**Não posso viver sem mulher, Tem Tamanduá no Baile, Meu balão perdeu o gás**), o maxixe (**Antes eu nunca te visse**), o samba (**Sorriso do Paulinho, Salomé de Gafieira, Beija-me**) e o chorinho (**Murmurando, Aperitivo**). Das 237 composições que deixou, porém, poucas têm sido regravadas com o sucesso do bolero **Que será**, êxito de Dalva de Oliveira revivido por Ângela Maria, Agnaldo Timóteo, Leci Brandão e Simone.

• Gênero pouco difundido fora dos limites de Pernambuco, o riquíssimo maracatu origina-se nas coroações do Rei do Congo, soberanos negros permitidos pela civilização branca escravista. Interessado no assunto, o maestro e compositor Guerra Peixe pesquisou em Recife entre 1949 e 52. Esse trabalho que tem como centro o Maracatu Elefante (e mais o Leão Coroado, Porto Rico, Estrela Brilhante e referências aos recentes maracatus-orquestra e maracatu-pastoril) saiu em livro pela Editora Vitale: **Maracatus do Recife** (171 pgs, co-edição com a Prefeitura e a Secretaria de Cultura do Recife).

• O Secretário de Estado adjunto para Assuntos Americanos dos EUA, Thomas Enders, que esteve no Brasil, onde parece ter mantido um diálogo pouco produtivo, recebeu em audiência a cantora Joan Baez. Enders ouviu crítica à política de direitos humanos de Ronald Reagan e sua aproximação com regimes como o chileno e o argentino. "Foi um diálogo de surdos", comentou a cantora à saída. "Eles deram a impressão de não ouvir muito bem o que eu dizia".

• O mesmo tipo de desentendimento ocorre sob o regime de Margareth Thatcher entre a BBC e diversos artistas da área do **rock** e **new wave**. Agora foi a vez do grupo Police, que teve o promo-vídeo (**tape** promocional) de seu novo compacto "**Invisible Sun**" (**Sol invisível**) vetado na emissora. Nada contra a letra, alegaram os burocratas da estatal. "Mas, as cenas de rua colhidas durante o conflito de Belfast poderiam ser confundidas com uma plataforma política". Nem um dos três responsáveis pelo programa **Top of the Pops** quis assumir a censura — paradoxal — do Police.

• O lendário Eric Clapton, um dia aclamado "o Deus da guitarra", conhecido no Brasil pelos sucessos de "**I Shot the Sheriff, Cocaine, Lay Down Sally, e I Can't Stand It**, ex-Cream e Blind Faith, partiu para o selo independente. Clapton fundou o Great Records, após o fim de seu contrato com a RSO (Robert Stigwood Organization) onde gravava desde 67. O novo selo terá outros artistas, a exemplo da Apple e da Rolling Stones Records, e o guitarrista estréia Lp novo até o final do ano, depois de uma excursão que cobre a Escandinávia e o Japão.

• É de Florbela Spanca, a letrista portuguesa, e não de Fausto Nilo a parceria com Fagner em **Fracassos**, que Cauby Peixoto vai gravar.

• Tango, samba, marcha, **rock**, frevo e até uma passagem operística — todas de apelo satírico constituem a trilha sonora da peça **As Chupetas do Senhor Refém**, tragicomédia musical de Isis Baião. As letras são da autora em parceria com os compositores Sidney Mattos e Chico Lá e comentam a história verídica da mãe endividada no INAMPS, que lhe tomou o filho para garantir o débito. Os títulos dão uma idéia da atmosfera da peça: **Liga pra Granja do Torto, Tango da Natalidade Descontrolada, Passagem operística Hospitalar, Rock da autoridade Policial, Samba da Dita sem Deus, Marcha das Mães P. da Vida** etc.

VÍDEO

CHEGAM, ENLATADOS, OS TELEJORNAIS AMERICANOS

José Emílio Rondeau

QUEM se ressentia de maior espaço para o noticiário internacional nos telejornais brasileiros já pode começar a respirar aliviado. Através de um contrato com a United Press International, a Empresa Brasileira de Vídeo — Embravídeo — passará a oferecer, a partir de 1º de dezembro, cópias em fitas de videocassete do **Seven O'Clock News**, telejornal diário da rede norte-americana de TV ABC.

As fitas — nos sistemas U-Matic, Betamax ou VHS — serão entregues ao usuário com apenas 24 horas de atraso em relação à sua transmissão nos Estados Unidos e, basicamente, a Embravídeo pensa atender a cinco blocos de público inicial: órgãos governamentais que pretendem ampliar seu ponto-de-vista em relação a determinado assunto de especial interesse para a política e a economia; grandes empresas, notadamente as multinacionais; hotéis que pretendam oferecer serviços extras a seus hóspedes; cursos de inglês; e, por fim, particulares que possuam em casa um VCR e queiram se atualizar em relação a assuntos internacionais.

Esse último segmento de público certamente será o mais ávido consumidor dos telejornais enlatados, como vem ocorrendo com o número sempre crescente de assinantes brasileiros do jornal **The New York Times**. Mas isso levará algum tempo até que se torne rotina a fabricação de aparelhos nacionais de videocassete. Em todos os casos, o próprio usuário assinará com a Embravídeo um contrato no qual se dispõe a fornecer 10 fitas virgens que serão usadas para contínuas gravações de programas (elas aceitam até 50 regravações sem maior perda de qualidade). Cada dia a Embravídeo entregará uma fita gravada com o noticiário da noite anterior. Um detalhe: embora a firma receba os originais em NTSC — o sistema de TV a cores norte-americano — a fita que o usuário receberá já terá sido transcodificada para o sistema PAL-M, o brasileiro.

O serviço de distribuição de telejornais enlatados da Embravídeo-UPI foi apresentado numa conferência da Sociedade Interamericana de Imprensa, SIP, e atenderá a clientes de todo o Brasil. Com presteza idêntica em todos os Estados, espera-se. A Embravídeo funciona na Rua Jardim Botânico 635-gr. 703, Jardim Botânico. O telefone é 295-5544.

NOVIDADES DE LÁ

• A Sylvania norte-americana prepara para lançar no ano que vem um telão considerado **state-of-the-art**. Com 50 polegadas, o Superscreen promete oferecer qualidade superior de recepção em relação à concorrência. As especificações incluem controle remoto à base de infravermelho, pré-programação de até 20 canais diferentes e compatibilidade com transmissões a cabo (até 105 canais a cabo, todos controlados por microcomputadores). Valor da preciosidade — US$ 3 mil 500.

• Como ocorreu com os projetores de **slides**, agora já existem carrosséis para fitas videocassete. Disponíveis tanto nos sistema Betamax (25 dólares) quanto no VHS (26 dólares), os carrosséis fabricados pela Hangerstrom Leather Goods Company aceitam até 15 fitas de uma vez só.

• Para quem gosta de brincar com a plasticidade da imagem televisiva, foi lançado um interessante brinquedo, o barato (20 dólares) Channel 1. Ele é uma espécie de sintetizador de imagens que pode ser usado em qualquer aparelho de TV de até 21 polegadas. Sempre com o volume de som desligado, o Channel 1 divide a imagem da TV em 88 quadrados que passam a funcionar como kaleidoscópios imprevisíveis. Os fabricantes do Channel 1 garantem que os melhores efeitos são obtidos com comerciais.

NOVIDADES DAQUI

• Até o fim do ano, a Telesp começará a instalar em mil casas e cerca de 500 estabelecimentos comerciais um sistema experimental de informações em terminais de vídeo computorizado através de linhas telefônicas. Nessa primeira etapa, serão fornecidas informações de utilidade pública — telefones de delegacias, serviço de meteorologia e trajetos de ônibus — e toda a lista telefônica da Grande São Paulo, que poderá ser consultada por botões de computador. No futuro, esse serviço **expandirá sua oferta** para notícias em telas de vídeo.

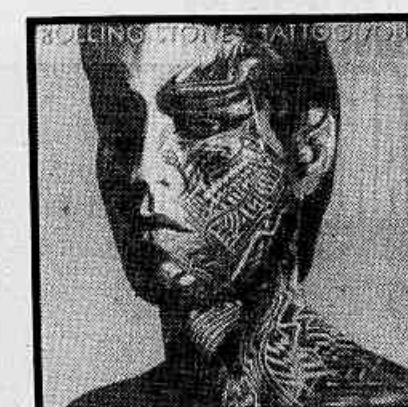
"VIDEOPIRATAS" CADA VEZ MAIS ATIVOS

CANNES — Os piratas do vídeo se estendem pelo mundo inteiro. O sistema consiste em copiar películas ou emissões de TV sem pagar direitos autorais. A única despesa é o preço das cópias, que freqüentemente são de má qualidade.

As fábricas piratas mais rentáveis são as instaladas em Cingapura, alimentadas pelos circuitos que transitam por Taiwan, Filipinas, Tailândia e Indonésia. Nos Estados Unidos, o FBI teve de mobilizar importantes efetivos para esse combate comercial, começando pela cidade de Austin, no Texas. Ali foram apreendidas fitas no valor de quase 6 milhões de dólares.

Em outro Estado, Ohio, a polícia confiscou material no valor de 39 milhões de dólares. Perto de Chicago (Illinois), caíram nas mãos da polícia 700 cópias piratas, e os proprietários de firmas envolvidas serão julgados brevemente.

Na Europa, a ação policial deu excelentes resultados, sobretudo na Bélgica e na Holanda, onde até se editava clandestinamente um catálogo dos títulos piratas. Em Marrocos, foram confiscados 10 mil **cassettes** no início deste ano.

DISCOS

TATTOO YOU (EMI-ODEON 06464533) — Rolling Stones

★★★ O LP marca a volta do grupo numa proposta mais simplista. Mick Jagger e Keith Richards preferiram ousar menos, fazendo um trabalho que cria um obscuro abismo à frente dos rumos que o grupo parecia ter tomado em **Emotional Rescue**, penúltimo LP. **Tattoo' You** traz um forte cheiro de comemoração. Afinal, à beira dos 20 anos de idade, The Rolling Stones ainda consegue levar 1 milhão 500 mil de pessoas aos estádios, arrancando urros da platéia como se estivesse em meados dos anos 60. (Luiz Antônio Mello).

BUD POWELL — A Portrait of Thelonious (CBS 225062) — com Bud Powell (piano), Pierre Michelot (contrabaixo) e Kenny Clarke (bateria). Gravado em Paris, França, em 1961.

★ ★ ★ O pai do piano **bebop** encontrou em Michelot e Clarke os companheiros ideais para a fase final da sua atribulada carreira. Mesmo sem alcançar os momentos fulgurantes de brilho do anos anteriores, ocasionalmente ouvimos alguns lampejos do seu gênio. No repertório há quatro composições de Thelonius Monk, daí o título do LP. (José Domingos Raffaelli)

PERTO DO CORAÇÃO — Alemão (Olmir Stocker). Editora e Produtora Fonográfica Som Da Gente (independente).

★★★ ★ Excelente executante, dominando com intimidade a viola, o violão e a guitarra, Alemão nos oferece, com exceção de **Litorina** (Walter Santos), nove composições de sua autoria neste primeiro disco. Todos os arranjos são seus. Autodidata aliou-se à turma do **jazz**. O que explica alguns acordes influenciados pelo norte-americano Wes Montgomery (**Quase Inocente** e **Turma do Rio.**) (Osvaldo Carneiro).

GRUPO Medusa (Independente/Som da Gente 001) — Amilson Godoy (piano acústico, piano fender e clavinet), Chico Medori (bateria e percussão), Cláudio Bertrami (baixo elétrico e acústico, baixo fretless e surdo) e Heraldo do Monte (guitarra, bandolim e violão).

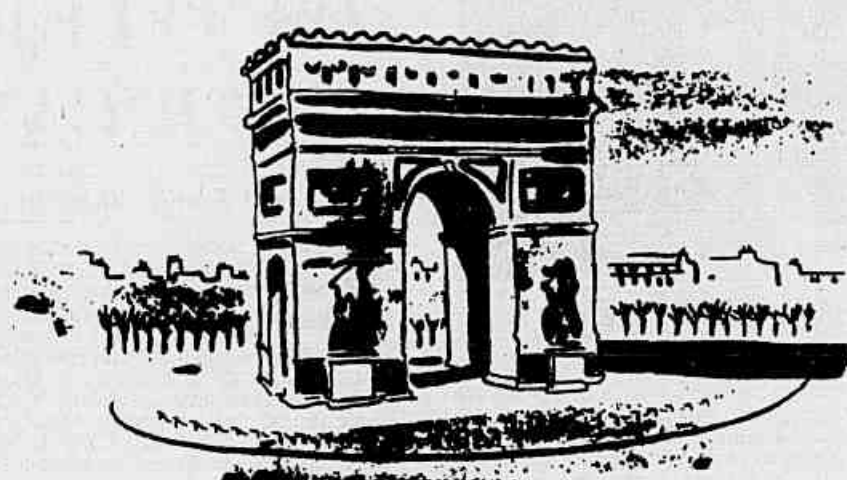
★★★ Com músicos de grande competência, o Grupo Medusa emite um som com bastante criatividade rítmica, deixando que transpareçam as características de todos. Uma fusão musical resultante das várias informações e formações, sem porém perder o vínculo à música brasileira.

José Carlos Oliveira

CAMARÃO COM GRAVATA

PARIS (via VARIG) — *Não há ninguém no* Au Boeuf Grillé. Il n'y à personne no Boi Grelhado. *Já são quase nove horas da noite e não apareceu ninguém para o jantar.* O Churrasco de Boi *é restaurante fino, na descida da Montanha de Santa Genoveva. No seu cardápio estão anunciados, para esta noite, um* hors-d'oeuvre *de* Six Escargots de Bourgogne *e uma porção indeterminada, mas deve ser farta,* de Avocats aux Crevettes.

Não é difícil traduzir Six Escargots de Bourgogne. *São seis caramujos comestíveis que pegaram um trem na Borgonha e se apresentaram aqui no* Boeuf Grillé, *como candidatos ao sacrifício de suas vidas no fogo e na gordura e nos temperos, para maior glória da cozinha francesa. Seis caramujos sem bagagem, pois eles moram na própria casca. E é de dentro da casca que são tirados por um garfo especial, já fritos, já falecidos, já devidamente temperados, e são comidos, um por um, pelo* gourmet *de fino trato.*

Seis escargots *da Borgonha, sacrificados inutilmente, pois não há ninguém esta noite no* Au Boeuf Grillé. *Está chovendo fino, a noite é triste, a Montanha de Santa Genoveva não fica num* quartier *de vida noturna intensa, mas sempre se esperariam cinco ou seis fregueses. Que diabo, os* escargots *são da Borgonha e foram preparados com esmero! E o* Boeuf Grillé *é restaurante alinhado: um sério candidato às três estrelas do próximo* Guide Michelin.

E que diremos dos Avocats aux Crevettes? *Primeiro, é preciso traduzir. À primeira vista, eles se parecem com um grupo de advogados de gravata comemorando no* Boi Grelhado *a vitória obtida numa causa judicial extremamente complexa. Serão seis advogados de gravata, um para cada* escargot? *Se assim for, ficarão famintos (embora ainda estejamos nos* hors-'d'oeuvres) *e deverão pedir, em seguida, alguns corações de alcachofra, que os há em grande quantidade, e devidamente passados na manteiga quente, aqui no* Au Boeuf Grillé. *Só depois pedirão o famoso boi grelhado, que é o prato de resistência deste simpático, porém incompreendido restaurante.*

Mas serão mesmo advogados de gravata? Não seriam, preferivelmente, um grupo de camarões recém-formados pela Faculdade de Direito?

A dificuldade de falar essas línguas estrangeiras começa quando surgem as expressões de duplo sentido. Avocats aux Crevettes. *Você pode traduzir isso das duas maneiras sugeridas no início desta conferência. Primeiro:* Avocats aux Crevettes *quer dizer: Advogados usando gravatinha-borboleta. Segundo:* Avocats aux Crevettes, *sem tirar nem pôr uma letra, também quer dizer: Camarões recém-formados em Advocacia. Na hora de comer é que você decide o que está comendo. Questão de gosto. Quem gosta de advogado na manteiga, come camarão com molho forense. Quem prefere camarão ao molho jurisprudente, extrai a gravata do advogado, usando para isso uma pinça especial, e pode mastigar sossegado qualquer coisa que tenha sobrado no prato.*

Ah, mas que importa a confusão das línguas quando o verdadeiro problema, a coisa aflitiva, é não haver ninguém neste momento no Au Boeuf Grillé? *Já está mais do que na hora do jantar, e no entanto ninguém apareceu. Se você der uma espiada no interior do* Boeuf Grillé, *olhando através da vitrina envidraçada, verá lá dentro uma cena pungente: o patrão e o* chef de cuisine *estão em pé, em torno da única mesa ocupada. Nessa única mesa, está sentado um garoto bem vestido: calças negras de* smooking *e camisa branca de punhos de renda. Você pode reparar que o garoto é tão parecido com o patrão que só pode ser filho dele; e, por tabela, tão parecido com o* chef de cuisine *que só pode ser sobrinho dele.*

Os dois homens estão convencendo o garoto a comer alguns Avocats aux Crevettes. *O garoto chora. Ele detesta* crevettes, *e prefere morrer a provar um pedacinho que seja de* avocat.

— Mas se você recusa, toda essa comida vai sobrar! — pondera o pai.

— Que desperdício! — grita o chef de cuisine.

Mas o garoto bate o pé, ele detesta aquele prato, detesta boeuf grillé, *odeia ser filho e sobrinho de donos de restaurante.*

A solução, posta em prática pelo pai e pelo tio, é fechar o estabelecimento, à espera de dias melhores. Assim foi feito. Agora, está fechado o Boi Grelhado. *E a julgar pelos grafites espalhados nos muros do metrô, com ferozes ameaças ecologísticas, quando ele reabrir, será um restaurante vegetariano.*

Carlos Eduardo Novaes

A COR DA SAÚDE

NÃO há nada que provoque uma sensação de insegurança tão forte quanto alguém puxar o tapete das nossas crenças. Principalmente se caminhamos sobre esse tapete há 40 anos. Desde que nasci aprendi a acreditar que comer carne, leite, açúcar, laticínios, faria de mim um homem alegre e saudável. Minha mãe e os concursos de robustez infantil sempre me ensinaram que uma face rosada é sinônimo de saúde. De repente vem Ana Lucia, seduzida pela macrobiótica, e me diz que não é nada disso. Vira literalmente a mesa e transforma minha vida num inferno integral.

Outro dia, excepcionalmente feliz, aguardava Maria botar o almoço quando fui surpreendido pela chegada de Ana, que não almoça nunca em casa, sobraçando meia dúzia de livros sobre medicina oriental, princípio único, introdução à macrobiótica, essas coisas. Ana sentou-se à minha frente e ficou me olhando, fixo.

— Você está se sentindo bem? — perguntou.

— Eu? — procurei por alguém mais na sala. — Nunca estive tão bem...

— Impossível. Voce deve estar com algum problema de saúde.

— Eu? — imediatamente passei a mão no rosto, no peito, levantei-me e fui ao espelho. — Até que estou com a face rosada hoje...

— Por isso mesmo. Você deve estar doente. Vê se os orientais são rosados?

— Você quer me dizer que a cor da saúde agora é o amarelo palha?

A discussão foi interrompida pela convocação da Maria:

— Está na mesa!

Ana encaminhou-se para o quarto. Sentei-me, morto de fome, trinchei o suculento filé, coloquei-o no prato e quando ia cortá-lo Ana deu um berro, ao meu lado.

— Nãããããooo!

Larguei os talheres, no susto.

— Que houve, Ana?

— O que é isso? — perguntou ela, trêmula, apontando para a mesa — o que é isso, pelo amor de Deus???

Rapidamente levantei e me afastei da mesa. A expressão de Ana era de quem vira uma barata passeando pelo prato.

— Isso aqui — disse ela aproximando o dedo — o que é? O que é isso?

— Um bife, ora. Você não reconhece mais um bife?

— Você está comendo carne! Carne!

— Como carne há 40 anos.

— Maria! — berrou Ana — leve essa carne de volta! Por isso é que você é um cara yang, agressivo, só pensa em coisas materiais. Você não sabe que a carne desprende aminoácidos decompostos que alteram o equilíbrio da corrente sanguínea? Carne é um perigo! A carne contraria a ordem do universo! O homem nasceu para ser vegetariano. Você vê isso pelos seus dentes e intestinos!

Sem vontade de discutir, espetei uma batata cozida e coloquei-a no prato.

— Pronto, Ana. Não precisa falar mais nada! Vamos ao vegetal!

— O queee? Batata?? — gritou ela arregalando os olhos — Nunca! Batata nunca! Nem batata, nem tomate, nem pimentão. São vegetais extremamente yin

— Pior se fossem out!

— Maria leve esse prato de batata de volta!

Só me restava comer feijão com arroz. Meti a concha no feijão e virei-o no prato. Apareceu um pedacinho de costela de porco.

— Não vai me dizer que você vai comer esse feijão com essa costela gordurosa!

— Mas...mas...

— Se você meter o garfo nesse feijão vou-me embora — ameaçou Ana. — Vou-me embora e não volto nunca mais, porque depois, quando você ficar doente, eu é que tenho que aturar. Maria leve esse prato de feijão de volta!

Olhei desanimado para o único prato que restava à mesa: de arroz.

Um arrozinho posso comer, não? Oriental come muito arroz!

— Não esse! Esse não, pelo amor de Deus! Esse arroz é só química. Você tem que comer arroz integral! Maria, leve esse prato de volta!

Permaneci um tempo calado, alisando a toalha, quase às lágrimas.

— Uma sobremesazinha dá pé? — supliquei.

— Se for doce ou fruta, não!

— Um pedacinho de queijo?... pequenininho...

— Lá vem você com seus produtos animais. Você não sabe que produtos animais tiram a sensibilidade? Se você come produtos extraídos da vaca, você fica com a mentalidade de vaca.

— Mùùùùù — gemi — adoraria ser uma vaquinha. Pelo menos ninguém iria ficar me reprimindo na hora de comer. Creio que só me resta então pedir o café!

— Você está maluco? Não sabe que café tem corante cancerígeno? Maria, leva esse café de volta!

Resolvi apelar para a ironia. Bati na barriga e sorri:

— Há muito tempo que não como tão bem — disse dando uma mordida no guardanapo.

Ana desembrulhou uma quentinha e colocou-a na minha frente.

— Experimente esse prato macrobiótico. Você vai ver como sua vida vai melhorar...

Olhei para o prato como se olhasse para uma pintura abstracionista.

— Isso aqui — ela foi me traduzindo muito animada — é umeboshi ou seja, ameixa salgada.

— Maravilha! — comentei lambendo os lábios.

— Isso aqui é tofu, isso é biba,... gomásio, akaza, kuzu...

— Peraí que vou buscar meu dicionário de japonês.

Ana ficou me olhando, aguardando minha primeira garfada. Engoli em seco umas três vezes, tive vontade de fazer o sinal da Cruz e me atirei rápido no prato.

— Assim não! Assim não! Você tem que mastigar bem os alimentos. O Mahatma Gandhi já disse: "Deveis mastigar os líquidos e beber os sólidos". Você tem que mastigar no mínimo 50 vezes cada garfada!

Ana retornou ao trabalho na Polygram. À noite quando chegou em casa novamente, eu estava no meio do almoço. A partir daquele dia tudo mudou à nossa volta. No início ainda resisti à macrobiótica. Tentei continuar comendo carne. Ana, porém, olhava com tamanha censura para o prato que fui obrigado a deixar a mesa e passar a comer minha carne trancado no banheiro. Tem uns três meses, diante de tamanha campanha, acabei me entregando à macrobiótica. Devo ter melhorado muito porque ainda ontem Ana chegou em casa, olhou para mim e exclamou feliz:

— Puxa! Você está com uma cara ótima!

Estava mesmo. Nunca tinha me visto antes com um rosto tão verde-abacate.

Leon Eliachar

DIVAGAR E SEMPRE

PARQUE DE DIVERSÕES

CRESCI, estou grandinho — mas não parece: as distrações são as mesmas da infância. O emprego, sempre na gangorra: vou pra cima, vem um pra baixo, vou pra baixo, vem um pra cima. A vida sentimental, no balanço — até arrebentar a corda. A familiar, um labirinto: ninguém encontra ninguém — e dificilmente vejo a saída. No tiro ao alvo, queimo cartuchos em troca de chaveiros de lata, que chamam de troféus, medalhas, títulos e diplomas. Nos relacionamentos, um teatrinho de marionetes onde manipulo os cordões — até que os bonecos enguiçam. A sociedade, uma autopista: tento me livrar dos trancos, quase todos propositais. O status, um rema-rema: pra ir pra frente, retroceder. O sucesso, uma montanha-russa: no alto vem o medo da descida. A fama, um escorrega: chego no topo sabendo que vou descer. A civilização, um trem-fantasma: os mesmos sustos que ainda assustam. Continuo criança, com uma diferença: quando quebro a cara vou pra casa e choro sozinho, que mamãe não mora mais aqui. Dia seguinte, amanheço no Parque — e encontro vocês.

***Pra* investigar a morte de Mariel vai correr muito ouro e muito chumbo. É isso aí, bicho — aliás, bicho, é isso aí.**

Utilidade Pública. Cientistas americanos ganham o Nobel de Medicina por seus estudos sobre a diferença homem/mulher. Merecido: hoje está mesmo difícil saber a diferença.

■

Movimentos antibélicos se expandem pela Europa com passeatas de protesto dissolvidas pela Polícia. Vamos aguardar: daqui a pouco os pacifistas compram armas pra lutar pela paz.

■

Vamos e venhamos, hoje somos muito mais vamos que venhamos.

Grande invenção o controle remoto. Mas ainda acho que o grande invento seria um botão na televisão — pra desligar o espectador.

■

EXECUTIVO *é um cara que manda executar até o dia em que é executado.*

■

Às vezes faço fins de semana em casas de grã-finos tão sofisticados que passo o tempo esperando o momento em que vai entrar a propaganda do cigarro.

■

O que preocupa na guerra do jogo de bicho é não saber que bicho vai dar.

MEUS POSTAIS FAVORITOS (1)

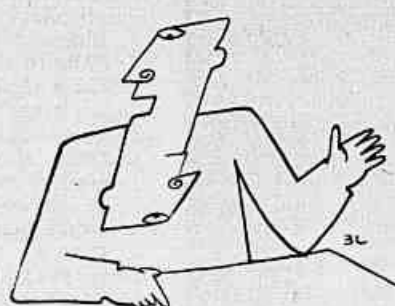
CI...NE...AN... GIO...CO...RO...NÁ... RIO...GRA...FIA... ACERTEI?

PONTE DE SAFENA, Cleveland — Vista parcial.

TESTE: VOCÊ É BOM DE CANA?

Na segunda dose de uísque, você:

a) cai duro
b) se esparrama
c) deita e dorme
d) ronca

RESPOSTA: qualquer letra que escolher, esteja certo: você é bom mesmo é de cama

A vantagem *da solidão é que quando o cara começa a falar sozinho — ninguém responde.*

Chegar atrasado a um encontro não é vergonha. Vergonha é chegar atrasado e ter de esperar.

■

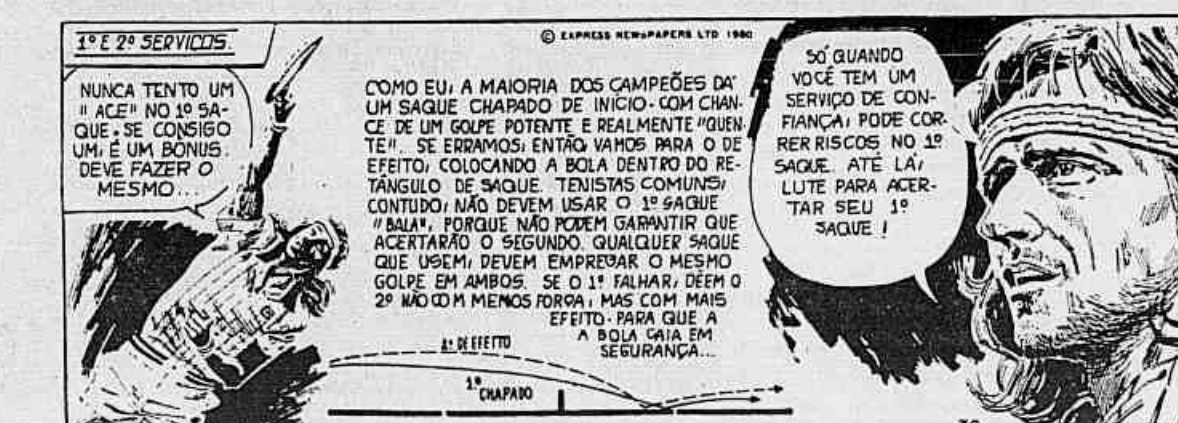
As duas coisas mais falsas do mundo: marido que engana e marido que pensa que engana.

Classificado

DÁ-SE CHANCE A UMA SECRETÁRIA QUE DÊ CHANCE.

TÊNIS

APRENDA A JOGAR COM BORG

Estilo

Iesa Rodrigues

PRÊT-A-PORTER NO VERÃO DE PARIS

ALGUNS BONS DETALHES SALVAM O DESFILE DE KIMIJINA

Fotos de Rogério Reis

O grande blusão é um ponto constante para o verão europeu. Como novidade, o tecido, que pode ser falso couro perfurado ou material metalizado em tom de cobre. Usado como saída-de-praia, é um sucesso

Para Kimijima, este é um toque de *estrela*: vestidos longos, com decotes *degagés*, afastados do corpo

Grandes estamparias, em algodões leves, fazem as saias que esvoaçam sobre conjuntos de *shorts* e *bustiers*. Pode ser a volta das *kangas*, agora como roupas de luxo

Os casaquinhos de algodão, assim como os corpetes, acabam em *basques*, feitas com o tecido enviezado a partir da cintura, caindo sobre os quadris

Os *bloomers*, com corpete debruado ou com blusas de malha rústica, mais a camisa branca: pontos interessantes de Kimijima

Uma noiva mais do que estilizada, só de *bustier* e sarongue prateado, com véu de rede

A estampa *cashmere* continua em voga, nas saias rodadas ou nos coletinhos acolchoados. Importante é jogar com motivos miúdos e maiores, formando *composés*

Na visão geral da passarela, armada no Pavilhão Gabriel, o cenário tropicalista do desfile de Kimijima, com a abertura das roupas de onça cintilante

Paris — O japonês Ichiro Kimijima abriu a temporada de desfiles de verão do **Prêt-a-Porter** francês. Especializado numa roupa luxuosa, ainda que não seja alta costura, Kimijima não é dos estilistas mais famosos, nem dos mais **quentes** em Paris. Um tanto chegado aos brilhos exagerados — e sem muita definição de estilo — tem no lauto coquetel final a grande atração de seu lançamento para o público em geral.

Mas quem atendeu ao convite (aliás, um belo cartão preto com florão japonês dourado) pode ter visto alguns detalhes interessantes que talvez virem moda até o próximo ano.

Entre as novidades, destaca-se a imitação do couro, uma camurça sintética perfurada, que serve para fazer **shorts** e túnicas franjadas, em cores naturais. Kimijima ainda investe nas onças e em tecidos elásticos e cobertos de **pailletes**, usados em malhas inteiriças, ou em blusões sobre biquínis (muito grandes, para o gosto brasileiro) de tecido metalizado ouro ou prata. Continuam também as bermudas, como opções para as saias que vão andar pelas ruas, e são reforçados os **knickers**, com amarrados na barra, e os **bloomers**, curtinhos e bufantes, muito aplaudido.

Entre as estampas estão, fortes, os **cashmeres** e os florões, bem ao gosto oriental, com fundos pretos. Além das combinações chocantes de cores como o turquesa com rosa, ou o roxo com vermelho, em roupas de tafetá e adamascado.

Depois de onças, odaliscas, saias-balões, decotes **degagés**, a entrada final da noiva traz outras tendências, a do fundo do mar. Com um **bustier** em forma de duas conchas, um sarongue prateado e um véu de rede de pesca, com estrelas-do-mar e corais como grinalda, encerrou-se a colcha de retalhos que foi a coleção Kimijima.

O QUE PODE PEGAR NO BRASIL

- **A idéia do couro sintético, todo perfurado. Depende das tecelagens brasileiras a adaptação ao trópico.**
- Bloomers **brancos, com top de malha bege, em tricô de linha rústica e grossa, com cinturão grosso, de couro macio e chale de algodão estampado. Tudo em tons beges, brancos, nunca indo até o marrom-escuro. Diga-se de passagem que estas roupas foram desfiladas por mulatas, provando que os tons neutros combinam bem com peles morenas.**
- **Os corpetes, com debruns e basques enviesadas, que acompanham bermudas,** bloomers **ou saias.**
- **Camisas brancas, de colarinho alto, sem mangas, franzidas a partir da pala nos ombros — têm tudo para se transformarem em** best-sellers.
- **Em matéria de acessórios, são importantes as sandálias, a maioria baixas e metalizadas e os cabelos, criados por Alexandre. Um aspecto natural, onde o enfeite é uma trança, entremeada de fio dourado, que aparece como travessa, no alto da cabeça, ou na nuca, retorcida de maneira a formar uma figura alongada, de cabeça pequena.**

JORNAL DO BRASIL
ESPECIAL

Rio de Janeiro — Domingo, 18 de outubro de 1981

"Nós, membros das Nações Unidas, proclamamos solenemente nossa unânime determinação de trabalhar urgentemente em prol do estabelecimento de uma nova ordem econômica internacional, baseada na justiça, na igualdade soberana, na interdependência, no interesse comum e na cooperação entre todos os Estados, independentemente de seu sistema econômico e social, que corrigirá as desigualdades e injustiças atuais, permitindo que se elimine o fosso cada vez maior entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento..."

(Declaração sobre a instauração de uma nova ordem econômica internacional, adotada por unanimidade no dia 1º de maio de 1974, pela VI Assembléia Especial das Nações Unidas.)

FORUM DU DÉVELOPPEMENT • ZYCIE WARSZAWY • EL MOUDJAHID • Magyar Nemzet • EL PAIS • Le Monde • Frankfurter Rundschau • 朝日新聞 • LA STAMPA • ПОЛИТИКА • Die Presse • EXCELSIOR • INDIAN EXPRESS • DAWN • ΤΟ ΒΗΜΑ • le soleil

Bruno Liberati

O que esperar de Cancún

Jean Schwoebel

HÁ sete anos, todos os membros das Nações Unidas, reunidos em Assembléia-Geral especial, adotavam em 1º de maio de 1974, por consenso, uma declaração na qual "solenemente" proclamavam sua "determinação comum de trabalhar *com urgência* pela instauração de uma nova ordem econômica internacional, baseada na eqüidade". Com urgência, note-se bem. Estamos contudo no fim de 1981 e sempre igualmente longe dessa nova ordem. Ademais, apesar dos esforços da Conferência de Paris sobre a cooperação econômica internacional (1975-1976) e das negociações globais efetuadas na ONU sob a constante pressão do Grupo dos 77, o abismo entre as nações ricas e pobres tornou-se ainda maior.

A reunião de cúpula Norte-Sul em Cancún, convocada por iniciativa da Áustria e do México, permitirá enfim uma autêntica retomada do diálogo, dando um vigoroso impulso às negociações globais da ONU? Eis a principal questão que em sua maioria se colocam, nesse décimo número do suplemento mundial, os 14 jornais do Leste, do Oeste e do Sul que o realizam em cooperação com as organizações do sistema da ONU.

Da colaboração da ONU para esse número constam as opiniões algo otimistas do presidente da Assembléia precedente, Von Wechmar, que tudo fez, mas em vão, para que as negociações globais progredissem. Esse otimismo não é porém partilhado por nenhum dos jornais que participam do suplemento. O *Asahi Shimbun* inquieta-se com a crescente frieza dos japoneses, revelada por pesquisas de opinião, em relação à ajuda ao Terceiro Mundo. Edgard Pisani, ex-membro da Comissão Brandt e atual comissário da Comunidade Econômica Européia para o Desenvolvimento, afirma por sua vez, em entrevista a *Le Monde*, que a nova ordem não tem por que limitar-se ao domínio econômico, pois tudo está em questão. Ele garante todavia, como Von Wechmar, que é preciso atacar prioritariamente o problema agroalimentar.

Os jornais do Leste e do Sul acham-se entre os mais céticos quanto às possibilidades de uma nova abertura Norte-Sul. As razões? O *Magyar Nemzet* alude à corrida armamentista, o *Excelsior* à polarização exercida pelas duas superpotências, *El Moudjahid* às manobras protelatórias dos países do Oeste, *Politika* à vontade desses mesmos países de salvaguardarem a autonomia das instituições especializadas que eles controlam, em detrimento da Assembléia-Geral da ONU. *Le Soleil* e *Dawn* fazem, contudo, sugestões. O jornal senegalês retoma a idéia de um imposto sobre os orçamentos de defesa para alimentar a ajuda ao desenvolvimento, enquanto o de Karachi insiste na necessidade de uma estratégia Sul-Sul que envolva entre outras coisas um *pool* tecnológico do Terceiro Mundo e um amplo financiamento dos investimentos no Terceiro Mundo por créditos da OPEP.

O JORNAL DO BRASIL explica que o Brasil se une, quanto às questões da nova ordem, às posições do Grupo dos 77, do qual não se sente separado, mesmo que cada vez mas o considerem um Estado "adulto". *Zycie Warszawy*, enfim, nota a importância do diálogo Este-Oeste-Sul para a Polônia, que não deixa de ter seus trunfos, mas cujo crescimento de exportações, para ela absolutamente vital, depende muito dos países capitalistas, sobretudo da supressão de suas barreiras alfandegárias e da melhoria do sistema monetário e financeiro internacional.

Que a época não é favorável à compreensão nem à generosidade entre os povos, eis em definitivo o que transparece à leitura das francas opiniões publicadas nesse nº 10. À esperança e à razão deixa-se contudo uma pequena chance. Sem dúvida porque, apesar dos pesares, a opinião pública e os Governos dos países industrializados começam a tomar consciência do que em breve há de aparecer como evidência — ou seja, que ajudar o Terceiro Mundo é ajudar a si mesmo e que não existem soluções puramente técnicas para os lancinantes problemas econômicos de hoje. É preciso de início respeitar e motivar os homens, associando-os na procura e na realização das soluções que devem garantir a todos, com urgência, a alimentação, a moradia, a saúde e a educação mínimas sem as quais é inútil falar de liberdade e de respeito aos direitos do homem.

Jean Schwoebel é coordenador do Suplemento Mundial Um Só Mundo.

A preocupação de não ser "NIC" ou o que é bom para os 77 é bom para o Brasil

Luiz Barbosa

NA falta de um documento nacional que diga o que se pretende ou mesmo de tempo para pensar no assunto em outro nível que não seja o do Itamarati, já se diz que o Brasil, na verdade, não tem uma posição própria a defender na reunião de Cancún, no México, na etapa mais alta do Diálogo Norte-Sul.

Isso não chega a ser toda a verdade, porque o Governo brasileiro está decidido a tomar como sua, praticamente sem retoques, a posição adotada pelo chamado "Grupo dos 77" — grupo dos países em desenvolvimento, no âmbito das Nações Unidas — em matéria de reforma da ordem econômica internacional. Quer o acesso livre aos mercados internacionais, sem barreiras ou discriminações de qualquer tipo; preços e condições estáveis para o comércio de seus produtos; melhores condições de alcance e mais fartura de recursos nas instituições internacionais de crédito, tais como o Fundo Monetário ou o Banco Mundial; ampliação das facilidades de financiamentos a médio prazo administrados por alguns países em desenvolvimento. A relação de pleitos dos países em desenvolvimento, plenamente endossada pelo Brasil, enche, com seus detalhes, duas centenas de páginas de documentos de trabalho da ONU. É muito mais do que uma posição: é todo um plano utópico para a reforma da convivência entre ricos, pobres e remediados. E nada disso, sabe-se desde já, vai ser alcançado a curto ou médio prazo.

No Itamarati, os assessores do Chanceler Guerreiro garantem não haver incompatibilidade alguma entre a realidade interna brasileira e a posição do Grupo dos 77 para Cancún. Para não trabalhar sozinho na matéria, a Chancelaria promove reuniões "de coordenação" com representantes dos Ministérios da área econômica (Planejamento, Fazenda, Agricultura, Minas e Energia e Indústria e Comércio), porém, na prática, tratando-se de um encontro de segundo escalão, o que ocorre é a reunião de diplomatas com outros tantos diplomatas que, eventualmente, prestam serviços profissionais às assessorias internacionais daqueles outros Ministérios. E, ainda por cima, esses diplomatas "emprestados" constituem os únicos focos de preocupação genuína com os temas do Diálogo Norte-Sul. Seus chefes, ministros e secretários-gerais da área econômica, estão demasiadamente envolvidos nos problemas do dia-a-dia da crise brasileira para poder dar atenção devida a um assunto tão esotérico quanto a conciliação dos interesses entre os países industrializados e os países em desenvolvimento entre produtores e consumidores de petróleo; entre as nações geradoras e aquelas que importam tecnologia, ou, simplesmente, entre ricos e pobres.

Por isso mesmo, a posição brasileira — ainda que tomada ao Grupo dos 77 na sua inteireza — é acusada de ser demasiadamente genérica, sem que represente um pensamento global sobre os problemas em discussão no Diálogo que se originou de uma proposta do ex-Presidente Giscard d'Estaing que pretendia equacionar na mesa de reuniões, em Paris, toda a crise energética, então recém-surgida na cauda da Guerra do Yom Kipour, em 73.

Mas genérica — defendem-se os homens do Itamarati — é também a posição dos países industrializados, à frente os Estados Unidos, o grupo da Comunidade Européia e o Japão. Com uma diferença: eles estão defendendo o *statu quo*, enquanto os 77, numa tarefa mais difícil, lutam pelas mudanças na ordem econômica internacional.

De autêntico e profundo mesmo existe a preocupação do Governo brasileiro em não permitir que prospere no âmbito do Diálogo Norte-Sul em particular e no das organizações internacionais em geral o conceito de que o Brasil, assim como outros tantos países como a Coréia e o México, sejam classificados como NIC's — *newly industrialized countries* (países recém-industrializados).

— O Brasil, envaidecido, não se deixará enganar pelos rótulos de "país recentemente industrializado" ou de país em desenvolvimento "avançado", rótulos cujo objetivo é simplesmente o de nos separar dos demais países do Sul e, assim, com aparente legitimidade, nos negar os benefícios de cooperação internacional — denuncia, indignado, o Chanceler Saraiva Guerreiro essa tentativa de criar castas dentro do grupo dos países em desenvolvimento.

Em contraste, o Itamarati continua a defender direitos especiais para países "relativamente menos desenvolvidos", como seus vizinhos Uruguai, Bolívia e Paraguai no âmbito restrito da ALALC. E justifica essa aparente incoerência argumentando que a distinção, nesse caso, se dá para o bem e não para o mal, como na classificação de "NIC".

Se não ser "NIC" é uma preocupação urgente e autêntica do Governo brasileiro com vistas às conceituações impostas pelos países ricos, o que há de relativa novidade na roupagem com que o Brasil vai cercar sua atuação na conferência de cúpula do México é a defesa da tese de que a melhora dos termos do intercâmbio internacional, no plano do comércio e das finanças, não é uma simples ação de caridade dos países ricos em relação aos pobres, porém um caso de interesse recíproco, onde há vantagens mútuas para ambas partes.

Quando defende seu direito de acesso a todos os mercados e melhores termos para a tomada de financiamentos e empréstimos, o Brasil quer tornar claro que ele não é apenas um exportador inveterado, ávido de conquistar novas fatias dos mercados norte-americano e europeu, porém também um importador importante de equipamentos, tecnologia e capitais. Portanto, o interesse na sua prosperidade é também daqueles países que já são prósperos.

Assim também como não quer ser classificado como "país recém-industrializado" (o mais pobre dos ricos e o mais rico dos pobres), o Brasil também não favorece a idéia de dividir o grupo dos países em desenvolvimento entre os que produzem e os que importam petróleo, como se somente essa fonte de energia fosse bastante para anular todas as demais afinidades existentes entre os membros desse grupo. Embora julgue que sua posição no Diálogo Norte-Sul não pode ser exatamente a mesma dos membros da OPEP, o Itamarati está convencido de que o Brasil tem de adotar posição paralela àquela dos países exportadores de petróleo. No fundo, as dificuldades são as mesmas.

Entre o Itamarati e os demais setores do Governo, a despeito da diferença de envolvimento nesse programa de negociações Norte-Sul há, pelo menos, um ponto pacífico. O de que, de qualquer modo, o Brasil já não pode mais se furtar (como ocorria no passado, quando seus interesses reais no plano internacional se resumiam ao comércio do café e a alguns poucos itens bem identificados) a participar, em posição de destaque, no diálogo entre ricos e pobres.

— Nessa bilheteria — resumiu um assessor do Ministro Delfim Neto — o Brasil já paga inteira, porque já é adulto. Passou a fase da meia entrada, da carteira de estudante.

Luiz Barbosa é repórter do JORNAL DO BRASIL em Brasília, onde faz a cobertura do Ministério das Relações Exteriores.

EXCELSIOR

México

Os termos do diálogo Norte-Sul: uma questão-chave

Ruben Lau

O diálogo Norte-Sul dos anos 70 já foi classificado como um diálogo de surdos-mudos. A esperança é de que as coisas melhorem nesta reunião de Cancún, no México. Tal diálogo busca uma nova ordem econômica internacional mediante uma transferência maciça de recursos e de poderes econômicos do Ocidente para os países atrasados e em vias de desenvolvimento, a maioria do mundo.

Há um fato real: prevalece um sistema internacional baseado no predomínio militar de dois grandes interlocutores e na dominação de dois blocos de países industrializados. O Norte se configura com os avanços do Oriente e do Ocidente, o resto fica no Sul. Mas luta-se por uma mudança. Uma das primeiras indicações dessa mudança é que os países do chamado Terceiro Mundo e outros tradicionalmente excluídos do concerto mundial — como a China — já co- meçaram a reclamar uma maior participação nas decisões globais, políticas e econômicas. A emergência desses múltiplos focos políticos tornou ainda mais tensas as negociações entre os industrializados e os que estão em vias de o ser, porque a negociação nesse campo permanece regida pelo interesse e apoiada pela força adquirida.

Há pelo menos dois níveis que determinam os termos do diálogo. Por um lado, o desequilíbrio entre os países industrializados e os dependentes. A balança é desfavorável a esses. Sabe-se que de 5 em 5 dias a população mundial aumenta em 1 milhão de pessoas e que 90% dessas se encontram no Terceiro Mundo. Sabe-se também que o Norte só representa uma quarta parte dos povos da Terra, mas possui mais de 70% de sua riqueza, mais de 80% do comércio, aproximadamente 90% da indústria e quase a totalidade dos centros avançados de educação e tecnologia. Repete-se com freqüência que os países do Sul projetam seu desenvolvimento para a conquista de mercados externos, em busca de divisas para seu progresso, e que nesse sentido se vêem em grave desvantagem ante os países ricos. Em suma, o sistema internacional de comércio, de finanças, de tecnologia e de industrialização favorece o Norte. Na medida em que a ajuda desinteressada é nula ou extremamente minguada, toda e qualquer negociação que deposite esperanças em convencer os ricos a ajudar os pobres estará alicerçada em bases pouco segurar. As cifras são reveladoras: só 0,20% do Produto Nacional Bruto dos Estados Unidos foram destinados em 1980 %a ajuda oficial, contra 0,30% da União Soviética, sendo os dois os principais personagens do Norte.

Igualmente certo é que o diálogo Norte-Sul, na realidade, foi silenciado pela força das palavras e polêmicas entre o Leste e o Oeste. Diante disso, as possibilidades de estabelecer relações de ajuda mútua e de cooperação entre os próprios países do Sul têm sido mínimas, e tais possibilidades acham-se finalmente sujeitas à atração polarizante que exercem os dois grandes interlocutores.

O outro nível que influi no diálogo localiza-se no interior dos países implicados. Na maioria dos do Sul, não se pensa em função das necessidades essenciais da população (alimentação, saúde, educação, direitos humanos, etc.), mas sim em programas rentáveis e orientados para a exportação. Há muitas variantes nesse panorama, mas a todas elas é comum submeter-se às leis de produção e de comportamento típicas do capital. Aqui se localiza uma grave estrutura de obstáculos a políticas humanistas e benéficas à maioria. O diálogo Norte-Sul não considera porém essas modalidades e só se concentra no primeiro nível notado antes, isto é, em relação a pontos específicos como a transferência de recursos em grande escala do Norte para os países em vias de desenvolvimento, problemas energéticos, problemas alimentares e busca de uma ordem mais estável nas questões financeiras e monetárias.

Diversos analistas e comentaristas, e alguns estadistas mais ou menos conscientes das conseqüências desastrosas a que o atual sistema internacional pode conduzir, já insistiram na necessidade de se procurar uma ordem menos desequilibrada e explosiva. Mas a história da década recém-finda herdou justamente essa estrutura dramática, que o relatório da Comissão Brandt deu a conhecer. Precisamente porque o escasso diálogo havido não provocou notáveis resultados foi que se projetou a reunião de Cancún. Certamente os atuais desequilíbrios persistirão depois, mas já se disse que o que se busca é uma pequena luz que ilumine os empreendimentos futuros.

Ou, para dizê-lo com a revista mexicana *Contextos* (21/27 de maio de 1981): "É quase impossível prever o resultado de conversações que no passado estiveram marcadas pela intransigência de uma minoria sempre aferrada a não perder as prerrogativas econômicas, e portanto políticas, que lhe permitiram até agora fazer a voz mais trauteante da ópera mundial". Esperamos que em Cancún os novos atores façam escutar suas vozes e sejam realmente atendidos.

Ruben Lau é professor da Faculdade de Economia da Universidade Autônoma do México.

le soleil

Dacar

Uma esperança e um combate

Abdoulaye Ndiaga Sylla

PARIS, dezembro de 1975; México, setembro de 1981: o mundo industrializado, o Terceiro Mundo. São os mesmos atores. O cenário mudou, permanecendo contudo o mesmo céu carregado, a mesmice das ameaças diárias que pesam sobre as relações internacionais.

É preciso render-se à evidência de que não basta ter feito a proclamação do diálogo. Se não quisermos ir diretamente à catástrofe, convém botar as negociações em caminhos mais garantidos e reestruturar as relações entre um Norte estafado e um Sul constituído de países cada vez mais exangues.

O mundo em que vivemos tem de encarar as realidades novas, as prioridades que se vão impondo, e não submeter-se a dados programados. Nesse contexto, a ajuda (*) não é a única solução do problema, já que por sua própria índole ela coloca a perpetuação de uma estrutura que faz de certos países uns ajudados eternos.

Entender que o mundo tem de mudar é compreender que a nova ordem subentendida por essa mutação é fundamentalmente tridimensional (política, econômica e cultural), ainda que em determinados setores a esfera econômica seja mais atuante e transparente: *de um lado a civilização do desperdício, do outro a sobrevivência.*

No plano da vivência de nossos povos, essa tridimensionalidade evoca uma redefinição de relações em termos mais ricos e fecundos que os do antagonismo entre Leste e Oeste; uma correta apreensão do real, que rejeite a idéia de que o Terceiro Mundo deva ser observado pelo prisma deformante de uma história e padrões falsificados e enganosos; e uma apreciação mais sutil das relações internacionais.

A ilusão de que o Terceiro Mundo deva alcançar o mundo industrializado tem assim de ser combatida no próprio momento em que nos vemos condenados a elaborar políticas nacionais que vão tomando o sentido de um "desenvolvimento outro", endógeno e autocentrado.

Nessa estratégia, não nos esqueçamos de que o Terceiro Mundo é extremamente diverso. As questões que se impõem a um país como o Senegal nem sempre têm a mesma natureza das que atormentam a Coréia do Sul, o Brasil, o México ou Bangladesh.

Como pode um país como o Senegal — cujo mercado interno não ultrapassa os 5 milhões de consumidores, cujo ritmo de crescimento econômico é relativamente lento, que tem 40% de sua receita de exportação devorados por uma fatura petrolífera que passou de 5 bilhões de FCFA (Francos da Comunidade Franco-Africana) em 1974 para 50 bilhões em 1980, cujo principal recurso, o amendoim, sofre com uma seca quase permanente e uma queda de mais de 20% em seu curso, e com uma balança de pagamentos que registrou em 1979 um déficit de 100 bilhões de FCFA — como pode um país assim defender-se num mundo em que anualmente se gasta só com armas cerca de 250 bilhões de FCFA por dia?

Os mecanismos postos em ação, tanto ao nível dos países industrializados, quanto pelas instituições financeiras internacionais, levam igualmente nossos países a agüentar com todos o peso da crise: um dólar muito caro, uma taxa excessiva pelo aluguel do dinheiro.

Da nova ordem mundial, esperamos resultados correspondentes às propostas do Clube de Dakar; ou seja, *uma garantia de nossas receitas de exportação*, graças a um mecanismo do mesmo tipo do que foi concebido pela Convenção de Lomé entre os 9 países, hoje 10, da CEE e 50 Estados da África, das Caraíbas e do Pacífico. O adiantamento a título de STABEX permitido ao Senegal, para o ano de 1980, e que atingia 7,5 bilhões de FCFA, foi inteiramente destinado ao saneamento das dívidas do mundo rural. A garantia, para ser efetiva, deveria levar em conta os produtos agrícolas e mineiros, conduzindo também à fixação de preços mais razoáveis.

As *compensações* pelo petróleo, enquanto outras fontes de energia, como a solar, não chegam a uma exploração mais rentável, contribuiriam, com a participação dos países exportadores, para aliviar a fatura petrolífera e liberar disponibilidades que poderiam ser reinjetadas noutros setores a desenvolver. Seria então viável pensar num fundo especial que funcionasse como uma caixa de igual repartição.

A transferência para os países do Terceiro Mundo de atividades industriais de formação e a instituição de um imposto sobre os orçamentos defensivos poderiam ajudar igualmente a corrigir os desequilíbrios.

O Norte deve portanto fazer um jogo franco. Os países produtores de petróleo só teriam por sua vez a ganhar se destinassem os excedentes financeiros obtidos com a venda de seu produto a projetos de desenvolvimento de países que sofrem da falta de capitais, enquanto os petrodólares são investidos em setores não produtivos nos países industrializados.

O que assim se acha exposta é toda a importância da cooperação Sul-Sul, com todos esses paradoxos (as trocas intra-africanas não vão além de 1% do comércio internacional).

Quanto ao bloco socialista, sua participação no diálogo pela instauração de uma nova ordem mundial é capital, posto que essa participação dê uma dimensão nova a relações centradas na concepção clássica de mercado. Os países socialistas não têm o direito, e justamente em nome do internacionalismo proletário que proclamam, de cruzar os braços sob pretexto de que não lhes cabe nenhuma responsabilidade histórica em nosso subdesenvolvimento. A ajuda em armas aos movimentos de libertação nacional, por importante que possa ser, não basta. Os direitos econômicos incluem-se entre os direitos do homem com a mesma importância que os civis e os políticos.

Em Berlim, já em 1895, ficou claro que o mundo não mais seria partilhado entre impérios coloniais. A nova ordem mundial deve participar dessa reconhecida interdependência das nações e tecer relações baseadas num sentimento de comunidade em defesa do homem. Ela seria falseada se a víssemos só pelo ângulo técnico. Estamos diante de um projeto humano que ultrapassa o fetichismo dos números e a obsessão das percentagens de ajuda. Trata-se de uma esperança e, ao mesmo tempo, de um combate.

(*) A contribuição da comunidade internacional para o esforço de soerguimento econômico e financeiro, no período 1978-1985, soma 50 bilhões de FCFA (Francos da Comunidade Franco-Africana) do FMI, 10 bilhões do BIRD (Banco Mundial), 7 bilhões a título de STABEX, 50 bilhões da França, com uma parcela de 21,5 bilhões já concedida, mais vários bilhões dos países árabes, a título de ajuda multilateral. (STABEX — Fundo de Estabilização dos Custos para certos produtos de exportação dos países da África, Caraíbas e Pacífico, associados ao Mercado Comum Europeu).

Abdoulaye Ndiaga Sylla trabalha na Editoria Internacional de Le Soleil.

ŻYCIE WARSZAWY

Varsóvia

Os interesses da Polônia

Pawel Bozyk

EMBORA a participação da Polônia no comércio mundial seja modesta, de apenas 1%, o país depende intensamente da economia externa. Suas importações — petróleo, matérias-primas, produtos primários e tecnologia — são aparentemente excessivas. As empresas polonesas, em sua maioria, não estão orientadas para a exportação. Mesmo sob condições econômicas favoráveis, as exportações não são assim lucrativas, o que em tempos de crise cria dificuldades enormes.

A economia polonesa do pós-guerra sempre teve por isso problemas mais ou menos graves com seu balanço de pagamentos, ao passo que a situação atual revela sintomas de um impasse profundo. O endividamento do país chegou aos 25 bilhões de dólares e a parte de pagamentos e débitos na renda das exportações se multiplicou várias vezes, ultrapassando a margem de segurança que uma economia nacional tem de manter. O rápido aumento das importações e o baixo volume das exportações foram causas da situação que vivemos. Tais fenômenos se registraram sobretudo no começo da década de 70, quando as taxas de juros eram pouco elevadas e alguns países ocidentais se mostravam ávidos por emprestar dinheiro. Na segunda parte da mesma década, os créditos se tornaram mais onerosos, e isso se traduziu por juros mais altos. Não só o número de cedentes de empréstimos, mas também as possibilidades de exportação para muitos países desenvolvidos, passaram então a ser menores.

Como aumentar as exportações?

Essa questão é vital para a Polônia. Se a segunda parte da década de 70 já fora caracterizada pelo lento aumento das exportações, o ano passado presenciou uma queda brusca nas vendas a países estrangeiros. Queda essa que se deveu tanto aos fatores internos peculiares à Polônia quanto às suas dificuldades crescentes no comércio externo. Na década de 70, o país teve assim de encarar a tarefa de aumentar suas exportações, que ao mesmo tempo eram condicionadas pelas mudanças na estrutura da produção interna. Por tradição, como outros países pouco industrializados, a Polônia exportava sobretudo matérias-primas e alimentos. Nos últimos anos, contudo, em decorrência de seu desenvolvimento industrial e da melhoria de seu padrão de vida, a Polônia se tornou um maciço importador dessas coisas. O aumento da parte dos bens industriais no comércio externo, em tais circunstâncias, impôs-se como uma necessidade.

A tarefa, como depois se viu, não era fácil — a curto prazo era praticamente impossível. As dificuldades para atender às exigências de alta qualidade dos mercados ocidentais são a principal razão de nosso fracasso. As exportações de bens manufaturados, ao mesmo tempo, requerem bem organizadas redes de vendas, publicidade adequada, *marketing* etc. Os mercados em pauta, como se sabe, acham-se divididos de há muito, formal ou informalmente, entre empresas nacionais ou internacionais dos próprios países industrializados. Cada "novo" exportador encontra assim por desafio a forte concorrência de empresas que compreendem bem melhor os mercados e dentro deles se situam em posição mais cômoda. Isso não quer porém dizer que sejam completamente nulas as chances de sucesso de um exportador novato. Para se conseguir alguma coisa, o problema é gastar tempo e dinheiro, e a Polônia agora já aprendeu a lição.

Um grande influxo de tecnologia estrangeira e de técnicas manufatureiras mais aprimoradas deveria criar condições para uma cooperação industrial entre as empresas polonesas e seus fornecedores de fora. Mas, se bem que o ritmo de desenvolvimento desse tipo de relação tenha aumentado significativamente, o percentual de exportações decorrentes de acordos de coooperação ficou limitado a 5%. Além disso, tais exportações incluíram sobretudo produtos intensivos de material e mão-de-obra. A Polônia, nesses casos, é geralmente um fornecedor de empresas de países industrializados, que vendem seus produtos acabados com suas respectivas marcas. Esse tipo de cooperação não torna mais fácil, para a Polônia, ingressar nos mercados estrangeiros com suas próprias marcas comerciais.

Desvantagens das limitações à importação

Desde meados da década de 70, a Polônia começou a reduzir suas importações. A princípio, a economia conseguiu sobreviver sem grandes apertos, pois ainda dispúnhamos de algumas reservas. Mas, com o passar dos anos, as conseqüências negativas dessa política tornaram-se evidentes, logo afetando os fornecimentos para projetos industriais já começados, bem como a entrada de matérias-primas e produtos primários. A longo prazo, os efeitos dessa "economia" mostraram-se devastadores. A redução das importações de matérias-primas e produtos primários impôs um limite à produção: a isso se seguiu um declínio da produtividade, que criou por sua vez uma mão-de-obra excedente.

Por que então a Polônia lançou mão desse recurso? Simplesmente por não ter outra alternativa. A barreira da balança de pagamentos já se tornara para ela de transposição impossível.

Uma re-negociação dos termos de pagamento é a solução que sempre resta em tais casos. Mas a Polônia só se valeu dessa possibilidade em 1981, quando sua economia, após cinco anos de limitações à importação, já estava em frangalhos.

É extremamente custoso, no momento, "esticar" os pagamentos e os juros. É extremamente custosa, para a Polônia, é também a atual crise, devido às taxas de juros de dois dígitos. As renegociações só são bem-sucedidas quando permitem que o país ponha de novo suas finanças em ordem — quando a renda das exportações é transferida para importações aumentadas e leva por conseqüência ao crescimento da produtividade e da renda nacional. Infelizmente, no caso da Polônia, uma mudança para melhor ainda não ocorreu por enquanto.

A importância do diálogo Leste-Oeste-Sul

A situação da Polônia não é porém desesperadora. Relativamente bem dotado de recursos naturais — carvão, enxofre, ferro — o país tem uma grande população jovem, tão bem instruída quanto nos países altamente industrializados, e também uma indústria que se modernizou expressivamente na década de 70. De que depende então seu desenvolvimento futuro?

A curto prazo, da melhoria de seus potenciais econômicos, nisso se destacando o aumento da eficiência no trabalho. Contamos com tal hipótese, mediante o incremento da disciplina e da organização no trabalho, assim como esperamos que a reforma econômica, atualmente em preparo, venha a favorecer a instauração dessas práticas. Os efeitos da reforma devem repercutir sobretudo sobre a melhoria de nossa capacidade de exportação, cujo uso adequado, obviamente, irá depender de nosso acesso aos mercados mundiais.

Por muito tempo, associamos o aumento das exportações ao progresso do diálogo Leste-Oeste-Sul, que em princípio capacitaria a Polônia a modificar a estrutura com a qual ela se lança ao comércio externo. Tal diálogo está vinculado à suspensão de todas as barreiras que bloqueiam o acesso aos mercados dos países altamente industrializados. Ainda que sejam informais muitas vezes, essas barreiras desempenham um considerável papel para limitar ou eliminar simplesmente as exportações procedentes do Terceiro Mundo.

A Polônia, além disso, está interessada em cooperar com países capitalistas, no que diz respeito aos mercados do Terceiro Mundo, em forma de *joint ventures* e de investimentos em indústrias de extração de minério, aço e construção mecânicas. A Polônia tem bons especialistas e tecnologias amplamente reconhecidas. Os países capitalistas têm técnicas manufatureiras avançadas — e capital. Juntos, poderemos ser capazes de ajudar a muitos países em desenvolvimento, e também, é claro, a nós mesmos, desenvolvendo por exemplo o comércio externo.

Outra razão para o interesse da Polônia no diálogo Leste-Oeste-Sul é sua preocupação com o sistema monetário e financeiro mundial, que tem de ser aperfeiçoado. A voz decisiva em relação ao desenvolvimento da cooperação econômica internacional dentro desse sistema é por enquanto a dos países industrializados, o que não deixa de ter influência sobre o próprio sistema. Mas a plataforma para um acordo é bem ampla e tem para a Polônia uma significação muito grande.

Pawel Bozyk, economista, é professor na Faculdade de Economia de Varsóvia e foi chefe dos assessores para assuntos científicos de Edward Gierek.

Cagnat (cortesia de Le Monde)

G. Campista

Asahi Shimbun/Tóquio

Tendências da opinião pública japonesa

Shinsuke Samejima

A elite pensante do Japão mostra-se algo preocupada com certas tendências do sentimento nacional refletidas numa série de pesquisas de opinião pública aqui realizadas. Tais pesquisas, conduzidas pelo gabinete do Primeiro-Ministro, anualmente, cobrem as relações exteriores do Japão e incluem uma seção sobre a cooperação econômica com os países em desenvolvimento.

A mais recente delas foi feita em maio de 1980 e tornada pública em setembro do mesmo ano. O questionário relativo à cooperação econômica começava com a assertiva de que "as nações industrializadas e avançadas hoje estão dando ajuda financeira, técnica e de outros tipos aos países em desenvolvimento do mundo" e perguntava ao entrevistado se o Japão, tudo considerado, deveria desempenhar no futuro um papel mais positivo no tocante à cooperação em pauta. Havia concretamente essas opções de respostas: a) Devemos cooperar mais; b) Um grau moderado de cooperação é o ideal; c) Quanto menos cooperação melhor; d) Devemos parar de cooperar; e) Não sei.

O resultado da pesquisa indicou 40% a favor da cooperação mais ativa (a),40% a favor da cooperação moderada (b), apenas 6% a favor de menos cooperação (c) e ninguém a favor de sua interrupção pura e simples (d). Aos indiferentes coube um percentual de 14%. Os favoráveis à cooperação econômica, de uma forma ou de outra, totalizaram portanto 80%, o que é um grau bastante considerável de apoio.

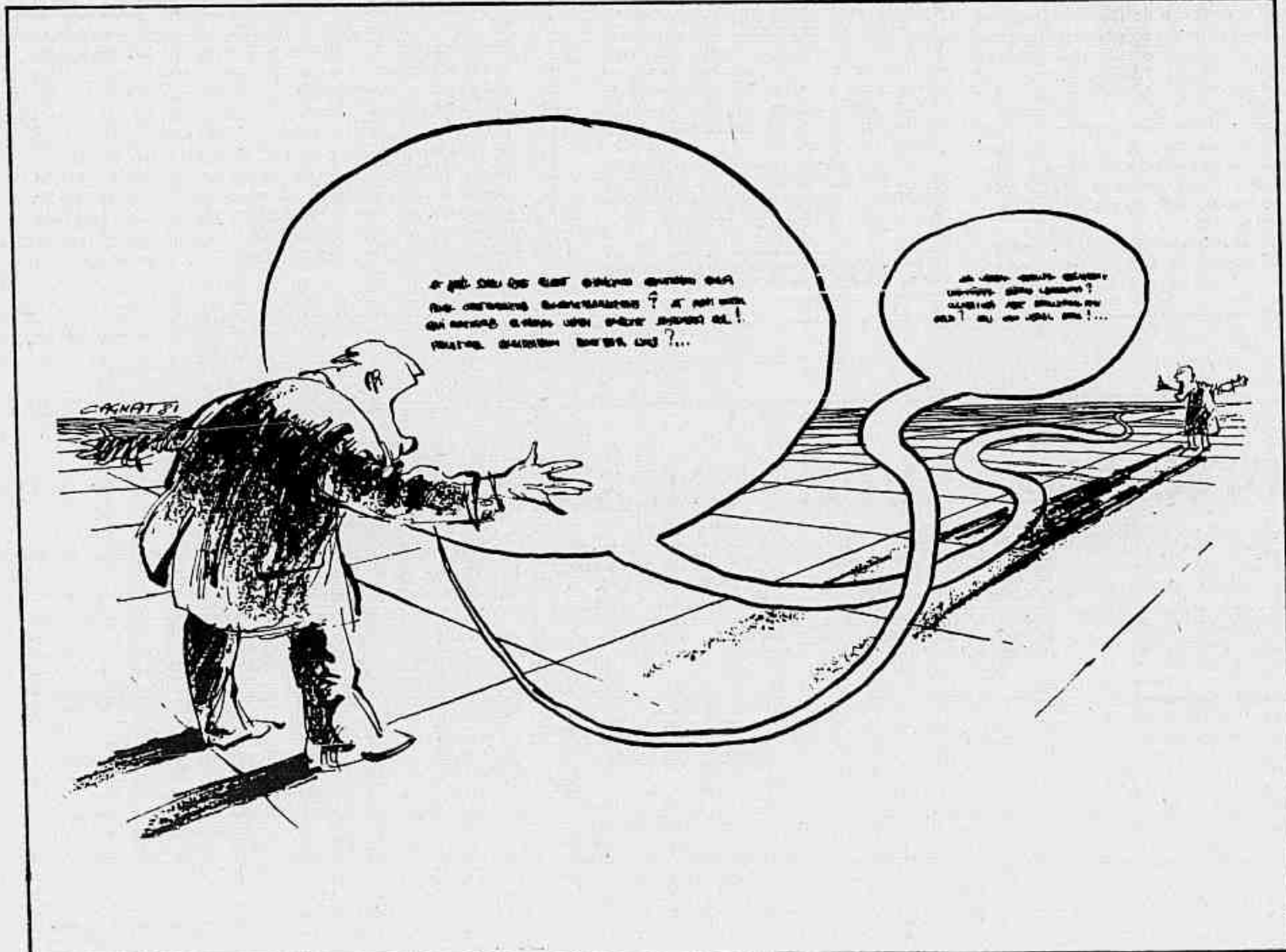
Surge um problema, porém, quando esse resultado é comparado ao de pesquisas realizadas anteriormente. Os favoráveis ao Item (a) ou à cooperação mais ativa somaram 44% na pesquisa de 1978 e 41% na de 1979. Vê-se, portanto, considerando-se o percentual de 40% do ano passado, que houve uma redução do apoio, embora por pequena margem. Já os favoráveis ao item (b) ou a uma política algo passiva no setor eram apenas 32% em 1978, o que mostra uma mudança bem pronunciada em relação aos 40% de 1980. A opinião pública do Japão, noutras palvras, parece estar arrefecendo seu entusiasmo em relação à cooperação econômica com os países em desenvolvimento.

Não só no Japão, mas também noutros grandes países avançados, há de fato indícios de que essa é a tendência que vem prevalecendo nesses últimos anos. Um bom exemplo é a Suécia. A opinião pública desse país escandinavo mostrava-se por tradição extremamente favorável à expansão da ajuda externa propiciada pelos 17 países-membros do Comitê de Assistência ao Desenvolvimento (CAD) da OCDE. Mas os informes revelam que na pesquisa de opinião pública lá realizada em setembro de 1979 o percentual dos favoráveis à expansão da ajuda caiu dramaticamente dos 32% que prevaleciam há cinco anos atrás para apenas 15%. Os que admitiam que "o atual nível de ajuda é adequado", por outro lado, passaram de 51% para 58%, no mesmo período.

O programa de Assistência Oficial ao Desenvolvimento (AOD) da Suécia, refletindo essa mudança na vontade do povo, mostrou um agudo decréscimo em 1980, que se traduz pelo baixo índice de 0,76% de seu PNB, um nível que há cinco anos ela já mantinha. Isso contrasta diretamente com o que ocorreu com os demais países-membros do CAD, a maioria dos quais aumentou sua ajuda externa. A outra grande exceção é a Grã-Bretanha, que, como a Suécia, também empreendeu nesse ano uma redução de seus recursos destinados à ajuda.

A conferência Norte-Sul, marcada para esta semana em Cancún, foi proposta pela Comissão Brandt, que se imbuiu de um agudo senso de crise, ou seja, de que as perspectivas para a ordem econômica internacional na década de 1980 serão calamitosas, caso o problema Norte-Sul não seja encarado com a seriedade devida.

Em resposta à proposta dessa Comissão, o Japão, estrategicamente situado entre o Norte e o Sul, comprometeu-se a duplicar sua participação financeira a título de Ajuda Oficial ao Desenvolvimento, no período 1981-85, em relação ao seu dispêndio total, a mesmo título, nos últimos cinco anos. A atitude básica do Governo japonês, que dificilmente pode ser caracterizada, pelo menos até recentemente, como abertamente entusiasta quanto a partilhar as responsabilidades por uma nova ordem internacional, está enfim começando a mudar. O problema reside agora, como mostramos, na tendência da opinião pública, que passou a mostrar certos sinais de se opor à nova disposição do Governo nessa área. Há uma grande necessidade assim, de nossa parte, de despertar o interesse do público esclarecido por esse problema de importância magna, tendo em vista sobretudo que a conferência Norte-Sul já se avizinha.

Shinsuke Samejima é chefe do Centro de Pesquisa e Análise do Asahi Shimbun.

Le Monde

Paris

Por um sistema contratual que não se limite apenas à economia

Entrevista a Gérard Viratelle

Ministro da Agricultura no regime do General de Gaulle, Edgard Pisani, membro do Partido Socialista Francês, é, desde a ascensão da esquerda ao poder na França, comissário das Comunidades Européias para as relações com o Terceiro Mundo e o desenvolvimento. Foi ele a personalidade francesa a participar dos trabalhos da Comissão Brandt, que se acha na origem das conversações da cúpula Norte-Sul. É nessa dupla condição que responde às questões de Le Monde.

COMO o Sr definiria a expressão Nova Ordem Econômica Internacional, que normalmente serve de referência aos que se preocupam com o Terceiro Mundo?

— Essa expressão, para ficar só nela, me parece inadequada. Para que haja uma nova ordem, tem de haver também uma ordem velha. Do ponto-de-vista do Terceiro Mundo, não existe ordem nenhuma, mas sim desequilíbrio, dominação, trocas desiguais, desordem em suma. Não se pode deixar de levar em conta essa crítica.

Além disso, o que se trata de instituir é menos uma ordem que um sistema, ou seja, um conjunto cujos elementos estejam em constante procura de adaptação recíproca, o que aliás é a própria imagem da vida. Eu diria ainda que o sistema não tem porque se limitar ao domínio econômico. Tudo entra em causa. A economia e a moeda, sem dúvida, mas também a cultura, a informação, a saúde, os poderes públicos.

O sistema é menos internacional que mundial, e a diferença é bastante expressiva. No primeiro caso, as nações, os Estados, aparecem como os únicos atores, mas a segunda palavra põe em cena todas as forças atuantes, inclusive as multinacionais. Não é à toa que, aqui e ali, tenta-se elaborar para elas um código de conduta.

Enfim, acho que a expressão, para ter algum valor, deve incluir uma idéia complementar essencial, que reside em seu caráter contratual. A ordem, ou melhor, o sistema deve ser negociado. Por que não dizer que, em sua escala e como esboço, a Convenção de Lomé é um sistema global contratual?

Quais poderiam ser os instrumentos de uma política de autonomia alimentar do Terceiro Mundo?

— Antes de falar de instrumentos, convém falar de necessidade. O déficit energético que tanto nos fez temer e que, sob certos aspectos, ainda nos ameaça, traz conseqüências menos graves, de modo geral, do que o desequilíbrio alimentar que o mundo corre o risco de conhecer, que sem dúvida conhecerá. O Banco Mundial já prognosticou que, pelo ano 2000, 700 a 800 milhões de seres humanos sofrerão ou morrerão de fome; além dessa visão insuportável, é preciso saber que a dependência alimentar do Terceiro Mundo, que no entanto é essencialmente agrícola, será no ano 2000 muito maior do que hoje, em relação ao mundo desenvolvido.

As conseqüências dessa situação são de natureza geopolítica. Mas a situação de um grande número de países em vias de desenvolvimento será também inaceitável para muitos deles, pois, caso não se tomem medidas, eles correrão o risco de não poderem pagar em divisas sua indispensável subsistência.

1º) É preciso nos convencermos todos, países desenvolvidos e em desenvolvimento, de que deve ser dada prioridade absoluta à política agro-alimentar e de que a vontade de auto-suficiência é um dos fundamentos de toda e qualquer política de desenvolvimento.

2º) É preciso que os meios tecnológicos, e antes os meios de pesquisa, sejam postos à disposição dos países em desenvolvimento, para que essa vontade de auto-suficiência se baseie em modalidades culturais, em escolhas de espécie, em modelos de consumo adaptados aos dados naturais e aos dados sociais.

3º) É preciso que acordos internacionais de regulação dos mercados coloquem os países em desenvolvimento, mais ainda que nós, ao abrigo de flutuações que eles não podem suportar.

4º) É preciso que as políticas agrícolas dos países desenvolvidos criem a capacidade de atender de imediato às necessidades dos que têm fome, sem impedi-los por isso de desenvolver sua própria produção, que aliás deve ser estimulada.

Assim, a política alimentar dos países em desenvolvimento e a política agrícola comum devem ser objeto de uma análise paralela. A indispensável revisão da política agrícola comum da Europa deve integrar o Terceiro Mundo como uma de suas dimensões essenciais. Concebida há 20 anos, e para uma Comunidade largamente deficitária e letigimamente voltada para si mesma, ela deve tornar-se um dos instrumentos privilegiados de uma Comunidade com responsabilidade econômica mundial, preocupada não só consigo mas também com a subsistência e a autonomia do Terceiro Mundo e ainda com o equilíbrio dinâmico dos mercados mundiais.

Que é que o Sr entende por isso?

— O mundo ocidental, a Europa temem ruir sob os excedentes, milhões de homens sentem fome, os mercados flutuam com uma amplitude devastadora; os Estados recusam os acordos reguladores, produto por produto; e dentro de 20 anos aos excedentes aparentes sucederá um déficit real. O mercado, sozinho, não pode garantir o equilíbrio mundial e regional das necessidades e das produções. É preciso criar outros mecanismos, não para imobilizar as forças produtivas, sob pretexto de equilíbrio, mas sim para conter as desordens e favorecer a expansão de forças novas.

Para a Comunidade Européia, para os inventores do STABEX, para os membros da Comissão Brandt, o mercado é um mecanismo indispensável, mas este não pode garantir sozinho os ajustes que são necessários, humana, política e estrategicamente. É preciso intervir nele, não para destruir sua lógica, mas para conter os excessos aos quais é "naturalmente" conduzido. (N. da R.: STABEX — Fundo de estabilização dos custos para certos produtos de exportação dos países da África, Caraíbas e Pacífico, associados ao Mercado Comum Europeu.)

Gerard Viratelle é redator de Le Monde.

Plantu (cortesia de Le Monde)

EL MOUDJAHID

Argel

Nova dimensão nas relações internacionais

A. Zouied

SE bem que não seja sua pretensão ter uma ligação oficial com as negociações globais acerca da cooperação econômica internacional nem prejudicar de qualquer forma o papel central que cabe à Assembléia-Geral da ONU, a próxima conferência de cúpula de Cancún (México) será inegavelmente a consagração mais autorizada da dimensão Norte-Sul das relações econômicas internacionais. Na hora da interdependência, cada país, sejam quais forem seu porte, seu poder e seus recursos, deve lembrar-se de que não pode abordar sozinho um bom número de problemas com os quais se defronta, nem fazer face às reivindicações multiformes que escapam à arbitragem interna. Daí, um sentimento geral de vulnerabilidade.

Esta será, portanto, a ocasião para os países participantes da conferência examinarem em seu todo a natureza, a amplitude e as incidências dos grandes problemas que se apresentam no domínio das matérias-primas essenciais, da energia, do comércio, do desenvolvimento, do mesmo modo que as questões financeiras e monetárias. Aguarda-se desse exame que um apoio político sem reservas seja concedido aos esforços desenvolvidos para que cheguem afinal a bom termo as "negociações globais" visando à instauração de uma nova ordem econômica mundial decididamente mais eqüitativa, negociações estas que não podem ser confiadas apenas aos peritos.

Não é mais possível, com efeito, ao término de duas décadas de conferências, continuar a dar voltas em torno do mesmo lugar, por ausência manifesta de disposição política da parte de países que, embora apoiados na lógica, acham-se desesperadamente aferrados às estruturas modeladas somente pelos interesses políticos, econômicos, comerciais e estratégicos e vêm mantendo há séculos o Terceiro Mundo como refém.

Neste sentido seria vã, até fútil, a obstinação em desconhecer mais tempo ainda as situações pungentes de miséria, desnutrição, ignorância e más condições de saúde nas quais se acham estagnados dois terços da população mundial. O medo de ter que focalizar as causas dessa situação e as conseqüências daí decorrentes futuramente só podem levar à acusação frontal do sistema internacional atual, cujo fracasso dispensa demonstrações.

O recente agravamento da deterioração da economia mundial é marcado por um recrudescimento do protecionismo e uma baixa dos preços das matérias-primas, por uma escalada dos índices de inflação e de alarmantes restrições aos mercados internacionais de capitais e de tecnologia, enfim, pelo endividamento crescente que provoca um déficit acumulado de várias dezenas de milhares de dólares, dos países em desenvolvimento. Esta deterioração que compromete de modo duradouro a realização dos objetivos desses países acrescenta um toque trágico à sua situação. A tragédia torna-se a cada ano que passa mais gritante com a morte (por inanição) de vários milhões de pessoas, com indiferença ostentada pelos ocidentais e o aspecto político de que se reveste sua resistência à mudança de um sistema iníquo.

É fácil imaginar até onde pode conduzir-nos uma tal angústia se os governantes políticos não se decidirem a apoiar as negociações globais acerca da cooperação econômica mundial, por meio de um compromisso solene que ponha fim aos subterfúgios e omissões, levando em conta, no todo, a extrema diversidade dos interesses em jogo.

Para conjurar a ameaça da catástrofe que se anuncia, importa certamente determinar o objetivo e o alcance das conversações durante a conferência de cúpula de Cancún, quando deverão ser examinados como itens constantes de um único e mesmo problema global todos os entraves e normas restritivas às atuais relações comerciais internacionais, a insegurança alimentar, o custo elevado do financiamento e todas as outras desigualdades de tratamento e de desenvolvimento de que é vítima o Terceiro Mundo.

Não se deve perder essa oportunidade de proceder a uma avaliação global da aplicabilidade de todas as resoluções relativas à transferência de tecnologia (5ª CNUCED — Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento de Manilha), às negociações comerciais multilaterais, assim como aos compromissos assumidos durante a última conferência mundial sobre alimentação. A experiência revela com efeito que o Ocidente fez pouco caso dessas resoluções, a despeito do estabelecimento de um certo número de mecanismos de intervenção. Será mencionado por outro lado o ritmo extremamente decepcionante dos progressos na concretização do *Programa Integrado* para os produtos básicos.

Essa avaliação não poderia ser sumária, tendo-se em conta a carta dos direitos e deveres econômicos dos Estados e a Declaração e o Programa de ação referentes à nova ordem econômica internacional. A ausência de entusiasmo nas iniciativas que têm sido até aqui tomadas nesse setor só pode causar inquietude. Cite-se a tal respeito a conferência sobre a cooperação econômica internacional iniciada em 16 de dezembro de 1975, em Paris, cujo o retumbante fracasso só fez deixar à mostra as intenções profundas das potências do Ocidente, e a insinceridade do que elas expressaram no diálogo Norte-Sul.

Serão lembradas, ademais, todas as manobras dilatórias, às quais essas potências se apegam toda vez que se trata de ir mais adiante nas negociações e na elaboração dos diversos componentes da nova ordem econômica internacional.

Se todas as esperanças não deixam de ser válidas, nada justifica realmente uma disposição otimista, apesar da satisfação aparente que se desejou colher da reunião ministerial preparatória da conferência de cúpula de Cancún, tanto assim que alguns se empenham em querer encerrar o diálogo Norte-Sul no confronto Leste-Oeste, para melhor se esquivarem às mudanças econômicas necessárias que deveriam ser o fruto das negociações globais no seio da ONU.

Não se pode saber, em definitivo, se a etapa de Cancún irá discerrar os ferrolhos políticos que impedem a elaboração de novas relações entre o Norte e o Sul. Isto equivale a dizer que ninguém pode prever se as mudanças inelutáveis da ordem econômica mundial irão consumar-se num clima de paz ou de luta ferrenha.

A. Zouied é redator de El Moudjahid

Rafael Wassermann

Karachi

Uma estratégia Sul-Sul

Zubeida Mustafá

HÁ sete anos que a Assembléia-Geral da ONU, em sua sexta sessão especial, adotou a Declaração sobre a Nova Ordem Econômica Internacional. Mas hoje essa nova ordem permanece tão impalpável quanto então o era, ao passo que a situação econômica do Terceiro Mundo continua a se deteriorar.

A falta de progresso nesse sentido é explicada pela ausência de uma séria tentativa de atacar as questões centrais que a nova ordem coloca. Negociações fragmentárias foram mantidas na ONU e noutros foruns, sempre conduzindo porém a impasses. A reunião de cúpula no México, contando com algumas das principais nações do mundo, presenciará uma nova tentativa de encetar o diálogo, mas as perspectivas de mudança não se revelam nada convincentes. A relutância de alguns dos maiores países industrializados em entrar em negociações globais, e mais ainda em concordar com a reestruturação da ordem econômica mundial, criou entre as nações em desenvolvimento um desespero generalizado.

Isso é compreensível, pois a situação econômica que os caracteriza vai-se agravando à medida que o tempo passa. O índice de crescimento médio do seu PNB, assim, declinou de 5,6% na década de 60 para 5,3% na de 70, calculando-se que nos anos 80 ele caia ainda mais, para 5,1%. Seus compromissos financeiros externos, por outro lado, ascenderam de 171 bilhões de dólares em 1975 a 403 bilhões em 1980. Já a inflação subiu de 3%, na década de 60, para mais de 10% na de 70.

Tudo indica que as coisas devem piorar ainda mais, caso não se adotem medidas imediatas para interromper o declínio do destino econômico do Terceiro Mundo. Há duas possibilidades de ação que se oferecem ao Sul. Ou bem ele opta por uma aberta confrontação com o Norte, levando de roldão no processo toda a estrutura econômica mundial, ou bem ele trabalha para promover uma maior confiança coletiva num esforço para melhorar suas próprias condições, apesar da falta de cooperação do mundo industrializado.

Como a confrontação seria um suicídio, a própria arte de governar aconselha que o Terceiro Mundo ingresse no que a Comissão Brandt chamou de cooperação Sul-Sul. Embora este seja um dos aspectos básicos do relatório Brandt, ele ainda não recebeu, infelizmente, a atenção que merece. A importância de criar no Sul a confiança coletiva afirma-se em dois sentidos. Isso não só ajudará as nações em desenvolvimento a superarem algumas de suas dificuldades, como também lhes dará o reforço econômico de que precisam para negociarem com o Norte numa posição, se não de igualdade, pelo menos de menor dependência. A lacuna entre o Norte e o Sul pode tornar-se mais estreita se as nações em desenvolvimento reduzirem ao máximo sua excessiva confiança no mundo industrializado, intensificando em vez disso a cooperação bilateral, regional e multilateral dentro do Terceiro Mundo como um grupo.

O Grupo dos 77 já realizou parcialmente algumas das promessas que tal cooperação descortina para seus membros. Contudo, não se adotaram até hoje as medidas concretas capazes de reduzir a dependência que o Terceiro Mundo experimenta em relação aos países industrializados.

Há três áreas identificáveis nas quais o Terceiro Mundo é mais dependente do Norte, mas onde existem as maiores potencialidades para promover-se a autoconfiança do Sul. São elas o comércio, a transferência de tecnologia e os recursos financeiros para o desenvolvimento.

Embora o comércio intragrupal no Terceiro Mundo tenha crescido ao longo dos anos, há chances enormes para expandi-lo ainda mais. Em 1980, as exportações para o mundo industrializado, por parte dos países em desenvolvimento não exportadores de petróleo, constituíram 63% de suas exportações totais, enquanto suas importações vindas de lá chegaram a 62%. Já as exportações e importações desses países entre eles foram respectivamente de 21% e 16% de seu comércio total, e o comércio intragrupal do Terceiro Mundo constituiu apenas 3,6% das exportações mundiais e 5,2% das importações. Obviamente essa tendência pode ser alterada. A evasão de divisas, em forma de pagamentos por embarque e seguros, pode também ser expressivamente reduzida pela cooperação intragrupal.

Com certo número de países em desenvolvimento produzindo agora bens de capital, a complementaridade em seu comércio não é difícil de atingir. O que é preciso é tomar medidas que estimulem o comércio entre as nações do Terceiro Mundo, seja pela assinatura de acordos que liberalizem esse comércio e lhe criem as facilidades devidas, seja pela instituição de um banco de exportações que forneça créditos de apoio aos balanços de pagamentos.

Outra área a ser explorada é a da transferência de tecnologia. Certos países em desenvolvimento já possuem uma tecnologia intermediária que estão em condições de fornecer a outros membros do Terceiro Mundo. Um *pool* de tecnologia terceiro-mundista poderia promover uma transferência adaptada às próprias condições nativas dos países em desenvolvimento interessados nela. Além disso, poderia promover a especialização, a nível regional, de uma tecnologia avançada referente a campos tão diversos como a irrigação e a agricultura, o petróleo e os minérios, os produtos químicos, o transporte e a aeronáutica.

A questão mais importante é porém a mobilização de crédito, dentro do próprio grupo, para o desenvolvimento do Terceiro Mundo. Só em 1980, a OPEP acumulou uma imensa soma de 110 bilhões de dólares como excedentes. Dessa soma, 78 bilhões de dólares foram depositados no sistema bancário ou investidos em forma de obrigações governamentais, dívidas do setor privado e valores líquidos, nos países industrializados. Só 5 bilhões de dólares foram diretamente emprestados, a longo prazo, aos países em desenvolvimento importadores de petróleo, enquanto 15 bilhões lhes eram concedidos, a curto prazo, como crédito para as próprias importações petrolíferas. Outros 5 bilhões de dólares foram cedidos como empréstimos a instituições monetárias internacionais, a maioria controlada pelo Ocidente.

Os petrodólares reciclados para os países industrializados excedem ao que esses Estados estão proporcionando, a título de empréstimos e créditos, geralmente em condições apertadas, ao Terceiro Mundo. Em 1979, o fluxo total de recursos para o Grupo dos 77 (oficial e não oficial) chegou a 82 bilhões de dólares. Desses, 75 bilhões provinham do Ocidente industrializado, cabendo à ODA apenas 22 bilhões de dólares. Uma mudança nas políticas de investimento dos produtores de petróleo pode ajudar a reduzir a dependência que o Terceiro Mundo ainda tem do Norte.

A realização da cooperação Sul-Sul dependerá da criação de novas instituições do Terceiro Mundo, não apenas para ajudar os países em desenvolvimento a formularem uma estratégia conjunta, como proposto pela Comissão Brandt, mas também para proporcionar-lhes a infra-estrutura de que necessitam para promover entre eles um comércio mais amplo e a transferência de tecnologia e recursos.

Zubeida Mustafá é representante do Dawn no Comitê Editorial do Suplemento Mundial Um Só Mundo.

ПОЛИТИКА

Politika/Belgrado

A importância das negociações globais

Miodrag Cabric

A situação econômica internacional é muito desfavorável e, fato ainda mais importante, as chances de que ela melhore não são nada brilhantes. Os efeitos da crise econômica mundial, que não cessa de agravar-se e aprofundar-se, não poupam nenhum país. A situação dos países em desenvolvimento é particularmente difícil. Incapazes de resolver seus problemas com base nos esquemas e fórmulas clássicos, os Estados ocidentais desenvolvidos acham-se atualmente engajados numa verdadeira guerra econômica. Ao mesmo tempo, tomam rigorosas medidas protecionistas que são contrárias aos interesses dos países em desenvolvimento. A estagnação das negociações sobre os principais problemas econômicos internacionais é completa. Ou melhor: os Estados desenvolvidos já não honram os compromissos internacionais que assumiram. Apesar de seus esforços para garantir-se um desenvolvimento autárquico, os países socialistas da Europa Oriental não puderam evitar as reincidências da situação que reina na economia mundial e nas relações econômicas internacionais.

Nessas circunstâncias, a comunidade internacional não dispõe de soluções alternativas para seus problemas econômicos mais agudos. A negociação aparece então, com plena objetividade, como a saída mais digna de crédito, como o confirmou a Conferência Ministerial dos Países não Alinhados, realizada em fevereiro passado em Nova Déli. Qualquer observador objetivo que leve em conta essa irrefutável verdade terá de admitir que as negociações globais, previstas por resolução da 34ª sessão da Assembléia-Geral da ONU, constituem a mais indicada concepção de conjunto até hoje proposta para resolver os problemas econômicos fundamentais do mundo. Tais negociações devem visar "à vantagem mútua, aos interesses comuns e às responsabilidades das partes envolvidas, sempre levando em conta as possibilidades econômicas gerais de cada país".

Um dos pontos fundamentais das negociações globais — a saber que todos os grandes problemas relativos a matérias-primas, energia, comércio, desenvolvimento, moeda e finanças, devem ser resolvidos em sua interdependência — conserva todo o seu valor e atualidade. Dito isso, convém sublinhar que pela primeira vez se insiste na necessidade de negociar todos os problemas da energia, que são vitais para o desenvolvimento e as relações econômicas internacionais. Descartar de cena o petróleo, a ponto de não mais considerá-lo como importante fator econômico e político internacional, de acordo com o que tentam fazer crer certos meios dos países desenvolvidos, não parece pois, ao fim e ao cabo, uma fórmula capaz de ser defendida.

A baixa dos preços do petróleo no mercado livre explica-se tanto pela racionalização e redução do consumo, ou pelo recurso a outras fontes de energia, quanto pela recessão econômica geral, que com maior ou menor intensidade afeta todos os Estados desenvolvidos. Convém constatar também que, longe de ter diminuído sua produção e exportações — o que objetivamente estaria em seu interesse e no dos demais membros da OPEP — o principal exportador de petróleo com destino aos países desenvolvidos na realidade aumentou-as, levando manifestamente em conta os interesses dos últimos. É lícito porém perguntar-se até onde poderão ir os países desenvolvidos com sua política de baixos índices de crescimento do produto social, que inclui entre suas conseqüências o aparecimento de um exército de quase 25 milhões de desempregados. Em pelo menos um dos países desenvolvidos, assistimos às desastrosas reincidências dessa política. E é provável que manifestações do mesmo gênero venham a se alastrar por outros que se encontram em situação análoga.

Isso posto, a lógica econômica nos leva a pensar que, com a retomada das atividades produtivas nos países desenvolvidos e a normalização das relações no seio da OPEP, assistiremos a um novo aumento do consumo de petróleo e a um retorno a relações, se não absolutamente idênticas, pelo menos semelhantes às que até bem recentemente vigoravam entre os principais exportadores e importadores desse produto.

O atual estado do mercado petrolífero, por outro lado, só pode fazer com que cresça, entre todos os países-membros da OPEP, o interesse em ver as negociações globais se abrirem e abarcarem todos os aspectos e todos os problemas da energia.

Tudo isso confirma a necessidade de se tratar a longo prazo e dentro de um contexto geral do abastecimento de petróleo e dos preços do ouro negro, alvo que não pode ser atingido, por ora, senão ao sabor das negociações globais.

Petróleo e finanças

Levanta-se cada vez mais, e com justeza, a questão de uma utilização mais eficaz dos excedentes financeiros de que dispõem certos países exportadores de petróleo. A dar crédito a certas estimativas, eles seriam da ordem dos 150 bilhões de dólares. Esses recursos estão fora do alcance dos países em desenvolvimento, onde poderiam ser empregados de maneira racional para ajudá-los a acelerar seu progresso. Uma solução dentro desse espírito seria vantajosa tanto para os proprietários dos recursos quanto para os países desenvolvidos, que aí talvez encontrassem um importante estímulo para apressar a retomada econômica.

Tal como a situação hoje se configura no mercado de capitais e no domínio monetário, os proprietários desses recursos não estão absolutamente inclinados a se lançarem em transações financeiras arriscadas, o que aliás dá para entender, e essa questão também só pode ser resolvida com as negociações globais.

Que caminho seguir?

A organização das negociações globais traduz a essência das relações entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento, bem como suas respectivas posições nas relações econômicas internacionais e na economia mundial. As diferenças existentes residem no fato de os países em desenvolvimento pretenderem que o principal papel político e de orientação seja confiado à Assembléia-Geral da ONU ou à Conferência criada com esse fim "como instância para a coordenação e a condução das negociações, com a intenção de garantir uma abordagem simultânea, coerente e integral de todos os problemas que delas hão de ser objeto". As negociações detalhadas sobre questões concretas, figurando na ordem-do-dia da Conferência, seriam confiadas a agências especializadas do sistema da ONU.

Os Estados Unidos, aos quais a Alemanha Ocidental e a Grã-Bretanha se juntaram por ocasião da 11ª sessão especial da Assembléia-Geral da ONU, não estão de acordo quanto ao que concerne às relações entre a Conferência, como instância central, e as agências especializadas. Desejam manifestamente preservar e perpetuar a autonomia total do Fundo Monetário Internacional, do Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento e do GATT, no seio dos quais ocupam uma posição monopolista, mesmo que se tornasse indispensável "sacrificar" uma parte dessa autonomia — que de resto não é posta em causa — no interesse da "abordagem simultânea, coerente e integral".

Qual a essência dos desacordos no tocante à energia e às questões monetárias e financeiras? Os países em desenvolvimento insistem na necessidade de vincular umas às outras. Os países em desenvolvimento membros da OPEP acham que todas as questões pendentes no domínio financeiro e monetário devem ser tratadas no contexto das negociações globais. Os países desenvolvidos, importadores do ouro negro, consideram que é preciso negociar quanto aos meios de prever os preços do petróleo e as condições de fornecimento.

Não é difícil concluir portanto que a base de um entendimento válido sobre a abertura das negociações globais só pode ser o conceito político da Resolução 34/138, que foi adotada, ao fim de conversações longas e bastante complexas, na 34ª sessão da Assembléia-Geral da ONU.

Miodrag Cabric é do staff internacional de Politika.

EL PAÍS

Madri

As fissuras Norte-Sul e Leste-Oeste e o diálogo internacional

Eduardo Haro Recglen

APROFUNDARAM-SE recentemente as contradições entre as tentativas que visam estabelecer um diálogo Norte-Sul e o conceito de um mundo dividido em um enfrentamento Leste-Oeste. A eleição de Miterrand na França, vindo após a de Reagan nos Estados Unidos, tornou essa oposição mais radical ainda. Uma primeira manifestação disso foi a declaração franco-mexicana, pela qual os dois países reconheceram a Frente Nacional de Libertação Farabundo Marti e a Frente Democrática Revolucionária de El Salvador como uma força política representativa. Tal declaração surgiu no exato momento em que Washington denunciava a situação de El Salvador como decorrência do "aventureirismo soviético".

Bem além desse conflito particular, os advogados do diálogo Norte-Sul consideram que a instabilidade econômica e social dos países do Sul é uma conseqüência de sua exploração pelos países industrializados. Os conflitos dos países do Sul perpetuam assim a luta de classes a nível internacional, luta essa que não será apaziguada senão por relações mais harmoniosas e igualitárias. Tal posição não é contudo devida à pura generosidade. Seus defensores calculam que a luta de classes a nível internacional, já encetada por intermédio da arma do petróleo e das matérias-primas, pode ter graves repercussões econômicas e sociais sobre os países do Norte.

As opiniões do Presidente Reagan ilustram muito bem a posição oposta, qual seja, que os conflitos econômicos e sociais são diretamente provocados pela URSS e seus satélites (como Cuba na América Latina ou a Líbia na África), representando um ataque frontal que visa corroer o "primeiro mundo". Onde quer que um regime forte acabe com tais conflitos, a paz volta a reinar, a economia se restabelece e a riqueza nacional é redistribuída. A campanha contra a violação dos direitos humanos nesses países é apenas um resultado da propaganda soviética. (E a responsabilidade da França, ou o que é percebido como sua aprovação da influência soviética, é manifesta, pois, embora ela tenha condenado a ocupação soviética do Afeganistão e do Camboja, nunca reconheceu os movimentos de guerrilha que lhe opõem resistência, ao passo que reconhece os guerrilheiros de El Salvador).

Nas atuais circunstâncias, é portanto difícil ver como pode avançar o Diálogo Norte-Sul, e não é fácil esperar resultados positivos da Conferência de Cancún. Enquanto os Estados Unidos não aceitarem o fato de que a agitação social e os movimentos revolucionários do Terceiro Mundo têm sua própria causalidade interna, e que só uma clara correção das injustiças sociais pode impedir a intervenção da URSS, as proposições relativas a uma nova ordem econômica internacional permanecerão como letra morta.

De certa maneira, contudo, os Estados Unidos sempre apoiaram a teoria das "necessidades fundamentais". A oposição entre as duas teses debatidas nos fóruns internacionais do Diálogo Norte-Sul é mais ou menos a seguinte: uns clamam por um sistema, uma ordem internacional, enquanto outros alegam que a satisfação de tais "necessidades fundamentais" só depende de acordos intranacionais. Ou seja: de um lado, um sistema global que implique um maior controle dos ciclos econômicos mundiais por parte das nações periféricas (Johan Gahung), o fim da pilhagem dessas nações pelo centro, e não simplesmente "novas condições para uma divisão internacional do trabalho que ainda é desigual" (Samir Amin). De outro lado, uma melhoria da situação interna de cada nação, implicando melhores condições de justiça social. O Terceiro Mundo estima que essa última proposição é apenas um pretexto para a ingerência nos assuntos internos dos diferentes países, que ela representa uma limitação à sua soberania e só serve para delimitar novos mercados para os países industrializados.

O problema agrava-se continuamente desde que a "doutrina Reagan" foi posta em aplicação com vigor: a escolha dos países que merecem ajuda, e a própria palavra ajuda, lembram um sistema próximo da caridade, ou da recompensa e da punição. Só os países que partilham a visão de um enfrentamento Leste-Oeste têm direito a certo número de bens. O inverso seria o mesmo que subvencionar a subversão. Mas então por que limitar só às nações as punições e recompensas?

Muitos países do Terceiro Mundo e mesmo os do já chamado Quarto Mundo (os que têm pouquíssimas matérias-primas para representar uma ameaça e que ao mesmo tempo são vítimas da atual situação mundial: alta do custo da energia, do preço dos produtos manufaturados etc.) temem que a nova ordem econômica como o projeto das "necessidades fundamentais" inclinem-se a favorecer as elites — tanto as elites internacionais (algumas nações mais que outras) quanto as nacionais (alguns grupos privilegiados, mais que o conjunto da população). E certamente eles não estão enganados quanto a esse ponto.

Quanto mais se tenta simplificar e radicalizar a oposição entre os pólos, as incompatibilidades entre as postulações Norte-Sul e Leste-Oeste, mais se atrasam as eventuais soluções, e a ameaça do futuro cresce a um ritmo uniformemente acelerado. A essa simplificação convinha opor o estabelecimento de um diálogo Norte-Sul-Leste. Mas por ora, e no estado de enfrentamento que perdura, um tal acordo tripolar parece bastante utópico. Resta esperar que no futuro, um dia, ele tome forma. E pode ser que isso ocorra, enfim, sob o peso de acontecimentos que hão de ter um caráter irreversível. Como sempre as classes dirigentes, seja no Leste ou no Oeste, no Norte ou no Sul, não se desapegarão de seu conservadorismo senão no último minuto, e talvez já seja tarde demais.

Cortesia de Le Monde

Eduardo Haro Recglen é crítico de teatro e especialista em Política Internacional.

Entre desiludida e descrente, Inglaterra mantém programa de ajuda às nações mais pobres

Robert Dervel Evans

A Grã-Bretanha será representada na Conferência de Cancún pela Primeira-Ministra Margaret Thatcher. Embora a opinião pública doméstica esteja entre desiludida e pouco entusiasmada sobre aumentos na ajuda aos países do Terceiro Mundo — ponto-de-vista de maneira geral tomado como refletindo a atitude pessoal da Primeira-Ministra — o Governo inglês compromete-se com a política de ajuda contínua e crescente às nações mais pobres.

O Governo inglês acolheu bem o relatório Brandt (Norte-Sul: um programa para a sobrevivência) e aceitou a meta de 0,7% do Produto Nacional Bruto como quantia a ser dedicada anualmente para esse objetivo, mas sem concordar na data para sua implementação. A data dependerá da situação econômica do país e de quando se recupere da recessão.

O programa britânico de ajuda baseia-se no propósito de transformar as economias dos países do Terceiro Mundo no sentido de um desenvolvimento auto-sustentado, capacitando-os a proporcionar os padrões mínimos e internacionalmente aceitáveis de nutrição, saúde, transporte e comunicações, habitação e educação bem como oportunidade de emprego para todos os seus cidadãos, em particular para os pobres das zonas rurais e urbanas.

Por outras palavras, o ponto-de-vista da Grã-Bretanha é no sentido de que a solução dos problemas Norte-Sul está na auto-ajuda por parte dos países pobres e não na caridade por parte das nações mais ricas.

Nesse contexto, a Grã-Bretanha atribuiu grande importância ao comércio internacional, com base no fato de que o fluxo nos dois sentidos entre países desenvolvidos e em desenvolvimento é 35 vezes maior que o fluxo de ajuda através dos canais oficiais. Em 1980, 50% das importações britânicas (totalizando 10 bilhões de libras esterlinas) vieram de países em desenvolvimento. As exportações da Grã-Bretanha para esses mesmos países.

No ano passado foram avaliadas em 10 bilhões 50 milhões de libras. Em comparação com essas somas maciças, os totais desembolsados através dos programas de ajuda, conquanto substanciais, não foram suficientes para melhorar os padrões de vida das grandes massas de suas populações em um nível significativo.

O homem inglês médio é da opinião de que oferecer mais ajuda financeira aos países do chamado Terceiro Mundo equivale a "taxar os pobres nos países ricos para ajudar os ricos nos países pobres". Essa atitude reflete-se na política oficial do Governo de Sua Majestade.

No passado a Grã-Bretanha não deixou de ser generosa com os países mais pobres. Em comparação com a maior parte dos países avançados industrializados, o volume da ajuda tem sido consideravelmente elevado. Os indicadores continuam bons.

Desde 1945, a ajuda oficial total desembolsada elevou-se a cerca de 7 bilhões 731 milhões, o equivalente a 151 libras (320 dólares) para cada homem. Os desembolsos oficiais sob a rubrica de ajuda ao exterior situaram-se na média em 705 milhões de libras anualmente nos quatro anos entre 1976 e 1979. A tendência tem sido de aumento em anos recentes. Em 1979, o total esteve em redor de 941 milhões, dos quais 876 milhões representaram assistência oficial ao desenvolvimento conforme é estabelecida por padrões internacionais, nomeadamente formas de ajuda para o desenvolvimento contendo uma doação concessionária de 25% ou mais.

Para oferecer uma perspectiva mais clara, 68% (438 milhões de libras) do total foram para países membros da Comunidade (*Commonwealth*) sob a forma de ajuda bilateral e, destes, 26 bilhões foram para as poucas colônias inglesas remanescentes, agora, chamadas Territórios Dependentes.

A Grã-Bretanha, segundo maior membro, depois dos Estados Unidos, do grupo do Banco Mundial de instituições, está oficialmente comprometida com o aumento da ajuda para o desenvolvimento dos países mais pobres, mas, dadas as condições atuais dos países e da recessão na economia mundial, com taxas excepcionalmente altas de desemprego no país, é pouco provável que a Senhora Thatcher venha a levar consigo para o México uma promessa de aumentos imediatos na ajuda ao Terceiro Mundo.

Historicamente, o programa de ajuda da Grã-Bretanha começou como parte de um cumprimento de suas responsabilidades para com as antigas colônias, e a maior parte desse programa de ajuda ainda se dirige para estes países, quase todos hoje independentes.

Dentro da comunidade, contudo, a preferência é dada aos países mais pobres, e a maior parte desses é sobrecarregada com a necessidade de pagar altos preços pelo petróleo importado. Não obstante, países da comunidade ricos em óleo, como a Nigéria, ainda são recipientes de ajudas substanciais da Grã-Bretanha, na maior parte sob a forma de assistência, serviços de consultoria, ajudas para a educação, empréstimos reembolsáveis para o desenvolvimento com taxas de juros baixas e em termos favoráveis. Conquanto a maior parte de ajuda britânica ao exterior seja ainda em uma base bilateral, e dirigida para os países mais pobres, a tendência está gradualmente mudando no sentido de maior participação através de agências multilaterais como o Banco Mundial e organizações variadas dentro da Comunidade Econômica européia e a OECD (Organização para a Cooperação Econômica e o Desenvolvimento).

O Comitê de Assistência ao Desenvolvimento da OECD, através do qual o Clube dos Países Ricos das nações industrializadas ocidentais agora canaliza a maior parte da sua ajuda ao desenvolvimento para o Terceiro Mundo, é de longe o maior contribuinte para a ajuda à pobreza e ao subdesenvolvimento dos países pobres. Sua fatia no total dessa ajuda subiu de 66% do total mundial em 1975 para 76% em 1979.

Não apenas os países integrantes do DAC são os maiores fornecedores de ajuda, mas ainda estão oferecendo condições melhores aos países recipientes.

O elemento de *ajuda*, em particular a assistência financeira que não é repagável, situou-se acima de 90% do enorme total de 22 bilhões e 375 milhões de dólares para 1979. Empréstimos ocidentais aos países mais pobres pelos membros do DAC são hoje repagáveis acima da média de 40 anos com uma taxa de juros de apenas 3%

Em alguns casos, os empréstimos a países pobres importados de petróleo têm sido convertidos em ajuda não reembolsável. Cerca de 7 bilhões de dólares de empréstimos pendentes a países em desenvolvimento pelos países integrantes da OECD-DAC foram perdoados assim reduzidos o peso do pagamento do serviço de sua dívida em cerca de 100 milhões de dólares para 1980...

Os recordes dos países do bloco comunista são menos favoráveis. Devido aos termos difíceis solicitados pela União Soviética, menos da metade do total oferecido em ajuda nos últimos 27 anos foi tomada. O total dos desembolsos da URSS e dos países do bloco do Leste em 1979 foi de apenas 1 bilhão 890 milhões de dólares, e a maior parte disso foi para Cuba e o Vietnam. Desembolsos líquidos para outros países em desenvolvimento, como Afeganistão, Nicarágua, Índia, Iraque, Iémen do Sul e Paquistão no mesmo ano totalizaram apenas 280 milhões de dólares.

A contribuição da União Soviética para as agências especializadas das Nações Unidas para assistência ao Terceiro Mundo é minimizada ainda mais pela sua alta taxa de juros e as condições nas quais o dinheiro é gasto. De acordo com um relatório especial da OECD, a Índia estava pagando mais do que recebendo em nova ajuda em 1979. Empréstimos feitos ao Iémen do Sul foram obras portuárias que beneficiariam a Marinha da Rússia no Oceano Índico.

Dois grandes empréstimos soviéticos para o Afeganistão em 1980 fôram para alimentos e bens de consumo em lugar de projetos de desenvolvimento. Entre os beneficiários dos bens importados com esses créditos poderiam se encontrar as forças soviéticas de ocupação.

A OPEP tornou-se agora uma fonte de desenvolvimento financeiro para os países do Terceiro Mundo, mas os indicadores relacionais com os países exportadores de petróleo são desiguais. Depois de uma rápida queda em 1978, o total dos desembolsos concessionários dos países da OPEP aumentou para 5 mil e 200 milhões de dólares em 1979. A queda do Xá foi responsável pelo declínio do nível da ajuda da OPEP aos países mais pobres importadores de petróleo, e o total para 1980 talvez não chegue a 5 bilhões de dólares. A maior parte da ajuda concedida pela Venezuela é sob a forma de créditos para importação de petróleo.

Levando-se em conta que o mais importante resultado da Conferência de 1976 em Vancouver sobre População Mundial e Habitações Urbanas, patrocinada pelas Nações Unidas, foi uma resolução passada pelo voto majoritário de 132 nações lá representadas colocando no mesmo pé, racismo e sionismo, funcionários e o público na Grã-Bretanha não estão esperando resultados mais construtivos em Cancún.

Robert Dervel é correspondente do JORNAL DO BRASIL em Londres.

Os pontos-de-vista do homem no centro da tempestade

DESDE 1974, o ano seguinte ao primeiro dramático aumento no preço do petróleo, o esforço para negociar uma Nova Ordem Econômica Internacional vem sendo um ponto capital nas atividades da ONU. No centro das discussões, não raro tempestuosas, esteve toda uma seqüência de presidentes da Assembléia-Geral dessa instituição.

O que agora está no cargo, Rudiger von Wechmar, da República Federal da Alemanha, é o sétimo a enfrentar a incômoda tarefa de tentar uma concordância entre 150 Governos sobre como fazer com que a economia mundial volte a crescer.

A 34ª Assembléia-Geral da ONU, em 1979, adotou uma resolução (nº 34/138) propondo "um novo ciclo de negociações globais e contínuas sobre a cooperação econômica internacional para o desenvolvimento". A resolução notava que havia necessidade de "iniciativas ousadas e de soluções novas, concretas, abrangentes e globais que fosse além dos esforços limitados".

Os países em desenvolvimento, em particular, sentiam-se frustrados e irados com o progresso relativamente lento das conversações intergovernamentais no campo econômico e desenvolvimentista, que já se arrastavam por anos. Uma reunião das nações não alinhadas em Havana, em setembro de 1979, clamou por um novo ciclo de negociações que abarcasse todos os grandes tópicos pendentes entre os países em desenvolvimento e os desenvolvidos. Julgando que esses tópicos, por estarem interrelacionados, deveriam ser discutidos num só fórum que permitisse interrelacionar igualmente todo o processo decisório, tais nações apresentaram uma solicitação a respeito à Assembléia-Geral da ONU.

O resultado foi a resolução 34/138. Aceita por todos os membros da ONU, ela especifica que as negociações devem incluir todas as grandes questões relativas a matérias-primas, energia, comércio, desenvolvimento, dinheiro e finanças. (Foi a primeira vez que se colocou a "energia" numa agenda intergovernamental como essa.) A resolução também dizia que as negociações deveriam voltar-se para a ação e discutir simultaneamente todas as questões, a fim de "garantir-se uma abordagem coerente e integrada".

A 11ª sessão especial da Assembléia-Geral da ONU (agosto-setembro de 1980) tentou em vão chegar a um consenso sobre os procedimentos a serem adotados para essa conferência única, que poderia durar mais de 12 meses. Um procedimento em três estágios foi então proposto. No estágio I, o problema básico seria delimitado, estabelecendo-se de comum acordo a agenda e os alvos das negociações. No estágio II, os tópicos individuais seriam negociados no âmbito das agências especializadas da ONU. O item comércio caberia então à Conferência sobre Comércio e Desenvolvimento, o item desenvolvimento passaria à competência do Banco Mundial, e assim por diante. As decisões tomadas na esfera dessas agências seriam depois comunicadas à conferência central, para serem incluídas num "pacote de acordos" que todos os Estados-membros seriam instados a fomentar por seu turno.

Mas três países, os Estados Unidos, a República Federal da Alemanha e a Grã-Bretanha, discordaram da idéia, salientando que a estrutura proposta não deixava claro se uma decisão tomada na agência especializada (o FMI, por exemplo) poderia ser mudada ou emendada antes de passar a fazer parte do pacote final de acordos.

Como o compromisso com as negociações globais se viu solapado pela recessão, a inflação e o desemprego em importantes países desenvolvidos, passou a haver um sentimento de urgência cada vez maior por parte das organizações voltadas para a economia do mundo. Uma expressão dessa preocupação será reunião de cúpula Norte-Sul, com 22 países, a realizar-se esta semana em Cancún, no México. Enquanto essa reunião tenta afastar os obstáculos no caminho para as negociações globais, o Embaixador von Wechmar mantém aceso o fogo da ONU, estabelecendo contato com todas as partes e preparando-as para a ação. Suas opiniões sobre o processo, apresentadas abaixo, são um resumo da conferência de imprensa efetuada na esteira de outra reunião de cúpula, em julho, em Ottawa, da qual participaram sete nações industrializadas, vitais para as negociações em pauta.

"Acabo de chegar do México, onde fui recebido pelo Presidente Lopez Portillo e mantive longas conversações com o ministro do Exterior e sua equipe, basicamente sobre o tema das relações Norte-Sul e as negociações globais e sua conexão com a reunião de cúpula de Cancún. No dia de minha partida, foi publicado o comunicado de Ottawa, e não hesito em dizer que estou muito satisfeito com os resultados da reunião lá efetuada. Os sete líderes garantem, nesse comunicado: reafirmamos nossa disposição de explorar todas as vias de consulta e cooperação com os países em desenvolvimento em quaisquer fóruns que a tanto sejam adequados. Estamos prontos a participar de preparativos para um processo mutuamente aceito de negociações globais em circunstâncias que ofereçam as perspectivas de mais progresso". Bem, essa é a primeira vez, creio eu, que essas sete nações industrializadas se manifestam com um compromisso tão evidente, no passado recente, com as negociações globais. Basta olhar o comunicado para ver que 18 de seus 38 parágrafos tratam das relações com os países em desenvolvimento, e isso, a meu ver, é uma evolução bem-vinda".

O próximo passo na ONU

"Temos de atacar ainda o tema das negociações globais, que está na agenda da atual Assembléia-Geral. Penso em convocar uma reunião plenária em setembro, antes ou depois de uma possível reunião da Assembléia e do Conselho de Segurança sobre a Namíbia. Acredito que haverá uma solicitação para transferir o item para a próxima Assembléia-Geral, de modo que no outono próximo as deliberações sobre as negociações globais possam prosseguir. Naturalmente eu estive em contato com os participantes da reunião de Ottawa, após sua conclusão, para apurar se há alguma possibilidade de retomar minhas consultas oom o "grupo de amigos" daqui, e continuo à espera de respostas".

Agenda

Há concordância, agora, sobre 90% da agenda por negociações globais, a qual vem sendo discutida por 30 delegações-chaves na ONU desde setembro de 1980. A discordância quanto aos restantes 10% é contudo vital, pois envolve as questões da energia, do dinheiro e das finanças. A esse respeito, o Embaixador von Wechmar sugeriu uma possível reestruturação da agenda: "Acho que temos de ter em mente que esse resolução, a de nº 138, foi adotada em 1979. As coisas mudaram desde então. Minha opinião pessoal é que o esboço de agenda no qual trabalhamos por tanto tempo precisa ser reestruturado. Cheguei a essa conclusão e apresentarei uma proposta a respeito. A reestruturação é necessária para livrar-nos da seqüência de ítens que estão listados na resolução 138 — matérias-primas, comércio, energia, desenvolvimento, dinheiro e finanças. Acho que temos de olhar para isso sob um ângulo novo, à luz da difícil situação de alguns dos países menos desenvolvidos. Temos de nos reportar, com absoluta prioridade, à questão dos gêneros alimentícios. Talvez queiramos deixar as questões institucionais para os processos a médio ou longo prazo, tendo em mente que a conferência global há de terminar num pacote. Posso dar um exemplo de como as coisas mudaram. Creio que no tempo em que essa resolução foi traçada, e durante minhas consultas, certamente, sob o ítem energia a questão do petróleo era muito importante. Hoje estamos atravessando um período de excesso de petróleo. E isso pode mudar a atitude tanto dos consumidores quanto dos produtores, quando for o caso de descer aos detalhes de uma agenda relativa à questão da energia. Tudo, aliás, pode mudar de novo. O excesso pode desaparecer e surgir outra situação que nos convide a reconsiderar os próprios pontos sobre os quais no passado nós estivemos de acordo. O que quero dizer é que não devemos ficar de mãos amarradas, olhando apenas documentos aprovados em tempos idos, e sim também tentar atualizá-los".

Alimentos

"Na atual estrutura da agenda, os alimentos só aparecem lá pelo meio, e não nas primeiras linhas. O que tenho em mente, e o que creio serei capaz de fazer, é convencer os participantes das negociações a encararem os alimentos como o primeiro item da agenda, a fim de possibilitar uma ação a curto prazo que precisa ser encetada justamente no início, e não no fim das negociações globais. Devemos nos lembrar de que a intenção é fazer de tudo um pacote, mas não para desembrulhá-lo e dividi-lo em insignificantes minúcias. Dando um passo atrás do outro, atacando de início o problema alimentar, creio que cumprimos nosso dever reportando-nos ao problema mais premente no Terceiro Mundo de hoje. Depois de chegarmos ao pacote, aí sim, poderemos começar de imediato a elaborar as minúcias que especificamente se refiram à questão dos gêneros. Na verdade, durante o processo de negociação dos outros itens da agenda, podemos fazer um trabalho preparatório no setor alimentar, para que seu desenvolvimento possa ocorrer tão logo o sinal verde se acenda."

Um compromisso verdadeiro?

Indagado sobre a seriedade do compromisso refletido na reunião de Ottawa, o Embaixador von Wechmar demonstrou-se otimista: "Fui informado por dois participantes que estiveram lá em pessoa de que foram necessárias várias horas para chegar-se a um acordo quanto a alguns dos parágrafos que tratam das relações com o mundo em desenvolvimento. Em particular, foi preciso certo tempo para haver concordância quanto ao texto referente às negociações globais. Tendo em vista esse moroso processo, minha satisfação com o resultado final torna-se ainda maior. Não me lembro de uma só reunião da União Européia Ocidental, da Comunidade Européia ou mesmo da OTAN onde não ocorressem, posteriormente, interpretações ligeiramente diferentes do texto sobre o qual antes já houvera concordância. Assim não me importo muito com a história de como chegamos até isso. Estou pensando é no texto — no texto que já foi aprovado. E espero que os Governos que o assinaram estejam realmente dispostos a cumpri-lo ao pé da letra."

Este artigo foi preparado pela Divisão de Informação Econômica e Social (DESI) do Departamento de Informação Pública das Nações Unidas.

Magyar Nemzet

Budapeste

Participando da corrida

Joszef Martin

A reunião de cúpula no México, um grande encontro dos países desenvolvidos industrializados com os do mundo em desenvolvimento, promete ser um notável acontecimento político do outono. O diálogo Norte-Sul já se desenrola há vários anos, e os líderes presentes a essa reunião pretendem trocar enfoques sobre as possibilidades de minorar os graves problemas com que atualmente se defrontam muitas nações em desenvolvimento.

As diferenças são decerto espantosas: não apenas entre Nova Iorque e, digamos, Bangladesh, no tocante a seus respectivos níveis de desenvolvimento e modos de vida, mas também em relação aos gastos com armas. Na penúltima década do século XX, o mundo vem gastando somas incalculavelmente grandes com armas, enquanto uma considerável parte de sua população mergulha na pobreza e até na miséria mais chocante. Na reunião de preparo à conferência do México, realizada em Berlim Ocidental, um membro da Comissão Brandt, o conservador britânico Edward Heath, tocou num ponto especialmente agudo de advertência: "Se, na década de 80, houver também uma crise de alimentos, a responsabilidade será dos países industrializados." Não faltou quem atacasse o ex-Chefe do Governo britânico por essa observação, assinalando que o progresso nem mesmo seria imaginável sem os esforços internos empreendidos pelos países em foco. Por sua vez, Willy Brandt sublinhou a relação existente entre os gastos com armas e as desgraças que assolam os países do Terceiro Mundo. Segundo ele, uma avaliação feita em quilos, considerando o total da população do Globo, revelaria que há mais armas do que comida no mundo, e isso quando milhões de menores continuavam a morrer de fome, durante o Ano Internacional da Criança.

Um informe do Instituto Internacional de Pesquisas da Paz, de Estocolmo, indica que no ano passado as nações do mundo gastaram mais de 500 bilhões de dólares em armas, ou seja, quase quatro vezes mais do que em 1949. Frank Barnaby, diretor desse Instituto, declarou que o grande perigo é que as armas de destruição em massa estão-se tornando cada vez mais perfeitas e adequadas ao ataque. Com ansiedade, ele se referiu ainda aos espiralantes gastos militares dos Estados Unidos — ao todo, o Pentágono há de investir 158 bilhões de dólares em seus programas deste ano, e já planeja gastar 293 bilhões em 1986. Em 1962, os gastos militares chegaram a 43,8% do orçamento federal norte-americano, ao passo que este ano eles se fixam em cerca de 24%. Caso o superprograma de fortalecimento bélico do Presidente Reagan seja levado a cabo, em três anos essa marca irá além dos 32% do orçamento do país.

Os programas geram contraprogramas, os mísseis geram antimísseis, e a espiral é virtualmente incontível. E essa corrida generalizada também tem repercussões sobre os países do Terceiro Mundo. Segundo as estimativas, a esses cabe uma parte de quase 30% nos gastos armamentícios mundiais. Os apelos da década do desenvolvimento das Nações Unidas só são aceitos de modo bem relutante. O mundo gasta com armas pelo menos o mesmo que destina a objetivos de educação e saúde. As dilacerantes contradições enfrentadas pelos países em desenvolvimento — a fome, a explosão demográfica, a escassez de matérias-primas, a falta de proteção ambiental, o analfabetismo, e assim por diante — são suficientemente conhecidas. É portanto um erro esperar que tudo possa ser resolvido através de recursos externos, ainda que os canais de ajuda fossem totalmente abertos.

Os representantes e os líderes políticos dos países socialistas, entre eles e em primeiro lugar a União Soviética, já assinalaram em muitos fóruns e em repetidas ocasiões que os países interessados não poderão vencer suas dificuldades sem esforços internos, sem reformas válidas e efetivas. A ajuda externa pode complementar, mas não substituir, o trabalho em âmbito nacional. Evidencia-se também que só as demandas razoáveis podem ser satisfeitas, sobretudo porque, durante os últimos anos, uma diferenciação bem profunda vem-se manifestando o crescendo entre os próprios países em desenvolvimento. Os países produtores de petróleo, de fato, passaram à frente, conseguindo obter uma influência inegável e acumulando imensos recursos financeiros. Uma importante questão, ao se avaliar em desenvolvimento, é o tipo de sistema social para o qual eles se estão encaminhando, ou seja, se optam pelo modelo capitalista ou se se acham engajados na realização prática de uma concepção socialista.

As disputas hoje se ramificam muito, abrangendo os dois hemisférios. Dificilmente uma simples troca de enfoques poderia criar, como que por mágica, mesas bem providas para os que estão com fome ou moradias para os que nem mesmo têm um lugar onde dormir. Mas um corte nos gastos armamentícios, ou pelo menos a desaceleração de seu ritmo de crescimento, tem tudo para tornar possível uma liberação de recursos que permita dar às nações necessitadas uma assistência para a realização de reformas de importância vital. É por isso que a corrida às armas continua a ser a questão nº 1 na agenda da política internacional, e essa questão já aponta para a passagem do milênio: da continuação ou do controle da competição bélica dependem não só a sobrevivência física do mundo e a hipótese de uma ordem internacional mais estável, mas também a possibilidade de que as nações necessitadas do mundo em desenvolvimento ataquem seus problemas, que não deveriam ser esses que estão impondo um desafio aos anos derradeiros do século.

Joszef Martin é redator de Política Internacional do Magyar Nemzet.

O que pensam os EUA

Jorge Pontual

O discurso do Secretário de Estado Alexander Haig, em 21 de setembro, pegou a ONU de surpresa. Tratando exclusivamente dos problemas do desenvolvimento, Haig revelou finalmente a tão esperada política do novo Governo de Washington para o Terceiro Mundo, numa prévia do que o Presidente Reagan dirá em Cancún.

A medida do gol diplomático marcado por Haig veio no dia seguinte, quando o Chanceler soviético Andrei Gromyko acusou o Secretário de Estado de estar fugindo ao debate do principal, a confrotação Leste-Oeste. O russo ficou falando sozinho. Sua retórica belicosa de Guerra Fria sugeriu ao colega francês, Claude Cheysson, um *jeu de mots*: "Voilà Monsieur Haig et le Général Gromyko."

O Chanceler brasileiro Ramiro Saraiva Guerreiro também não pôde deixar de tirar o chapéu, já que centrara seu próprio discurso no combate à retórica bipolar, que ameaça pôr em banho-maria o diálogo Norte-Sul.

Haig propôs três áreas para ação imediata:

- *expansão global do comércio*. As negociações do GATT (Acordo Geral de Comércio e Tarifas) em 1982 devem ter "em mente as preocupações especiais do crescimento".
- *aumento no investimento*. O objetivo deve ser "estimular investimento privado doméstico e internacional. Devemos encorajar e apoiar o investidor individual". Haig destacou o papel das instituições multilaterais (como Banco Mundial e FMI) de abrir caminho para o capital privado em investimentos no Terceiro Mundo.
- *cooperação mais forte em alimento e energia*. Deve-se ajudar os países em desenvolvimento a avaliar seus recursos energéticos e determinar como melhor explorá-los. Os EUA continuarão a ser o maior doador mundial de alimentos.

São, obviamente, iniciativas que interessam aos países em desenvolvimento. Mas a política externa brasileira, assim como dos principais países em desenvolvimento, acostumou-se a esperar muito mais do diálogo Norte-Sul.

É fácil ver como as posições se chocam, acompanhando alguns dos princípios que, pela cartilha de Haig, norteiam sua "estratégia para uma nova era de crescimento":

1. "Países desenvolvidos e em desenvolvimento devem enfrentar juntos o desafio de fortalecer o GATT (...) a fim de criar oportunidades *mútuas* de exportação para todos."

O apelo aos países em desenvolvimento para que "abram mais seus mercados' ' — que já absorvem mais de 40% das exportações norte-americanas — não pode ser atendido sem grandes danos internos. Mas, os países desenvolvidos, com problemas de inflação e estagnação, precisam exportar mais, adverte Haig.

A exigência de reciprocidade no comércio, sem ressalvas, quando o próprio texto do GATT já havia incorporado, há anos, a noção de reciprocidade relativa, causa preocupação. Implica em não reconhecer a situação de desvantagem na qual a dependência econômica coloca os países em desenvolvimento.

Em termos concretos: compensaria, para o Brasil, liberar a importação de aviões e minicomputadores que o país já começa a fabricar, para só citar dois exemplos, em troca de menores barreiras para o ferro gusa, as tesouras, o óleo de mamona ou o álcool brasileiros, sobretaxados no mercado dos Estados Unidos?

2. Uma frase de Haig desagradou mais que qualquer outra:

— Temos também de reconhecer que uma estratégia para o crescimento que dependa de um aumento maciço na transferência de recursos, dos países desenvolvidos para aqueles em desenvolvimento, é simplesmente irrealista.

A fórmula "transferência em grande escala de recursos" já foi incorporada às metas do Terceiro Mundo, como resultado da mudança nos fluxos de comércio, capital, ciência e tecnologia, etc, que se pretende alcançar nas negociações globais com o Norte industrializado.

De qualquer forma, é perfeitamente natural que o Norte desenvolvido resista a tais mudanças. E a principal arma de persuasão de que o Sul dispõe é demonstrar que, sem o desenvolvimento das economias do Sul, o Norte não pode resolver seus problemas econômicos; e o principal obstáculo ao desenvolvimento é a hegemonia do Norte dentro do sistema internacional. Não há, no discurso de Haig, qualquer sinal de que isso esteja sendo percebido.

3. Outro ponto preocupante é a insistência em "política doméstica sadia e auto-ajuda" como condição para que os países em desenvolvimento recebem ajuda e tratamento privilegiado dos países desenvolvidos.

"Auto-ajuda" é expressão que lembra a política do Governo Reagan em relação aos bolsões de pobreza nos Estados Unidos: cortar pensões e subsídios que estariam desestimulando os pobres de trabalhar. Vale citar, a propósito, trecho do livro favorito de Reagan, *Wealth and Poverty* (Riqueza e Pobreza), de George Gilder, que o Presidente presenteia aos amigos:

— Para viver bem e escapar da pobreza (os pobres) terão que manter suas famílias unidas a qualquer preço e terão que trabalhar mais duro do que as classes acima deles. Para ter sucesso, os pobres precisam acima de tudo do estímulo (*spur*, espora) da pobreza.

Quanto à "política sadia", remete às medidas recessivas que o Governo brasileiro se viu obrigado a tomar, a partir do segundo semestre do ano passado, para continuar com crédito nos bancos internacionais. Esse aguçamento da dependência é justamente o que o diálogo Norte-Sul visa combater.

4. O ponto mais controverso, porém, é a divisão dos países do Terceiro Mundo (expressão que Haig, aliás, nunca usa) em quatro categorias:

- *mais pobres*, que precisam de ajuda concessional generosa e a longo prazo;
- *intermediários*, ainda muito pobres mas que exportam matérias-primas;
- *mais avançados*, com boa performance industrial;
- com superávit de capital, *ou seja, exportadores de petróleo*.

O objetivo da divisão é claramente político, pois Haig cobra dos dois últimos grupos de países um papel-chave na ajuda aos menos desenvolvidos. Além do objetivo óbvio de dividir os países do Sul para enfraquecer sua capacidade de negociação, a categorização serve para penalizar mais facilmente os países de melhor performance exportadora, a fim de lhes negar as concessões comerciais, financeiras, científicas e tecnológicas que venham a ser feitas aos países do Sul.

Um país como o Brasil, pelos desequilíbrios regionais, poderia ser parcialmente incluído nas categorias de muito pobre, mediano e mais avançado. Mas, oito dias após o discurso de Haig, o Brasil seria descrito no Banco Mundial como NIC (País Recém-Industrializado), apto portanto a ser "graduado", ou seja, excluído dos empréstimos a juros fixos para projetos sociais e de infra-estrutura. Disse o Presidente do Banco Mundial, Alden Clausen, que o Brasil não continuará como maior receptor de empréstimos a juros fixos do Banco, por ser "país que continua a prosperar e tem um bom acesso ao mercado financeiro privado".

■

Se fosse o caso de dividir o Sul, por que não dividir também o Norte e cobrar maior responsabilidade dos países superdesenvolvidos, como os Estados Unidos? É bom lembrar que o percentual do PNB dos EUA destinado à ajuda externa foi de apenas 0,20% em 1979 e continuou caindo, situando os EUA, em termos relativos, em 15º lugar entre os países desenvolvidos que ajudam o Terceiro Mundo. Em termos absolutos, é verdade, essa verba de ajuda é muito superior às dos outros países do Norte. Mas poderia ser maior.

Essa verba seria ainda menor, deve-se reconhecer, se Haig não tivesse bloqueado a proposta do Diretor de Orçamento, David Stockman, de cortar 35% no total que Carter havia pedido ao Congresso para 1982. O corte ficou em 25%, ou 1 bilhão e 700 milhões de dólares. O Departamento de Estado usou, como argumento, o interesse dos Estados Unidos em manter a ajuda econômica.

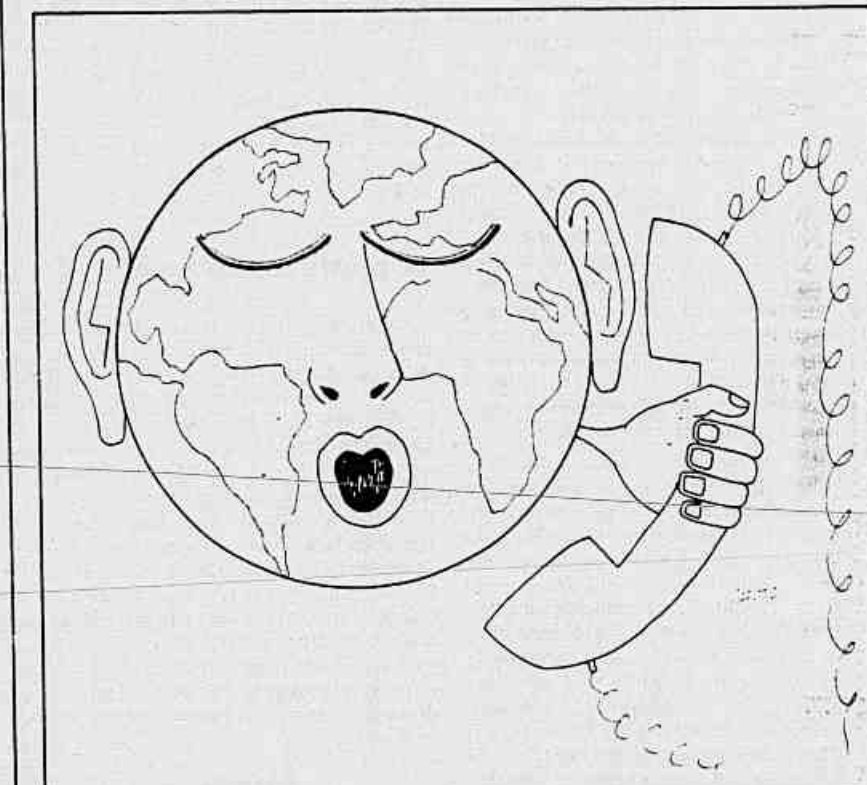
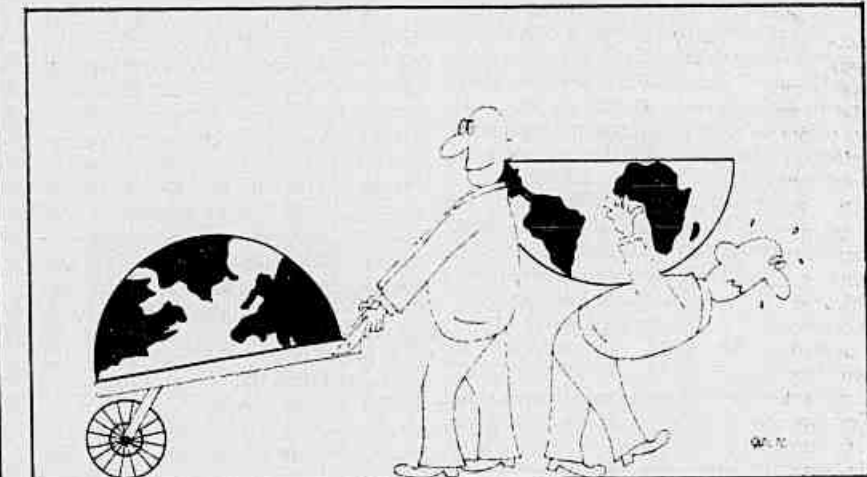
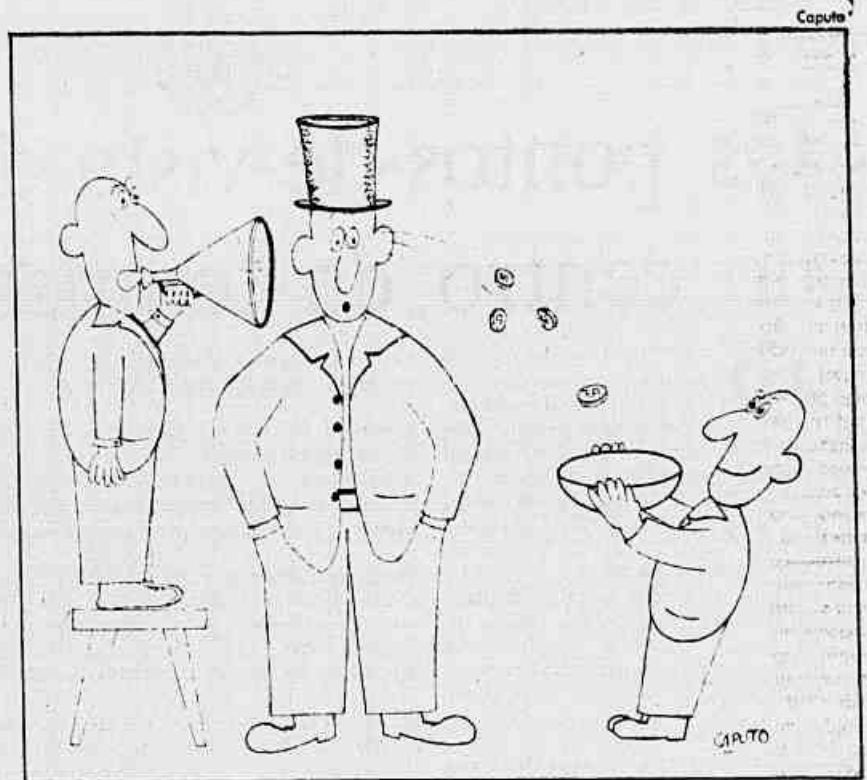
Segundo estudo da Brookings Institution sobre o Orçamento de 1982, o desenvolvimento econômico do Terceiro Mundo significa maiores mercados no futuro para as exportações dos EUA, que já vendem mais para os países em desenvolvimento do que a Europa e o Japão juntos. Estas exportações dão quase 2 milhões de empregos para os americanos. Se os países em desenvolvimento estagnarem, isso terá uma influência depressiva na economia dos EUA.

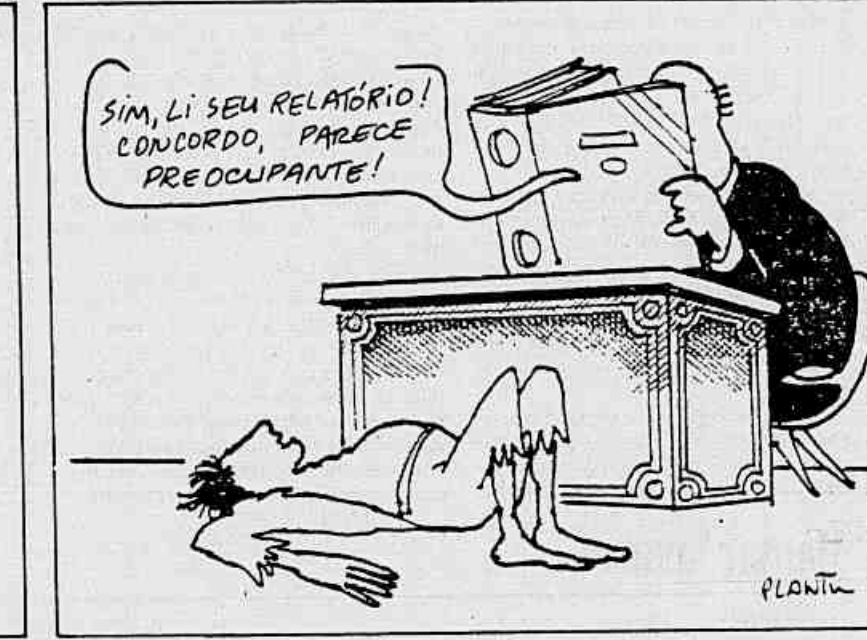
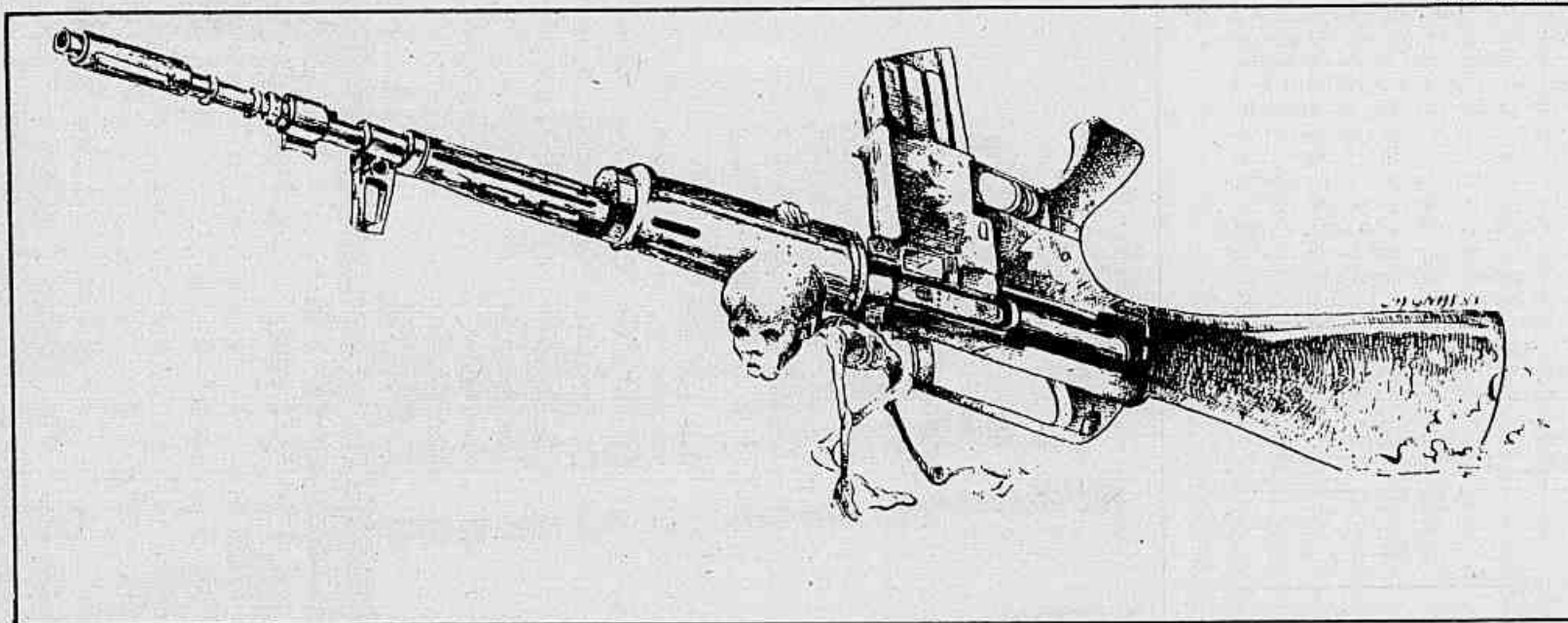
Este fato não parece merecer maior atenção do Governo Reagan. Ao discursar na abertura da reunião anual do Banco Mundial, o Presidente Reagan disse que "nenhuma contribuição americana pode fazer mais pelo desenvolvimento do que uma economia dos EUA próspera e em crescimento. As políticas domésticas dos países em desenvolvimento são, do mesmo modo, a contribuição mais crítica que eles podem dar ao desenvolvimento. A não ser que uma nação ponha sua casa financeira e econômica em ordem, nenhuma quantidade de ajuda produzirá progresso". Reagan exaltou "a magia do mercado".

As declarações mais "brandas" de Haig ou mais "radicais", de Reagan, definiram claramente as posições que os Estados Unidos vão levar à reunião de Cancún. Não revelam disposição de aceitar as negociações globais, na ONU, reivindicadas pelo Sul. A doutrina que defendem é a de privilegiar o sistema financeiro privado como fonte de recursos para o desenvolvimento, sem atentar para o impasse a que se chegou, nessa área (entre outros motivos, devido às altas taxas de juros decorrentes da própria política econômica de Reagan).

Como se podia esperar, as propostas dos Estados Unidos não pretendem mudar nada de essencial na estrutura do relacionamento Norte-Sul, mas reforçá-la. Afinal, seria imensa ingenuidade esperar que tais mudanças venham de cima para baixo.

Jorge Pontual é editor de Política Internacional do JORNAL DO BRASIL.

Caputo

Cortesia de Le Monde

Cortesia de Le Monde

Helmut Schmidt
A responsabilidade dos países em desenvolvimento

William Waack

O Chanceler Helmut Schmidt seguramente tomaria a palavra para distribuir lições a todo o mundo. O Chefe de Governo alemão não é só um dos mais antigos em serviço entre os que foram convidados a participar da Conferência Norte-Sul de Cancún, esta semana. Schmidt acha que tem idéias muito precisas de como resolver os problemas entre países ricos e pobres, e não pouparia críticas a ninguém — principalmente aos subdesenvolvidos. Desde terça-feira passada num hospital militar em Koblenz, onde foi implantado um marcapasso no seu coração, Schmidt não pode ir ao México, mas praticamente já sabe o que de concreto será acertado pelos mais altos representantes de 22 países: nada. Ao mesmo tempo que chefia um dos governos que está bancando a Conferência Norte-Sul de Cancún, o Chanceler alemão não faz segredos da pouca esperança que deposita em muito discurso e conversa. Bastante tempo antes de a conferência começar, Schmidt já havia irritado profundamente seu colega de Partido e presidente da comissão que propôs a idéia de um encontro de cúpula entre os chefes de Governo dos países industrializados, dos produtores de petróleo, das potências emergentes e dos subdesenvolvidos: Willy Brandt. Schmidt disse várias vezes que a reunião seria uma excelente ocasião para se trocar idéias, mas que não se esperasse grandes resultados: "a conferência é boa porque não temos obrigação de acertar nada", disse o Chanceler. Willy Brandt não vai a Cancún. Pode parecer estranho que o pai da idéia não esteja no México para ver o que acontecerá com suas propostas, mas o Governo alemão não tem lugar em sua delegação para o presidente do SPD e da Internacional Socialista — duas forças que tiveram muita participação na fase inicial de preparação da conferência. A razão principal da ausência de Brandt não é só formal, conforme tentou justificar o porta-voz do Governo alemão, Kurt Becker (ficou combinado que as delegações só teriam membros oficiais dos governos).

Na verdade, o Chanceler Helmut Schmidt e seu Ministro das Relações Exteriores, Hans-Dietrich Genscher, que irá representá-lo no México, não compartilham as mesmas idéias e, principalmente, o forte engajamento de Brandt no diálogo Norte-Sul. "Eu não tenho lugar na estratégia de nosso Ministério das Relações Exteriores", afirmou Brandt à revista *Spiegel*. "Pena é que tantos países do Terceiro Mundo pensem que eu esteja mais próximo do meu Governo do que realmente estou." De fato, a leitura mais atenta de jornais alemães nos últimos meses teria retirado dos outros Chefes de Governo que vão a Cancún qualquer ilusão sobre a verdadeira influência de Brandt e sua comissão Norte-Sul sobre a filosofia e, mais ainda, sobre as decisões do Governo alemão no que tange ao perigoso desenvolvimento das relações entre ricos e subdesenvolvidos. As disputas entre Brandt e Schmidt sobre a melhor maneira de sair do atoleiro Norte-Sul são públicas e notórias, e atingiram seu ponto mais alto até agora durante uma reunião da própria comissão presidida por Brandt, em Berlim, no começo deste ano. Famoso por suas tiradas nem sempre simpáticas e também pela persistência com que defende seus próprios pontos-de-vista (um dos apelidos de Schmidt é *sargentão*), o Chefe de Governo alemão deixou os honoráveis membros da Comissão Brandt com os cabelos em pé, pela facilidade com que reduziu a papel velhos as sugestões contidas no relatório de dois anos de estudos e trabalho. Schmidt nada tem contra as propostas de melhorar a situação de abastecimento nos cinturões da fome e da miséria na África, Ásia e América Latina, mas, quando a conversa passar a ser sobre "transferência dos recursos dos países industrializados aos subdesenvolvidos", ou quando são exigidos mais sacrifícios financeiros por parte dos ricos, aí o Chefe de Governo alemão perde rapidamente a paciência e passa a ditar a seus interlocutores os resultados de suas próprias reflexões sobre as causas das disparidades de nível de vida entre Norte e Sul.

Em quase todos os casos as barreiras internas ao desenvolvimento estão nas taxas muito elevadas de crescimento populacional", diz Schmidt em um comentário que fez por escrito sobre o relatório da Comissão Brandt. A outra causa fundamental dos problemas, segundo o Chefe do Governo alemão, são as duas últimas explosões nos preços de petróleo. "A ajuda para o desenvolvimento concedida pelos países industrializados em 1980 não foi suficiente sequer para cobrir o aumento anual das contas de petróleo dos países em desenvolvimento", disse Schmidt. O Chanceler alemão praticamente alterou o centro de gravidade do Relatório Brandt ao situar nos ombros dos países subdesenvolvidos uma parcela bem maior de responsabilidade na solução dos problemas do que a atribuída pela Comissão Norte-Sul. Schmidt não perde de vista a (para seu país vital) confrontação Leste-Oeste e não se esquece nunca de afirmar que somente a ajuda ao desenvolvimento concedida por seu país já supera os meios colocados à disposição dos pobres por todos os estados socialistas juntos, mas ele acha que nada pode ser feito se os países subdesenvolvidos e — principalmente — os da OPEP não mudarem de comportamento. "No caso de sua política populacional, nenhum dos países em desenvolvimento pode furtar-se à própria responsabilidade. O crescimento da população nos países em desenvolvimento é o maior desafio de nossa época, e o problema central para os países em desenvolvimento. A explosão populacional ameaça a segurança da alimentação e do emprego, e leva a problemas urbanos sem solução", escreveu Schmidt. Fiel aos seus princípios, o Chefe de Governo alemão já conversou pelo menos duas vezes com o Papa João Paulo II sobre a posição da Igreja frente ao controle da população, a última delas pouco depois do atentado de maio ao Sumo Pontífice. Além disso, Schmidt acha que a "iniciativa própria e a responsabilidade própria" dos países em desenvolvimento no campo do abastecimento de gêneros alimentícios tem um lugar destacado em qualquer estratégia global "muitos governos desses países não dão o necessário peso ao desenvolvimento agrícola e rural", queixou-se Schmidt. O terceiro componente das idéias precisas que Schmidt tem sobre a solução dos problemas entre países industrializados e subdesenvolvidos envolve a decidida participação dos produtores de petróleo. O Chefe do Governo alemão faz as contas: a balança comercial dos países em desenvolvimento que importam petróleo acusou um déficit de 69 bilhões de dólares em 1981, enquanto os países da OPEP apresentaram um superavit de 100 a 120 bilhões de dólares."Esses países têm de ajudar aos outros com créditos e reforço financeiro", concluiu Schmidt. Em resumo: o Chanceler alemão quer que os países em desenvolvimento controlem o crescimento populacional, desenvolvam sua agricultura e recebam bons créditos da OPEP. O mundo industrializado naturalmente colaboraria dentro do possível, com ajuda técnica, transferência de tecnologia dentro dos padrões internacionais vigentes e, é óbvio, contribuições oficiais. Mas há ainda outro elemento importante na "estratégia" de Schmidt: a iniciativa privada.

— Sabemos pela experiência do passado que a transferência de recursos oficiais dos países industrializados aos em desenvolvimento só pode contribuir de maneira relativamente modesta ao desenvolvimento dos países pobres. Importantes são os investimentos privados, que são ao mesmo tempo o instrumento mais efetivo de transferência de tecnologia. Mas isto supõe a criação de um clima favorável aos investimentos — afirmou Schmidt. O Governo alemão não vê nenhum paradoxo no fato de que a ajuda "oficial" (isto é, a condições normalmente abaixo das vigentes no mercado, e nem sempre visando ao lucro) é somada nas estatísticas à "ajuda" privada, que raramente oferece vantagens abaixo do padrão do mercado internacional e praticamente jamais perde de vista seu objetivo de produzir rendimentos. Sozinho, o Governo alemão gastou 6,1 bilhões de marcos com a ajuda ao desenvolvimento em 1979. Somando a "ajuda ao desenvolvimento privado", esse volume atingiu o total de 13,4 bilhões de marcos, ou 0,95% do PNB alemão, portanto bem próximo ao montante ideal de ajuda fixada pelas Nações Unidas.

Não só por isso o Chanceler Schmidt acha que seu Governo pode falar com a consciência tranqüila em Canún. Projetos como o do Acordo Nuclear Brasil-Alemanha têm caráter de modelo em Bonn em termos de cooperação entre industrializados e países em desenvolvimento e servem também de álibi quando a Alemanha quer comprovar sua boa vontade ao transferir tecnologia. Mas há outros pontos ainda que Schmidt gostaria de demonstrar, principalmente aos países que ele considera "radicais" no Diálogo Norte-Sul (o Brasil não entra nessa categoria para Schmidt, até pelo contrário): a Alemanha é uma decidida partidária do livre comércio internacional, e combate, sempre que puder, barreiras alfandegárias e o satânico protecionismo, costuma afirmar o Chefe de Governo alemão. Talvez por isso Schmidt tenha deixado de lado as recomendações no Relatório Brandt para que os países industriais reduzam as barreiras impostas à importação de bens manufaturados dos países em desenvolvimento. Ao contrário: Schmidt até mesmo devolve a bola aos países mais pobres, afirmando que a integração dos países em desenvolvimento na divisão internacional do trabalho (ou seja, ao grau de industrialização permitido em alguns casos) "coloca os países industrializados diante de problemas de adaptação estrutural que não são solucionáveis de hoje para amanhã". Quer dizer, os produtos baratos fabricados nos países em desenvolvimento ameaçam empregos também na Europa.

Schmidt simplesmente ignorou as sugestões, feitas por Brandt, para que se regulem os preços de matérias-primas, para que se aumente a participação dos países em desenvolvimento na exploração de seus próprios recursos naturais, para que se aumente a participação dos países em desenvolvimento em instituições como o Fundo Monetário Internacional ou o Banco Mundial e para a elaboração de normas internacionais que regulem a atividade de empresas transnacionais e a transferência de tecnologia. A criação de uma nova instituição creditícia internacional para financiar programas de desenvolvimento também não mereceu maior atenção por parte do Chanceler. Tudo o que possa assemelhar-se a "dirigismo" nas relações econômicas internacionais é muito mal visto nos gabinetes oficiais em Bonn. Não era de se estranhar, portanto, que Schmidt tivesse desautorizado de saída a própria Conferência Norte-Sul. Ainda no Relatório Brandt, um dos objetivos que se propõe no encontro de cúpula é a discussão de um programa mínimo de ação, a ser aplicado imediatamente, abrangendo quatro pontos: transferência de recursos financeiros para o Terceiro Mundo, uma nova estratégia energética internacional, um programa de alimentação mundial e a reforma do sistema monetário internacional. O Chanceler preferiu situar a conferência ao nível do não compromisso e, nesse sentido, talvez não se arrependerá de ter de ficar em casa. Se não há mesmo quase nada a fazer em Cancún, também não há nada a temer.

William Waack é correspondente do JORNAL DO BRASIL em Bonn.

JORNAL DO BRASIL — Não pode ser vendida separadamente — Ano 6 — Nº 287

Domingo

ESTILO JEANS

Preocupado com cigarro?

Tanto tem se falado e escrito sobre cigarro, que você deve andar preocupado.

Que fazer?

Mas digamos que você goste tanto de fumar, mas tanto mesmo, que vive sonhando com um cigarro para continuar com este prazer.

Aí você também pergunta: Que fazer?

A resposta mais convincente é o novo Century.

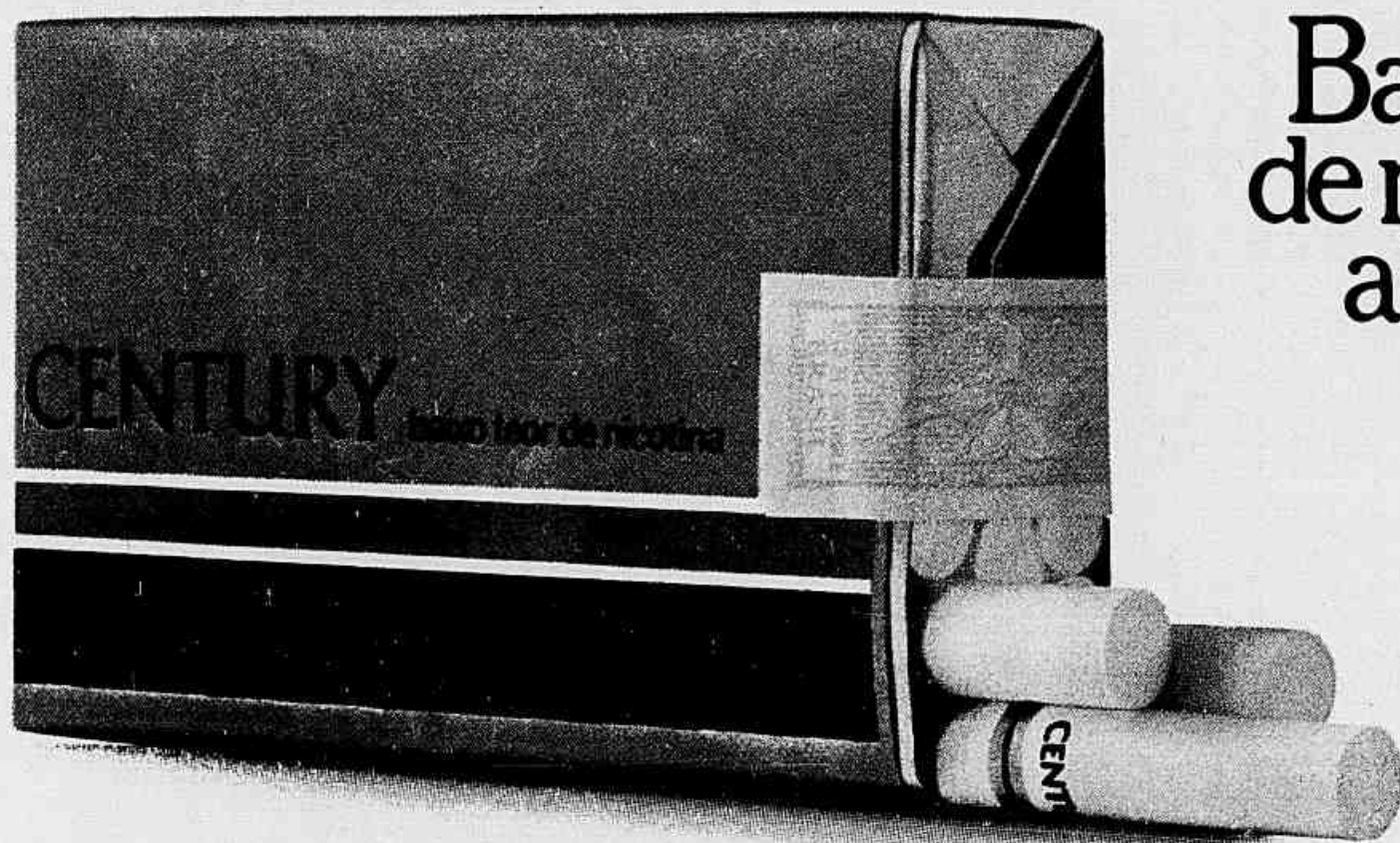
Century fez o que você talvez gostaria de ter feito há muito tempo:

Jogou lá embaixo a nicotina e o alcatrão, mas não acabou com seu prazer de fumar.

Century conseguiu isto graças a uma seleção de fumos do mais alto grau de pureza e suavidade.

E graças, também, ao seu filtro High Air Dilution, de eficiência comprovada no mundo inteiro.

Não é este o cigarro que você anda procurando?

Pense nisto.

Baixo teor de nicotina e alcatrão.

R.J. Reynolds Tabacos do Brasil Ltd.

Caio

JORNAL DO BRASIL
Domingo
Rio, 18-10-81, ano 6 — Nº 287

Quem

Herdeiras de famas

Mal saídas da infância, acabam de estrear uma peça infantil, *Parabéns pra Você*, criação coletiva de um grupo com idade média de 20 anos. No Teatro Cândido Mendes, desde ontem — a peça é levada aos sábados e domingos às 16h30m — Alice de Andrade, 17 anos, e Isabel Gilberto de Oliveira, Bebel, como gosta de ser chamada, 15 anos, interpretam mãe e filha, respectivamente, e tentam uma carreira independente dos pais famosos. Alice, filha do cineasta Joaquim Pedro ("Sou *tiete* do meu pai. Ele é um gênio"), acostumou-se desde cedo com as câmaras cinematográficas e fez figuração em vários filmes. Bebel, filha de João Gilberto e Miucha, afirma que aprendeu a cantar *A Banda* antes de falar qualquer coisa e já participou de discos dos pais, do tio Chico Buarque, além de ter sido uma das crianças da peça *Os Saltimbancos*: "Foi quando descobri o teatro", diz de maneira viva. Alice, no segundo ano do segundo grau, iniciou sua carreira no Tablado e apresentou-se, depois, em praças públicas. Até se inscrever, no Curso do Asdrúbal: "Agora, em *Parabéns pra Você*, a gente brinca não só com as crianças como com as mães." Afirmando adorar cinema, prefere no momento fazer teatro: "É mais imediato. A gente *transa* de acordo com o que está sentindo na hora." (MLR) ■

EVANDRO TEIXEIRA

Bebel Gilberto e Alice Andrade, "brincando com crianças e mães"

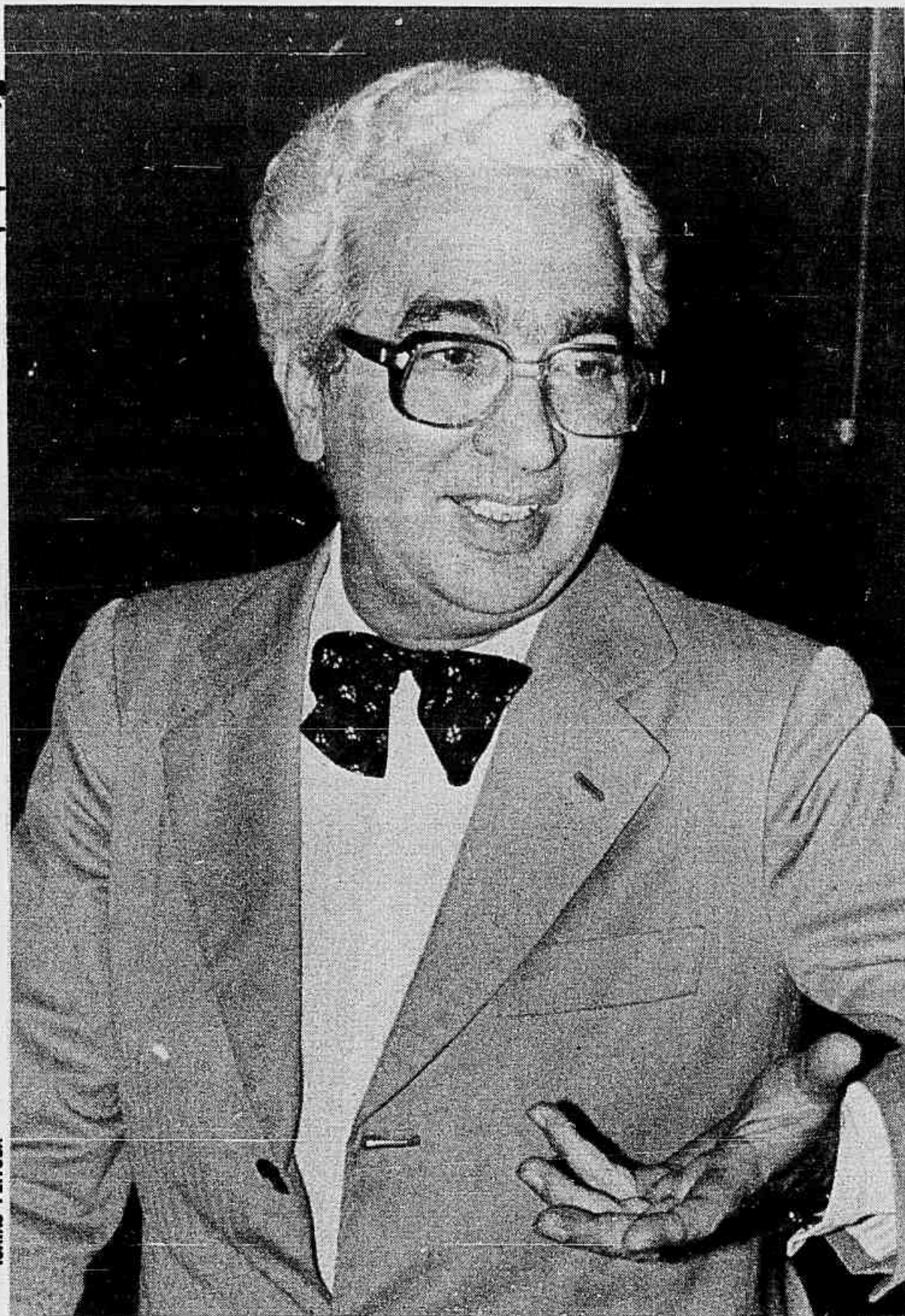
CAPA — Variações em *jeans*, foto de Geraldo Viola, produção de Iesa Rodrigues

Impresso na JBIG

Caminho de volta

Hoje Ramón Mosquera Lopez, galego de Vigo, 52 anos, está encerrando um projeto acalentado com carinho há muitos anos: trazer a sua Rodeio, a mais ilustre churrascaria de São Paulo, ao Copacabana Palace. "Ele é o símbolo da hotelaria brasileira, ele sintetiza a comida brasileira feita com criatividade. Hoje é impossível fazer um projeto semelhante ao Copacabana Palace, pois não existe dinheiro que pague sua suntuosidade. Qualquer hotel do Rio é lixo diante dele, como espetáculo."

Ramón começou a sonhar com o Copacabana já nos idos de 50, quando não passava de um faxineiro recém-chegado da Espanha, trabalhando numa casa da rua do Catete. Um pouco depois, empregado do *French Can Can*, em Copacabana, Ramón passava em frente ao Copa e sentia calafrios: "Era ele e a Carmem Miranda. E eu não queria ser um mero garçon daquele santuário de *gourmets*".

ISAÍAS FEITOSA

Ramón Mosquera, "dias paulistas no Copa"

A carreira progrediu lenta e gradualmente, empurrada por trabalho árduo: *Club 36, Vogue*, finalmente, o *Michel* de São Paulo. Em São Paulo, Ramón inaugurou e fechou uma série de casas — *Ramon's Bar, Captain's Bar, Canto do Galeto, Taí* — até que dificuldades financeiras o levaram de novo, em 66, ao papel de garçom, no *Le Bistrô* carioca. Em 72 estava de volta a São Paulo e à *Rodeio*, onde já trabalhara, entre 59 e 64, para ficar. Hoje gerente geral da casa, Ramón se diz contente em poder ter colaborado com José Hugo Celidônio na temporada de churrascos que levaram à pérgola do Copa — onde chegou, finalmente, não mais como mero garçom, mas como um verdadeiro *connoisseur*, um *showman* do churrasco. (ALBERTO BEUTTENMULLER) ■

Criadas nas capitais

Ítala Nandi e Dina Sfat, "resultado de insistências"

As duas embarcam, responsáveis pela cena e pela receita, repousando em sólidos trunfos, — a experiência empresarial de Ítala, diretora de filmes, e a estrondosa repercussão da entrevista de Dina à revista *Veja*, há um mês. Do filme de Ítala, *In Vino Veritas*, muito se falou em Gramado. Das confissões e esperanças de Dina, muito se falará ainda durante todo o verão, do qual ela passou a ser uma das musas, após a cruzada que inadvertidamente iniciou: pelo carinhoso amor de homens e mulheres. Com esta bagagem, a Sfat Empreendimentos Culturais e Artísticos Ltda. monta nesta quinta-feira em Brasília, no Teatro Villa-Lobos, *As Criadas*, de Jean Genet. Com o halo sedutor que atualmente cerca Dina Sfat ("fiz mais sucesso que novela das oito") a viagem resultou da insistência dos teatros em Brasília, Salvador, Curitiba e São Paulo. As Capitais querem em ver de perto o assunto quente do verão carioca. (RM) ■

Picasso no restaurante

Acontecimento pioneiro em todo o mundo", disse o diretor de Política Cultural da UNESCO, Bol Bouth, de passagem por São Paulo, ao visitar no Spazio Pirandello, da capital paulista, a exposição de obras de Picasso organizada pelos proprietários do restaurante, o ator Antonio Maschio e o jornalista Wladimir Soares. A mostra, inaugurada no final do mês passado e que se encerra hoje, tem como grande atração duas gravuras originais do pintor — *La Vedeta*, de 1925, e um desenho de 1956 — e uma série de oito cerâmicas que Maschio e Wladimir classificam como "os trabalhos de Picasso mais difíceis de encontrar no Brasil".

FOTOS FERNANDO PEREIRA

Antônio Maschio e seu Spazio Pirandello, "cerâmicas difíceis de ser encontradas no Brasil"

"Cem Anos de Picasso" — o nome da exposição — revelou ao público também a *Suite Vollard* — reproduções inglesas de estudos que Picasso fez para 12 quadros, editadas em livro — 18 litogravuras assinadas na pedra, 21 *posters*, o *Retrato de Jacqueline* — reprodução editada pelo Museu de Barcelona de um óleo de 1957 — 25 reproduções inglesas de cenários e figurinos para o *Ballet de La Tricorne*, apresentado em Paris no ano de 1919, e uma bandeira do Festival Mundial da Juventude e Estudantes pela Paz, realizado em Berlim em 1951, com a famosa Pomba da Paz. Estiveram à venda, na exposição, trabalhos em torno da figura do pintor, encomendados por Maschio e Wladimir aos cartunistas Zélio, Paulo Caruso, Jota e Alcy e ao pintor Agostinho Gisé. (IZILDA ALVES, São Paulo) ■

Faye Dunaway, "sem os exageros de Crawford"

Igual só por fora

Provavelmente não houve até hoje vingança maior do que a de Christine Crawford sobre sua mãe adotiva, a superestrela Joan Crawford. Submetida a vexames durante as quase duas décadas que viveu sob a tutela da atriz, Christine escreveu a biografia de Joan a seu modo: revelando o pior lado. E o livro, após ter ficado 42 semanas consecutivas no topo da lista de *best sellers* norte-americanos, transformou-se no filme homônimo, *Mommie Dearest (Mamãezinha Querida)*, cujo papel-título foi entregue a Faye Dunaway.

A transformação da louríssima Dunaway na morena e megera Crawford impressionou a todos, principalmente ao fotógrafo George Hurrel, que ajudou a construir o mito Crawford nos anos 40 com seu trabalho de lente. "Ela chega a ser mais Joan do que a própria Joan", exclamou Hurrel sobre o desempenho e o porte de Dunaway. Decerto será no mínimo intrigante ver Dunaway recriando situações que deram notoriedade a Joan como a mais malvada e pérfida de todas as mães de Hollywood.

Considerando-se a narrativa do livro, o filme promete. Enfim, o que se poderia esperar da biografia de uma mulher que consumia litros de vodca 100% nos seus últimos 30 anos de vida; que mandou seu único filho homem, adotivo, ao reformatório, por sentir-se aborrecida com sua presença; que exigia que sua filha Christine vestisse um avental de garçonete e servisse drinques aos amantes que recebia em roupas íntimas; que, invariavelmente, trancava toda a prole nos armários da casa, em retaliação por alguma travessura. "Joan procurou ser muitas coisas para os outros", disse recentemente a atriz Helen Hayes, contemporânea de Crawford, "bem podia ter decidido nunca ser mãe de ninguém".

Inimigos choverão aos montes para Faye Dunaway, por mais que ela nada se assemelhe à viloa que encarna na tela. É fato que a ex-estrela de *Chinatown* nada tem a ver com a ex-presidente do conselho diretor da Pepsi-Cola, que morreu em 1977 de câncer. Pelo menos não há registro de qualquer coisa que se compare às exigências de Joan. Sabe-se que, por exemplo, Crawford exigia dos filhos boas maneiras "como se estivessem na Corte inglesa, com reverências e curvaturas". A maior das cortesias, contudo, reservava a si própria. Ela os obrigava a dizer, com sentimento, um carinhoso "boa-noite, mãe querida, eu te amo". (JOSÉ EMILIO RONDEAU) ■

Tradução alugada

Um grupo de tradutores que funciona como uma empresa, — foi a idéia que Maria de Lourdes Magalhães e Márcia do Amaral Peixoto Martins tiveram quando perceberam que o trabalho como autônomas — conheceram-se na faculdade quando faziam o curso de tradutor-intérprete — carecia de organização e centralização. Há seis anos, com a Intra — Intérpretes e Tradutores Associados — prestam serviços de tradução e versão para firmas, profissionais liberais e pessoas físicas. Com um quadro de 100 tradutores autônomos cadastrados, que traduzem além dos convencionais francês, inglês e alemão línguas como flamengo, chinês e

Maria e Márcia, "já aconteceu com

CYNTHIA BRITO

Jacques Monteiro, "rios em baixa"

Retoques difíceis

Quando o maquilador brasileiro Jacques Monteiro foi convidado por Jorge Sloizer para fazer parte da equipe do filme *Fritzcarraldo*, atribulado épico tropical do diretor alemão Werner Herzog, pensava deixar seu quartel-general carioca por apenas uma semana, na amazônia brasileira. Contudo, por contratempos da natureza e alguma dose de confusão, Jacques ficou seis meses na selva. Tanto melhor: seu trabalho com Herzog e as estrelas do filme — o *rolling-stone* de férias Mick Jagger e Cláudia Cardinalle — serviu para engordar um currículo já invejável.

No ofício desde os 14 anos, quando integrou a equipe de *A Noite do Espantalho*, Jacques, quase uma década mais tarde, participou de 26 longas, como *Ajuricaba, A Dama do Lotação, Dona Flor e Seus Dois Maridos, Amor Bandido, Lição de Amor* e *Na Boca do Mundo*. Mas nenhuma outra produção se compara à de *Fritzcarraldo*, pelo menos em termos de dificuldade de execução. Jacques trabalhou, sob condições péssimas — o centro civilizado mais próximo ficava a quatro horas por avião. E, no inverno, as cordilheiras congelam e o nível dos rios baixa tremendamente. Como rios eram imprescindíveis à produção, as filmagens esticaram para muito além do previsto.

Fritzcarraldo é a história de um inglês, Fitzgerald, cujo maior sonho, em pleno Peru de 1916, é abrir uma casa de ópera com Caruso e Sarah Bernhardt na estréia. (JER) ■

EVANDRO TEIXEIRA

...nteceu com um navio"

hebráico — o Intra pode escolher os mais especializados para cada tarefa, o que, segundo Lourdes, "dá flexibilidade e qualidade no atendimento aos clientes".

"Às vezes o assunto é tão específico que fazemos pesquisas de campo", diz Márcia, que já se viu certa vez percorrendo os hangares de uma companhia aérea para formar um glosário de termos técnicos e traduzir um texto sobre aviação. "O mesmo já aconteceu com um navio", lembra Lourdes, "e isso é muito bom porque dá uma visão completa, em termos de cultura geral, sobre todos os assuntos". Como decorrência do trabalho de tradução, elas criaram também um setor que trata da organização de congressos, simpósios e seminários: "Providenciamos tudo, das recepcionistas e intérpretes aos arranjos de flores", conta Márcia. (AIMÉE LOUCHARD) ■

Reforço ao curto

Em 10 anos de cinema, Leilany Fernandes Leite já fez praticamente de tudo: foi atriz, continuísta, produtora, roteirista e dirigiu curtas. Mas foi com um misto de orgulho e surpresa que viu *Tempo Quente*, seu terceiro filme, receber o prêmio especial do júri da X Jornada Brasileira de Curta-Metragem, em Salvador. "Foi um reforço profissional incrível", entusiasma-se ela, tão acostumada ao longo desses anos à falta de apoio que domina o chamado setor dos filmes culturais. "Enquanto o cinema comercial vai muito bem" — desabafa — "os filmes culturais não têm o menor incentivo econômico, político e até mesmo da própria classe."

Inteiramente rodado na Baixada Fluminense, na cidade-dormitório de Queimados, o filme em seus 13 minutos de duração mistura ficção e documentário. É, segundo Leilany, "um painel da violência contra a mulher". *Tempo Quente* demorou um ano entre filmagens e montagem, já foi selecionado para participar do Festival de Oberhausen, em fevereiro próximo na Alemanha e entre nós será exibido em circuitos especiais, porque sua diretora sabe que não há chances de disputar espaços junto aos exibidores comerciais: "Faço parte de um time que sabe de todas as dificuldades, mas não desiste." (A. L.) ■

LUIZ MORIER

Leilany Fernandes, "time que insiste"

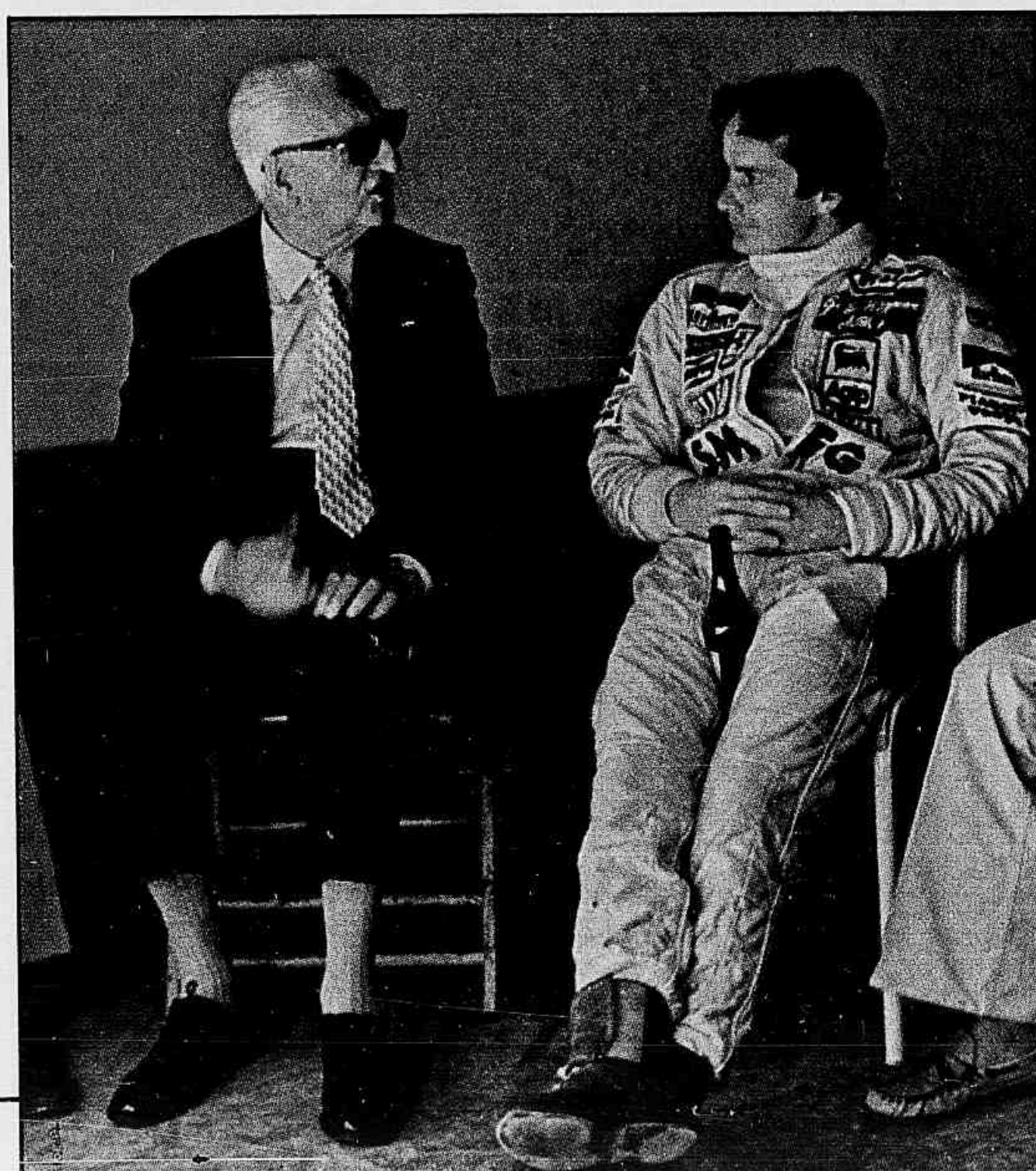
Gilles Villeneuve, "fettuccine alla crema". *Abaixo, com o Comendador Enzo Ferrari*

O ídolo é egoísta

Hoje à tarde, alinhado no *grid* de largada para o Grande Prêmio de Fórmula-1 em Las Vegas, Gilles Villeneuve não alimentará esperanças de vencer o Campeonato Mundial. Mas fará, sem dúvida, tudo para confirmar a frase que costuma repetir e vem aplicando nas pistas em sua ainda curta carreira: "Quando se faz este trabalho, não se pode ter medo. No dia em que sentir necessidade de ser prudente, de não correr riscos para vencer um grande prêmio, nada mais terei a fazer nos circuitos de Fórmula-1. Estará na hora de voltar para Champly."

Nascido no Canadá, baixinho, 29 anos de idade, marido de Joana e pai de Jacques e Melanie, grande bebedor de leite, proprietário e comandante de um helicóptero com o qual se diverte e transporta a família inteira a todos os circuitos europeus, descoberto e contratado há quatro anos pelo Comendador Enzo Ferrari para ser o novo Tazio Nuvolari de seus bólidos vermelhos, Villeneuve assim pensa e assim procede, pouco se importando com o que dele se diz desde o início de uma acidentadíssima carreira no circo da Fórmula-1. Desde quando, no verão europeu de 1977, começou a quebrar motores e destruir carroçarias com impressionante regularidade dentro dos carros Ferrari. E, por isso mesmo, a ser chamado até pelos seus próprios mecânicos de "aviador das pistas".

Merece a fama. No campeo-

nato que se decide hoje à tarde, Gilles Villeneuve tinha quebrado, de novembro passado até o início de setembro, 35 motores avaliados em 45 mil dólares cada um. Vencendo em Montecarlo e Jarama, atingiu o número de seis vitórias em grandes prêmios. Na Itália, onde a Ferrari representa um culto e um dos últimos motivos de orgulho nacionalista, o rapaz do Canadá voltou a ser protagonista mais amado e odiado por gente de todas as idades, extrações sociais e posições ideológicas. O país, por sua causa, voltou a dividir-se: há os que o vêem apenas como um bombardeiro alucinado, que aos domingos expõe sua vida e a de outros que lhe estão próximos a perigos absurdos, e os que o justificam, como fez um intelectual comunista: "Não me agrada a coragem como prova de eficiência, mas me agrada o profissionalismo. No caso, a coragem faz parte da profissão de Villeneuve."

Em meio à polêmica, Gilles Villeneuve é, sem dúvida, um objeto vulnerável que facilita o trabalho de seus críticos e agressores. Na realidade, nunca pretendeu ser mais do que é: quase um simples. Alguém que foi escolhido para ser vedete e não se comporta como vedete. Há poucos meses, em entrevista, confessou: "Penso que meu principal defeito é ser egoísta. O que é meu deve ser meu. Pode ser que com isso dê a impressão de não ter bom caráter nem temperamento fácil, principalmente nas reações em contato com as multidões. Todo o esforço que faço para compreender o público e seu entusiasmo não evita que me defenda de seus excessos quando ele exige demais. Autógrafos, por exemplo. Não suporto a idéia de assinar pedaços de papel, maços de cigarro, coisas que não significam coisa alguma. Ou talvez signifiquem apenas incapacidade de comunicação. Meus filhos ficam chocados, assustam-se quando vêem a gente que me assalta, que se amontoa ao meu redor. Parece que se sentem roubados de uma parte de seu pai."

Não se trata, na realidade, de alguém que corresponda à imagem que se faz de um corredor de Fórmula-1, vivendo em mansões cinematográficas, exibindo-se ao lado de lindas mulheres, mantendo dieta de pratos e amoras picantes nas semanas das corridas, fazendo-se acompanhar nos autódromos pelos melhores médicos e cirurgiões do mundo. Mais seguro e feliz sente-se Villeneuve num autódromo quando sabe que a Ferrari não deixou de incluir na sua equipe um cozinheiro genial, o *pasticcino* proclamado e reconhecido como o autor do melhor *fettuccine alla crema* e *champignons*. Até bem pouco, ele era o único dos grandes da Fórmula-1 — o grupo de 10 pilotos que ganha mais de 1 milhão de dólares — que continuava a viver num *trailer* com a mulher e os dois filhos, acampando e dormindo em qualquer estacionamento de estrada. O único que não tinha casa ou apartamento na Suíça ou em Montecarlo, como qualquer campeão que se preza.

Mesmo quando cedeu às pressões de amigos e dirigentes da Ferrari que o convenceram a viver em Monte Carlo, o apartamento que escolheu para morar não podia ser mais burguês. "Sua piscina", escreveu um jornalista — "não passa de um brinquedo, de um tanque de plástico onde se diverte com as crianças nos dias de maior calor". Em matéria de mulher, não podia ser mais quadrado. Continua com a mesma Joana que conheceu e trouxe do Canadá e, mais grave ainda, dele nunca se soube nem se conta uma só história de aventura extraconjugal.

Na Europa, e entre os europeus, Gilles Villeneuve é sempre nostálgico do menino que foi no Canadá. É uma saudade que dói. E ele não se ilude: sabe e lamenta que sua paixão pelo automobilismo tenha custado tanto a seus filhos. A Jacques e Melanie, que se estão europeizando demais e que talvez não vivam a infância que viveu no Canadá, na sua pequena Champly, com os longos invernos, a neve e o silêncio. (ARAÚJO NETTO, Roma) ■

Beleza

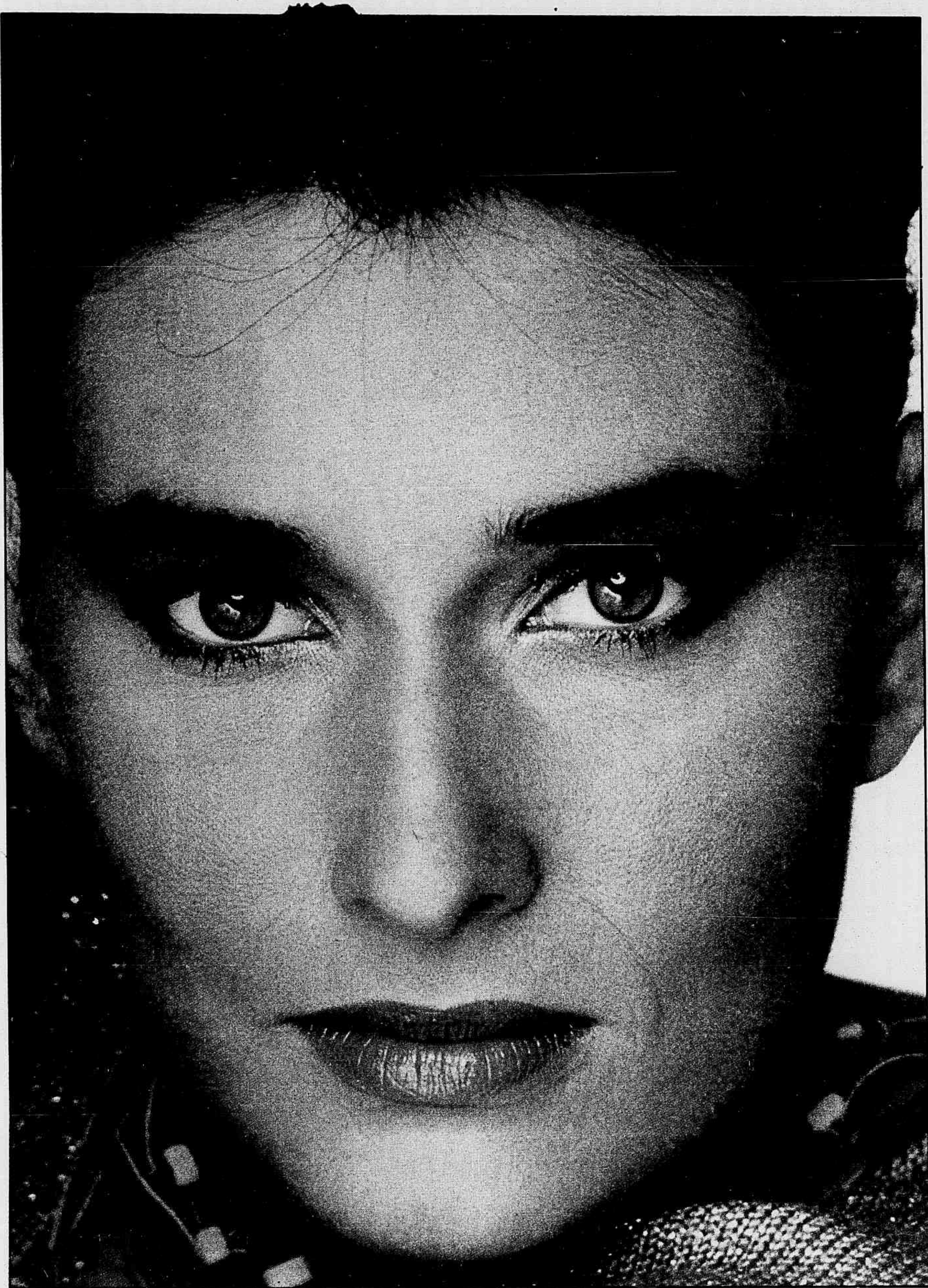
BRILHOS FORTES NO ROSTO

IESA RODRIGUES

As sombras avermelhadas e laranjas acentuam o perfil do cabelo curto e contrastam com a roupa delicada, com babados na gola. A linha básica foi criada por Gilles, do Jotassis, no Hotel Méridien.

Na Europa, sombras azuis e verdes formam desenhos de raios e listras nos rostos, os delineadores marcam os olhos, a base de maquilagem para o inverno do fim do ano é branca, para realçar os tons fortes dos sombreados e batons. Mesmo também sendo inverno, as americanas oferecem a fidelidade ao *look* mais saudável, com produtos cremosos dando brilhos à pele que já perdeu o bronzeado, e sombras cintilantes em cores fortes acentuando os olhos, que continuam delineados por rímel castanho.

Enquanto isso, no Brasil, chegando ao verão, a beleza combina o ar saudável da praia com o colorido forte da moda européia. Mudanças importantes acontecem na maneira de colocar os produtos básicos, e novas tonalidades trocam de lugar. Como? Um exemplo: o lápis marrom, normalmente usado para os esfumaçados dos olhos, pode ser usado no contorno dos lábios; o *blush* vermelho ou rosado alonga sua utilização até as pálpebras, servindo de sombra.

Segundo o maquilador Gilles, responsável pela maioria dos *make-ups* criados para os manequins dos desfiles cariocas, "não existe um *in* e *out* na maquilagem. É sempre relativo, o que combina com um determinado tipo de mulher não fica bem em outra". Mas Gilles reconhece que os tons fortes, vermelhos e laranjas vão imperar no fim do ano, principalmente junto aos olhos.

O mesmo sombreado, as mesas formas de acentuar olhos e boca, em versão mais clássica, sem limites tão marcados no desenho do rosto. Mas a sombra dourada aparece no canto interno dos olhos, o blush chega próximo da testa; só que tudo é mais esmaecido, diluindo uma cor na outra

Do lado esquerdo, o novo visual do rosto bem maquilado, em oposição ao rosto teatral do lado direito. Atenção ao que mudou, e é fundamental: a importância do volume dos cabelos, agora localizada no alto, na lateral da testa, enquanto normalmente todo o cuidado estético dirige-se às pontas, ao comprimento. Esta imagem é de Jamie, do Salão Jamie do Atlântico-Sul

— São cores fortes *mesmo*, o azulão ou o verde incluídos. A base afina, é pouquinha, para não pesar, e o *blush* realça os olhos bem no alto das maçãs do rosto, e pode ser passado também no centro da face como se fosse um bronzeado saudável. Os batons são alaranjados, solares.

Atualmente, os produtos nacionais são perfeitos para o uso, e já têm a fórmula climatizada, adaptada ao nosso calor. Com um *blush* e um lápis marrom ou preto, conseguem-se efeitos maravilhosos. Gilles divulga sua técnica em curso especial para a mulher moderna, que às vezes não tem tempo de ir ao maquilador. "Ensino onde colocar as cores, como usar os pincéis, como aproveitar os tons clássicos e os novos. São quatro horas de aula, em quatro dias de curso rápido e básico." ■

Guia das Cores

As grandes marcas de cosméticos apresentam variações em torno dos vermelhos na maquilagem brasileira. Na Max Factor, a linha Renaissance Colours tem tons rosados, nos estojos de blush Veneza Colours, com sombras azuis, vermelhas, beges e marrons, ou entra nos dourados e cáquis, nos conjuntos Florença Colours. Os batons de Germaine Monteil da série Acti-vita têm proteínas e cores como o Woodrose (Terra-Rosado); o Burnish and Peach (Pêssego Flambê) ou o Peppermint Coral (Coral Azaléa)

O forno a lenha ajuda mas não conse

...uda ma não conseguirá resolver o problema de uma massa malmisturada

Consumo

A MASSA MUDA PARA MELHOR

O 6º Teste RD comprova que as *pizzas* evoluem apesar das gorduras excessivas

FOTOS DE EVANDRO TEIXEIRA

Consta do folclore dos comedores de coisas rápidas e baratas que a melhor *pizza* do mundo não se encontra nem em Roma nem em Nápoles, mas em algum lugar entre a Little Italy de Nova Iorque e a noite do planalto paulista. Como o Rio de Janeiro está um bocado longe dos dois pólos deste eixo, os pizzófilos costumavam remoer rancores e invejas — não é justo, diziam, ter que se locomover a tais distâncias para provar um honesto naco de massa coberto de queijos e adereços diversos; pizzófilo, por definição, vive com orçamentos modestos.

Felizmente para eles e para todos os apressados da hora do almoço ou famintos da madrugada, o Rio civilizou-se no território das *pizzas*. Pelo menos é o que ficou patente ao final da maratona de três dias, quando os cinco bravos provadores da *Revista do Domingo*, entre votos de prolongado jejum de massas e copos de sal de fruta, fizeram um balanço das notas atribuídas a 24 *pizzas* diferentes de oito casas da Zona Sul carioca: pesadas misturas de farinha e gordura continuam aterrissando em nossas mesas, é certo, mas a seu lado já se encontram exemplares bastante saborosos e salutares da antiga receita italiana.

Que aliás não é uma única, como quiseram descobrir, em acalorados debates, os cinco provadores, mas múltiplas, inúmeras mesmo, adaptadas aos usos e costumes das diversas regiões italianas. Um calabrês de boa estirpe, cozinheiro amador e conhecedor das comidas da sua gente, esclareceu a indigesta equipe que as variações da *pizza* — comida de pobre, quebra-galho da dona-de-casa italiana exportado rapidamente pelo mundo a bordo dos navios de imigrantes — se concentram em três tipos básicos: *pizza* romana, de massa alta e fofa, parecida com um pão (que nos bairros italianos de Nova Iorque é oferecida sob o rótulo *thick and chewy*, grossa e suculenta); a napolitana, de crosta fina e crocante, tipo biscoito, a *pizza fininha* dos paulistas, a *thin and crispy* (fina e crocante, exatamente) dos ítalo-americanos; e a calabresa, assemelhada a uma torta mas diferente do *calzone*, *pizza* coberta — na calabresa,

Coberturas fantasistas forma pecado de algumas pizzarias

a massa de baixo é mais espessa, coberta por queijo e demais complementos e fechada em cima com uma camada de massa fina (que no Rio só é encontrada num boteco da Rua Itapiru, no Rio Comprido).

Até pouco tempo a napolitana, mais leve, mais agradável à paladares sensíveis, era privilégio exclusivo dos paulistas — os cariocas só conheciam a romana, e a romana pesada, tendendo ao borrachudo. Agora há escolha, e as napolitanas são elegantes e tiveram a clara preferência dos testadores, talvez pela novidade, talvez pela facilidade da digestão. O que prejudicou todas as casas: a qualidade sofrível das mussarelas disponíveis no mercado, todas exageradas na gordura, muitas vezes com um estranho gosto oculto de geladeira.

A metodologia do teste permaneceu a mesma de rodadas anteriores: os cinco provadores se deslocaram às oito casas, pediram três tipos de pizza em cada uma — a de mussarela, simples, para confronto; uma outra com ingredientes diferentes, como aliche (anchovas) e champignon, para julgamento da qualidade dos adereços; e o prato forte da casa, para observar a criatividade do pizzaiolo e a harmonia dos ingredientes — e atribuíram notas de zero a quatro em três quesitos diferentes: massa (que teve peso dois na contagem da média final), complementos e serviço/ambiente. A soma das médias finais de massa (com peso dois) e complementos (com peso um), dividida por três, deu a nota individual de cada pizza; a das notas das pizzas com a média final das notas atribuídas ao serviço/ambiente, dividida por quatro, deu a nota final por casa.

E foi exatamente a simpatia do ambiente, a presteza do serviço e a higiene da casa que salvaram de implacável gongo algumas pizzas duvidosas, como a do Don Peppone, de Ipanema. Por outro lado, o ambiente da Pizza Palace, que recebeu dos provadores adjetivos que iam do "engraçado" aos "soturno", não conseguiu derrubar, no cômputo final, a espantosa qualidade de sua pizza leve, perfumada, saborosa.

Evidentemente, oito casas é uma amostra, apenas — e talvez nem uma amostra numericamente significativa. Por notas finais, a campeã foi a Pizza Palace, com 3.5: sua massa ganhou a nota máxima, assim como sua delicada Marguerita, de fino queijo, discreto molho e perfumado manjericão. Logo abaixo, a surpresa do Pronto, no Baixo Leblon: 2.9 na média final, massa pouco abaixo da perfeição com 3.3 e uma Marguerita interessantíssima, pontuada de alfavaca. Em terceiro, a despretensiosa Pino em sua filial da Lagoa, com média final 2.4 e massa razoável, com 2.6. Empatados em quarto lugar, por diferença de um décimo de ponto na média final, o Raul (em sua filial de Ipanema) e o Bella Blu (na filial do Leblon), com 2.3 — a massa do Raul revelou-se ligeiramente superior à do Bella Blu, com 2.8 contra 2.2. Em quinto, já numa faixa de nota inferior, a Bella Roma próxima à Morada do Sol, em Botafogo: seu forno de lenha não conseguiu melhorar a qualidade vacilante de sua massa, que recebeu média final de 1.6, ficando a casa com nota 0.6. Em sexto e penúltimo lugar, uma grande favorita dos notívagos, a Guanabara: média de 1.3 para a casa, sendo 1.1 para a massa fofa e alta, tipo romano. E na lanterninha o simpático Don Peppone, que tem belas esquadrias de madeira mas serve piz-

Os segredos paulistas

ANA MARIA TAHAN

Na capital paulista existem milhares de pizzarias: pode-se comprar pizzas na maioria das padarias e, é claro, nos restaurantes especializados, que oferecem uma quantidade espantosa de variações. Há pizzarias sofisticadas — na maioria surgidas nos jardins, área de grande poder aquisitivo da cidade. Elas apareceram nos últimos dois anos em conseqüência da crise econômica e como expoentes estão a Margherita e a Cristal. As pizzarias tradicionais, localizadas nos bairros da Mooca e da Bela Vista, onde habitam os italianos e seus descendentes, mantêm-se mais vivas do que nunca, com grande movimento. No Bexiga há o Comilão, que oferece 109 tipos diferentes de pizzas, e as mais populares, como os rodízios de pizzas do Grupo Sérgio.

Mas os verdadeiros apreciadores procuram as tradicionais pizzarias, aquelas que mantêm qualidade ao longo dos anos e preservam uma receita de massa particular, o segredo certo para segurar a freguesia. Entre estas está a Carreta, que há 12 anos existe na Rua Pamplona, nos jardins. Funcionando das 18h às 6h da manhã, ela descobriu um sistema próprio: a pizza vem sobre uma pedra quente que mantém a temperatura durante uma hora.

Além disso, sua massa é um segredo bem guardado e o proprietário Luís Ambrósio concorda apenas em revelar os principais ingredientes, sem contudo fornecer as quantidades para se fazer um disco de tamanho grande.

A massa descoberta pela Carreta leva farinha, leite, levedo de cerveja, fermento fleischmann, chope e pinga. O tipo mais procurado pelos frequentadores é a Roda de Carreta, que custa Cr$ 1 mil 300 (grande) e no recheio contém muzzarela, champignon, calabresa, ovos cozidos, cebola e azeitona — receita do próprio Luís Ambrósio. Outra idéia é a Marineida, nome da mulher do produtor de cinema Anibal Massaini, que deu a receita: muzzarela, fundo de alcachofra e camarão.

O Pronto, azarão do teste, surpreendeu com a massa fina, levíssima, e a perfumada Marguerita

zas frias, e ficou com nota final 0.9, sendo 0.3 para a qualidade de sua massa.

Os provadores lamentaram que seus estômagos não suportassem o teste por mais dias — e que algumas casas muito faladas por suas pizzas, como o Mediterrâneo, na Rua Paul Redfern em Ipanema, não abram para o almoço, única hora possível para este trabalhoso teste.

Como dica de nutrição, é bom lembrar que uma pizza de aproximadamente 200 gramas tem cerca de 450 calorias, e que a abstenção de azeite (que sobe o índice de gorduras) e de ketchup (que dispara o consumo de sódio e açúcar refinado) é altamente recomendável a quem não quer explodir sua dieta. De todo modo a pizza — basicamente farinha, ou seja, carboidrato, e queijo, ou seja, proteína animal alta em gordura saturada — não é nenhuma maravilha dietética, e está proibida para quem pratica dietas de cetose, tipo Dr Atkins. Quem não é tão rigoroso e está com muita pressa pode encarar estas 400 e tantas calorias em uma única refeição — se contrabalançar na outra com vegetais crus e fibrosos e um mínimo de gordura animal (peixe grelhado, salada verde, por exemplo).

Num ponto a gastronomia, a dietética e Woody Allen se encontram: a melhor pizza costuma ser a mais simples, coberta modestamente por queijo e molho de tomate, salpicada de alguma erva como orégano e manjericão. Foras estas, justamente, as grandes campeãs do 6º Teste Revista do Domingo.

Pino: Pizza rapidinha (15 minutos do pedido à chegada à mesa), de preço simpático (Cr$ 400 a 520, tamanho único, aproximadamente um prato raso), ambiente claro tendendo ao quente, aberto sobre a Lagoa, a Pizza Pino tomou o nome emprestado da rede de casas de pasto baratas que são o socorro da estudantada parisiense. Sua pizza é honesta, de massa boa mas um pouco pesada, melhor quando pedida simples, com poucos adereços. Os testadores aprovaram a Marguerita, que tem mussarela, tomate e orégano (nota 2.4) e a Napoletana, com anchovas (nota 2.4 por conta da abundância de pequenas espinhas encontradas nos peixinhos). A Pizza da casa, um delírio com ovos (de gemas moles), presunto e lingüiça se revelou excessivamente complicada, gordurosa, de sabor indefinido, e salva pela honestidade da massa: (nota 2) Pino de Ipanema fica na Av. Epitácio Pessoa 980.

Pizza Palace: A grande campeã do 6º RD começou a ser testada num clima de suspense — haveria ou não uma *liseuse* pendurada nos ameaçadores cordões de roupa que, teoricamente, compõem o ambiente *napolitano* da casa? A tranqüilidade do lugar compensa o impacto soturno da primeira impressão e quando 27 minutos depois de pedidas, as pizzas chegaram à mesa, todos se esqueceram de quaisquer observações de natureza estética. Soberbas, finas, crocantes, as pizzas do Palace desmancham na boca e não pesam no estômago — o pizzaiolo, italiano, tem seus segredos, e um deles é ligar a massa com guaraná, cerveja ou conhaque para conseguir perfeita harmonia e rico sabor. A Marguerita, silvestre, pontilhada de manjericão, ficou com a nota máxima, seguida de perto pela Napoletana (3.8), de aliches menos espinhentos e mais saborosos. A pizza que honra o nome da casa também fez bonito, apesar da aparente confusão de sabores — massa ao conhaque coberta por mussarela, salame, cebola, presunto e queijo parmesão: nota 3.6. Os preços ficam entre Cr$ 300 e Cr$ 700, para dois tamanhos, médio e grande. O endereço é Rua Barão da Torre 340, Ipanema.

A Guanabara, socorro dos aflitos nas noites do "Baixo", por culpa da massa saiu arranhada do teste

Raul: A filial de Ipanema da rede Raul (Rua Vinicius de Moraes, 71-B) é muito nova, o que talvez explique seu ambiente excessivamente tranqüilo, quase deserto, na hora do almoço. Tem ar condicionado e bonitos *posters*, mas os provadores consideraram a casa um tanto claustrofóbica, e suas toalhas de plástico xadrez a fizeram perder alguns pontos preciosos no item serviço/ambiente. As *pizzas* demoraram quase tanto quanto na Pizza Palace para chegar à mesa — 25 minutos — mas não causaram tanto rebuliço. Massa razoável, abiscoitada, mas coberturas pesadas, tendendo ao oleoso — culpa da mussarela, provavelmente. Os maiores elogios ficaram com a *pizza* de Chicória, coberta na verdade por escarola, aliche, cebola e azeitonas pretas, que recebeu 2,8 como nota e alguns elogios pela qualidade *exquisite* de seu sabor. A Branca, só de mussarela, revelou-se na verdade sabendo a geladeira, e ficou com 2 de nota. A Brasileira, um exotismo puxado a provolone, tomate e orégano, estava gordurosa demais — pela idéia, 2,4. A casa oferece também outro rasgo de imaginação, a *pizza* Itanhangá, com roquefort e bacon, mas os provadores fugiram ao confronto. Suas *pizzas* vêm nos tamanhos médio e grande e custam entre Cr$ 470 e Cr$ 680.

Pronto: O azarão do teste, segundo colocado após o Pizza Palace, começou impressionando bem os provadores com seu salão amplo, claro e a cortesia do serviço — o barulho dos ônibus na Dias Ferreira não é problema seu, e quem não sentar na varanda não terá que suportá-lo. Mas foi sua massa, levíssima, fina, que mais surpreendeu, aliada aos sabores robustos, singelos, de suas duas campeãs — a Marguerita, perfumada por alfavaca, e a Napoletana, coberta de anchovas: notas 3,3 e 2,9, respectivamente. Por um tanto a mais de óleo a original Melanzane, com berinjelas, perdeu dois décimos e ficou com nota final 2,7. A casa oferece 11 tipos de cobertura, inclusive um festival de carboidratos — uma *pizza* de batatas — em um tamanho único, por preços entre Cr$ 400 e Cr$ 520. O endereço é R. Dias Ferreira, 33, no Leblon.

Guanabara: O socorro dos aflitos nas longas noites do *Baixo* saiu arranhado do teste, e sua maior perda de pontos foi justamente na massa, que parecia pretender ser fofa e densa, tipo romana, mas acabou apenas borrachuda e pesada, tipo indigestão. Os provadores brindaram-na com média final 1.1, o que talvez pudesse ter sido corrigido se eles soubessem que podiam pedir as pizzas mais finas — o pizzaiolo está pronto a executar suas obras com dois níveis de massa. A pizza melhorzinha ficou sendo a Anchova Ramires, pela honestidade saborosa dos peixinhos: nota 1,2. A mussarela estava gordurosa demais e a da casa, coberta de mussarela, presunto, champignom, lingüiça e cebola, arrastou-se pesada como uma alegoria da Beija Flor: ambas ficaram com nota 1. Freqüentadores contumazes e famintos de orçamento magro não se deixarão, decerto, abater com estes resultados — a pizza do Guanabara é acessível (Cr$ 260 a Cr$ 900, em quatro tamanhos, brotinho, médio, grande e gigante) e, de todo modo, enche bem o estômago com suas 17 variedades. O endereço é Rua Aristides Espínola, 101. Leblon.

Bella Blu: Empatada em quarto lugar, juntamente com o Raul, o Bella Blu do Leblon (Rua General Urquiza 102) tem um ambiente amplo, claro, refrigerado e confortável e uma pizza que fica entre o tipo espesso, alentado, e a elegância da massa abiscoitada. Desce bem num dia de fome intensa, e pela primeira vez em todo o teste o tipo mais complexo — A Bella Blu, com presunto, lingüiça, anchovas, alcaparras, azeitonas e mussarela — foi o campeão: cortados miúdos os ingredientes se misturavam bem e disfarçavam a ênfase excessiva na mussarela, danação da maioria das pizzas. Ficou com nota 2.1, contra 1.9 da Mussarela simples e 1.8 da Provençal, que lutava ingloriamente contra um molho de alho pesado em demasia. A casa serve em dois tamanhos, médio e grande, e cobra entre Cr$ 290 e Cr$ 470.

Don Peppone: Lugar agradabilíssimo brisa marinha, samambaias, tijolos, vigas de madeira envernizada. Serviço eficiente, 15 minutos entre pedido e degustação, cerveja em canecas geladas. Mas as pizzas, que problema! Chegam frias, tristes, murchas, massa bem intencionada, porosa mas aberta fina, afogada em mussarela sensaborona. O serviço compensa, na nota final, o desastre de massa e complementos, porque a casa conseguiu média final 0.9 apesar do 0.2 atribuído à sua pizza de Mussarela, o 0.2 à Don Peppone, com presunto cru, alcaparras, e azeitonas — uma *overdose* de sal — e o 0.4 da Provençal, com champignon e ervas. Tipo vale a intenção. Tamanho único, brotinho, e preços entre Cr$ 240 e 300. Rua Maria Quiteria 19, Ipanema.

Bella Roma: A casa faz alarde de seu forno de lenha, e tem razão, porque toda a concorrência emprega o tradicional forno elétrico, de múltiplas gavetas. Seria a lenha a responsável pelo sabor peculiar e denso da massa, que evocou longínquas infancias nos provadores? É possível, porque sua consistência revelou-se pesada em excesso, e o fato das pizzas terem chegado mais frias que mornas não ajudou muito na nota final — 1.6. A mais interessante acabou sendo a Provençal, com alho e champignon, nota 1.5. Mussarela e Bella Roma — anchovas, presunto, alcaparras, azeitonas, cebola, champignon — ficaram logo atrás, com 1.3 e 1.4. Os tamanhos são dois — médio e grande — e os preços vão de Cr$ 280 a Cr$ 500. Endereço: Rua Gen. Góis Monteiro 18, Botafogo. ■

Na vida fácil

APICIUS

A pizza é uma praga. Como as pragas, chegou de repente e se espalhou tanto que engoliu o jardim. No caso, o da cozinha italiana que pode ser leve, saborosa, imaginativa e requintada. Mas que, hoje, para muitos não passa de uma sucessão de massas pesadas em meio as quais, qual pérola obesa e engordativa, cintila a pizza oleosa.

A culpa, no entanto, não é sua. Mas das mãos cobiçosas que a fazem. E que a fazem com tal prolixidade que o que era para ser um prato regional, reservado a algumas mesas, em algumas horas, virou lugar comum. Como todos eles, insuportável.

No entanto, a pizza pode ser coisa das mais satisfatórias. Tem a vantagem de, quando feita em condições decentes, ser facilmente agradável. O suporte de massa, gordo ou fino é, também, uma bandeja complacente para todos os devaneios da imaginação culinária. Nela há lugar para tudo. (Basta ir a um restaurante especializado para ver que "tudo" é muito mais vasto que a bota da Itália.)

Ameaçada pelo excesso de imaginação e por sua falta, a pobre pizza caiu na vida fácil. Exibindo-se em todas as esquinas, perdeu a reputação para enriquecer outros. Não merece censura, mas piedade. Em algumas (poucas) casas é possível encontrá-la decente. Mas é coisa tão rara que não vale a pena encetar longa procura para um achado que, quando muito, será apenas razoável. Tal como, no entanto, aparece no Rio e pelo mundo afora, a pizza só encontra sua justificativa na conjunção de três fatores odiosos: fome, pressa e miséria.

Sabendo disso, dizem os pessimistas que é o prato do futuro.

Texto e coordenação de Ana Maria Bahiana

Uma nova moda está nascendo em São Conrado

O ANFITEATRO

Está para ser lançado em São Conrado um novo conceito de shopping center ainda pouco conhecido do público brasileiro, mas que já vem fazendo sucesso há algum tempo no exterior. O Fashion Mall.

O Fashion Mall nasceu nos Estados Unidos há alguns anos atrás, a partir da tendência dos próprios shoppings centers regionais de reunir em áreas estratégicas de suas galerias todo o comércio que representa moda.

Estas áreas tiveram tanta aceitação dos consumidores que acabaram por se libertar da estrutura dos shoppings regionais e se transformaram em shoppings especializados, com o nome de Fashion Mall.

Uma das características principais desses shoppings é a sua arquitetura sempre muito bem cuidada, que busca criar uma atmosfera de qualidade, ao mesmo tempo sofisticada e confortável, em localizações de fácil acesso às populações de renda acima da média.

Baseado nestas tendências internacionais, nos resultados de inúmeros estudos do desenvolvimento atual do mercado brasileiro e nos sucessos alcançados por Fashion Malls como o Bal Harbour, Mayfair, Esplanade e vários outros, será lançado o São Conrado Fashion Mall, o primeiro do gênero no Brasil.

Segundo os seus empreendedores, a localização do São Conrado Fashion Mall foi escolhida levando-se em conta a área que seria atingida pelo movimento do shopping, a "área de influência" como é chamada.

Nesse caso, três fatores foram cuidadosamente observados: concentração e distribuição de populações com renda média familiar elevada, localização e força de atração da concorrência e facilidade de acesso.

Dentro desses conceitos, São Conrado comprovou ser o local ideal, principalmente por ser exatamente o centro geográfico da mais alta renda do Rio de Janeiro, por ser o bairro que tem a população de mais alta renda da cidade, pela facilidade de acesso e pelo seu constante movimento e grande volume de tráfego.

Somente pela saída do túnel Dois Irmãos passam, atualmente, cerca de 50 mil carros por dia, todos os dias. Número que vai aumentar ainda mais depois da inauguração da auto-estrada Lagoa—Barra.

Além disso, São Conrado tem um potencial turístico invejável, com três dos maiores hotéis da cidade — Hotel Nacional, Hotel Intercontinental e Sheraton — onde se hospedam anualmente cerca de 620 mil turistas, que terão a poucos metros um ambiente confortável, simpático e elegante para os seus passeios e uma grande variedade de artigos e diversões que, inclusive, incentivarão este turismo.

O primeiro Fashion Mall do Brasil terá um ambiente do mais alto padrão, ao nível dos consumidores mais exigentes, com jardins externos, jardins internos vazados, praças internas com espaços vazados e o primeiro elevador panorâmico de 180° da cidade, proporcionando aos compradores um local agradável de se freqüentar, a qualquer hora do dia ou da noite.

No terraço, este ambiente ganha uma vista muito bonita de São Conrado, quatro excelentes restaurantes, três cinemas e um teatro, todos com horário normal de funcionamento.

Outra inovação será o primeiro anfiteatro dentro de um shopping center no Brasil, com palco localizado no primeiro nível e arquibancada aberta no segundo nível, de onde se pode ver tudo o que se passa no palco. Serão desenvolvidos programas de promoções com desfiles e shows para maior entretenimento dos visitantes, sem aglomerações desnecessárias nos corredores do Fashin Mall.

Para que nada interfira no ambiente do São Conrado Fashion Mall, foram criadas as galerias de serviço, que são corredores internos com acesso às lojas, para que o fluxo de manutenção e serviços fique isolado das áreas de vendas.

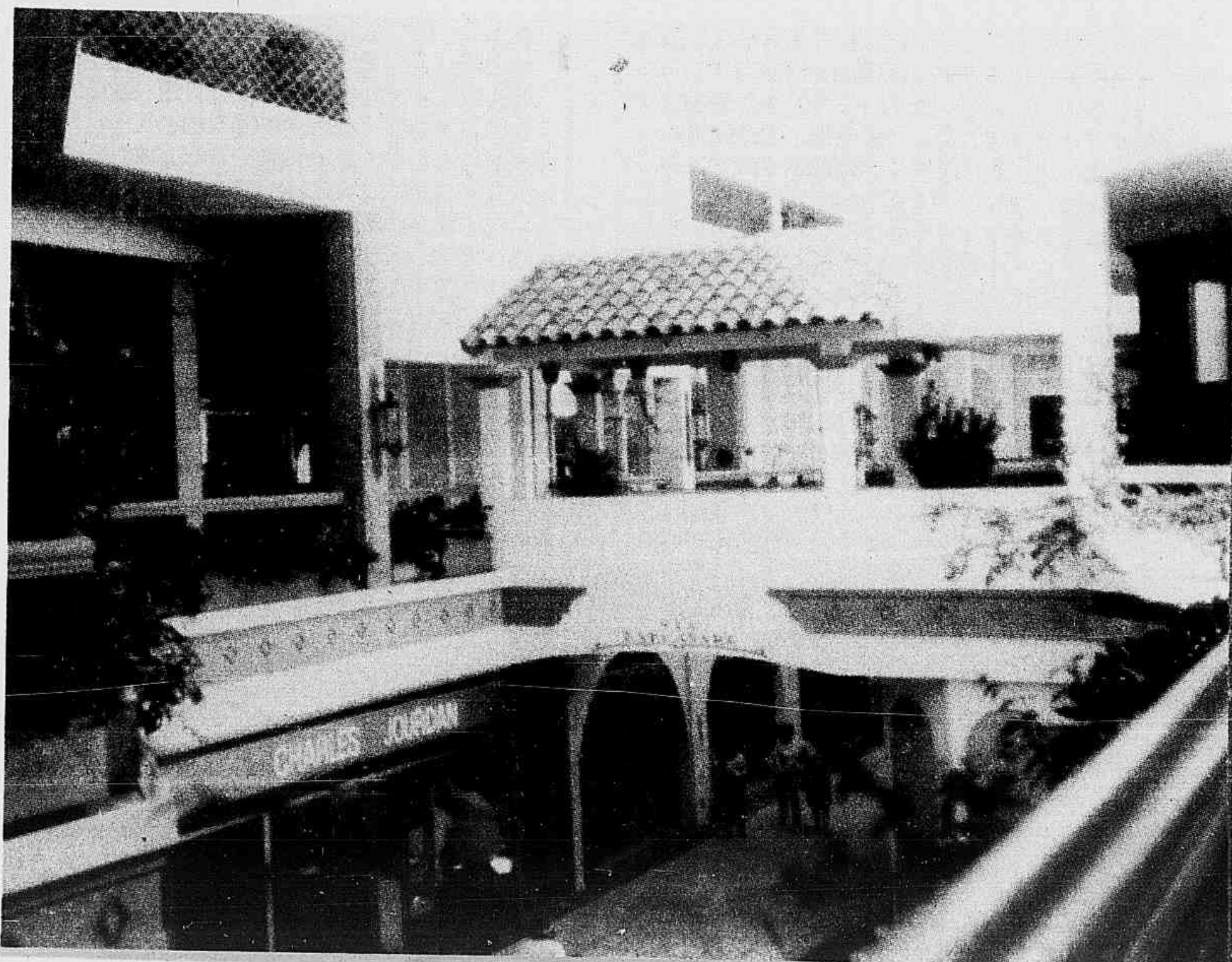
Dentro deste padrão inovador, o São Conrado Fashion Mall tem uma distribuição de lojas

É totalmente coberta para proteger os carros do sol e da chuva, ao mesmo tempo em que é iluminada e ventilada naturalmente.

Com o surgimento do São Conrado Fashion Mall, o Rio de Janeiro e principalmente a zona Sul dão um passo à frente na moda brasileira com o mais bonito, moderno e atualizado local de compras e de lazer.

cuidadosamente planejada, oferecendo uma variedade de opções de moda para melhor convivência do comprador, que não terá necessidade de andar distâncias intermináveis para escolher o que comprar; e do vendedor, que terá certeza de estar no ponto de venda concentrado e seguro para que sua mercadoria seja examinada e comprada.

Além de vestuário masculino e feminino, suas 130 lojas oferecerão presentes, som, jóias, discos e fitas, perfumes e artesanatos e nelas se localizarão, ainda, academias de **jazz** e **ballet**, bancos, galerias de arte e livrarias do mais alto nível.

A área de estacionamento é tecnicamente planejada e dimensionada para atender com folga todo o Fashion Mall.

PRA RECORTAR E GANHAR.

CUPOM DA COPA.

JB — INDÚSTRIAS GRÁFICAS LTDA. — AV. SUBURBANA Nº 301
RIO DE JANEIRO — RJ — CGC 42.125.484/0001-45

ESPANHA 82 OS GOLS DA COPA

VÁLIDO EXCLUSIVAMENTE PARA O SORTEIO DO DIA 21/10/81
QUEM MARCOU O 2º GOL DO BRASIL NO JOGO CONTRA A TCHECOSLOVÁQUIA NA COPA DE 1962?

RESPOSTA: ....

NOME: ....

ENDEREÇO: ....

BAIRRO: .... CIDADE: .... ESTADO: ....

CEP: .... (CERTIFICADO DE AUTORIZAÇÃO DA S.R.F. DO M.F. Nº 01/00/191/81)

Regulamento:
Responda a pergunta, preencha os claros ao lado, recorte este cupom e coloque em uma das urnas instaladas nas Agências de Classificados do Jornal do Brasil ou remeta para a Rede Bandeirantes, Canal 7, Rio de Janeiro, à Rua Álvaro Ramos, 492, e concorra ao sorteio de um carro Chevrolet Chevette Hatch - 68 HP, zero quilômetro, a ser realizado no próximo dia 21.10.81, às 21:25h, na Bandeirantes, Canal 7, Rio. Os cupons poderão ser enviados, manuscritos (em letra de forma) ou datilografados, sem implicar obrigação de aquisição de qualquer bem, direito ou serviço. O prêmio pode ser retirado até 180 dias após o sorteio.

82

Rede Bandeirantes Canal 7

JORNAL DO BRASIL

"Quem marcou o 2º gol do Brasil no jogo contra a Tchecoslováquia na Copa de 1962?"

Responda esta pergunta neste cupom, preencha com o seu nome e endereço e coloque na urna em qualquer agência de classificados do Jornal do Brasil.

E concorra a um Chevette Hatch por semana.

Um Chevette Hatch por semana, inteiramente grátis.

E para você responder esta pergunta com segurança, fique de olho nas dicas do programa Espanha 82 - Gols da Copa, que vai ao ar de segunda à sexta-feira às 21:25h e sábado às 21:30h, na Bandeirantes Canal 7 - Rio e nas páginas de Esporte do Jornal do Brasil, diariamente.

Neste mesmo programa, às quartas-feiras, você vai assistir ao grande sorteio.

Um sorteio que pode dar a você um Chevette Hatch zerinho, zerinho. Estalando de novo. Mas para ganhar é preciso recortar. Então recorte, preencha, coloque na urna e torça. Porque nesta copa quem ganha é você.

Fora do Rio, envie o cupom para a Bandeirantes Canal 7 - Rio - Caixa Postal 700. E veja o resultado do sorteio nas páginas do Jornal do Brasil de quinta-feira.

JORNAL DO BRASIL

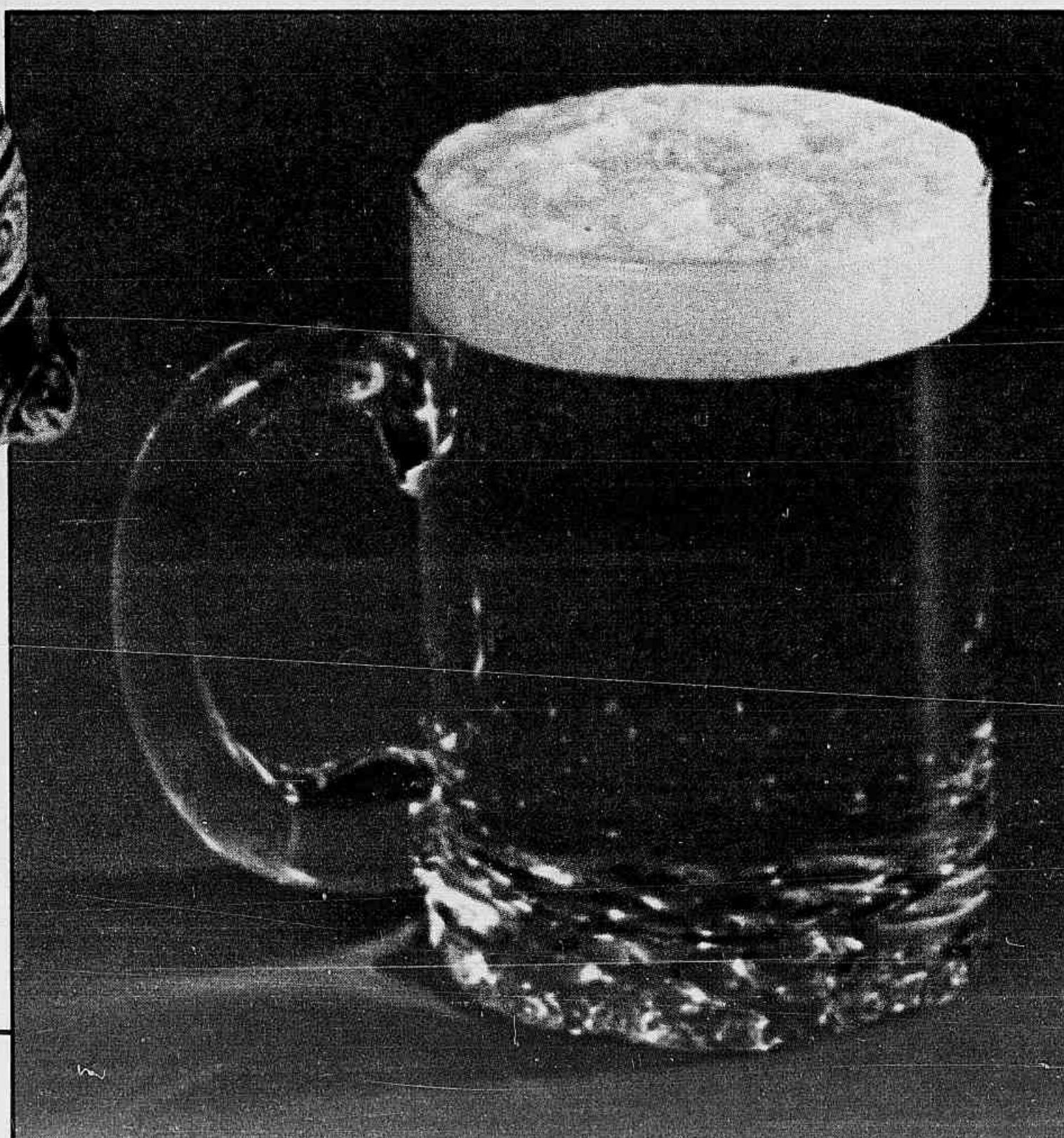
MM&C/Rego Monteiro

OS GOLES MAIS ENFEITADOS

As canecas desenhadas aumentam o prazer da cerveja de verão

FOTOS DE GERALDO VIOLA

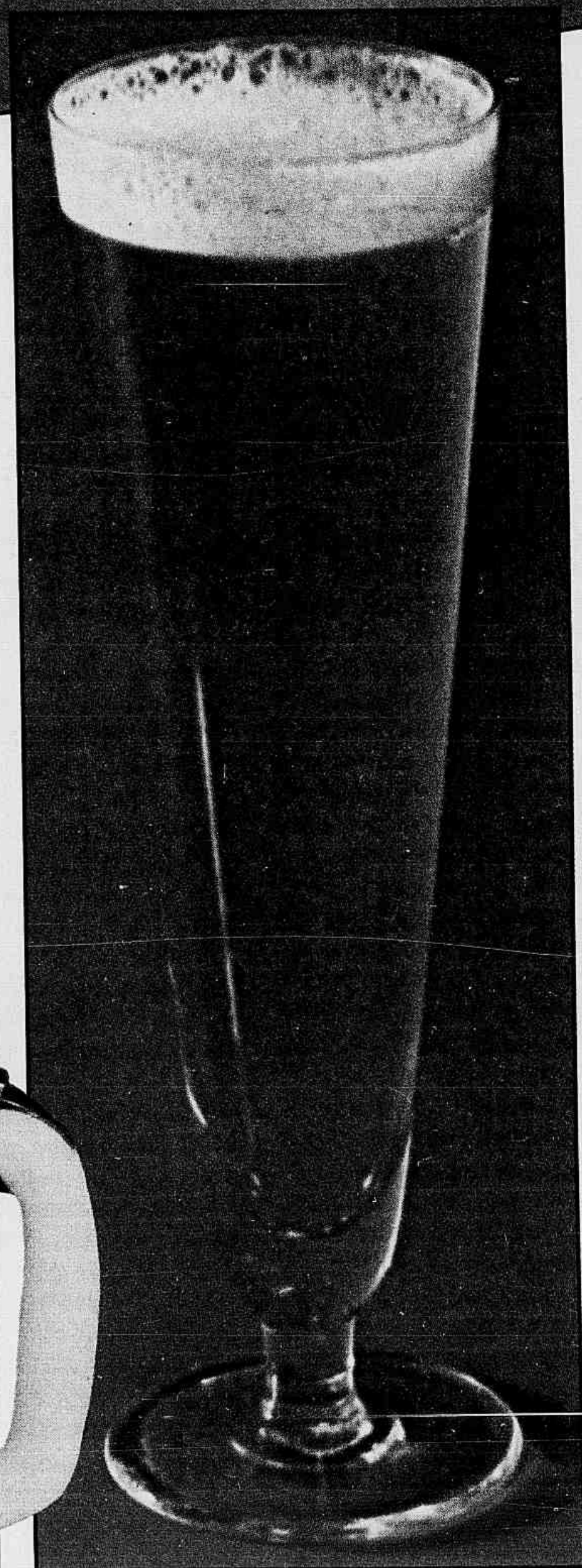
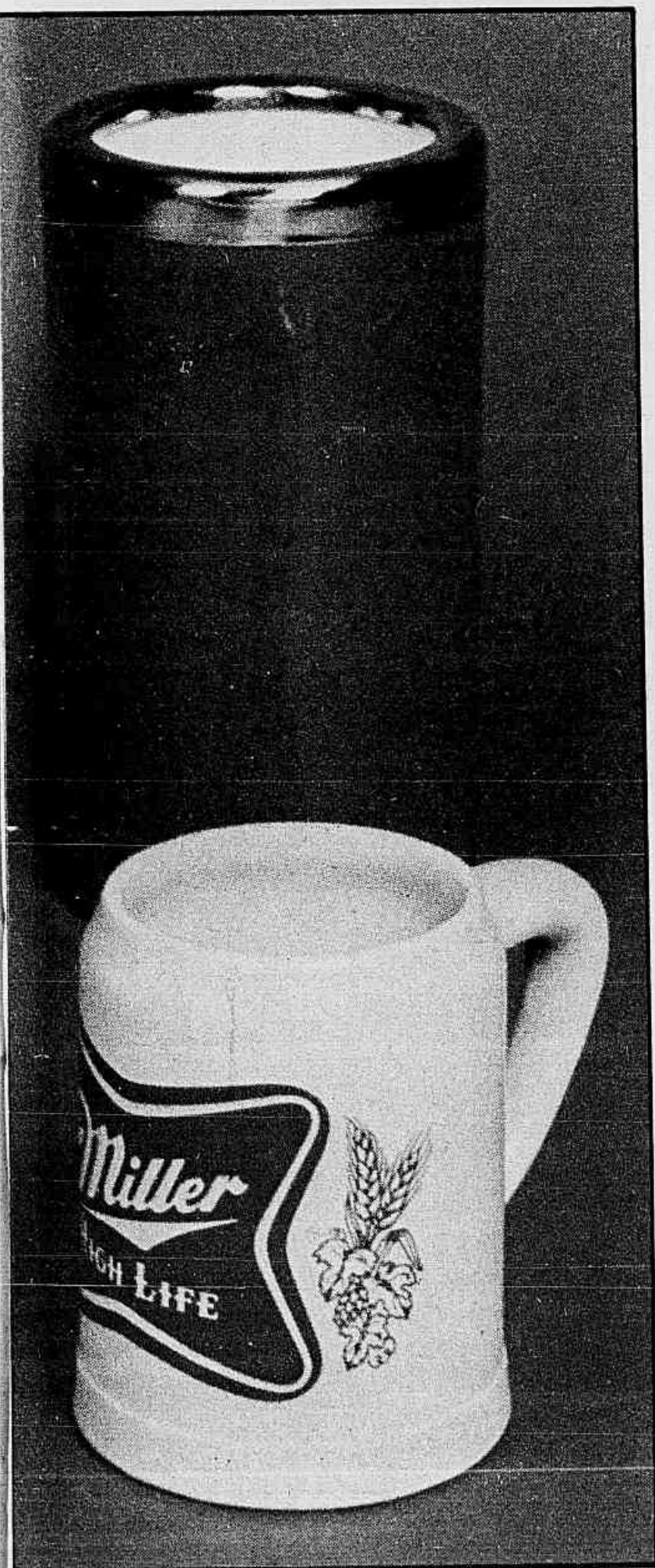
O vinho, tão consumido nos últimos meses, começa pouco a pouco a ser trocado pela loura, espumante e gelada cerveja. Enquanto o verão se insinua lentamente, a demanda da bebida cresce e, com ela, surgem novos *designs* de canecas e copos. Se não mudam a essência do gosto, fazem a bebida saber melhor e revelam insuspeitadas nuanças, por forma e material. Os desenhos são variados e exprimem-se na louça barata, no vidro e nos caros estanhos. E nunca esquecer que os entendidos ensinam que a cerveja deve ser bebida à temperatura de 5,5 graus para ser saboreada em toda sua intensidade. Importante: inclinar a garrafa 45 graus na hora de servir, para que o *colarinho* resulte na espessura de um dedo, a porção ideal. ■

A originalidade da caneca suíça colorida é a caixinha de música embutida na base. Ela só funciona quando a peça é levantada. A caneca de louça uruguaia tem um design simples e só é vendida num mínimo de seis peças. É da Vivará e cada uma custa Cr$ 750

O estanho é ideal para conservar a bebida gelada. Da Vivará, caneca com tampa (Cr$ 16 mil), a menor, desenhada (Cr$ 8 mil) e a comprida, lisa (Cr$ 11 mil 500)

Conjunto em cerâmica, com marcas de cervejas alemãs. Conjunto de seis, na Bom Desenho e na Em Uso por Cr$ 1 mil 700. O porta-garrafa vermelho é da Bom Desenho (Cr$ 1 mil 100)

O copo de louça transparente, tipo Tulipa, é dos mais comuns em restaurantes. Na Bom Desenho, por Cr$ 450

O estanho serve de acabamento à porcelana estampada com figuras de mosqueteiros do fim do século 16 e início do 17. Da Vivará, Cr$ 6 mil 650

Engenho

GOSTO DO BEM-FEITO

Devoção e economia garantem o sucesso das comidas artesanais

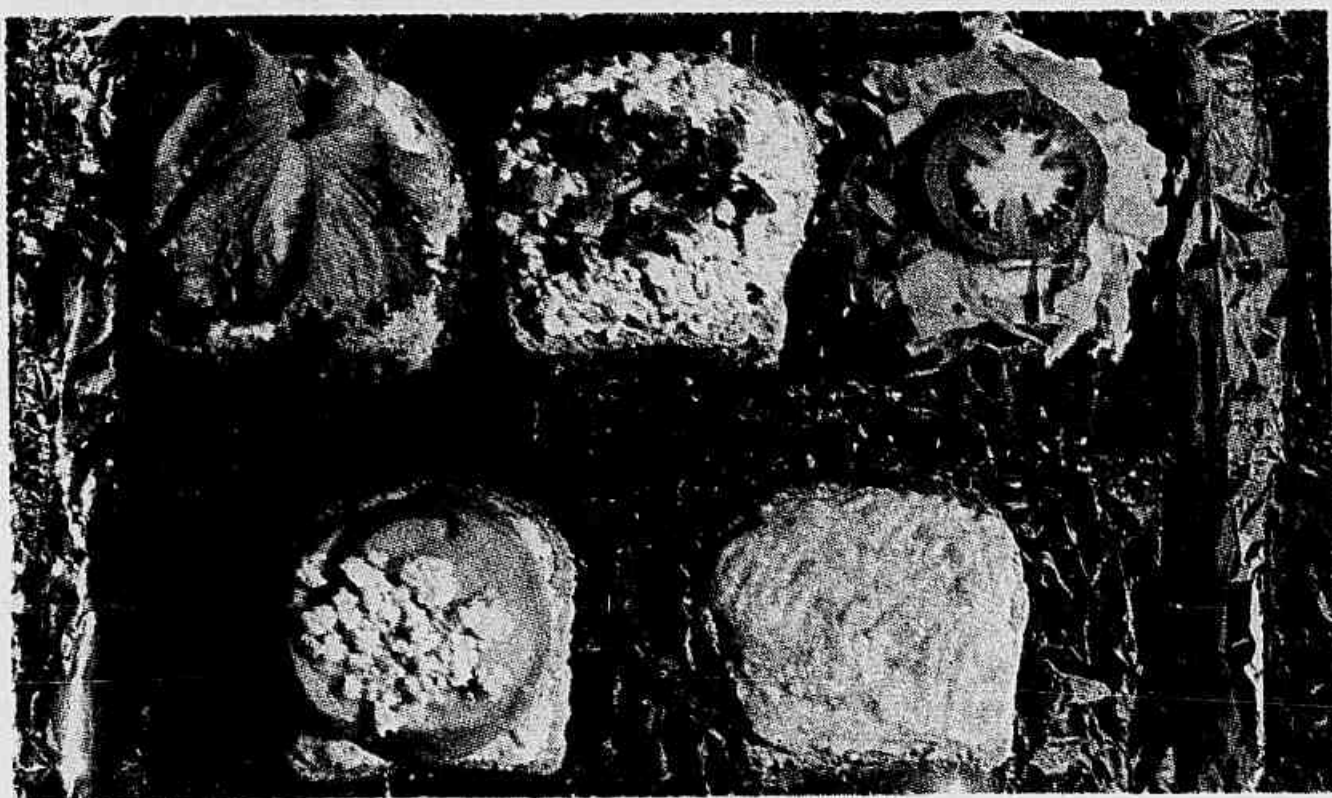
AIMÉE LOUCHARD ■ FOTOS DE GERALDO VIOLA

Ficou muito para trás o tempo em que preparar pães, doces, geléias, compotas, licores e outros acepipes caseiros era quase um ritual familiar. Avós, tias e amas detinham o privilégio de selecionar os ingredientes, preparar as receitas — quase sempre guardadas a sete chaves e só reveladas a uns poucos escolhidos da família para continuar a tradição. Com a agitação da vida moderna, o hábito foi se perdendo e continuaria restrito às fazendas e pequenas comunidades rurais se a onda de naturalismo, que trouxe de reboque o culto ao corpo e a preocupação com uma alimentação saudável, não tivesse reabilitado as velhas receitas junto com o prazer de prepará-las de forma artesanal.

Rapidamente, as lojas de produtos caseiros se espalharam por toda a cidade — escondidas em ruas de pouco movimento ou em concorridos centros comerciais — atraindo uma clientela que inclui jovens casais, atletas, crianças e até pessoas idosas, ansiosas em sentir de novo o gosto puro das guloseimas da juventude. Famílias e amigos, que embalam o projeto maior que algum dia abrir uma lojinha, se reúnem em espécies de cooperativas especializadas em artigos que vão desde os sanduíches naturais, passando pelas coalhadas, queijos, molhos e pães. E como a procura tem sido intensa, há épocas em que eles não têm mãos a medir para atender as encomendas.

"Não é de hoje que as pessoas estão preocupadas com a qualidade e procedência dos alimentos" assevera Fabienne Wyler, por trás do variadíssimo balcão da Aargau, loja de sua mãe, no Shopping Center da Gávea. "Numa cidade como o Rio — observa — você já vive intoxicado de tanta poluição. Se ainda ficar comendo alimentos cheios de conservantes químicos, não há organismo que agüente". Entrar na Aargau a qualquer hora do dia é uma tentação. Há que se ter uma força de vontade férrea para não sucumbir ao impulso de provar tudo. Das prateleiras, potes coloridos de geléias — "feitas em tacho de cobre, numa fazenda em Friburgo" — sacos de biscoitinhos amanteigados, tabletes de bananada e goiabada preparadas com açucar mascavo são um convite permanente. A loja, aberta há um ano, tem uma clientela fixa, que contribui com sugestões para acertar o paladar de cada produto: "Sempre que colocamos coisa nova na loja, um paté, uma conserva, pedimos aos fregueses para provarem. Assim vamos acertando o sal, os condimentos, de acordo com as opiniões de um e outro. Tem gente que até nos fornece receitas de família, tipo *minha avó fazia assim*". Checar a pro-

Molhos e geléias feitos em casa por D Helena (abaixo) nascem *de an*

nascem de antigas receitas vindas da Suécia

Sanduíches naturais, escolha saudável e barata

cedência de cada artigo — quase todos produzidos no interior, em pequena escala — é ponto de honra da casa. "Quando resolvemos vender mel" — conta Fabienne — "fomos até a fazenda onde era feito verificar tudo: cor, teor de açucar, condições de higiene e preparo. Por saberem de nossos cuidados, os clientes confiam em nossos produtos".

A mesma preocupação com a qualidade dos ingredientes tem Helena Nillson, que fabrica em casa geléias e *mango chutney*. Ela faz questão de escolher pessoalmente todas as semanas as frutas e legumes na Ceasa, onde já é conhecida dos feirantes como "a moça da geléia". Publicitária, neta e mulher de sueco, Helena descobriu os segredos da culinária caseira através de sua avó, que fazia tudo em casa: pão, conservas, doces, salsicha, sucos concentrados. "Era preciso uma técnica especial para conservar tudo naquele frio, relembra. Mas foi no Brasil, que ela conheceu o sabor das frutas tropicais e passou a fazer seus molhos e geléias: primeiro para a própria família, depois para os amigos suecos até tornar-se fornecedora de consulados, lojas e restaurantes, graças unicamente "à propaganda de boca". Na casa de Helena no Jardim Botânico, todos gostam de cozinhar e ajudam no preparo dos produtos. "Começamos fazendo isso, mais por *hobby*". — conta ela. "E a coisa foi tomando um vulto que não esperávamos". Quarta-feira, dia de preparar as encomendas, é como um dia de festa. Suas filhas Agnes, Lenah e o marido Nils ajudam a controlar o ponto, esterilizar os frascos, desenhar os rótulos. A casa toda rescende a cravo, morango e manga. "É muito gostoso reunir a família para cozinhar — diz Helena."Além disso você tem certeza de que os ingredientes são realmente puros, têm sabor. É um pouco como trazer as coisas e hábitos simples do campo para a cidade".

Mas nem só de doces e conservas faz-se a mania da culinária caseira que tomou conta da cidade. Os sanduíches naturais que passaram a ser vendidos nas praias, ruas e portas de escolas encabeçam a lista dos mais cotados produtos caseiros. Não deixa de ser uma nova opção para a saúde e o bolso se se levar em conta, que os fabricantes — quase todos adeptos do vegetarianismo ou da alimentação natural — primam em manter a qualidade daquilo em que acreditam e não cobram caro por seus produtos. O preço médio nunca ultrapassa Cr$ 60, bem aquém dos sanduíches de qualidade duvidosa vendidos em lanchonetes. "O segredo é fazer um sanduíche puro, com ingredientes honestos, sem ter olho no lucro fácil", sentencia Léo Cabus, ex-bancário e vendedor de butique, que começou a criar sanduíches em casa, no verão passado.

Ajudado pela irmã Chris, ele organizou um *menu* que inclui 10 variedades de sanduíches: do creme de espinafre à cebola, passando pelo de banana com canela e maçã com mel. Nos fins de semana, Léo chega a vender mais de 100 sanduíches nas areias de Ipanema e já ficou conhecido de muita gente: "Tem pessoas que pedem para misturar sabores" — ele conta —"sugerem temperos, pedem *pra* tirar alguma coisa. Isso só ajuda o nosso trabalho. Além disso, meu ciclo de amizades aumentou muito. Não é como você chegar num balcão e pedir. Na praia e nas escolas, converso com as pessoas. Com o tempo os fregueses acabam meus amigos."

Com mais recursos que Léo, a Pureza — uma cooperativa de 12 membros — também entrou fundo na alimentação natural. Com duas carrocinhas, uma em Copacabana e outra em Ipanema, ela oferece sanduíches, tortinhas, pastéis, bolos: tudo feito com muito trigo integral, açúcar mascavo e legumes. Para fazer jus ao próprio nome, a cooperativa só compra tudo que usa em pequenos produtores rurais. "Temos certeza que eles não usam defensivos ou montes de química", afiança Joaquim Moura, um dos integrantes da Pureza. "Todo mundo está preocupado em consumir alimentos puros" — diz ele — "que não façam mal à saúde nem engordem. Os alimentos industrializados são um veneno. Felizmente, as pessoas já se estão conscientizando disso e buscando novas alternativas".

Modismo, preocupação com a saúde ou nostalgia, o fato é que nunca os produtos caseiros estiveram tão em alta. Resta saber se os fornecedores, acostumados a reduzidas quantidades, terão condições de atender ao mercado crescente sem perda de qualidade. Os donos de lojas e os que fabricam em casa seus produtos parecem adivinhar que qualquer descuido será um golpe fatal. Denise Pessoa do Rego Monteiro, proprietária da Feito em Casa, loja do Leblon especializada em compotas, lingüiças, pão de alho — o maior sucesso da casa — e uma infinita variedade de delícias caseiras, é constantemente assediada por fornecedores interessados em colocar na loja seus artigos. "Prefiro ir na fonte buscar os produtos que vendo em minha loja" — afirma. "Gosto de verificar o que estou comprando, nem que para isso tenha que ir a uma cidadezinha distante. Sei que no Rio ninguém tem tempo de preparar coisas simples e gostosas, por isso os produtos caseiros estão tão valorizados. Mas isso não é desculpa para iludir o freguês relaxando na qualidade." ■

CUSTOS

Tamanho	P&B	4 Cores
Pág. dupla	1.008.000	1.317.000
1/1	544.500	751.500
1/2	353.250	548.000
1/4	198.000	273.000

QUALIFICAÇÃO DE LEITURA

Os leitores da Revista do Domingo são pertencentes às classes sócio econômica A/B, em sua maioria na faixa etária de 20 a 39 anos, de nível de instrução colegial e superior, sendo 48% mulheres.

Targets	Leitores	%
total	715.600	100
Mulheres	345.000	48
Classe A/B		53
20 a 39 anos		52
Colegial à Superior		61

A superposição de leitura entre os leitores de revistas é demonstrada abaixo, sendo que os leitores da Revista do Domingo também lêem outras revistas, ampliando dessa forma o universo de cobertura da Revista do Domingo.

	Leitores	%
Lêem a Revista do Domingo	715.600	100
e lêem também Claudia	125.200	17
e lêem também Desfile	80.400	11
e lêem também Amiga	87.600	12
e lêem também Manchete	172.400	24

Dentre as leitoras da Revista do Domingo 52% são donas-de-casa que trabalham fora.

Ainda sobre as donas-de-casa leitoras da Revista do Domingo, 57% pertencem às classes A e B e 54% são da faixa etária de 30 à 49 anos.

Leitoras da Revista do Domingo

Total	Trabalham	Dona-de-Casa	Dona-de-Casa/Trabalham
345.000	125.600	180.200	69.600
100%	36%	52%	20%

Leitoras Donas-de-casa da Revista do Domingo

Total	A/B	C	D/E	15/29	30/49	50/65
180.200	102.800	50.000	27.400	32.200	97.600	50.400
100%	57%	28%	15%	18%	54%	28%

Fonte: XXII — Estudos Marplan — Revistas — Grande Rio

Os prazos são:		
	Reservas	— 21 de Outubro
	Artes-finais	— 22 de Outubro
	Fotolitos	— 23 de Outubro

JORNAL DO BRASIL
Revista do Domingo

Sede: Av. Brasil, 500, São Cristóvão, CEP 20940 — Rio de Janeiro / Endereço Telegráfico JORBRASIL — Tel: (021) 264-4422 ramal 322 / Sucursais: São Paulo — SP — Av. Paulista, 1294/15º — Unidade 15-B / Ed. Eluma — Tel: (011) 284-8133 / Porto Alegre — RS — Rua Tenente Coronel Correia Lima, 1960 — Morro de Santa Teresa — Tel.: (051) 333711 / Curitiba — PR — Rua Presidente Faria, 51/1103/1105 — Tel: (041) 248783 / Belo Horizonte — MG — Av. Afonso Pena, 1500/7º andar — Tel: (031) 222-3955 / Salvador — BA — Rua Conde Pereira Carneiro, s/nº — Pernambués — Tel: (071) 244-3133 / Recife — PE — Rua Gonçalves Maia, 193 — Boa Vista — Tel: (081) 222-1144 / Brasília — D — Setor Comercial Sul — Quadra 1 — Bloco K — Ed. Denasa — 2º andar — Tel: (061) 225-0150

Horóscopo Semana de 18 a 24 de outubro

MAX KLIM

Áries

(21/3 a 20/4)

O ariano terá neste período indicações de desfavorabilidade nas finanças e no trabalho. Cautela ao tomar decisões nesses campos. Posicionamento astrológico que recomenda cuidado na condução de assuntos polêmicos. Aspectos pessoais de certa intranqüilidade. Bons momentos de vivência doméstica. Procure refrear seus instintos no que se refere ao amor. Continuam positivas as indicações para sua saúde.

Touro

(21/4 a 20/5)

Semana marcada por aspectos de grande positividade pessoal, com acentuada favorabilidade após quarta-feira. Esse clima se refletirá de forma marcante em seu comportamento profissional e nas relações com pessoas próximas. Tenha cuidado com as despesas e procure dimensioná-las da maneira mais adequada. Alguns acontecimentos ligados e pessoa de sua família poderão provocar depressão nos próximos dias. amor e saúde neutros.

Gêmeos

(21/5 a 20/6)

Com posicionamento extremamente desfavorável nos dois primeiros dias da semana, o geminiano terá, no entanto, uma regência astrológica de acentuada positividade depois de terça-feira, alterando de forma sensível todo esse quadro. Decisões corretas em relação a seu trabalho. Boas indicações quanto às finanças. Trato pessoal e doméstico marcado por alguns problemas, pequenos porém superáveis. Saúde regular.

Câncer

(21/6 e 21/7)

Com a entrada da Lua em sua casa astrológica, hoje às 10h15m, você obterá aspectos de desenvolvimento positivo para suas finanças e a condução de processos judiciais. Tais indicações persistirão durante todo o início do período. Cautela no relacionamento com colegas e superiores. Quinta-feira de muita alegria em termos pessoais. Sábado difícil em todos os sentidos. Relacionamento doméstico e amoroso positivo. Saúde boa.

Leão

(22/7 a 22/8)

Indicações positivas que superarão um condicionamento neutro que marca o início da semana. Clima financeiro de notável positividade depois da terça-feira. Cautela na condução de assuntos polêmicos depois de quinta-feira. Trato pessoal e social destacado em todo o período. Irritabilidade em relação à pessoa da família. Procure controlar-se. Vênus o beneficia no trato amoroso. Saúde ainda neutra.

Virgem

(23/8 a 22/9)

Partindo de uma segunda-feira desfavorável em todos os sentidos, o virginiano terá, nos próximos dias, aspectos muito positivos que deverão prolongar-se por todos os demais dias desta semana. Terça e quarta-feiras estarão de sacadas as suas acuidades mental e de discernimento. Assuntos bancários e comerciais bem posicionados na quinta-feira. Clima de entendimento e participação no trato familiar. Saúde boa.

Balança

(23/9 a 22/10)

Alternando dias de grande positividade com outros de fragilidade nas indicações astrológicas, o libriano terá uma semana marcada por grande motivação em termos profissionais e acentuada movimentação pessoal. Evite a superficialidade em relação a amigos e colegas. Vaidade e amor ao luxo e à ostentação. Clima de grande favorabilidade para assuntos místicos e religiosos. Trato doméstico e amoroso neutro. Saúde boa.

Escorpião

(23/10 a 21/11)

Influência desfavorável de Marte que, mal posicionado, o levará a decisões irrefletidas ou precipitadas que podem trazer, especialmente por volta de quinta-feira, aspectos de certo descontrole e inquietação. Evite dispêndios excessivos e gastos supérfluos. Boas indicações para a vida em família durante a semana. Clima de bom entendimento amoroso. Ternura e carinho. Positividade física acentuada.

Sagitário

(22/11 a 21/12)

Semana de positividade na condução de assuntos profissionais, principalmene os ligados ao comércio. Cautela, especialmente na segunda-feira, em relação às condições financeiras pessoais. Ânimo e grande vitalidade nas realizações ligadas ao lar e à família. De quarta-feira em diante, você poderá contar com notável influência de Vênus no campo amoroso. Saúde em fase regular.

Capricórnio

(22/12 a 20/1)

Semana com indicações negativas no início e clima de boa favorabilidade depois de quarta-feira. Bons aspectos em assuntos novos ligados à sua profissão. Evite, após quinta-feira, tratar com eletricidade e magnetismo. Procure mostrar-se mais tolerante com seus amigos e colegas. Superação definitiva de alguns problemas domésticos. Indicações negativas no amor. Saúde em fase muito boa.

Aquário

(21/1 a 19/2)

Período de indicações críticas de influência negativa sobre trabalho e negócios. Procure mostrar-se modesto a cauteloso em relação a colegas e superiores. Esses aspectos terão influência direta sobre suas finanças. No final da semana, especialmente depois de sexta-feira, essas condições se alterarão. Trato muito afável em família e indicações de apoio e compreensão em relação ao amor. Saúde boa.

Peixes

(20/2 a 20/3)

Os próximos dias mostrarão aspectos contraditórios para o pisciniano que alterará momentos positivos a outros de depressão e desconfiança. Esse posicionamento astrológico, aliado ao caráter impressionável e altamente sugestionável do nativo de Peixes, pode gerar um sentimento de profunda inquietação. Isso será superado com a certeza de momentos positivos em seu mapa zodiacal. Boa vivência doméstica e amorosa. Saúde boa.

Moda

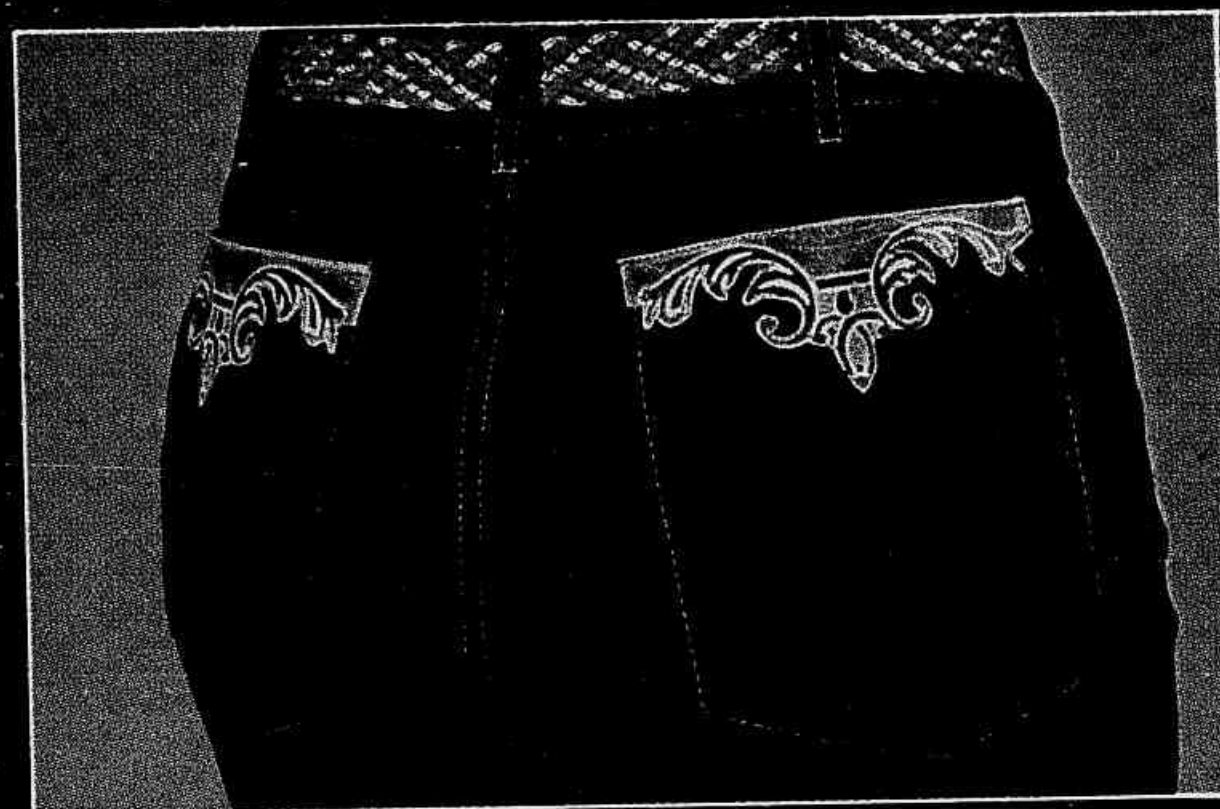
JEANS PARA TUDO

Jeans, sempre. Este nome deixou de designar a calça de cinco bolsos, em brim tinturado de azul-índigo desbotável, e passou a ser estilo. Jeans vale para sarja, para mescla, para stretch*, desde que tenha o apelo do conforto, alguns bolsos, típicos das velhas calças americanas.*

Depois da temporada de calças assinadas por todos os estilistas entramos na fase de passar as tendências da moda para este gênero. De jeans podemos sair de neo-românticas; de punks*, cheias de tachas; de* cowboys*, com arremates de couro, ou de folclóricas, com saias de barras, muito rodadas. Um pouco mais larga, a calça indiana; bem mais justa, a de tecido* stretch*. E chegamos ao modelo quase clássico, de cinco bolsos, com cantoneiras metálicas. Clássico só no feitio, porque a cor deixou de ser o azul-índigo: esta calça é branca. Mas no final, tudo é* jeans.

IESA RODRIGUES ■ FOTOS DE GERALDO VIOLA

Acabamentos de malha, dando um estilo colegial americano, ou os ilhoses que marcam o blusão e o shorts, atualizam as roupas práticas, fáceis de usar no dia-a-dia (ambas, da American Denim). Em vez de óculos, entram as viseiras (Quorum) e o cinto com bolsinha pochette (Carmem)

A identificação maior continua na traseira dos jeans, e não há limites para as variações. Desde o couro recortado, à moda faroeste (Ron's), às rendinhas brancas (Ducho para Central), e aos fechos, cintilando no jeans com lurex (Spy). A mais clássica tem as cantoneiras de metal dourado, mas a novidade está na cor, o stretch branco (Dijon)

As saias no velho tecido azul completam-se com diversas combinações

Jeans adapta-se até a linha árabe, apesar de não ser o tom de areia ou algodão cru. A melhor prova é o conjunto de camisa de pala e calça larga, com corte sarouel (Spy). Faixa de algodão bicolor (Spy) e sandália tacheada, afivelada na barra da calça (Central)

Também delicado e feminino, o conjunto de saia e blusa de lingerie. A saia em jeans leve e macio tem babado forrado de bordado inglês na barra, que pode ser laise ou até em algodão de pois, branco e marinho (Beth Brício). Acessórios vermelhos: espadrille baixa (Quorum) e cinto com estrela de plástico (Elton).

Na onda do Neo-Romântico, chega o espartilho de jeans, com barbatana interna e tudo mais, decote em ponta e pespontos brancos. A golinha avulsa, de renda guipure faz o clima romântico (Beth Brício). Pulseira dourada (Elton)

Uma mistura muito 82: calças curtas, com laçadas na frente (American Denim); camiseta de algodão, sem estampa (colete igual ao usado pelos fotógrafos profissionais, só que de jeans, com bolsos coloridos (Americanino) e espadrille de lona crua (Quorum)

As saias são pontos importantes na moda do verão. Largas, franzidas e confortáveis, combinam com sapatos baixos (sempre) e camisetas de algodão. Duas versões, na foto: saia de barras franzidas (Inega), com camiseta sem mangas (Toulon), com lenço torcido na cintura (Gledson); óculos (Jean Marcel); espadrille baixa (Central) e bolsa de nylon (Gang). Ou a saia é de cós alto, franzida (Dimpus), com camisa de algodão e colete acolchoado, leve, só para dar o toque de cor (Quorum), espadrille de lona crua (Quorum). Nas duas saias, um só tecido: jeans

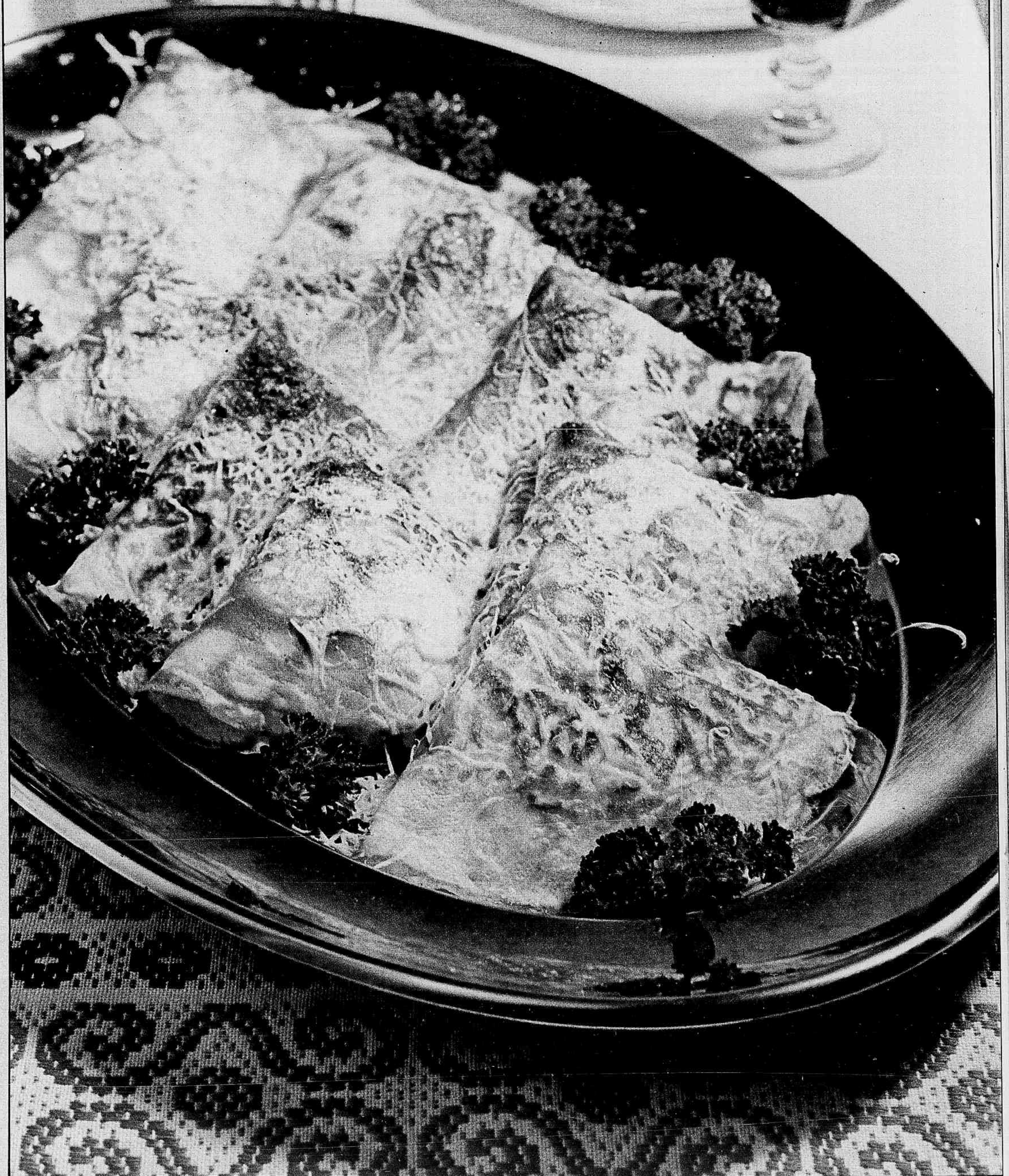
Minivestidos, bermudas, debruns — tudo pode fazer a festa do índigo

Jeans também tem sofisticação, e não precisa ser em nome de costureiro francês. Os debruns de couro que acentuam os cortes do conjunto de calça e camisa dão ar de requinte a esta roupa, em princípio tão esportiva (modelo de Victor Hugo). Cinto de couro (Victor Hugo); brincos grandes, dourados e muitas pulseiras (Spy e Elton)

Retalhos de vários tons formam o shorts e a camisa, que ganham pespontos vermelhos, ilhoses espalhados e impressões de carimbos (grande moda, no mundo inteiro, Americanino). Tênis branco, de forma fina (Águia, para Varese) e travessa de plástico, prendendo os cabelos (Elton)

Um best seller, o minivestido. Ou maxicamisa? Em todo caso, é a roupa perfeita para o calor, para quem não abandona o azul-índigo nunca e pretende mostrar as pernas. Corte certo, como uma camisa (American Denim), com cinto caído nos quadris (Central) e pequenos detalhes vermelhos — chaveiro, e pulseira (Elton)

Onde encontrar

Spy e Great — Rua Garcia d'Ávila, 58; Av. Copacabana, 680-lj. L — *Dimpus* — Rua Maria Quitéria, 85; Rua Santa Clara, 75 — *Quorum* — Rua Garcia d'Ávila, 134-D; Rua General Roca, 913-ljs. 1 e 2; *Beth Bricio* — Rua Visconde de Pirajá, 577 sl. 603 — *American Denim* — Av. Copacabana, 722-A; Rua Visconde de Pirajá, 540; *Elton Bijouterias* — Av. Copacabana, 680/404 — *Dijon* — Rua Garia d'Ávila, 110; Av. Copacabana, 680/K — *Gang* — Rua Santa Clara, 75/D; Shopping Rio Sul lj. C 10/A; *Victor Hugo* — Rua Barão da Torre, 247-lj. 8; *Carmem* — Pça. Serzedelo Correia, 15/306; *Inega* — Elle et Lui — Rua Almte. Pereira Guimarães, 79 — Mademoisele — Av. Copacabana, 702/B; *Varese* — Shopping Cassino Atlântico-ljs. 230-325-327; Praça Saens Peña, 45-lj. 105; *Toulon* — Av. Copacabana, 680; Rua Visconde de Pirajá, 156; *Ron's* — Rua Santa Clara, 75/202; *Gledson* — Boutique Chocolate — Rua Visconde de Pirajá, 550/1 108; Rua Santa Clara, 33; Shopping Rio Sul — lj. B.01-A; *Central* — Rua Santa Clara, 70.

SUCINTA DELÍCIA DO "CRÊPE"

Na definição do *Larousse Gastronomique*, o *crêpe* nada mais é do que uma panqueca bem fina, feita numa pequena frigideira e composta de uma massa de ovos e farinha. Na França, muito popular, ele freqüenta desde os ambulantes de rua até os mais requintados restaurantes. Doce ou salgado, o *crêpe* tem uma receita básica que varia muito pouco de um *chef* para outro. A criatividade fica por conta do que irá recheá-lo, desde morangos ou maçãs a berinjela ou ervas.

Massa para receita doce, segundo o Larousse

Ingredientes: 250 g de farinha; 75 g de açúcar; uma pitada de sal; 5 ovos; 1/2 litro de leite; 1 copo quase cheio de creme fresco.

Preparo: Misturar a farinha, o açúcar, o sal e os ovos. Depois da massa bem unida, colocar o creme e o leite. Perfumar à vontade.

Massa para receita de sal, de Ana Judith:

Ingredientes: 1/2 kg de farinha de trigo peneirada; 1 colher (café) rasa de sal; 4 ovos inteiros; 3/4 de litro de leite; 1 copo de cerveja clara; 1 colher (sobremesa) de manteiga.

Preparo: Misturar a farinha de trigo com o sal e os ovos batidos como para omelete. Juntar primeiro o leite morno e depois a cerveja. Misturar bem, cobrir com um guardanapo e deixar repousar por cerca de 2h.

Se a receita for de ervas, é só acrescentar à massa uma xícara (chá) de ervas variadas. Para a receita da foto, de galinha, é necessário desossar a ave. Fazer um pequeno *béchamel* perfumado com noz-moscada e nele acrescentar galinha picada em pedaços. Colocar em cada *crêpe* um pouco dessa preparação, dobrar, polvilhar queijo ralado em cima e levar ao forno.

A panqueca doce de maçã pode ser feita com o doce da fruta. Depois de enrolada, arrumar na travessa e regar com uma dose de conhaque aquecido. Flambar e polvilhar então com um pouco de açúcar e canela. Dependendo da imaginação, o *crêpe* pode ser bastante inventivo ou então — muito apreciado pelas crianças — ganhar, depois de pronto, um pouco de mel. ■

A base, simples, acolhe o recheio de frango

Guia de Serviço

ADMINISTRADORA DE IMÓVEIS 005

A SERGIO CASTRO — HÁ 32 ANOS de tradição, experiência e Segurança Administra seu imóvel, reajusta aluguéis, paga encargos, assist. jurídica especial. CUIDA BEM DOS SEUS BENS. **R. Assembléia, 40/ 12º. T.: 224-6022** ABADI 32.

SE VOCÊ DESEJA ALUGAR AMANHÃ
— Ligue hoje para a **SUÍÇA — 239-4646, R. Visc. Pirajá, 580/ 321.**

ADVOGADOS 015

ESCRITÓRIO CLEMIR RAMOS —
Advogados especializados. Família, Civil e Tributário. **Av. Beira Mar, 406 gr. 1008. T. 220-7931.**

CAMPING/ESPORTES 083

INCITATUS
Faça culotes e casacas na INCITATUS, você vai sentir que é mais fácil, gostoso e elegante montar. **TEL: 275-4205.**

DECORADORES 135

ABA FÁBRICA RÔLO PAINÉIS
— Painéis em estrutura de alumínio **273-9605 — 273-6250. A. Lobo, 100.**

ELETRODOMÉSTICOS CONSERTOS 165

A DOMICÍLIO CONSERTOS
— Fogões, gelad. maq. lavar, secar Brastemp, Z/ Sul, mesmo dia c/ garantia. **Pr. Botafogo, 340 lj. 8. T. 266-3190/ 266-4390/ 246-9145.**

MÁQUINA COSTURA CONSERTA-SE
A domicílio **Tel. 229-1411**

A ASSISTÊNCIA TÉCNICA ELNA (MÁQS. COSTURA)
Conserta e reforma todos modelos c/ tudo orig de fábrica e garantia. **R Fig Magalhães 219/305. Tel: 236-1982.**

EMPREGADOS DOMÉSTICOS 168

ACERTE AQUELA EMPREGADA, BABÁ, ETC.
— Psicólogos selecionam sua empregada c/ segurança. **255-8802 — 236-3340 — 257-9784.**

ESTOFADORES 175

COLCHÕES/ MÓV. ESTOFADOS
294-3799 R. Dias Ferreira, 420 — D Leblon.

IMÓVEIS CORRETORES 210

BATUIRA DE SOUZA/ CRECI 190
— Há 24 anos especializado na venda de Casas e Aptºs. de luxo. **R. Visc. Pirajá, 595. Gr. 703. Tel.: 239-7196.**

JARDINAGEM AGRICULTURA 220

GRAMA/ JARDINS/ TERRA
— Placas e tapetes. Fornecemos, plantamos e conserv. em todo RJ. Jardins e gramados. Orç. **331-8477/ 331-1876.** PAN-GRAMA.

LIMPEZA CONSERVAÇÃO 235

ACERTE
— Dê ao seu ambiente de trabalho aquele "Toque" de limpeza que há em seu lar. Serviço especializado de faxina e conservação p/ empresas, escritórios e consultórios. PBX de inf. **255-8802.**

PERSIANAS CONSERTOS 275

A BADARÓ PERSIANAS
— Consertos, pinturas e novas. **281-3533/ 201-3237/ 281-4509.**

PISCINAS/SAUNAS PROJETO INSTALAÇÕES 277

AQUAFLOR — PISCINAS/ SAUNAS
— Carrefour 399-2249/ 399-7775, Show Room-Recreio 327-8188. Jacarepaguá 392-7930. Ilha 393-8450.

PISC-IN CONSERV. PISCINAS
— R. Vistula 11-D. Guarabú — Ilha. 393-7383.

REVESTIMENTO 281

PEDRAS DECORATIVAS PEDRAMAR
— Revestimentos em pedras para: piscinas, degraus, rodapé, soleiras, etc. **Av. das Américas, Km 17. Tel. 327-8252.**

SEGUROS 283

ARVEL CORRETORA DE SEGUROS
Opera todos os ramos Dir. Arnon Velmovitsky **R. Carmo, 9/7º T. 232-6363, 224-4866.**

SOM-VIDEO SERVIÇOS 290

VHS — VIDEO CLUBE
— Filmes, aluguel/ inst./ assist. téc. **Av. Copa, 978 s/l. 212. T. 257-7599.**

VETERINÁRIA 307

URGÊNCIA VETERINÁRIA
— Rua João Ricardo 16 S. Cristóvão. Informações — **260-1705.**

Guia Médico

CIRURGIA PLÁSTICA 430

CIRURGIA PLÁSTICA
Dr. MARCO AURÉLIO — CRM 11.295. Estética reparadora. Queimaduras. **Rua Santa Clara, 50 sala 905. Tel. 257-0543.**

DR. FRANKLIN C. CARNEIRO
— Cirurgia face, nariz, busto e abdomen. **Copa 257-7785/ Madureira 350-5499/ Jacarepaguá 390-8873.** CRM 23.082.

HOMEOPATIA 485

DR: JOSÉ PECEGO — CLÍNICA GERAL/ ALERGIA —
Av. Ataulfo de Paiva, 135 sala 1111 Leblon — 239-5245 CRM 52.28585-1

OBSTETRÍCIA 525

PARTO NATURAL
— (Posição de cócoras). CARDIOTOCOGRAFIA Ante-parto. DR. ANTONIO CARLOS OLIVEIRA. CRM 15.208. **R. Carlos de Carvalho, 34 sala 114 — Cruz Vermelha. 242-0644** de 14 às 18h.

ULTRA SONOGRAFIA 580

CLÍNICA SONOGRÁFICA TIJUCA
— DR. WILSON NUNES VASQUES CRM 1.864. **Rua Conde de Bonfim, 232 s/ 910.** Marcar hora p/ tel. **248-2597.**

DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO 1.036/80 DO CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA

A venda dos anúncios para o GUIA DE SERVIÇOS e para o GUIA MÉDICO só poderá ser feita pelas nossas Agências de Classificados ou pelos Tels: 284-3737, 234-4539 e 264-4422 ramais 350, 356, 383 e 354. A nenhuma outra pessoa ou agência de publicidade foi autorizado, mesmo se utilizando do nome do JORNAL DO BRASIL, a fazer esta comercialização.

Luís Fernando Veríssimo

IDADES

— É a idade, minha filha — disse ele, desculpando-se.

— Isso acontece.

— O diabo é que tem acontecido seguido...

— Bobagem.

— É a idade...

— Não tem nada a ver com idade.

— Tem tudo a ver com idade. A idade estraga tudo.

— Exagero.

— Onde entrou idade, muda tudo.

— Idade não muda nada.

— Então me diga uma coisa. Se eu fosse um garotão, cheio de vida, em forma, e desse em cima de você, o que é que você acharia disso?

— Ah, eu acharia bárbaro.

— E se eu fosse um velhinho, caindo aos pedaços, e desse em cima de você, o que você acharia?

— Uma barbaridade.

— Está aí. Botou idade, mudou tudo.

— Mas não é bem assim...

— Não é? Então imagine que você está me vendo ali, quarenta anos mais moço, de calção, com uma bola no pé, fazendo embaixada, controlando no calcanhar, fazendo misérias. O que é que você diria?

— É um monstro!

— E agora me imagina velhinho, velhinho, de calção caindo pelos joelhos, tentando controlar a bola e nem conseguindo levantar o pé do chão. O que você acharia?

— Uma monstruosidade.

— Está aí.

— Mas "felicidade" também tem idade.

— "Felicidade" é como "capacidade" e "virilidade".

— O quê?

— Não são palavras. São contradições.

— Mas qual é a sua idade, afinal?

— No momento, a impossibilidade.

■ ■ ■

Todos se admiravam quando aquela mulher, que não aparentava ter mais do que 35 anos, dizia a sua idade.

— O quê?!

— Verdade. Cinqüenta e dois.

E acrescentava, diante do espanto geral:

— Completos.

As pessoas perguntavam pelo seu segredo. Tinha que haver um segredo. Algum creme miraculoso. Além das plásticas, é claro.

— Mas eu nunca fiz plástica.

— Impossível!

Os outros não se cansavam de elogiá-la. Onde ela aparecesse, tornava-se o centro dos comentários.

— Que idade você dá para ela?

— Trinta e cinco, trinta e seis...

— Cinqüenta e dois.

— O quê!

— Cinqüenta e dois. Completos.

Ela dizia que não havia nenhum segredo. Apenas tinha uma boa pele, se cuidava, alimentava-se bem, fazia exercício. E, principalmente, tentava manter uma boa disposição diante da vida e das pessoas. O único segredo era a paz interior. Que mulher formidável, diziam todos.

Até que um dia uma parenta, cansada de ouvir tantos elogios, decidiu revelar a verdade.

— Ela tem 34.

— Mas...

— Trinta e quatro incompletos. É mais moça que eu.

Mentia a idade. Por pura vaidade.

■ ■ ■

O homem repete, na sua vida, todas as idades da sua espécie. As humanidades. Mas não na mesma ordem.

Depois da natividade vem a naturalidade, a facilidade, a curiosidade, a gratuidade, a comicidade, a voracidade, a vitalidade, a belicosidade, a impunidade.

É a Idade da Pedra.

Depois vem a maioridade, a urbanidade, a fraternidade, a necessidade, a atividade.

É a Idade do Ferro e do Fogo.

No fim vem a opacidade, a obscuridade, a morosidade, a caridade, a fatalidade, a mortalidade e, para quem vira estátua, a posteridade.

É a Idade do Bronze.

■ ■ ■

Parafraseando Shakespeare (que temeridade):

Um homem em seu tempo desempenha tantos papéis quanto idades tenha.

O infante vomitando na sua ama.

O escolar brigando pra sair da cama.

O amante borbulhando como um trem com baladas para a fronte do seu bem.

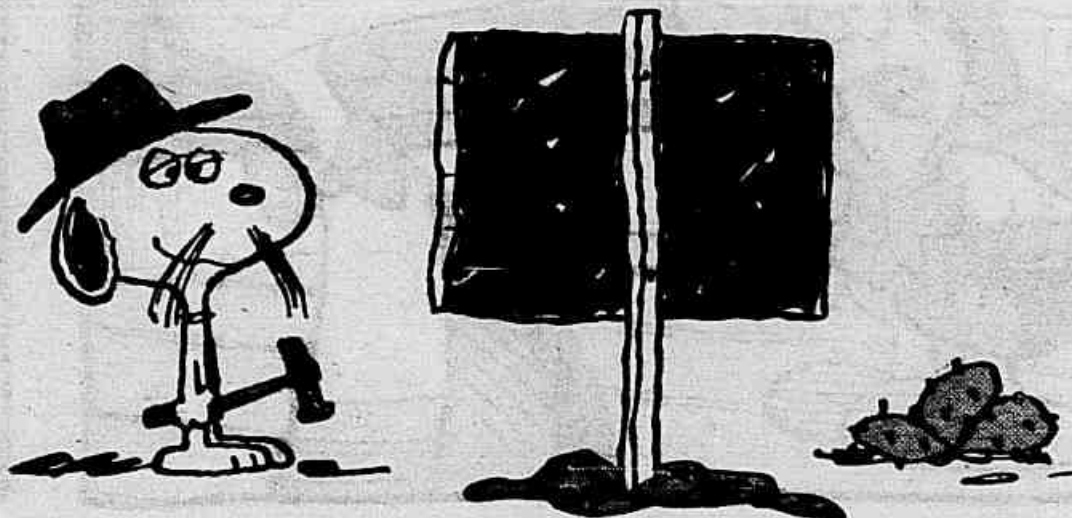
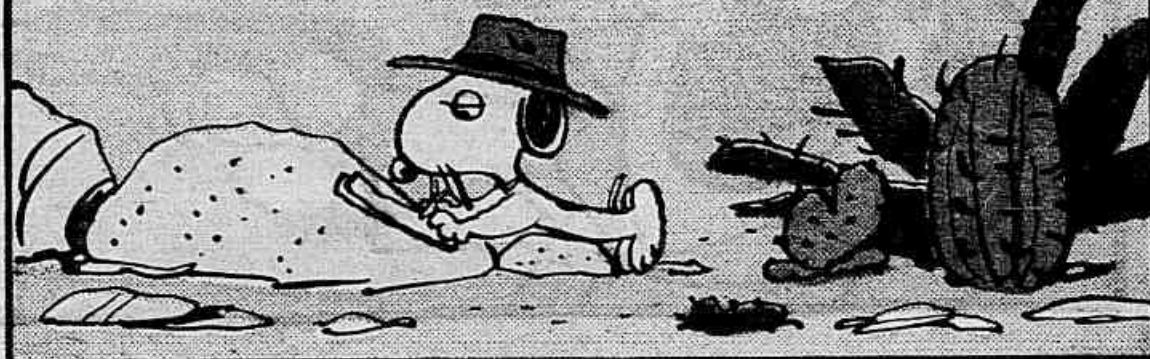
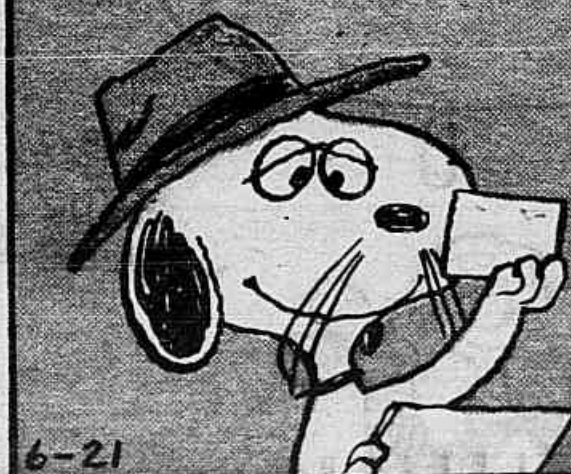
O soldado e sua má reputação cantada pela boca de um canhão.

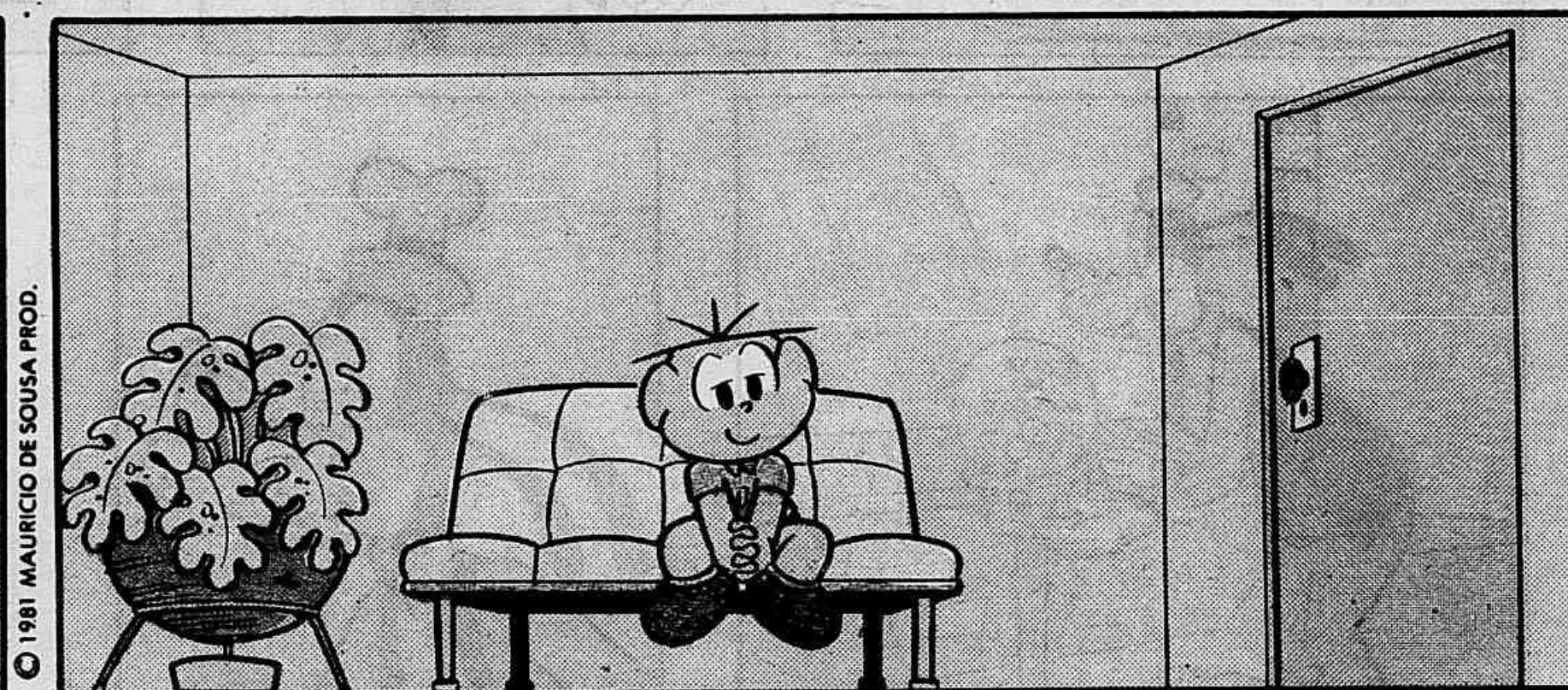
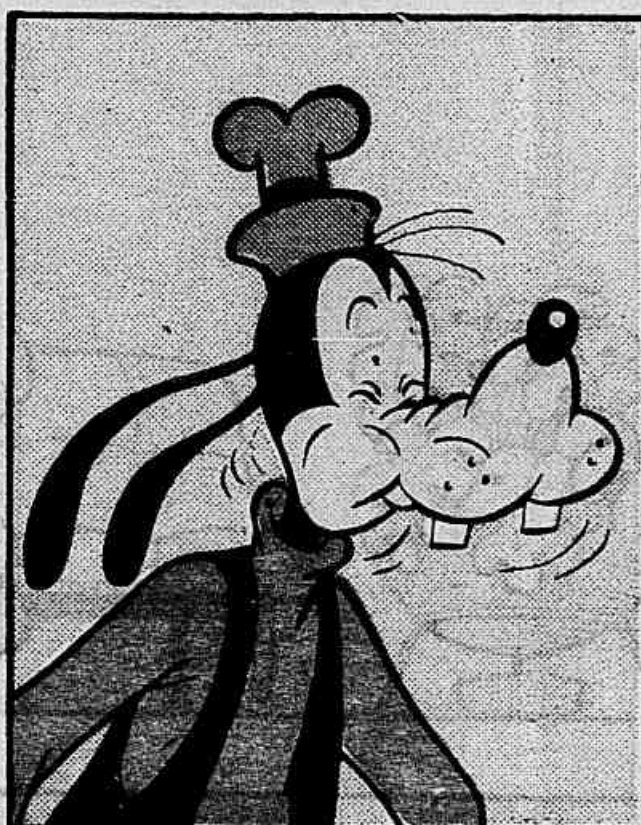
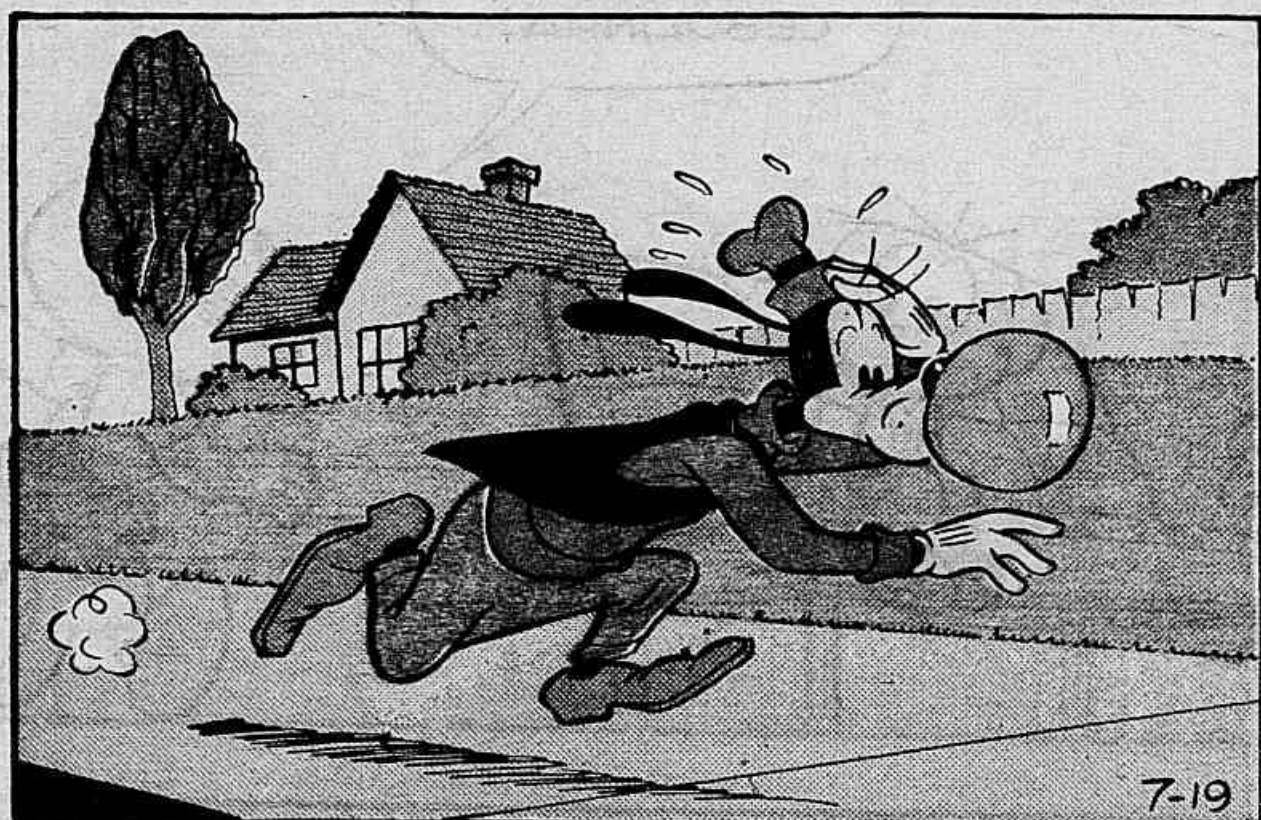
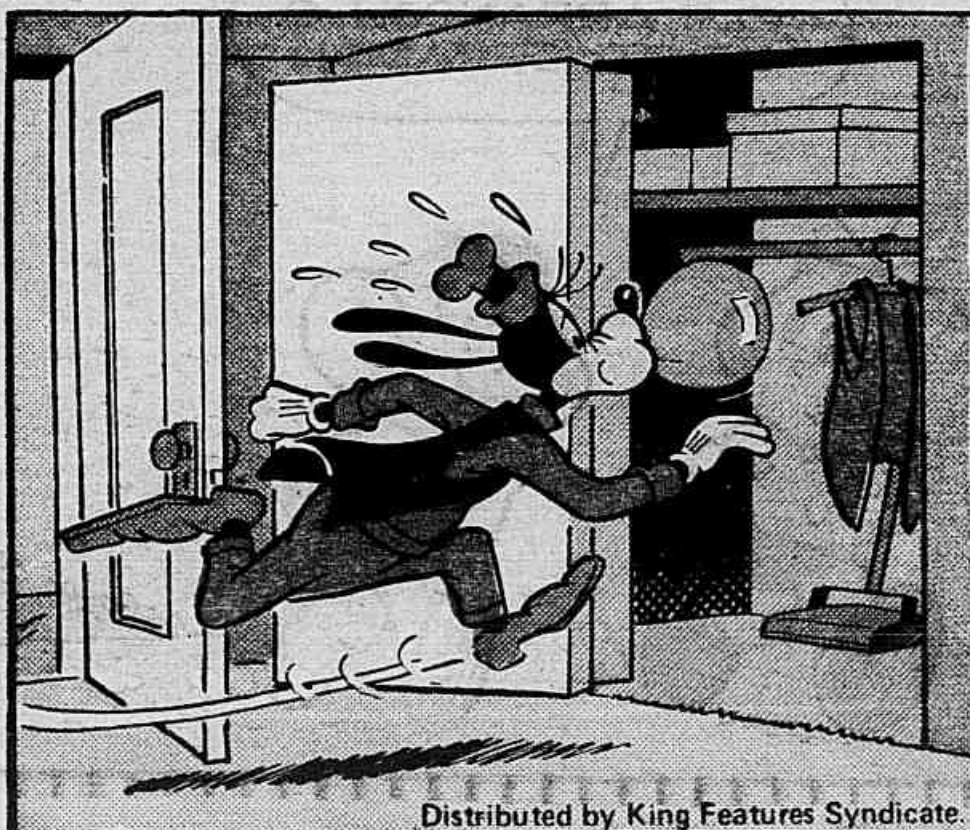
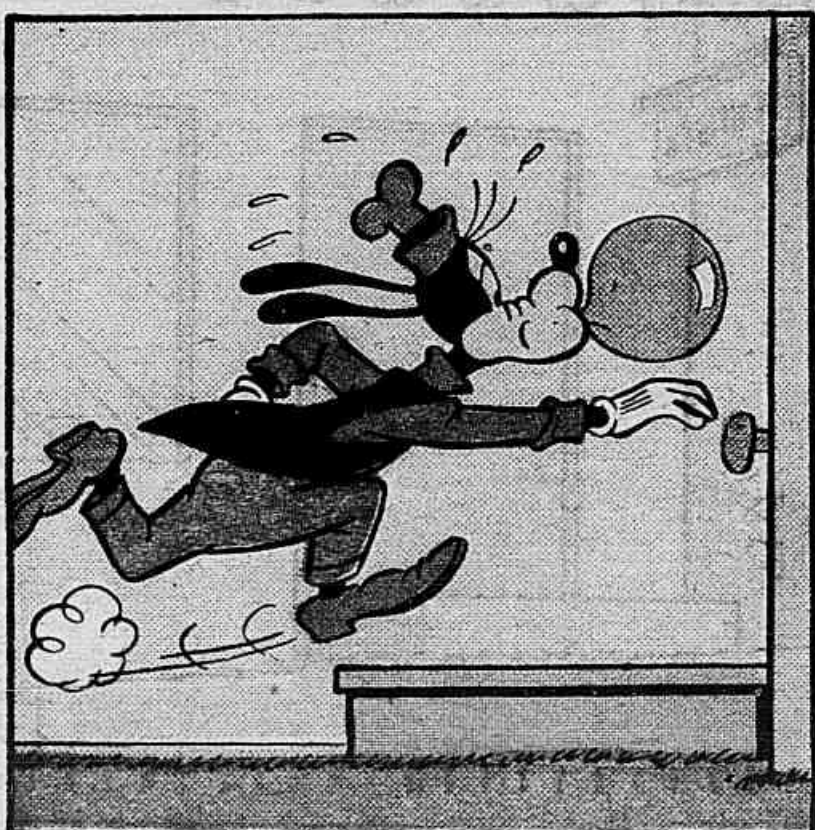
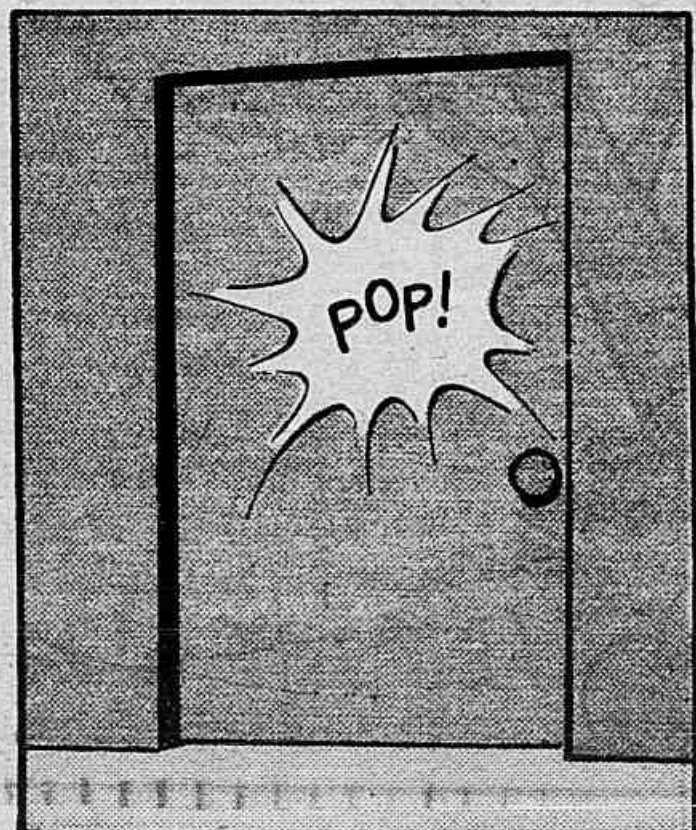
E o juiz com a barriga forrada cheio de conselhos e carne assada.

A sexta idade tem a calça frouxa os óculos no nariz e a fala chocha.

Na última cena desta estranha história com a voz sumida e falta de memória é a remota infância recapturada sem dentes, sem olhos, sem gosto e sem mais nada.

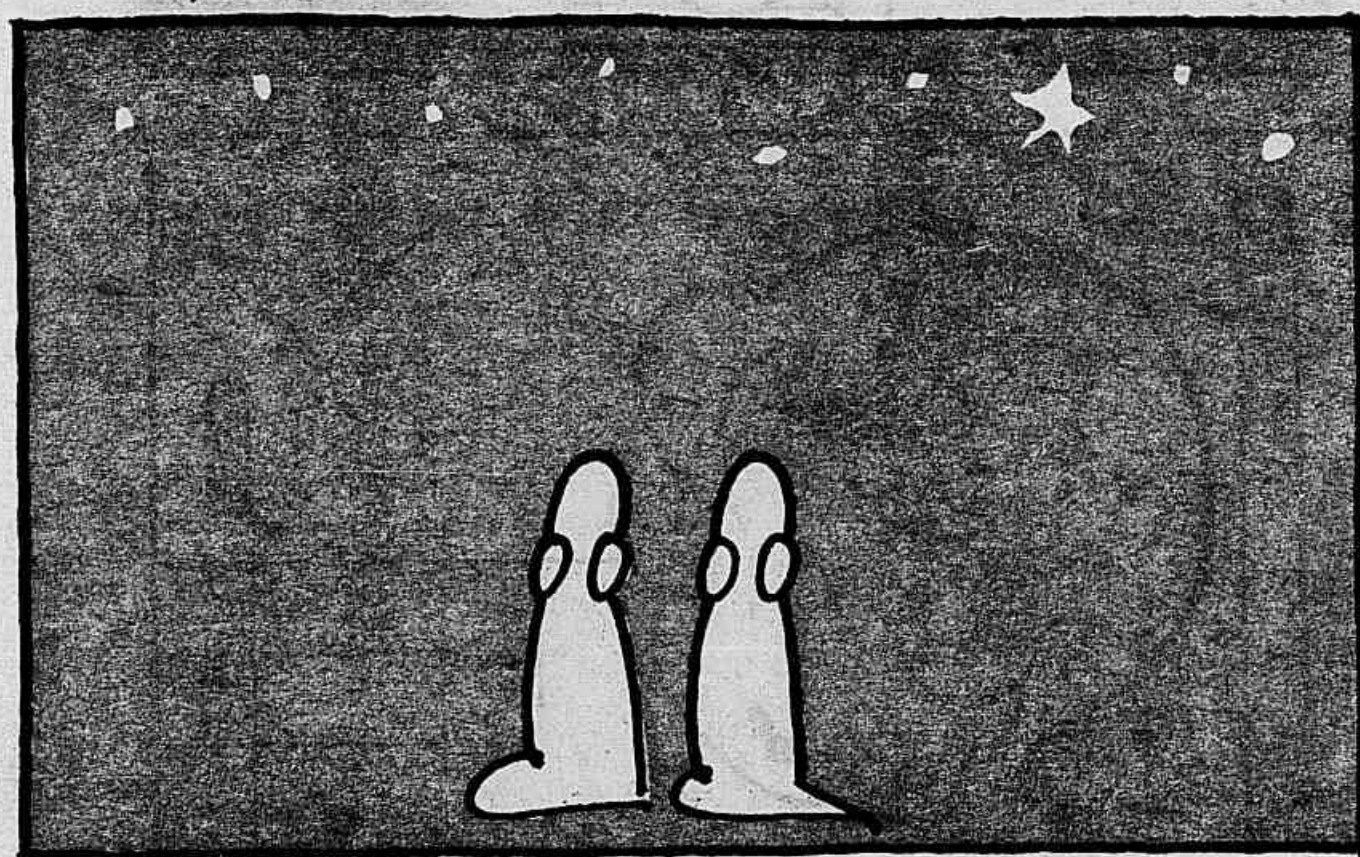
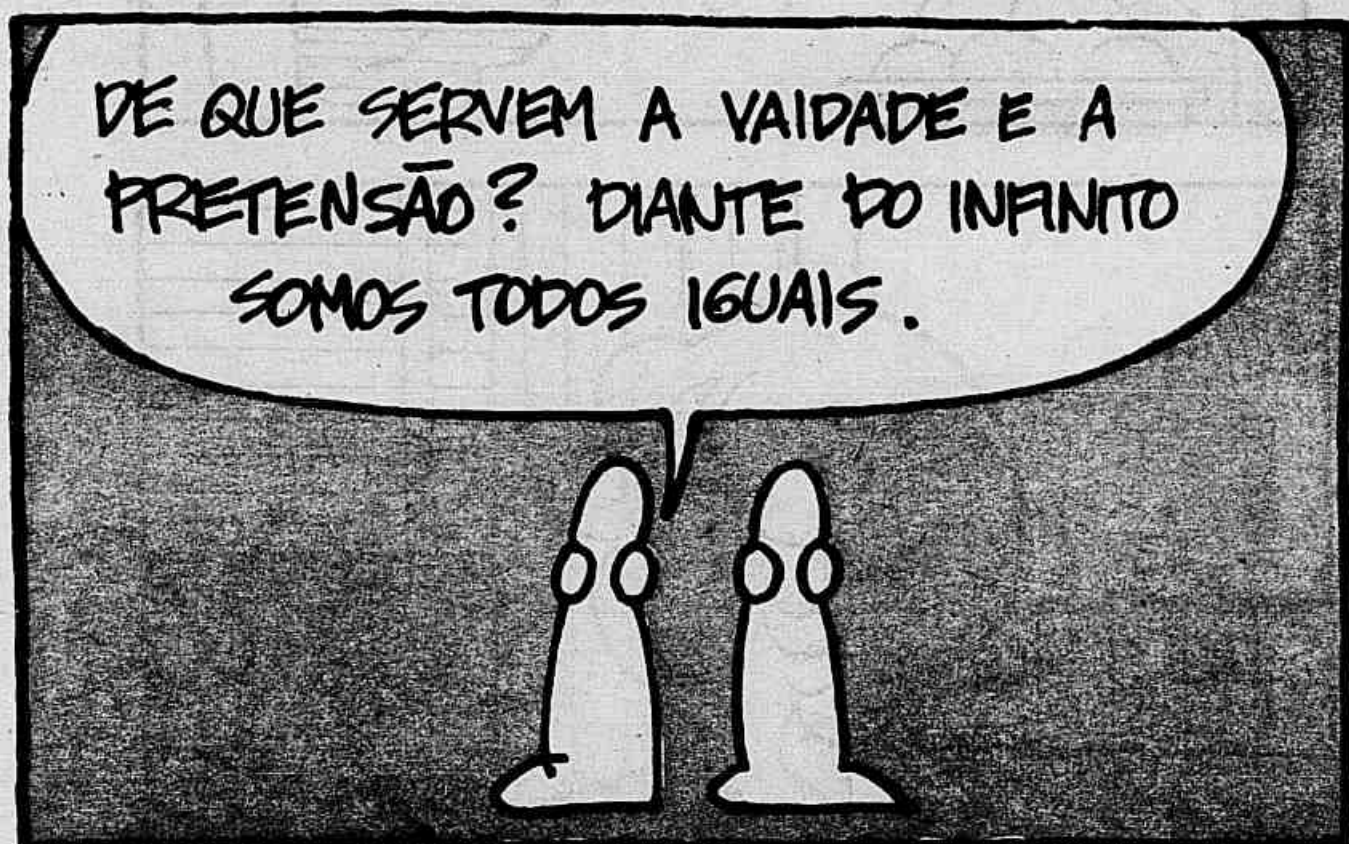
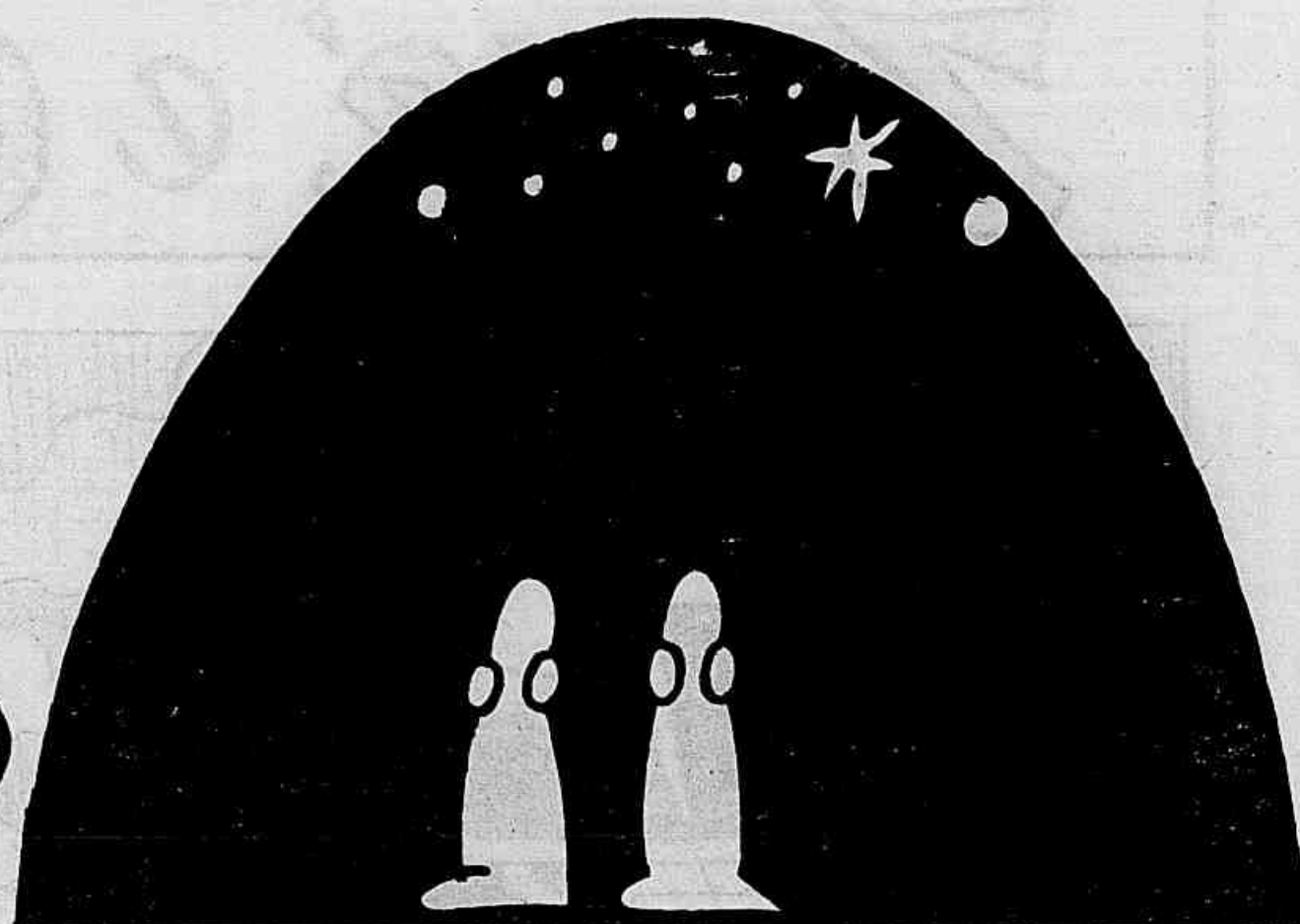
CADERNO DE QUADRINHOS
Nº290 Suplemento do JORNAL DO BRASIL, 18 de Outubro de 1981 Não pode ser vendido separadamente

PEANUTS
Charlie Brown e sua patota
por SCHULZ

ARCA dos BICHOS de Addison

© 1981 MAURICIO DE SOUSA PROD.

WALT DISNEY MICKEY

VERISSIMO
AS COBRAS
81-41

DE QUE SERVEM A VAIDADE E A PRETENSÃO? DIANTE DO INFINITO SOMOS TODOS IGUAIS.
DIANTE DO INFINITO EU ME SINTO UM ZERO.

E VOCÊ?

UM QUATRO!

Zezé e Cia

de MORT WALKER e DIK BROWNE

FÊMUR
HECTOR SAPIA

GOSTO DESTE PERSONAGEM, ACHO QUE ELE TEM MUITO FUTURO.

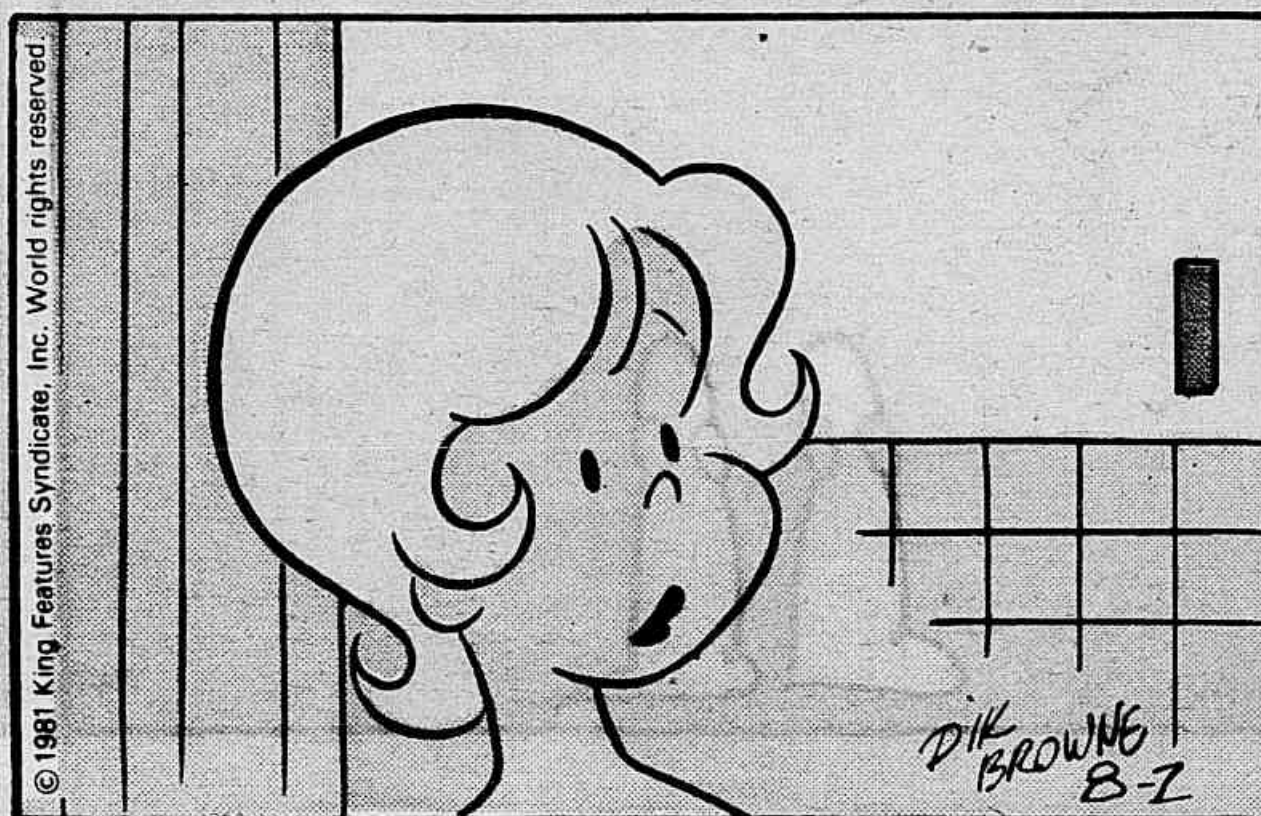
TEM TUDO PARA FAZER SUCESSO...

TEM TIPO, TEM SIMPATIA...

E, QUEM SABE, TALVEZ UM DIA, CHEGUE A SER UM POPEYE OU UM FERDINANDO.

O QUE VOCÊ ACHA DISSO?

EU QUERIA APROVEITAR A OPORTUNIDADE...

...PARA DAR UM "ALÔ" A MEUS PAIS E A TODOS OS AMIGOS QUE ESTÃO ME VENDO NESTE MOMENTO.
1 6 9
SAPIA

GARFIELD

Jim Davis

FRANK e ERNEST

HORÁCIO

CAP. I

MAURICIO

ACHO QUE ESSA SUA BUSCA À MÃE PERDIDA NÃO ESTÁ COM NADA, HORÁCIO!
TEMPO JOGADO FORA, AMIGO!

VOCÊ JÁ PENSOU BEM? HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ SAIU DO SEU OVO?

834

BEM! EU JÁ VI UMAS... DEZESSEIS PRIMAVERAS!
É TEMPO PRA BURRO, NÃO ACHA?

NÃO ACHO QUE EU ESTEJA TÃO VELHO ASSIM!
NÃO É ISSO!

É MUITO TEMPO PRA SUA MÃEZINHA AINDA SE LEMBRAR DE UM OVO, COMO OUTRO QUALQUER!...
...ABANDONADO AO SOL, COMO MUITOS!

ELA JAMAIS CHEGOU A CONHECÊ-LO, HORÁCIO! NÃO CHEGOU A SENTIR SUA FALTA! ESQUEÇA DELA E TRATE DE VIVER A VIDA!

AGORA QUE TAL UMA CAMINHADA POR AÍ, PRA PAQUERAR UMAS BELAS DINOSSAURINHAS, HEM?
!

CONTINUA

BELINDA
de YOUNG e RAYMOND

QUE DIA LINDO!

PERFEITO PARA SAIR!

GERALMENTE, CHOVE.
NENHUMA NUVEM NO CÉU!

OU VENTA...
NENHUMA BRISA.

VAI SER UM PIQUENIQUE PERFEITO!

VEJA... LÁ ESTÁ O LUGAR IDEAL.

QUE VISTA!
LINDA!
PODE-SE VER TODO O LAGO DAQUI.

AINDA NÃO VI AS FORMIGAS.

QUE DIA MARAVILHOSO!
É...

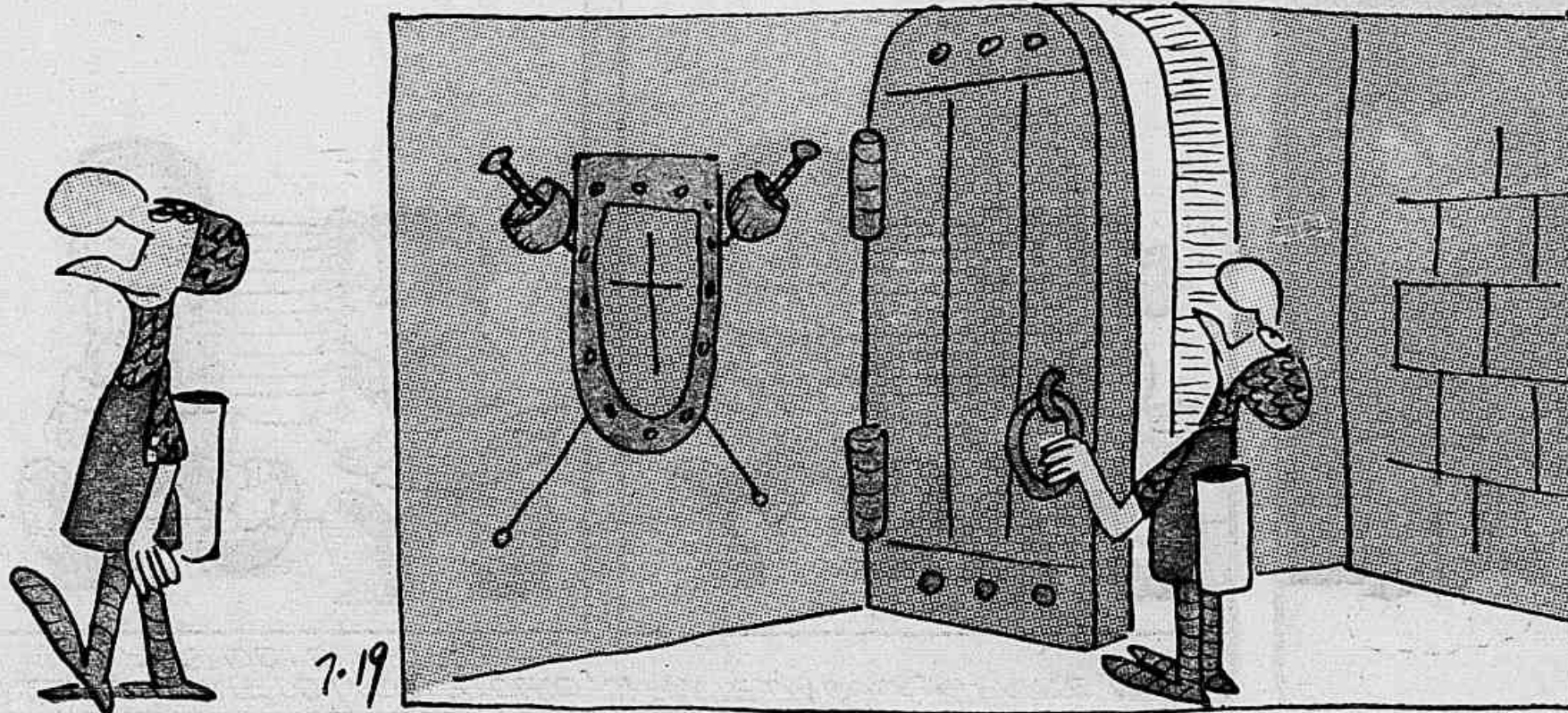
DESTA VEZ, NADA SAIU ERRADO. NADA!
É MESMO?

QUE TAL COMERMOS AGORA?

A COMIDA NÃO ESTÁ COM VOCÊ?

O MAGO DE ID
PARKER E HART
ALTEZA, QUER OUVIR UMA PIADA TOCANTE?
TOC TOC

COMO CONSEGUI ISSO?!

TOC TOC TOC
ATENDA, POR FAVOR!

7-19

QUEM É?

A BOLSA OU A VIDA?
©Field Enterprises, Inc., 1981

É PARA VOSSA ALTEZA!
PARKER

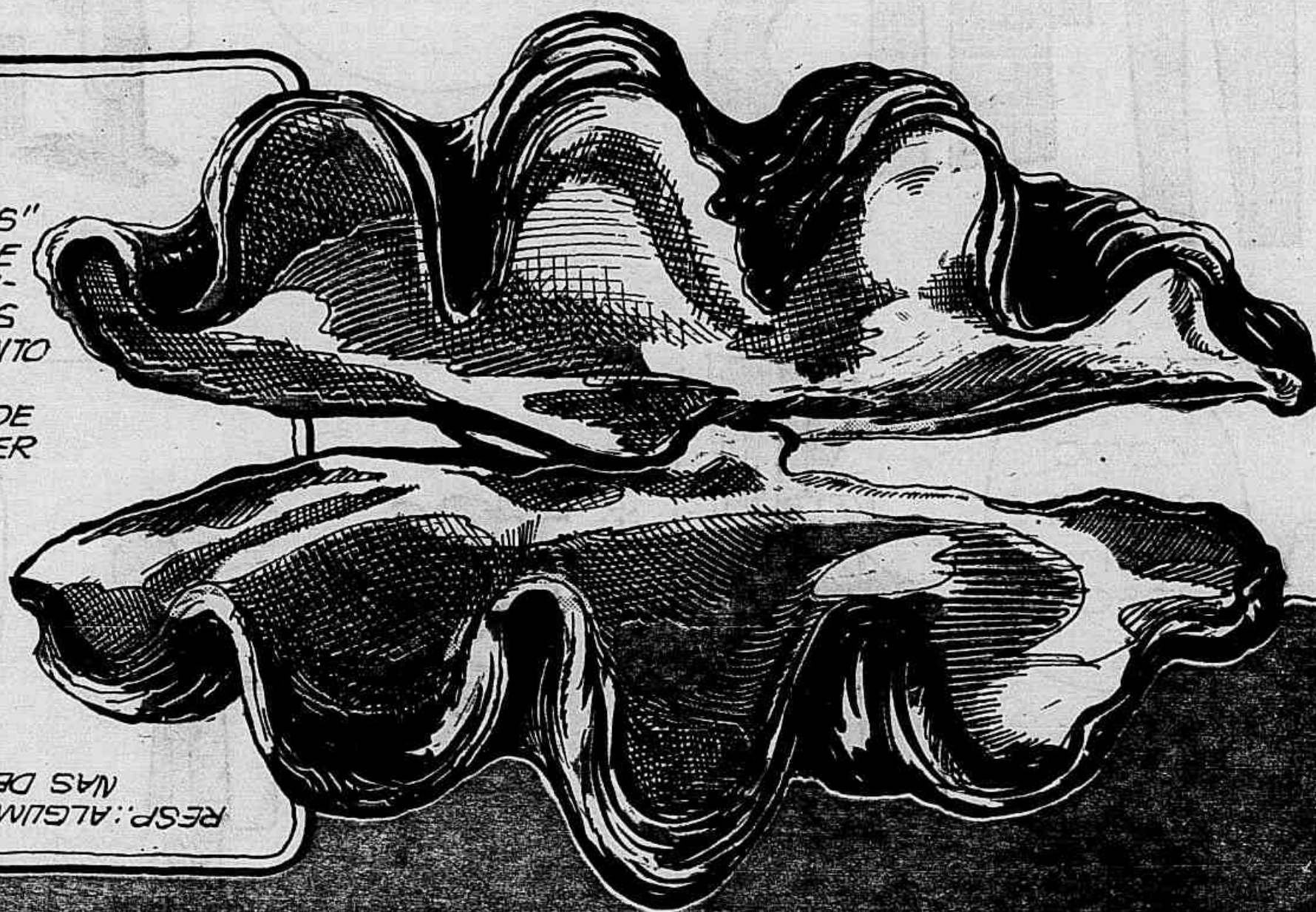
RITINHA
PIPAROTI
DAMIANA
PITA
É ISSO AÍ, COLEGUINHA! VAMOS BRINCAR?
Daniel Azulay
O CIRCO LAMBE-LAMBE

CONCHA – "TRIDACHA GIGAS" É O NOME DA ESPÉCIE DESSE MOLUSCO QUE VIVE EM RECIFES DE CORAL NOS OCEANOS ÍNDICO E PACÍFICO. ENQUANTO O COMUM NO GRUPO É UM PORTE DE 20 CENTÍMETROS DE COMPRIMENTO, ESTA PODE TER 1,5m DE DIÂMETRO.
TESTE: QUANTO CHEGA A PESAR UMA CONCHA? a) 10 K – b) 50 K – c) ALGUMAS CENTENAS DE QUILOS.
RESP.: ALGUMAS CENTENAS DE QUILOS.

Vamos DESENHAR

JOGO DOS 5 ERROS
RESP.: 1) PARTE DO LAÇO; 2) OLHO; 3) PARTE DA GOLA; 4) PARTE DO VESTIDO; 5) MEIA.

AQUELE ELEFANTE VAI ME PAGAR!

VOCÊ VIU O BOMBO?
NÃO!
Daniel Azulay

VEJA SÓ O QUE ELE FEZ COM A MINHA BOLA! AH, QUANDO EU PEGÁ-LO!
© Daniel Azulay Prod. Ltda. 1981

PODE SAIR, BOMBO! ELE JÁ SE FOI!